O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 7

DRONA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Dronabhisheka Parva)

Om! Reverenciado Narayana, e aquele mais sublime dos seres masculinos, Nara, como também a deusa Sarasvati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

"Janamejaya disse, 'Sabendo que seu pai Devavrata de vigor e firmeza, poder, energia e coragem incomparáveis tinha sido morto por Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, o que, de fato, ó Rishi regenerado, o rei poderoso Dhritarashtra com olhos banhados em lágrimas fez? Ó ilustre, o filho dele (Duryodhana) desejava a soberania depois de subjugar aqueles arqueiros poderosos, os filhos de Pandu, através de Bhishma e Drona e outros grandes guerreiros em carros. Diga-me, ó tu que tens riqueza de ascetismo, tudo o que ele, da família de Kuru, fez depois que aquele chefe de todos os arqueiros tinha sido morto.'"

"Vaisampayana disse, 'Sabendo que seu pai tinha sido morto, o rei Dhritarashtra da família de Kuru, cheio de ansiedade e pesar, não obteve paz mental. E enquanto ele, da família de Kuru, estava assim constantemente meditando sobre aquela tristeza, o filho de Gavalgana de alma pura mais uma vez foi até ele. Então, ó monarca, Dhritarashtra, o filho de Amvika, dirigiu-se a Sanjaya, que tinha aquela noite voltado do acampamento para a cidade que recebeu o nome de elefante. Com o coração extremamente triste por ter sabido da queda de Bhishma, e desejoso da vitória de seus filhos, ele lamentou em grande angústia.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois de terem chorado por Bhishma de grande alma de destreza terrível, o que, ó filho, os Kauravas, incitados pelo destino, fizeram em seguida? De fato, quando aquele herói invencível e de grande alma foi morto, o que os Kauravas fizeram, afundados como eles estavam em um oceano de dor? De fato, aquela hoste formidável e muito eficiente dos Pandavas de grande alma, ó Sanjaya, excitaria os temores mais pungentes até dos três mundos. Diga-me, portanto, ó Sanjaya, o que os reis (reunidos) fizeram depois que Devavrata, aquele touro da raça Kuru, tinha caído.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei, com total atenção, enquanto eu narro o que teus filhos fizeram depois que Devavrata tinha sido morto em batalha. Quando Bhishma, ó monarca, de destreza incapaz de ser frustrada, estava morto, teus guerreiros como também os Pandavas ambos refletiram por si mesmos (sobre a situação). Refletindo sobre os deveres da classe Kshatriya, eles estavam cheios de admiração e alegria; mas agindo de acordo com aqueles deveres de sua própria classe, eles todos reverenciaram aquele guerreiro de grande alma. Então aqueles tigres entre homens idealizaram para Bhishma de destreza incomensurável um leito com um travesseiro feito de flechas retas. E tendo feito arranjos para a proteção de Bhishma, eles se dirigiram uns aos outros (em

conversa agradável). Então se despedindo do filho de Ganga e andando ao redor dele, e olhando uns para os outros com olhos vermelhos de raiva, aqueles Kshatriyas, incitados pelo destino, partiram novamente uns contra os outros para lutar. Então pelo clangor de trombetas e a batida de baterias, as divisões do teu exército como também aquelas do inimigo, marcharam. Depois da queda do filho de Ganga, ó rei, quando a melhor parte do dia tinha passado, entregando-se à influência da ira, com corações afligidos pelo destino, e desconsiderando as palavras, dignas de aceitação, de Bhishma de grande alma, aqueles mais notáveis da família de Bharata partiram com grande velocidade, armados com armas. Por consequência da tua insensatez e de teu filho e da morte do filho de Santanu, os Kauravas com todos os reis pareciam ser convocados pela própria Morte. Os Kurus, privados de Devavrata, estavam cheios de grande ansiedade, e pareciam um rebanho de cabras e ovelhas sem um pastor, em uma floresta cheia de animais predadores. De fato, depois da queda daquele principal da família de Bharata, a hoste Kuru parecia com o céu privado de estrelas, ou como o firmamento sem a atmosfera, ou como a terra com colheitas arruinadas, ou como uma oração desfigurada por má gramática (literalmente, como uma oração cheia de expressões não refinadas), ou como a hoste Asura de antigamente depois que Vali tinha sido derrotado, ou como uma bela moça privada de marido (isto é, privada de mantos e ornamentos por causa de sua condição de viúva), ou como um rio cujas águas estão completamente secas, ou como uma corça privada de seu companheiro e cercada nas florestas por lobos; ou como uma caverna de montanha espaçosa com seu leão morto por um Sarabha. (Um Sarabha é um animal lendário de oito pernas que se acreditava ser mais forte do que um leão.) De fato, ó chefe dos Bharatas, a hoste Bharata, na queda do filho de Ganga, tornou-se como um barco frágil no leito do oceano, atirado por uma tempestade soprando de todos os lados. Muito afligida pelos Pandavas poderosos e heróicos de pontaria infalível, a hoste Kaurava, com seus cavalos de batalha, guerreiros em carros e elefantes muito atormentados, ficou muito angustiada, desamparada, e tomada pelo pânico. E os reis e os soldados comuns apavorados, não mais confiando uns nos outros, daquele exército, privados de Devavrata, pareciam afundar para a região mais baixa do mundo. Então os Kauravas se lembraram de Karna, que de fato, estava à altura do próprio Devavrata. Todos os corações se dirigiram para aquele principal de todos os manejadores de armas, ele que parecia um hóspede resplandecente (com erudição e austeridades ascéticas). E todos os corações se dirigiram para ele, como o coração de um homem em perigo se dirige para um amigo capaz de aliviar aquela angústia. E, ó Bharata, os reis então gritaram dizendo, 'Karna! Karna! O filho de Radha, nosso amigo, o filho de um Suta, aquele que está sempre preparado para sacrificar sua vida em batalha! Dotado de grande renome, Karna, com seus seguidores e amigos, não lutou por esses dez dias. Ó, convoque-o logo!' O herói de braços fortes, na presença de todos os Kshatriyas, durante a menção dos valentes e poderosos guerreiros em carros, foi classificado por Bhishma como um Ardha-ratha, embora aquele touro entre homens seja igual a dois Maharathas! Assim mesmo ele foi classificado durante a contagem de Rathas e Atirathas, ele que é o principal (de todos os Rathas e Atirathas), ele que é respeitado por todos os heróis, ele que se arriscaria a lutar até com Yama, Kuvera, Varuna, e Indra. Pela raiva causada por isso, ó rei,

ele disse para o filho de Ganga essas palavras: 'Enquanto tu viveres, ó tu da família de Kuru, eu nunca lutarei! Se tu, no entanto, conseguires matar os filhos de Pandu em grande batalha, eu irei, ó Kaurava, com a permissão de Duryodhana, me retirar para as florestas. Se, por outro lado, tu, ó Bhishma, morto pelos Pandavas, alcançares o céu, eu irei então, em um único carro, matar todos eles, a quem tu consideras como grandes guerreiros em carros.' Tendo dito isso, Karna de braços fortes de grande fama, com a aprovação do teu filho, não lutou pelos primeiros dez dias. Bhishma, de grande destreza em batalha e de poder incomensurável, matou, ó Bharata, um número muito grande de guerreiros pertencentes ao exército de Yudhishthira. Quando, no entanto, aquele herói de pontaria certa e grande energia estava morto, teus filhos pensaram em Karna, como pessoas desejosas de atravessar um rio pensando em um barco. Teus guerreiros e teus filhos, junto com todos os reis, gritaram, dizendo, 'Karna!' E eles todos disseram, 'Esse é o momento para a exibição de sua bravura.' Nossos corações estão dirigidos àquele Karna que derivou seu conhecimento de armas do filho de Jamadagni, e cuja perícia é incapaz de ser resistida! Ele, de fato, ó rei, é competente para nos salvar de grandes perigos, como Govinda sempre salvando os celestiais de grandes perigos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Para Sanjaya que estava repetidamente elogiando Karna dessa maneira, Dhritarashtra suspirando como uma cobra, disse essas palavras.'"

"Dhritarashtra disse, '[Eu compreendo] que os corações de todos vocês estão dirigidos para o filho de Vikartana, Karna, e que todos vocês viram aquele filho de Radha, aquele herói da casta Suta, sempre preparado para sacrificar sua vida em batalha. Eu espero que aquele herói de bravura incapaz de ser frustrada não tenha falsificado as expectativas de Duryodhana e seus irmãos, todos os quais estavam então afligidos com dor e medo, e desejosos de serem aliviados de seu perigo. Quando Bhishma, aquele refúgio dos Kauravas, estava morto, poderia Karna, aquele principal dos arqueiros, ter êxito em ocupar o espaço vazio causado? Ocupando aquele espaço, Karna poderia encher o inimigo de temor? Poderia ele também coroar com resultado as esperanças, nutridas por meus filhos, de vitória?'"

2

"Sanjaya disse, 'Então o filho de Adhiratha da casta Suta, sabendo que Bhishma tinha sido morto, ficou desejoso de resgatar, como um irmão, o exército de teu filho da situação difícil na qual ele tinha caído, e o qual então parecia um navio afundado no oceano insondável. [De fato], ó rei, tendo ouvido que aquele poderoso guerreiro em carro e principal dos homens, aquele herói de glória imorredoura, o filho de Santanu, tinha sido derrubado (de seu carro), aquele opressor de inimigos, aquele mais notável de todos os manejadores de arcos, isto é, Karna, logo foi (para o campo de batalha). Quando o melhor dos guerreiros em carros, Bhishma, tinha sido morto pelo inimigo, Karna foi rapidamente até lá,

desejoso de resgatar a hoste Kuru que parecia um navio afundado no oceano, como um pai desejoso de salvar seus filhos.'"

"E Karna (dirigindo-se aos soldados) disse, 'Aquele Bhishma que possuía firmeza, inteligência, bravura, energia, verdade, autodomínio, e todas as virtudes de um herói, como também armas celestes, e humildade, e modéstia, fala agradável, e liberdade de malícia, aquele Bhishma sempre grato, aquele matador dos inimigos de Brahmanas, em quem existiam esses atributos tão permanentemente como Lakshmi na lua, ai, quando aquele Bhishma, aquele matador de heróis hostis, recebeu seu golpe final, eu considero todos os outros heróis como já mortos. Pela conexão eterna (de todas as coisas) com a atividade, nada existe nesse mundo que seja imperecível. Quando Bhishma de votos elevados foi morto, quem tomaria sob sua responsabilidade dizer com certeza que o sol de amanhã nascerá? Quando ele que era dotado de destreza igual àquela dos Vasus, ele que nasceu da energia dos Vasus, quando ele, aquele soberano da terra, se uniu mais uma vez com os Vasus, se aflijam, portanto, por suas posses e filhos e por essa terra e os Kurus, e essa hoste.'"

"Sanjaya continuou, 'Após a queda daquele herói concessor de benefícios de grande poder, aquele senhor do mundo, o filho de Santanu de grande energia, e após a (consequente) derrota dos Bharatas, Karna, com coração triste e olhos cheios de lágrimas, começou a consolar (os Dhartarashtras). Ouvindo aquelas palavras do filho de Radha, teus filhos, ó monarca, e tuas tropas, começaram a lamentar alto e derramar lágrimas copiosas de tristeza correspondendo com a sonoridade daqueles lamentos. Quando, no entanto, a batalha terrível ocorreu novamente e as divisões Kaurava, animadas pelos reis, mais uma vez deram gritos altos, aquele touro entre os poderosos guerreiros em carros, Karna, então se dirigiu aos grandes guerreiros em carros (do exército Kaurava) e disse palavras que lhes deram grande alegria: 'Nesse mundo transitório tudo está continuamente indo (em direção às mandíbulas da morte). Pensando nisso, eu considero tudo como efêmero. Quando, no entanto, todos vocês estavam aqui, como pode Bhishma, aquele touro entre os Kurus, inalterável como uma colina, ser derrubado de seu carro? Quando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Santanu, foi derrubado, que até agora jaz sobre o solo como o próprio Sol caído (do firmamento), os reis Kuru mal são competentes para resistir a Dhananjaya, como árvores incapazes de suportar o vendo da montanha. Eu irei, no entanto, agora proteger, como aquele de grande alma fez, essa hoste Kuru desamparada de aparência triste, cujos principais guerreiros já foram mortos pelo inimigo. Que essa responsabilidade agora recaia sobre mim. Eu vejo que esse universo é transitório, já que aquele principal dos heróis foi morto em batalha. Por que eu então nutriria algum medo da batalha? (Isto é, já que tudo está destinado a morrer, por que eu deveria temer cumprir meu dever?) Percorrendo, portanto, o campo eu despacharei aqueles touros da raça Kuru (os Pandavas) para a residência de Yama por meio de minhas flechas retas. Considerando a fama como o maior objetivo no mundo, eu os matarei em batalha, ou, morto pelo inimigo, descansarei no campo. Yudhishthira é possuidor de firmeza, inteligência, virtude, e poder. Vrikodara é igual a cem elefantes em bravura, Arjuna é jovem e é filho do chefe

dos celestiais. A hoste Pandava, portanto, não pode ser facilmente derrotada pelos próprios celestiais. Aquele exército no qual estão os gêmeos, cada um parecendo o próprio Yama, aquele exército no qual estão Satyaki e o filho de Devaki, aquele exército é como as mandíbulas da Morte. Nenhum covarde, se aproximando dele, pode voltar com vida. Os sábios resistem a poder ascético elevado com austeridades ascéticas, assim força deve ser resistida pela força. Na verdade, minha mente está firmemente fixada em resistir ao inimigo e proteger meu próprio partido, ó quadrigário, eu hoje certamente resistirei ao poder do inimigo, e o derrotarei somente por me dirigir ao campo de batalha. Eu não tolerarei essa rixa interna. Quando as tropas estão divididas, aquele que se aproxima (para ajudar) no esforço para reagrupar é um amigo. Eu ou realizarei esse feito honrado digno de um homem honesto, ou abandonando minha vida seguirei Bhishma. Eu ou matarei todos os meus inimigos reunidos, ou morto por eles irei para as regiões reservadas para heróis. Ó quadrigário, eu sei que isso mesmo é o que eu devo fazer, quando mulheres e crianças gritam por socorro, ou quando a bravura de Duryodhana é impedida. Portanto, eu hoje subjugarei o inimigo. Indiferente à minha própria vida nessa batalha terrível, eu protegerei os Kurus e matarei os filhos de Pandu. Matando em batalha todos os meus inimigos reunidos, eu concederei soberania (incontestável) ao filho de Dhritarashtra. Que minha armadura, bela, feita de ouro, brilhante, e radiante com jóias e pedras preciosas, seja vestida; e minha proteção para a cabeça, de refulgência igual àquela do sol; e meus arcos e flechas que parecem fogo, veneno, ou cobras. Que também dezesseis aljavas sejam atadas (ao meu carro) nos lugares apropriados, e que vários arcos excelentes sejam obtidos. Que também flechas, e dardos e maças pesadas, e minha concha, matizada com ouro, sejam preparados. Traga também meu estandarte multicor, belo, e excelente, feito de ouro, possuidor da refulgência do lótus, e portando o emblema da cilha do elefante, limpando-o com um tecido delicado, e enfeitando-o com guirlandas excelentes e uma rede de arames. Ó filho de quadrigário, traga-me também, rápido, alguns corcéis velozes da cor de nuvens fulvas, não magros, e banhados em água santificada com mantras, e equipados com arreios ricamente enfeitados de ouro brilhante. Traga-me também, com velocidade, um carro excelente decorado com guirlandas de ouro, adornado com pedras preciosas, brilhante como o sol ou a lua, equipado com todo o necessário, como também com armas, e ao qual estejam unidos animais excelentes. Traga-me também vários arcos excelentes de grande resistência, e várias cordas de arco excelentes capazes de atingir (o inimigo), e algumas aljavas, grandes e cheias de flechas e algumas cotas de malha para meu corpo. Traga-me também, rápido, ó herói, todos os artigos (auspiciosos) necessários para ocasiões de partida (para batalha), tais como vasos de cobre e ouro cheios de coalhos. Que guirlandas de flores sejam trazidas, e que elas sejam colocadas nos membros (apropriados) do meu corpo. Que baterias também sejam batidas pela vitória! Vá, ó quadrigário, rapidamente para o local onde o enfeitado com diadema (Arjuna), e Vrikodara, e o filho de Dharma (Yudhishthira), e os gêmeos, estão. Enfrentando eles em batalha, ou eu os matarei, ou, sendo morto por eles, meus inimigos, eu seguirei Bhishma. Arjuna, e Vasudeva, e Satyaki, e os Srinjayas, aquele exército, eu penso, é incapaz de ser conquistado pelos reis. Se a própria Morte todo-destrutiva com vigilância constante fosse proteger Kiritin,

ainda assim eu o mataria, enfrentando-o em batalha, ou iria eu mesmo para a residência de Yama pelo rastro de Bhishma. Na verdade, eu digo que eu me dirigirei para o meio daqueles heróis. Aqueles (reis) que são meus aliados não são provocadores de inimizades internas, ou de fraco apego a mim, ou de almas iníquas.'"

"Sanjaya continuou, 'Sobre um carro excelente e valioso de grande força, com um poste excelente, ornamentado com ouro, auspicioso, provido de um estandarte, e ao qual estavam unidos corcéis excelentes que eram velozes como o vento, Karna procedeu (para lutar) por vitória. Adorado pelos principais dos guerreiros em carros Kurus como Indra pelos celestiais, aquele arqueiro bravio e de grande alma, dotado de energia imensurável como o próprio Sol, sobre seu carro decorado com ouro e jóias e pedras preciosas, equipado com um estandarte excelente, ao qual estavam unidos corcéis excelentes, e cujo estrépito parecia com o ribombo das nuvens, procedeu, acompanhado por um grande exército, para aquele campo de batalha onde aquele touro da raça Bharata (Bhishma) tinha pago sua dívida com a natureza. De corpo belo, e dotado do esplendor do fogo, aquele grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro, o filho de Adhiratha, então subiu em seu próprio carro belo possuidor da refulgência do fogo, e brilhou como o próprio senhor dos celestiais em seu carro celeste.'"

3

"Sanjaya disse, 'Vendo o avô, o venerável Bhishma, aquele destruidor de todos os Kshatriyas, aquele herói de alma virtuosa e energia incomensurável, aquele grande arqueiro derrubado (de seu carro) por Savyasachin com suas armas celestes, jazendo em um leito de flechas, e parecendo com o oceano vasto secado por ventos poderosos, a esperança dos teus filhos com relação a vitória tinha desaparecido junto com suas cotas de malha e paz de mente. Contemplando ele que era sempre uma ilha para pessoas afundando no oceano insondável em seus esforços para atravessá-lo, vendo aquele herói coberto com flechas que tinham corrido em uma correnteza tão contínua como aquela do Yamuna, aquele herói que parecia com Mainaka de energia irresistível derrubado no solo pelo grande Indra, aquele guerreiro jazendo prostrado sobre a terra como o Sol caído do firmamento, ele que parecia com o próprio Indra inconcebível depois de sua derrota antigamente por Vritra, aquele que privava todos os guerreiros de seus sentidos, aquele principal de todos os combatentes, aquele símbolo de todos os arqueiros, vendo aquele herói e touro entre homens, isto é, teu pai Bhishma de votos elevados, aquele avô dos Bharatas derrubado em batalha e deitado coberto pelas flechas de Arjuna, no leito de um herói, o filho de Adhiratha (Karna) desceu de seu carro, em grande aflição, cheio de dor, e quase sem sentidos. Angustiado (pela tristeza), e com olhos agitados com lágrimas, ele procedeu a pé. Saudando-o com palmas unidas, e dirigindo-se a ele com reverência, ele disse, 'Eu sou Karna! Abençoado sejas tu! Fale comigo, ó Bharata, em palavras sagradas e propícias, e me olhe, abrindo teus olhos. Nenhum homem certamente desfruta neste mundo dos resultados de seus feitos pios, já que tu, venerável em idade e

dedicado à virtude, jazes morto no chão. Ó tu que és o mais notável entre os Kurus, eu não vejo que há alguém mais entre eles, que seja competente (como tu) em encher a tesouraria, em conselhos, na questão da disposição de tropas em formação de combate, e no uso de armas. Ai, ele que era dotado de uma mente virtuosa, ele que sempre protegia os Kurus de todos os perigos, ai, ele, tendo matado inúmeros guerreiros, procede para a região dos Pitris. Desse dia em diante, ó chefe dos Bharatas, os Pandavas, cheios de fúria, massacrarão os Kurus como tigres matando veados. Hoje os Kauravas, familiarizados com a força da vibração do Gandiva, considerarão Savyasachin, como os Asuras considerando o manejador do raio, com terror. Hoje o barulho, parecendo aquele do trovão do céu, das flechas atiradas do Gandiva, inspirará os Kurus e outros reis com grande terror. Hoje, ó herói, como uma conflagração intensa de chamas ferozes consumindo uma floresta, as flechas de Kiritin consumirão os Dhartarashtras. Naquelas partes da floresta pelas quais fogo e vento marcham juntos, eles queimam todas as plantas e trepadeiras e árvores. Sem dúvida, Partha é assim como um fogo elevado, e, sem dúvida, ó tigre entre homens, Krishna é como o vento. Ouvindo o clangor de Panchajanya e o som do Gandiva todas as tropas Kaurava, ó Bharata, estarão cheias de temor. Ó herói, sem ti, os reis nunca serão capazes de suportar o estrépito do carro de estandarte de macaco pertencente àquele opressor de inimigos, quando ele avançar (sobre eles). Quem entre os reis, exceto tu mesmo, é competente para lutar com aquele Arjuna cujas façanhas, como descritas pelos sábios, são todas sobre-humanas? Sobre-humana foi a batalha que ele lutou com (Mahadeva) de grande alma de três olhos. Dele ele obteve uma bênção que é inalcançável por pessoas de almas não santificadas. Muito satisfeito em batalha, aquele filho de Pandu é protegido por Madhava. Quem é competente para vencer a ele que não pode ser vencido por ti antes, embora tu, dotado de grande energia, tivesses vencido o próprio Rama em batalha, aquele destruidor feroz da classe Kshatriya e, adorado, além disso, pelos deuses e os Danavas? Incapaz de tolerar aquele filho de Pandu, aquele principal dos heróis em batalha, eu mesmo, com tua permissão, sou competente para matar, com a força de minhas armas, aquele guerreiro bravo e feroz que parece uma cobra de veneno virulento e que mata seus inimigos com seus olhares somente!'"

4

"Sanjaya disse, 'Para ele que estava falando dessa maneira, o idoso avô Kuru com o coração alegre disse essas palavras apropriadas para hora e lugar: 'Como o oceano para os rios, como o Sol para todos os corpos luminosos, como o virtuoso para a Verdade, como uma terra fértil para sementes, como as nuvens para todas as criaturas, seja o refúgio de teus parentes e amigos! Como os celestiais (dependem) daquele de mil olhos, que os teus parentes dependam de ti. Seja aquele que humilha teus inimigos, e aquele que aumenta as alegrias de teus amigos. Seja para os Kauravas como Vishnu para os habitantes do céu. Desejoso de fazer o que era agradável para o filho de Dhritarashtra, tu, com o poder e destreza de teus próprios braços, ó Karna, venceste os Kamvojas tendo procedido para Rajpura. Muitos reis, entre os quais Nagnajit era o principal, enquanto

permanecendo em Girivraja, como também os Amvashthas, os Videhas, e os Gandharvas, foram todos vencidos por ti. Os Kiratas, ferozes em batalha, residindo na fortaleza de Himavat, foram antigamente, ó Karna, feitos por ti possuírem o domínio de Duryodhana. E assim também, os Utpalas, os Mekalas, os Paundras, os Kalingas, os Andhras, os Nishadas, os Trigartas, e os Valhikas, foram todos vencidos por ti, ó Karna, em batalha. Em muitos outros países, ó Karna, impelido pelo desejo de fazer bem para Duryodhana, tu, ó herói, venceste muitas tribos e reis de grande energia. Como Duryodhana, ó filho, com seus parentes, e aparentados, e amigos, seja tu também o refúgio de todos os Kauravas. Em palavras auspiciosas eu te ordeno, vá e lute com o inimigo. Conduza os Kurus em batalha, e dê a vitória para Duryodhana. Tu és para nós nosso neto assim como Duryodhana é. De acordo com a ordenança, todos nós também somos tanto teus quanto de Duryodhana! Os sábios, ó principal dos homens, dizem que a companhia do justo com o justo é um relacionamento superior àquele nascido do mesmo útero. Sem falsificar, portanto, teu relacionamento com os Kurus, proteja a hoste Kaurava como Duryodhana, considerando-a como tua."

"Ouvindo essas palavras dele, o filho de Vikartana, Karna, saudando os pés de Bhishma com reverência, (despediu-se dele) e foi àquele local onde todos os arqueiros Kaurava estavam. Olhando aquele acampamento amplo e sem paralelo da hoste vasta, ele começou a animar (por meio de palavras de encorajamento) aqueles guerreiros bem armados e de peito largo. E todos os Kauravas encabeçados por Duryodhana estavam cheios de alegria. E vendo o poderosamente armado Karna de grande alma vir para o campo e se colocar na dianteira do exército inteiro, para a batalha, os Kauravas o receberam com gritos altos e batidas no peito e rugidos leoninos e vibração de arcos e diversos outros tipos de barulho.'"

5

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele tigre entre homens, isto é, Karna, sobre seu carro, Duryodhana, ó rei, cheio de alegria, disse essas palavras, 'Essa hoste, protegida por ti, agora, eu penso, obteve um líder apropriado. Que, no entanto, seja decidido agora aquilo que é adequado e dentro do nosso poder.'"

'Karna disse, 'Nos diga tu mesmo, ó tigre entre homens, pois tu és o mais sábio dos reis. Outro nunca pode ver tão bem o que deve ser feito como alguém vê aquilo que lhe é de interesse. Aqueles reis estão todos desejosos de ouvir o que tu possas ter a dizer. Eu estou certo de que nenhuma palavra imprópria será proferida por ti.'

"Duryodhana disse, 'Bhishma foi nosso comandante, possuidor (como ele era) de idade, heroísmo, e erudição e apoiado por todos os nossos guerreiros. Aquele de grande alma, ó Karna, alcançando grande glória e matando grandes números de meus inimigos nos protegeu por luta justa por dez dias. Ele realizou as façanhas mais difíceis. Mas agora que ele está prestes a ascender para o céu,

quem, ó Karna, tu achas preparado para ser nosso comandante depois dele? Sem um líder, um exército não pode permanecer em batalha nem por um tempo curto, ó tu que és o mais notável em batalha, como um navio sem um timoneiro nas águas. De fato, como um navio sem um timoneiro, ou um carro sem um motorista iria para lugar nenhum, assim seria a situação de uma hoste que está sem um líder. Como um comerciante que cai em todo tipo de embaraço quando ele não está familiarizado com os caminhos do país que ele visita, um exército que está sem um líder está exposto a todos os tipos de infortúnio. Olhe, portanto, entre todos os guerreiros de grande alma do nosso exército e descubra um líder apropriado que possa suceder o filho de Santanu. Ele a quem tu considerares como um líder digno em batalha, ele, nós todos, sem dúvida, faremos juntos nosso líder.'"

"Karna disse, 'Todos esses principais dos homens são pessoas de grande alma. Todos eles merecem ser nosso líder. Não há necessidade de qualquer exame minucioso. Todos eles estão familiarizados com genealogias nobres e com a arte de golpear (um conhecimento do corpo, dos membros vitais e outros membros, era possuído por todo guerreiro talentoso que quisesse golpear eficazmente); todos eles são dotados de destreza e inteligência, todos eles são atentos e conhecedores das escrituras, possuidores de sabedoria, e não recuam da batalha. Todos, no entanto, não podem ser líderes ao mesmo tempo. Somente um deve ser escolhido como líder, em quem existam méritos especiais. Todos esses consideram uns aos outro como iguais. Se um entre eles, portanto, for honrado, os outros ficarão descontentes, e, isso é evidente, não mais lutarão por ti a partir de um desejo de te beneficiar. Este, no entanto, é o Preceptor (em armas) de todos esses guerreiros; é venerável em idade, e digno de respeito. Portanto, Drona, esse principal de todos os manejadores de armas, deve ser feito o líder. Quem há digno de se tornar um líder, quando o invencível Drona, este principal dos homens familiarizados com Brahma, está aqui, ele que é igual a Sukra ou ao próprio Vrihaspati? Entre todos os reis no teu exército, ó Bharata, não há um único guerreiro que não seguirá Drona quando o último for para a batalha (isto é, quem se sentirá humilhado ao caminhar atrás de Drona?) Drona é o principal de todos os líderes de exércitos, o principal de todos os manejadores de armas, e a mais notável de todas as pessoas inteligentes. Ele é, além disso, ó rei, teu preceptor (em armas). Portanto, ó Duryodhana, faça dele o líder de teus exércitos sem demora, como os celestiais fizeram Kartikeya seu líder em batalha para vencer os Asuras.'"

6

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Karna, o rei Duryodhana então disse isso para Drona que permanecia no meio das tropas.'"

"Duryodhana disse, 'Pela superioridade da classe do teu nascimento, pela nobreza da tua ascendência, pela tua erudição, idade e inteligência, também por tua coragem, habilidade, invencibilidade, conhecimento de questões mundanas, política, e autodomínio, por razão também de tuas austeridades ascéticas e tua

gratidão, superior como tu és em relação a todas as virtudes, entre esses reis não há ninguém que possa se tornar um líder tão bom quanto tu. Proteja, portanto, a nós, como Vasava protegendo os celestiais. Tendo a ti como nosso líder, nós desejamos, ó melhor dos Brahmanas, subjugar nossos inimigos. Como Kapali entre os Rudras, Pavaka entre os Vasus, Kuvera entre os Yakshas, Vasava entre os Maruts, Vasishtha entre os Brahmanas, o Sol entre os corpos luminosos, Yama entre os Pitris, Varuna entre as criaturas aquáticas, como a Lua entre as estrelas, e Usanas entre os filhos de Diti, assim tu és o principal de todos os líderes de exércitos. Seja, portanto, nosso líder. Ó impecável, que esses onze Akshauhinis de tropas sejam obedientes à tua palavra de ordem. Dispondo essas tropas em formação de combate, mate nossos inimigos, como Indra matando os Danavas. Proceda na dianteira de nós todos, como o filho de Pavaka (Kartikeya) na chefia dos exércitos celestes. Nós te seguiremos para a batalha, como touros seguindo um líder bovino. Um arqueiro feroz e formidável como tu és, vendo-te esticar o arco em nossa dianteira, Arjuna não atacará. Sem dúvida, ó tigre entre homens, se tu te tornares nosso líder, eu derrotarei Yudhishthira com todos os seus seguidores e parentes em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Duryodhana tinha proferido essas palavras, os reis (no exército Kaurava) todos gritaram vitória para Drona. E eles alegraram teu filho por proferirem um alto grito leonino. E as tropas, cheias de alegria, e com Duryodhana em sua chefia, desejosas de ganhar grande renome, começaram a glorificar aquele melhor dos Brahmanas. Então, ó rei, Drona dirigiu a Duryodhana essas palavras.'"

7

“Drona disse, ‘Eu conheço os Vedas com seus seis ramos. Eu conheço também a ciência de assuntos humanos. Eu estou familiarizado também com a arma Saiva, e diversos outros tipos de armas. Esforçando-me para realmente mostrar todas aquelas virtudes as quais vocês, desejosos de vitória, atribuíram a mim, eu lutarei com os Pandavas. Eu, no entanto, ó rei, não serei capaz de matar o filho de Prishata. Ó touro entre homens, ele foi criado para a minha morte. Eu lutarei com os Pandavas, e matarei os Somakas. Em relação aos Pandavas, eles não lutarão comigo com corações alegres.’”

“Sanjaya continuou, ‘Assim permitido por Drona, teu filho, ó rei, então o tornou o comandante de seus exércitos segundo os ritos prescritos na ordenança. E os reis (no exército Kaurava) encabeçados por Duryodhana realizaram a investidura de Drona no comando das forças armadas, como os celestiais encabeçados por Indra nos tempos passados realizando a investidura de Skanda. Depois da instalação de Drona no comando, a alegria do exército se expressou pelo som de baterias e o alto clangor de conchas. Então com gritos tais como os que saúdam os ouvidos em um dia festivo, com invocações auspiciosas por Brahmanas, gratificado com gritos de ‘Jaya’ proferidos pelos principais dos Brahmanas, e com a dança de mímicos, Drona foi devidamente honrado. E os guerreiros Kaurava consideraram os Pandavas como já derrotados.’”

"Sanjaya continuou, 'Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, tendo obtido o comando, organizou as tropas em ordem de batalha, e partiu com teus filhos pelo desejo de lutar com o inimigo. E o soberano dos Sindhus, e o chefe dos Kalingas, e teu filho Vikarna, vestidos em armadura, tomaram sua posição no flanco direito (de Drona). E Sakuni, acompanhado por muitos principais dos cavaleiros lutando com lanças brilhantes e pertencentes à tribo Gandhara, procederam, agindo como sua defesa. E Kripa, e Kritavarman, e Chitrasena, e Vivinsati encabeçados por Duhsasana, se esforçaram vigorosamente para proteger o flanco esquerdo. E os Kamvojas encabeçados por Sudakshina, e os Sakas, e os Yavanas, com corcéis de grande velocidade, procederam, como a defesa dos últimos. E os Madras, os Trigartas os Amvashthas, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Surasenas, os Sudras, os Maladas, os Sauviras, os Kaitavas, os habitantes do Leste, e os habitantes do Sul colocando teu filho (Duryodhana) e o filho de Suta (Karna) em sua dianteira, formando a guarda posterior, alegraram os guerreiros de seu próprio exército; somado à força do exército (que avançava), o filho de Vikartana Karna procedia na chefia dos arqueiros; (isto é, marchando na dianteira da guarda posterior inteira, no caso, sua posição seria imediatamente atrás de Drona). E seu estandarte brilhante e largo e alto portando o emblema da corda do elefante, brilhava com uma refulgência semelhante àquela do Sol, alegrando suas próprias divisões. Contemplando Karna, ninguém considerava a calamidade causada pela morte de Bhishma. E os reis, junto com os Kurus, ficaram todos livres de aflição. E grandes números de guerreiros, reunidos, disseram uns aos outros, 'Vendo Karna no campo, os Pandavas nunca serão capazes de resistir em batalha. De fato, Karna é bastante competente para vencer em batalha os próprios deuses com Vasava em sua chefia. O que dizer, portanto, dos filhos de Pandu que são desprovidos de energia e destreza? O poderosamente armado Bhishma poupava os Parthas em batalha. Karna, no entanto, irá matá-los no combate com suas flechas afiadas.' Falando uns aos outros dessa maneira e cheios de alegria, eles procederam, aplaudindo e reverenciando o filho de Radha. Com relação ao nosso exército, ele foi organizado por Drona na forma de um Sakata (veículo); enquanto a ordem de batalha de nossos inimigos ilustres, ó rei, era da forma de um Krauncha (grou), como disposta, ó Bharata, pelo rei Yudhishthira o justo em grande alegria. Na dianteira de sua formação de combate estavam aquelas duas pessoas mais notáveis, Vishnu e Dhananjaya, com seu estandarte instalado, portando o emblema do macaco. A parte mais alta do exército inteiro e a proteção de todos os arqueiros, aquele estandarte de Partha, dotado de energia incomensurável, quando flutuava no céu, parecia iluminar toda a hoste de Yudhishthira de grande alma. O estandarte de Partha possuidor de grande inteligência parecia com o Sol ardente que se eleva no fim do Yuga para consumir o mundo. Entre os arqueiros, Arjuna é o principal; entre os arcos, Gandiva é o principal, entre as criaturas Vasudeva é a principal; e entre todas as espécies de discos, Sudarsana é o principal. Levando essas quatro encarnações de energia, aquele carro ao qual estavam unidos corcéis brancos tomou sua posição na frente do exército (hostil), como o disco ardente erguido (para atacar). Assim aqueles dois principais dos homens permaneceram na dianteira de seus respectivos

exércitos, isto é, Karna na dianteira do teu exército, e Dhananjaya na dianteira do hostil. Ambos excitados com cólera, e desejosos de matar um ao outro, Karna e Arjuna olharam um para o outro naquela batalha.'"

"Então quando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, procedeu para a batalha com grande velocidade, a terra parecia tremer com sons altos de lamento. Então a poeira espessa, erguida pelo vento parecendo um dossel de seda fulva, envolveu o céu e o Sol. E embora o firmamento estivesse sem nuvens, contudo caiu uma chuva de pedaços de carne, ossos, e sangue. E urubus e falcões e grous e Kankas, e corvos aos milhares começaram continuamente a se lançar sobre as tropas (Kaurava). E chacais gritavam alto; e muitas aves ferozes e terríveis repetidamente se moviam em forma circular à esquerda do teu exército (o que era um mau presságio), desejando comer carne e beber sangue, e muitos meteoros brilhantes, iluminando (o céu), e cobrindo grande áreas com suas caudas, caíram no campo com som alto e movimento tremente. E o largo disco do Sol, ó monarca, parecia emitir lampejos de relâmpago com barulho trovejante, quando o comandante do exército (Kaurava) partiu. Esses e muitos outros presságios, violentos e indicando uma destruição de heróis, eram vistos durante a batalha. Então começou o combate entre as tropas dos Kurus e dos Pandavas, desejosas de matar umas às outras. E tão alto foi o tumulto que ele parecia encher a terra inteira. E os Pandavas e os Kauravas, enfurecidos uns com os outros e hábeis em golpear, começaram a atacar uns aos outros com armas afiadas, pelo desejo de vitória. Então aquele grande arqueiro de refulgência brilhante avançou em direção às tropas dos Pandavas com grande impetuosidade, espalhando centenas de flechas afiadas. Então os Pandavas e os Srinjayas, vendo Drona avançar em direção a eles, o receberam, ó rei, com chuvas sobre chuvas (em grupos distintos) de flechas. Agitada e dividida por Drona, a grande hoste dos Pandavas e dos Panchalas se separou como fileiras de garças pela força do vento. Chamando à existência muitas armas celestes naquela batalha, Drona, dentro de um tempo muito curto, afligiu os Pandavas e os Srinjayas. Massacrados por Drona, como Danavas por Vasava, os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna tremeram naquela batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Yajnasena (Dhrishtadyumna), aquele herói conhecedor de armas celestes, dividiu, com suas flechas, a divisão de Drona em muitos lugares. E o poderoso filho de Prishata desviando com suas próprias chuvas de flechas as chuvas de flechas disparadas por Drona, causou um grande massacre entre os Kurus. O poderosamente armado Drona então, reagrupando seus homens em batalha e reunindo-os, avançou em direção ao filho de Prishata. Ele então disparou no filho de Prishata uma chuva grossa de flechas, como Maghavat excitado com raiva derramando suas flechas com grande força sobre os Danavas. Então os Pandavas e os Srinjayas, agitados por Drona com suas setas, se dividiam repetidamente como um rebanho de animais inferiores atacado por um leão. E o poderoso Drona percorria o exército Pandava como um círculo de fogo. Tudo isso, ó rei, parecia muito extraordinário. Sobre seu próprio carro excelente o qual (então) parecia uma cidade percorrendo os céus, que estava equipado com todos os artigos necessários de acordo com a ciência (bélica), cujo estandarte flutuava no ar, cujo estrépito ressoava pelo campo, cujos corcéis eram (bem)

incitados, e o mastro de cujo estandarte era claro como cristal, Drona infligiu terror nos corações do inimigo e causou um grande massacre entre eles.'"

8

"Sanjaya disse, 'Vendo Drona matando corcéis e motoristas e guerreiros em carros e elefantes, os Pandavas, sem serem perturbados, o cercaram por todos os lados. Então o rei Yudhishthira, dirigindo-se a Dhrishtadyumna e Dhananjaya, disse a eles, 'Que o nascido no pote (Drona) seja detido, nossos homens cercando-o por todos os lados com cuidado.' Assim endereçados aqueles poderosos guerreiros em carros, Arjuna e o filho de Prishata, junto com seus seguidores, todos receberam Drona quando o último se aproximou. E os príncipes Kekaya, e Bhimasena, e o filho de Subhadra e Ghatotkacha e Yudhishthira, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e o soberano dos Matsyas, e o filho de Drupada, e os (cinco) filhos de Draupadi, todos cheios de alegria, e Dhrishtaketu, e Satyaki, e o colérico Chitrasena, e o poderoso guerreiro em carro Yuyutsu, e muitos outros reis, ó monarca, que seguiam os filhos de Pandu, todos realizaram diversas façanhas de acordo com sua linhagem e bravura. Contemplando então aquela hoste protegida naquela batalha por aqueles guerreiros Pandava, o filho de Bharadwaja, volvendo seus olhos em cólera, lançou seus olhares sobre ela. Inflamado com raiva, aquele guerreiro, invencível em batalha, consumiu, enquanto ele permaneceu sobre seu carro, a hoste Pandava como a tempestade destruindo vastas massas de nuvens. Avançando por todos os lados em guerreiros em carros e corcéis e soldados de infantaria e elefantes, Drona se movia rapidamente com fúria sobre o campo como um homem jovem, embora carregando o peso dos anos. Seus cavalos vermelhos, velozes como o vento, e de raça excelente, cobertos com sangue, ó rei, assumiram uma aparência bela. Vendo aquele herói de votos regulados derrubando-os como o próprio Yama inflamado com ira, os soldados de Yudhishthira fugiram para todos os lados. E enquanto alguns fugiam e outros se reagrupavam, enquanto alguns olhavam para ele e outros permaneciam sobre o campo, o barulho que eles faziam era selvagem e terrível. E aquele barulho que causava deleite para heróis e aumentava os temores dos medrosos, encheu todo o céu e a terra. E mais uma vez Drona, proferindo seu próprio nome em batalha, tornou-se extremamente feroz, espalhando centenas de setas entre os inimigos. De fato, o poderoso Drona, embora idoso, contudo agindo como um homem jovem, se movia rapidamente como a própria Morte, ó majestade, em meio às divisões do filho de Pandu. Aquele guerreiro feroz cortando cabeças e braços enfeitados com ornamentos, fazia os terraços de muitos carros vazios e proferia rugidos leoninos. E por causa daqueles seus gritos alegres, como também da força de suas flechas, os guerreiros, ó senhor, (do exército hostil) tremiam como um rebanho de vacas afligido pelo frio. E por causa do estrépito de seu carro e do estiramento da corda de seu arco e da vibração de seu arco, o firmamento inteiro ressoava com um barulho alto. E as flechas daquele herói, correndo às milhares de seu arco, e envolvendo todos os pontos do horizonte, caíam sobre os elefantes e corcéis e carros e soldados de infantaria (do

inimigo). Então os Panchalas e os Pandavas se aproximaram audaciosamente de Drona, que, armado com seu arco de grande força, parecia um fogo tendo armas como suas chamas. Então com seus elefantes e soldados de infantaria e corcéis ele começou a despachá-los para a residência de Yama. E Drona tornou a terra lodosa com sangue. Espalhando suas armas poderosas e disparando suas flechas espessas para todos os lados, Drona logo cobriu todos os pontos do horizonte de maneira que nada podia ser visto exceto suas chuvas de flechas. E entre soldados de infantaria e carros e corcéis e elefantes nada podia ser visto salvo as flechas de Drona. O estandarte de seu carro era tudo o que podia ser visto, se movendo como lampejos de relâmpago em meio aos carros. De alma incapaz de ser deprimida, Drona então, armado com arco e flechas, afligiu os cinco príncipes de Kekaya e o soberano dos Panchalas e então avançou contra a divisão de Yudhishthira. Então Bhimasena e Dhananjaya e o neto de Sini, e os filhos de Drupada, e o soberano de Kasi, isto é, o filho de Saivya, e o próprio Sivi, alegremente e com rugidos altos o cobriram com suas setas. Flechas às milhares, enfeitadas com asas de ouro, disparadas do arco de Drona, atravessando os corpos dos elefantes e dos cavalos jovens daqueles guerreiros, entraram na terra, suas penas tingidas com sangue. O campo de batalha, coberto com carros e as formas prostradas de grandes grupos de guerreiros e de elefantes e cavalos mutilados por flechas, parecia com o céu coberto com massas de nuvens pretas. Então Drona, desejoso da prosperidade de teus filhos, tendo assim oprimido as divisões de Satyaki, e Bhima, e Dhananjaya e o filho de Subhadra e Drupada, e o soberano de Kasi, e tendo oprimido muitos outros heróis em batalha, de fato, aquele guerreiro de grande alma, tendo realizado essas e muitas outras façanhas, e tendo, ó chefe dos Kurus, chamuscado o mundo como o próprio Sol quando ele se eleva no fim do Yuga, procedeu de lá, ó monarca, para o céu. Aquele herói possuidor de carro dourado, aquele opressor de hostes hostis, tendo realizado feitos poderosos e matado milhares de guerreiros da hoste Pandava em batalha, finalmente foi ele mesmo morto por Dhrishtadyumna. Tendo, realmente, matado mais do que dois Akshauhinis de guerreiros bravos e que não recuavam, aquele herói dotado de inteligência, finalmente, alcançou o estado mais elevado. De fato, ó rei, tendo realizado as façanhas mais difíceis, ele, finalmente, foi morto pelos Pandavas e os Panchalas de feitos cruéis. Quando o preceptor tinha sido morto em batalha, ergueu-se lá no firmamento, ó monarca, um tumulto alto de todas as criaturas, como também de todas as tropas. Ressoando pelo céu e terra e pelo espaço intermediário e pelas direções cardeais e secundárias, o grito alto 'Ó que vergonha!' das criaturas; foi ouvido. E os deuses, os Pitris, e aqueles que eram seus amigos, todos contemplaram aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, morto dessa maneira. Os Pandavas, tendo obtido a vitória, proferiram gritos leoninos. E a terra tremeu com aqueles gritos altos deles.'"

9

"Dhritarashtra disse, 'Como os Pandavas e os Srinjayas mataram Drona em batalha? Drona que era tão talentoso em armas entre todos os manejadores de armas? O carro dele quebrou (no decorrer do combate)? Seu arco quebrou

enquanto ele estava atingindo (o inimigo)? Ou Drona estava descuidado no momento em que ele encontrou com seu golpe mortal? Como, de fato, ó filho, pode o filho de Prishata (Dhrishtadyumna), o príncipe dos Panchalas, matar aquele herói incapaz de ser humilhado por inimigos, que espalhava chuvas grossas de flechas equipadas com asas de ouro, e que era dotado de grande agilidade de mão, aquele principal dos Brahmanas, que era talentoso em tudo, conhecedor de todos os modos de guerra, capaz de disparar suas flechas a uma grande distância, e autocontrolado, que era possuidor de habilidade formidável no uso de armas e armado com armas celestes, aquele guerreiro poderoso, de glória imorredoura, que era sempre cuidadoso, e que realizava os feitos mais bravios em batalha? É evidente, me parece, que o destino é superior ao esforço, já que até o bravo Drona foi morto pelo filho de grande alma de Prishata, aquele herói em quem se encontravam os quatro tipos de armas, ai, tu disseste que aquele Drona, aquele preceptor na arte de manejar arco e flecha, está morto. Sabendo da morte daquele herói que costumava viajar em seu carro brilhante coberto com peles de tigre e adornado com ouro puro, eu não posso afastar minha dor. Sem dúvida, ó Sanjaya, ninguém morre da dor causada pela desgraça de outro, já que, infeliz como eu estou, eu ainda estou vivo embora eu tenha sabido da morte de Drona. Eu considero o Destino como sendo todo-poderoso, esforço é inútil. Certamente, meu coração, duro como é, é feito de pedra, já que ele não se parte em cem pedaços embora eu tenha sabido da morte de Drona. Ele que era servido por Brahmanas e príncipes desejosos de instrução nos Vedas e divinação e arte de manejar arco e flecha, ai, como ele poderia ser levado pela Morte? Eu não posso tolerar a derrota de Drona, a qual é assim como a secagem completa do oceano, ou a remoção de Meru de seu lugar, ou a queda do Sol do firmamento. Ele era um repressor dos maus e um protetor dos virtuosos. Aquele opressor de inimigos que abandonou sua vida pelo desventurado Duryodhana, sobre cuja bravura se apoiava aquela esperança de vitória a qual meus filhos perversos nutriam, que era igual a Vrihaspati ou ao próprio Usanas em inteligência, ai, como ele foi morto? Seu corcéis grandes de cor vermelha, cobertos com redes de ouro, velozes como o vento e incapazes de serem atingidos por qualquer arma em batalha, dotados de grande força, relinchando alegremente, bem treinados e da raça Sindhu, unidos ao seu carro e puxando o veículo excelentemente, sempre preservados no meio da batalha, eles se tornaram fracos e lânguidos? Suportando friamente em batalha o rugido de elefantes, enquanto aquelas criaturas enormes barriam ao clangor de conchas e a batida de baterias, inalteráveis pela vibração de arcos e chuvas de setas e outras armas, pressagiando a derrota de inimigos por seu próprio aparecimento, nunca dando respirações longas (por causa de trabalho pesado), acima de toda fadiga e dor, como aqueles corcéis velozes que puxavam o carro do filho de Bharadwaja foram logo subjugados? Assim mesmo eram os corcéis unidos ao carro dourado dele. Assim eram os corcéis unidos àquele carro por aquele mais notável dos heróis humanos. Sobre seu próprio carro excelente decorado com ouro puro, por que, ó filho, ele não pode cruzar o mar do exército Pandava? Que façanhas foram realizadas em batalha pelo filho de Bharadwaja, aquele guerreiro que sempre tirava lágrimas de outros heróis, e em cujo conhecimento (de armas) todos os arqueiros do mundo confiavam? Aderindo firmemente à verdade, e dotado de grande poder, o que, de fato, Drona fez em

batalha? Quem foram aqueles guerreiros em carros que enfrentaram aquele realizador de feitos aterradores, aquele principal de todos os manejadores de arco, aquele principal dos heróis, que parecia o próprio Sakra no céu? Os Pandavas fugiram vendo ele de carro dourado e de força imensa que chamava armas celestes à existência? Ou, o rei Yudhishthira o justo, com seus irmãos mais novos, e tendo o príncipe de Panchala (Dhrishtadyumna) como sua corda de amarrar (isto é, como seu instrumento preparado) atacou Drona, cercando-o com suas tropas por todos os lados? Na verdade, Partha deve ter, com suas flechas retas, detido todos os outros guerreiros em carros, e então o filho de Prishata de feitos pecaminosos deve ter cercado Drona. Eu não vejo qualquer outro guerreiro, salvo o feroz Dhrishtadyumna protegido por Arjuna, que pudesse ter executado a morte daquele herói poderoso! Parece que quando aqueles heróis, isto é, os Kekayas, os Chedis, os Karushas, os Matsyas, e os outros reis, cercando o preceptor, o oprimiram muito como formigas oprimindo uma cobra, enquanto ele estava empenhado em alguma façanha difícil, o canalha Dhrishtadyumna deve tê-lo matado então. Isso é o que eu penso. Ele que, tendo estudado os quatro Vedas com seus ramos e as histórias formando o quinto (Veda), tornou-se o refúgio dos Brahmanas, como o oceano é dos rios, aquele opressor de inimigos, que viveu como um Brahmana e como um Kshatriya, ai, como pode aquele Brahmana, venerável em idade, encontrar seu fim no fio de uma arma? De um espírito orgulhoso, ele contudo foi muitas vezes humilhado e teve que sofrer dor por minha causa. Embora não merecedor disso, ele porém obteve nas mãos do filho de Kunti o fruto de sua própria conduta. (Tendo treinado Arjuna cuidadosamente em armas ele obteve o fruto de seu próprio cuidado e trabalho na forma de derrota e morte nas mãos de, ou, ao menos, através de, seu próprio pupilo.) Ele, de cujos feitos dependiam todos os manejadores de arcos no mundo, ai, como pode aquele herói, firmemente aderindo à verdade e possuidor de habilidade magnífica, ser morto por pessoas desejosas de riqueza? O mais notável no mundo como o próprio Sakra no céu, de grande poder e grande energia, ai, como ele pode ser morto pelos Parthas, como a baleia pelo peixe menor? Ele, de cuja presença nenhum guerreiro desejoso de vitória podia jamais escapar com vida, ele que, enquanto vivo, esses dois sons nunca deixaram, isto é, o som dos Vedas por aqueles desejosos de conhecimento Védico, e a vibração de arcos causada por aqueles desejosos de habilidade na arte de manejar arco e flecha, ele que nunca estava triste, ai, aquele tigre entre homens, aquele herói dotado de prosperidade e nunca vencido em batalha, aquele guerreiro de bravura igual àquela do leão ou do elefante, foi morto. Na verdade, eu não posso suportar a idéia de sua morte. Como pode o filho de Prishata, na vista dos principais dos homens, matar em batalha aquele guerreiro invencível cujo poder nunca foi humilhado e cuja fama nunca foi deslustrada? Quem foram aqueles que lutaram na dianteira de Drona, protegendo-o, ficando ao seu lado? Quem procedeu em sua retaguarda e obteve aquele fim que é de obtenção tão difícil? Quem foram aqueles guerreiros de grande alma que protegeram as rodas direita e esquerda de Drona? Quem estava na dianteira daquele herói enquanto ele lutava em batalha? Quem foram aqueles que, indiferentes às suas vidas naquela ocasião, encontraram com a morte a qual se encontrava face a face com eles? Quem foram aqueles heróis que seguiram na última jornada na batalha de Drona? Algum daqueles Kshatriyas que foram

designados para a proteção de Drona, demonstrando ser falso, abandonou aquele herói em batalha? Ele foi morto pelo inimigo depois de tal deserção e enquanto estava sozinho? Drona nunca iria, por medo, mostrar suas costas em batalha, embora grande o perigo. Como então ele foi morto pelo inimigo? Mesmo em grande aflição, ó Sanjaya, uma pessoa ilustre deve fazer isso, isto é, empregar sua coragem segundo a medida de seu poder. Tudo isso se encontrava em Drona; ó filho, eu estou perdendo meus sentidos. Que essa conversa seja suspensa por um tempo. Depois de recuperar meus sentidos eu irei uma vez mais te questionar, ó Sanjaya!'"

10

"Vaisampayana disse, 'Tendo se dirigido ao filho de Suta dessa maneira, Dhritarashtra, afligido com grande tristeza de coração e sem esperança da vitória de seu filho, caiu no chão. Vendo-o privado de seus sentidos e caído, seus servidores o borrifaram com água fria e perfumada, enquanto o abanavam. Vendo ele caído, as senhoras Bharata, ó rei, o cercaram por todos os lados e o friccionaram suavemente com suas mãos. E erguendo o rei do chão lentamente, aquelas senhoras nobres, suas vozes sufocadas com lágrimas, o sentaram em seu assento. Sentado, o rei continuou a estar sob a influência daquele desmaio. E ele permaneceu perfeitamente imóvel, enquanto elas o abanavam permanecendo em redor. E um tremor então passou pelo corpo do monarca e ele lentamente recuperou seus sentidos. E mais uma vez ele começou a interrogar o filho de Gavalgana da casta Suta sobre os incidentes, como eles tinham ocorrido na batalha.'"

"Dhritarashtra disse, '[Aquele Ajatasatru] que, como o sol erguido, dissipa a escuridão por meio de sua própria luz; que avança contra um inimigo como um elefante veloz e furioso com têmporas fendidas, incapaz de ser vencido por líderes de manadas hostis, avança contra um rival procedendo com rosto alegre em direção a uma fêmea da espécie no cio, ó, quais guerreiros (do meu exército) resistiram àquele Ajatasatru quando ele se aproximou, para mantê-lo longe de Drona? Aquele herói (Ajatasatru), aquela principal das pessoas, que tem matado muitos guerreiros valentes (do meu exército) em batalha, aquele príncipe poderosamente armado e inteligente e corajoso de destreza imbatível, que, sem ajuda de ninguém, pode consumir a hoste inteira de Duryodhana por meio de seus olhares terríveis somente, aquele matador por meio de sua visão, determinado a obter vitória, aquele arqueiro, aquele herói de glória imorredoura, aquele monarca autocontrolado que é reverenciado por todo o mundo, ó, quem foram aqueles heróis (do meu exército) que cercaram aquele guerreiro? Aquele príncipe invencível, aquele arqueiro de glória imorredoura, aquele tigre entre homens, aquele filho de Kunti, que avançando com grande celeridade se aproximou de Drona, aquele guerreiro poderoso que sempre realiza grandes feitos contra o inimigo, aquele herói de fama gigantesca e grande coragem, que em força é igual a dez mil elefantes, ó, quais bravos combatentes do meu exército cercaram aquele Bhimasena quando ele avançou sobre minha hoste? Quando aquele guerreiro em

carro de energia excelente, Vibhatsu, parecendo com uma massa de nuvens, se aproximou, emitindo raios como as próprias nuvens, disparando chuvas de setas como Indra derramando chuva, e fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com os tapas de suas palmas e o estrépito das rodas de seu carro, quando aquele herói cujo arco era como o lampejo do relâmpago e cujo carro parecia uma nuvem tendo como seus rugidos o som de sua rodas, (quando se aproximou aquele herói) o zunido de cujas flechas o tornava extremamente feroz, cuja ira parece uma nuvem ameaçadora, e que é rápido como a mente ou a tempestade, que sempre perfura o inimigo profundamente em seus próprios órgãos vitais, que, armado com flechas, é terrível de se olhar, que como a própria Morte banha todos os pontos do horizonte com sangue humano em profusão, e que, com tumulto aterrador e aparência terrível, manejando o arco Gandiva despeja incessantemente em meus guerreiros encabeçados por Duryodhana flechas afiadas em pedra e equipadas com penas de urubu, ai, quando aquele herói de grande inteligência se aproximou de vocês, qual se tornou o estado de sua mente? Quando aquele guerreiro tendo o macaco enorme em seu em seu estandarte se aproximou, obstruindo o céu com chuvas densas de flechas, qual veio a ser o estado de sua mente à visão daquele Partha? Arjuna avançou sobre vocês, matando suas tropas com a vibração do Gandiva e realizando atos violentos no caminho? Duryodhana tirou, com suas flechas, suas vidas, como a tempestade destruindo massas de nuvens reunidas ou derrubando florestas de juncos, soprando através deles? Que homem é capaz de resistir em batalha ao manejador do Gandiva? Somente ouvindo que ele está posicionado na dianteira do exército (hostil), o coração de todo inimigo parece se partir em dois. Naquela batalha na qual as tropas tremeram e até heróis foram tomados pelo medo, quais foram aqueles que não abandonaram Drona, e quais foram aqueles covardes que o abandonaram por medo? Quem foram aqueles que, indiferentes às suas vidas encontraram a própria Morte, que estava face a face com eles na forma de Dhananjaya, que tinha vencido até combatentes sobre-humanos em combate? Minhas tropas são incapazes de resistir ao ímpeto daquele guerreiro que tem corcéis brancos unidos ao seu carro e ao som do Gandiva, que parece o ribombar das próprias nuvens. Aquele carro que tem o próprio Vishnu como seu motorista e Dhananjaya como seu guerreiro, aquele carro eu considero incapaz de ser subjugado pelos próprios deuses e os Asuras reunidos. Delicado, jovem, e bravo, e de um rosto muito bonito, aquele filho de Pandu que é dotado de inteligência e habilidade e sabedoria e cuja destreza é incapaz de ser frustrada em batalha, quando Nakula com barulho alto e afligindo todos os guerreiros hostis, avançou em Drona, quais heróis (do meu exército) o cercaram? Quando Sahadeva que parece uma cobra zangada de veneno virulento, quando aquele herói possuindo corcéis brancos e invencível em batalha, cumpridor de votos louváveis, incapaz de ser frustrado em seus propósitos, dotado de modéstia, e nunca vencido em combate, se aproximou de nós, quais heróis (do nosso exército) o circundaram? Aquele guerreiro que, tendo oprimido a hoste imensa do rei Sauvira, tomou como sua esposa a bela donzela Bhoja de membros simétricos, aquele touro entre homens, Yuyudhana, em quem há sempre verdade e firmeza e coragem e Brahmacharya, aquele guerreiro dotado de grande poder, sempre praticando a veracidade, nunca desanimado, nunca vencido, que em batalha é igual à

Vasudeva e é considerado como seu segundo, que, através das instruções de Dhananjaya tornou-se o principal no uso de flechas, e que é igual ao próprio Partha em armas, ó, qual guerreiro (do meu exército) resistiu àquele Satyaki, para mantê-lo longe de Drona? O principal herói entre os Vrishnis, extremamente corajoso entre todos os arqueiros, igual ao próprio Rama em (conhecimento e no uso de) armas e em bravura e fama, (saiba, ó Sanjaya, que) veracidade e firmeza, inteligência e heroísmo, e conhecimento de Brahma, e armas superiores, se encontram todos nele (Satyaki) da linhagem de Satwata, como os três mundos estão em Kesava. Quais heróis (do meu exército), se aproximando daquele arqueiro poderoso, Satyaki, possuidor de todas essas habilidades e incapaz de ser resistido pelos próprios deuses, o cercaram? O principal entre os Panchalas, possuidor de heroísmo, de nascimento nobre e o favorito de todos os heróis de nascimento nobre, sempre realizando bons feitos em batalha, Uttamaujas, aquele príncipe sempre dedicado ao bem-estar de Arjuna, nascido somente para meu mal, igual a Yama, ou Vaisaravana, ou Aditya, ou Mahendra, ou Varuna, aquele príncipe considerado como um poderoso guerreiro em carro e preparado para sacrificar sua vida no centro da batalha, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram? Quem (entre meus guerreiros) resistiu a Dhrishtaketu, aquele único guerreiro entre os Chedis que, abandonando eles, abraçou o lado dos Pandavas, quando ele avançou sobre Drona? Quem resistiu ao heróico Ketumat para mantê-lo longe de Drona, o bravo Ketumat que matou o príncipe Durjaya quando o último tinha se abrigado em Girivraja? Quais heróis (do meu exército) cercaram Sikhandin, aquele tigre entre homens, que conhece os méritos e deméritos (em sua própria pessoa) da masculinidade e feminilidade, aquele filho de Yajnasena, que é sempre alegre em batalha, aquele herói que se tornou a causa da morte de Bhishma de grande alma em batalha, quando ele avançou em direção a Drona? Aquele principal herói da linhagem Vrishni, aquele chefe de todos os arqueiros, aquele guerreiro corajoso em quem todas as habilidades existem em um grau maior do que no próprio Dhananjaya, em quem se encontram sempre armas e veracidade e Brahmacharya, que é igual a Vasudeva em energia e Dhananjaya em força, que em esplendor é igual a Aditya e em inteligência a Vrihaspati, isto é, Abhimanyu de grande alma, parecendo a própria Morte com boca escancarada, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram quando ele avançou em direção a Drona? Aquele jovem de mente enérgica, aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, ó, quando ele avançou em direção a Drona, qual se tornou o estado de sua mente? Quais heróis cercaram aqueles tigres entre homens, isto é, os filhos de Draupadi, quando eles avançaram em batalha contra Drona como rios avançando em direção ao mar? Aqueles meninos que, abandonando todos os esportes (infantis) há doze anos, e cumprindo votos excelentes, serviram Bhishma por causa de armas, aqueles meninos, Kshatranjaya e Kshatradeva e Kshatravarman e Manada, aqueles filhos heróicos de Dhrishtadyumna, ó, quem resistiu a eles, procurando mantê-los longe de Drona? Ele a quem os Vrishnis consideravam como superior em batalha a cem guerreiros em carros, ó, quem resistiu àquele grande arqueiro, Chekitana, para mantê-lo longe de Drona? Aqueles cinco irmãos Kekaya, virtuosos e possuidores de bravura incapaz de ser frustrada, parecendo (em cor) os insetos chamados Indragopakas, com cotas de malha vermelhas, armas vermelhas e estandartes vermelhos, aqueles heróis que

são os primos maternos dos Pandavas e que sempre desejam vitória para os últimos, ó, quais heróis (do meu exército) cercaram aqueles príncipes valentes quando eles avançaram em direção a Drona para matá-lo? Aquele senhor da batalha, aquele principal dos arqueiros, aquele herói de pontaria infalível e grande força, aquele tigre entre homens, Yuyutsu, a quem muitos reis coléricos lutando juntos por seis meses em Varanavata pelo desejoso de matá-lo não puderam derrotar, e que em batalha em Varanasi derrubou com uma flecha de cabeça larga aquele poderoso guerreiro em carro, o príncipe de Kasi, desejoso de apanhar (em um Swayamvara) uma donzela para esposa, ó, qual herói (do meu exército) resistiu a ele? Aquele arqueiro poderoso, Dhrishtadyumna, que é o principal conselheiro dos Pandavas, que está empenhado em fazer mal para Duryodhana, que foi criado para a destruição de Drona, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram quando ele foi em direção a Drona, abrindo caminho através de todas as minhas tropas e consumindo todos os meus guerreiros em batalha? Aquela mais notável de todas as pessoas familiarizadas com armas, que foi criado quase no colo de Drupada, ó, quais guerreiros (do meu exército) cercaram aquele Sikhandin protegido pelas armas (de Arjuna), para mantê-lo longe de Drona? Ele que cercou essa terra com o estrépito alto de seu carro como com um cinto de couro, aquele poderoso guerreiro em carro e principal de todos os matadores de inimigos, que, (como um substituto para) todos os sacrifícios, realizou, sem impedimento, dez sacrifícios de cavalo com comida e bebida excelentes e presentes em profusão, que governou seus súditos como se eles fossem seus filhos, aquele filho de Usinara que em sacrifícios doou vacas incontáveis como os grãos de areia na correnteza do Ganga, cujas façanhas ninguém entre os homens é ou alguma vez será capaz de imitar, depois do desempenho de cujos feitos difíceis os próprios deuses gritaram, dizendo, 'Nós não vemos nos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis uma segunda pessoa exceto o filho de Usinara que existiu, existe, ou existirá, que tenha alcançado regiões (na vida após a morte) que são inalcançáveis por seres humanos', ó, quem (entre meu exército) resistiu àquele Saivya, aquele neto daquele filho de Usinara, quando ele se aproximou (de Drona)? Quais heróis (do meu exército) cercaram a divisão de carros daquele matador de inimigos, Virata, o rei dos Matsyas, quando ela alcançou Drona em batalha? Quem manteve longe de Drona o gigantesco Ghatotkacha, aquele tormento (no lado) de meus filhos, aquele guerreiro que sempre deseja vitória para os Pandavas, aquele Rakshasa heróico, possuidor de poderes extensos de ilusão, dotado de grande força e grande bravura, e nascido de Bhima no decorrer de um único dia, e de quem eu nutro receios muito grandes? (Ghatotkacha era o filho de Hidimva com Bhimasena. As mulheres Rakshasi dão à luz no próprio dia em que elas concebem, e sua prole alcança a juventude no mesmo dia em que nasce.) Quem, ó Srinjaya, pode permanecer inconquistado por eles por cuja causa esses e muitos outros estão preparados para sacrificar suas vidas em batalha? Como podem os filhos de Pritha encontrar a derrota, eles que tem o maior de todos os seres, o manejador do arco chamado Sarnga, como seu refúgio e benfeitor? Vasudeva é, de fato, o grande Mestre de todos os mundos, o Senhor de todos, e Eterno! De alma divina e poder infinito, Narayana é o refúgio dos homens em batalha. Os sábios recitam seus feitos celestes. Eu também os recitarei com devoção, para recuperar minha firmeza!'"

11

"Dhritarashtra disse, 'Ouça, ó Sanjaya, as façanhas celestiais de Vasudeva, façanhas que Govinda realizou e semelhantes às quais nenhuma outra pessoa é capaz de realizar. Enquanto estava sendo criado, ó Sanjaya, na família do vaqueiro (Nanda), aquele de grande alma, quando ainda um menino, tornou o poder de seus braços conhecido para os três mundos. Mesmo então ele matou Hayaraja (o príncipe dos corcéis; ele era um Asura, também chamado de Kesi, na forma de um cavalo), que vivia nos bosques (às margens) do Yamuna, que era igual ao (corcel celeste) Uchchaisravas em força e ao próprio vento em velocidade. Na infância, ele também matou com seus dois braços nus o Danava, na forma de um touro, de feitos terríveis, e surgido como a própria Morte para todas as vacas. De olhos como as pétalas de lótus, ele também matou os poderosos Asuras chamados Pralamva, e Naraka, e Jambha, e Pitha, como também Mura, aquele terror dos celestiais. E assim também Kansa de energia poderosa, que era, além disso, protegido por Jarasandha, foi, com todos os seus seguidores, morto em combate por Krishna ajudado somente por sua coragem, (isto é, sem armas de qualquer tipo.) Com Valadeva como seu ajudante, aquele matador de inimigos, Krishna, destruiu em batalha, com todas as suas tropas, o rei dos Surasenas, Sunaman, de grande energia e coragem em batalha, o senhor de um Akshauhini completo, e o segundo irmão valente de Kansa, o rei dos Bhojas. O Rishi regenerado muito colérico (satisfeito com a adoração) lhe deu benefícios. De olhos semelhantes a pétalas de lótus, e dotado de grande coragem, Krishna, vencendo todos os reis em uma escolha de marido, levou embora a filha do rei dos Gandharas. Aqueles reis enfurecidos, como se eles fossem cavalos por nascimento, foram unidos ao seu carro nupcial e foram lacerados com o chicote. Janardana de braços poderosos também fez Jarasandha, o senhor de um Akshauhini completo de tropas, ser morto por meio de outro. (Jarasandha, o poderoso rei dos Magadhas e inimigo jurado de Krishna, foi morto por Bhima por instigação de Krishna.) O poderoso Krishna também matou o valente rei de Chedis, aquele líder de reis, como se ele fosse algum animal, na ocasião da contestação do último sobre o Arghya. Empregando sua destreza, Madhava lançou no oceano a cidade Daitya chamada Saubha, (que se movia) nos céus, protegida por Salwa, e considerada invulnerável. Os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Magadhas, os Kasis, os Kosalas, os Vatsyas, os Gargyas, os Karushas e os Paundras, todos esses ele venceu em batalha. Os Avantis, os habitantes do Sul, os montanheses, os Daserakas, os Kasmirakas, os Aurasikas, os Pisachas, os Samudgalas, os Kamvojas, os Vatadhanas, os Cholas, os Pandyas, ó Sanjaya, os Trigartas, os Malavas, os Daradas difíceis de serem derrotados, os Khasas vindos de diversos reinos, como também os Sakas, e os Yavanas com seguidores, foram todos subjugados por ele de olhos semelhantes a pétalas de lótus. Nos tempos passados, penetrando no próprio oceano, ele venceu em batalha o próprio Varuna naquelas profundidades aquosas, cercado por todas as espécies de animais aquáticos. Matando em batalha (o Danava chamado)

Panchajanya que vivia nas profundidades de Patala, Hrishikesa obteve a concha celestial chamada Panchajanya. O poderoso Kesava, acompanhado por Partha, tendo gratificado Agni em Khandava, obteve sua arma invencível de fogo, seu disco (chamado Sudarsana). Viajando sobre o filho de Vinata e apavorando (os habitantes de) Amaravati, o heróico Krishna trouxe do próprio Mahendra (a flor celestial chamada) Parijata. Conhecendo a destreza de Krishna, Sakra suportou quietamente aquele ato (isto é, a transplantação da Parijata de Amaravati para a terra.) Nós nunca ouvimos que há algum entre os reis que não tenha sido derrotado por Krishna. Aquele feito muito admirável também, ó Sanjaya, o qual ele de olhos de lótus realizou na minha corte, quem mais é capaz de realizá-lo? E já que, submisso por devoção, eu fui permitido contemplar Krishna como o Senhor Supremo; tudo (sobre aquele feito) é bem conhecido por mim, eu mesmo o tendo testemunhado com meus próprios olhos. Ó Sanjaya, nunca pode ser visto o fim das realizações (infinitas) de Hrishikesa de grande energia e grande inteligência. Gada, e Samva, e Pradyumna, e Viduratha, e Charudeshna, e Sarana, e Ulmukha, e Nisatha, e o bravo Jhilivabhru, e Prithu, e Viprithu, e Samika, e Arimejaya, esses e outros poderosos heróis Vrishni, hábeis em atacar, irão, permanecendo no campo de batalha, tomar sua posição na hoste Pandava, quando convocados por aquele herói Vrishni, Kesava de grande alma. Todos (no meu lado) então estarão em grande perigo. Isso mesmo é o que eu penso. E lá onde Janardana está, lá estará o heróico Rama, igual em força a dez mil elefantes, parecendo o pico Kailasa, enfeitado com guirlandas de flores selvagens, e armado com o arado. Aquele Vasudeva, ó Sanjaya, a quem todos os regenerados descrevem como o Pai de todos, aquele Vasudeva lutará pela causa dos Pandavas? Ó filho, ó Sanjaya, se ele puser sua armadura pelos Pandavas, não há ninguém entre nós que possa ser seu oponente. Se acontecer dos Kauravas vencerem os Pandavas, ele, da linhagem de Vrishni, irá então, pelos últimos, pegar sua arma poderosa. E aquele tigre entre homens, aquele de braços fortes, matando então todos os reis em batalha como também os Kauravas, dará a terra inteira para o filho de Kunti. Que carro avançará em batalha contra aquele carro o qual tem Hrishikesa como seu motorista e Dhananjaya como seu guerreiro? Os Kurus não podem, de qualquer maneira, obter vitória. Conte-me então tudo sobre como a batalha ocorreu. Arjuna é a vida de Kesava e Krishna é sempre vitória; em Krishna há sempre fama. Em todos os mundos, Vibhatsu é invencível. Em Kesava há méritos infinitos em excesso. O tolo Duryodhana, que não conhece Krishna ou Kesava, parece, por causa do Destino, ter o laço da Morte diante dele. Ai, Duryodhana não conhece Krishna da linhagem de Dasarha e Arjuna o filho de Pandu. Estes de grande alma são deuses antigos. Eles são os próprios Nara e Narayana. Sobre a terra eles são vistos pelos homens como duas formas separadas, embora na verdade eles sejam ambos possuídos somente por uma alma. Só com a mente, aquele par invencível, de renome mundial, pode, se somente eles desejarem isso, destruir essa hoste. Somente por causa de sua humanidade eles não desejam isso. (Embora deuses, eles tomaram seus nascimentos como homens, e, eles devem realizar seus objetivos por meios humanos. É por isso que eles não destroem essa hoste por um decreto de sua vontade.) Como uma mudança de Yuga, a morte de Bhishma, ó filho, e a morte de Drona de grande alma, contrariam a razão. De fato, nem por Brahmacharya, nem pelo estudo dos Vedas, nem por

ritos (religiosos), nem por armas alguém pode impedir a morte. Sabendo da morte de Bhishma e Drona, aqueles heróis habilidosos em armas, respeitados por todos os mundos, e invencíveis em batalha, por que, ó Sanjaya, eu ainda vivo? Por causa da morte de Bhishma e Drona, ó Sanjaya, nós de agora em diante teremos que viver como dependentes daquela prosperidade vendo a qual em Yudhishthira antes nós fomos tão ciumentos. De fato, essa destruição dos Kurus veio somente em consequência das minhas ações. Ó Suta, no assassínio daqueles que estão prontos para a destruição, a própria palha se torna raio. É sem fim aquela prosperidade nesse mundo a qual Yudhishthira está prestes a obter, Yudhishthira por cuja ira ambos, Bhishma e Drona, caíram. Por sua própria disposição, a Retidão mudou para o lado de Yudhishthira, enquanto ela é hostil para meu filho. Ai, o tempo, tão cruel, que agora se aproxima para a destruição de todos, não pode ser conquistado. Coisas calculadas de uma maneira, ó filho, mesmo por homens de inteligência, tornam-se diferentes por causa do Destino. Isso é o que eu penso. Portanto, conte-me tudo o que ocorreu durante o progresso desse flagelo inevitável e terrível produtivo da mais triste repercussão incapaz de ser atravessado (por nós).'"

12

"Sanjaya disse, 'Sim, tudo como eu vi com meus próprios olhos, eu descreverei para ti como Drona caiu, morto pelos Pandavas e os Srinjayas. Tendo obtido o comando das tropas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, disse essas palavras para teu filho no meio de todas as tropas, 'Visto que, ó rei, tu me honraste com o comando das tropas imediatamente depois daquele touro entre os Kauravas, o filho daquele que vai para o oceano (Ganga), receba, ó Bharata, o fruto adequado dessa tua ação. Que propósito teu eu agora devo realizar? Peça o benefício que tu desejas.' Então o rei Duryodhana tendo consultado com Karna e Duhsasana e outros, disse para o preceptor, aquele guerreiro invencível e principal de todos os vencedores, essas palavras, 'Se tu queres me dar um benefício, então, capturando aquele principal dos guerreiros em carros, Yudhishthira, vivo, traga-o para mim aqui.' Então aquele preceptor dos Kurus, ouvindo essas palavras de teu filho, deu a ele a seguinte resposta, alegrando todas as tropas com elas, 'Louvado seja o filho de Kunti (Yudhishthira) cuja captura somente tu desejas. Ó tu que és difícil de ser subjugado, tu não pedes qualquer outro benefício (um por exemplo) para a morte dele. Por que razão, ó tigre entre homens, tu não desejas a morte dele? Tu não és, sem dúvida, ó Duryodhana, ignorante de política. Por que, portanto, tu não aludes à morte de Yudhishthira? É uma causa de grande surpresa que o rei Yudhishthira, o justo, não tenha um inimigo desejoso de sua morte. Visto que tu o desejas vivo, tu (ou) procuras preservar tua linhagem da extinção, ou, ó chefe dos Bharatas, tu, tendo vencido os Pandavas em batalha, estás desejoso de estabelecer relação fraterna (com eles) por lhes dar seu reino. Auspicioso foi o nascimento daquele príncipe inteligente. Verdadeiramente ele é chamado de Ajatasatru (o sem inimigos), pois até tu tens afeição por ele.' Assim endereçado por Drona, ó Bharata, o sentimento que está sempre presente no peito de teu filho de repente se fez conhecido. Nem

mesmo pessoas como Vrihaspati podem ocultar as expressões de seu semblante. Por isso, teu filho, ó rei, cheio de alegria, disse estas palavras, 'Pela morte do filho de Kunti em batalha, ó preceptor, a vitória não pode ser minha. Se Yudhishthira fosse morto, Partha então, sem dúvida, mataria todos nós. Todos eles, além disso, não podem ser mortos pelos próprios deuses. Aquele entre eles, naquele caso, que sobrevivesse, nos exterminaria. Yudhishthira, no entanto, é verdadeiro em suas promessas. Se trazido para cá (vivo), vencido mais uma vez no jogo de dados, os Pandavas mais uma vez irão para as florestas, pois eles são todos obedientes a Yudhishthira. É evidente que tal vitória será duradoura. É por isso que eu não desejo, de nenhuma maneira, a morte do rei Yudhishthira o justo.' Averiguando esse propósito desonesto de Duryodhana, Drona que era familiarizado com as verdades da ciência de lucro e dotado de grande inteligência, refletiu um pouco e deu a ele o benefício limitando-o da seguinte maneira.'"

"Drona disse, 'Se o heróico Arjuna não proteger Yudhishthira em batalha, tu podes considerar o Pandava mais velho como já trazido sob teu controle. Em relação a Partha, os próprios deuses e os Asuras juntos encabeçados por Indra não podem avançar contra ele em batalha. É por isso que eu não ouso fazer o que tu me pedes para fazer. Sem dúvida, Arjuna é discípulo, e eu fui seu primeiro preceptor em armas. Ele é, no entanto, jovem, dotado de grande boa fortuna, e excessivamente aplicado (na realização de seus propósitos). Ele obteve, também, muitas armas de Indra e Rudra. Ele além disso foi provocado por ti. Eu não ouso, portanto, fazer o que tu me pedes. Que Arjuna seja afastado, por quaisquer meios que possa ser feito, da batalha. Após Partha ser afastado, tu podes considerar o rei Yudhishthira como já derrotado. Em sua captura se encontra a vitória e não em sua morte, ó touro entre homens! Por meio de estratagema sua captura pode ser realizada. Apanhando aquele rei dedicado à verdade e justiça, eu irei, sem dúvida, ó monarca, trazê-lo para teu controle nesse mesmo dia, se ele ficar diante de mim em batalha mesmo por um momento, é claro, se Dhananjaya, o filho de Kunti, aquele tigre entre homens, estiver afastado do campo. Na presença de Phalguni, no entanto, ó rei, Yudhishthira não poderia ser apanhado em batalha nem pelos deuses e os Asuras encabeçados por Indra.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Drona tinha prometido a captura do rei sob essas limitações, teus filhos tolos consideraram Yudhishthira como já apanhado. Teu filho (Duryodhana) conhecia a parcialidade de Drona pelos Pandavas. Para fazer Drona cumprir sua promessa, portanto, ele divulgou aqueles planos. Então, ó castigador de inimigos, o fato de Drona ter prometido apanhar o Pandava (mais velho) foi proclamado por Duryodhana para todas as suas tropas.'"

13

"Sanjaya disse, 'Depois que Drona tinha prometido a captura do rei sob aquelas limitações, tuas tropas sabendo (daquela promessa sobre) a captura de Yudhishthira, proferiram muitos gritos leoninos, misturando-os com o zunido de suas flechas e o clangor de suas conchas. O rei Yudhishthira o justo, no entanto, ó

Bharata, logo soube em detalhes, através de seus espiões, tudo acerca do propósito no qual o filho de Bharadwaja estava aplicado. Então reunindo todos os seus irmãos e todos os outros reis de seu exército, o rei Yudhishthira o justo dirigiu-se a Dhananjaya, dizendo, 'Tu ouviste, ó tigre entre homens, sobre a intenção de Drona. Que sejam adotadas medidas, portanto, que possam impedir a realização daquele propósito. É verdade, Drona, aquele opressor de inimigos, fez sua promessa, sujeita a limitações, no entanto, ó grande arqueiro, (que) dependem de ti. Lute, portanto, hoje, ó tu de armas poderosas, em minha vizinhança, para que Duryodhana não possa obter de Drona a realização de seu desejo.'"

"Arjuna disse, 'Como a morte de meu preceptor nunca poderia ser realizada por mim, igualmente, ó rei, eu nunca poderia consentir te abandonar. Ó filho de Pandu, eu preferiria entregar minha vida em batalha do que lutar contra meu preceptor. Esse filho de Dhritarashtra deseja soberania, tendo te apanhado como um cativo em batalha. Nesse mundo ele nunca obterá a realização desse desejo dele. O próprio firmamento com suas estrelas pode cair, a própria Terra pode se partir em fragmentos, contudo Drona nunca conseguirá, indubitavelmente, te capturar enquanto eu estiver vivo. Se o próprio manejador do raio, ou Vishnu na chefia dos deuses, ajudá-lo em batalha, ainda assim ele não conseguirá te apanhar no campo. Enquanto eu estiver vivo, ó grande rei, não cabe a ti nutrir qualquer receio de Drona, embora ele seja o principal de todos os manejadores de armas. Eu além disso te digo, ó monarca, que minha promessa nunca permanece não realizada. Eu não me lembro de alguma vez ter falado alguma mentira. Eu não me lembro de ter sido derrotado alguma vez. Eu não me lembro de ter alguma vez, depois de fazer um voto, deixado a menor parte dele não cumprida.'"

"Sanjaya continuou, 'Então, ó rei, conchas e baterias e pratos e baterias menores foram soadas e batidas no acampamento Pandava. E os Pandavas de grande alma proferiram muitos gritos leoninos. Esses e o som terrível das cordas de seus arcos e dos tapas de palmas alcançaram o próprio céu. Ouvindo aquele clangor alto de conchas que se elevou do acampamento dos filhos poderosos de Pandu, diversos instrumentos foram tocados entre tuas divisões também. Então tuas divisões como também aquelas deles foram organizadas em formação de combate. E lentamente eles avançaram uns contra os outros pelo desejo de lutar. Então começou uma batalha, que foi violenta e de arrepiar os cabelos, entre os Pandavas e os Kurus, e Drona e os Panchalas. Os Srinjayas, embora combatendo vigorosamente, eram incapazes de vencer em batalha a hoste de Drona porque ela era protegida pelo próprio Drona. E assim também os poderosos guerreiros em carros do teu filho, hábeis em atacar, não podiam derrotar a hoste Pandava, porque ela era protegida pelo enfeitado com diadema (Arjuna). Protegidas por Drona e Arjuna, ambas as hostes pareciam estar inativas como duas florestas florescentes no silêncio da noite. Então ele, de carro dourado, (Drona) como o próprio Sol de grande esplendor, oprimindo as tropas dos Pandavas, se movia rapidamente através delas à vontade. E os Pandavas, e os Srinjayas, por temor, consideraram aquele único guerreiro de grande atividade sobre seu carro de movimento rápido como se multiplicado por muitos. Disparadas por ele, flechas

terríveis corriam em todas as direções, apavorando, ó rei, o exército do filho de Pandu. De fato, Drona então parecia como o próprio Sol do meio dia coberto por cem raios de luz. E como os Danavas eram incapazes de olhar para Indra, assim não havia alguém entre os Pandavas, que, ó monarca, fosse capaz de olhar para o filho zangado de Bharadwaja naquela batalha. O valente filho de Bharadwaja então, tendo confundido as tropas (hostis), rapidamente começou a consumir a divisão de Dhrishtadyumna por meio de flechas afiadas. E cobrindo e obstruindo todos os pontos do horizonte por meio de suas flechas retas, ele começou a oprimir aquele exército Pandava lá mesmo onde o filho de Prishata estava.'"

14

"Sanjaya disse, 'Então Drona, causando uma grande confusão na hoste Pandava, se movimentou rapidamente através dela, como uma conflagração consumindo (uma floresta de) árvores. Vendo aquele guerreiro furioso, possuindo um carro dourado, consumir suas divisões como um incêndio violento, os Srinjayas tremeram (apavorados). O som, naquela batalha, do arco constantemente esticado daquele guerreiro de grande atividade era ouvido parecer o ribombar do trovão. Flechas ardentes disparadas por Drona, dotado de grande agilidade de mão, começaram a oprimir guerreiros em carros e cavaleiros e guerreiros em elefantes e soldados de infantaria junto com elefantes e corcéis. Derramando suas flechas como as nuvens ribombantes no fim do verão, ajudadas pelo vento, despejam chuvas de granizo, ele inspirou medo nos corações do inimigo. Percorrendo (as tropas hostis), ó rei, e agitando as tropas, o poderoso Drona aumentou o medo antinatural nutrido pelo inimigo. O arco enfeitado com ouro, em seu carro que se movia rapidamente, era repetidamente visto parecer o lampejo do relâmpago em meio a uma massa de nuvens escuras. Aquele herói, firme em verdade, dotado de sabedoria, e sempre dedicado, além disso, à virtude, fez um rio terrível de correnteza violenta, tal como pode ser visto no fim do Yuga, fluir lá. E aquele rio tinha sua fonte na impetuosidade da ira de Drona, e ele era frequentado por multidões de criaturas carnívoras. E os combatentes constituíam as ondas que enchiam toda sua superfície. E guerreiros heróicos constituíram as árvores em suas margens cujas raízes eram constantemente corroídas por sua correnteza. E suas águas era constituídas pelo sangue que era derramado naquela batalha, e carros constituíam seus redemoinhos, e elefantes e corcéis formavam suas margens. E cotas de malha constituíam seus lírios, e a carne de criaturas a lama em seu leito. E a gordura, medula, e ossos (de animais e homens mortos) formavam as areias em sua margem, e proteções para a cabeça (caídas) sua espuma. E a própria batalha que era lutada lá constituía o dossel sobre sua superfície. E lanças constituíam os peixes com os quais ele abundava. E ele era inacessível por causa do grande número de homens (mortos), elefantes, e corcéis (que caíam nele). E o ímpeto das flechas disparadas constituía sua correnteza. E os próprios corpos mortos constituíam a madeira flutuando sobre ele. E carros constituíam suas tartarugas. E cabeças constituíam as pedras espalhadas em suas margens e leito, e cimitarras, seus peixes em profusão. E carros e elefantes

formavam seus lagos. E ele estava enfeitado com muitos adornos. E poderosos guerreiros em carros constituíam suas centenas de pequenos redemoinhos. E o pó de terra constituía suas ondulações. E capaz de ser facilmente cruzado por aqueles possuidores de energia excelente, ele era incapaz de ser cruzado pelos medrosos. E pilhas de corpos mortos constituíam os bancos de areia obstruindo sua navegação. E ele era o retiro de Kankas e urubus e outras aves predadoras. E ele carregava milhares de guerreiros em carros poderosos para a residência de Yama. E lanças compridas constituíam as cobras que o infestavam em profusão. E os combatentes vivos constituíam as aves que se divertiam sobre suas águas. Guarda-sóis rasgados constituíam seus cisnes grandes. Diademas formavam as aves (menores) que o adornavam. Rodas constituíam suas tartarugas, e maças seus jacarés, e flechas seus peixes menores. E ele era o recanto de bandos terríveis de corvos e urubus e chacais. E aquele rio, ó melhor dos reis, carregava às centenas, para a região dos Pitris, as criaturas que eram mortas por Drona em batalha. Obstruído por centenas de corpos (flutuando sobre ele), os cabelos (de guerreiros e animais mortos) constituíam seu musgo e ervas daninhas. Tal era o rio, aumentando os temores dos medrosos, que Drona fez fluir lá."

"E quando Drona estava oprimindo dessa maneira o exército hostil para lá e para cá, os guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira avançaram naquele poderoso guerreiro em carro de todos os lados. Então vendo eles avançando dessa maneira (em direção a Drona), bravos combatentes do teu exército, possuidores de bravura inflexível, avançaram de todos os lados. E a batalha que então se seguiu foi de arrepiar os cabelos. Sakuni, cheio de cem espécies de truques, avançou em direção a Sahadeva, e perfurou o quadrigário do último, e estandarte, e carro, com muitas flechas de pontas afiadas. Sahadeva, no entanto, sem ser muito excitado, cortando o estandarte de Sauvala e arco e motorista do carro e carro, com setas afiadas, perfurou o próprio Sauvala com sessenta flechas. Nisso, o filho de Suvala, pegando uma maça, pulou de seu carro excelente, e com aquela maça, ó rei, ele derrubou o motorista de Sahadeva do carro do último. Então aqueles dois guerreiros heróicos e poderosos, ó monarca, ambos privados de carro, e ambos armados com maça, se exibiram em batalha como dois topos de colinas. Drona, tendo perfurado o soberano dos Panchalas com dez flechas, foi, em retorno, perfurado pelo último com muitas flechas. E o último foi novamente perfurado por Drona com um grande número de flechas. Bhimasena perfurou Vivinsati com setas afiadas. O último, no entanto, assim perfurado, não tremeu, o que pareceu ser muito extraordinário. Vivinsati então, ó monarca, de repente privou Bhimasena de seus corcéis e estandarte e arco. E nisso todas as tropas o veneraram por aquela façanha. O heróico Bhimasena, no entanto, não tolerou aquela demonstração de destreza por seu inimigo em batalha. Com sua maça, portanto, ele matou os corcéis bem treinados de Vivinsati. Então o poderoso Vivinsati, pegando um escudo (e espada) saltou daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, e avançou contra Bhimasena como um elefante enfurecido avançando contra um companheiro enfurecido. O heróico Salya, dando risada, perfurou, como se em brincadeira, seu próprio sobrinho querido, Nakula, com muitas flechas para enfurecê-lo. O corajoso Nakula, no entanto, cortando os corcéis de seu tio e guarda-sol e estandarte e quadrigário e arco naquela batalha,

soprou sua concha. Dhrishtaketu, envolvido em combate com Kripa, cortou diversos tipos de setas disparadas nele pelo último, e então perfurou Kripa com setenta setas. E então ele cortou o emblema do estandarte de Kripa com três setas. Kripa, no entanto, começou a resistir a ele com uma chuva grossa de flechas. E resistindo a ele dessa maneira, o Brahmana continuou lutando com Dhrishtaketu. Satyaki, dando risada, perfurou Kritavarman no centro do peito com uma flecha longa. E perfurando-o então com setenta flechas, ele mais uma vez o perfurou com muitas outras. O guerreiro Bhoja, no entanto, em retorno, perfurou Satyaki com setenta setas de pontas afiadas. Como os ventos correndo rapidamente fracassando em mover uma montanha, Kritavarman foi incapaz de mover Satyaki ou de fazê-lo tremer. Senapati atingiu Susarman profundamente em seus órgãos vitais. Susarman também atingiu seu adversário com uma lança na junta do ombro. Virata, ajudado por seus guerreiros Matsya de grande energia, resistiu ao filho de Vikartana naquela batalha. E aquela façanha (do rei Matsya) pareceu muito admirável. Aquele foi considerado como um ato de grande heroísmo da parte do filho de Suta, no qual ele resistiu sozinho àquele exército inteiro por meio de suas flechas retas. O rei Drupada estava envolvido em combate com Bhagadatta. E a batalha entre aqueles dois guerreiros tornou-se bela de se ver. Aquele touro entre homens, Bhagadatta, perfurou o rei Drupada e seu motorista e estandarte e carro com muitas flechas retas. Então Drupada, cheio de cólera, rapidamente perfurou aquele poderoso guerreiro em carro no peito com uma flecha reta. Aqueles dois principais dos guerreiros sobre a terra, isto é, o filho de Somadatta e Sikhandin, ambos conhecedores de todas as armas, enfrentaram um ao outro em batalha violenta que fez todas as criaturas tremerem de medo. O bravo Bhurisravas, ó rei, cobriu aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Yajnasena, Sikhandin, com uma chuva grossa de setas. Sikhandin então, ó monarca, excitado com cólera, perfurou o filho de Somadatta com noventa flechas, e o fez tremer, ó Bharata. Aqueles Rakshasas de atos terríveis, isto é, o filho de Hidimba e Alamvusha, cada um desejoso de vencer o outro, lutaram muito admiravelmente. Ambos capazes de criar centenas de ilusões, ambos cheios de orgulho, lutaram um com o outro de maneira extraordinária, confiando em seus poderes de ilusão, e cada um desejoso de derrotar o outro. O feroz Chekitana lutou com Anuvinda. Eles corriam sobre o campo, desaparecendo às vezes, e causando grande espanto. Lakshmana lutou ferozmente com Kshatradeva, assim como Vishnu, ó monarca, nos tempos antigos, com o (Asura) Hiranyaksha. Com seus corcéis velozes e sobre seu carro devidamente equipado, Paurava, ó rei, rugiu para Abhimanyu. Dotado de grande poder, Paurava então avançou em Abhimanyu, desejoso de lutar. Então aquele castigador de inimigos, Abhimanyu, lutou ferozmente com aquele inimigo. Paurava cobriu o filho de Subhadra com uma chuva espessa de setas. Nisso, o filho de Arjuna derrubou o estandarte e guarda-sol e arco de seu adversário sobre a terra. Então perfurando Paurava com sete setas, o filho de Subhadra perfurou o motorista e corcéis do último com cinco setas. Alegrando suas tropas dessa maneira, ele então rugiu repetidamente como um leão. Então o filho de Arjuna rapidamente fixou uma seta na corda de seu arco que sem dúvida tiraria a vida de Paurava. Vendo no entanto, aquela seta de aparência terrível fixada na corda do arco de Abhimanyu, o filho de Haridika, com duas flechas, cortou aquele arco e seta. Então aquele matador de heróis hostis, o

filho de Subhadra, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou uma espada brilhante e um escudo. Girando com grande velocidade aquele escudo decorado com muitas estrelas, e girando aquela espada também, ele percorreu o campo, exibindo sua destreza. Girando eles em sua frente, e girando-os no alto, ora os sacudindo e ora ele mesmo saltando para o alto, pela sua maneira de manejar aquelas armas, parecia que (para ele) não havia diferença entre aquelas armas ofensiva e defensiva. Saltando de repente então sobre os varais do carro de Paurava, ele rugiu alto. Subindo em seguida sobre seu carro, ele agarrou Paurava pelo cabelo, e matando enquanto isso com um pontapé o motorista do último, ele derrubou seu estandarte com um golpe de sua espada. E em relação ao próprio Paurava, Abhimanyu o ergueu, como Garuda erguendo uma cobra do fundo do mar agitando as águas. Nisso, todos os reis viram Paurava (sem ação) com cabelo despenteado, e parecendo com um boi privado de seus sentidos a ponto de ser morto por um leão. Vendo Paurava assim prostrado, colocado sob o controle do filho de Arjuna, e arrastado sem ajuda, Jayadratha foi incapaz de tolerar isso. Pegando uma espada como também um escudo que levava o emblema de um pavão e que era enfeitado com cem sinos de tamanho pequeno suspensos em fileiras, Jayadratha pulou de seu carro com um rugido alto. Então o filho de Subhadra (Abhimanyu), vendo o soberano dos Sindhus, deixou Paurava em paz, e lançando-se como um falcão do carro do último, desceu rapidamente no chão. As lanças e machados e cimitarras arremessadas por seus inimigos, o filho de Arjuna cortou por meio de sua espada ou desviou por meio de seu escudo. Assim mostrando para todos os guerreiros a força de seus próprios braços o poderoso [e heróico] Abhimanyu, erguendo novamente sua espada grande e pesada como também seu escudo, procedeu em direção ao filho de Vriddhakshatra que era um inimigo jurado de seu (de Abhimanyu) pai, como um tigre procedendo contra um elefante. Se aproximando eles atacaram alegremente um ao outro com suas espadas como um tigre e um leão com suas patas e dentes. E ninguém podia notar alguma diferença entre aqueles dois leões entre homens quanto a golpes rodopiantes, e descida de suas espadas e escudos. E quanto à descida e ao zunido de suas espadas, e ao desvio dos golpes um do outro, parecia que não havia distinção entre os dois. Correndo belamente em caminhos externos e internos, aqueles dois guerreiros ilustres pareciam ser como duas montanhas aladas. Então Jayadratha golpeou o escudo do renomado Abhimanyu quando o último esticou sua espada para atingi-lo. Então, ó Bharata, a espada grande de Jayadratha fincando-se no escudo de Abhimanyu coberto com chapa dourada, quebrou, quando o soberano dos Sindhus tentou puxá-la à força. Vendo sua espada quebrada, Jayadratha recuou depressa seis passos e foi visto em um piscar de olhos posicionado sobre seu próprio carro. Então o filho de Arjuna também, aquele combate com espada estando terminado, subiu no seu próprio carro excelente. Muitos reis, então, do exército Kuru, se unindo, o cercaram por todos os lados. O filho poderoso de Arjuna, no entanto, olhando para Jayadratha, girou sua espada e escudo, e proferiu um grito alto. Tendo derrotado o soberano dos Sindhus, o filho de Subhadra, aquele matador de heróis hostis, então começou a chamuscar aquela divisão do exército Kaurava como o Sol chamuscando o mundo. Então naquela batalha Salya arremessou nele um dardo ameaçador feito totalmente de ferro, decorado com ouro, e parecendo uma chama

de fogo. Nisso, o filho de Arjuna, saltando para o alto, apoderou-se daquele dardo, como Garuda pegando uma cobra imensa caindo de cima. E tendo-o agarrado dessa maneira, Abhimanyu desembainhou sua espada. Testemunhando a grande presteza e poder daquele guerreiro de energia imensurável, todos os reis juntos proferiram um grito leonino. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, arremessou com a força de seus braços no próprio Salya aquele mesmo dardo grande refulgência, decorado com pedras de lápis lazúli. Parecendo uma cobra que recentemente abandonou sua pele, aquele dardo, alcançando o carro de Salya matou o motorista do último e o derrubou de seu nicho do veículo. Então Virata e Drupada, e Dhristaketu, e Yudhishthira, e Satyaki, e Kekaya, e Bhima, e Dhrishtadyumna, e Sikhandin, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os cinco filhos de Draupadi, todos exclamaram, 'Excelente! Excelente!' E diversos tipos de sons devido ao disparo de flechas, e muitos gritos leoninos, ergueram-se lá, alegrando o filho de Arjuna que não recuava. Teus filhos, no entanto, não puderam tolerar aquelas indicações da vitória de seu inimigo. Então todos eles cercaram de repente o filho de Subhadra e o cobriram, ó rei, com chuvas de setas como as nuvens despejando chuva no leito da montanha. Então aquele matador de inimigos, Artayani (Salya), desejando o bem de teus filhos, e lembrando da derrota de seu próprio motorista, avançou furioso contra o filho de Subhadra.'"

15

"Dhritarashtra disse, 'Tu tens, ó Sanjaya, descrito para mim muitos duelos excelentes. Ouvindo sobre eles, eu invejo aqueles que tem visão. Essa batalha entre os Kurus e os Pandavas, parecendo aquela (de antigamente) entre os deuses e os Asuras, será falada como muito extraordinária por todos os homens. Eu mal estou satisfeito por escutar as tuas narrações dessa batalha excitante. Fale-me, portanto, sobre este combate entre Artayani (Salya) e o filho de Subhadra.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo seu motorista morto, Salya, erguendo uma maça feita totalmente de ferro, pulou enraivecido de seu carro excelente. Bhima, então pegando sua própria maça enorme, avançou rapidamente em direção a Salya que então parecia o resplandecente fogo Yuga ou o próprio Destruidor armado com sua maça. O filho de Subhadra também, pegando uma maça prodigiosa parecendo o raio do céu, dirigiu-se a Salya, dizendo, 'Venha!, Venha!' Bhima, no entanto, com muita pressa, persuadiu-o a ficar de lado. O bravo Bhimasena, então, tendo persuadido o filho de Subhadra a ficar de lado, aproximou-se de Salya em batalha e permaneceu imóvel como uma colina. O soberano poderoso de Madras também, contemplou Bhima, e procedeu em direção a ele como um tigre em direção a um elefante. Então foi ouvido lá o clangor alto de trombetas e conchas às milhares e gritos leoninos, e o som de baterias. E gritos altos de 'Bravo!, Bravo!,' ergueram-se dentre centenas de guerreiros Pandava e Kaurava avançando em direção uns aos outros. Não há ninguém mais entre todos os reis, ó Bharata, salvo o soberano de Madras que possa se arriscar a resistir ao poder de Bhimasena em batalha; similarmente, quem mais exceto Vrikodara, no mundo,

pode ousar suportar o ímpeto da maça do ilustre Salya em batalha? Atada em cordas de cânhamo misturadas com arames de ouro, a maça prodigiosa de Bhima, capaz de encantar por sua beleza todos os observadores, sendo empunhada por ele resplandecia brilhantemente. E da mesma maneira a maça de Salya, também, que corria em círculos belos, parecia com um lampejo brilhante de relâmpago. Ambos rugiam como touros, e ambos corriam em círculos. E ambos Salya e Vrikodara, permanecendo como eles permaneciam, com suas maças levemente inclinadas, pareciam com um par de touros chifrudos. Fosse com relação a correr em círculos ou em girar e golpear com suas maças, o combate que teve lugar entre aqueles dois leões entre homens foi igual de todas as maneiras. Atingida por Bhimasena com sua maça, a maça prodigiosa de Salya, emitindo faíscas de fogo ardentes, logo se partiu em fragmentos. E similarmente, a maça de Bhimasena, atingida pelo inimigo, parecia bela como uma árvore coberta com pirilampos durante a estação das chuvas ao anoitecer. E a maça que o soberano de Madras arremessou naquela batalha, iluminando o céu, ó Bharata, frequentemente fazia faíscas de fogo (voarem em volta). Similarmente, a maça arremessada por Bhimasena no inimigo chamuscava as forças de seu adversário como um meteoro ardente caindo (do céu). E ambas aquelas melhores das maças, batendo uma contra a outra, pareciam cobras suspirando e causavam lampejos de fogo. Como dois tigres grandes atacando um ao outro com suas garras, ou como dois elefantes imensos com suas presas, aqueles poderosos guerreiros correram em círculos, combatendo um ao outro com aquelas duas principais das maças, e logo cobertos com sangue, aqueles dois guerreiros ilustres pareceram se assemelhar com um par de Kinsukas florescentes. E os golpes, altos como o trovão de Indra, das maças manejadas por aqueles dois leões entre homens eram ouvidos por toda parte. Golpeado pelo soberano de Madras com sua maça em ambos os lados, esquerdo e direito, Bhima não se moveu de modo algum, como uma colina atingida pelo raio. Da mesma maneira, o soberano poderoso de Madras, golpeado por Bhima com sua maça, permaneceu imóvel pacientemente como uma colina golpeada pelo raio. Ambos, com maças erguidas, dotados como eles eram de grande ímpeto, lançaram-se um sobre o outro, correndo em círculos mais curtos. Aproximando-se rapidamente um do outro, então por oito passos e se lançando um sobre o outro como dois elefantes, eles de repente golpearam um ao outro com aquelas maças feitas totalmente de ferro. E cada um daqueles heróis, por causa da impetuosidade do outro e da violência, sendo atingidos pela maça um do outro, caíram no mesmo instante de tempo como um par de postes de Indra. Então o poderoso guerreiro em carro Kritavarman se aproximou rapidamente de Salya que, privado de seus sentidos, estava respirando com dificuldade quando jazia sobre o campo. E vendo-o, ó rei, atingido violentamente pela maça, e torcendo-se como uma cobra, e privado de seus sentidos em um desmaio, o poderoso guerreiro em carro Kritavarman, colocando-o sobre seu carro, rapidamente levou o soberano de Madras para longe do campo. Cambaleando como um homem bêbado, o heróico Bhima de braços poderosos, se levantando em um piscar de olhos, permaneceu com maça na mão. Teus filhos então, vendo o soberano dos Madras se dirigir para longe da batalha, começaram, ó majestade, a tremer, junto com seus elefantes, e soldados de infantaria, e cavalaria, e carros. Oprimidos então pelos Pandavas desejosos de

vitória, aqueles guerreiros do teu exército, tomados pelo medo, fugiram em todas as direções, como massas de nuvens expulsas pelo vento. E aqueles poderosos guerreiros em carros, os Pandavas, tendo vencido os Dhritarashtras, pareciam resplandecentes naquela batalha, ó rei, como fogos ardentes. E eles proferiram altos rugidos leoninos, e sopraram suas conchas, rejubilados com alegria. E eles tocaram suas baterias, grandes e pequenas, e pratos e outros instrumentos.'"

16

"Sanjaya disse, 'Contemplando aquele teu exército muito dividido, o bravo Vrishasena, sozinho, começou a protegê-lo, ó rei, mostrando a ilusão de suas armas. Disparadas por Vrishasena naquela batalha, milhares de flechas correram em todas as direções, atravessando homens e corcéis e carros e elefantes. Setas poderosas, de refulgência brilhante, atiradas por ele, corriam às milhares, como os raios, ó monarca, do sol no verão. Afligidos e oprimidos por elas, ó rei, guerreiros em carros e cavaleiros caíam de repente sobre a terra, como árvores quebradas pelo vento. O poderoso guerreiro em carro Vrishasena, ó rei, derrubou grandes grupos de corcéis, de carros e de elefantes, naquela batalha, aos milhares. Vendo aquele único guerreiro percorrendo o campo destemidamente, todos os reis (do exército Pandava) se reunindo, o cercaram por todos os lados. O filho de Nakula, Satanika, avançou em Vrishasena e perfurou-o com dez setas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. O filho de Karna, no entanto, cortando seu arco, derrubou então seu estandarte. Nisso, os outros filhos de Draupadi, desejosos de resgatar aquele irmão deles, avançaram nele. E logo eles tornaram o filho de Karna invisível por meio de suas chuvas de flechas. Contra eles que atacavam assim (o filho de Karna), muitos guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Drona (Aswatthama) avançaram. E eles, ó monarca, cobriram rapidamente aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, com diversos tipos de flechas como nuvens derramando chuva em leitos de montanha. Nisso os Pandavas, por afeição por seus filhos, enfrentaram rapidamente aqueles atacantes. A batalha então que ocorreu entre tuas tropas e aquelas dos Pandavas foi extremamente violenta e de arrepiar os cabelos, parecendo como parecia com aquela entre os Deuses e os Danavas. Assim mesmo os heróicos Kauravas e os Pandavas, excitados com raiva, lutaram, olhando uns para os outros (furiosamente) e tendo atraído a animosidade uns dos outros por ofensas passadas. Os corpos daqueles heróis de energia incomensurável então pareciam, em consequência da fúria (que os inspirava), se assemelhar com aqueles de Garuda e (poderosos) Nagas lutando no céu. E com Bhima e Karna e Kripa e Drona e o filho de Drona e o filho de Prishata e Satyaki, o campo de batalha parecia resplandecente como o sol todo-destrutivo que se eleva no fim do Yuga. A batalha que ocorreu entre aqueles homens poderosos envolvidos em combate com adversários poderosos e todos atacando uns aos outros foi feroz ao extremo, parecendo aquela (de antigamente) entre os Danavas e os deuses. Então a hoste de Yudhishthira, proferindo um grito alto como aquele do mar agitado, começou a massacrar tuas tropas, os grandes guerreiros em carros do teu exército tendo

fugido. Vendo a hoste (Kaurava) dividida e muito mutilada pelo inimigo, Drona disse, 'Ó heróis, vocês não precisam fugir.' Então ele (Drona) possuindo cavalos vermelhos, excitado com cólera e parecendo um elefante (feroz) com quatro presas, penetrou na hoste Pandava e avançou contra Yudhishthira. Então Yudhishthira perfurou o preceptor com muitas setas afiadas providas de penas Kanka; Drona, no entanto, cortando o arco de Yudhishthira, avançou impetuosamente nele. Então o protetor das rodas do carro de Yudhishthira, Kumara, o príncipe renomado dos Panchalas, recebeu Drona que avançava, como o continente recebendo o mar agitado. Vendo Drona, aquele touro entre os Brahmanas, mantido sob controle por Kumara, altos brados leoninos foram ouvidos lá com gritos de 'Excelente, Excelente!' Kumara então, naquela batalha magnífica, excitado com raiva, perfurou Drona com uma seta no peito e proferiu muitos gritos leoninos. Tendo detido Drona em batalha, o poderoso Kumara, dotado de grande agilidade de mão, e além de toda fadiga, perfurou-o com muitos milhares de setas. Então aquele touro entre homens (Drona) matou aquele protetor das rodas do carro de Yudhishthira, Kumara, aquele herói cumpridor de votos virtuosos e talentoso em mantras e armas. E então penetrando no meio da hoste (Pandava) e correndo rapidamente em todas as direções, aquele touro entre homens, o filho de Bharadwaja, tornou-se o protetor das tuas tropas. E perfurando Sikhandin com doze setas, e Uttamaujas com vinte, e Nakula com cinco, e Sahadeva com sete, e Yudhishthira com doze, e cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com três, e Satyaki com cinco, e o soberano de Matsyas com dez setas, e agitando a hoste inteira naquela batalha, ele avançou contra um após outro dos guerreiros principais (dos Pandavas). E então ele avançou contra o filho de Kunti, Yudhishthira, pelo desejo de capturá-lo. Então Yugandhara, ó rei, reprimiu o filho de Bharadwaja, aquele poderoso guerreiro em carro, cheio de fúria e parecendo o próprio oceano incitado à fúria pela tempestade. O filho de Bharadwaja, no entanto, tendo perfurado Yudhishthira com muitas setas retas, derrubou Yugandhara com uma flecha de cabeça larga de seu nicho no carro. Então, Virata e Drupada, e os príncipes Kaikeya, e Satyaki, e Sivi, e Vyaghradatta, o príncipe dos Panchalas, e o bravo Singhasena, esses e muitos outros, desejosos de resgatar Yudhishthira, cercaram Drona por todos os lados e impediram seu caminho, espalhando inúmeras setas. Vyaghradatta, o príncipe dos Panchalas, perfurou Drona com cinquenta setas de pontas afiadas, pelo que, ó rei, as tropas proferiram gritos altos. Então Singhasena também, perfurando rapidamente aquele poderoso guerreiro em carro, Drona, rugiu alto em alegria, infligindo terror nos corações de poderosos guerreiros em carros; Drona então arregalando seus olhos e esfregando a corda de seu arco e produzindo um som alto de tapas com suas palmas, avançou contra o último. Então o filho poderoso de Bharadwaja, empregando sua destreza, cortou com um par de flechas de cabeça larga as cabeças enfeitadas com brincos dos troncos de ambos: Singhasena e Vyaghradatta. E afligindo também, com suas chuvas de flechas, os outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ele permaneceu na frente do carro de Yudhishthira, como a própria Morte todo-destrutiva. Então, ó rei, gritos altos foram ouvidos entre os guerreiros do exército de Yudhishthira neste sentido, 'O rei está morto', quando o filho de Bharadwaja, de votos regulados, permaneceu em sua vizinhança. E os guerreiros lá todos exclamaram, observando a destreza de

Drona, 'Hoje o filho nobre de Dhritarashtra será coroado com êxito. Nesse exato momento Drona tendo capturado Yudhishthira, irá, cheio de alegria, seguramente vir até nós e à presença de Duryodhana.' Enquanto teus soldados estavam conversando dessa maneira, o filho de Kunti (Arjuna) chegou lá rapidamente, enchendo (o firmamento) com o estrépito de seu carro, e criando, conforme se aproximava, devido à carnificina que ele causava, um rio cujas águas eram sangue, e cujos redemoinhos eram carros, e que abundava com os ossos e corpos de bravos guerreiros e que levava as criaturas para onde os espíritos dos mortos moravam. E o filho de Pandu foi lá, desbaratando os Kurus, e cruzando rapidamente aquele rio cuja espuma era constituída por chuvas de setas e que abundava com peixes na forma de lanças e outras armas. E o enfeitado com diadema (Arjuna) se aproximou de repente das divisões de Drona, cobrindo-as com uma grossa rede de flechas e confundindo a própria percepção (daqueles que seguiam Drona). Incessantemente colocando suas flechas na corda do arco e disparando-as rapidamente, ninguém podia notar qualquer lapso de tempo entre essas duas ações do filho renomado de Kunti. Nem as (quatro) direções (cardeais), nem o firmamento acima, nem a terra, ó rei, podiam mais ser distinguidos, pois tudo então se tornou uma massa densa de flechas. De fato, ó rei, quando o manejador do Gandiva causou aquela escuridão densa por meio de suas flechas, nada podia ser visto naquela batalha. Exatamente naquele momento então o sol também se pôs, envolvido em uma nuvem de poeira. Nem amigo nem inimigo podia mais ser distinguido. Então Drona e Duryodhana e outros causaram a retirada de suas tropas. E averiguando que o inimigo estava inspirado com medo e não desejoso de continuar a luta, Vibhatsu também lentamente fez suas tropas serem retiradas. Então os Pandavas e os Srinjayas e os Panchalas, cheios de alegria, elogiaram Partha com discursos encantadores como os Rishis louvando o Sol. Tendo vencido seus inimigos dessa maneira, Dhananjaya então, cheio de alegria, se retirou para sua tenda, procedendo na retaguarda do exército inteiro, com Kesava como seu companheiro. E posicionado sobre seu carro belo decorado com os mais caros exemplares de safiras e rubis e ouro e prata e diamantes e corais e cristais, o filho de Pandu parecia resplandecente como a lua no céu coberto com estrelas.'"

17

"Sanjaya disse, 'As tropas de ambos os exércitos, tendo procedido para suas tendas, tomaram seus alojamentos devidamente, ó rei, de acordo com as divisões e subdivisões às quais elas pertenciam. Tendo retirado as tropas, Drona, em grande desânimo de mente, vendo Duryodhana, lhe disse essas palavras em vergonha: 'Eu te disse antes que quando Dhananjaya está ao lado de Yudhishthira, ele é incapaz de ser capturado em batalha pelos próprios deuses. Embora todos vocês tenham se lançado sobre ele em batalha, ainda assim Partha frustrou todas as suas tentativas. Não duvide do que eu digo, Krishna e o filho de Pandu (Arjuna) são invencíveis. Se, no entanto, Arjuna de corcéis brancos puder, de alguma maneira, ser retirado (do lado de Yudhishthira), então Yudhishthira, ó rei, logo estará sob teu controle. Que alguém desafiando a ele (Arjuna) em batalha

o afaste para alguma outra parte do campo. O filho de Kunti não voltará sem derrotá-lo. Enquanto isso, quando Arjuna não estiver perto, ó monarca, eu apanharei o rei Yudhishthira o justo, penetrando através da hoste Pandava na própria vista de Dhrishtadyumna. Assim, ó monarca, eu irei, sem dúvida, trazer Yudhishthira, o filho de Dharma, junto com seus seguidores, sob controle. Se aquele filho de Pandu ficar mesmo por um momento diante de mim em batalha, eu irei trazê-lo um prisioneiro do campo. Esse feito será mais vantajoso do que a vitória (sobre o exército Pandava).'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo aquelas palavras de Drona, o soberano dos Trigartas, ó monarca, com seus irmãos, disse essas palavras: 'Nós, ó rei, somos sempre humilhados pelo manejador do Gandiva! Ó touro da raça Bharata, embora nós não tenhamos feito mal a ele, ele contudo sempre nos prejudicou. Lembrando de todos aqueles diversos casos de humilhação, nós queimamos de raiva e nunca somos capazes de dormir à noite. Por boa sorte, aquele Arjuna, armado com armas, ficará diante de nós. Aquilo portanto, que está em nosso coração e que nós nos esforçamos para executar, nós estamos decididos a realizar agora, aquilo que será agradável para ti, e que nos trará renome. Tirando ele do campo nós o mataremos. Que a terra fique hoje sem Arjuna ou que ela fique sem os Trigartas. Nós realmente juramos isso diante de ti. Esse nosso voto nunca será falso.' E Satyaratha e Satyavarman, ó Bharata, e Satyavrata e Satyeshu, e Satyakarman também, tendo falado da mesma maneira, aqueles cinco irmãos juntos, com dez mil carros, foram, ó rei, (diante de Duryodhana), tendo feito aquele juramento no campo de batalha. E os Malavas, e os Tundikeras com mil carros, e o tigre entre homens, Susarman, o soberano de Prasthala, com os Mavellakas, os Lalithas, e os Madrakas, acompanhados por dez mil carros e seus irmãos, e com outros dez mil carros de reinos diversos se apresentaram para fazer o juramento. Então trazendo fogo, e cada um fazendo preparativos para acender um para si mesmo, eles pegaram cordas de erva Kusa e belas cotas de malha. E equipados em armaduras, banhados em manteiga clarificada, vestidos em mantos de erva Kusa, e com as cordas de seus arcos servindo como cintos, aqueles heróis, que tinham doado centenas e milhares como presentes para Brahmanas, que tinham realizado muitos sacrifícios, tinham sido abençoados com filhos, e eram merecedores de regiões abençoadas após a morte, que não tinham nada mais para fazer nesse mundo, que eram dignos de regiões de bem aventurança futuramente, que estavam preparados para sacrificar suas vidas em batalha, e que dedicavam suas almas à obtenção de fama e vitória, que estavam desejosos de ir logo por meio de luta justa para aquelas regiões (após a morte) que são alcançáveis somente por meio de sacrifícios, com presentes abundantes para Brahmanas, e por meio também de ritos, os principais entre os quais são Brahmacharya e estudo dos Vedas, aqueles heróis, tendo cada um gratificado Brahmanas por lhes dar ouro, e vacas, e mantos, e tendo se dirigido uns aos outros em palavras afetuosas, acenderam aqueles fogos e fizeram aquela promessa em batalha. E na presença daqueles fogos, firmemente decididos, eles fizeram aquele voto. E tendo feito aquele voto para a morte de Dhananjaya, eles, na audição de criaturas, disseram muito ruidosamente, 'Aquelas regiões que são para pessoas que nunca adotaram quaisquer votos, que são para alguém que

bebe vinho, aquelas que são para aquele que tem relação adúltera com a esposa de seu preceptor, aquelas que são para ele que rouba a propriedade de um Brahmana, ou para aquele que desfruta da concessão do rei sem satisfazer a condição daquela concessão ou para aquele que abandona alguém que pede por abrigo, ou para aquele que mata um candidato para seu benefício, aquelas que são para pessoas que incendeiam casas e para aquelas que matam vacas, aquelas regiões que são para aqueles que prejudicam outros, aquelas que não para pessoas que nutrem malícia contra Brahmanas, aquelas que são para ele que por insensatez não procura a companhia de sua esposa em sua época, aquelas também que são para aqueles que procuram a companhia de mulheres no dia em que eles tem que realizar o Sraddha de seus ancestrais, aquelas que são para pessoas que ferem a si mesmas, ou para aquelas que sonegam o que é depositado com elas por confiança ou para aqueles que destroem o saber, ou para aqueles que lutam com eunucos, ou para aqueles que seguem pessoas que são vis, aquelas regiões que são para ateus, ou para aqueles que abandonam seus fogos (sagrados) e mães, e aquelas regiões também que são para os pecaminosos, serão nossas, se sem matarmos Dhananjaya nós voltarmos do campo, ou se, oprimidos por ele no campo, nós retrocedermos por medo. Se, além disso, nós conseguirmos realizar em batalha as façanhas mais difíceis de realização no mundo, nós iremos então, sem dúvida, obter as regiões mais desejáveis.' Tendo dito essas palavras, ó rei, aqueles heróis então marcharam para a batalha, convocando Arjuna para a parte sul do campo. Aquele tigre entre homens e subjugador de cidades hostis, Arjuna, assim desafiado por eles, disse essas palavras para o rei Yudhishthira o Justo sem qualquer demora: 'Convocado, eu nunca volto atrás. Esse é meu voto fixo. Esses homens, que juraram conquistar ou morrer, estão me convocando, ó rei, para uma grande batalha. Este Susarman aqui, com seus irmãos, me convoca para lutar. Cabe a ti me conceder permissão para matá-lo, com todos os seus seguidores. Ó touro entre homens, eu não posso tolerar esse desafio. Eu te digo realmente, saiba que estes inimigos (já) estão mortos em batalha.'"

"Yudhishthira disse, 'Tu ouviste, ó filho, em detalhes, o que Drona resolveu realizar. Aja de tal maneira que aquela resolução dele possa se tornar inútil. Drona é dotado de grande poder. Ele é um herói, talentoso em armas, e além de fadiga. Ó poderoso guerreiro em carro, ele mesmo prometeu minha captura.'"

"Arjuna disse, 'Este Satyajit, ó rei, irá hoje se tornar teu protetor em batalha. Enquanto Satyajit viver, o preceptor nunca poderá realizar seu desejo. Se, no entanto, ó senhor, este tigre entre homens, Satyajit, for morto em batalha, tu não deverás então permanecer no campo mesmo se cercado por todos os nossos guerreiros.'"

"'Sanjaya continuou, 'O rei Yudhishthira então deu (para Arjuna) a permissão que ele buscava. E ele também abraçou Arjuna e olhou-o afetuosamente. E diversas foram as bênçãos que o rei proferiu sobre ele. Tendo feito este arranjo (para a proteção de Yudhishthira) o poderoso Partha partiu contra os Trigartas, como um leão faminto, para aliviar sua fome sobre um bando de veados. Então as tropas de Duryodhana, cheias de alegria por causa da ausência de Arjuna (do lado

de Yudhishthira), se tornaram furiosas para a captura de Yudhishthira. Então ambas as hostes, com uma grande impetuosidade, enfrentaram uma à outra, como o Ganga e o Sarayu na estação das chuvas quando ambas as correntes estão cheias com água.'"

18

"Sanjaya disse, 'Os Samsaptakas (soldados que juraram conquistar ou morrer), então, cheios de alegria, tomaram sua posição em um campo plano, tendo, com seus carros, formado uma ordem de batalha em forma de meia-lua. E aqueles tigres entre homens, vendo o enfeitado com diadema (Arjuna) indo em direção a eles, estavam, ó majestade, cheios de alegria e proferiram gritos altos. Aquele barulho encheu o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários. E porque aquela era uma planície aberta coberta somente com homens, ele não produziu ecos. Averiguando que eles estavam muito satisfeitos, Dhananjaya, com um pequeno sorriso, disse essas palavras para Krishna: 'Veja, ó tu que tens Devaki como tua mãe, aqueles irmãos Trigarta, que estão prestes a perecer em batalha, estão cheios de alegria em um momento quando eles devem chorar. Ou, essa é, sem dúvida, a hora de alegria (para eles) já que eles obterão aquelas regiões excelentes que não são obteníveis por covardes.' Tendo dito essas palavras para Hrishikesa de braços poderosos, Arjuna se aproximou das tropas organizadas dos Trigartas em batalha. Pegando então sua concha chamada Devadatta decorada com ouro, ele soprou-a com grande força, enchendo todos os pontos da bússola com seu clangor. Apavorada por aquele clangor, aquela hoste de carros dos Samsaptakas permaneceu imóvel em batalha, como se ela estivesse petrificada. E todos os seus animais ficaram com olhos arregalados, ouvidos e pescoços e lábios paralisados, e pernas imóveis. E eles expeliram urina e vomitaram sangue. Recuperando a consciência então, e colocando suas tropas em ordem apropriada, eles de repente dispararam suas flechas no filho de Pandu. Capaz de mostrar sua destreza com grande velocidade, Arjuna, com quinze flechas cortou aquelas milhares de flechas antes que elas pudessem alcançá-lo. Eles então perfuraram Arjuna, cada um com dez setas. Partha os perfurou com três setas. Então cada um deles, ó rei, perfurou Partha com cinco setas. Dotado de grande destreza, ele perfurou cada um deles em retorno com duas setas. E, novamente, cheios de cólera, eles rapidamente despejaram sobre Arjuna e Kesava inúmeras flechas como as nuvens despejando sobre um lago suas chuvas incessantes. Então aquelas milhares de flechas caíram sobre Arjuna, como enxames de abelhas sobre um grupo florescente de árvores na floresta. Então o diadema de Arjuna foi profundamente perfurado com trinta flechas, dotadas da força do diamante. Com aquelas flechas providas de asas de ouro fixadas em seu diadema, Arjuna, como se enfeitado com ornamentos de ouro, brilhava como o Sol (recém) surgido. O filho de Pandu então, naquela batalha, com uma flecha de cabeça larga, cortou a proteção de couro de Suvahu, e cobriu Sudharman e Sudhanwan, e Suvahu perfurou Partha com dez setas. Partha, tendo o excelente emblema do macaco em seu estandarte, perfurou todos eles em retorno com muitas setas, e também cortou, com algumas flechas de cabeça larga, seus

estandartes feitos de ouro. E cortando o arco de Sudhanwan, ele matou com suas setas os corcéis do último. E então ele cortou de seu tronco a cabeça do último enfeitada com turbante. Após a queda daquele herói, seus seguidores ficaram apavorados. E tomados pelo pânico, eles todos fugiram para onde os exércitos de Duryodhana estavam. Então o filho de Vasava, cheio de ira, atingiu aquela hoste imensa com chuvas incessantes de setas, como o sol destruindo a escuridão por meio de seus raios incessantes. Então quando aquela hoste se dividiu e desapareceu em todos os lados, e Arjuna estava cheio com ira, os Trigartas foram tomados pelo medo. Enquanto eram massacrados por Partha com suas flechas retas, eles permaneceram onde eles estavam, privados de sua razão, como um bando de veados apavorados. Então o rei dos Trigartas, cheio de raiva, dirigiu-se àqueles poderosos guerreiros em carros, dizendo, 'Não fujam, ó heróis! Não cabe a vocês ficarem assustados. Tendo, diante de todas as tropas, tomado aquelas medidas terríveis, dirigindo-se para lá, o que vocês dirão para os líderes da hoste de Duryodhana? Nós não iremos nos expor ao ridículo no mundo por tal ação (covarde) em batalha? Portanto, parem vocês todos, e lutem segundo sua força.' Assim endereçados, ó rei, aqueles heróis, proferindo gritos altos repetidamente, sopraram suas conchas, alegrando uns aos outros. Então aqueles Samsaptakas mais uma vez voltaram para o campo, com os vaqueiros Narayana, decididos a enfrentar a própria Morte.'"

19

"Sanjaya disse, 'Vendo aqueles Samsaptakas retornarem mais uma vez para o campo, Arjuna dirigiu-se a Vasudeva de grande alma, dizendo, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, em direção aos Samsaptakas. Eles não desistirão da batalha vivos. Isso é o que eu penso. Hoje tu testemunharás o poder terrível de minhas armas como também do meu arco. Hoje eu matarei todos esses, como Rudra matando criaturas (no fim do Yuga).' Ouvindo essas palavras, o invencível Krishna sorriu, e o alegrando com palavras auspiciosas, conduziu Arjuna para aqueles lugares onde o último desejava ir. Enquanto levado em batalha por aqueles corcéis brancos, aquele carro parecia muito resplandecente como um carro celeste levado pelo firmamento. E como o carro de Sakra, ó rei, na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados, ele mostrava movimentos circulares, para frente, para trás, e diversos outros tipos de movimentos. Então os Narayanas, excitados com cólera e armados com diversas armas, cercaram Dhananjaya, cobrindo-o com chuvas de setas. E, ó touro da raça Bharata, eles logo fizeram o filho de Kunti, Dhananjaya, junto com Krishna, totalmente invisível naquela batalha. Então Phalguni, cheio de ira, dobrou sua energia, e esfregando rapidamente sua corda, agarrou o Gandiva (firmemente) na batalha. Fazendo rugas se formarem em sua fronte, indicações certas de cólera, o filho de Pandu soprou sua prodigiosa concha, chamada Devadatta, e então ele disparou a arma chamada Tvashtra que é capaz de matar grandes grupos de inimigos juntos. Nisso, milhares de formas separadas surgiram lá (do próprio Arjuna e de Vasudeva). Confundidas por aquelas diversas imagens da forma de Arjuna, as tropas começaram atacar umas às outras, cada uma considerando a outra como a pessoa de Arjuna.' 'Esse é

Arjuna!' 'Esse é Govinda!' 'Eles são o filho Pandu e aquele da linhagem de Yadu!' Proferindo tais exclamações, e privados de seu juízo, eles mataram uns aos outros naquela batalha. Privados de sua razão por aquela arma poderosa, eles mataram uns aos outros. De fato, aqueles guerreiros (enquanto golpeando uns aos outros) pareciam belos como Kinsukas florescentes. Consumindo aquelas milhares de flechas disparadas por eles, aquela arma (poderosa) despachou aqueles heróis para a residência de Yama. Então Vibhatsu, rindo, oprimiu com suas flechas os guerreiros Lalithya, os Malava, os Mavellaka, e os Trigartas. Enquanto aqueles Kshatriyas, instigados pelo destino, eram assim massacrados por aquele herói, eles dispararam em Partha chuvas de diversas espécies de setas. Submersos por aquelas chuvas terríveis de setas, nem Arjuna, nem seu carro, nem Kesava, podiam mais ser vistos. Vendo suas flechas atingirem o alvo, eles proferiram gritos alegres. E considerando os dois Krishnas como já mortos, eles alegremente acenaram suas peças de roupa no ar. E aqueles heróis também sopraram suas conchas e bateram suas baterias e pratos aos milhares, e proferiram muitos gritos leoninos, ó majestade! Então Krishna, coberto com suor, e muito enfraquecido, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Onde tu estás, ó Partha! Eu não te vejo. Tu estás vivo, ó matador de inimigos?' Ouvindo essas palavras dele, Dhananjaya dissipou com grande velocidade, por meio da arma Vayavya, aquela torrente de flechas disparada por seus inimigos. Então o ilustre Vayu (a divindade que preside aquela arma poderosa) levou para longe multidões de Samsaptakas com cavalos e elefantes e carros e armas, como se esses fossem folhas secas de árvores. Levados pelo vento, ó rei, eles pareciam muito belos, como bandos de aves, ó monarca, voando de árvores. Então Dhananjaya, tendo afligido eles dessa maneira, com grande velocidade atingiu centenas e milhares deles com flechas afiadas. E ele cortou suas cabeças e também mãos segurando armas, por meio de suas flechas de cabeça larga. E ele derrubou no chão, com suas flechas, suas coxas, parecendo as trombas de elefantes. E alguns foram feridos em suas costas, braços e olhos. E assim Dhananjaya privou seus inimigos de diversos membros, e carros decorados e equipados de acordo com o regulamento, e parecendo com os edifícios de vapor no firmamento, ele cortou em fragmentos, por meio de suas flechas, seus passageiros e cavalos e elefantes. E em muitos lugares multidões de carros, cujos estandartes tinham sido cortados, pareciam com florestas de palmeiras sem cabeça. E elefantes com armas excelentes, pendões, ganchos, e estandartes caíam como montanhas arborizadas, partidas pelo raio de Sakra. Ornados com rabos parecidos com aqueles do iaque, e cobertos com cotas de malha, e com suas entranhas e olhos arrancados, corcéis junto com seus cavaleiros rolavam no chão, mortos por meio das flechas de Partha. Não mais segurando em seus punhos as espadas que tinham servido como suas garras, com suas cotas de malha rasgadas, e as juntas de seus ossos quebradas, soldados de infantaria com seus membros vitais expostos jaziam sem auxílio sobre o campo, mortos por meio das flechas de Arjuna. E o campo de batalha assumiu um aspecto horrível por causa daqueles guerreiros mortos, ou no decurso de serem mortos, caindo e caídos, resistindo ou no decurso de serem atirados. E o ar foi purificado do pó que tinha se erguido, por meio das chuvas de sangue (causadas pelas flechas Arjuna). E a terra, coberta com centenas de troncos sem cabeça, ficou intransitável. E o carro de Vibhatsu naquela batalha

brilhava ameaçadoramente como o carro do próprio Rudra, enquanto empenhado no fim do Yuga em destruir todas as criaturas. Enquanto massacrados assim por Partha, aqueles guerreiros, com seus corcéis e carros e elefantes em grande aflição, não paravam de avançar contra ele; no entanto, privados de vida um após outro, eles tiveram que se tornar os convidados de Sakra. Então o campo de batalha, ó chefe dos Bharatas, coberto com poderosos guerreiros em carros privados de vida, pareceu terrível como os domínios de Yama, abundando com os espíritos das criaturas mortas. Enquanto isso, quando Arjuna estava furiosamente envolvido em combate (com os Samsaptakas), Drona, na chefia de suas tropas em formação para a batalha, avançou contra Yudhishthira, e muitos guerreiros, talentosos em atacar e devidamente organizados, o seguiram, influenciados pelo desejo de capturar Yudhishthira. A batalha que então se seguiu tornou-se muito violenta.'"

20

"Sanjaya disse, 'Tendo passado a noite, aquele guerreiro em carro poderoso, o filho de Bharadwaja, dirigiu-se a Suyodhana, ó monarca, dizendo, 'Eu sou teu! Eu fiz arranjos para o combate de Partha com os Samsaptakas.' Depois que Partha partiu para matar os Samsaptakas, Drona então, na chefia de suas tropas organizadas para a batalha, procedeu, ó chefe dos Bharatas, para capturar o rei Yudhishthira o justo. Vendo que Drona tinha organizado suas tropas na forma de um Garuda, Yudhishthira dispôs suas tropas em ordem batalha contrária na forma de um semicírculo. Na boca daquele Garuda estava o próprio poderoso guerreiro em carro Drona. E sua cabeça era formada pelo rei Duryodhana, circundado por seus irmãos. E Kritavarman e o ilustre Kripa formaram os dois olhos daquele Garuda. E Bhutasarman, e Kshemasarman, e o bravo Karakaksha, e os Kalingas, os Singhalas, os habitantes do Leste, os Sudras, os Abhiras, os Daserakas, os Sakas, os Yavanas, os Kamvojas, os Hangsapadas, os Surasenas, os Daradas, os Madras, e os Kalikeyas, com centenas e milhares de elefantes, corcéis, carros, e soldados de infantaria estavam posicionados em seu pescoço. E Bhurisravah, e Salya, e Somadatta, e Valhika, esses heróis, cercados por um Akshauhini completo, tomaram sua posição na asa direita. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas se colocaram na asa esquerda na dianteira, no entanto, do filho de Drona Aswatthaman. Nas costas (daquele Garuda) estavam os Kalingas, os Amvashthas, os Magadhas, os Paundras, os Madrakas, os Gandharas, os Sakunas, os habitantes do Leste, os Montanheses, e os Vasatis. No rabo permaneceu o filho de Vikartana, Karna, com seus filhos, parentes e amigos, e cercados por um grande exército recrutado de diversos reinos, Jayadratha, e Bhimaratha, e Sampati, e os Jays, e os Bhojas, e Bhuminjaya, e Vrisha, e Kratha, e o soberano poderoso dos Nishadhas, todos habilidosos em batalha, cercados por uma hoste grande e mantendo a região de Brahma diante de seus olhos, permaneceram, ó rei, no centro daquela formação de combate. Aquela formação de combate, formada por Drona, por causa de seus soldados de infantaria, corcéis, carros e elefantes, parecia se mover como o oceano agitado pela tempestade (quanto ela avançou para a batalha). Guerreiros,

desejosos de lutar, começaram a se por em marcha das asas e lados daquela formação de combate, como nuvens ribombantes carregadas com relâmpago avançando de todos os lados (no céu) no verão. E no meio daquele exército, o soberano dos Pragjyotishas, montado em seu elefante devidamente equipado, parecia resplandecente, ó rei, como o sol nascente. Enfeitado, ó monarca, com guirlandas de flores, e com um guarda-sol mantido sobre sua cabeça, ele parecia com a lua cheia quando em conjunção com a constelação Krittika. E cegado pela exsudação semelhante a vinho, o elefante, parecendo com uma massa de antimônio preto, brilhava como uma montanha enorme lavada por nuvens poderosas (com suas chuvas). E o soberano dos Pragjyotishas estava cercado por muitos reis heróicos dos países montanhosos, armados com diversas armas, como o próprio Sakra cercado pelos celestiais. Então Yudhishthira, contemplando aquela ordem de batalha sobre-humana incapaz de ser vencida por inimigos em batalha, dirigiu-se ao filho de Prishata, dizendo, 'Ó senhor, ó tu que possuis corcéis brancos como pombos, que sejam adotadas medidas para que eu não seja feito prisioneiro pelo Brahmana.'"

"Dhrishtadyumna disse, 'Ó tu de votos excelentes, tu nunca serás colocado sob o poder de Drona, por mais que ele possa se esforçar. Eu mesmo deterei Drona hoje com todos os seus seguidores. Enquanto eu estiver vivo, ó tu da linhagem de Kuru, cabe a ti não sentir qualquer ansiedade. De modo algum Drona será capaz de me subjugar em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, o filho poderoso de Drupada possuindo corcéis da cor de pombos, espalhando suas flechas, avançou ele mesmo em Drona. Vendo aquele mau presságio (para ele) na forma de Dhrishtadyumna posicionado diante dele, Drona logo ficou muito desanimado. Vendo isso, aquele opressor de inimigos, isto é, teu filho Durmukha, desejoso de fazer o que era agradável para Drona, começou a resistir a Dhrishtadyumna. Então uma batalha terrível e violenta ocorreu, ó Bharata, entre o bravo filho de Prishata e teu filho Durmukha. Então o filho de Prishata, rapidamente cobrindo Durmukha com uma chuva de flechas, deteve o filho de Bharadwaja também com uma torrente grossa de flechas. Vendo Drona reprimido, teu filho Durmukha avançou rapidamente no filho de Prishata e confundiu-o com nuvens de setas de diversos tipos. E enquanto o príncipe dos Panchalas e aquele principal da linhagem de Kuru estavam assim engajados na batalha, Drona destruía muitas seções da hoste de Yudhishthira. Como uma massa de nuvens é dispersa em diferentes direções pelo vento, assim mesmo foi a hoste de Yudhishthira, em muitas partes do campo, espalhada por Drona. Por somente um tempo curto aquela batalha pareceu com um combate comum. E então, ó rei, ela se tornou um combate de pessoas enfurecidas no qual nenhuma consideração era mostrada por alguém. E os combatentes não podiam mais distinguir seus próprios homens do inimigo. E a batalha continuou devastadora, os guerreiros sendo guiados por inferências e senhas. Sobre as pedras preciosas em suas proteções para a cabeça, sobre seus colares e outros ornamentos, e sobre cotas de malha, raios de luz como aqueles do Sol pareciam cair e tremular. E carros e elefantes e corcéis, enfeitados com pendões ondulantes, pareciam naquela batalha se assemelhar a

massas de nuvens com bandos de garças sob eles. E homens matavam homens, e corcéis de vigor impetuoso matavam corcéis, e guerreiros em carros matavam guerreiros em carros e elefantes matavam elefantes. E logo um combate violento e terrível ocorreu entre elefantes com estandartes altos em suas costas e iguais poderosos (avançando contra eles). Por causa daquelas criaturas enormes friccionando seus corpos contra aqueles de iguais hostis e rasgando uns aos outros (com suas presas), fogos misturados com fumaça foram gerados lá por (tal) fricção de inúmeras presas com presas. Desprovidos dos estandartes (em suas costas), aqueles elefantes, por causa dos fogos causados por suas presas, pareciam com massas de nuvens no céu carregadas com relâmpago. E a terra, coberta com elefantes arrastando (iguais hostis) e rugindo e caindo, parecia bela como o céu outonal coberto com nuvens. E os rugidos daqueles elefantes enquanto eles estavam sendo massacrados por chuvas de flechas e lanças, soava como o ribombar de nuvens na estação chuvosa. E alguns elefantes enormes, feridos com lanças e flechas, ficaram tomados de pânico. E outras entre aquelas criaturas deixaram o campo com gritos altos. E alguns elefantes lá, atingidos por outros com suas presas, proferiam gritos ferozes de angústia que ressoavam como o ribombo das nuvens todo-destrutivas no fim do Yuga. E alguns, retrocedendo por causa de adversários enormes, voltavam ao ataque, incitados por ganchos afiados. E esmagando tropas hostis, eles começaram a matar todos os que ficavam em seu caminho. E condutores de elefantes, atacados por condutores de elefantes com setas e lanças, caíam das costas de seus animais, suas armas e ganchos soltos de suas mãos. E muitos elefantes, sem condutores em suas costas, vagavam para lá e para cá como nuvens removidas de massas maiores, e então caíam, combatendo uns aos outros. E alguns elefantes enormes, levando em suas costas guerreiros mortos e caídos, ou aqueles cujas armas tinham caído, vagavam sozinhos em todas as direções. E no meio daquela carnificina, alguns elefantes atacados, ou no decurso de serem atacados com lanças, espadas e machados de batalha, caíam no decorrer daquela carnificina horrível, proferindo sons de angústia. E a terra, atingida de repente com os corpos caindo, enormes como colinas, daquelas criaturas por toda parte tremia e emitia sons. E com aqueles elefantes mortos junto com seus condutores e jazendo por todos os lados com os estandartes em suas costas, a terra parecia bela como se coberta com colinas. E os condutores nas costas de muitos elefantes, com seus peitos perfurados por guerreiros em carros com flechas de cabeça larga naquela batalha, caíam, suas lanças e ganchos soltos de suas mãos. E alguns elefantes, atingidos por flechas longas, proferiam gritos como grous e corriam em todas as direções, esmagando amigos e inimigos por pisoteá-los. E coberta com incontáveis corpos de elefantes e corcéis e guerreiros em carros, a terra, ó rei, ficou lamacenta com carne e sangue. E carros grandes com rodas e muitos sem rodas, esmagados pelas pontas de suas presas, eram jogados para cima por elefantes, com os guerreiros sobre eles. Carros eram vistos privados de guerreiros. E corcéis sem cavaleiros e elefantes corriam em todas as direções, atormentados por ferimentos. E lá pai matou seu filho, e filho matou seu pai, pois a batalha que ocorreu foi extremamente violenta e nada podia ser distinguido. Homens afundavam até o tornozelo na lama sangrenta e pareciam com árvores altas cujas partes inferiores eram consumidas em uma ardente conflagração

florestal. E mantos e cotas de malha e guarda-sóis e estandartes tendo sido tingidos com sangue, todos pareciam ser sangrentos sobre o campo. Grandes grupos de cavalos mortos, de carros, e de homens, eram além disso cortados em fragmentos pela rotação de rodas de carros. E aquele mar de tropas tendo elefantes como sua corrente, e homens mortos como seu musgo flutuante e ervas daninhas, e carros como seus redemoinhos violentos, parecia terrivelmente repugnante. Guerreiros, tendo corcéis e elefantes como seus grandes barcos, e desejosos de vitória como sua riqueza, mergulhavam naquele mar, e em vez de afundar nele se esforçavam para privar seus inimigos de seus sentidos. Quando todos os guerreiros, cada um portando sinais específicos, eram cobertos com chuvas de flechas, não havia nenhum entre eles que perdia o ânimo, embora todos fossem privados de seus sinais. Naquela batalha violenta e horrível, Drona confundindo os sentidos de seus inimigos, (finalmente) avançou em Yudhishthira.'"

21

"Sanjaya continuou, 'Então Drona, vendo Yudhishthira perto dele recebeu-o destemidamente com uma chuva grossa de setas. E elevou-se lá um barulho alto entre as tropas do exército de Yudhishthira semelhante ao que é feito pelos elefantes pertencentes a uma manada quando seu líder é atacado por um leão poderoso. Contemplando Drona, o bravo Satyajit, de destreza incapaz de ser frustrada, avançou no preceptor que estava desejoso de capturar Yudhishthira. O preceptor e o príncipe Panchala, ambos dotados de grande poder, lutaram um com o outro, agitando as tropas um do outro, como Indra e Vali. Então Satyajit, de destreza incapaz de ser desviada, invocando uma arma poderosa, perfurou Drona com flechas de pontas afiadas. E Satyajit disparou no quadrigário de Drona cinco flechas, fatais como veneno de cobra e cada uma parecendo com a própria Morte. O quadrigário, assim atingido, ficou privado de seus sentidos. Então Satyajit rapidamente perfurou os cavalos de Drona com dez setas; e cheio de ira, ele em seguida perfurou cada um de seus condutores Parshni com dez setas. E então ele rumou na dianteira de suas tropas sobre seu carro em um movimento circular. Excitado com cólera, ele cortou o estandarte de Drona, aquele opressor de inimigos Drona então, aquele castigador de inimigos, vendo esses feitos de seu inimigo em batalha, resolveu mentalmente despachá-lo para o outro mundo. O preceptor, cortando o arco de Satyajit com seta fixada nele, rapidamente o perfurou com dez flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Nisso, o bravo Satyajit, rapidamente pegando outro arco, atingiu Drona, ó rei, com trinta flechas aladas com as penas da ave Kanka. Vendo Drona (assim) enfrentado em batalha por Satyajit, os Pandavas, ó rei, gritaram em alegria e acenaram suas peças de roupa. Então o poderoso Vrika, ó rei, excitado com grande ira, perfurou Drona no centro do peito com sessenta setas. Aquela façanha pareceu muito extraordinária. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Drona, de grande impetuosidade, coberto pelas chuvas de flechas (de seus inimigos) arregalou seus olhos e reuniu toda sua energia. Então cortando os arcos de Satyajit e Vrika, Drona com seis flechas matou Vrika com seu quadrigário e corcéis. Então Satyajit, pegando outro arco que era mais resistente, perfurou Drona com seus corcéis, seu

quadrigário, e seu estandarte. Assim afligido em batalha pelo príncipe dos Panchalas, Drona não pode tolerar aquele ato. Para a destruição então de seu inimigo, ele rapidamente disparou suas setas (nele). Drona então cobriu com chuvas incessantes de setas os corcéis de seu adversário e estandartes como também o cabo de seu arco, e ambos os seus condutores Parshni. Mas embora seus arcos fossem (assim) repetidamente cortados, o príncipe dos Panchalas conhecedor das armas mais elevadas continuou a lutar com ele de cavalos vermelhos. Vendo Satyajit se encher de energia naquele combate terrível, Drona cortou a cabeça daquele guerreiro ilustre com uma flecha em forma de meia-lua. Após a morte daquele principal dos combatentes, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Panchalas, Yudhishthira, por medo de Drona, fugiu, (levado) por corcéis velozes. Então os Panchalas, os Kekayas, os Matsyas, os Chedis, os Karushas e os Kosalas, vendo Drona, avançaram nele, desejosos de resgatar Yudhishthira. O preceptor, no entanto, aquele matador de grandes números de inimigos, desejoso de apanhar Yudhishthira, começou a consumir aquelas divisões, como fogo consumindo pilhas de algodão. Então Satanika, o irmão mais novo do soberano dos Matsyas, avançou em Drona que estava assim empenhado em destruir incessantemente aquelas divisões (da hoste Pandava). E Satanika, perfurando Drona junto com seu motorista e corcéis com seis flechas, brilhantes como os raios do sol e polidas pelas mãos de seu forjador, proferiu gritos altos. E engajado em uma ação cruel (porque ele estava lutando com um Brahmana), e se esforçando para realizar o que era de realização difícil, ele cobriu o filho de Bharadwaja, aquele poderoso guerreiro em carro com chuvas de flechas. Então Drona, com uma flecha afiada como navalha, rapidamente cortou de seu tronco a cabeça enfeitada com brincos de Satanika, gritando para ele. Nisso, os guerreiros Matsya fugiram todos. Tendo vencido os Matsyas, o filho de Bharadwaja então derrotou os Chedis, os Karushas, os Kaikeyas, os Panchalas, os Srinjayas, e os Pandus repetidamente. Observando aquele herói de carro dourado, excitado com raiva e consumindo suas divisões como um fogo consumindo uma floresta, os Srinjayas tremeram (com medo). Dotado de grande energia e massacrando o inimigo sem parar, a vibração da corda do arco, conforme ele esticava seu arco, era ouvida em todas as direções. Setas ardentes disparadas por aquele guerreiro dotado de grande agilidade de mão, oprimiam elefantes e corcéis e soldados de infantaria e guerreiros em carros e condutores de elefantes. Como uma massa poderosa de nuvens ribombantes no verão com ventos violentos (soprando) derrama uma chuva de granizo, assim Drona despejou suas chuvas de flechas e inspirou temor nos corações de seus inimigos. Aquele herói poderoso, aquele grande arqueiro, aquele dissipador dos medos de seus amigos, se movimentava rapidamente em todas as direções (do campo) agitando a hoste (hostil). O arco, enfeitado com ouro, de Drona de energia incomensurável, era visto em todas as direções como os lampejos de relâmpago nas nuvens. O altar belo em seu estandarte, conforme ele se movimentava a toda velocidade em batalha, ó Bharata, era visto parecer com um topo de Himavat. O massacre que Drona causou entre as tropas Pandava foi muito grande, parecendo aquele causado pelo próprio Vishnu, o adorado dos deuses e Asuras, entre a hoste Daitya. Heróico, de fala verdadeira, dotado de grande sabedoria e poder, e possuidor de bravura incapaz de ser frustrada, o ilustre Drona fez fluir lá um rio que era terrível e capaz

de infligir pavor nos medrosos. Cotas de malha formavam suas ondas, e estandartes seus redemoinhos. E ele levava embora (conforme corria) grandes números de criaturas mortais. E elefantes e corcéis constituíam seus jacarés grandes, e espadas formaram seus peixes. E ele era incapaz de ser facilmente atravessado. Os ossos de bravos guerreiros formaram seus seixos, e baterias e pratos suas tartarugas. E escudos e armaduras formavam seus barcos, e o cabelo de guerreiros seu musgo flutuante e ervas. E setas constituíam suas ondas pequenas e arcos sua corrente. E os braços dos combatentes formavam suas cobras. E aquele rio de correnteza violenta, correndo sobre o campo de batalha, levava embora os Kurus e os Srinjayas. E as cabeças de seres humanos constituíam suas pedras, e suas coxas seus peixes. E maças constituíram as balsas (pelas quais muitos procuravam cruzá-lo). E proteções para a cabeça formavam a espuma que cobria sua superfície, e as entranhas (de animais) seus répteis. Horrível (em aparência), ele levava heróis (para o outro mundo). E sangue e carne constituíam seu lodo. E elefantes formavam seus crocodilos, e estandartes, as árvores (em suas margens). Milhares de Kshatriyas afundavam nele. Aterrador, cheio de corpos (mortos), e tendo soldados a cavalo e guerreiros em elefantes como seus tubarões, era extremamente difícil atravessá-lo. E aquele rio corria para a residência de Yama. E ele abundava com Rakshasas e cães e chacais. E ele era frequentado por canibais ferozes por toda parte.'"

"Então muitos guerreiros Pandava, encabeçados pelo filho de Kunti, avançando em Drona, aquele poderoso guerreiro em carro destruindo suas divisões como a própria Morte, o cercaram por todos os lados. De fato, aqueles bravos guerreiros cercaram completamente Drona que estava chamuscando tudo em volta dele como o próprio sol chamuscando o mundo com seus raios. Então os reis e os príncipes do teu exército, com armas erguidas, todos avançaram para proteger aquele herói e grande arqueiro. Então Sikhandin perfurou Drona com cinco setas retas. E Kshatradharman o perfurou com vinte setas, e Vasudeva com cinco. E Uttamaujas o perfurou com três setas, e Kshatradeva com cinco. E Satyaki o perfurou naquela batalha com cem setas, e Yudhamanyu com oito. E Yudhishthira perfurou Drona com uma dúzia de flechas, e Dhrishtadyumna perfurou-o com dez, e Chekitana com três. Então Drona, de pontaria infalível e parecendo um elefante com têmporas fendidas, se aproximando da divisão de carros (dos Pandavas), derrubou Dridhasena. Aproximando-se então do rei Kshema que estava lutando destemidamente, ele o atingiu com nove setas. Nisso, Kshema, privado de vida, caiu de seu carro. Chegando então no meio das tropas (hostis), ele se movimentou rapidamente em todas as direções, protegendo outros, mas ele mesmo não tendo necessidade de proteção. Ele então perfurou Sikhandin com doze setas, e Uttamaujas com vinte. E ele despachou Vasudeva com uma flecha de cabeça larga para a residência de Yama. E ele perfurou Kshemavarman com oitenta setas, e Sudakshina com vinte e seis. E ele derrubou Kshatradeva com uma seta de cabeça larga de seu nicho no carro. E tendo perfurado Yudhamanyu com sessenta e quatro flechas e Satyaki com trinta, Drona, de carro dourado, se aproximou rapidamente de Yudhishthira. Então Yudhishthira, aquele melhor dos reis, fugiu rápido do preceptor, levado por seus corcéis velozes. Então Panchala avançou em Drona. Drona matou o príncipe, cortou seu arco, e derrubou seus

corcéis e quadrigário junto com ele. Privado de vida, o príncipe caiu de seu carro sobre a terra, como um corpo luminoso solto do firmamento. Após a queda daquele príncipe ilustre dos Panchalas, gritos altos foram ouvidos deles, 'Matem Drona!, Matem Drona!' O poderoso Drona então começou a oprimir e mutilar os Panchalas, os Matsyas, os Kaikeyas, os Srinjayas, e os Pandavas, todos excitados com raiva. E apoiado pelos Kurus, Drona então derrotou Satyaki e o filho de Chekitana, e Senavindu, e Suvarchas, todos esses e numerosos outros reis. Teus guerreiros, ó rei, tendo obtido a vitória naquela grande batalha, mataram os Pandavas enquanto eles fugiam em todas as direções. E os Panchalas, os Kaikeyas e os Matsyas, assim massacrados por todos os lados como os Danavas por Indra, começaram a tremer (de medo).'"

22

"Dhritarashtra disse, 'Quando os Pandavas foram divididos pelo filho de Bharadwaja naquela batalha terrível, e os Panchalas também, houve alguém lá que se aproximou Drona para lutar? Ai, vendo Drona posicionado em batalha, como um tigre impressionante, ou um elefante com têmporas fendidas, disposto a sacrificar sua vida em batalha, bem armado, familiarizado com todos os modos de luta, aquele arqueiro formidável, aquele tigre entre homens, aquele aumentador do medo de inimigos, grato, dedicado à verdade, sempre desejoso de beneficiar Duryodhana, ai, vendo-o na dianteira de suas tropas, não houve lá um homem que pudesse se aproximar dele com uma determinação louvável para lutar, uma determinação que aumenta o renome de Kshatriyas, que pessoas de coragem média nunca podem formar, e que é distintiva somente das pessoas mais notáveis? Diga-me, ó Sanjaya, quem foram aqueles heróis que se aproximaram do filho de Bharadwaja, vendo-o na chefia de suas tropas?'"

"Sanjaya disse, 'Contemplando os Panchalas, os Pandavas, os Matsyas, os Srinjayas, os Chedis, os Kalikeyas, desbaratados dessa maneira depois serem divididos em batalha por Drona com suas flechas, vendo eles assim afugentados do campo por aquelas chuvas de flechas velozes disparadas do arco de Drona, como barcos lançados à deriva pelas ondas terríveis do oceano agitado pela tempestade, os Kauravas com muitos gritos leoninos e com o barulho de diversos instrumentos, começaram a atacar os carros e elefantes e soldados de infantaria (daquela hoste hostil) de todos os lados. E vendo aqueles (soldados dos Pandavas fugindo) o rei Duryodhana, posicionado no meio de suas próprias tropas e cercado por seus próprios parentes e amigos, cheio de alegria, e rindo enquanto falava, disse essas palavras para Karna.'"

"Duryodhana disse, 'Veja, ó filho de Radha, os Panchalas divididos por aquele arqueiro firme (Drona) com suas flechas, como um bando de veados selvagens assustados por um leão. Esses, eu penso, não virão novamente para a batalha. Eles foram rompidos por Drona como árvores imensas pela tempestade. Afligidos por aquele guerreiro de grande alma com aquelas flechas aladas com ouro, eles estão fugindo, nem duas pessoas estão juntas. De fato, eles parecem ser

arrastados em redemoinhos por todo o campo. Reprimidos pelos Kauravas como também por Drona de grande alma, eles estão se amontoado perto uns dos outros como (uma manada de) elefantes no meio de um incêndio. Como árvores florescentes penetradas por enxames de abelhas, esses guerreiros, perfurados pelas flechas afiadas de Drona, estão se amontoando perto uns dos outros, conforme eles estão fugindo do campo. Lá, o colérico Bhima, abandonado pelos Pandavas e os Srinjayas, e cercado por meus guerreiros, me alegra muito, ó Karna! É evidente, aquele indivíduo perverso vê o mundo hoje como estando cheio de Drona! Sem dúvida, aquele filho de Pandu hoje ficou sem esperança de vida e reino.'"

"Karna disse, 'Aquele guerreiro de braços fortes certamente não abandonará a batalha enquanto ele estiver vivo. Nem ele, ó tigre entre homens, irá tolerar esses (nossos) gritos leoninos. Nem os Pandavas irão, eu penso, ser derrotados em batalha. Eles são corajosos, dotados de grande poder, habilidosos com armas, e difíceis de serem resistidos em batalha. Lembrando das aflições causadas a eles por nossas tentativas de envenená-los e queimá-los, e das misérias que resultaram do jogo de dados, tendo em mente também seu exílio nas florestas, os Pandavas, eu penso, não abandonarão a batalha. Vrikodara de braços fortes de energia incomensurável já voltou (para o combate). O filho de Kunti sem dúvida matará muitos dos nossos principais guerreiros em carros. Com espada e arco e dardo, com corcéis e elefantes e homens e carros (usando até esses como instrumentos para golpear, pois a força de Bhima é sobre-humana), com sua maça feita de ferro, ele matará multidões (de nossos soldados). Outros guerreiros em carros encabeçados por Satyajit, junto com os Panchalas, os Kekayas, os Matsyas, e especialmente os Pandavas, o estão seguindo. Eles são todos corajosos, e possuidores de grande poder e destreza. Poderosos guerreiros em carros, eles são além disso liderados por Bhima em fúria. Aqueles touros da raça, cercando Vrikodara por todos os lados, como as nuvens cercando o Sol, começam a se aproximar de Drona de todos os lados. Concentrados firmemente em um objetivo, eles certamente afligirão o desprotegido Drona, como bandos de insetos, a ponto de morrer, atingindo uma lâmpada ardente. Habilidosos com armas, eles são certamente competentes para resistir a Drona. Pesado é o encargo, eu penso, que agora depende do filho de Bharadwaja. Vamos então rapidamente para o local onde Drona está. Não deixemos eles matarem ele de votos regulados como lobos matando um elefante poderoso!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Radheya, o rei Duryodhana então, acompanhado por seus irmãos, ó monarca, procedeu em direção ao carro de Drona. O barulho que havia lá era ensurdecedor, de guerreiros Pandava que voltaram para o combate em seus carros puxados por corcéis excelentes de diversas cores, todos influenciados pelo desejo de matar Drona somente.'"

23

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, as indicações distintivas dos carros de todos aqueles que, cheios de raiva e encabeçados por Bhimasena, procederam contra Drona.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo Vrikodara avançando (em um carro puxado) por corcéis de cor rajada (como aquela do antílope), o bravo neto de Sini (Satyaki) procedeu, levado por corcéis de uma cor prateada. O irresistível Yudhamanyu, excitado com raiva, procedeu contra Drona, levado por corcéis excelentes de cor variada. Dhristadyumna, o filho do rei Panchala, procedeu, levado por corcéis de grande velocidade em arreios ricamente enfeitados com ouro e da cor de pombos. Desejoso de proteger seu pai, e desejando a ele sucesso completo, o filho de Dhristadyumna, Kshatradharman de votos regulados, procedeu, levado por corcéis vermelhos. Kshatradeva, o filho de Sikhandin, ele mesmo incitando corcéis bem enfeitados da cor de folhas de lótus e com olhos de branco puro, procedeu (contra Drona). Corcéis belos da raça Kamvoja, enfeitados com as penas do papagaio verde, levando Nakula, correram rapidamente em direção ao teu exército. Corcéis escuros (da cor) das nuvens levaram iradamente Uttamaujas, ó Bharata, para a batalha contra o invencível Drona, permanecendo com flechas miradas. Corcéis, rápidos como o vento, e de cor variada, levaram Sahadeva com armas erguidas para aquela batalha violenta. De grande impetuosidade, e possuidores da velocidade do vento, corcéis de cor marfim e tendo crinas pretas no pescoço levavam Yudhishthira, aquele tigre entre homens. E muitos guerreiros seguiram Yudhishthira, levados em seus corcéis, enfeitados com arreios ricamente decorados de ouro e todos rápidos como o vento. Atrás do rei estava o nobre chefe dos Panchalas, Drupada, com um guarda-sol dourado sobre sua cabeça e ele mesmo protegido por todos aqueles soldados (que seguiam Yudhishthira). Aquele grande arqueiro entre todos os reis, Sautabhi, procedeu, levado por belos corcéis capazes de suportar todo barulho. Acompanhado por todos os grandes guerreiros em carros, Virata rapidamente seguia o primeiro. Os Kaikeyas e Sikhandin, e Dhrishtaketu, cercados por suas respectivas tropas, seguiam o soberano de Matsyas. Excelentes corcéis da cor das flores trombeta (vermelho pálido), pareciam muito belos conforme eles levavam Virata. Corcéis velozes de cor amarela e enfeitados em correntes de ouro, levavam com grande velocidade o filho (Uttara) daquele matador de inimigos, Virata, o chefe real dos Matsyas. Os cinco irmãos Kekaya eram levados por corcéis de cor vermelha profunda. Do esplendor do ouro e possuindo estandartes da cor vermelha, e enfeitados com correntes de ouro, todos eles heróis, talentosos em batalha, eles procederam, vestidos em armadura, e derramando flechas como as verdadeiras nuvens. Corcéis excelentes, o presente de Tumvuru, da cor de vasos de terra não cozidos, levavam Sikhandin, o príncipe Panchala de energia imensurável. No total, doze mil poderosos guerreiros em carros da tribo Panchala procederam para a batalha. Desses, seis mil seguiam Sikhandin. Corcéis esportivos, ó majestade, da cor rajada do antílope, levavam o filho de Sisupal, aquele tigre entre homens. Aquele touro entre os Chedis, Dhrishtaketu, dotado de grande força, e difícil de ser vencido em batalha, procedia, levado por corcéis Kamvoja de cor variada. Corcéis

excelentes da raça Sindhu, de membros belos, e da cor da fumaça de palha, levavam rapidamente o príncipe Kaikeya, Vrihatkshatra. (Cavalos) possuidores de olhos de branco puro, da cor do lótus, nascidos no país dos Valhikas, e enfeitados com ornamentos, levavam o filho de Sikhandin, o bravo Kshatradeva. Enfeitados com arreios de ouro ricamente decorados, e possuidores da cor de seda vermelha, corcéis calmos levavam Senavindu, aquele castigador de inimigos, para a batalha. Corcéis excelentes da cor de garças levavam para a batalha o filho jovem e delicado do rei dos Kasis, aquele poderoso guerreiro em carro. Corcéis brancos com pescoços pretos, dotados da velocidade da mente, ó monarca, e muito obedientes ao condutor, levavam o príncipe Prativindhya. Corcéis amarelo claro levavam Sutasoma, o filho de Arjuna, que o último tinha obtido do próprio Soma. Ele nasceu na cidade Kuru conhecida pelo nome de Udayendu. Dotado da refulgência de mil luas, e porque ele também tinha ganhado grande renome em uma assembléia dos Somakas, ele veio a ser chamado de Sutasoma. Corcéis da cor de flores Sala ou do sol da manhã levavam o filho de Nakula Satanika digno de todo louvor. Corcéis enfeitados em adornos de ouro, e dotados da cor do pescoço do pavão, levavam aquele tigre entre homens, Srutakarman, o filho de Draupadi (com Bhima). Excelentes corcéis da cor de pássaros (da família dos Alcedinídeos) levaram o filho de Draupadi Srutkirti para aquela batalha, que como Partha era um oceano de erudição. Corcéis de uma cor fulva levavam o jovem Abhimanyu que era considerado superior a Krishna ou Partha uma vez e meia em batalha. Cavalos gigantescos levavam Yuyutsu para a batalha, aquele único guerreiro entre os filhos de Dhritarashtra que (abandonando seus irmãos) tinha tomado o partido dos Pandavas. Corcéis gordos e bem enfeitados da cor do talo (seco) do arroz levavam Vardhakshemi de grande energia para aquela batalha terrível. Cavalos com pernas pretas, equipados com peitorais de ouro, e extremamente obedientes ao condutor, levavam o jovem Sauchitti para a batalha. Corcéis cujas costas estavam cobertas com armadura dourada, enfeitados com correntes de ouro, bem domados, e da cor de seda vermelha, levavam Srenimat. Corcéis de uma cor vermelha levavam Satyadhriti que avançava, educado na ciência de armas e nos Vedas divinos. Aquele Panchala que era comandante (do exército Pandava) e que tomou Drona como a vítima designada como sua parte, aquele Dhrishtadyumna era levado por cavalos da cor de pombos. A ele seguiam Satyadhriti, e Sauchitti irresistível em batalha, e Srenimat, e Vasudana, e Vibhu, o filho do soberano dos Kasis. Esses tinham corcéis velozes da melhor raça Kamvoja enfeitados com correntes de ouro. Cada um parecendo Yama ou Vaisravana, eles procederam para a batalha, infligindo medo nos corações dos soldados hostis. Os Prabhadrakas do país Kamvoja, numerando seis mil, com armas erguidas, com corcéis excelentes de diversas cores em seus carros enfeitados com ouro, com arcos esticados e fazendo seus inimigos tremerem com suas chuvas de setas e decididos a morrer juntos (isto é, a não abandonar seus camaradas em perigo), seguiam Dhristadyumna. Cavalos excelentes da cor de seda fulva, ornados com correntes belas de ouro, levavam alegremente Chekitana. O tio materno de Arjuna Purujit, também chamado Kuntibhoja, vinha levado por corcéis excelentes da cor do arco-íris. Cavalos de batalha da cor do firmamento coberto de estrelas levavam o rei Rochamana para a batalha. Corcéis da cor do veado vermelho, com listras brancas sobre seus corpos, levavam o

príncipe Panchala Singhasena, o filho de Gopati. Aquele tigre entre os Panchalas que é conhecido pelo nome de Janamejaya tinha corcéis excelentes da cor de flores mostarda (marrom amarelada). Cavalos velozes, gigantescos e azul escuro enfeitados com correntes de ouro, com costas da cor de coalho e faces da cor da lua, levavam com grande velocidade o soberano dos Panchalas. Bravos corcéis com cabeças belas, (brancos) como os caules de juncos, e de um esplendor parecendo aquele do firmamento ou do lótus, levavam Dandadhara. Corcéis marrom claro com costas da cor do camundongo, e com pescoços orgulhosamente erguidos, levavam Vyaghradatta para a batalha. Cavalos com pintas escuras levavam aquele tigre entre homens, Sudhanwan, o príncipe de Panchala. De impetuosidade ardente parecendo aquela do trovão de Indra, corcéis belos da cor de Indragopakas, com manchas variadas, levavam Chitrayudha. Enfeitados com correntes douradas, corcéis cujas barrigas eram da cor do Chakravaka levavam Sukshatra, o filho do soberano dos Kosalas. Corcéis belos e altos de cor variada e corpo gigantesco, extremamente dóceis, e enfeitados com correntes de ouro, levavam o talentoso Satyadhriti em batalha. Sukla avançou para a batalha com seu estandarte e armadura e arco e corcéis todos da mesma cor branca. Corcéis nascidos no litoral e brancos como a lua levavam Chandrasena de energia ardente, o filho de Samudrasena. Corcéis da cor do lótus azul e decorados com ornamentos de ouro e adornados com coroas florais belas, levavam Saiva possuindo um carro belo para a batalha. Cavalos superiores da cor de flores Kalaya, com listras brancas e vermelhas, levavam Rathasena difícil de ser resistido em batalha. Cavalos brancos levavam aquele rei que matou os Patachcharas e que é considerado como o mais bravo dos homens. Corcéis superiores da cor de flores Kinsuka levavam Chitrayudha enfeitado com guirlandas belas e possuindo armadura e armas e estandarte belos. O rei Nila avançou para a batalha, com estandarte e armadura e arco e pendão e corcéis todos da mesma cor azul. Chitra avançou para a batalha com cerca de carro e estandarte e arco todos decorados com diversos tipos de pedras preciosas, e corcéis e bandeira belos. Corcéis excelentes da cor do lótus levavam Hemavarna, o filho de Rochamana. Cavalos de batalha, capazes de carregar todas as espécies de armas, de bravas realizações em batalha, possuidores de colunas vertebrais da cor de juncos, tendo testículos brancos, e dotados da cor do ovo da galinha, levavam Dandaketu. O poderoso Sarangadhwaja, dotado de abundância de energia, o rei dos Pandyas, em corcéis da cor dos raios da lua e enfeitados com armadura engastada com pedras de lápis lazúli avançou sobre Drona, esticando seu arco excelente. Seu país tendo sido invadido e seus parentes tendo fugido, seu pai foi morto por Krishna em batalha. Obtendo armas então de Bhishma e Drona, Rama e Kripa, o príncipe Sarangadhwaja se tornou, em armas, igual a Rukmi e Karna e Arjuna e Achyuta. Ele então desejou destruir a cidade de Dwaraka e subjugar o mundo inteiro. Amigos sábios, no entanto, pelo desejo de lhe fazer bem, o aconselharam contra aquele comportamento. Abandonando todos os pensamentos de vingança, ele está agora governando seus próprios domínios. Corcéis que eram todos da cor da flor Atrusa levavam cento e quarenta mil principais guerreiros em carros que seguiam aquele Sarangadhwaja, o rei dos Pandyas. Cavalos de diversas cores e diversos tipos de forças levavam o heróico Ghatotkacha. Corcéis poderosos de tamanho gigantesco, da raça Aratta, levavam

o poderosamente armado Vrihanta de olhos vermelhos em seu carro dourado, aquele príncipe que, rejeitando as opiniões de todos os Bharatas, sozinho, por causa de seu respeito por Yudhishthira, mudou para o partido dele, abandonando todo o seu desejo nutrido. Corcéis superiores cor de ouro seguiam atrás daquele principal dos reis, o virtuoso Yudhishthira. Grande número de Prabhadrakas, de formas celestiais, avançaram para a batalha, com cavalos de diversas cores excelentes. Todos eles possuindo estandartes de ouro e preparados para lutar vigorosamente, procederam com Bhimasena, e assumiram o aspecto, ó monarca, dos habitantes do céu com Indra em sua dianteira. Aquela hoste reunida de Prabhadrakas era muito estimada por Dhristadyumna.'"

"O filho de Bharadwaja, no entanto, ó monarca, superava todos os guerreiros em esplendor. Seu estandarte, com uma pele preta de veado ondulando em seu topo e o belo vaso de água, ó monarca, que ele ostentava, parecia muito belo. E o estandarte de Bhimasena, portando o emblema de um leão gigantesco em prata com seus olhos feitos de lápis lazúli, parecia muito resplandecente. O estandarte de Yudhishthira de grande energia, portando o emblema de uma lua dourada com planetas em volta dela, parecia muito belo. Dois grandes e belos timbales, chamados Nanda e Upananda, estavam atados a ele. Tocados por mecanismo, eles produziam música excelente que aumentava o prazer de todos os que a ouviam. Para apavorar o inimigo, nós vimos aquele estandarte alto e ardente de Nakula, colocado sobre seu carro portando o emblema de um Sarabha com suas costas feitas de ouro. Um belo cisne prata com sinos e pendão terrível de se olhar e aumentando a aflição do inimigo era visto no estandarte de Sahadeva. Os estandartes dos cinco filhos de Draupadi tinham neles as imagens excelentes de Dharma, Marut, Sakra, e dos gêmeos Aswins. Sobre o carro, ó rei, do jovem Abhimanyu havia um estandarte excelente que ostentava um pavão dourado, o qual era brilhante como ouro aquecido. No estandarte de Ghatotkacha, ó rei, um urubu resplandecia brilhantemente, e seus cavalos também eram capazes de ir a todos os lugares à vontade, como aqueles de Ravana nos tempos passados. Nas mãos de Yudhishthira estava o arco celeste chamado Mahendra; e nas mãos de Bhimasena, ó rei, estava o arco celeste chamado Vayavya. Para a proteção dos três mundos Brahman criou um arco. Aquele arco celeste e indestrutível era segurado por Phalguni. O arco Vaishnava era segurado por Nakula, e o arco chamado Aswina era segurado por Sahadeva. Aquele arco celeste e terrível chamado Paulastya era segurado por Ghatotkacha. As cinco jóias de arcos levadas pelos cinco filhos de Draupadi eram o Raudra, o Agneya, o Kauverya, o Yamya, e o Girisa. Aquele excelente e melhor dos arcos, chamado Raudra, o qual o filho de Rohini (Valadeva) tinha obtido, o último deu para o filho de grande alma de Subhadra, estando satisfeito com ele. Esses e muitos outros estandartes enfeitados com ouro eram vistos lá, pertencendo a bravos guerreiros, todos os quais aumentavam o temor de seus inimigos. A hoste comandada por Drona, a qual não numerava um único covarde, e na qual inúmeros estandartes se elevando juntos pareciam obstruir o firmamento, então parecia, ó monarca, como imagens em uma tela. Nós ouvimos os nomes e linhagem, ó rei, de bravos guerreiros avançando em direção a Drona naquela batalha semelhante ao que é

ouvido, ó monarca, em uma escolha de marido. (O costume, quando um guerreio atacava outro, era invariavelmente dar seu nome e linhagem antes de atacar.)"

"Então o nobre Drupada avançou contra ele na chefia de uma divisão imensa. O combate entre aqueles dois homens velhos nas chefias de seus respectivos exércitos tornou-se terrível como aquele entre dois líderes poderosos, com têmporas fendidas, de duas manadas de elefantes. Vinda e Anuvinda de Avanti, com suas tropas enfrentaram Virata, o soberano dos Matsyas na dianteira de suas tropas, como Indra e Agni nos tempos passados enfrentando o (Asura) Vali. Aquele combate terrível entre os Matsyas e os Kekayas, no qual corcéis e guerreiros em carros e elefantes lutaram muito destemidamente, parecia aquele entre os deuses e os Asuras antigamente. Bhutakarman, também chamado Sabhapati, manteve longe de Drona o filho de Nakula Satanika, quando o último avançou, espalhando chuvas de setas. Então o herdeiro de Nakula, com três flechas de cabeça larga de corte excelente, privou Bhutakarman de ambos os seus braços e cabeça naquela batalha. Vivinsati resistiu ao heróico Sutasoma de grande destreza, quando o último avançou em direção a Drona, espalhando chuvas de setas. Sutasoma, no entanto, excitado com cólera, perfurou seu tio Vivinsati com setas retas, e equipado em armadura, permaneceu preparado para o combate. Bhimaratha, (irmão de Duryodhana), com seis flechas afiadas de grande rapidez e feitas totalmente de ferro, despachou Salwa junto com seus corcéis e quadrigário para a residência de Yama. O filho de Chitrasena, ó rei, resistiu ao teu (neto) Srutakarman quando o último se aproximou, levado por cavalos de batalha parecidos com pavões. Aqueles teus dois netos, ambos difíceis de serem vencidos em batalha, e cada um desejoso de matar o outro, lutaram vigorosamente para o sucesso dos objetivos de seus respectivos pais. Vendo Prativindhya permanecendo na vanguarda daquela batalha terrível, o filho de Drona (Aswatthaman), desejoso de proteger a honra de seu pai, resistiu ao primeiro com suas flechas. Prativindhya, então, excitado com raiva perfurou Aswatthaman, ostentando em seu estandarte o emblema da cauda de um leão e permanecendo em batalha por causa de seu pai, com muitas flechas afiadas. O filho (mais velho) de Draupadi então espalhou sobre o filho de Drona chuvas de flechas, como um semeador, ó touro entre homens, espalhando sementes no solo na época da semeadura. O filho de Duhsasana resistiu ao poderoso guerreiro em carro Srutakirti, o filho de Arjuna com Draupadi, quando o último estava avançando em direção a Drona. Aquele filho de Arjuna, no entanto, que era igual ao próprio Arjuna, cortando o arco do primeiro e estandarte e quadrigário com três flechas de cabeça larga muito afiadas, procedeu contra Drona. O filho de Duryodhana, Lakshmana, resistiu ao matador dos Patachcharas, a ele, ó rei, que é considerado por ambos os exércitos como o mais bravo dos bravos. O último, no entanto, cortando o arco e o estandarte de Lakshmana, e derramando sobre ele muitas setas, brilhava com esplendor. O jovem Vikarna de grande sabedoria resistiu a Sikhandin, o filho jovem de Yajnasena, quando o último avançou naquela batalha. O filho de Yajnasena então cobriu o primeiro com chuvas de setas. O filho poderoso Vikarna, frustrando aquelas chuvas de flechas, parecia resplandecente sobre o campo de batalha. Angada resistiu com chuvas de setas ao heróico Uttamaujas naquela batalha quando o último avançou em direção a Drona. Aquele

combate entre aqueles dois leões entre homens se tornou terrível, e encheu ambos e as tropas com grande fervor. O grande arqueiro Durmukha, dotado de grande força, resistiu com suas flechas ao heróico Purujit quando o último procedeu em direção a Drona. Furujit atingiu Durmukha entre suas sobrancelhas com uma flecha longa. Nisso, o rosto de Durmukha pareceu belo como um lótus com seu caule. Karna resistiu com chuvas de setas aos cinco irmãos Kekaya, possuindo estandartes vermelhos, quando eles procederam em direção a Drona. Chamuscados pelas chuvas de flechas de Karna, aqueles cinco irmãos cobriram Karna com suas setas. Karna, em retorno, repetidamente cobriu eles com chuvas de setas. Cobertos com flechas, nem Karna nem os cinco irmãos podiam ser vistos com seus corcéis, quadrigários, estandartes, e carros. Teus filhos, Durjaya, Jaya, e Vijaya, resistiram a Nila, e ao soberano dos Kasis, e Jayatsena, três contra (três). E o combate entre aqueles guerreiros se intensificou e alegrou os corações dos espectadores como aquele entre um leão, um tigre, e um lobo de um lado e um urso, um búfalo, e um touro no outro. Os irmãos Kshemadhurti e Vrihanta laceraram Satyaki da linhagem Satwata com suas flechas afiadas, quando o último procedeu contra Drona. A batalha entre aqueles dois de um lado e Satyaki no outro tornou-se muito admirável de se contemplar, como aquela entre um leão e dois elefantes poderosos com têmporas fendidas na floresta. O rei dos Chedis, excitado com cólera, e matando muitos guerreiros, manteve longe de Drona o rei Amvashtha, aquele herói que sempre se deleitava em batalha. Então o rei Amvashtha perfurou seu adversário com uma flecha longa capaz de penetrar nos próprios ossos. Nisso, o último, com arco e flecha soltos de suas mãos, caiu de seu carro no chão. O nobre Kripa, filho de Saradwata, com muitas flechas pequenas resistiu a Vardhakshemi da linhagem de Vrishni que era a encarnação da ira (em batalha). Aqueles que olharam para Kripa e Vardhakshemi, aqueles heróis conhecedores de todos os modos de guerra, empenhados dessa maneira em combater um ao outro, ficaram tão absorvidos nisso que eles não podiam prestar atenção a qualquer coisa mais. O filho de Somadatta, para ressaltar a glória de Drona, resistiu ao rei Manimat de grande energia quando o último se aproximou para lutar. Então Manimat rapidamente cortou a corda do arco, o estandarte, a bandeira, o quadrigário e o guarda-sol do filho de Somadatta e os fez caírem do carro do último. O filho de Somadatta então, portando o emblema da estaca sacrifical em seu estandarte, aquele matador de inimigos, saltando rapidamente de seu carro, cortou com suas espadas grandes seu adversário com seus cavalos, quadrigário, estandarte, e carro. Subindo novamente então em seu próprio carro, e pegando outro arco, e guiando seus corcéis ele mesmo, ele começou, ó monarca, a consumir a hoste Pandava. Vrishasena (o filho de Karna), competente para o feito, resistiu com chuvas de flechas ao rei Pandava que estava avançando para a batalha como o próprio Indra seguindo os Asuras para atacá-los. Com maças e clavas com pontas, e espadas e machados e pedras, cassetetes curtos e malhos, e discos, setas curtas e machados de batalha, com poeira e vento, e fogo e água, e cinzas e fragmentos de materiais duros, e palha e árvores, afligindo e atacando, e quebrando, e matando e desbaratando o inimigo, e os arremessando nas tropas hostis, e as apavorando com isso, se aproximou Ghatotkacha, desejoso de alcançar Drona. O Rakshasa Alambusha, no entanto, excitado com raiva, enfrentou-o com diversas armas e diversos equipamentos de

guerra. E a batalha que ocorreu entre aqueles dois principais dos Rakshasas pareceu aquela que ocorreu nos tempos passados entre Samvara e o chefe dos celestiais. Assim, abençoado sejas tu, ocorreram centenas de duelos entre guerreiros em carros e elefantes, e corcéis e soldados de infantaria do teu exército e do deles no meio da terrível batalha geral. De fato, tal batalha nunca tinha sido vista ou ouvida antes como aquela que então ocorreu entre aqueles guerreiros que estavam concentrados na destruição e proteção de Drona. De fato, muitos eram os combates que eram então vistos em todas as partes do campo, alguns dos quais eram terríveis, alguns belos, e alguns extremamente violentos, ó senhor.'"

24

"Dhritarashtra disse, 'Quando as tropas estavam assim empenhadas em combate e procederam dessa maneira umas contra as outras em divisões separadas, como Partha e os guerreiros do meu exército dotados de grande energia lutaram? O que também Arjuna fez para os guerreiros em carros dos Samsaptakas? E o que, ó Sanjaya, os Samsaptakas, por sua vez, fizeram a Arjuna?'"

"Sanjaya disse, 'Quando as tropas estavam assim envolvidas em combate e procederam umas contra as outras, teu próprio filho Duryodhana avançou contra Bhimasena, liderando sua divisão de elefantes. Como um elefante enfrentando um elefante, como um touro enfrentando um touro, Bhimasena, convocado pelo próprio rei, avançou contra aquela divisão de elefantes do exército Kaurava. Hábil em batalha e dotado de grande força de braços, o filho de Pritha, ó majestade, dividiu rapidamente aquela divisão de elefantes. Aqueles elefantes, enormes como colinas, e com linfa escorrendo de todas as partes de seus corpos, foram mutilados e forçados a retroceder por Bhimasena com suas flechas. De fato, como o vento, quando ele se eleva, afugenta massas de nuvens reunidas, assim aquele filho de Pavana desbaratou aquela tropa de elefantes dos Kauravas. E Bhima, disparando suas flechas naqueles elefantes, parecia resplandecente como o sol no alto, atingindo tudo no mundo com seus raios. Aqueles elefantes, afligidos pelas flechas de Bhima, ficaram cobertos com sangue e pareciam belos como massas de nuvens no firmamento penetradas pelos raios do sol. Então Duryodhana, cheio de ira, perfurou com flechas afiadas aquele filho do deus do vento que estava causando tal massacre entre seus elefantes. Então Bhima, com olhos vermelhos de raiva, desejoso de despachar o rei para a residência de Yama, perfurou-o rapidamente com muitas flechas afiadas. Então Duryodhana, completamente lacerado com flechas e excitado com raiva, perfurou Bhima, o filho de Pandu, com muitas flechas dotadas da refulgência de raios solares, sorrindo naquele momento. Então o filho de Pandu, com um par flechas de cabeça larga, rapidamente cortou o arco de Duryodhana como também seu estandarte, portando o emblema de um elefante adornado com jóias, decorado com diversas pedras preciosas. Vendo Duryodhana assim afligido, ó majestade, por Bhima, o soberano dos Angas em seu elefante foi lá para afligir o filho de Pandu. Nisso, Bhimasena

perfurou profundamente com uma flecha longa aquele príncipe dos elefantes avançando com rugidos altos, entre seus dois globos frontais. Aquela flecha, atravessando seu corpo, entrou profundamente na terra. E nisso o elefante caiu como uma colina partida pelo raio. Enquanto o elefante estava caindo, o rei Mleccha também estava caindo dele. Mas Vrikodara, dotado de grande presteza, cortou sua cabeça com uma flecha de cabeça larga antes de seu adversário realmente cair. Quando o soberano heróico dos Angas caiu, suas divisões fugiram. Corcéis e elefantes e guerreiros em carros tomados pelo pânico esmagaram soldados de infantaria quando eles fugiram.'"

"Quando aquelas tropas, assim divididas, fugiram em todas as direções, o soberano dos Pragjyotishas então avançou contra Bhima, sobre seu elefante. Com suas duas pernas (dianteiras) e tronco contraídos, cheio de fúria, e com olhos rolando, aquele elefante parecia consumir o filho de Pandu (como um fogo ardente). E ele triturou o carro de Vrikodara com os cavalos unidos a ele a pó. Então Bhima correu para a frente e ficou sob o corpo do elefante, pois ele conhecia a ciência chamada Anjalikabedha. De fato, o filho de Pandu não fugiu. Ficando sob o corpo do elefante, ele começou a golpeá-lo frequentemente com seus braços nus. E ele atingiu aquele elefante invencível que estava empenhado em matá-lo. Nisso, o último começou a girar rapidamente como a roda de um oleiro. Dotado da força de dez mil elefantes, o abençoado Vrikodara, tendo batido naquele elefante dessa maneira, saiu de sob o corpo de Supratika e ficou encarando o último. Supratika então, agarrando Bhima com sua tromba, derrubou-o por meio de seus joelhos. De fato, tendo agarrado ele pelo pescoço, aquele elefante desejava matá-lo. Torcendo a tromba do elefante, Bhima se libertou de seu emaranhamento, e mais uma vez ficou sob o corpo daquela criatura enorme. E ele esperou lá, aguardando a chegada de um elefante hostil de seu próprio exército. Saindo de sob o corpo do animal, Bhima então correu para longe com grande velocidade. Então um barulho alto foi ouvido, feito por todas as tropas, neste sentido, 'Ai, Bhima foi morto pelo elefante!' A hoste Pandava, assustada por aquele elefante, fugiu de repente, ó rei, para onde Vrikodara estava esperando. Enquanto isso, o rei Yudhishthira, pensando que Vrikodara tinha sido morto, cercou Bhagadatta por todos os lados, ajudado pelos Panchalas. Tendo-o cercado com numerosos carros, o rei Yudhishthira, aquele principal dos guerreiros em carros, cobriu Bhagadatta com flechas afiadas às centenas e milhares. Então Bhagadatta, aquele rei das regiões montanhosas, desviando com seu gancho de ferro aquela chuva de setas, começou a destruir os Pandavas e os Panchalas por meio daquele seu elefante. De fato, ó monarca, o feito que nós então vimos, realizado pelo idoso Bhagadatta com seu elefante, foi muito extraordinário. Então o soberano dos Dasarnas avançou contra o rei dos Pragjyotishas, em um elefante veloz com suor temporal escorrendo, para atacar Supratika no flanco. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois elefantes de tamanho impressionante pareceu aquela entre duas montanhas aladas cobertas com florestas nos tempos passados. Então o elefante de Bhagadatta, virando-se repentinamente e atacando o elefante do rei dos Dasarnas, rasgou o flanco do último e matou-o imediatamente. Então o próprio Bhagadatta com sete lanças brilhantes como os raios do sol, matou seu adversário (humano) sentado no elefante exatamente

quando o último estava prestes a cair de seu assento. Perfurando o rei Bhagadatta então (com muitas setas), Yudhishthira cercou-o por todos os lados com um grande número de carros. Permanecendo sobre seu elefante em meio a guerreiros em carros cercando-o completamente, ele parecia brilhante como um fogo ardente em um topo de montanha no meio de uma floresta densa. Ele ficou destemidamente no meio daqueles carros cerrados ocupados por arqueiros impetuosos, todos os quais derramavam sobre ele suas flechas. Então o rei dos Pragjyotishas, pressionando (com seu dedão do pé) seu elefante enorme, incitou-o em direção ao carro de Yuyudhana. Aquele animal prodigioso, então agarrando o carro do neto de Sini, lançou-o a uma distância com grande força. Yuyudhana, no entanto, escapou por retirada oportuna. Seu quadrigário também, abandonando os corcéis grandes da raça Sindhu, unidos àquele carro, rapidamente seguiu Satyaki e ficou onde o último parou. Enquanto isso o elefante, saindo rapidamente do círculo de carros, começou a derrubar todos os reis (que tentavam barrar seu rumo). Aqueles touros entre homens, apavorados por aquele único elefante que corria rapidamente, o consideraram naquela batalha como multiplicado por muitos. De fato, Bhagadatta, montado naquele elefante dele, começou a derrubar os Pandavas, como o chefe dos celestiais montado em Airavata derrubando os Danavas (nos tempos passados). Quando os Panchalas fugiram em todas as direções, alto e terrível foi o barulho que se elevou dentre eles, feito por seus elefantes e corcéis. E enquanto as tropas Pandava eram assim destruídas por Bhagadatta, Bhima, excitado com raiva, avançou novamente contra o soberano dos Pragjyotishas. O elefante do último então assustou os corcéis de Bhima que avançavam por encharcá-los com água esguichada de sua tromba, e nisso aqueles animais levaram Bhima para longe do campo. Então o filho de Kriti, Ruchiparvan, em seu carro, avançou rapidamente contra Bhagadatta, espalhando chuvas de setas e avançando como o próprio Destruidor. Então Bhagadatta, aquele soberano das regiões montanhosas, possuidor de belos membros, despachou Ruchiparvan com uma flecha reta para a residência de Yama. Após a queda do heróico Ruchiparvan, o filho de Subhadra e os filhos de Draupadi, e Chekitana, e Dhrishtaketu, e Yuyutsu começaram a afligir o elefante. Desejando matar aquele elefante, todos aqueles guerreiros, proferindo gritos altos, começaram a despejar suas setas sobre o animal, como as nuvens encharcando a terra com sua torrente aquosa. Incitado então por seu condutor habilidoso com calcanhar, gancho, e dedo do pé o animal avançou rapidamente com tromba esticada, e olhos e ouvidos fixos. Esmagando com os pés os cavalos de Yuyutsu, o animal então matou o quadrigário. Nisso, ó rei, Yuyutsu, abandonando seu carro, fugiu rapidamente. Então os guerreiros Pandava, desejosos de matar aquele príncipe dos elefantes, proferiram gritos altos e o cobriram rapidamente com chuvas de setas. Nesse momento, teu filho, excitado com raiva, avançou contra o carro do filho de Subhadra. Enquanto isso, o rei Bhagadatta em seu elefante, disparando flechas no inimigo, parecia resplandecente como o próprio Sol espalhando seus raios sobre a terra. O filho de Arjuna então o perfurou com uma dúzia de flechas, e Yuyutsu com dez, e cada um dos filhos de Draupadi o perfurou com três flechas e Dhrishtaketu também o perfurou com três. Aquele elefante então, perfurado por aquelas flechas, disparadas com grande cuidado, parecia brilhante como uma massa imensa de nuvens atravessada pelos raios do

sol. Atormentado por aquelas flechas do inimigo, aquele elefante então, incitado por seu condutor com habilidade e vigor, começou a derrubar guerreiros hostis em ambos os seus flancos. Como um vaqueiro espancando seu gado na floresta com um aguilhão, Bhagadatta repetidamente castigou a hoste Pandava. Como o grasnar de corvos se retirando rapidamente quando atacados por falcões, um barulho alto e confuso foi ouvido entre as tropas Pandava que fugiam com grande velocidade. Aquele príncipe dos elefantes, atingido por seu condutor com o gancho, parecia, ó rei, uma montanha alada de antigamente. E ele encheu os corações do inimigo com medo, semelhante ao que comerciantes experimentam à visão do mar revolto. Então elefantes e guerreiros em carros e corcéis e reis, fugindo com medo, fizeram, quando eles fugiram, um rumor alto e tremendo que, ó monarca, encheu a terra e o céu e o firmamento e as direções cardeais e secundárias naquela batalha. Montado naquele mais notável dos elefantes, o rei Bhagadatta penetrou no exército hostil como o Asura Virochana antigamente na hoste celeste em batalha bem protegida pelos deuses. Um vento violento começou a soprar; uma nuvem de pó cobriu o céu e as tropas; e as pessoas consideraram aquele único elefante como multiplicado por muitos, correndo por todo o campo.'"

25

"Sanjaya disse, 'Tu me perguntaste acerca dos feitos de Arjuna em batalha. Ouça, ó tu de braços fortes, o que Partha realizou no combate. Contemplando a poeira erguida e ouvindo o lamento das tropas quando Bhagadatta estava realizando grandes façanhas no campo, o filho de Kunti dirigiu-se a Krishna e disse 'Ó matador de Madhu, parece que o soberano dos Pragjyotishas, em seu elefante, com grande impetuosidade, avançou para a batalha. Esse rumor alto que nós ouvimos deve ser devido a ele. Bem versado na arte de oprimir e lutar das costas de um elefante, e não inferior ao próprio Indra em batalha, ele, eu penso, é o mais notável de todos os guerreiros em elefante no mundo. Seu elefante, além disso, é o principal dos elefantes, sem um rival para enfrentá-lo em batalha. Possuidor de grande bravura e além de toda fadiga, ele é, também, impenetrável para todas as armas. Capaz de suportar toda arma e até o toque do fogo, ele irá, ó impecável, destruir sozinho o exército Pandava hoje. Exceto nós dois, não há ninguém mais capaz de deter aquela criatura. Vá rapidamente, portanto, para aquele local onde o soberano dos Pragjyotishas está. Orgulhoso em batalha, por causa da força de seu elefante, e arrogante por causa de sua idade, eu irei nesse mesmo dia enviá-lo como um convidado para o matador de Vala.' A essas palavras de Arjuna, Krishna começou a se dirigir para o local onde Bhagadatta estava rompendo as tropas Pandava. Enquanto Arjuna estava procedendo em direção a Bhagadatta, os poderosos guerreiros em carro Samsaptaka, numerando catorze mil, compostos de dez mil Gopalas ou Narayanas que costumavam seguir Vasudeva, voltando ao campo, o convocaram para a batalha. Vendo a hoste Pandava dividida por Bhagadatta, e convocado por outro lado pelos Samsaptakas, o coração de Arjuna estava dividido em dois. E ele começou a pensar, 'Qual desses dois atos será melhor para mim fazer hoje, voltar desse local para lutar

com Samsaptakas ou me dirigir até Yudhishthira?' Refletindo com a ajuda de seu discernimento, ó perpetuador da família de Kuru, o coração de Arjuna, finalmente, foi firmemente fixado no massacre dos Samsaptakas. Desejoso de massacrar sozinho em batalha milhares de guerreiros em carros, o filho de Indra (Arjuna) tendo o principal de macacos em seu estandarte, retrocedeu de repente. Exatamente isso foi o que Duryodhana e Karna tinham pensado para realizar a morte de Arjuna. E foi por isso que eles tinham feito planos para o combate duplo. O filho de Pandu permitiu seu coração hesitar (entre) esse lado e aquele, mas, finalmente, resolvendo matar aqueles principais dos guerreiros, os Samsaptakas, ele frustrou o propósito de seus inimigos. Então os poderosos guerreiros em carros Samsaptakas, ó rei, dispararam em Arjuna milhares de setas retas. Coberto com aquelas setas, ó monarca, nem o filho de Kunti Partha, nem Krishna, também chamado Janardana, nem os corcéis, nem o carro, podiam ser vistos. Então Janardana ficou privado de seus sentidos e transpirou muito. Nisso, Partha disparou a arma Brahma e quase exterminou todos eles. Centenas e centenas de braços com arcos e flechas e cordas de arco nas mãos, cortados de troncos, e centenas e centenas de estandartes e corcéis e quadrigários e guerreiros em carros, caíram no chão. Elefantes enormes, bem equipados e parecendo colinas cobertas com bosques ou massas de nuvens, afligidos pelas flechas de Partha e privados de condutores, caíram na terra. Muitos elefantes além disso, com condutores em suas costas, oprimidos pelas flechas de Arjuna, caíram, privados de vida, desprovidos dos tecidos bordados em suas costas, e com suas mantas rasgadas. Cortados por Kiritin com suas setas de cabeça larga, braços incontáveis tendo espadas e lanças e espadins como suas unhas ou tendo cassetetes e machados de batalha nas mãos, caíram no chão. Cabeças também, belas, ó rei, como o sol da manhã ou o lótus ou a lua, cortadas por Arjuna com suas setas, caíram no chão. Enquanto Phalguni em fúria estava empenhado dessa maneira em matar o inimigo com diversos tipos de flechas bem enfeitadas e fatais, aquela hoste parecia estar em chamas. Vendo Dhananjaya esmagando aquela hoste como um elefante esmagando caules de lotos, todas as criaturas o aplaudiram, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Vendo aquele feito de Partha parecendo aquele do próprio Vasava, Madhava se admirou muito e, dirigindo-se a ele com mãos unidas, disse, 'Na verdade, ó Partha, eu penso que essa façanha que tu realizaste não poderia ser realizada por Sakra, ou Yama, ou pelo próprio Senhor dos Tesouros. Eu vejo que hoje tu derrubaste em batalha centenas e milhares de poderosos guerreiros Samsaptaka juntos.' Tendo matado os Samsaptakas então, que estavam engajados na batalha, Partha dirigiu-se a Krishna, dizendo, 'Vá em direção a Bhagadatta.'"

26

"Sanjaya disse, 'De acordo com o desejo de Partha, Krishna então incitou seus corcéis brancos, rápidos como a mente e cobertos com armadura dourada, em direção às divisões de Drona. Enquanto aquele principal dos Kurus estava assim procedendo em direção a seus irmãos que estavam sendo muito afligidos por Drona, Susarman com seus irmãos seguiu atrás dele, desejoso de lutar. O sempre

vitorioso Arjuna então se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Ó tu de glória imorredoura, esse Susarman aqui, com seus irmãos, me desafia para a batalha! Ó matador de inimigos, nossa hoste, além disso, é subjugada (por Drona) em direção ao norte. Por causa desses Samsaptakas, meu coração vacila hoje quanto a se eu devo fazer isso ou aquilo. Eu devo matar os Samsaptakas agora, ou proteger do perigo minhas próprias tropas já afligidas pelo inimigo? Saiba que é isso que eu estou pensando, isto é: qual desses será melhor para mim?' Assim endereçado por ele, ele da linhagem de Dasarha fez voltar o carro, e levou o filho de Pandu para onde o soberano dos Trigartas estava. Então Arjuna perfurou Susarman com sete flechas, e cortou seu arco e estandarte com um par de setas afiadas. Ele então, com seis setas despachou rapidamente os irmãos do rei Trigarta para a residência de Yama. Então Susarman, visando Arjuna, arremessou nele um dardo feito totalmente de ferro e parecendo com uma cobra, e visando Vasudeva, arremessou uma lança nele. Cortando aquele dardo com três flechas e aquela lança também com três outras flechas, Arjuna, por meio de suas chuvas de flechas, privou Susarman de seus sentidos em seu carro. Então avançando ferozmente (em direção à tua divisão), espalhando chuvas de setas, como Vasava derramando chuva, ninguém entre tuas tropas, ó rei, se arriscava a resistir. Como um fogo consumindo pilhas de palha quando avança, Dhananjaya avançava, chamuscando todos os poderosos guerreiros em carros entre os Kauravas por meio de suas flechas. Como uma criatura viva incapaz de suportar o toque do fogo, tuas tropas não podiam suportar a impetuosidade irresistível daquele filho inteligente de Kunti. De fato, o filho de Pandu, oprimindo a hoste hostil por meio de suas setas, aproximou-se do rei dos Pragjyotishas, ó monarca, como Garuda mergulhando (sobre sua presa). Ele então segurava em suas mãos aquele Gandiva o qual em batalha era benéfico para os Pandavas inocentes e nocivo para todos os inimigos, para a destruição de Kshatriyas ocasionada, ó rei, por causa do erro do teu filho que recorreu ao jogo de dados fraudulento para realizar seu objetivo. Agitada por Partha dessa maneira, tua hoste então, ó rei, se rompeu como um barco quando ele bate em contra uma rocha. Então dez mil arqueiros, bravos e ferozes, firmemente decididos a conquistar, avançaram (para enfrentar Arjuna). Com corações destemidos, todos aqueles poderosos guerreiros em carros o cercaram. Capaz de suportar qualquer carga, por mais que pesada em batalha, Partha se encarregou daquela carga pesada. Como um elefante furioso de sessenta anos, com têmporas fendidas, esmaga um grupo de caules de lotos, assim mesmo Partha esmagou aquela divisão do teu exército. E quando aquela divisão estava sendo assim esmagada, o rei Bhagadatta, naquele mesmo elefante dele, avançou impetuosamente em direção a Arjuna. Nisso, Dhananjaya, aquele tigre entre homens, ficando em seu carro, recebeu Bhagadatta. Aquele combate entre o carro de Arjuna e o elefante de Bhagadatta foi violento ao extremo. Aqueles dois heróis, Bhagadatta e Dhananjaya, então correram sobre o campo, um em seu carro e o outro em seu elefante, ambos os quais estavam equipados segundo as regras da ciência (bélica). Então Bhagadatta, como o senhor Indra, de seu elefante parecendo com uma massa de nuvens, despejou sobre Dhananjaya chuvas de flechas. O filho valente de Vasava, no entanto, com suas setas, cortou aquelas chuvas de flechas de Bhagadatta antes que elas pudessem alcançá-lo. O rei dos Pragjyotishas, então, frustrando aquela chuva de flechas de Arjuna, atingiu Partha

e Krishna, ó rei, com muitas flechas e submergindo ambos com uma chuva grossa de flechas, Bhagadatta então incitou seu elefante para a destruição de Krishna e Partha. Vendo aquele elefante furioso avançando como a própria Morte, Janardana rapidamente moveu seu carro de maneira a manter o elefante à sua esquerda. Dhananjaya, embora ele tivesse dessa maneira a oportunidade de matar aquele elefante enorme com seu condutor em suas costas, contudo não desejou se aproveitar disso, lembrando-se das regras de luta justa. O elefante, no entanto, atacando outros elefantes e carros e corcéis, ó rei, despachou todos eles para a residência de Yama. Vendo isso, Dhananjaya encheu-se de raiva.'"

27

"Dhritarashtra disse, 'Cheio de ira, o que Partha, o filho de Pandu, fez para Bhagadatta? O que também o rei dos Pragjyotishas fez para Partha? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Enquanto Partha e Krishna estavam assim empenhados em combate com o soberano dos Pragjyotishas, todas as criaturas consideraram eles como estando muito perto das mandíbulas da Morte. De fato, ó monarca, do pescoço de seu elefante, Bhagadatta espalhava chuvas de flechas sobre os dois Krishnas, que estavam em seu carro. Ele perfurou o filho de Devaki com muitas flechas feitas totalmente de ferro preto, equipadas com asas de ouro, afiadas em pedra, e disparadas de seu arco, estirado à mais completa extensão. Aquelas flechas cujo toque parecia aquele do fogo, providas de penas belas, e atiradas por Bhagadatta, atravessando o filho de Devaki, entraram na terra. Partha então cortou o arco de Bhagadatta e matando em seguida o guerreiro que protegia seu elefante a partir do flanco, começou a lutar com ele como se em esporte. Então Bhagadatta arremessou nele catorze lanças de pontas afiadas, que eram brilhantes como o raios do sol. Arjuna, no entanto, cortou cada uma daquelas lanças em três fragmentos. Então o filho de Indra cortou a armadura na qual aquele elefante estava envolvido, por meio de uma chuva grossa de flechas. A armadura assim cortada caiu no chão. Muito afligido pelas flechas disparadas por Arjuna, aquele elefante, privado de sua cota de malha, parecia com um príncipe das montanhas privado de seus mantos nublados e com faixas de água escorrendo em seu leito. Então o soberano dos Pragjyotishas arremessou em Vasudeva um dardo feito totalmente de ferro e decorado com ouro. Aquele dardo Arjuna cortou em dois. Então cortando o estandarte do rei e guarda-sol por meio de suas flechas Arjuna rapidamente perfurou aquele soberano dos reinos montanhosos com dez flechas, sorrindo todo o tempo. Profundamente perfurado por aquelas flechas de Arjuna, que eram belamente aladas com penas Kanka, Bhagadatta, ó monarca, ficou furioso com o filho de Pandu. Ele então arremessou algumas lanças na cabeça de Arjuna e proferiu um grito alto. Por causa daquelas lanças o diadema de Arjuna foi tirado de seu lugar. Arjuna, então, tendo colocado seu diadema devidamente, dirigiu-se ao soberano dos Pragjyotishas, dizendo, 'Olhe bem para esse mundo!' Assim endereçado por ele, Bhagadatta ficou cheio de raiva, e pegando um arco brilhante derramou sobre o Pandava e Govinda suas

torrentes de flechas. Partha então cortando seu arco e aljavas, rapidamente o atingiu com setenta e duas flechas, afligindo seus membros vitais. Assim perfurado, ele estava muito atormentado. Cheio então de ira, ele com Mantras transformou seu gancho na arma Vaishnava e arremessou-a no peito de Arjuna. Aquela arma que matava a todos, arremessada por Bhagadatta, Kesava, cobrindo Arjuna, recebeu em seu peito. Nisso, aquela arma tornou-se uma guirlanda triunfal no peito de Kesava. Arjuna então dirigiu-se tristemente a Kesava, dizendo, 'Ó impecável, sem lutar, tu deves somente guiar meus corcéis! Tu disseste isso, ó de olhos de lótus! Por que então tu não te manténs fiel à tua promessa? Se eu cair em perigo, ou ficar incapaz de lutar, ou de resistir a um inimigo ou arma, então tu podes agir assim, mas não quando eu estou resistindo dessa maneira. Tu sabes que com meu arco e flechas eu sou competente para subjugar esses mundos com os deuses, os Asuras, e homens.' Ouvindo essas palavras de Arjuna, Vasudeva respondeu para ele, dizendo, 'Escute, ó Partha, esse segredo e história antiga como ele é, ó impecável! Eu tenho quatro formas, eternamente empenhado como eu estou em proteger os mundos. Dividindo a Mim mesmo, eu ordeno o bem dos mundos. Uma forma minha, permanecendo sobre a terra, está dedicada à prática de austeridades ascéticas. Outra contempla os atos bons e maus no mundo. Minha terceira forma, entrando no mundo dos homens, está dedicada à ação. Minha quarta forma deita em sono por mil anos. A minha forma que desperta do sono no fim de mil anos, concede, após despertar, bênçãos excelentes para pessoas dignas delas. A Terra, sabendo (em uma ocasião) que aquele momento tinha chegado, pediu de mim um benefício para (seu filho) Naraka. Ouça, ó Partha, qual foi aquele benefício. 'Possuidor da arma Vaishnava, que meu filho se torne incapaz de ser morto pelos deuses e os Asuras. Cabe a ti me conceder aquela arma.' Ouvindo esse rogo, eu então dei, nos tempos passados, a suprema e infalível arma Vaishnava para o filho da Terra. Eu disse também naquele tempo essas palavras, 'Ó Terra, que essa arma seja infalível para a proteção de Naraka. Ninguém será capaz de matá-lo. Protegido por essa arma, teu filho irá sempre, em todos os mundos, ser invencível e oprimir todas as hostes hostis.' Dizendo, 'Assim seja!' a deusa inteligente foi embora, seus desejos realizados. E Naraka também tornou-se invencível e sempre chamuscava seus inimigos. Foi de Naraka, ó Partha, que o soberano dos Pragjyotishas obteve essa arma minha. Não há ninguém, em todo o mundo, ó senhor, incluindo mesmo Indra e Rudra, que não possa ser morto por essa arma. Foi por tua causa, portanto, que eu a frustrei, violando minha promessa. O grande Asura foi agora privado daquela arma suprema. Mate agora, ó Partha, aquele teu inimigo invencível, Bhagadatta, inimigo dos deuses, assim como eu antigamente matei para o bem dos mundos o Asura Naraka.' Assim endereçado por Kesava de grande alma, Partha de repente cobriu Bhagadatta com nuvens de setas aladas. Então, o poderosamente armado Arjuna de grande alma destemidamente atingiu uma flecha longa entre os globos frontais do elefante de seu inimigo. Aquela flecha, rompendo o elefante como o raio rompendo uma montanha, penetrou em seu corpo até as próprias asas, como uma cobra penetrando em um formigueiro. Embora incitado repetidamente então por Bhagadatta, o elefante se recusou a obedecê-lo como a esposa de um homem pobre a seu marido. Com membros paralisados, ele caiu, batendo no chão com suas presas. Proferindo um grito de angústia, aquele elefante enorme morreu. O

filho de Pandu então, com uma flecha reta provida de uma cabeça em forma de meia-lua, perfurou o peito do rei Bhagadatta. Seu peito, sendo perfurado pelo enfeitado com diadema (Arjuna), o rei Bhagadatta, privado de vida, jogou ao chão seu arco e flechas. Solto de sua cabeça, o pedaço de tecido valioso que tinha servido a ele como um turbante caiu, como uma pétala de um lótus quando seu caule é violentamente golpeado. E ele mesmo, enfeitado com guirlandas douradas, caiu de seu elefante enorme adornado com mantos dourados, como uma Kinsuka florescente quebrada pela força do vento do topo da montanha. O filho de Indra então, tendo matado em combate aquele monarca que parecia o próprio Indra em bravura e que era amigo de Indra, subjugou os outros guerreiros do teu exército inspirados com esperança de vitória como o vento poderoso quebrando fileiras de árvores.'"

28

"Sanjaya disse, 'Tendo matado Bhagadatta que era sempre o favorito e amigo de Indra e que era possuidor de grande energia, Partha o circungirou. Então os dois filhos do rei de Gandhara, os irmãos Vrishaka e Achala, aqueles subjugadores de cidades hostis, começaram a afligir Arjuna em batalha. Aqueles dois arqueiros heróicos, se unindo, começaram a perfurar profundamente Arjuna de frente e de trás com flechas afiadas de grande impetuosidade. Arjuna então com flechas afiadas cortou os corcéis e condutor e arco e guarda-sol e estandarte e carro de Vrishaka, o filho de Suvala, em átomos. Com nuvens de flechas e diversas outras armas, Arjuna então mais uma vez afligiu severamente as tropas Gandhara encabeçadas pelo filho de Suvala. Então Dhananjaya, cheio de ira, despachou para a residência de Yama, com suas flechas, quinhentos Gandharas heróicos com armas erguidas. O herói poderosamente armado (Vrishaka) então, descendo rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro de seu irmão e pegou outro arco. Então aqueles dois irmãos, Vrishaka e Achala, ambos sobre o mesmo carro, começaram a perfurar Vibhatsu incessantemente com chuvas de setas. De fato, aqueles príncipes de grande alma, aqueles teus parentes por casamento, Vrishaka e Achala, atingiram Partha muito severamente, como Vritra ou Vala atingindo Indra antigamente. De pontaria infalível, aqueles dois príncipes de Gandhara, eles mesmos ilesos, começaram mais uma vez a atacar o filho de Pandu, como os dois meses de verão afligindo o mundo com raios produtores de suor. Então Arjuna matou aqueles príncipes e tigres entre homens, Vrishaka e Achala, que estavam em um carro lado a lado, ó monarca, com uma única flecha. Então aqueles heróis de braços fortes, com olhos vermelhos e parecidos com leões, aqueles irmãos tendo feições parecidas, caíram juntos daquele carro. E seus corpos, queridos para amigos, caindo sobre a terra, jazem lá, espalhando fama sagrada por toda parte.'"

"Vendo seus tios maternos corajosos e que não recuavam mortos dessa maneira por Arjuna, teus filhos, ó monarca, despejaram muitas armas sobre ele. Sakuni também, conhecedor de centenas de diferentes tipos de ilusões, vendo seus irmãos mortos, criou ilusões para confundir os dois Krishnas. Então clavas, e

bolas de ferro, e rochas e Sataghnis e dardos, e maças, e clavas com pontas, e cimitarras, e lanças, malhos, machados, e Kampanas, e espadas, e pregos, e cassetetes curtos, e machados de batalha, e navalhas, e flechas com cabeças largas afiadas, e Nalikas, e flechas com cabeça (em forma de) dente de bezerro, e flechas tendo cabeça (feita de) ossos e discos e flechas com cabeça de cobra, e arpões, e diversas outras espécies de armas, caíram sobre Arjuna de todos os lados. E jumentos, e camelos, e búfalos, e tigres, e leões, e veados, e leopardos, e ursos, e lobos e urubus, e macacos, e vários répteis, e diversos canibais, e bandos de corvos, todos famintos, e excitados com raiva, correram em direção a Arjuna. Então Dhananjaya, o filho de Kunti, aquele herói conhecedor de armas celestes, disparando nuvens de setas, atacou eles todos. E atacados por aquele herói com aquelas flechas fortes e excelentes, eles proferiram gritos altos e caíram privados de vida. Então uma escuridão densa apareceu e cobriu o carro de Arjuna, e de dentro daquela escuridão vozes ríspidas repreenderam Arjuna. O último, no entanto, por meio das armas chamadas Jyotishka, dissipou aquela escuridão densa e aterradora. Quando aquela escuridão foi dissipada ondas assustadoras de água apareceram. Para secar aquelas águas, Arjuna aplicou a arma chamada Aditya. E por causa daquela arma, as águas foram quase completamente secadas. Essas diversas ilusões, repetidamente criadas por Sauvala, Arjuna destruiu rapidamente por meio da força de suas armas, dando risada. Após todas as suas ilusões serem destruídas, afligido pelas flechas de Arjuna e emasculado pelo medo, Sakuni fugiu, ajudado por seus corcéis velozes, como um patife vulgar. Então Arjuna, conhecedor de todas as armas, mostrando para seus inimigos a excelente agilidade de suas mãos, derramou sobre a hoste Kaurava nuvens de flechas. Aquela hoste do teu filho, assim massacrada por Partha, ficou dividida em duas correntes como a correnteza do Ganga quando impedida por uma montanha. E uma daquelas correntes, ó touro entre homens, procedeu em direção a Drona, e a outra com gritos altos foi em direção a Duryodhana. Então um pó espesso se ergueu e cobriu todas as tropas. Nós não podíamos então ver Arjuna. Somente o som do Gandiva era ouvido por nós fora do campo. De fato, a vibração do Gandiva era ouvida, elevando-se acima do clangor de conchas e da batida de baterias e do barulho de outros instrumentos. Então na parte sul do campo ocorreu uma batalha violenta entre muitos principais guerreiros de um lado e Arjuna do outro. Eu, no entanto, segui Drona. As várias divisões do exército de Yudhishthira atacaram o inimigo em todas as partes do campo. As diversas divisões do teu filho, ó Bharata, Arjuna atingiu, assim como o vento no verão destrói massas de nuvens no céu. De fato, quando Arjuna se aproximava, espalhando nuvens de setas, como Vasava derramando torrentes grossas de chuva, não havia alguém no teu exército que pudesse resistir àquele arqueiro impetuoso, aquele tigre entre homens. Atingidos por Partha, teus guerreiros estavam em grande aflição. Eles fugiram, e ao fugir mataram muitos entre seu próprio número. As setas disparadas por Arjuna, aladas com penas Kanka e capazes de penetrar em todo corpo, caíam cobrindo todos os lados, como bandos de gafanhotos. Perfurando corcéis e guerreiros em carros e elefantes e soldados de infantaria, ó senhor, como cobras através de formigueiros, aquelas flechas entravam na terra. Arjuna nunca disparava flechas, em qualquer elefante, corcel ou homem. Atingidos por somente uma flecha, cada um desses, severamente

afligido, caía privado de vida. Com homens e elefantes e corcéis mortos atingidos por flechas jazendo por toda parte, e ecoando com gritos de cachorros e chacais, o campo de batalha apresentava uma visão variada e aterradora. Atormentado com flechas, pai abandonou filho, e amigo abandonou amigo e filho abandonou pai. De fato, cada um estava empenhado em proteger a si mesmo. Atingidos pelas flechas de Partha, muitos guerreiros abandonaram os próprios animais que os carregavam.'"

29

"Dhritarashtra disse, 'Quando aquelas (minhas) divisões, ó Sanjaya, estavam divididas e desbaratadas, e todos vocês se retiravam rapidamente do campo, qual se tornou o estado de suas mentes? O reagrupamento de tropas quando divididas e fugindo sem verem um local no qual permanecer é sempre muito difícil. Fale-me tudo sobre isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, '[Embora tuas tropas estivessem divididas], contudo, ó monarca, muitos principais dos heróis no mundo, inspirados pelo desejo de fazer bem para teu filho e de manter sua própria reputação, seguiram Drona. Naquela situação terrível, eles seguiram destemidamente seu comandante, realizando feitos meritórios contra as tropas Pandava com armas erguidas, e Yudhishthira dentro de distância acessível. Tirando vantagem de um erro de Bhimasena de grande energia e dos heróicos Satyaki e Dhrishtadyumna, ó monarca, os líderes Kuru se lançaram sobre o exército Pandava. Os Panchalas incitaram suas tropas, dizendo, 'Drona, Drona!' Teus filhos, no entanto, incitaram todos os Kurus, dizendo, 'Não deixem Drona ser morto! Não deixem Drona ser morto!' Um lado dizendo, 'Matem Drona!', 'Matem Drona!,' e o outro dizendo, 'Não deixem Drona ser morto! Não deixem Drona ser morto!', os Kurus e os Pandavas pareciam jogar, fazendo Drona sua aposta. Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, procedeu para o lado de todos aqueles guerreiros em carros Panchala a quem Drona procurava subjugar. Assim nenhuma regra era observava quanto ao adversário que alguém podia escolher para lutar com ele. O combate tornou-se terrível. Heróis enfrentaram heróis, proferindo gritos altos. Seus inimigos não podiam fazer os Pandavas tremerem. Por outro lado, se lembrando de todos os seus infortúnios, os últimos fizeram tremer as tropas de seus inimigos. Embora possuidores de modéstia, porém excitados com raiva e sentimento de vingança, e incitados por energia e força, eles se aproximaram daquela batalha terrível, indiferentes às suas próprias vidas para matarem Drona. Aquele combate de heróis de energia imensurável, jogando em batalha violenta fazendo a própria vida a aposta, parecia a colisão de ferro contra diamante. Nem os homens mais idosos podiam lembrar se eles tinham visto ou ouvido sobre uma batalha tão violenta como a que ocorreu nessa ocasião. A terra naquele combate, marcada com grande carnificina e afligida com o peso daquela hoste vasta, começou a tremer. O barulho aterrador feito pelo exército Kuru agitado e abalado pelo inimigo, paralisando o próprio céu, penetrou até no meio da hoste Pandava. Então Drona, atacando as divisões Pandava às milhares, e se movendo rapidamente pelo campo, as dividiu por meio

de suas flechas afiadas. Quando elas estavam sendo assim oprimidas por Drona de realizações extraordinárias, Dhrishtadyumna, o generalíssimo da hoste Pandava, cheio de ira reprimiu Drona. O combate que nós contemplamos entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi estupendo. É minha firme convicção de que ele não tem paralelo.'"

"Então Nila, parecendo um verdadeiro fogo, suas flechas constituindo suas faíscas e seu arco sua chama, começou a consumir as tropas Kuru, como uma conflagração consumindo pilhas de grama seca. O filho valente de Drona, que antes tinha estado desejoso de um combate com ele, dirigiu-se sorridente a Nila quando o último veio consumindo as tropas, e disse a ele essas palavras polidas, 'Ó Nila, o que tu ganhas por consumir assim muitos soldados comuns com tuas chamas de flechas? Lute comigo sem auxílio, e cheio de ira, me ataque.' Assim endereçado, Nila, o brilho de cujo rosto parecia o esplendor de um lótus totalmente desabrochado, perfurou Aswatthaman, cujo corpo parecia um grupo de lotos e cujos olhos eram como pétalas de lótus com suas flechas. Profundamente e repentinamente perfurado por Nila, o filho de Drona com três flechas de cabeça larga cortou o arco e estandarte e guarda-sol de seu antagonista. Pulando rapidamente de seu carro, Nila, então, com um escudo e uma espada excelente, desejou separar do tronco de Aswatthaman sua cabeça como uma ave (levando embora sua presa em suas garras). O filho de Drona, no entanto, ó impecável, por meio de uma flecha farpada, cortou do tronco de seu adversário sua cabeça enfeitada com um belo nariz e enfeitada com brincos excelentes, e que se apoiava em ombros elevados. Aquele herói, então, o brilho de cujo rosto parecia o esplendor da lua cheia e cujos olhos eram semelhantes a pétalas de lótus, cuja estatura era alta, e cor como aquela do lótus, assim morto, caiu no chão. A hoste Pandava então, cheia de grande aflição, começou a tremer, quando o filho do preceptor matou dessa maneira Nila de energia ardente. Os grandes guerreiros em carros dos Pandavas, ó majestade, todos pensaram, 'Ai, como o filho de Indra (Arjuna) será capaz de nos salvar do inimigo, quando aquele poderoso guerreiro está ocupado na parte sul do campo em massacrar o resto dos Samsaptakas e do exército Narayana?'"

30

"Sanjaya disse, 'Vrikodara, no entanto, não pode tolerar aquela matança de seu exército. Ele atingiu Valhika com sessenta e Karna com dez setas. Drona então, desejoso de matar Bhima, rapidamente atacou o último, em seus próprios órgãos vitais, (com) muitas flechas retas de gume afiado. Desejoso além disso de não conceder tempo, ele mais uma vez o atingiu com vinte e seis flechas cujo toque parecia com aquele do fogo e que eram todas semelhantes a cobras de veneno virulento. Então Karna o perfurou com uma dúzia de flechas, e Aswatthaman com sete, e o rei Duryodhana também com seis. O poderoso Bhimasena, em retorno, perfurou eles todos. Ele atacou Drona com cinquenta flechas, e Karna com dez. E perfurando Duryodhana com uma dúzia de flechas, e Drona com oito, ele se engajou naquela batalha proferindo um grito alto. Naquele combate no qual os

guerreiros lutavam indiferentes às suas vidas e no qual a morte era de fácil obtenção, Ajatasattru despachou muitos guerreiros, incitando-os para resgatar Bhima. Aqueles heróis de energia imensurável, os dois filhos de Madri e Pandu, e outros encabeçados por Yuyudhana, foram rapidamente para o lado de Bhimasena. E aqueles touros entre homens, cheios de ira e se reunindo, avançaram para a batalha, desejosos de romper o exército de Drona que era protegido por muitos principais dos arqueiros. De fato, aqueles grandes guerreiros em carros de energia poderosa, isto é, Bhima e outros, lançaram-se furiosamente sobre a hoste de Drona. Drona, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, recebeu sem qualquer ansiedade todos aqueles poderosos guerreiros de grande força, aqueles heróis talentosos em batalha. Desconsiderando seus reinos e abandonando todo o medo da morte, os guerreiros do teu exército procederam contra os Pandavas. Cavaleiros enfrentaram cavaleiros, e guerreiros em carros enfrentaram guerreiros em carros.'"

"A batalha prosseguiu, dardos contra dardos, espadas contra espadas, machados contra machados. Um combate violento com espadas ocorreu, produzindo uma carnificina terrível. E por causa da colisão de elefantes contra elefantes a batalha se tornou furiosa. Alguns caíam das costas de elefantes, e alguns das costas de cavalos, com cabeças para baixo. E outros, ó majestade, caíam de carros, perfurados com flechas. Naquela multidão selvagem, quando alguém caía privado de armadura, um elefante podia ser visto atacando-o no peito e esmagando sua cabeça. Em outro lugar podiam ser vistos elefantes esmagando multidões de homens caídos no campo. E muitos elefantes, perfurando a terra com suas presas (quando eles caíam), eram vistos dilacerar com elas grandes grupos de homens. Muitos elefantes, além disso, com flechas fincadas em suas trombas, vagavam sobre o campo, ferindo e esmagando homens às centenas. E alguns elefantes eram vistos prensando no chão guerreiros caídos e cavalos e elefantes equipados em armadura de ferro preto, como se esses fossem somente juncos grossos. Muitos reis, ornados com modéstia, sua hora tendo chegado, se deitavam (para o último sono) em leitos dolorosos, cobertos com penas de urubu. Avançando para a batalha sobre seu carro, pai matou filho; e filho também, por loucura perdendo todo o respeito, se aproximou do pai em batalha. As rodas de carros foram quebradas; estandartes foram rasgados; guarda-sóis caíram no chão. Arrastando cangas quebradas, corcéis fugiram. Braços com espadas em punho, e cabeças enfeitadas com brincos caíam. Carros, arrastados por elefantes poderosos, derrubados no chão, eram reduzidos a fragmentos. Corcéis com cavaleiros caíam, severamente feridos por elefantes. Aquela batalha violenta continuou, sem ninguém mostrar qualquer respeito por ninguém. 'Oh pai!' 'Oh filho!' 'Onde tu estás, amigo?' 'Espere!' 'Aonde tu vais?' 'Ataque!' 'Traga!' 'Mate esse!', esses e diversos outros gritos, com risadas e gritos altos, e rugidos eram proferidos e ouvidos lá. O sangue de seres humanos e cavalos e elefantes se misturou. A poeira grossa desapareceu. Os corações de todas as pessoas tímidas ficaram desanimados. Cá um herói tendo a roda de seu carro emaranhada com a roda do carro de outro herói, e a distância sendo tão próxima a permitir o uso de outras armas, despedaçava a cabeça daquele outro por meio de sua maça. Bravos combatentes, desejosos de segurança onde não havia segurança,

arrastavam uns aos outros pelo cabelo, e lutavam ferozmente com punhos, e unhas e dentes. Cá havia um herói cujo braço erguido com espada em punho era cortado; lá o braço de outro era cortado com arco, ou flecha ou gancho em punho. Cá um chamava outro ruidosamente. Lá outro virava suas costas no campo. Cá um cortava a cabeça de outro de seu tronco, surpreendendo-o dentro do alcance. Lá outro avançava com gritos altos sobre um inimigo. Cá um estava cheio de temor por causa do rugido do outro. Lá outro matava com flechas afiadas um amigo ou um inimigo. Cá um elefante, enorme como uma colina, morto com uma flecha longa, caía no campo e jazia como uma ilha estendida em um rio durante o verão. Lá um elefante, com suor escorrendo por seu corpo, como uma montanha com riachos fluindo sobre seu leito, tendo esmagado com seu passo um guerreiro em carro com seus cavalos e quadrigário, permanecia no campo. Vendo bravos guerreiros, talentosos com armas e cobertos com sangue, golpearem uns aos outros, aqueles que eram tímidos e de corações fracos perderam seus sentidos. De fato, todos ficaram desanimados. Nada podia mais ser distinguido. Submersa pela poeira erguida pelas tropas, a batalha tornou-se furiosa. Então o comandante dos exércitos Pandava dizendo, 'Essa é a hora!', rapidamente levou os Pandavas na direção daqueles heróis que são sempre dotados de grande presteza. Obedecendo sua ordem, os Pandavas poderosamente armados, atacando (o exército Kaurava) procederam em direção ao carro de Drona como cisnes em direção a um lago, 'Pegue ele,' 'Não fuja,' 'Não tema,' 'Corte em pedaços,' esses gritos ruidosos eram ouvidos na vizinhança do carro de Drona. Então Drona e Kripa, e Karna e o filho de Drona, e o rei Jayadratha, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Salya receberam aqueles heróis. Aqueles guerreiros irresistíveis e invencíveis, no entanto, isto é, os Panchalas e os Pandavas, inspirados por sentimentos nobres, embora atormentados por flechas, não evitaram Drona. Então Drona, excitado com grande fúria, disparou centenas de flechas, e causou uma grande carnificina entre os Chedis, os Panchalas, e os Pandavas. O som da corda de seu arco e os tapas de suas palmas, eram, ó majestade, ouvidos em todos os lados. E eles pareciam o ribombo do trovão e infligiam temor nos corações de todos. Enquanto isso, Jishnu, tendo vencido um grande número de Samsaptakas, foi rapidamente para aquele local onde Drona estava oprimindo as tropas Pandava. Tendo cruzado muitos lagos grandes cujas águas eram constituídas por sangue, e cujos vagalhões violentos e redemoinhos eram constituídos por flechas, e tendo massacrado os Samsaptakas, Phalguni se mostrou lá. Possuidor de grande renome e dotado como ele era da energia do próprio Sol, o emblema de Arjuna, isto é, seu estandarte portando o macaco, foi visto por nós brilhando com esplendor. Tendo secado completamente o oceano Samsaptaka por meio de armas que constituíam seus raios, o filho de Pandu então destruiu os Kurus também, como se ele fosse o próprio Sol que surge no fim do Yuga. De fato, Arjuna chamuscou todos os Kurus com o calor de suas armas, como o fogo que aparece no fim do Yuga, queimando todas as criaturas. Atingidos por ele com milhares de flechas, guerreiros em elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros caíam no chão, com cabelo despenteado, e extremamente afligidos por aquelas chuvas de flechas, alguns proferiam gritos de angústia. Outros davam gritos altos; e alguns atingidos pelas flechas de Partha caíam privados de vida. Lembrando das práticas de (bons) guerreiros, Arjuna não atacou aqueles combatentes entre o

inimigo que tinham caído, ou aqueles que estavam se retirando, ou aqueles que estavam sem vontade de lutar. Privados de seus carros e muito espantados, quase todos os Kauravas, se desviando do campo, proferiram gritos de 'Oh' e 'Ai' e chamaram Karna (por proteção). Ouvindo aquele barulho feito pelos Kurus desejosos de proteção, o filho de Adhiratha (Karna), ruidosamente assegurando as tropas com as palavras 'Não temam', foi enfrentar Arjuna. Então (Karna) aquele mais notável dos guerreiros em carros Bharata, aquele alegrador de todos os Bharatas, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, chamou à existência a arma Agneya. Dhananjaya, no entanto, frustrou por meio de suas próprias torrentes de flechas os enxames de flechas disparadas pelo filho de Radha, aquele guerreiro de arco resplandecente, aquele herói de flechas brilhantes. E similarmente, o filho de Adhiratha também frustrou as flechas de Arjuna de energia suprema. Resistindo às armas de Arjuna assim por meio das suas próprias, Karna proferiu gritos altos e disparou muitas flechas em seu adversário. Então Dhristadyumna e Bhima e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos se aproximaram de Karna, e cada um deles o perfurou com três flechas retas. O filho de Radha, no entanto, detendo as armas Arjuna com suas próprias chuvas de flechas, cortou com três flechas afiadas os arcos daqueles três guerreiros. Seus arcos cortados, eles pareciam com cobras sem veneno. Arremessando dardos em seu inimigo de seus respectivos carros, eles proferiram altos gritos leoninos. Aqueles dardos ardentes de grande esplendor e grande impetuosidade, parecendo com cobras, arremessados daqueles braços fortes, correram impetuosamente em direção ao carro de Karna. Cortando cada um daqueles dardos com três setas retas e disparando muitas setas ao mesmo tempo em Partha, o poderoso Karna proferiu um grito alto. Então Arjuna perfurando Karna com sete flechas, despachou o irmão mais novo do último por meio de suas flechas afiadas. Matando Satrunjaya assim com seis setas, Partha, com uma flecha de cabeça larga, cortou a cabeça de Vipatha quando o último estava em seu carro. Na própria vista dos Dhritarashtras, portanto, como também do filho de Suta, os três irmãos do último foram despachados por Arjuna sem ajuda de ninguém. Então Bhima, pulando de seu próprio carro, como um segundo Garuda, matou com sua espada excelente quinze combatentes entre aqueles que protegiam Karna. Subindo mais uma vez em seu carro e pegando outro arco, ele perfurou Karna com dez flechas e seu quadrigário e corcéis com cinco. Dhrishtadyumna também pegando uma espada e um escudo brilhante; despachou Charmavarman e também Vrihatkshatra, o soberano dos Naishadhas. O príncipe Panchala então, subindo em seu próprio carro e pegando outro arco, perfurou Karna com setenta e três flechas, e proferiu um rugido alto. O neto de Sini também, de esplendor igual àquele do próprio Indra, pegando outro arco perfurou o filho de Suta com sessenta e quatro flechas e rugiu como um leão. E cortando o arco de Karna com um par de flechas bem disparadas, ele mais uma vez perfurou Karna nos braços e no peito com três flechas. O rei Duryodhana, e Drona e Jayadratha, resgataram Karna do oceano-Satyaki, quanto o primeiro estava prestes a afundar nele. E soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes, pertencentes ao teu exército e numerando centenas, todos habilidosos em ataque avançaram para o local onde Karna estava amedrontando (seus atacantes). Então Dhrishtadyumna, e Bhima e o filho de Subhadra, e o próprio Arjuna, e Nakula, e

Sahadeva, começaram a proteger Satyaki naquela batalha. Assim mesmo continuou aquela batalha violenta para a destruição de arqueiros pertencentes ao teu exército e ao do inimigo. Todos os combatentes lutaram, indiferentes às suas próprias vidas. Infantaria e carros e cavalos e elefantes estavam empenhados em combate com carros e infantaria. Guerreiros em carros estavam empenhados em combate com elefantes e soldados de infantaria e cavalos, e carros e soldados de infantaria estavam envolvidos em combate com carros e elefantes. E corcéis eram vistos empenhados em combate com corcéis, e elefantes com elefantes, e soldados de infantaria com soldados de infantaria. Assim mesmo aquela batalha, marcada por grande confusão, aconteceu, aumentado o prazer de canibais e criaturas carnívoras, entre aqueles homens de grande alma enfrentando uns aos outros destemidamente. De fato, ele aumentou grandemente a população do reino de Yama. Grande número de elefantes e carros e soldados de infantaria e corcéis foram destruídos por homens, carros, corcéis e elefantes. E elefantes foram mortos por elefantes, e guerreiros em carros com armas erguidas por guerreiros em carros, e corcéis por corcéis, e grandes grupos de soldados de infantaria. E elefantes foram mortos por carros, e corcéis grandes por elefantes grandes e homens por corcéis; e corcéis por principais dos guerreiros em carros. Com línguas para fora, e dentes e olhos pressionados para fora de seus lugares, com cotas de malha e ornamentos esmagados na poeira, as criaturas massacradas caíam no campo. Outros, além disso, de aparência terrível eram golpeados e jogados no chão por outros armados com armas diversas e excelentes e afundavam na terra pelo passo de cavalos e elefantes, e torturados e mutilados por carros pesados e rodas de carros. E durante o progresso daquela carnificina aterradora tão encantadora para animais predadores e aves carnívoras e canibais, combatentes poderosos, cheios de ira, e matando uns aos outros se moviam rapidamente no campo aplicando toda sua energia. Então quando ambas as hostes estavam divididas e mutiladas, os guerreiros banhados em sangue, olharam uns para os outros. Enquanto isso, o Sol foi para seus aposentos nas colinas ocidentais, e ambos os exércitos, ó Bharata, se retiraram lentamente para suas respectivas tendas.'"

31

(Abhimanyu badha Parva)

"Sanjaya disse, 'Tendo sido primeiro divididos por Arjuna de destreza incomensurável, e devido também ao fracasso do voto de Drona, por Yudhishthira ter sido bem protegido, teus guerreiros foram considerados como derrotados. Todos eles com cotas de malha rasgadas e cobertas com poeira, lançaram olhares ansiosos em volta. Se retirando do campo com o consentimento de Drona, depois de terem sido vencidos por seus inimigos de pontaria certeira e humilhados por eles em batalha, eles ouviram, conforme eles procediam, os inumeráveis méritos de Phalguni louvado por todas as criaturas, e a amizade de Kesava por Arjuna falada por todos. Eles passaram a noite como homens sob uma maldição, refletindo sobre o rumo dos acontecimentos e observando silêncio perfeito.'"

"Na manhã seguinte, Duryodhana disse para Drona essas palavras, por petulância e cólera, e em grande desânimo de coração à visão da prosperidade de seu inimigo. Hábil em discurso, e cheio de raiva pelo êxito do inimigo, o rei disse essas palavras na audição de todas as tropas, 'Ó principal dos regenerados, sem dúvida tu nos puseste em perigo por causa de homens que devem ser destruídos por ti. Tu não capturaste Yudhishthira hoje embora tu o tivesses dentro do teu alcance. Aquele inimigo a quem tu deves apanhar em batalha é incapaz de escapar de ti se uma vez tu o tens dentro da visão, mesmo que ele seja protegido pelos Pandavas, ajudados pelos próprios deuses. Gratificado, tu me deste um benefício; agora, no entanto, tu não ages de acordo com isto. Aqueles que são nobres (como tu), nunca falsificam as esperanças de alguém dedicado a eles.' Assim endereçado por Duryodhana, o filho de Bharadwaja sentiu-se muito envergonhado. Dirigindo-se ao rei, ele disse, 'Não cabe a ti me considerar como tal. Eu sempre me esforço para realizar o que é agradável para ti. Os três mundos com os deuses, os Asuras, os Gandharvas, os Yakshas, os Nagas e os Rakshasas não podem derrotar o exército que é protegido pelo enfeitado com diadema (Arjuna). Lá onde Govinda, o Criador do universo está, e lá onde Arjuna é o comandante, o poder de quem pode ser eficaz, salvo o de Mahadeva de três olhos, ó senhor? Ó majestade, eu te falo realmente hoje e isso não será de outra maneira. Hoje, eu matarei um poderoso guerreiro em carro, um dos heróis principais dos Pandavas. Hoje eu irei também formar uma ordem de batalha impenetrável pelos próprios deuses. No entanto, ó rei, por quaisquer meios afaste Arjuna do campo. Não há nada que ele não saiba ou não possa realizar em batalha. De vários lugares ele adquiriu tudo o que é para ser conhecido sobre batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Drona tinha dito essas palavras, os Samsaptakas mais uma vez desafiaram Arjuna para o combate e o afastaram para a parte sul do campo. Então ocorreu um confronto entre Arjuna e seus inimigos, semelhante ao qual nunca tinha sido visto ou ouvido a respeito. Por outro lado, a ordem de batalha formada por Drona, ó rei, parecia resplandecente. De fato, aquela formação de combate era incapaz de ser olhada como o próprio sol quando em seu curso ele alcança o meridiano e chamusca (tudo abaixo). Abhimanyu, por ordem, ó Bharata, do irmão mais velho de seu pai, rompeu em batalha aquela formação de combate circular impenetrável em muitos lugares. Tendo realizado as mais difíceis façanhas e matado heróis aos milhares, ele foi (finalmente) combatido por seis heróis juntos. No fim, sucumbindo ao filho de Duhsasana, ó senhor da terra, o filho de Subhadra, ó castigador de inimigos, abandonou sua vida. Nisso nós ficamos cheios de grande alegria e os Pandavas de grande tristeza. E depois que o filho de Subhadra tinha sido morto, nossas tropas foram retiradas para o descanso noturno.'"

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da morte do filho (Abhimanyu), ainda em sua menoridade, daquele leão entre homens, (Arjuna), meu coração parece se partir em pedaços. Cruéis, de fato, são os deveres dos Kshatriyas como prescritos pelos legisladores, visto que homens corajosos, desejosos de soberania, não tiveram escrúpulos em disparar suas armas mesmo em um menino. Ó filho de

Gavalgana, diga-me como tantos guerreiros, talentosos com armas, mataram aquele menino que, embora criado no luxo, contudo se movia rapidamente sobre o campo tão destemidamente. Conte-me, ó Sanjaya, como nossos guerreiros se comportaram em batalha com o filho de Subhadra de energia imensurável que tinha penetrado em nossa tropa de carros.'"

"Sanjaya disse, 'Isso que tu me perguntaste, ó rei, isto é, a morte do filho de Subhadra, eu descreverei para ti em detalhes. Escute, ó monarca, com atenção. Eu relatarei para ti como aquele jovem, tendo penetrado em nossas tropas, se movimentou com suas armas, e como os heróis irresistíveis do teu exército, todos inspirados por esperança de vitória, foram afligidos por ele. Como os habitantes de uma floresta cheia de plantas e ervas e árvores, quando cercados por todos os lados por um incêndio florestal, os guerreiros do teu exército estavam todos cheios de temor.'"

32

"Sanjaya disse, 'De atos violentos em batalha e acima de toda fadiga, como provado por suas façanhas, os cinco filhos de Pandu, com Krishna, não podem ser resistidos pelos próprios deuses. Em virtude, em feitos, em linhagem, em inteligência, em realizações, em fama, em prosperidade, nunca houve, e nunca haverá, outro homem tão dotado quanto Yudhishthira. Devotado à verdade e justiça, e com paixões sob controle, o rei Yudhishthira, por seu culto aos Brahmanas e diversas outras virtudes de natureza similar, está sempre no desfrute do Céu. O próprio Destruidor no fim do Yuga, o filho valente de Jamadagni (Rama), e Bhimasena em seu carro, esses três, ó rei, são citados como iguais. De Partha, o manejador do Gandiva, que sempre realiza seus votos em batalha, eu não vejo um paralelo apropriado na terra. Reverência por superiores, execução de planos, humildade, autodomínio, beleza pessoal, e bravura, esses seis estão sempre presentes em Nakula. Em conhecimento de escrituras, gravidade, brandura de temperamento, virtude e destreza, o heróico Sahadeva é igual aos próprios Aswins. Todas aquelas qualidades nobres que se encontram em Krishna, todas aquelas que se encontram nos Pandavas, todo aquele conjunto de qualidades era encontrado em Abhimanyu somente. Em firmeza, ele era igual a Yudhishthira, e em conduta a Krishna; em façanhas, ele era igual a Bhimasena de feitos terríveis, em beleza pessoal, em destreza, e em conhecimento de escrituras ele era igual a Dhananjaya. Em humildade, ele era igual a Sahadeva e Nakula.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu desejo, ó Suta, ouvir em detalhes como o invencível Abhimanyu, o filho de Subhadra, foi morto no campo de batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Fique calmo, ó rei! Suporte tua aflição que é tão insuportável. Eu te falarei do grande massacre de teus parentes.'"

"O preceptor, ó rei, tinha formado a formidável ordem de batalha circular. Nela estavam posicionados todos os reis (do nosso lado) cada um igual ao próprio

Sakra. Na entrada estavam posicionados todos os príncipes possuidores de refulgência solar. Todos eles tinham feito juramentos (sobre defender uns aos outros). Todos tinham estandartes decorados com ouro. Todos estavam vestidos em mantos vermelhos, e todos tinham ornamentos vermelhos. Todos eles tinham pendões vermelhos e todos estavam enfeitados com guirlandas de ouro, cobertos com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados; eles estavam ornados com coroas florais. Em conjunto eles avançaram em direção ao filho de Arjuna, desejosos de lutar. Arqueiros firmes, todos eles numeravam dez mil. Colocando o teu belo neto, Lakshmana, em sua dianteira, todos eles, simpatizando uns com os outros em alegria e tristeza, e competindo uns com os outros em feitos de coragem, desejando sobrepujar uns aos outros, e dedicados ao bem uns dos outros, eles avançaram para a batalha. Duryodhana, ó monarca, estava posicionado no meio de suas tropas. E o rei estava cercado pelos poderosos guerreiros em carro Karna, Duhsasana, e Kripa, e tinha um guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça. E abanado com rabos de iaque, ele parecia resplandecente como o chefe dos celestiais. E na dianteira daquele exército estava o comandante Drona parecendo com o sol nascente. E lá estava o soberano dos Sindhus, de grande beleza pessoal, e imóvel como o rochedo de Meru. Permanecendo ao lado do soberano dos Sindhus e encabeçados por Aswatthaman, estavam, ó rei, teus trinta filhos, parecendo os próprios deuses. Lá também no flanco de Jayadratha estavam aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, o soberano de Gandhara, o jogador (Sakuni), e Salya, e Bhurisrava. Então começou a batalha, feroz e de arrepiar os cabelos, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo. E ambos os lados lutaram fazendo da própria morte a meta.'"

33

"Sanjaya disse, 'Os Parthas então, encabeçados por Bhimasena, aproximaram-se daquela formação de combate invencível protegida pelo filho de Bharadwaja. E Satyaki, e Chekitana, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Kuntibhoja de grande destreza, e o poderoso guerreiro em carro Drupada, e o filho de Arjuna (Abhimanyu), e Kshatradharman, e o bravo Vrihatkshatra, e Dhrishtaketu, o soberano dos Chedis, e os filhos gêmeos de Madri, (Nakula e Sahadeva), e Ghatotkacha, e o poderoso Yudhamanyu e o invicto Sikhandin, e o irresistível Uttamaujas e o poderoso guerreiro em carro Virata, e os cinco filhos de Draupadi, esses todos cheios de ira, e o filho valente de Sisupala, e os Kaikeyas de energia poderosa, e os Srinjayas aos milhares, esses e outros, educados em armas e difíceis de serem resistidos em batalha, avançaram repentinamente, na chefia de seus respectivos seguidores, contra o filho de Bharadwaja, pelo desejo de lutar. O filho valente de Bharadwaja, no entanto, reprimiu destemidamente todos aqueles guerreiros, logo que eles chegaram perto, com uma chuva grossa de flechas. Como uma onda imensa de águas vindo contra uma colina impenetrável, ou o próprio mar revolto se aproximando de sua margem, aqueles guerreiros foram repelidos por Drona. E os Pandavas, ó rei, afligidos pelas flechas disparadas do arco de Drona, eram incapazes de ficar diante dele. E a força das armas de Drona

que nós vimos era admirável ao extremo, visto que os Panchalas e os Srinjayas fracassaram em se aproximar dele. Vendo Drona avançando em fúria, Yudhishthira pensou em diversos meios para deter seu progresso. Finalmente, considerando Drona incapaz de ser resistido por alguém mais, Yudhishthira colocou aquele encargo pesado e insuportável sobre o filho de Subhadra. Dirigindo-se a Abhimanyu, aquele matador de heróis hostis, que não era inferior ao próprio Vasudeva e cuja energia era superior àquela de Arjuna, o rei disse, 'Ó filho, aja de maneira que Arjuna, retornando (dos Samsaptakas), não possa nos reprovar. Nós não sabemos como romper a ordem de batalha circular. Tu mesmo, ou Arjuna ou Krishna, ou Pradyumna, podem atravessar aquela ordem de batalha. Ó de braços fortes, nenhuma quinta pessoa pode ser encontrada (para realizar esse feito). Ó filho, cabe a ti, ó Abhimanyu, conceder o benefício que teus pais, teus tios maternos, e todas essas tropas pedem de ti. Pegando tuas armas rapidamente, destrua essa formação de combate de Drona, senão Arjuna, voltando do combate, irá reprovar todos nós.'"

"Abhimanyu disse, 'Desejando vitória para meus pais, logo em batalha eu atravessarei aquela firme, terrível e principal das ordens de batalha formada por Drona. Meu pai me ensinou o método (de penetrar e) derrotar esse tipo de formação de combate. Eu não serei capaz, no entanto, de sair se algum tipo de perigo me surpreender.'"

"Yudhishthira disse, 'Rompa essa ordem de batalha uma vez, ó principal dos guerreiros, e faça uma passagem para nós. Todos nós te seguiremos no caminho pelo qual tu irás. Em batalha, tu és igual ao próprio Dhananjaya. Vendo-te entrar, nós te seguiremos, protegendo-te de todos os lados.'"

"Bhima disse, 'Eu mesmo te seguirei, e Dhrishtadyumna e Satyaki, e os Panchalas, e os Prabhadrakas. Depois que a ordem de batalha for uma vez rompida por ti, eu entrarei nela repetidamente e matarei os mais notáveis guerreiros dentro dela.'"

"Abhimanyu disse, 'Eu penetrarei naquela formação de combate invencível de Drona, como um inseto cheio de ira entrando em um fogo ardente. Hoje, eu farei aquilo que será benéfico para ambas as linhagens (isto é, de meu pai e de minha mãe). Eu farei aquilo que satisfará meu tio materno como também minha mãe. Hoje todas as criaturas verão grandes grupos de soldados hostis continuamente massacrados por mim, um rapaz sem ajuda. Se alguém, me enfrentando, escapar hoje com vida, eu então não me considerarei gerado por Partha e nascido de Subhadra. Se em um único carro eu não puder em batalha cortar toda a classe Kshatriya em oito fragmentos, eu não me considerarei o filho de Arjuna.'"

"Yudhishthira disse, 'Já que protegido por esses tigres entre homens, esses grandes arqueiros dotados de poder impetuoso, esses guerreiros que parecem os Sadhyas, os Rudras, ou os Maruts, ou que são como os Vasus, ou Agni ou o próprio Aditya em coragem, tu te arriscas a romper a ordem de batalha invencível de Drona, e já que tu falas assim, que tua força, ó filho de Subhadra, seja aumentada.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Yudhishthira, Abhimanyu ordenou seu quadrigário, Sumitra, dizendo, 'Incite os cavalos rapidamente em direção ao exército de Drona.'"

34

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras do inteligente Yudhishthira, o filho de Subhadra, ó Bharata, incitou seu quadrigário em direção à formação de combate de Drona. O quadrigário, instigado por ele com as palavras, 'Proceda, Proceda,' respondeu para Abhimanyu, ó rei, nessas palavras, 'Ó tu que és abençoado com extensão de dias, pesada é a responsabilidade que foi colocada sobre ti pelos Pandavas! Averiguando por meio do teu bom senso se tu és capaz de suportar isso ou não, tu deves então te envolver na batalha. O preceptor Drona é um mestre de armas superiores e habilidoso (em batalha). Tu, no entanto, foste criado em grande luxo e és desabituado à batalha.'"

"Ouvindo essas palavras, Abhimanyu respondeu para seu quadrigário, dizendo com uma risada, 'Ó quadrigário, quem é esse Drona? O que, além disso, é esse vasto grupo de Kshatriyas? Eu enfrentaria em batalha o próprio Sakra em seu Airavata e ajudado por todos os celestiais. Eu não sinto a mais leve ansiedade a respeito de todos esses Kshatriyas hoje. Esse exército hostil não chega nem a uma décima sexta parte de mim mesmo. Ó filho de um Suta, obtendo meu tio materno o próprio Vishnu, o conquistador do universo ou meu pai, Arjuna, como um adversário em batalha, o medo não entraria no meu coração.' Abhimanyu então, desconsiderando dessa maneira aquelas palavras do quadrigário, instigou o último, dizendo, 'Vá com velocidade em direção ao exército de Drona.' Assim comandado, o quadrigário, com o coração mal alegre, incitou os cavalos de Abhimanyu de três anos de idade, enfeitados com arreios dourados ricamente enfeitados. Aqueles corcéis, incitados por Sumitra em direção ao exército de Drona, avançaram em direção ao próprio Drona, ó rei, com grande velocidade e destreza. Vendo ele indo (em direção a eles) daquela maneira, todos os Kauravas, encabeçados por Drona, avançaram contra ele, porque, de fato, os Pandavas seguiam atrás dele. Então o filho de Arjuna, superior ao próprio Arjuna, envolvido em armadura dourada e possuindo um estandarte excelente que portava o emblema de uma árvore Karnikara, enfrentou destemidamente, por desejo de batalha, aqueles guerreiros encabeçados por Drona, como um filhote de leão atacando uma manada de elefantes. Aqueles guerreiros então, cheios de alegria, começaram a atacar Abhimanyu enquanto ele se esforçava para romper sua formação de combate. E por um momento uma agitação teve lugar lá, semelhante ao redemoinho que é visto no oceano onde a correnteza do Ganga se mistura com ele. A batalha, ó rei, que começou lá, entre aqueles heróis se esforçando atacando uns aos outros, tornou-se violenta e terrível. E durante o progresso daquela batalha aterradora, o filho de Arjuna, na própria vista de Drona, rompendo aquela formação de combate, penetrou nela. Então grandes grupos de elefantes e corcéis e carros e infantaria, cheios de alegria, cercaram aquele guerreiro poderoso depois que ele tinha penetrado dessa maneira no meio do inimigo, e começaram a

atacá-lo. [Fazendo a terra ressoar] com o barulho de diversos instrumentos musicais, com gritos e golpes no peito e rugidos, com berros e gritos leoninos, com exclamações de 'Espere, Espere,' com vozes confusas selvagens com gritos de, 'Não vá', 'Espere', 'Venha a mim', com exclamações repetidas de, 'Este', 'Sou eu', 'O inimigo,' com grunhidos de elefantes, com o tilintar de sinos e ornamentos, com explosões de risada, e o estrépito de cascos de cavalo e rodas de carro, os guerreiros (Kaurava) avançaram no filho de Arjuna. Aquele herói poderoso, no entanto, dotado de grande agilidade de mãos e tendo o conhecimento das partes vitais do corpo, disparando rapidamente armas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, matou aqueles guerreiros que avançavam. Massacrados por meio de flechas afiadas de diversos tipos, aqueles guerreiros ficaram completamente desamparados, e como insetos caindo sobre um fogo ardente, eles continuaram a se lançar sobre Abhimanyu no campo de batalha. E Abhimanyu cobriu a terra com seus corpos e diversos membros de seus corpos como sacerdotes cobrindo o altar em um sacrifício com folhas de erva Kusa. E o filho de Arjuna cortou aos milhares os braços daqueles guerreiros. E alguns deles estavam envolvidos em corseletes feitos de pele de iguana e alguns seguravam arcos e flechas, e alguns seguravam espadas ou escudos ou ganchos de ferro e rédeas; e alguns, lanças e machados de batalha. E alguns seguravam maças ou bolas de ferro ou arpões e alguns, espadins e alavancas e machados. E alguns seguravam flechas curtas, ou maças com pontas, ou dardos, ou Kampanas. E alguns tinham aguilhões e conchas prodigiosas; e alguns dardos farpados e Kachagrahas. E alguns tinham malhos e alguns outros tipos de mísseis. E alguns tinham laços, e alguns clavas pesadas, e alguns (tinham) fragmentos de materiais duros. E todos aqueles braços estavam enfeitados com braceletes e lavados com perfumes e unguentos agradáveis. E com aqueles braços tingidos com sangue coagulado e parecendo brilhante o campo de batalha tornou-se belo como se coberto, ó majestade, com cobras de cinco cabeças mortas por Garuda. E o filho de Phalguni também espalhou sobre o campo de batalha inúmeras cabeças de inimigos, cabeças enfeitadas com belos narizes e rostos e madeixas, sem espinhas, e adornados com brincos. Sangue fluía daquelas cabeças copiosamente, e os lábios inferiores em todas estavam mordidos de raiva. Adornadas com belas guirlandas e coroas e turbantes e pérolas e pedras preciosas, e possuidoras de esplendor igual àquele do sol ou da lua, elas pareciam ser como lotos cortados de seus caules. Fragrantes com muitos perfumes, enquanto a vida estava nelas, elas podiam falar palavras agradáveis e benéficas. Diversos carros, bem equipados, e parecendo com os edifícios vaporosos no firmamento, com varais na frente e excelentes postes de bambu e parecendo belos com os estandartes levantados sobre eles, estavam privados de seus Janghas, e Kuvaras, e Nemis, e Dasanas, (que são os diversos membros de carros usados em batalha) e rodas, e estandartes e terraços. E os utensílios de guerra neles estavam todos quebrados. E os tecidos valiosos com os quais eles estavam cobertos foram impelidos para longe pelo vento, e os guerreiros sobre eles foram mortos aos milhares. Mutilando tudo diante dele com suas flechas, Abhimanyu era visto correndo por todos os lados. Com suas armas de gume afiado, ele cortou em pedaços guerreiros em elefantes, e elefantes com estandartes e ganchos e pendões, e aljavas e cotas de malha, e cilhas e laços de pescoço e cobertores, e sinos e trombas e presas como também os soldados a pé

que protegiam aqueles elefantes de trás. E muitos cavalos das raças Vanayu, montanhosa, Kamvoja, e Valhika, com rabos e orelhas e olhos imóveis e fixos, possuidores de grande velocidade, bem treinados, e guiados por guerreiros habilidosos armados com espadas e lanças, eram vistos serem privados dos ornamentos excelentes em seus rabos belos. E muitos jaziam com línguas de fora e olhos destacados de suas cavidades, e entranhas e fígados para fora. E os cavaleiros em suas costas jaziam sem vida ao lado deles. E as fileiras de sinos que os adornavam estavam todas rasgadas. Espalhados sobre o campo dessa maneira, eles causaram grande alegria para Rakshasas e animais predadores. Com cotas de malha e outras armaduras de couro (envolvendo seus membros) abertas, eles rolavam em fezes expelidas por eles mesmos. Matando dessa maneira muitos principais dos corcéis do teu exército, Abhimanyu parecia resplandecente. Realizando sozinho o feito mais difícil, como o próprio Vibhu inconcebível nos tempos passados, Abhimanyu oprimiu tua hoste vasta de três tipos de tropas (carros, elefantes, e corcéis), como o de três olhos (Mahadeva) de energia incomensurável oprimindo a terrível hoste Asura. De fato, o filho de Arjuna, tendo realizado em batalha feitos incapazes de serem resistidos por seus inimigos, em todos os lugares mutilava grandes divisões de soldados a pé pertencentes ao teu exército. Contemplando então tua hoste extensamente massacrada pelo filho de Subhadra sozinho com suas flechas afiadas como a hoste Asura por Skanda (o generalíssimo celeste), teus guerreiros e teus filhos lançaram olhares vazios para todos os lados. Suas bocas ficaram secas; seus olhos ficaram inquietos; seus corpos estavam cobertos com suor; e seus cabelos se eriçaram. Sem esperança de derrotar seu inimigo, eles colocaram seus corações em fugir do campo. Desejosos de salvar suas vidas, (eles) chamaram uns aos outros por seus nomes e os nomes de suas famílias, e abandonando seus filhos feridos e pais e irmãos e parentes e parentes por casamento jazendo por todo o campo, eles se esforçaram para fugir, incitando seus corcéis e elefantes (à sua velocidade máxima).'"

35

"Sanjaya disse, 'Vendo seu exército derrotado pelo filho de Subhadra de energia imensurável, Duryodhana, cheio de raiva, procedeu ele mesmo contra o primeiro. Vendo o rei voltar atrás em direção ao filho de Subhadra em batalha, Drona, se dirigindo a todos os guerreiros (Kaurava), disse, 'Resgatem o rei. Diante de nós, na nossa própria vista, o bravo Abhimanyu está matando todos os que ele visa. Avancem, portanto, rapidamente contra ele, sem medo e protejam o rei Kuru.' Então muitos guerreiros gratos e poderosos, tendo o bem de Duryodhana no coração, e sempre agraciados com vitória, inspirados com temor, cercaram teu filho. E Drona, e o filho de Drona, e Kripa e Karna e Kritavarman e o filho de Suvala, Vrihadvala, e o soberano dos Madras, e Bhuri, e Bhurisravas, e Sala, e Paurava e Vrishasena, disparando flechas afiadas, reprimiram o filho de Subhadra por meio daquelas chuvas de flechas. Confundindo-o com aquelas chuvas de flechas, eles resgataram Duryodhana. O filho de Arjuna, no entanto, não tolerou aquele ato de roubar um bocado de sua boca. Cobrindo aqueles poderosos

guerreiros em carros, seus quadrigários, e corcéis com chuvas grossas de setas e fazendo-os retroceder, o filho de Subhadra proferiu um rugido leonino. Ouvindo aquele rugido dele, parecendo aquele de um leão ansiando por presa, aqueles guerreiros em carros furiosos, encabeçados por Drona, não toleraram isso. Cercando-o por todos os lados, ó majestade, com um grande grupo de carros eles dispararam nele diversos tipos de flechas. Teu neto, no entanto, cortou-as no céu (antes que alguma delas pudesse alcançá-lo) por meio de flechas afiadas, e então perfurou todos eles com suas flechas. Essa façanha dele pareceu muito extraordinária. Provocados por ele dessa maneira por meio daquelas flechas dele que pareciam com cobras de veneno virulento, eles cercaram aquele filho de Subhadra que não recuava, desejosos de matá-lo. Aquele mar de tropas (Kaurava), no entanto, ó touro da raça Bharata, o filho de Arjuna sozinho manteve sob controle por meio de suas flechas, como o continente resistindo ao oceano revolto. E entre aqueles heróis assim lutando e golpeando uns aos outros, isto é, Abhimanyu e seu homem de um lado e todos aqueles guerreiros juntos do outro, ninguém retrocedeu do campo. Naquela batalha terrível e violenta, Duhsaha perfurou Abhimanyu com nove flechas. E Duhsasana perfurou-o com uma dúzia; e o filho de Saradwata Kripa, com três. E Drona o perfurou com dezessete flechas, cada uma parecendo uma cobra de veneno virulento. E Vivinsati o perfurou com setenta flechas, e Kritavarman com sete. E Vrihadvala o perfurou com oito, e Aswatthaman com sete flechas. E Bhurisrava o perfurou com três flechas e o soberano dos Madras com seis. E Sakuni perfurou-o com duas, e o rei Duryodhana com três flechas. O heróico Abhimanyu, no entanto, ó rei, aparentemente dançando sobre seu carro, perfurou cada um daqueles guerreiros em retorno com três flechas. Então Abhimanyu, cheio de raiva por teus filhos se esforçarem para assustá-lo dessa maneira, mostrou a força estupenda que ele tinha adquirido de treino e prática. Levado por seus corcéis bem domados, dotados da velocidade de Garuda ou do Vento, e totalmente obedientes às ordens daquele que segurava suas rédeas, ele rapidamente reprimiu o herdeiro de Asmaka. Ficando diante dele, o belo filho de Asmaka, dotado de grande força, perfurou-o com dez flechas e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere, Espere.' Abhimanyu então, com dez flechas, cortou os cavalos do primeiro e quadrigário e estandarte e dois braços e arco e cabeça, e os fez caírem no chão, sorrindo naquele momento. Depois que o heróico soberano dos Asmakas tinha sido morto dessa forma pelo filho de Subhadra, todo o seu exército vacilou e começou a fugir do campo. Então Karna e Kripa, e Drona e o filho de Drona, e o soberano dos Gandharas, e Sala e Salya, e Bhurisravas e Kratha, e Somadatta, e Vivinsati, e Vrishasena, e Sushena, e Kundavedhin, e Pratardana, e Vrindaraka e Lalithya, e Pravahu, e Drighalochana, e Duryodhana furioso, derramaram suas setas sobre ele. Então Abhimanyu, muito perfurado por aqueles grandes arqueiros com suas setas retas, disparou uma flecha em Karna a qual era capaz de atravessar toda armadura e corpo. Aquela flecha, atravessando a cota de malha de Karna e então seu corpo, entrou na terra como uma cobra atravessando um formigueiro. Profundamente perfurado, Karna sentiu grande dor e ficou completamente sem ação. De fato, Karna começou a tremer naquela batalha como uma colina durante um terremoto. Então com três outras de corte excelente, o filho poderoso de Arjuna, excitado com raiva, matou aqueles três guerreiros, isto é, Sushena,

Drighalochana, e Kundavedhin. Enquanto isso, Karna (se recuperando do choque) perfurou Abhimanyu com vinte e cinco flechas. E Aswatthaman o atingiu com vinte, e Kritavarman com sete. Totalmente coberto por setas, aquele filho do filho de Sakra, cheio de fúria, se movimentou rapidamente sobre o campo. E ele foi considerado por todas as tropas como o próprio Yama armado com o laço. Ele então espalhou sobre Salya, que aconteceu de estar perto dele, chuvas grossas de setas. Aquele guerreiro poderosamente armado então proferiu gritos altos, apavorando tuas tropas com isso. Enquanto isso, Salya, perfurado por Abhimanyu habilidoso com armas, com flechas retas penetrando em seus próprios órgãos vitais, sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Vendo Salya assim perfurado pelo filho célebre de Subhadra, todas as tropas fugiram diante dos olhos do filho de Bharadwaja. Vendo aquele guerreiro de braços fortes, isto é, Salya, assim coberto com flechas de asas douradas, teu exército fugiu como um bando de veados atacado por um leão. E Abhimanyu glorificado pelos Pitris, os deuses, e Charanas, e Siddhas, como também por diversas classes de criaturas sobre a terra, com louvores sobre (seu heroísmo e habilidade em) batalha, parecia resplandecente como um fogo sacrifical alimentado com manteiga clarificada.'"

36

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o filho de Arjuna estava oprimindo dessa maneira, por meio de suas flechas retas, nossos principais arqueiros, quais guerreiros do meu exército se esforçaram para detê-lo?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, sobre a destreza esplêndida em batalha do jovem Abhimanyu enquanto empenhado em romper as tropas de carros (dos Kauravas), protegidas pelo próprio filho de Bharadwaja.'"

"Vendo o soberano dos Madras incapacitado em batalha pelo filho de Subhadra com suas flechas, o irmão mais novo de Salya, cheio de fúria, avançou contra Abhimanyu, espalhando suas flechas. O filho de Arjuna no entanto, dotado de grande agilidade de mão, cortou a cabeça de seu antagonista e quadrigário, seu poste de bambu triplo, seu leito (no carro), as rodas de seu carro, sua canga, e varais e aljava, e fundo do carro, por meio de suas flechas, como também seu estandarte e todos os outros instrumentos de batalha com os quais seu carro estava equipado. Tão rápidos eram seus movimentos que ninguém podia obter uma visão de sua pessoa. Privado de vida, aquele principal e chefe de todos os ornamentos de batalha caiu no chão, como uma colina enorme arrancada por uma tempestade poderosa. Seus seguidores então, tomados pelo medo, fugiram em todas as direções. Contemplando aquele feito do filho de Arjuna, todas as criaturas estavam muito satisfeitas, e o animaram, ó Bharata, com gritos altos de 'Excelente, Excelente!'"

"Depois que o irmão de Salya tinha sido morto dessa maneira, muitos seguidores dele, proclamando ruidosamente suas famílias, lugares de residência, e nomes, avançaram contra o filho de Arjuna, cheios de raiva e armados com

diversas armas. Alguns deles estavam em carros, alguns em corcéis e alguns em elefantes; e outros avançavam a pé. E todos eles eram dotados de poder ameaçador. E eles avançaram alarmando o filho de Arjuna com o zunido alto de suas setas, o estrondo profundo das rodas de seus carros, seus gritos ferozes e berros e brados, seus rugidos leoninos, o som alto da corda dos seus arcos, e os tapas de suas palmas. E eles disseram, 'Tu não escaparás de nós com vida hoje!' Ouvindo eles falarem assim, o filho de Subhadra, sorrindo, perfurou com suas flechas aqueles entre eles que o tinham perfurado primeiro. Mostrando diversas armas de aparência bela e de grande celeridade, o filho heróico de Arjuna lutou brandamente com eles. Aquelas armas que ele tinha recebido de Vasudeva e aquelas que ele tinha recebido de Dhananjaya, Abhimanyu mostrou da mesma maneira como Vasudeva e Dhananjaya. Desconsiderando o encargo pesado que ele tinha tomado sobre si mesmo e rejeitando todo temor, ele disparou suas flechas repetidamente. Nenhum intervalo, além disso, podia ser notado entre ele mirar e disparar uma seta. Somente seu arco tremendo estirado a um círculo podia ser visto em todos os lados, parecendo com o disco brilhante do sol outonal. E a vibração de seu arco, e o tapa de suas palmas, ó Bharata, era ouvido ressoar como o ribombo de nuvens carregadas com trovão. Modesto, colérico, reverente com os superiores, e extremamente bonito, o filho de Subhadra, por consideração pelos heróis hostis, lutou com eles brandamente. Começando suavemente, ó rei, ele gradualmente tornou-se feroz, como o criador ilustre do dia quando o outono chega depois que a estação das chuvas termina. Como o próprio Sol derramando seus raios, Abhimanyu, cheio de ira, disparou centenas e milhares de setas afiadas, equipadas com penas douradas. Na própria vista do filho de Bharadwaja, aquele guerreiro célebre cobriu a divisão de carros do exército Kaurava com diversos tipos de flechas. Nisso, aquele exército assim afligido por Abhimanyu com suas flechas, virou suas costas no campo.'"

37

"Dhritarashtra disse, 'Meu coração, ó Sanjaya, está agitado com diferentes emoções, isto é, vergonha e satisfação, ao saber que o filho de Subhadra sozinho manteve sob controle todo o exército do meu filho. Ó filho de Gavalgana, conte-me tudo mais uma vez em detalhes sobre o combate do jovem Abhimanyu, o qual parece ter sido bastante semelhante ao combate de Skanda com a hoste Asura.'"

"Sanjaya disse, 'Eu relatarei para ti aquele combate terrível, aquela batalha violenta, como ela aconteceu entre um e os muitos. Sobre seu carro, Abhimanyu, com grande audácia, derramava suas flechas nos guerreiros do teu exército em seus carros, todos os quais eram castigadores de inimigos, dotados de grande coragem. Movendo-se rapidamente com grande velocidade como um círculo de fogo, ele perfurou Drona e Karna, e Kripa, e Salya e o filho de Drona, e Kritavarman da tribo Bhoja, e Vrihadvala, e Duryodhana, e Somadatta, e o poderoso Sakuni, e diversos reis e diversos príncipes e diversos grupos de tropas. Enquanto empenhado em matar seus inimigos por meio de armas superiores, o filho valente de Subhadra, dotado de energia poderosa, parecia, ó Bharata, estar

presente em todos os lugares. Observando aquela conduta do filho de Subhadra de energia incomensurável, tuas tropas tremiam repetidamente. Vendo aquele guerreiro de grande competência em batalha, o filho de Bharadwaja de grande sabedoria, com olhos arregalados de alegria, foi rapidamente em direção a Kripa, e dirigindo-se a ele disse, como se esmagando (com aquele seu discurso) os próprios membros vitais do teu filho, ó Bharata, as seguintes palavras, 'Lá vem o filho jovem de Subhadra na dianteira dos Parthas, alegrando todos os seus amigos, e o rei Yudhishthira, e Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, o filho de Pandu, e todos os seus parentes, e parentes por casamento, e todos os que estão assistindo a batalha como espectadores sem tomarem qualquer parte nela. Eu não considero nenhum arqueiro como seu igual em batalha. Se somente ele nutrir o desejo, ele pode matar essa hoste vasta. Parece que por alguma razão ou outra, ele não nutre esse desejo.' Ouvindo essas palavras de Drona, tão expressivas da satisfação que ele sentia, teu filho, enfurecido com Abhimanyu, olhou para Drona, sorrindo vagamente. De fato, Duryodhana disse para Karna e o rei Valhika e Duhsasana e o soberano dos Madras e para os muitos outros poderosos guerreiros em carros do seu exército, essas palavras, 'O preceptor da ordem inteira dos Kshatriyas, ele que é o principal de todos os que são familiarizados com Brahma, por estupefação, não deseja matar esse filho de Arjuna. Ninguém pode, em batalha, escapar do preceptor com vida, nem mesmo o próprio Destruidor, se o último avançar contra o preceptor como um inimigo. O que, ó amigos, nós diremos então de qualquer mortal? Eu digo isso realmente. Esse é o filho de Arjuna, e Arjuna é discípulo do preceptor. É por isso que o preceptor protege esse jovem. Discípulos e filhos e seus filhos são sempre queridos para as pessoas virtuosas. Protegido por Drona, o filho jovem de Arjuna se considera corajoso. Ele é só um tolo nutrindo uma opinião elevada sobre si mesmo. O subjuguem, portanto, sem demora.' Assim endereçados pelo rei Kuru, aqueles guerreiros, ó monarca, excitados com raiva e desejosos de matar seu inimigo, avançaram, na própria vista de Drona, no filho de Subhadra, aquela filha da linhagem Satwata. Duhsasana, em particular, aquele tigre entre os Kurus, ouvindo aquelas palavras de Duryodhana, respondeu ao último, dizendo, 'Ó monarca, eu te digo que eu mesmo matarei ele na própria visão dos Pandavas e diante dos olhos dos Panchalas. Eu sem dúvida devorarei o filho de Subhadra hoje, como Rahu engolindo Surya (sol).' E mais uma vez dirigindo-se ao rei Kuru ruidosamente, Duhsasana disse, 'Sabendo que o filho de Subhadra foi morto por mim, os dois Krishnas, que são extremamente vaidosos, irão sem dúvida para a região dos espíritos dos mortos, deixando esse mundo de homens. Sabendo então da morte dos dois Krishnas, é evidente que os outros filhos nascidos das esposas de Pandu, com todos os seus amigos, irão, no decorrer de um único dia, perder suas vidas por desespero. É evidente, portanto, que esse teu inimigo estando morto, todos os teus inimigos estarão mortos. Me deseje bem, ó rei, eu mesmo matarei esse teu inimigo.' Tendo dito essas palavras, ó rei, teu filho Duhsasana, cheio de fúria e proferido um rugido alto, avançou contra o filho de Subhadra e cobriu-o com chuvas de setas. Abhimanyu então, ó castigador de inimigos, recebeu aquele teu filho que avançava dessa maneira sobre ele colericamente, com vinte e seis flechas de pontas afiadas. Duhsasana, no entanto, cheio de raiva, e parecendo com um elefante enfurecido, lutou ferozmente com

Abhimanyu, o filho de Subhadra, naquela batalha. Ambos eram mestres em combate em carros, eles continuaram lutando traçando círculos belos com seus carros, um deles para a esquerda e outro para a direita. Os guerreiros então, com seus Panavas e Mridangas e Dundubhis e Krakachas e grandes Anakas e Bheris e Jharjaras, fizeram um barulho ensurdecedor misturado com rugidos leoninos, tal como o que se eleva do receptáculo de águas salgadas!"

38

"Sanjaya disse, 'Então o inteligente Abhimanyu, com membros mutilados por flechas, dirigiu-se sorridente a seu inimigo, Duhsasana, posicionado diante dele dizendo, 'Por boa sorte é que eu vejo em batalha esse herói vaidoso chegado diante de mim, que é cruel, que rejeitou toda virtude, e que tagarela vigorosamente seus próprios louvores. Na assembléia (dos Kurus) e na audição do rei Dhritarashtra, tu, com tuas palavras desagradáveis, enraiveceste o rei Yudhishthira. Confiando na fraude do jogo de dados e na habilidade (nisso) do filho de Suvala, tu também enlouquecido pelo sucesso dirigiste muitas palavras delirantes para Bhima! Por causa da ira daquelas pessoas ilustres, tu estás, finalmente, prestes a obter o resultado daquele teu comportamento! (O resultado sendo o atual combate com Abhimanyu no qual Duhsasana, de acordo com Abhimanyu, terá que sacrificar sua vida.) Ó tu de mente perversa, obtenha sem demora o fruto do roubo das posses de outras pessoas, do teu caráter colérico, do teu ódio pela paz, da avareza, da ignorância, de hostilidades (com parentes), da injustiça e perseguição, de privar meus pais, aqueles arqueiros ferozes, de seu reino, e do teu próprio temperamento violento. Eu hoje te castigarei com minhas flechas na visão do exército inteiro. Hoje, eu irei em batalha descarregar aquela raiva que eu nutro contra ti. Eu hoje me liberarei da dívida que tenho com a enraivecida Krishna e com meu pai que sempre anseia por uma oportunidade de te castigar. Ó Kaurava, hoje eu me livrarei da dívida que tenho com Bhima. Com vida tu não escaparás de mim, se de fato, tu não abandonares a batalha.' Tendo dito essas palavras, aquele guerreiro poderosamente armado, aquele matador de heróis hostis, mirou uma flecha dotada do esplendor de Yama ou de Agni ou do Deus do vento, capaz de despachar Duhsasana para o outro mundo. Aproximando-se rapidamente do peito de Duhsasana, aquela flecha caiu sobre a junta de seu ombro e penetrou em seu corpo até as próprias asas, como uma cobra em um formigueiro. E logo Abhimanyu mais uma vez o atingiu com vinte e cinco setas cujo toque parecia aquele do fogo, e que foram disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Profundamente perfurado e muito atormentado, Duhsasana sentou-se no terraço de seu carro e foi, ó rei, tomado por um desmaio. Afligido assim pelas setas do filho de Subhadra e privado de seus sentidos, Duhsasana foi levado rapidamente para longe do meio do combate por seu quadrigário. Vendo isso, os Pandavas, os cinco filhos de Draupadi, Virata, os Panchalas, e os Kekayas, proferiram gritos leoninos. E as tropas dos Pandavas, cheias de alegria, fizeram diversos tipos de instrumentos musicais serem batidos e soprados. Vendo aquela façanha do filho de Subhadra eles riram com alegria.

Vendo aquele inimigo implacável e orgulhoso deles derrotado dessa maneira, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os (cinco) filhos de Draupadi, que tinham em seus estandartes as imagens de Yama e Maruta e Sakra e dos gêmeos Aswins, e Satyaki, e Chekitana, e Dhrishtadyumna, e Sikhandin, e os Kekayas, e Dhrishtaketu, e os Matsyas, os Panchalas, e os Srinjayas, e os Pandavas encabeçados por Yudhishthira, ficaram cheios de alegria. E todos eles avançaram com velocidade, desejosos de penetrar na formação de combate de Drona. Então uma batalha terrível ocorreu entre teus guerreiros e aqueles do inimigo. Todos eles eram heróis que não recuavam, e inspirados por desejo de vitória. Durante o progresso daquele combate terrível, Duryodhana, ó monarca, dirigindo-se ao filho de Radha, disse, 'Veja, o heróico Duhsasana, que parece o sol ardente que estava até agora matando o inimigo em batalha, finalmente ele mesmo sucumbiu a Abhimanyu. Os Pandavas também, cheios de fúria e parecendo ferozes como leões poderosos, estão avançando em direção a nós, desejosos de resgatar o filho de Subhadra.' Assim endereçado, Karna com raiva e desejoso de fazer bem para teu filho derramou chuvas de flechas afiadas sobre o invencível Abhimanyu. E o heróico Karna, como se em desprezo por seu adversário, também perfurou os seguidores do último no campo de batalha, com muitas flechas excelentes de gume excelente. Abhimanyu de grande alma, no entanto, ó rei, desejoso de proceder contra Drona, rapidamente perfurou o filho de Radha com setenta e três flechas. Nenhum guerreiro em carro do teu exército conseguiu naquele momento obstruir o progresso em direção a Drona, de Abhimanyu, que era o filho do filho de Indra e que estava afligindo todos os principais guerreiros em carros da hoste Kaurava. Então Karna, o mais honrado de todos os arqueiros, desejoso de obter vitória, perfurou o filho de Subhadra com centenas de setas, mostrando suas melhores armas. Aquela mais notável de todas as pessoas conhecedoras de armas, aquele discípulo valente de Rama, por meio de suas armas, afligiu Abhimanyu que era incapaz de ser derrotado por inimigos. Embora afligido em batalha pelo filho de Radha com chuvas de armas, contudo o filho de Subhadra que parecia um verdadeiro celestial (por destreza) não sentiu dor. Com suas flechas amoladas em pedra e providas de pontas afiadas, o filho de Arjuna cortando os arcos de muitos guerreiros heróicos, começou a afligir Karna em retorno. Com flechas parecendo cobras de veneno virulento e disparadas de seu arco estirado a um círculo, Abhimanyu rapidamente cortou o guarda-sol, estandarte, o quadrigário, e os corcéis de Karna, sorrindo. Karna então disparou cinco flechas retas em Abhimanyu. O filho de Phalguna, no entanto, recebeu-as destemidamente. Dotado de grande bravura e coragem, o último então, num momento, com somente uma única flecha, cortou o arco de Karna e estandarte e os fez caírem no chão. Vendo Karna em tal situação difícil, seu irmão mais novo, esticando o arco com grande força, foi rapidamente contra o filho de Subhadra. Os Parthas então, e seus seguidores proferiram gritos altos e tocaram seus instrumentos musicais e aplaudiram o filho de Subhadra [por seu heroísmo].'"

39

"Sanjaya disse, 'Então o irmão mais novo de Karna, proferindo rugidos altos, arco na mão, e repetidamente esticando a corda do arco se colocou rapidamente no meio daqueles dois guerreiros ilustres. E o irmão de Karna, com dez flechas, perfurou o invencível Abhimanyu e seu guarda-sol e estandarte e quadrigário e corcéis, sorrindo. Vendo Abhimanyu assim afligido por aquelas setas, embora ele tivesse realizado aqueles feitos sobre-humanos da maneira de seu pai e avô, os guerreiros do teu exército ficaram cheios de alegria. Então Abhimanyu, curvando o arco violentamente e sorrindo, com uma flecha alada cortou a cabeça de seu adversário. Aquela cabeça, separada do tronco, caiu no chão. Vendo seu irmão morto e derrubado, como uma árvore Karnikara sacudida e derrubada pelo vento do topo da montanha, Karna, ó monarca, estava cheio de dor. Enquanto isso, o filho de Subhadra, fazendo Karna por meio de suas flechas se dirigir para longe do campo, avançou rapidamente contra os outros grandes arqueiros. Então Abhimanyu de energia ardente e grande renome, cheio de ira, dividiu aquela hoste de diversas tropas cheia de elefantes e cavalos e carros e infantaria. Em relação a Karna, afligido por Abhimanyu com inúmeras flechas, ele fugiu do campo levado por corcéis rápidos. A ordem de batalha Kaurava então se rompeu. Quando o céu estava coberto com as flechas de Abhimanyu, como bandos de gafanhotos ou chuvas grossas, nada, ó monarca, podia ser distinguido. Entre teus guerreiros assim massacrados por Abhimanyu com flechas afiadas, ninguém, ó monarca, permanecia mais sobre o campo de batalha exceto o soberano dos Sindhus. Então aquele touro entre homens, isto é, o filho de Subhadra, soprando sua concha, lançou-se rapidamente sobre a hoste Bharata, ó touro da raça Bharata! Como um tição ardente jogado no meio de grama seca, o filho de Arjuna começou a consumir seus inimigos, movendo-se rapidamente através do exército Kaurava. Tendo atravessado sua formação de combate, ele mutilou carros e elefantes e corcéis e seres humanos por meio de suas flechas afiadas e fez o campo de batalha abundar com troncos sem cabeça. Cortados por meio de flechas excelentes disparadas do arco do filho de Subhadra, os guerreiros Kaurava fugiram, matando, conforme fugiam, seus próprios camaradas diante deles. Aquelas flechas ardentes, de efeito terrível afiadas em pedra e incontáveis em número, matando guerreiros em carros e elefantes, corcéis, caíam rápido no campo. Braços cortados, enfeitados com Angadas e outros ornamentos de ouro, e mãos envolvidas com proteções de couro, e setas, e arcos, e corpos e cabeças enfeitadas com brincos e coroas florais, jaziam aos milhares sobre o campo. Obstruído com Upashkaras e Adhishthanas e postes compridos, também com Akshas esmagados e rodas e cangas quebradas, numerando milhares, com dardos e arcos e espadas e estandartes caídos, e com escudos e arcos espalhados por toda parte, com os corpos, ó monarca, de Kshatriyas mortos e corcéis e elefantes, o campo de batalha, parecendo muito aterrador, logo ficou intransitável. O barulho feito pelos príncipes, quando eles chamavam uns aos outros enquanto eram massacrados por Abhimanyu, tornou-se ensurdecedor e aumentou os temores dos tímidos. Aquele barulho, ó chefe dos Bharatas, encheu todos os pontos do horizonte. O filho de Subhadra avançou contra as tropas

(Kaurava), matando os principais dos guerreiros em carros e corcéis e elefantes. Consumindo rapidamente seus inimigos, como um fogo tremulando no meio de uma pilha de grama seca, o filho de Arjuna era visto correndo a toda velocidade pelo meio do exército Bharata. Cercado como ele estava por nossas tropas e coberto com poeira, nenhum de nós podia obter uma visão daquele guerreiro quando, ó Bharata, ele estava se movendo rapidamente sobre o campo em todas as direções, cardeais e secundárias. E ele tirava as vidas de cavalos e elefantes e guerreiros humanos, ó Bharata, quase incessantemente. E logo depois nós o vimos (sair da multidão). De fato, ó monarca, nós o contemplamos então chamuscando seus inimigos como o sol meridiano (chamuscando tudo com seus raios). Igual ao próprio Vasava em batalha, aquele filho do filho de Vasava, Abhimanyu, parecia resplandecente no meio do exército (hostil).'"

40

"Dhritarashtra disse, 'Um mero menino em idade, criado em grande luxo, orgulhoso da força de seus braços, talentoso em batalha, dotado de heroísmo formidável, o perpetuador de sua linhagem, e preparado para sacrificar sua vida, quando Abhimanyu penetrou no exército Kaurava, levado em seus corcéis de três anos de idade de ânimo vivaz, houve algum dos grandes guerreiros, no exército de Yudhishthira, que seguiu o filho de Arjuna?'"

"Sanjaya disse, 'Yudhishthira e Bhimasena, e Sikhandin e Satyaki, e os gêmeos Nakula e Sahadeva, e Dhrishtadyumna e Virata, e Drupada, e Kekaya, e Dhristaketu, todos cheios de ira, e o guerreiro Matsya, avançaram para a batalha. De fato, os ascendentes masculinos de Abhimanyu acompanhados por seus tios maternos, aqueles batedores de inimigos, organizados em formação de combate avançaram pelo mesmo caminho que Abhimanyu tinha criado, desejosos de resgatá-lo. Vendo aqueles heróis avançando, tuas tropas se desviaram da luta. Vendo então aquele vasto exército do teu filho se dirigindo para longe da luta, teu genro de grande energia se apressou para reagrupá-lo. De fato, o rei Jayadratha, o filho do soberano dos Sindhus, reprimiu, com todos os seus seguidores, os Parthas, desejosos de resgatar seu descendente. Aquele arqueiro terrível e formidável, isto é, o filho de Vriddhakshatra, invocando armas celestes resistiu aos Pandavas, como um elefante se divertindo em um terreno baixo (isto é, terreno coberto com lodo e água.)'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu penso, Sanjaya, que era pesado o encargo jogado sobre o soberano dos Sindhus, visto que sozinho ele teve que resistir aos Pandavas furiosos desejosos de resgatar seu descendente. Muito extraordinários, eu penso, eram a força e heroísmo do soberano dos Sindhus. Fale-me qual foi a destreza do guerreiro de grande alma e como ele realizou aquela mais notável das façanhas. Que doações ele fez, que libações ele tinha derramado, que sacrifícios ele tinha realizado, que austeridades ascéticas ele tinha realizado bem, por consequência dos quais, sozinho, ele conseguiu deter os Parthas cheios de ira?'"

"Sanjaya disse, 'Na ocasião de seu insulto à Draupadi, Jayadratha foi vencido por Bhimasena. Por causa de uma percepção aguda de sua humilhação, o rei praticou as mais severas das austeridades ascéticas, desejoso de uma bênção. Reprimindo seus sentidos de todos os objetos caros a eles, suportando fome, sede e calor, ele reduziu seu corpo até que suas veias inchadas se tornaram visíveis. Proferindo as palavras eternas do Veda, ele prestou sua adoração ao deus Mahadeva. Aquela Divindade ilustre, sempre inspirada com compaixão por seus devotos, finalmente tornou-se bondosa em direção a ele. De fato, Hara, aparecendo em um sonho para o soberano dos Sindhus, dirigiu-se a ele, dizendo 'Peça o benefício que tu desejas. Eu estou satisfeito contigo, ó Jayadratha! O que tu desejas?' Assim endereçado por Mahadeva, Jayadratha, o soberano dos Sindhus, curvou-se a ele e disse com palmas unidas e alma controlada, 'Sozinho, em um único carro, eu irei refrear em batalha todos os filhos de Pandu, embora eles sejam dotados de energia e bravura terríveis.' Esse mesmo, ó Bharata, foi o benefício que ele pediu. Assim rogada aquela principal das divindades disse para Jayadratha, 'Ó amável, eu te concedo o benefício. Exceto Dhananjaya, o filho de Pritha, tu irás em batalha reprimir os quatro outros filhos de Pandu.' 'Assim seja', disse Jayadratha para aquele Senhor dos deuses e então despertou, ó monarca, de seu sono. Por causa daquela bênção que ele tinha recebido e da força também de suas armas celestes, Jayadratha, sem ajuda, manteve sob controle todo o exército dos Pandavas. O som da corda de seu arco e os tapas de suas palmas inspiraram os Kshatriyas hostis com temor, enchendo tuas tropas, ao mesmo tempo, de alegria. E os Kshatriyas (do exército Kuru), vendo que o encargo tinha sido tomado pelo soberano dos Sindhus, avançaram com gritos altos, ó monarca, para a parte do campo onde o exército de Yudhishthira estava.'"

41

"Sanjaya disse, 'Tu me perguntaste, ó monarca, sobre a destreza do soberano dos Sindhus. Ouça-me enquanto eu descrevo em detalhes como ele lutou com os Pandavas. Cavalos grandes da raça Sindhu, bem treinados e velozes como o vento, e obedientes aos comandos do quadrigário, o levavam (naquela ocasião). Seu carro, devidamente equipado, parecia com um edifício vaporoso no céu. Seu estandarte portando o emblema de um javali grande em prata, parecia muito belo. Com seu guarda-sol branco e pendões, e os rabos de iaque com os quais ele era abanado, os quais são indicações de realeza, ele brilhava como a própria Lua no firmamento. A cerca de seu carro feita de ferro era decorada com pérolas e diamantes e pedras preciosas e ouro. E ela parecia resplandecente como o céu coberto com corpos luminosos. Esticando seu arco grande e espalhando incontáveis flechas, ele preencheu novamente aquela formação de combate naqueles locais onde aberturas tinham sido feitas pelo filho de Arjuna. E ele perfurou Satyaki com três flechas, e Vrikodara com oito; e tendo perfurado Dhrishtadyumna com sessenta flechas, ele perfurou Drupada com cinco flechas afiadas, e Sikhandin com dez. Perfurando então os Kaikeyas com vinte e cinco setas, Jayadratha perfurou cada um dos cinco filhos de Draupadi com três setas.

E perfurando Yudhishthira então com setenta setas, o soberano dos Sindhus perfurou os outros heróis do exército Pandava com chuvas grossas de flechas. E aquele feito dele pareceu muito extraordinário. Então, ó monarca, o filho valente de Dharma, visando o arco de Jayadratha, cortou-o com uma flecha polida e bem temperada, sorrindo naquele momento. Em um piscar de olhos, no entanto, o soberano dos Sindhus pegou outro arco e perfurando Pratha (Yudhishthira) com dez setas atingiu cada um dos outros com três flechas. Notando aquela agilidade de mãos mostrada por Jayadratha, Bhima então com três flechas de cabeça larga, rapidamente derrubou no chão seu arco, estandarte e guarda-sol. O poderoso Jayadratha então, pegando outro arco, encordoou-o e derrubou o estandarte de Bhima e arco e corcéis, ó majestade! Seu arco cortado, Bhimasena então pulando daquele carro excelente cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro de Satyaki, como um leão pulando para o cume de uma montanha. Vendo isso, tuas tropas estavam cheias de alegria. E eles gritaram ruidosamente, 'Excelente! Excelente!' E eles repetidamente aplaudiram aquela façanha do soberano dos Sindhus. De fato, todas as criaturas elogiaram muito aquele feito dele, o qual consistiu em ele resistir, sem ajuda, a todos os Pandavas juntos, excitados com cólera. O caminho que o filho de Subhadra tinha feito para os Pandavas por meio do massacre de guerreiros numerosos e elefantes foi então preenchido pelo soberano dos Sindhus. De fato, aqueles heróis, isto é, os Matsyas, os Panchalas, os Kaikeyas, e os Pandavas, se esforçando vigorosamente, conseguiram se aproximar da presença de Jayadratha, mas nenhum deles podia resistir a ele. Todos entre os teus inimigos que se esforçaram para atravessar a ordem de batalha que tinha sido formada por Drona foram detidos pelo soberano dos Sindhus por causa da bênção que ele tinha obtido (de Mahadeva).'"

42

"Sanjaya disse, 'Quando o soberano dos Sindhus deteve os Pandavas, desejosos de êxito, a batalha que ocorreu então entre tuas tropas e o inimigo se tornou aterradora. O filho invencível de Arjuna, de pontaria certeira e energia poderosa, tendo penetrado na ordem de batalha (Kaurava) a agitou como um Makara agitando o oceano. Contra aquele castigador de inimigos então, isto é, o filho de Subhadra, que estava agitando dessa maneira a hoste hostil com suas chuvas de flechas, os principais guerreiros do exército Kaurava avançaram, cada um de acordo com seu posto e precedência. O conflito entre eles de energia incomensurável, espalhando suas chuvas de flechas com grande força, de um lado e Abhimanyu sozinho no outro, tornou-se terrível. O filho de Arjuna, cercado por todos os lados por aqueles inimigos com multidões de carros, matou o quadrigário de Vrishasena e também cortou seu arco. E o poderoso Abhimanyu então perfurou os corcéis de Vrishasena com suas flechas retas, após o que aqueles cavalos de batalha, com a velocidade do vento, levaram Vrishasena para longe da batalha. Utilizando aquela oportunidade, o quadrigário de Abhimanyu libertou seu carro daquela multidão por levá-lo para outra parte do campo. Aqueles numerosos guerreiros em carros então, (vendo essa façanha) ficaram cheios de

alegria e exclamaram, 'Excelente! Excelente!' Vendo Abhimanyu parecido com um leão matando o inimigo furiosamente com suas flechas e avançando de uma distância, Vasatiya, procedendo em direção a ele lançou-se rapidamente sobre ele com grande força. O último perfurou Abhimanyu com sessenta flechas de asas douradas e dirigindo-se a ele, disse, 'Enquanto eu estiver vivo, tu não escaparás com vida.' Embora ele estivesse envolvido em uma cota de malha de ferro, o filho de Subhadra o perfurou no peito com uma flecha de longo alcance. Nisso Vasatiya caiu, privado de vida. Vendo Vasatiya morto, muitos touros entre os Kshatriyas ficaram cheios de ira, e cercaram teu neto, ó rei, pelo desejo de matá-lo. Eles se aproximaram dele, esticando seus inúmeros arcos de diversos tipos, e a batalha então que ocorreu entre o filho de Subhadra e seus inimigos foi extremamente violenta. Então o filho de Phalguni, cheio de ira, cortou suas flechas e arcos, e diversos membros de seus corpos, e suas cabeças enfeitadas com brincos e guirlandas florais. E eram vistos braços cortados, que estavam adornados com vários ornamentos de ouro, e que ainda seguravam cimitarras e maças com pontas e machados de batalha e os dedos dos quais estavam ainda protegidos por luvas de couro. [E a terra ficou coberta] com coroas florais e ornamentos e tecidos, com estandartes caídos, com cotas de malha e escudos e correntes douradas e diademas e guarda-sóis e rabos de iaque; com Upashkaras e Adhishthanas, e Dandakas, e Vandhuras com Akshas esmagados, rodas quebradas, e cangas (esses são membros de carros), numerando milhares, com Anukarashas, e pendões, e quadrigários, e corcéis; como também com carros quebrados, e elefantes, e corcéis. O campo de batalha, coberto com Kshatriyas mortos dotados (enquanto vivos) de grande heroísmo, governantes de diversos reinos, inspirados com desejo de vitória, apresentava uma visão pavorosa. Quando Abhimanyu com fúria se movia rapidamente sobre o campo de batalha em todas as direções, sua própria forma tornou-se invisível. Somente sua cota de malha, decorada com ouro, seus ornamentos, e arco e flechas, podiam ser vistos. De fato, enquanto ele matava os guerreiros hostis com suas flechas, permanecendo em seu meio como o próprio sol em seu resplendor brilhante, ninguém podia fitá-lo com seus olhos.'"

43

"Sanjaya disse, 'Empenhado em tirar as vidas de bravos guerreiros, o filho de Arjuna então parecia o próprio Destruidor, quando o último tira as vidas de todas as criaturas na chegada da Dissolução Universal. Possuidor de destreza parecendo aquela dor próprio Sakra, o filho poderoso do filho de Sakra, Abhimanyu, agitando o exército Kaurava parecia muito resplandecente. Penetrando na hoste Kaurava, ó rei, aquele destruidor de Kshatriyas principais parecendo o próprio Yama apanhou Satvasravas, como um tigre enfurecido apanhando um veado. Vendo Satyasrayas apanhado por ele, muitos poderosos guerreiros em carros, pegando diversos tipos de armas, avançaram sobre ele. De fato, aqueles touros entre os Kshatriyas, por um espírito de rivalidade, avançaram no filho de Arjuna pelo desejo de matá-lo, todos exclamando, 'Eu irei primeiro!', 'Eu irei primeiro!' Como uma baleia no oceano alcançando um cardume de peixes

pequenos os apanha com a maior facilidade, assim mesmo Abhimanyu recebeu aquela divisão inteira de Kshatriyas que avançavam. Como rios que nunca voltam quando eles se aproximam do mar, nenhum entre aqueles Kshatriyas que não recuavam voltou atrás quando eles se aproximaram de Abhimanyu. Aquele exército então cambaleou como um navio atirado no oceano quando alcançando por uma tempestade poderosa, (com sua tripulação) afligida pelo pânico causado pela violência do vento. Então o poderoso Rukmaratha, filho do soberano dos Madras, para assegurar as tropas assustadas, disse destemidamente, 'Ó heróis, vocês não precisam temer! Quando eu estou aqui, o que é Abhimanyu? Sem dúvida, eu irei capturá-lo como um prisioneiro vivo!' Tendo dito essas palavras, o príncipe valente, conduzido em seu carro belo e bem equipado, avançou em Abhimanyu. Perfurando Abhimanyu com três flechas no peito, três no braço direito, e três outras flechas afiadas no braço esquerdo, ele proferiu um rugido alto. O filho de Phalguni, no entanto, cortando seu arco, suas braços direito e esquerdo, e sua cabeça ornada com olhos e sobrancelhas belos rapidamente derrubou-os no chão. Vendo Rukmaratha, o filho honrado de Salya, morto pelo filho ilustre de Subhadra, aquele Rukmaratha que tinha prometido destruir seu inimigo ou pegá-lo vivo, e muitos amigos principescos do filho de Salya, ó rei, habilidosos em atacar e incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, e possuindo estandartes decorados com ouro, (se aproximaram para lutar). Aqueles poderosos guerreiros em carros, esticando seus arcos de seis cúbitos completos de comprimento, cercaram o filho de Arjuna, todos despejando suas chuvas de flechas sobre ele. Vendo o bravo e invencível filho de Subhadra sozinho combatido por todos aqueles príncipes coléricos dotados de heroísmo e habilidade adquirida pela prática e força e juventude, e vendo ele coberto com chuvas de flechas, Duryodhana se regozijou muito, e considerou Abhimanyu como alguém já feito um convidado da residência de Yama. Em um piscar de olhos, aqueles príncipes, por meio de suas flechas de asas douradas, e de diversas formas e grande impetuosidade, tornaram o filho de Arjuna invisível. Ele mesmo, seu estandarte, e seu carro, ó majestade, foram vistos por nós cobertos com flechas como (árvores cobertas com) bandos de gafanhotos. Profundamente perfurado, ele ficou cheio de fúria como um elefante atingido pelo gancho. Ele então, ó Bharata, aplicou a arma Gandharva e a ilusão consequente a ela. Praticando penitências ascéticas, Arjuna tinha obtido aquela arma do Gandharva Tumvuru e outros. Com aquela arma, Abhimanyu agora confundiu seus inimigos. Mostrando rapidamente suas armas, ele se movia rapidamente naquela batalha como um círculo de fogo, e era, ó rei, visto às vezes como um indivíduo sozinho, às vezes como cem, e às vezes como mil. Confundindo seus inimigos pela habilidade com a qual seu carro era guiado e pela ilusão causada por suas armas, ele cortava em centenas de pedaços, ó monarca, os corpos dos reis (opostos a ele). Por meio de suas flechas afiadas as vidas de criaturas vivas eram liquidadas. Essas, ó rei, alcançavam o outro mundo enquanto seus corpos caíam na terra. Seus arcos, e corcéis e quadrigários, e estandartes, e braços enfeitados com Angadas, e cabeças, o filho de Phalguni cortava com suas flechas afiadas. Aquelas centenas de príncipes foram mortos e derrubados pelo filho de Subhadra como copas de velhas mangueiras de cinco anos de idade exatamente a ponto de darem frutos (derrubadas por uma tempestade). Vendo aqueles príncipes jovens criados em

todo luxo, e parecendo cobras zangadas de veneno virulento, todos mortos por Abhimanyu sozinho, Duryodhana estava cheio de temor. Vendo (seus) guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria subjugados, o rei Kuru procedeu rapidamente em cólera contra Abhimanyu. Continuada somente por um curto espaço de tempo, a batalha inacabada entre eles tornou-se extremamente feroz. Teu filho então, atormentado pelas flechas de Abhimanyu, foi obrigado a recuar da batalha.'"

44

"Dhritarashtra disse, 'Isso que tu me contaste, ó Suta, acerca da batalha, feroz e terrível, entre um e os muitos, e a vitória daquele ilustre, essa história da proeza do filho de Subhadra, é muito extraordinária e quase incrível. Eu, no entanto, não considero isso como um prodígio que está absolutamente além de crença no caso daqueles que tem a virtude como seu refúgio. Depois que Duryodhana bateu em retirada e centenas de príncipes foram mortos, qual modo de ação foi adotado pelos guerreiros do meu exército contra o filho de Subhadra?'"

"Sanjaya disse, 'Suas bocas ficaram secas, e olhos agitados. Suor cobriu seus corpos, e seus cabelos se eriçaram. Sem esperança de derrotar seu inimigo, eles ficaram dispostos a deixar o campo. Abandonando seus irmãos feridos e pais e filhos e amigos e parentes por casamento e parentes eles fugiram, incitando seus corcéis e elefantes até sua máxima velocidade. Vendo eles divididos e derrotados, Drona e o filho de Drona, e Vrihadvala, e Kripa, e Duryodhana, e Karna, e Kritavarman, e o filho de Suvala (Sakuni), avançaram em grande ira contra o filho invicto de Subhadra. Quase todos esses, ó rei, foram vencidos por teu neto. Somente um guerreiro então, Lakshmana, criado no luxo, talentoso com flechas, dotado de grande energia, e sem medo por causa de inexperiência e orgulho, procedeu contra o filho de Arjuna. Ansioso a respeito de seu filho, seu pai (Duryodhana) voltou atrás para segui-lo. Outros guerreiros em carros poderosos voltaram atrás para seguir Duryodhana. Todos eles então encharcaram Abhimanyu com chuvas de flechas, como nuvens derramando chuva no leito da montanha. Abhimanyu, no entanto, sem ajuda, começou a subjugá-los como o vento seco que sopra em todas as direções destruindo massas de nuvens reunidas. Como um elefante enfurecido enfrentando outro, o filho de Arjuna então enfrentou teu neto invencível, Lakshmana, de grande beleza pessoal, dotado de grande coragem, ficando perto de seu pai com arco estendido, criado em todo luxo, e parecendo um segundo príncipe dos Yakshas. Enfrentando Lakshmana, aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, teve seus dois braços e peito atingidos por suas flechas afiadas. Teu neto, Abhimanyu de braços fortes então, cheio de fúria como uma cobra atingida (com uma vara), dirigindo-se, ó rei, ao teu (outro) neto, disse, 'Olhe bem para esse mundo, pois tu (logo) terás que ir para o outro. Na própria vista de todos os teus parentes, eu irei te despachar para a residência de Yama.' Dizendo isso aquele matador de heróis hostis, o filho de braços poderosos de Subhadra, pegou uma flecha de cabeça larga que parecia uma cobra recém saída de sua pele. Aquela flecha, disparada pelos braços de

Abhimanyu, cortou a cabeça bela, ornada com brincos, de Lakshmana, que era enfeitada com um nariz belo, belas sobrancelhas, e cachos muito bonitos. Vendo Lakshmana morto, tuas tropas proferiram exclamações de 'Oh!' e, 'Ai!' Após a morte de seu filho querido, Duryodhana ficou cheio de fúria. Aquele touro entre os Kshatriyas então instigou ruidosamente os Kshatriyas sob seu comando, dizendo, 'Matem este!' Então Drona, e Kripa, e Karna, e o filho de Drona e Vrihadvala, e Kritavarman, o filho de Hridika, esses seis guerreiros em carros cercaram Abhimanyu. Perfurando eles com setas afiadas e batendo-os para longe dele, o filho de Arjuna lançou-se com grande velocidade e fúria sobre as vastas tropas de Jayadratha. Nisso, os Kalingas, os Nishadas, e o valente filho de Kratha, todos vestidos em armadura, cortaram seu caminho por cercá-lo com sua divisão de elefantes. A batalha então que ocorreu entre o filho de Phalguni e aqueles guerreiros foi obstinada e violenta. Então o filho de Arjuna começou a destruir aquela divisão de elefantes como o vento correndo em todas as direções destrói massas vastas de nuvens reunidas no firmamento. Então Kratha cobriu o filho de Arjuna com chuvas de flechas, enquanto muitos outros guerreiros em carros encabeçados por Drona, tendo voltado para o campo, avançaram nele, espalhando armas afiadas e poderosas. Detendo todas aquelas armas por meio de suas próprias flechas, o filho de Arjuna começou a afligir o filho de Kratha com chuvas contínuas de flechas, com grande rapidez e inspirado pelo desejo de matar seu oponente. O arco e flechas do último, e pulseiras, e braços, e cabeça enfeitada com diadema, e guarda-sol, e estandarte, e quadrigário, e corcéis, foram todos cortados e derrubados por Abhimanyu. Quando o filho de Kratha, possuidor de nobreza de linhagem, bom comportamento, conhecimento das escrituras, grande força, fama, e poder de armas, estava morto, os outros combatentes heróicos quase todos recuaram da luta.'"

45

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o filho jovem e invencível de Subhadra, que nunca recuava da batalha, estava, depois de penetrar em nossa ordem de batalha, empenhado em realizar façanhas dignas de sua linhagem, levado por seus cavalos de três anos de idade de grande força e da melhor raça, e aparentemente trotando no firmamento, quais heróis do meu exército o cercaram?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo penetrado em nossa formação de combate, Abhimanyu da família de Pandu, por meio de suas flechas afiadas, fez todos os reis se desviarem da luta. Então Drona, e Kripa, e Karna, e o filho de Drona, e Vrihadvala e Kritavarman, o filho de Hridika, esses seis guerreiros em carros, o cercaram. Em relação aos outros combatentes do teu exército, vendo que Jayadratha tinha tomado sobre si mesmo o dever pesado (de afastar os Pandavas), eles o protegeram, ó rei, por avançarem contra Yudhishthira. Muitos entre eles, dotados de grande força, esticando seus arcos de seis cúbitos completos de comprimento, despejaram no filho heróico de Subhadra aguaceiros de flechas como torrentes de chuva. O filho de Subhadra, no entanto, aquele matador de heróis hostis, paralisou

por meio de suas flechas todos aqueles arqueiros formidáveis, familiarizados com todos os ramos de aprendizagem. E ele perfurou Drona com cinquenta flechas e Vrihadvala com vinte. E perfurando Kritavarman com oitenta flechas, ele perfurou Kripa com sessenta. E o filho de Arjuna perfurou Aswatthaman com dez flechas providas de asas douradas, dotadas de grande velocidade e disparadas de seu arco esticado até sua total extensão. E o filho de Phalguni perfurou Karna, no meio de seus inimigos, em um de seus carros, com uma flecha brilhante, bem temperada, e farpada de grande força. Derrubando os corcéis unidos ao carro de Kripa, como também ambos os seus quadrigários Parshni, Abhimanyu perfurou o próprio Kripa no centro do peito com dez setas. O poderoso Abhimanyu, então, na própria vista de teus filhos heróicos, matou o bravo Vrindaraka, aquele aumentador da fama dos Kurus. Enquanto Abhimanyu estava assim empenhado em matar destemidamente um após outro os principais guerreiros entre seus inimigos, o filho de Drona Aswatthaman perfurou-o com vinte e cinco flechas pequenas. O filho de Arjuna, no entanto, na própria vista de todos os Dhartarashtras rapidamente perfurou Aswatthaman em retorno, ó majestade, com muitas flechas afiadas. O filho de Drona, no entanto, em retorno, perfurando Abhimanyu com sessenta flechas ardentes de grande impetuosidade e gume afiado, fracassou em fazê-lo tremer, pois o último, perfurado por Aswatthaman, permaneceu imóvel como a montanha Mainaka. Dotado de grande energia, o poderoso Abhimanyu então perfurou seu adversário com setenta e três flechas retas, equipadas com asas de ouro. Drona então, desejoso de resgatar seu filho, perfurou Abhimanyu com cem setas. E Aswatthaman perfurou-o com sessenta setas, desejoso de resgatar seu pai. E Karna o atingiu com vinte e duas setas de cabeça larga e Kritavarman o atingiu com quatorze. E Vrihadvala o perfurou com cinquenta flechas semelhantes, e o filho de Saradwata, Kripa, com dez. Abhimanyu, no entanto, perfurou cada um desses em retorno com dez flechas. O soberano do Kosala atingiu Abhimanyu no peito com uma seta farpada. Abhimanyu, no entanto, rapidamente derrubou na chão os cavalos de seu adversário e estandarte e arco e quadrigário. O soberano dos Kosalas, então, assim privado de seu carro, pegou uma espada e desejou cortar do tronco de Abhimanyu sua cabeça bela, enfeitada com brincos. Abhimanyu então perfurou o rei Vrihadvala, o soberano dos Kosalas, no peito, com uma flecha forte. O último então, com coração rasgado, caiu. Vendo isso, dez mil reis ilustres se dividiram e fugiram. Aqueles reis, armados com espadas e arcos, fugiram proferindo palavras hostis (ao interesse do rei Duryodhana). Tendo matado Vrihadvala dessa maneira, o filho de Subhadra se movimentou rapidamente em batalha, paralisando teus guerreiros, aqueles grandes arqueiros, por meio de torrentes de flechas, grossas como chuva.'"

46

"Sanjaya disse, 'O filho de Phalguni novamente perfurou Karna no carro com uma flecha farpada, e para enfurecê-lo ainda mais, ele o perfurou com cinquenta outras flechas. O filho de Radha perfurou Abhimanyu em retorno igualmente com muitas flechas. Totalmente coberto por flechas, Abhimanyu, então, ó majestade,

parecia muito belo. Cheio de raiva, ele fez Karna também ser banhado em sangue. Mutilado por flechas e coberto com sangue, o bravo Karna também brilhava muito. Ambos perfurados com flechas, ambos banhados em sangue, aqueles guerreiros ilustres então pareciam um par de Kinsukas florescentes. O filho de Subhadra então matou seis dos conselheiros corajosos de Karna, conhecedores de todos os modos de guerra, com seus corcéis e quadrigários e carros. Com relação aos outros grandes arqueiros Abhimanyu destemidamente perfurou cada um deles em retorno com dez setas. Essa façanha dele pareceu muito extraordinária. Matando em seguida o filho do soberano dos Magadhas, Abhimanyu, com seis flechas retas, matou o jovem Aswaketu com seus quatro corcéis e quadrigário. Então matando, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, o príncipe Bhoja de Martikavata, portando o emblema de um elefante (em seu estandarte), o filho de Arjuna proferiu um grito alto e começou a espalhar suas flechas para todos os lados. Então o filho de Duhsasana perfurou os quatro corcéis de Abhimanyu com quatro flechas, seu quadrigário com uma e o próprio Abhimanyu com dez. O filho de Arjuna, então, perfurando o filho de Duhsasana com dez flechas rápidas, dirigiu-se a ele em um tom alto e com olhos vermelhos de raiva, e disse, 'Abandonando o combate, teu pai fugiu como um covarde. É bom que tu saibas como lutar. Tu não irás, entretanto, escapar hoje com vida.' Dizendo essas palavras para ele, Abhimanyu disparou uma flecha comprida, bem polida pela mão do ferreiro, em seu inimigo. O filho de Drona cortou aquela flecha com três flechas próprias. Deixando Aswatthaman, o filho de Arjuna atingiu Salya, em retorno, destemidamente perfurou-o no peito com nove flechas, equipadas com penas de urubu. Aquele feito pareceu muito extraordinário. O filho de Arjuna então cortou o arco de Salya e matou ambos os seus quadrigários Parshni. Abhimanyu então perfurou o próprio Salya com seis flechas feitas totalmente de ferro. Nisso o último, deixando aquele carro sem cavalos, subiu em outro. Abhimanyu então matou cinco guerreiros, chamados Satrunjaya, e Chandraketu, e Mahamegba, e Suvarchas, e Suryabhasa. Ele então perfurou o filho de Suvala. O último perfurando Abhimanyu com três flechas, disse para Duryodhana, 'Vamos todos juntos subjugá-lo, senão, lutando sozinho conosco ele matará todos nós. Ó rei, pense nos meios de matá-lo, aconselhando-te com Drona e Kripa e outros.' Karna, o filho de Vikartana, disse para Drona, 'Abhimanyu oprime a nós todos. Nos diga os meios pelos quais nós podemos matá-lo.' Assim endereçado, o arqueiro poderoso, Drona, dirigindo-se a eles todos, disse, 'Observando-o com vigilância, algum de vocês foi capaz de detectar qualquer descuido nesse jovem? Ele está se movendo rapidamente em todas as direções. Contudo algum de vocês pode descobrir hoje a menor falha nele? Vejam a agilidade de mão e rapidez de movimento deste leão entre homens, este filho de Arjuna. No caminho de seu carro, só seu arco esticado a um círculo pode ser visto, tão rapidamente ele está mirando suas flechas e tão rapidamente ele as está disparando. De fato, este matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, me gratifica embora ele aflija meu ar vital e me entorpeça com flechas. Até os mais poderosos guerreiros em carros, cheios de cólera, são incapazes de detectar qualquer falha nele. O filho de Subhadra, portanto, correndo a toda velocidade no campo de batalha, me gratifica muito. Eu não vejo que em batalha há qualquer diferença entre o próprio manejador do Gandiva e este de grande agilidade de mão, enchendo todos os

pontos do horizonte com suas flechas poderosas.' Ouvindo essas palavras, Karna, atormentado pelas flechas do filho de Arjuna, mais uma vez disse para Drona, 'Extremamente afligido pelas flechas de Abhimanyu, eu estou permanecendo em batalha somente porque (como um guerreiro) eu devo ficar aqui. De fato, as flechas dele de grande energia são muito ardentes. Terríveis como elas são e possuidoras da energia do fogo, essas flechas estão enfraquecendo meu coração.' O preceptor então, lentamente e com um sorriso, disse para Karna, 'Abhimanyu é jovem, sua destreza é formidável. Sua cota de malha é impenetrável. O pai dele aprendeu de mim o método de usar armadura defensiva. Esse subjugador de cidades hostis com certeza conhece toda a ciência (de usar armadura). Com flechas bem disparadas, vocês podem, no entanto, cortar seu arco, corda do arco, as rédeas de seus corcéis, os próprios corcéis, e os dois quadrigários Parshni. Ó arqueiro poderoso, ó filho de Radha, se competentes, façam isto. Fazendo ele retroceder da luta (por estes meios), o ataquem então. Com seu arco na mão ele é incapaz de ser vencido pelos próprios deuses e os Asuras juntos. Se vocês quiserem, o privem de seu carro, e o despojem de seu arco.' Ouvindo essas palavras do preceptor, o filho de Vikartana, Karna, cortou rapidamente, por meio de suas flechas, o arco de Abhimanyu, quando o último estava atirando com grande energia. Ele da linhagem de Bhoja (Kritavarman) então matou seus corcéis, e Kripa matou seus dois quadrigários Parshni. Os outros o cobriram com chuvas de flechas depois que ele tinha sido privado de seu arco. Aqueles seis grandes guerreiros em carros, com grande velocidade, quando velocidade era tão necessária, cobriram implacavelmente aquele jovem sem carro, lutando sozinho com eles, com chuvas de flechas. Sem arco e sem carro, com um olhar, no entanto, para seu dever (como um guerreiro), o belo Abhimanyu, pegando uma espada e um escudo, saltou ao céu. Mostrando grande força e grande diligência, e traçando os caminhos chamados Kausika e outros, o filho de Arjuna percorreu o céu ferozmente, como o príncipe das criaturas aladas (Garuda). 'Ele pode se lançar sobre mim com espada na mão,' com tais pensamentos, aqueles arqueiros poderosos estavam a procura dos pontos fracos de Abhimanyu, e começaram a perfurá-lo naquela batalha, com seu olhar fixo virado para cima. Então Drona de energia poderosa, aquele conquistador de inimigos com uma flecha afiada rapidamente cortou o punho, decorado com pedras preciosas, da espada de Abhimanyu. O filho de Radha Karna, com flechas afiadas, cortou seu escudo excelente. Privado de sua espada e escudo dessa maneira, ele desceu, com membros ilesos, do céu sobre a terra. Então pegando a roda de um carro, ele avançou em fúria contra Drona. Seu corpo claro com a poeira de rodas de carro, e ele mesmo segurando a roda de um carro em seus braços erguidos, Abhimanyu parecia muito belo, e imitando Vasudeva (com seu disco), tornou-se tremendamente feroz por um tempo naquela batalha. Seus mantos tingidos com o sangue que fluía (de seus ferimentos), sua fronte temível com as rugas visíveis nela, ele mesmo proferindo altos rugidos leoninos, o senhor Abhimanyu de poder incomensurável, permanecendo no meio daqueles reis, parecia muito resplandecente sobre o campo de batalha.'"

47

"Sanjaya disse, 'Aquela alegria da irmã de Vishnu (isto é, Abhimanyu), aquele Atiratha, enfeitado com as armas do próprio Vishnu, parecia muito belo sobre o campo de batalha e parecia com um segundo Janardana. Com as pontas de suas madeixas ondulando no ar, com aquela arma suprema erguida em suas mãos, seu corpo tornou-se incapaz de ser olhado pelos próprios deuses. Os reis vendo isso e a roda em suas mãos, ficaram cheios de ansiedade, e a cortaram em cem fragmentos. Então aquele grande guerreiro em carro, o filho de Arjuna, pegou uma maça imensa. Privado por eles de seu arco e carro e espada, e privado também de sua roda por seus inimigos, Abhimanyu de braços fortes avançou (com maça na mão) contra Aswatthaman. Vendo aquela maça erguida, a qual parecia com o raio brilhante, Aswatthaman, aquele tigre entre homens, desceu rapidamente de seu carro e deu três saltos (longos para evitar Abhimanyu). Matando os cavalos de Aswatthaman e dois quadrigários Parshni com aquela maça dele, o filho de Subhadra, perfurado por todos os lados com flechas, parecia com um porco-espinho. Então aquele herói prensou no chão o filho de Suvala, Kalikeya, e matou setenta e sete seguidores Gandhara do último. Em seguida, ele matou dez guerreiros em carros da linhagem Brahma-Vasatiya, e então dez elefantes enormes. Procedendo em seguida em direção ao carro do filho de Duhsasana, ele esmagou o carro e cavalos do último, prensando-os no chão. O filho invencível de Duhsasan, então, ó majestade, pegando sua maça, avançou em Abhimanyu, dizendo, 'Espere, Espere!' Então aqueles primos, aqueles dois heróis, com maças erguidas, começaram a golpear um ao outro, desejosos de realizar a morte um do outro, como o de três olhos (Mahadeva) e (o Asura) Andhaka nos tempos antigos. E ambos aqueles castigadores de inimigos, atingidos pela extremidade da maça um do outro caíram no chão, como dois estandartes arrancados erigidos para a honra de Indra. Então o filho de Duhsasana, aquele aumentador da fama dos Kurus, se levantando primeiro, atingiu Abhimanyu com a maça no topo de sua cabeça, quando o último estava prestes a se erguer. Entorpecido pela violência daquele golpe como também com a fadiga que ele estava sentindo, aquele matador de hostes hostis, o filho de Subhadra, caiu no chão, privado de seus sentidos. Assim, ó rei, um foi morto por muitos em batalha, um que tinha oprimido o exército inteiro, como um elefante moendo caules de lotos em um lago. Quando ele jazia morto sobre o campo, o heróico Abhimanyu parecia com um elefante selvagem morto por caçadores. O herói caído foi então cercado por tuas tropas. E ele parecia com um fogo extinguido no verão (quando ele jaz) depois de ter consumido uma floresta inteira, ou como uma tempestade despojada de sua fúria depois de ter oprimido topos de montanha; ou como o sol chegado às colinas ocidentais depois de ter destruído com seu calor a hoste Bharata; ou como Soma engolido por Rahu; ou como o oceano privado de água. Os poderosos guerreiros em carros do teu exército, contemplando Abhimanyu cujo rosto tinha o esplendor da lua cheia, e cujos olhos eram tornados belos por cílios pretos como as penas do corvo, jazendo prostrado na terra nua, ficaram cheios de grande alegria. E eles repetidamente proferiram gritos leoninos. De fato, ó monarca, tuas tropas estavam em êxtase de alegria, enquanto lágrimas caíam rapidamente dos olhos dos heróis

Pandava. Contemplando o heróico Abhimanyu jazendo no campo de batalha, como a lua caída do firmamento, diversas criaturas, ó rei, no céu, disseram em voz alta, 'Ai, ele jaz sobre o campo, morto, enquanto lutando sozinho, por seis poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, encabeçados por Drona e Karna. Esse ato foi, nós consideramos, injusto.' Após a morte daquele herói, a terra parecia muito brilhante como o firmamento coberto de estrelas com a lua. De fato, a terra estava coberta com flechas providas de asas de ouro, e coberta com ondas de sangue. E coberta com as belas cabeças de heróis, enfeitadas com brincos e turbantes variados de grande valor, e estandartes e rabos de iaque e cobertores belos, e armas de grande eficácia enfeitadas com pedras preciosas, e os ornamentos brilhantes de carros e cavalos, e homens e elefantes, e espadas afiadas e bem temperadas, parecendo com cobras livres de suas peles, e arcos, e flechas quebradas, e dardos, e espadas, e lanças, e Kampanas, e diversas outras espécies de armas, ela assumiu um aspecto belo. E por causa dos corcéis mortos ou morrendo, mas todos ensopados em sangue, com seus cavaleiros (jazendo perto deles), derrubados pelo filho de Subhadra, a terra em muitos locais ficou intransitável. E com ganchos de ferro, e elefantes, enormes como colinas, equipados com escudos e armas e estandartes, jazendo em volta, subjugados com flechas; com carros excelentes privados de corcéis e quadrigários e guerreiros em carros, jazendo espalhados no chão, esmagados por elefantes e parecendo com lagos agitados; com grandes grupos de soldados de infantaria ornados com diversas armas e jazendo mortos no chão, o campo de batalha, assumindo um aspecto terrível, inspirou todos os corações tímidos com terror.'"

"Vendo Abhimanyu, resplandecente como o sol ou a lua, jazendo no chão, tuas tropas estavam em êxtase de alegria, enquanto os Pandavas estavam cheios de pesar. Quando o jovem Abhimanyu, ainda em sua menoridade, caiu, as divisões Pandava, ó rei, fugiram na própria vista do rei Yudhishthira. Vendo seu exército dividido após a queda do filho de Subhadra, Yudhishthira dirigiu-se a seus bravos guerreiros, dizendo, 'O heróico Abhimanyu, que sem recuar da batalha foi morto, sem dúvida ascendeu para o céu. Fiquem então, e não temam, pois nós ainda iremos derrotar nossos inimigos.' Dotado de grande energia e grande esplendor, o rei Yudhishthira o justo, aquele principal dos guerreiros, dizendo tais palavras para seus soldados cheios de aflição, se esforçou para dissipar seu estupor. O rei continuou, 'Tendo em primeiro lugar matado em batalha príncipes hostis, parecendo cobras de veneno virulento, o filho de Arjuna então abandonou sua vida. Tendo matado dez mil guerreiros, isto é, o rei dos Kosalas, Abhimanyu, que era assim como Krishna ou o próprio Arjuna, indubitavelmente foi para a residência de Indra. Tendo destruído carros e corcéis e homens e elefantes aos milhares, ele ainda não estava contente com que ele fez. Realizando como ele realizou tais atos meritórios, nós sem dúvida não devemos nos afligir por ele, ele foi para as regiões resplandecentes dos justos, regiões que homens alcançam por meio de atos meritórios.'"

48

"Sanjaya disse, 'Tendo matado dessa maneira um dos principais guerreiros deles, e tendo sido atormentados por suas flechas, nós voltamos para nosso acampamento ao anoitecer, cobertos com sangue. Firmemente observados pelo inimigo, nós lentamente deixamos, ó monarca, o campo de batalha, tendo sofrido uma perda severa e quase privados de nosso juízo. Então chegou aquela hora maravilhosa que fica entre dia e noite. Uivos inauspiciosos de chacais eram ouvidos. O sol, com a cor vermelha opaca dos filamentos do lótus, desceu no horizonte, tendo se aproximado das colinas ocidentais. E ele levou com ele o esplendor de nossas espadas e dardos, espadins e cercas de carros, e escudos e ornamentos. Fazendo o firmamento e a terra assumirem a mesma cor, o sol assumiu sua forma favorita de fogo. O campo de batalha estava coberto com os corpos imóveis de inúmeros elefantes privados de vida, parecendo com topos cobertos de nuvens de colinas partidas pelo raio, e jazendo em volta com seus estandartes e ganchos e condutores caídos de suas costas. A terra parecia bela com carros grandes esmagados em pedaços, e com seus guerreiros e quadrigários e ornamentos e cavalos e estandartes e pendões esmagados, quebrados e divididos. Aqueles carros enormes, ó rei, pareciam com criaturas vivas privadas de suas vidas pelo inimigo com suas flechas. O campo de batalha assumiu um aspecto feroz e terrível por causa do grande número de corcéis e cavaleiros todos jazendo mortos, com arreios caros e cobertores de diversos tipos espalhados em volta, e línguas e dentes e entranhas e olhos daquelas criaturas inchados fora de seus lugares. Homens enfeitados com cotas de malha caras e ornamentos e mantos e armas, carentes de vida, jaziam com corcéis e elefantes mortos e carros quebrados, na terra nua, completamente abandonados, embora merecedores de leitos e cobertores caros. Cachorros e chacais, e gralhas e grous e outras aves carnívoras, e lobos e hienas, e corvos e outras criaturas bebedoras de alimento, todas as diversas tribos de Rakshasas, e grande número de Pisachas, no campo de batalha, rasgando as peles dos cadáveres e bebendo sua gordura, sangue e medula, começaram a comer sua carne. E eles começaram a chupar também as secreções de corpos podres, enquanto os Rakshasas riam horrivelmente e cantavam alto, arrastando corpos mortos numerando milhares. Um rio medonho, difícil de cruzar, como o próprio Vaitarani, foi causado lá por principais dos guerreiros. Suas águas eram constituídas pelo sangue (de criaturas caídas). Carros constituíam as balsas (as quais o cruzavam), elefantes formavam suas rochas, e as cabeças de seres humanos, suas pedras menores. E ele era lodoso com a carne (de cavalos e elefantes e homens mortos). E diversas espécies de armas caras constituíam as guirlandas (flutuando sobre ele ou espalhadas em suas margens). E aquele rio terrível fluía ferozmente pelo meio do campo de batalha, levando criaturas vivas para as regiões dos mortos. E grandes números de Pisachas, de formas horríveis e repulsivas, se regozijavam, bebendo e comendo naquele rio. E cachorros e chacais e aves carnívoras, todos comendo da mesma comida, e inspirando criaturas vivas com terror, festejaram seu grande carnaval lá. E os guerreiros, olhando para aquele campo de batalha o qual, aumentando a população do domínio de Yama, apresentava tal visão horrível, e

onde cadáveres humanos se erguendo, começavam a dançar, lentamente o deixaram enquanto eles contemplavam o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu que parecia o próprio Sakra, jazendo no campo, seus ornamentos caros deslocados e caídos, e parecendo com um fogo sacrifical no altar não mais alimentado com manteiga clarificada.'"

49

"Sanjaya disse, 'Depois da morte daquele herói, aquele líder de divisões de carros, isto é, o filho de Subhadra, os guerreiros Pandava, deixando seus carros e tirando suas armaduras, e jogando de lado seus arcos, sentaram-se, circundando o rei Yudhishthira. E eles estavam meditando sobre aquela dor deles, seus corações fixados no (falecido) Abhimanyu. De fato, após a queda daquele sobrinho heróico dele, isto é, o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, o rei Yudhishthira, dominado pelo pesar, lamentou (dessa maneira): 'Ai, Abhimanyu, pelo desejo de realizar o meu bem, atravessou aquela ordem de batalha formada por Drona e cheia de seus soldados. Enfrentando ele em batalha, arqueiros poderosos dotados de grande coragem, habilidosos com armas e incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, foram derrotados e forçados a recuar. Enfrentando nosso inimigo implacável Duhsasana em batalha, ele com suas flechas fez aquele guerreiro fugir do campo, privado de seus sentidos. Ai, o filho heróico de Arjuna, tendo cruzado o mar vasto do exército de Drona, foi no final obrigado a se tornar um convidado da residência de Yama, após combater o filho de Duhsasana. Quando Abhimanyu está morto, como eu irei olhar para Arjuna e também para a abençoada Subhadra privada de seu filho predileto? Que palavras insensatas, desconexas, e impróprias nós teremos que dizer hoje para Hrishikesa e Dhananjaya! Desejoso de realizar o que é bom, e expectante de vitória, fui eu que fiz esse grande mal para Subhadra e Kesava e Arjuna. Aquele que é cobiçoso nunca vê seus defeitos. Cobiça surge da insensatez. Coletores de mel não vêem a queda que está diante deles; eu sou assim como eles. Ele que era somente um menino, ele que deveria ter sido suprido com (bom) alimento, com veículos, com camas, com ornamentos, ai, ele mesmo foi colocado por nós na vanguarda da batalha. Como o bem poderia vir para um menino jovem, inexperiente em batalha, em tal situação de grande perigo? Como um cavalo de ímpeto orgulhoso, ele se sacrificou em vez de se recusar a cumprir a ordem de seu mestre. Ai, nós também hoje jazeremos na terra nua, destruídos pelos olhares de dor lançados por Arjuna cheio de ira. Dhananjaya generoso, inteligente, modesto, perdoador, bonito, poderoso, possuidor de membros bem desenvolvidos e belos, respeitoso com os superiores, heróico, querido, e devotado à verdade; de realizações gloriosas, os próprios deuses elogiam suas façanhas. Aquele herói valente matou os Nivatakavachas e os Kalakeyas, aqueles inimigos de Indra tendo sua residência em Hiranyapura. Em um piscar de olhos ele matou os Paulomas com todos os seus seguidores. Dotado de grande poder, ele concede abrigo para inimigos implacáveis que pedem por clemência! Ai, nós não pudemos proteger hoje do perigo o filho de tal pessoa. Um grande temor tomou conta dos Dhartarashtras embora eles possam ser dotados de grande força! Enfurecido pela morte de seu

filho, Partha exterminará os Kauravas. É evidente também que Duryodhana de mente vil tendo conselheiros perversos, aquele destruidor de sua própria família e partidários, vendo este extermínio do exército Kaurava, abandonará sua vida em aflição. Vejam este filho do filho de Indra, de energia e coragem incomparáveis, no campo de batalha, nem vitória, nem soberania, nem imortalidade, nem residência com os próprios celestiais, me dão a menor alegria!'"

50

"Sanjaya disse, 'Enquanto o filho de Kunti, Yudhishthira, estava lamentando dessa maneira, o grande Rishi Krishna Dwaipayana foi até ele. Reverenciando-o devidamente, e fazendo-o se sentar, Yudhishthira, angustiado pela dor por conta da morte do filho de seu irmão, disse, 'Ai, enquanto lutava com muitos arqueiros poderosos, o filho de Subhadra, cercado por vários grandes guerreiros em carros de propensões injustas, foi morto no campo. O matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, era um menino em idade e de mente infantil. Ele lutou em batalha contra vantagens encarniçadas. Eu pedi a ele para abrir uma passagem para nós em batalha. Ele entrou dentro do exército hostil, mas nós não pudemos segui-lo, obstruídos pelo soberano dos Sindhus. Ai, aqueles que se dirigem para a batalha como uma profissão, sempre lutam com adversários igualmente situados com eles mesmos. Essa batalha, no entanto, que o inimigo lutou com Abhimanyu, foi extremamente desigual. É isso que me aflige imensamente e tira lágrimas de mim. Pensando nisso, eu fracasso em recuperar paz de mente.'"

"Sanjaya continuou, 'O ilustre Vyasa, dirigindo-se a Yudhishthira que estava lamentando dessa maneira e que estava assim emasculado por uma acessão de tristeza, disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishthira, ó tu de grande sabedoria, ó tu que és mestre de todos os ramos de conhecimento, pessoas como tu nunca se permitem ser entorpecidas por calamidades. Aquele jovem corajoso, tendo matado inimigos numerosos, ascendeu para o céu. De fato, aquela melhor das pessoas, (embora um menino), agiu, no entanto, como alguém de idade madura. Ó Yudhishthira, esta lei é incapaz de ser violada: ó Bharata, a Morte leva a todos, isto é, Deuses e Dhanavas e Gandharvas (sem exceção).'"

"Yudhishthira disse, 'Ai, estes senhores de terra, que jazem na terra nua, mortos no meio de seus exércitos, privados de consciência, eram possuidores de grande poder. Outros (de sua classe) possuíam força igual àquela de dez mil elefantes. Outros, além disso, eram dotados da impetuosidade e poder do próprio vento. Eles todos pereceram em batalha, mortos por homens de sua própria classe. Eu não vejo a pessoa (salvo uma da própria classe deles) que pudesse matar algum deles em batalha. Dotados de grande bravura, eles eram possuidores de grande energia e grande força. Ai, eles que costumavam vir diariamente para lutar com essa esperança firmemente plantada em seus corações, isto é, que eles venceriam, ai, eles mesmos, possuidores de grande sabedoria, estão jazendo em

um campo, atingidos (por armas) e carentes de vida. O significado da palavra Morte hoje foi feito inteligível, pois estes senhores de terra, de destreza terrível, foram quase todos mortos. Aqueles heróis estão jazendo imóveis; privados de vaidade, tendo sucumbido aos inimigos. Muitos príncipes, cheios de ira, foram vitimados diante do fogo (da ira de seus inimigos). Um grande dúvida me possui, de onde vem a Morte? A Morte é (prole) de quem? O que é a Morte? Por que a Morte leva as criaturas? Ó avô, ó tu que pareces um deus, diga-me isto.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o filho de Kunti, Yudhishthira, que o questionava dessa maneira, o Rishi ilustre, consolando-o, disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Com relação a esse assunto, ó rei, esta antiga história que Narada antigamente contou para Akampana é citada. O rei Akampana, ó monarca, eu sei, enquanto nesse mundo sofreu de tristeza muito grande e insuportável por conta da morte de seu filho. Eu agora contarei a história excelente sobre a origem da Morte. Tendo-a escutado, tu serás emancipado da tristeza e do toque do vínculo de afeição. Ouça-me, ó majestade, enquanto eu narro esta história antiga. Esta história é, de fato, excelente. Ela aumenta o período de vida, mata a dor e leva à saúde. Ela é sagrada, destrutiva de grandes grupos de inimigos, e a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas. De fato, esta história é assim como o estudo dos Vedas. Ó monarca, ela deve ser ouvida toda manhã pelos principais dos reis que estão desejosos de filhos de vida longa e do seu próprio bem.'"

"Antigamente, ó majestade, havia um rei chamado Akampana. Uma vez, no campo de batalha, ele foi cercado por seus inimigos e quase dominado por eles. Ele tinha um filho que era chamado Hari. Igual ao próprio Narayana em poder, esse último era muito bonito, habilidoso com armas, dotado de grande inteligência, possuidor de força, e parecia o próprio Sakra em batalha. Cercado por inúmeros inimigos no campo de batalha, ele disparou milhares de flechas naqueles guerreiros e nos elefantes que o cercaram. Tendo realizado as mais difíceis façanhas em batalha, ó Yudhishthira, aquele opressor de inimigos foi, finalmente, morto no meio do exército. Realizando os ritos fúnebres de seu filho, o rei Akampana se purificou. (Durante os dias de luto uma pessoa é considerada impura, sendo incapaz de realizar seu culto comum e outros ritos religiosos. Depois que os funerais são realizados e o luto está terminado supõe-se que ela está purificada.) Sofrendo, no entanto, por seu filho dia e noite, o rei fracassou em recuperar felicidade mental. Informado de sua dor por conta da morte de seu filho, o Rishi celeste Narada foi à presença dele. O rei abençoado, vendo o Rishi celeste, disse ao último tudo o que tinha acontecido a ele, ou seja, sua derrota nas mãos de seus inimigos, e a morte de seu filho. E o rei disse, 'Meu filho era dotado de grande energia, e se igualava a Indra ou ao próprio Vishnu em esplendor. Aquele meu filho poderoso, tendo mostrado sua destreza no campo contra inúmeros inimigos finalmente foi morto! Ó ilustre, quem é essa Morte? Qual é a medida de sua energia, força e destreza? Ó mais notável das pessoas inteligentes, eu desejo saber tudo isso realmente.' Ouvindo essas palavras dele, o senhor concessor de benefícios, Narada, recitou a seguinte história elaborada, destrutiva da tristeza por causa da morte de um filho.'"

"Narada disse, 'Ouça, ó rei de braços fortes, esta história longa, exatamente como eu a ouvi, ó monarca! No início, o Avô Brahma criou todas as criaturas. Dotado de energia poderosa, ele viu que a criação não tinha sinais de decadência. Por causa disso, ó rei, o Criador começou a pensar a respeito da destruição do universo. Refletindo sobre o assunto, ó monarca, o Criador falhou em descobrir quaisquer meios de destruição. Ele então ficou furioso, e por consequência de sua fúria um fogo surgiu do céu. Aquele fogo se espalhou em todas as direções para consumir tudo no universo. Então céu, firmamento, e terra, todos ficaram cheios de fogo. E assim o Criador começou a consumir todo o universo móvel e imóvel. Assim todas as criaturas, móveis e imóveis, foram destruídas. De fato, o poderoso Brahma, amedrontando todos pela força de sua ira, fez tudo isso. Então Hara, também chamado Sthanu ou Siva, com madeixas emaranhadas em sua cabeça, aquele Senhor de todos os vagueadores noturnos, apelou para o divino Brahma, o Senhor dos deuses. Quando Sthanu caiu (aos pés de Brahma) pelo desejo de fazer o bem para todas a criaturas, a Divindade Suprema disse para aquele maior dos ascetas, brilhante com esplendor, 'Que desejo teu nós iremos realizar, ó tu que mereces ter todos os teus desejos realizados? Ó tu que nasceste do nosso desejo! Nós faremos tudo o que for agradável para ti! Nos diga, ó Sthanu, qual é teu desejo?'"

51

"Sthanu disse, 'Ó senhor, tu tiveste grande cuidado a fim de criar diversas criaturas. De fato, criaturas de diversas espécies foram criadas e educadas por ti. Aquelas mesmas criaturas, porém, estão agora sendo destruídas por teu fogo. Vendo isso, eu estou cheio de compaixão. Ó senhor ilustre, incline-te à benevolência.'"

"Brahma disse, 'Eu não tive desejo de destruir o universo, eu desejei o bem da terra, e foi por isso que a ira me possuiu. A deusa Terra, atormentada pelo peso opressivo das criaturas, sempre me solicitou para destruir as criaturas sobre ela. Incitado por ela, eu não pude, no entanto, achar quaisquer meios para a destruição da criação infinita. Nisso a ira me possuiu.'"

"Rudra disse, 'Tenda à graça, ó senhor do universo, não nutra a ira para a destruição das criaturas. Não deixe mais criaturas, imóveis e móveis, serem destruídas. Pela tua graça, ó ilustre, deixe o universo triplo, isto é, o Futuro, o Passado, e o Presente, existirem. Tu, ó Senhor, te inflamaste com ira. Daquela tua ira, uma substância semelhante ao fogo passou a existir. Aquele fogo está agora mesmo destruindo rochas e árvores e rios, e todas as espécies de ervas e gramas. De fato, aquele fogo está exterminando o universo móvel e o imóvel. O universo móvel e o imóvel está sendo reduzido a cinzas. Incline-te à graça, ó ilustre! Não ceda à ira. Esse mesmo é o benefício que eu peço. Todas as coisas criadas, ó Ser Divino, pertencentes a ti, estão sendo destruídas. Portanto, que tua ira seja apaziguada. Que ela seja aniquilada em ti mesmo. Lance teu olhar sobre tuas criaturas, inspirado pelo desejo de lhes fazer bem. Faça aquilo pelo qual as criaturas dotadas de vida não possam cessar de existir. Não deixe essas criaturas,

com seus poderes produtivos enfraquecidos, serem exterminadas. Ó Criador dos mundos, tu me nomeaste Protetor delas, ó Senhor do universo, não deixe o universo móvel e imóvel ser destruído. Tu és inclinado à benevolência, e é por isso que eu digo essas palavras para ti.'"

"Narada continuou, 'Ouvindo essas palavras (de Mahadeva) o divino Brahma, pelo desejo de beneficiar as criaturas, reteve dentro de si mesmo sua cólera que tinha sido despertada. Extinguindo o fogo, o Benfeitor divino do mundo, o grande Mestre, declarou os deveres de Produção e Emancipação. E enquanto a Divindade Suprema exterminava aquele fogo nascido de sua ira, saiu das portas de seus diversos sentidos uma mulher que era escura e vermelha e morena, cuja língua e rosto e olhos eram vermelhos, e que estava enfeitada com dois brincos brilhantes e diversos outros ornamentos brilhantes. Saindo do corpo dele, ela olhou sorridente para aqueles dois senhores do universo e então partiu para o quadrante sul. Então Brahma, aquele controlador da criação e destruição dos mundos a chamou pelo nome de Morte. E Brahma, ó rei, disse a ela, 'Mate essas minhas criaturas! Tu foste originada daquela minha ira a qual eu nutri para a destruição (do universo). Mate todas as criaturas inclusive idiotas e videntes por minha ordem. Por fazeres isso, tu serás beneficiada.' Aquela senhora de lótus, chamada Morte, assim endereçada por ele refletiu profundamente, e então chorou alto desamparadamente em tons melodiosos. O Avô então pegou as lágrimas que ela tinha derramado, com suas duas mãos, para o benefício de todas as criaturas, e começou a implorar a ela (com essas palavras).'"

42

"Narada disse, 'A dama desamparada, reprimindo sua tristeza dentro de si mesma, se dirigiu, com mãos unidas, ao Senhor da criação, curvando-se com humildade como uma trepadeira. E ela disse, 'Ó principal dos oradores, criada por ti como eu irei, sendo uma mulher, fazer tal ato cruel e mau sabendo que ele é cruel e mau? Eu tenho muito medo da iniquidade. Ó Senhor Divino, seja inclinado à graça. Filhos e amigos e irmãos e pais e maridos são sempre queridos; (se eu matá-los), aqueles que sofrerem essas perdas procurarão me ferir. É isso que eu temo. As lágrimas que cairão dos olhos de pessoas feridas pela dor e lamentosas me inspiram medo, ó Senhor! Eu procuro tua proteção. Ó Ser Divino, ó principal dos deuses, eu não irei para a residência de Yama. Ó concessor de bênçãos, eu imploro tua graça, curvando minha cabeça e juntando minhas palmas. Ó Avô dos mundos, eu peço (a realização desse) desejo em tuas mãos! Eu desejo, com tua permissão, praticar penitências ascéticas, ó Senhor das coisas criadas! Conceda esse benefício, ó Ser Divino, ó grande mestre! Permitida por ti, eu irei para o retiro excelente de Dhenuka! Empenhada em adorar a Ti mesmo, eu praticarei as austeridades mais rígidas lá. Eu não serei capaz, ó Senhor dos deuses, de tirar os caros ares vitais de criaturas vivas chorando em tristeza. Proteja-me da iniquidade.'"

"Brahma disse, 'Ó Morte, tu estás destinada a realizar a destruição de criaturas. Vá, destrua todas as criaturas, tu não precisas ter escrúpulos. Isso mesmo deve ser. Isso não pode ser de outra maneira. Somente cumpra minha ordem. Ninguém no mundo irá encontrar qualquer falha em ti.'"

"Narada continuou, 'Assim endereçada, aquela senhora ficou com muito medo. Olhando para o rosto de Brahma, ela permaneceu com mãos unidas. Pelo desejo de fazer o bem para as criaturas, ela não colocou seu coração na destruição delas. O divino Brahma também, aquele Senhor do senhor de todas as criaturas, ficou calado. E logo o Avô ficou satisfeito em si mesmo. E lançando seus olhos sobre toda a criação ele sorriu. E nisso as criaturas continuaram a viver como antes, isto é, não afetadas por morte prematura. E após aquele Senhor invencível e ilustre ter se livrado de sua ira, aquela donzela deixou a presença daquela Divindade sábia. Deixando Brahma, sem ter concordado em destruir criaturas, a donzela chamada Morte foi rapidamente para o retiro chamado Dhenuka. Chegando lá, ela praticou votos excelentes e muito austeros. E ela permaneceu lá sobre uma perna por dezesseis bilhões de anos, e cinco vezes dez bilhões também, por compaixão pelas criaturas vivas e pelo desejo de lhes fazer bem, e todo o tempo reprimindo seus sentidos de seus objetos favoritos. E novamente, ó rei, ela permaneceu lá sobre uma perna por vinte e uma vezes dez bilhões de anos. E então ela vagou por dez vezes dez mil bilhões de anos com as criaturas (da terra). Em seguida, dirigindo-se ao sagrado Nanda que era cheio de água fresca e pura, ela passou oito mil anos naquelas águas. Cumprindo votos rígidos em Nanda, ela se purificou de todos os seus pecados. Então ela procedeu, antes de tudo, para o sagrado Kausiki, cumpridora de votos. Vivendo só de ar e água, ela praticou austeridades lá. Dirigindo-se então para Panchaganga e em seguida para Vetasa, aquela donzela purificada, por diversos tipos de austeridades especiais, emaciou seu próprio corpo. Indo em seguida para o Ganga e de lá ao grande Meru, ela permaneceu imóvel como um pedra, suspendendo seu ar vital. De lá ela foi ao topo de Himavat, onde os deuses tinham realizado seu sacrifício (nos tempos passados), aquela moça amável e auspiciosa permaneceu de pé por um bilhão de anos somente sobre os dedos de seus pés. Indo então para Pushkara, e Gokarna, e Naimisha, e Malaia, ela emaciou seu corpo, praticando austeridades agradáveis para seu coração. Sem reconhecer qualquer outro deus, com devoção constante ao Avô, ela viveu e gratificou o Avô de todas as maneiras. Então o imutável Criador dos mundos, satisfeito disse a ela, com o coração amolecido e encantado, 'Ó Morte, por que tu praticas austeridades ascéticas tão severas?' Assim endereçada, a Morte disse para o Avô divino, 'As criaturas, ó Senhor, estão vivendo com saúde. Elas não ferem umas às outras nem com palavras. Eu não serei capaz de matá-las. Ó Senhor, eu desejo essa bênção de tuas mãos. Eu temo o pecado, e é por isso que eu estou engajada em austeridades ascéticas. Ó abençoado, te encarregue de remover para sempre meus temores. Eu sou uma mulher, em aflição, e sem falhas. Eu te rogo, sejas protetor.' Para ela o divino Brahman conhecedor do passado, do presente e do futuro, disse, 'Tu não cometerás pecado, ó Morte, por matar essas criaturas. Minhas palavras nunca podem ser inúteis, ó amável! Portanto, ó donzela auspiciosa, mate essas criaturas de quatro espécies. Virtude eterna sempre será

tua. Aquele Regente do mundo, Yama, e diversas doenças se tornarão teus colaboradores. Eu mesmo e todos os deuses te concederemos bênçãos, para que, livre de pecado e perfeitamente purificada, tu possas até alcançar glória.' Assim endereçada, ó monarca, aquela dama, juntando suas mãos, mais uma vez disse essas palavras, procurando sua graça por se curvar a ele com sua cabeça. Se, ó Senhor, isso não deve acontecer sem mim, então tua ordem eu coloco sobre minha cabeça. Ouça, no entanto, o que eu digo: que cobiça, ira, malícia, ciúmes, discussão, tolice e impudência, e outros sentimentos feios firam os corpos de todas as criaturas incorporadas.'"

"Brahman disse, 'Será, ó Morte, como tu disseste. Enquanto isso, mate as criaturas devidamente. O pecado não será teu, nem eu procurarei te prejudicar, ó auspiciosa. Aquelas gotas de lágrimas tuas que estão em minhas mãos, elas mesmas se tornarão doenças, surgindo das próprias criaturas vivas. Elas matarão os homens; e se os homens forem mortos, o pecado não será teu. Portanto, não temas. De fato, o pecado não será teu. Devotada à retidão, e cumpridora do teu dever, tu dominarás (todas as criaturas). Portanto, tire sempre as vidas dessas criaturas vivas. Rejeitando desejo e ira, tire a vida de todas as criaturas vivas. Assim a virtude eterna será tua. O pecado matará aqueles de mau comportamento. Te purifique por cumprir minha ordem. Serás tu a afundá-las em seus pecados que são perversos. Portanto, abandone desejo e ira, e mate essas criaturas dotadas de vida.'"

"Narada continuou, 'Aquela donzela, vendo que ela era (persistentemente) chamada pelo nome de Morte, teve medo de (agir de outra maneira). E em terror também da maldição de Brahma, ela disse, 'Sim.' Incapaz de agir de outra maneira, ela começou, abandonando desejo e ira, a tirar as vidas das criaturas vivas quando chegava a hora (para sua dissolução). São somente criaturas vivas que morrem. As doenças surgem das próprias criaturas vivas. Doença é a condição anormal das criaturas. Elas são atormentadas por isto. Portanto, não te entregue à aflição inútil pelas criaturas depois que elas estão mortas. Os sentidos, após a morte das criaturas, acompanham as últimas (ao outro mundo), e realizando suas (respectivas) funções, mais uma vez voltam (com as criaturas quando as últimas renascem). Assim todas as criaturas, ó leão entre os seres, os próprios deuses incluídos, indo para lá, tem que agir como mortais. O vento, que é tremendo, de rugidos terríveis e grande força, onipresente e dotado de energia infinita, é o vento que irá fender os corpos das criaturas vivas. Ele não irá nesse caso aplicar energia ativa, nem suspenderá suas funções; (mas fará isso naturalmente). Até todos os deuses tem a denominação de mortais vinculada eles. Portanto, ó leão entre reis, não chore por teu filho! Indo para o céu, o filho do teu corpo está passando seus dias em felicidade perpétua, tendo alcançado aquelas regiões encantadoras que são para heróis. Abandonando todas as tristezas, ele obteve a companhia dos justos. A Morte foi ordenada pelo próprio Criador para todas as criaturas! Quando sua hora chega, as criaturas são destruídas devidamente. A morte das criaturas se origina das próprias criaturas. As criaturas matam a si mesmas. A Morte não mata ninguém, armada com sua clava! Portanto, aqueles que são sábios, sabendo realmente que a morte é inevitável, porque (foi)

ordenada pelo próprio Brahma, nunca sofrem pelas criaturas que estão mortas. Sabendo que essa morte foi ordenada pelo Deus Supremo, abandone, sem demora; tua aflição por teu filho morto!'"

"Vyasa continuou, 'Ouvindo essas palavras de significado importante faladas por Narada, o rei Akampana, dirigindo-se a seu amigo, disse, 'Ó ilustre, ó mais notável dos Rishis, minha dor se foi, e eu estou contente. Ouvindo esta história de ti, eu estou grato a ti e eu te reverencio.' Aquele principal dos Rishis superiores, aquele asceta celeste de alma incomensurável, assim endereçado pelo rei, foi para as florestas de Nandava. A narração frequente desta história para a audição de outros, como também a audição frequente desta história, é considerada como purificadora, levando ao renome e céu e digna de aprovação. Ela aumenta, além disso, o período de vida. Tendo escutado esta história instrutiva, abandone tua dor, ó Yudhishthira, refletindo além disso sobre os deveres de um Kshatriya e o estado superior (de bem aventurança) obtenível por heróis. Abhimanyu, aquele poderoso guerreiro em carro, dotado de energia poderosa, tendo matado (numerosos) inimigos diante do olhar de todos os arqueiros, alcançou o céu. O arqueiro formidável, aquele poderoso guerreiro em carro, lutando no campo, caiu em batalha atingido com espada e maça e dardo, e arco. Nascido de Soma, ele desapareceu na essência lunar, purificado de todas as suas impurezas. Portanto, ó filho de Pandu, reunindo toda tua fortaleza, tu com teus irmãos, sem permitirem que sua razão seja entorpecida partam rapidamente, inflamados com raiva, para a batalha.'"

53

"Sanjaya disse, 'Sabendo da origem da Morte e suas ações incomuns, o rei Yudhishthira, humildemente se dirigindo a Vyasa, mais uma vez disse essas palavras a ele.'"

"Yudhishthira disse, 'Existiram muitos reis em países abençoados, de feitos virtuosos e de destreza igual àquela do próprio Indra. Eles eram sábios reais, ó regenerado, que eram impecáveis e que falavam a verdade. Uma vez mais, dirija-te a mim em palavras de grave significado, e me console com (relatos) das façanhas daqueles sábios nobres dos tempos antigos. Qual era a medida dos presentes sacrificais feitos por eles? Quem eram aqueles sábios reais de grande alma de atos justos que os fizeram? Diga-me tudo isso, ó ilustre!'"

"Vyasa disse, 'Houve um rei de nome Switya. Ele tinha um filho que era chamado Srinjaya. Os Rishis Narada e Parvata eram seus amigos. Um dia, os dois ascetas, para fazer uma visita a Srinjaya, foram ao seu palácio. Devidamente adorados por Srinjaya, eles ficaram satisfeitos com ele, e continuaram a viver com ele felizmente. Uma vez quando Srinjaya estava sentado à vontade com os dois ascetas, sua filha bela de sorrisos doces foi a ele. Saudado com reverência por sua filha, Srinjaya encantou aquela moça que estava ao seu lado com bênçãos apropriadas do tipo que ela desejava. Vendo aquela moça, Parvata sorridente questionou Srinjaya, dizendo, 'Filha de quem é essa donzela de olhares inquietos

e possuidora de todos os sinais auspiciosos? Ela é o esplendor de Surya, ou a chama de Agni? Ou, ela é alguma dessas, isto é, Sri, Hri, Kirti, Dhriti, Pushti, Siddhi, e o esplendor de Soma?' Depois que o Rishi celeste (Parvata) disse essas palavras, o rei Srinjaya respondeu, dizendo, 'Ó ilustre, essa moça é minha filha. Ela pediu minhas bênçãos.' Então Narada se dirigiu ao rei Srinjaya e disse, 'Se, ó monarca, tu desejas maior bem (para ti mesmo), então entregue essa tua filha para mim como uma esposa.' Encantado (com a proposta do Rishi), Srinjaya dirigiu-se a Narada, dizendo, 'Eu a entrego para ti.' Nisto, o outro Rishi, Parvata, dirigiu-se indignado a Narada, dizendo, 'Escolhida antes por mim, dentro do meu coração, tu tomaste essa donzela como tua esposa. E já que tu fizeste isso, tu, ó Brahmana, não irás para o céu como é teu desejo.' Assim endereçado por ele, Narada respondeu a ele, dizendo, 'O coração e palavra do marido (dirigidos a isso), o consentimento (do concessor), as palavras (de ambos), o presente efetivo feito por borrifo de água, e o recital dos mantras ordenados para a posse (da mão da noiva), essas são declaradas como as indicações pelas quais alguém é constituído um marido. Mesmo este cerimonial não é tudo. Aquilo que (sobretudo) é essencial é a caminhada por sete passos (pela noiva ao circungirar o noivo). Sem isso teu propósito (sobre casamento) não foi realizado. Tu amaldiçoaste. Portanto, tu também não irás para o céu sem mim.' Tendo amaldiçoado um ao outro aqueles dois Rishis continuaram a viver lá. Enquanto isso, o rei Srinjaya, desejoso de (obter) um filho, começou, com alma purificada, a entreter cuidadosamente os Brahmanas, ao máximo de seu poder, com alimento e mantos. Depois de um tempo certo, aqueles principais dos Brahmanas dedicados ao estudo dos Vedas e totalmente familiarizados com aquelas escrituras e seus ramos ficaram satisfeitos com aquele monarca, desejoso de obter um filho. Juntos eles foram até Narada e disseram a ele, 'Dê a esse rei um filho do tipo que ele deseja.' Assim endereçado pelos Brahmanas, Narada respondeu para eles, dizendo, 'Assim seja.' E então o Rishi celeste se dirigiu a Srinjaya dizendo, 'Ó sábio real, os Brahmanas estão satisfeitos e eles te desejam um filho! Solicite o benefício, abençoado sejas, acerca do tipo de filho que tu desejas.' Assim endereçado por ele, o rei, com mãos unidas, pediu um filho possuidor de todas as habilidades, famoso, de feitos gloriosos, de grande energia, e capaz de castigar todos os inimigos. E ele em seguida pediu que a urina, as fezes, a fleuma e o suor daquele filho fossem ouro. E no devido tempo o rei teve um filho nascido para ele, que veio a ser chamado de Suvarnashthivin (de fezes douradas) sobre a terra. E por consequência da bênção, aquele filho começou a aumentar a riqueza (de seu pai) além de todos os limites. E o rei Srinjaya fez todas as coisas agradáveis dele serem feitas de ouro. E suas casas e muros e fortes, e as casas de todos os Brahmanas (dentro de seus domínios), e suas camas, veículos, e pratos, e todos os tipos de panelas e xícaras, e o palácio que ele possuía, e todos os instrumentos e utensílios, domésticos e outros eram feitos de ouro. E com o tempo seu estoque aumentou. Então certos ladrões ouvindo sobre o príncipe e vendo que ele era daquela maneira, se uniram e procuraram prejudicar o rei. E alguns entre eles disseram, 'Nós apanharemos o próprio filho do rei. Ele é a minha de ouro de seu pai. Para este objetivo, portanto, nós devemos nos esforçar.' Então aqueles ladrões inspirados com avareza, penetrando no palácio do rei, levaram à força o príncipe Suvarnashthivin. Tendo-o capturado e levado para as florestas,

aqueles idiotas insensatos, inspirados com avareza mas ignorantes do que fazer com ele, o mataram lá e cortaram seu corpo em fragmentos. Eles não viram, no entanto, qualquer ouro nele. Depois que o príncipe foi morto, todo o ouro, obtido por consequência do benefício do Rishi, desapareceu. Os ladrões ignorantes e insensatos bateram uns nos outros. E batendo uns nos outros dessa maneira, eles pereceram e com eles aquele maravilhoso príncipe sobre a terra. E aqueles homens de atos perversos afundaram em um inferno inimaginável e horrível. Vendo aquele filho dele, obtido através da bênção do Rishi, morto dessa maneira, aquele grande asceta, o rei Srinjaya, afligido com tristeza profunda, começou a lamentar em tons comoventes. Vendo o rei angustiado pelo pesar por conta de seu filho, e chorando daquela maneira, o Rishi celeste Narada se mostrou na presença dele. Ouça, ó Yudhishthira, o que Narada disse para Srinjaya, tendo se aproximado daquele rei, que angustiado com pesar e privado de sua razão, estava lamentando de modo comovente. Narada disse, 'Srinjaya, com teus desejos não realizados, tu terás que morrer, embora nós reveladores de Brahma, vivamos na tua casa. Até o filho de Avikshit, Marutta, ó Srinjaya, nós soubemos, teve que morrer. Irritado com Vrihaspati, ele fez o próprio Samvatta oficiar em seus sacrifícios grandiosos! Para aquele sábio real o próprio senhor ilustre (Mahadeva) tinha dado riqueza na forma de um planalto dourado de Himavat. (Com aquela riqueza) o rei Marutta realizou diversos sacrifícios. A ele, depois da conclusão de seus sacrifícios, diversas tribos de celestiais, aqueles criadores do universo, com o próprio Indra em sua companhia e com Vrihaspati em sua dianteira, costumavam ir. Todos os tapetes e móveis de sua área sacrifical eram de ouro. As classes regeneradas, desejosas de alimento, todas comiam como lhes agradava, em seus sacrifícios, comida que era limpa e em conformidade com seus desejos. E em todos os seus sacrifícios, leite e coalhos e manteiga clarificada e mel, e outras espécies de comida e mantimentos, todos da melhor qualidade, e mantos e ornamentos cobiçáveis por seu preço elevado, gratificavam Brahmanas completamente familiarizados com os Vedas. Os próprios deuses costumavam se tornar distribuidores de alimento no palácio do rei Marutta. Os Viswedevas eram os cortesãos daquele sábio real, o filho de Avikshit. Por ele foram gratificados os habitantes do céu com libações de manteiga clarificada. E satisfeitos (com isso), eles, por sua vez, aumentaram a fartura de colheitas daquele soberano poderoso com chuvas abundantes. Ele sempre contribuía para a satisfação dos Rishis, dos Pitris, e dos deuses, e assim os fazia felizes, pela prática de Brahmacharya, estudo dos Vedas, ritos fúnebres, e todas as espécies de doações. E suas camas e tapetes e veículos, e seus vastos estoques de ouro difíceis de serem doados, realmente, toda aquela riqueza incalculável dele, foi doada voluntariamente para os Brahmanas. O próprio Sakra costumava desejar o bem dele. Seus súditos foram feitos felizes (por ele). Agindo sempre com piedade, ele (no final) se dirigiu para aquelas eternas regiões de felicidade, alcançadas por seu mérito religioso. Com seus filhos e conselheiros e esposas e descendentes e parentes, o rei Marutta, em sua juventude, governou seu reino por mil anos. Quando tal rei, ó Srinjaya, morreu, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais (isto é, penitências ascéticas, veracidade, compaixão, e generosidade), e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, não te aflijas dizendo, 'Ó Swaitya', por teu filho que não realizou sacrifícios e não deu presentes sacrificais.'"

56

"Narada disse, 'O rei Suhotra também, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Ele era o mais notável dos heróis, e invencível em batalha. Os próprios deuses costumavam ir vê-lo. Adquirindo seu reino virtuosamente, ele procurava o conselho de seus Ritwijas e sacerdotes domésticos e Brahmanas para seu próprio bem, e se informando com eles, costumava obedecer suas ordens. Bem familiarizado com o dever de proteger seus súditos, possuidor de virtude e generosidade, realizando sacrifícios e subjugando inimigos, o rei Suhotra desejava o aumento de sua riqueza. Ele adorava os deuses por seguir as ordenanças das escrituras, e derrotava seus inimigos por meio de suas flechas. Ele gratificava todas as criaturas por meio das suas realizações excelentes. Ele governou a terra, livrando-a de Mlecchas e dos ladrões da floresta. A divindade das nuvens derramava ouro sobre ele do fim do ano ao fim do ano. Naqueles dias de antigamente, portanto, os rios (em seu reino) corriam ouro (líquido), e estavam abertos a todos para uso. A divindade das nuvens derramava em seu reino grande número de jacarés e caranguejos e peixes de diversas espécies e vários objetos de desejo, incontáveis em número, que eram todos feitos de ouro. Os lagos artificiais nos domínios daquele rei mediam cada um duas milhas completas. Contemplando milhares de anões e corcundas e jacarés e Makaras, e tartarugas todos feitos de ouro, o rei Suhotra se admirou muito. Aquela fartura ilimitada de ouro, o sábio real Suhotra realizando um sacrifício em Kurujangala doou para os Brahmanas, antes da conclusão do sacrifício. Tendo realizado mil sacrifícios de cavalo, cem Rajasuyas, muitos sacrifícios Kshatriya sagrados (isto é, sacrifícios ordenados para Kshatriyas), em todos os quais ele fazia presentes abundantes para os Brahmanas e tendo realizado ritos diários, quase inúmeros, praticados por causa de desejos específicos, o rei no final obteve um fim muito desejável. Quando, ó Srinjaya, tal rei morreu, que era superior em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era portanto muito superior ao teu filho, tu não deves te afligir dizendo, 'Oh Swaitya, Oh, Swaitya,' pois teu filho não realizou nenhum sacrifício e não fez doações sacrificais.'"

57

"Narada disse, 'O rei heróico Paurava também, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei doou mil vezes mil cavalos que eram todos de cor branca. No sacrifico de cavalo realizado por aquele sábio nobre, um número incontável de Brahmanas eruditos versados nos princípios de Siksha e Akshara vinham de diversos reinos. (Siksha, um dos seis ramos dos Vedas; ele pode ser chamado a Ortoepia dos Vedas. Akshara, letras do alfabeto.) Aqueles Brahmanas, purificados pelos Vedas, por conhecimento, e por votos, e generosos e de feições agradáveis, tendo obtido do rei presentes caros, tais como mantos e casas e camas excelentes e tapetes e veículos e gado, eram sempre alegrados por atores e dançarinos e cantores, totalmente competentes e bem versados (em

suas respectivas artes), engajados em passatempos e sempre se esforçando pelo seu divertimento. Em cada um de seus sacrifícios no devido tempo ele dava de graça como presentes sacrificais dez mil elefantes de esplendor dourado, com suco temporal escorrendo por seus corpos, e carros feitos de ouro com estandarte e pendões. Ele também dava, como presentes sacrificais, mil vezes mil donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro, e carros e corcéis e elefantes para montar, e casas e campos, e centenas de vacas, às centenas de milhares, e milhares de vaqueiros enfeitados com ouro. Aqueles que conhecem a história do passado cantam essa canção, isto é, que naqueles sacrifícios o rei Paurava doava vacas com bezerros, tendo chifres dourados e cascos de prata e potes de leite de bronze, e escravas femininas e escravos masculinos e jumentos e camelos, e ovelhas, incontáveis em número, e diversas espécies de pedras preciosas e diversos morros de comida semelhantes a colinas. Aquele rei sacrificador dos Angas realizou sucessivamente, na ordem de seu mérito, e segundo o que era apropriado para sua própria classe, muitos sacrifícios auspiciosos capazes de conceder todos os objetos de desejo. Quando tal rei morreu, ó Srinjaya, que era superior a ti com relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti era, portanto, muito mais superior ao teu filho, tu não deves, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

58

"Narada disse, 'O filho de Usinara, Sivi também, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei tinha, por assim dizer, posto uma cinta feita de couro em volta da terra, fazendo a terra com suas montanhas e ilhas e mares e florestas ressoar com o estrépito de seu carro. O conquistador de inimigos, o rei Sivi, sempre matava os principais dos inimigos. Ele realizou muitos sacrifícios com presentes em profusão para os Brahmanas. Aquele monarca de grande coragem e grande inteligência tinha adquirido enorme riqueza. Em batalha, ele ganhava os aplausos de todos os Kshatriyas. Tendo trazido toda a terra sob submissão, ele realizou muitos sacrifícios de cavalo, sem qualquer obstrução, os quais eram produtivos de grande mérito doando (como presente sacrifical) mil crores de nishkas de ouro, e muitos elefantes e corcéis e outras espécies de animais, muitos grãos, e muitos veados e ovelhas. E o rei Sivi doou a terra sagrada consistindo em diversos tipos de solo para os Brahmanas. De fato, o filho de Usinara, Sivi, doou tantas vacas quanto o número de gotas de chuva derramadas sobre a terra, ou o número de estrelas no céu, ou o número de grãos de areia no leito do Ganga, ou o número de rochas que constituem a montanha chamada Meru, ou o número de pedras preciosas ou de animais (aquáticos) no oceano. O próprio Criador não encontrou e não encontrará dentro do passado, do presente, ou do futuro, outro rei capaz de suportar os encargos que o rei Sivi suportava. Muitos foram os sacrifícios, com todos os tipos de ritos, que o rei Sivi realizou. Naqueles sacrifícios, as estacas, os tapetes, as casas, as paredes, e os arcos, eram todos feitos de ouro. Comida e bebida, agradáveis para o paladar e perfeitamente limpas eram reservadas em profusão. E os Brahmanas que se dirigiam a eles podiam ser

contados por miríades e miríades. Abundando com iguarias de todas as espécies, só palavras agradáveis tais como 'dê' e 'pegue' eram ouvidas lá. Leite e coalhos eram reunidos em grandes lagos. Em sua área sacrifical, havia rios de bebida e colinas brancas de alimento. 'Banhem-se e bebam e comam como quiserem,' essas eram as únicas palavras ouvidas lá. Satisfeito com seus atos virtuosos, Rudra concedeu a Sivi uma bênção, dizendo, 'Como tu doas, que tua riqueza, tua devoção, tua fama, tuas ações religiosas, o amor que todas as criaturas tem por ti, e o céu (que tu alcançarás), sejam todos inesgotáveis.' Tendo obtido todos essas bênçãos desejáveis, o próprio Sivi, quando chegou o momento, deixou esse mundo com destino ao céu. Quando, ó Srinjaya, morreu ele que era superior a ti, e era muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', te afligir por teu filho que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

59

"Narada disse, 'Rama, o filho de Dasaratha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se uma vítima da morte. Seus súditos eram tão encantados com ele como um pai é encantado com seus filhos. Dotado de energia imensurável, inúmeras virtudes existiam nele. De glória imorredoura, Rama, o irmão mais velho de Lakshmana, por ordem de seu pai, viveu por catorze anos nas florestas, com sua mulher. Aquele touro entre homens matou em Janasthana catorze mil Rakshasas para a proteção dos ascetas. Enquanto morava lá, o Rakshasa chamado Ravana, enganando a ele e seu companheiro (Lakshmana) sequestrou sua esposa, a princesa de Videha. Como o de três olhos (Mahadeva), antigamente, matando (o Asura) Andhaka, Rama em cólera matou em batalha aquele ofensor da linhagem de Pulastya que nunca antes tinha sido subjugado por qualquer inimigo. De fato, Rama de braços fortes matou em batalha aquele descendente da linhagem de Pulastya com todos os seus parentes e seguidores, aquele Rakshasa que era incapaz de ser morto pelos deuses e os Asuras juntos, aquele canalha que era um tormento para os deuses e os Brahmanas. Por seu tratamento afetuoso de seus súditos, os celestiais adoravam Rama. Enchendo a terra inteira com suas realizações, ele era muito elogiado até pelos Rishis celestes. Compassivo para todas as criaturas, aquele rei, tendo adquirido diversos reinos e protegido seus súditos virtuosamente, realizou um grande sacrifício sem obstrução. E o senhor Rama também realizou cem sacrifícios de cavalo e o grandioso sacrifício chamado Jaruthya. E com libações de manteiga clarificada ele contribuiu para a alegria de Indra. E por essas ações dele, Rama conquistou fome e sede, e todas as doenças às quais as criaturas estão sujeitas. Possuidor de todas as habilidades, ele sempre brilhava com sua própria energia. De fato, Rama, o filho de Dasaratha, eclipsou muito todas as criaturas. Quando Rama governava seu reino, os Rishis, os deuses, e homens viviam todos juntos sobre a terra. As vidas das criaturas vivas nunca eram diferentes. Os ares vitais também, chamados Prana, Apana, Samana, e os outros, quando Rama governava seu reino, todos cumpriam suas funções. Todos os corpos luminosos brilhavam mais, e calamidades nunca ocorriam. Todos os seus súditos tinham vida longa. Ninguém morria na juventude. Os habitantes do céu muito satisfeitos, costumavam obter, segundo (as

ordenanças dos) quatro Vedas, libações de manteiga e outras oferendas de alimento feitas por homens. Seus reinos eram livres de moscas e mosquitos; e de bestas predadoras e répteis venenosos, não havia nenhum. E ninguém era de tendências injustas, ninguém era cobiçoso, e ninguém era ignorante. Os súditos, de todas as (quatro) classes, eram dedicados a ações justas e desejáveis. Quando os Rakshasas uma vez impediram as oferendas aos Pitris e o culto dos deuses em Janasthana, o Senhor Rama, matando eles, fez aquelas oferendas e aquela adoração serem mais uma vez dadas aos Pitris e aos deuses. Cada homem era abençoado com mil filhos, e o período de suas vidas era de mil anos. Os mais velhos nunca tinham que realizar Sraddhas de seus mais novos, (porque os mais novos não morriam antes de seus mais velhos.) Vigoroso em forma, de uma cor azul escura, de olhos vermelhos, possuidor do andar de um elefante enfurecido, com braços que alcançavam os joelhos, e belos e massivos, de ombros leoninos, de grande força, e amado por todas as criaturas, Rama governou seu reino por onze mil anos. Seus súditos sempre proferiam seu nome. Quando Rama governava seu reino, o mundo se tornou muito belo. Levando finalmente seus quatro tipos de súditos com ele Rama foi para céu, tendo estabelecido sua própria linha consistindo em oito casas sobre a terra. (Os quatro tipos de criaturas que possuíam o domínio de Rama eram aquelas que eram ovíparas, as vivíparas, aquelas nascidas da sujeira, e os vegetais.) Quando até ele morreu, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e superior ao teu filho, tu não deves lamentar, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

60

"Narada disse, 'Até o rei Bhagiratha, ó Srinjaya, nós sabemos, morreu. Ele fez as margens de Ganga, que recebeu seu nome, Bhagirath, serem cobertas com lances de degraus feitos de ouro. (Esses eram escadarias para facilitar o acesso ao rio sagrado.) Superando todos os reis e todos os príncipes, ele deu para os Brahmanas mil vezes mil donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro. Todas aquelas donzelas estavam sobre carros. E a cada carro estavam unidos quatro corcéis, e atrás de cada carro estavam cem vacas. E atrás de cada vaca havia (muitas) cabras e ovelhas. O rei Bhagiratha dava enormes presentes em seus sacrifícios. Por essa razão uma grande multidão de homens se reunia lá. Afligida com isso Ganga estava muito atormentada. 'Me proteja', ela disse e sentou-se em seu colo. E porque Ganga sentou assim sobre seu colo nos tempos passados, portanto, ela, como a dançarina celeste Urvasi veio a ser considerada como sua filha e recebeu o nome dele. E tendo se tornado a filha do rei, ela se tornou seu filho (por vir a ser, como um filho, os meios de salvação para seus ancestrais falecidos). (A história da salvação dos ancestrais de Bhagiratha é a seguinte: o rei Sagara (de onde Sagara ou o Oceano) teve sessenta mil filhos. Eles foram todos reduzidos a cinzas pela maldição do sábio Kapila, uma encarnação do próprio Vishnu. Bhagiratha, um descendente remoto, fez o sagrado Ganga fluir sobre o local onde as cinzas de seus ancestrais se encontravam, e dessa maneira obteve

a salvação deles.) Gandharvas de palavras gentis e de esplendor celestial, satisfeitos, cantavam tudo isso na audição dos Rishis, dos deuses, e dos seres humanos. Assim, ó Srinjaya, aquela deusa, Ganga que vai para o oceano, escolheu o senhor Bhagiratha, descendente de Ikshvaku, o realizador de sacrifícios com presentes abundantes (para os Brahmanas), como seu pai. Seus sacrifícios eram sempre honrados com (a presença dos) próprios deuses com Indra em sua chefia. E os deuses costumavam pegar suas respectivas partes, por removerem todos os obstáculos, para facilitar aqueles sacrifícios de todas as maneiras. Possuidor de grande mérito ascético, Bhagiratha dava para os Brahmanas quaisquer benefícios que eles desejassem sem obrigá-los a se moverem do lugar onde quer que eles pudessem nutrir aqueles desejos. Não havia nada que ele pudesse negar aos Brahmanas. Todos recebiam dele tudo o que eles cobiçavam. Finalmente, o rei ascendeu para a região de Brahman, pela graça dos Brahmanas. Por aquele objetivo para o qual os Rishis que subsistiam dos raios do sol costumavam servir o sol e a divindade presidente do sol, por aquele mesmo objetivo eles costumavam servir o senhor Bhagiratha, aquele ornamento dos três mundos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti com relação às quatro virtudes principais, e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves sofrer, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' pois o último não realizou nenhum sacrifício e não fez presentes sacrificais.'"

61

"Narada disse, 'Dilipa, o filho de Havila, também, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Brahmanas, dotados do conhecimento da Verdade, dedicados à realização de sacrifícios, abençoados com filhos e netos e numerando miríades sobre miríades, estavam presentes em suas centenas de sacrifícios. O rei Dilipa, tendo realizado vários sacrifícios, doou essa terra, cheia de tesouros, para os Brahmanas. Nos sacrifícios de Dilipa, as estradas eram todas feitas de ouro. Os próprios deuses com Indra em sua chefia costumavam ir até ele considerando-o como o próprio Dharma. Os aros superiores e inferiores de sua estaca sacrifical eram feitos de ouro. Comendo seus Raga-khandavas, muitas pessoas, em seus sacrifícios, eram vistas se deitarem nas estradas. Enquanto lutava sobre as águas, as duas rodas do carro de Dilipa nunca afundavam naquele líquido. Isso parecia muito extraordinário, e nunca ocorria com outros reis. Até aqueles que viam o rei Dilipa, aquele arqueiro firme, sempre sincero e doando presentes abundantes em seus sacrifícios, conseguiam ascender para o céu. Na residência de Dilipa, chamada também Khattanga, estes cinco sons eram sempre ouvidos, isto é, o som de recitações Védicas, a vibração de arcos, e 'Beba!', 'Desfrute!', e 'Coma!' Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves chorar dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

62

"Narada disse, 'Mandhatri o filho de Yuvanaswa, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei subjugou os deuses, os Asuras e homens. Aqueles celestiais, isto é, os gêmeos Aswins, o fizeram sair do útero de seu pai por meio de uma operação cirúrgica. Uma vez, o rei Yuvanaswa enquanto caçava veados na floresta, ficou com muita sede e seus cavalos também ficaram muito fatigados. Vendo uma coroa de fumaça, o rei (guiado por ela) foi a um sacrifício e bebeu a manteiga sacrifical sagrada que estava espalhada lá. (O rei, nisso, concebeu). Vendo que Yuvanaswa estava grávido, aqueles melhores dos médicos, os gêmeos Aswins entre os celestiais, extraíram a criança do útero do rei. Vendo aquela criança de esplendor celestial deitada no colo de seu pai, os deuses disseram uns aos outros, 'O que sustentará essa criança?' Então Vasava disse, 'Deixem a criança chupar meus dedos.' Nisso dos dedos de Indra saiu leite doce como néctar. E já que Indra por compaixão disse, 'Ele tirará seu sustento de mim' e mostrou a ele aquela bondade, portanto, os deuses chamaram aquela criança de Mandhatri (literalmente: tendo a mim como seu sustentador.) Então jatos de leite e manteiga clarificada caíram à boca do filho de Yuvanaswa da mão de Indra de grande alma. O menino continuou a sugar a mão de Indra e por aquele meio crescer. Em doze dias ele veio a ter doze cúbitos de altura e ser dotado de grande destreza. E ele conquistou toda essa terra no decorrer de um único dia. De alma virtuosa, possuidor de grande inteligência, heróico, devotado à verdade e um mestre de suas paixões, Mandhatri venceu, por meio de seu arco, Janamejaya e Sudhanwan e Jaya e Suna e Vrihadratha e Nriga. E as terras localizadas entre a colina onde o sol nasce e a colina onde ele se põe são conhecidas até hoje como o domínio de Mandhatri. Tendo realizado cem sacrifícios de cavalo e cem sacrifícios Rajasuya também, ele doou, ó monarca, para os Brahmanas, alguns peixes Rohita feitos de ouro, que tinham dez Yojanas de comprimento e um Yojana de largura. Montanhas de alimento e comestíveis saborosos de diversos tipos, depois dos Brahmanas terem sido regalados, eram comidos por outros, (que chegavam em seus sacrifícios) e contribuíam para sua satisfação. Vastas quantidades de alimentos e mantimentos e bebida, e montanhas de arroz, pareciam belas enquanto elas duravam. Muitos rios, tendo lagos de manteiga clarificada, com diversas espécies de sopa como seu lodo, coalhos como sua espuma e mel líquido como sua água, parecendo belos, e levando mel e leite, cercavam montanhas de iguarias sólidas. Deuses e Asuras e Homens e Yakshas e Gandharvas e Cobras e Aves, e muitos Brahmanas, educados nos Vedas e seus ramos, e muitos Rishis iam em seus sacrifícios. Entre aqueles presentes lá, ninguém era iletrado. O rei Mandhatri, tendo concedido a terra limitada pelos mares e cheia de riqueza para os Brahmanas, finalmente desapareceu como o sol. Enchendo todos os pontos do horizonte com sua fama, ele se dirigiu para as regiões dos justos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que te sobrepujava nas quatro virtudes principais e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves te afligir, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya' pelo último que não realizou sacrifícios e não fez nenhum presente sacrifical.'"

63

"Narada disse, 'Yayati, o filho de Nahusha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Tendo realizado cem Rajasuyas, cem sacrifícios de cavalo, mil Pundarikas, cem Vajapeyas, mil Atiratras, inúmeros Chaturmasyas, diversos Agnishtomas, e muitos outros tipos de sacrifícios, em todos os quais ele fez presentes abundantes para os Brahmanas, ele doou para os Brahmanas, tendo-a contado primeiro, toda a riqueza que existia sobre a terra na posse de Mlecchas e outras pessoas que odiavam Brahmanas. Quando os deuses e os Asuras estavam organizados para batalha, o rei Yayati ajudou os deuses. Tendo dividido a terra em quatro partes, ele a doou para quatro pessoas. Tendo realizado vários sacrifícios e gerado virtuosamente filhos excelentes em (suas esposas) Devayani, a filha de Usanas e Sarmishtha, o rei Yayati, que era semelhante a um celestial, vagou pelos bosques celestes à vontade, como um segundo Vasava. Conhecedor de todos os Vedas, quando, no entanto, ele descobriu que ele não estava saciado com a indulgência de suas paixões, ele então, com suas esposas, se retirou para a floresta, dizendo isso: 'O que quer que haja de arroz e trigo e ouro e animais e mulheres sobre a terra, nem todos esses são suficientes para um homem. Pensando nisso, uma pessoa deve cultivar contentamento.' Assim abandonando todos os seus desejos, e obtendo contentamento, o senhor Yayati, instalando (seu filho) em seu trono, retirou-se para a floresta. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que foi superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', te afligir pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez presentes sacrificais.'"

64

"Narada disse, 'O filho de Nabhaga, Amvarisha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Sozinho ele lutou mil vezes com mil reis. Desejosos de vitória, aqueles inimigos, habilidosos com armas, avançaram contra ele em batalha de todos os lados, proferindo exclamações ferozes. Ajudado por sua força e diligência e pela habilidade que ele tinha adquirido pela prática, ele cortava, pela força de suas armas, os guarda-sóis, as armas, os estandartes, os carros, e as lanças daqueles inimigos, e dissipava suas ansiedades. Desejosos de salvar suas vidas, aqueles homens, tirando suas cotas de malha, imploravam a ele (por piedade). Eles procuravam sua proteção, dizendo, 'Nós nos rendemos a ti.' Reduzindo eles à submissão e conquistando a terra inteira, ele realizou cem sacrifícios da melhor espécie, segundo os ritos ordenados nas escrituras, ó impecável! Alimento possuidor de todas as qualidades agradáveis era comido (naqueles sacrifícios) por grandes classes de pessoas. Naqueles sacrifícios, os Brahmanas eram respeitosamente adorados e muito gratificados. E as classes regeneradas comiam guloseimas, e Purikas e Puras, e Apupas e Sashkalis de bom gosto e tamanho grande, e Karambhas e Prithumridwikas (confeitos indianos, preparados com trigo ou cevada, leite, e açúcar e mel), e diversas espécies de iguarias finas, e vários tipos de sopa, e Maireyaka, e Ragakhandavas, e diversas

espécies de confeitos, bem preparados, macios, e de aroma excelente, e manteiga clarificada, e mel, e leite, e água, e coalhos doces, e muitas espécies de frutas e raízes agradáveis ao paladar. E aqueles que eram acostumados com vinho bebiam na devida hora diversos tipos de bebidas embriagantes pelo prazer que elas produziam, e cantavam e tocavam seus instrumentos musicais. E outros, aos milhares, embriagados com o que eles bebiam, dançavam e cantavam alegremente hinos para o louvor de Amvarisha; enquanto outros, incapazes de se manterem em pé, caíam no chão. Naqueles sacrifícios, o rei Amvarisha deu, como presentes sacrificais, os reinos de centenas e milhares de reis para os dez milhões de sacerdotes (empregados por ele). Tendo realizado diversos sacrifícios o rei deu para os Brahmanas, como presentes sacrificais, multidões de príncipes e reis cujas madeixas coronais tinham passado pelo banho sagrado, todos envolvidos em cotas de malha douradas, todos tendo guarda-sóis brancos desdobrados sobre suas cabeças, todos sentados em carros dourados, todos vestidos em mantos excelentes e tendo grandes comitivas de seguidores, e todos portando seus cetros, e em posse de suas tesourarias. Os grandes Rishis, vendo o que ele fez, estavam muito satisfeitos, e disseram, 'Ninguém entre os homens nos tempos passados fez, e ninguém no futuro será capaz de fazer o que o rei Amvarisha de abundante generosidade está fazendo agora.' Quando, ó Srinjaya, morreu ele que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era muito mais superior ao teu filho, tu não deves, portanto, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

65

"Narada disse, 'O rei Sasavindu, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. De grande beleza e de bravura incapaz de ser frustrada, ele realizou diversos sacrifícios. Aquele monarca de grande alma tinha cem mil esposas. De cada uma daquelas esposas nasceram mil filhos. Todos aqueles príncipes eram dotados de grande destreza. Eles realizaram milhões de sacrifícios. Educados nos Vedas, aqueles reis realizaram muitos principais dos sacrifícios. Todos eles eram equipados (em ocasiões de batalha) em cotas de malha douradas. E todos eles eram arqueiros excelentes. Todos aqueles príncipes nascidos de Sasavindu realizaram sacrifícios de cavalo. Seu pai, ó melhor dos monarcas, nos sacrifícios de cavalo que ele tinha realizado, doou, (como presentes sacrificais), todos aqueles filhos para os Brahmanas. Atrás de cada um daqueles príncipes havia centenas e centenas de carros e elefantes e moças formosas enfeitadas com ornamentos de ouro. Com cada moça havia cem elefantes; com cada elefante, cem carros; com cada carro cem cavalos, adornados com guirlandas de ouro. Com cada um daqueles cavalos havia mil vacas; e com cada vaca havia cinquenta cabras. O muito abençoado Sasavindu doou para os Brahmanas, no seu grande sacrifício de cavalo tal riqueza ilimitada. O rei fez tantas estacas sacrificais de ouro serem feitas para aquele seu grandioso sacrifício de cavalo quanto é o número duplo de estacas sacrificais de madeira em outros sacrifícios do tipo. Havia montanhas de comida e bebida da altura de mais ou menos duas milhas cada.

Após a conclusão de seu sacrifício de cavalo, treze dessas montanhas de comida e bebida permaneceram (intactas). Seu reino estava cheio de pessoas que eram contentes e bem alimentadas. E ele estava livre de todas as invasões do mal e as pessoas eram completamente felizes. Tendo governado por muitos longos anos, Sasavindu, finalmente, ascendeu para o céu. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti era, portanto, muito mais superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh Swaitya', te afligir pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

66

"Narada disse, 'Gaya, o filho de Amartarayas, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei, por cem anos, comeu só o que restava das libações de manteiga clarificada despejada no fogo sacrifical. Agni (satisfeito com sua prova de grande devoção) se ofereceu para lhe dar um benefício. Gaya solicitou o benefício (desejado), dizendo, 'Eu desejo ter o conhecimento completo dos Vedas através de penitências ascéticas, pela prática de Brahmacharya, e de votos e regras, e pela graça de meus superiores. (Esses eram os métodos pelos quais ele procurava conhecimento dos Vedas.) Eu desejo também riqueza inesgotável, pela prática dos deveres da minha própria classe e sem prejudicar outros. Eu desejo também que eu possa sempre ser capaz de fazer presentes para os Brahmanas, com devoção. Que eu também procrie filhos em esposas pertencentes à minha própria classe e não em outras. Que eu possa doar alimento com devoção. Que meu coração sempre se deleite na justiça. Ó tu purificador supremo (Agni), que nenhum impedimento me surpreenda enquanto eu estiver empenhado em ações para a obtenção de mérito religioso.' Dizendo 'Assim seja' Agni desapareceu. E Gaya também, obtendo tudo o que ele tinha pedido, subjugou seus inimigos em luta justa. O rei Gaya então realizou, por cem anos completos, diversos tipos de sacrifícios com presentes abundantes para os Brahmanas e os votos chamados Chaturmasyas e outros. Todos os anos, por um século, o rei deu (para os Brahmanas) cento e sessenta mil vacas, dez mil corcéis, e um crore (de nishkas) de ouro após se erguer (na conclusão de seus sacrifícios). Sob toda constelação também ele deu os presentes ordenados para cada uma dessas ocasiões. De fato, o rei realizou vários sacrifícios como outro Soma ou outro Angiras. Em seu grandioso sacrifício de cavalo, o rei Gaya, fazendo uma terra dourada, a doou para os Brahmanas. Naquele sacrifício, as estacas do rei Gaya eram muito caras, sendo de ouro, decoradas com pedras preciosas encantadoras para todas as criaturas. Capaz de matar todo desejo, Gaya deu aquelas estacas para Brahmanas bem satisfeitos e outras pessoas. As diversas classes de criaturas residindo no oceano, nas florestas, nas ilhas, nos rios femininos e masculinos, nas águas, nas cidades, nas províncias, e até no céu, foram todas gratificadas com riqueza e alimento distribuídos nos sacrifícios de Gaya. E elas todas diziam, 'Nenhum outro sacrifício pode se aproximar deste de Gaya.' O altar sacrifical de Gaya tinha trinta Yojanas de comprimento, vinte e seis Yojanas de largura, e vinte Yojanas de altura. E ele era feito totalmente de ouro, e

coberto com pérolas e diamantes e pedras preciosas. E ele doou aquele altar para os Brahmanas, como também vestes e ornamentos. E o munificente monarca também deu para os Brahmanas outros presentes do tipo prescrito (nas escrituras). Após a conclusão daquele sacrifício vinte e cinco colinas de alimento permaneceram intactas, e muitos lagos e vários regatos que fluíam maravilhosamente de bebidas suculentas, e muitas pilhas, além disso, de mantos e ornamentos. E pelo mérito daquele sacrifício formidável, Gaya veio a ser bem conhecido nos três mundos. E devido àquele sacrifício existem a eterna Banian e o sagrado Brahmasara. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

67

"Narada disse, 'Rantideva, o filho de Srinjaya, nós sabemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei de grande alma tinha duzentos mil cozinheiros para distribuir comida excelente, crua e cozida, semelhante a Amrita, para os Brahmanas, de dia e de noite, que pudessem chegar em sua casa como convidados. O rei dava para os Brahmanas sua riqueza adquirida por meios justos. Tendo estudado os Vedas, ele subjugava seus inimigos em luta justa. De votos rígidos e sempre dedicado à devida realização de sacrifícios, inúmeros animais, desejosos de irem para o céu, costumavam ir até ele por iniciativa própria. (Acreditava-se que animais mortos em sacrifícios iam para o céu.) Tão grande foi o número de animais sacrificados no Agnihotra daquele rei que secreções fluindo de sua cozinha das pilhas de peles depositadas lá causou um verdadeiro rio o qual por causa desta circunstância veio a ser chamado de Charmanwati. (Identificado com o moderno Chumbal.) Ele incessantemente dava nishkas de ouro brilhante para os Brahmanas, 'Eu te dou nishkas.' 'Eu te dou nishkas', eram as palavras constantemente proferidas por ele. 'Eu te dou.' 'Eu te dou', dizendo essas palavras ele doou milhares de nishkas. E mais uma vez, com palavras agradáveis para os Brahmanas, ele doava nishkas. Tendo dado, no decorrer de um único dia, um crore de tais moedas, ele pensou que ele tinha doado muito pouco. E, portanto, ele daria mais. Quem mais há que seria capaz de dar o que ele deu? O rei entregava riqueza, pensando, 'Se eu não der riqueza nas mãos dos Brahmanas, aflição grande e eterna, sem dúvida, será minha.' Por cem anos, toda quinzena, ele dava para milhares de Brahmanas um touro dourado para cada um, seguido por uma centena de vacas e oitocentas moedas de nishkas. Todos os artigos que eram necessários para seu Agnihotra, e todos os que eram necessários para seus outros sacrifícios, ele dava de graça para os Rishis, incluindo Karukas (um tipo de vasilha usada pelos Brahmanas e outros para mendigar) e vasos de água e pratos e camas e tapetes e veículos, e mansões e casas, e diversas espécies de árvores, e vários tipos de iguarias. Quaisquer utensílios e artigos que Rantideva possuísse eram de ouro. Aqueles que conhecem a história dos tempos antigos vendo a abundância sobre-humana de Rantideva, cantam esta canção, 'Nós não vimos tais tesouros acumulados nem

na residência de Kuvera; o que precisa ser dito, portanto, de seres humanos?' E as pessoas diziam admiradas, 'Sem dúvida, o reino de Rantideva é feito de ouro.' Em tais noites, quando convidados estavam reunidos na residência de Rantideva, vinte e uma mil vacas eram sacrificadas (para alimentá-los). E contudo o cozinheiro real adornado com brincos enfeitados com pedras preciosas tinha que gritar, dizendo, 'Comam tanta sopa quanto vocês quiserem, pois, de carne, não há tanto hoje quanto nos outros dias.' Qualquer ouro que sobrava pertencente a Rantideva, ele dava até aquele resto para os Brahmanas durante o progresso de um de seus sacrifícios. Na sua própria vista os deuses costumavam pegar as libações de manteiga clarificada despejadas no fogo para eles, e os Pitris o alimento que era oferecido a eles em Sraddhas. E todos os Brahmanas superiores costumavam obter dele (os meios de satisfazer) todos os seus desejos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

68

"Narada disse, 'O filho de Dushmanta, Bharata, ó Srinjaya, nós sabemos, tornou-se vítima da morte. Quando somente uma criança (vivendo) na floresta, ele realizava feitos incapazes de serem realizados por outros. Dotado de grande força, ele rapidamente privava os próprios leões, brancos como neve e armados com dentes e garras, de toda sua bravura, e os arrastava e amarrava (à sua vontade). Ele costumava controlar tigres também, que eram mais ferozes e mais implacáveis (do que leões), e os levava à submissão. Agarrando outros animais predadores possuidores de grande poder, e até elefantes enormes, tingidos com arsênico vermelho e pintados com outros minerais líquidos por seus dentes e presas, ele costumava levá-los à submissão, fazendo suas bocas ficarem secas, ou obrigando-os a fugir. Possuidor de grande poder, ele costumava também arrastar os mais poderosos dos búfalos. E por causa de sua força, ele controlava leões orgulhosos às centenas, e Srimaras poderosos e rinocerontes e outros animais de chifres. Amarrando-os por seus pescoços e os esmagando a uma polegada de suas vidas (quase até matá-los), ele costumava deixá-los ir. Por causa dessas suas façanhas os ascetas regenerados (com quem ele vivia) vieram a chamá-lo de Sarvadamana (o controlador de todos). Sua mãe, finalmente, o proibiu de torturar os animais daquela maneira. Dotado de grande destreza ele realizou cem sacrifícios de cavalo nas margens do Yamuna, trezentos desses sacrifícios nas margens do Saraswati, e quatrocentos nas margens do Ganga. Tendo realizado esses sacrifícios, ele mais uma vez realizou mil sacrifícios de cavalo e cem Rajasuyas, sacrifícios formidáveis, nos quais seus presentes também para os Brahmanas eram muito abundantes. Outros sacrifícios, além disso, tais como o Agnishtoma, o Atiratra, o Uktha e o Viswajit, ele realizou junto com milhares e milhares de Vajapeyas, e completou sem qualquer obstáculo. O filho de Sakuntala, tendo realizado todos esses, gratificava os Brahmanas com

presentes de riqueza. Possuidor de grande fama, Bharata então deu dez mil bilhões de moedas, feitas do mais puro ouro, para Kanwa (que tinha criado sua mãe Sakuntala como sua própria filha). Os deuses com Indra em sua chefia, acompanhados pelos Brahmanas, indo para seu sacrifício, levantaram sua estaca sacrifical feita totalmente de ouro, e medindo em largura cem Vyamas. (Um Vyama é o espaço entre os dois braços estendidos o mais afastado possível.) E o imperial Bharata, de alma nobre, aquele vitorioso sobre todos os inimigos, aquele monarca nunca vencido por qualquer inimigo, doou para os Brahmanas belos cavalos e elefantes e carros, enfeitados com ouro, e belas pedras preciosas de todos os tipos, e camelos e cabras e ovelhas, e escravos homens e mulheres, e riqueza, e grãos e vacas leiteiras com bezerros, e aldeias e campos, e diversos tipos de mantos, numerando por milhões e milhões. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

69

"Narada disse, 'O filho de Vena, o rei Prithu, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. No sacrifício Rajasuya que ele realizou, os grandes Rishis o instalaram como Imperador (do mundo). Ele subjugou todos, e suas realizações se tornaram conhecidas (no mundo inteiro). Por isso ele veio a ser chamado Prithu (o Célebre). E porque ele protegia todas as pessoas de ferimentos e injúrias, por isso ele se tornou um verdadeiro Kshatriya. (Literalmente, um Kshatriya é alguém que livra outro de ferimentos e injúrias.) Contemplando o filho de Vena, Prithu, todos os seus súditos diziam, 'Nós estamos muito satisfeitos com ele.' Por causa dessa afeição que ele desfrutava de seus súditos ele veio a ser chamado de Raja. (Um raja é alguém que desfruta da afeição de seu povo, e com quem eles estão satisfeitos.) Durante a época de Prithu, a terra, sem ser cultivada, produzia colheitas em quantidade. Todas as vacas, além disso, produziam leite sempre que eram tocadas. Todos os lotos eram cheios de mel. As folhas Kusa eram todas de ouro, agradáveis ao toque, e encantadoras de outras maneiras. E os súditos de Prithu faziam roupas dessas folhas e as camas também nas quais eles deitavam. Todas as frutas eram macias e doces e como Amrita (em gosto). E essas constituíam o alimento de seus súditos, ninguém entre eles alguma vez teve que passar fome. E todos os homens no tempo de Prithu eram saudáveis e robustos. E todos os seus desejos eram coroados com realização. Eles não tinham nada a temer. Em árvores, ou em cavernas, eles moravam como eles queriam. Os domínios dele não eram distribuídos em províncias e cidades. As pessoas viviam felizmente e em alegria como cada uma desejava. Quando rei Prithu foi para o mar, as ondas se tornaram sólidas. As próprias montanhas costumavam produzir aberturas para que ele pudesse passar através delas. O estandarte de seu carro nunca quebrou (obstruído por alguma coisa). Uma vez, as árvores altas da floresta, as montanhas, os deuses, os Asuras, homens, as cobras, os sete Rishis, as Apsaras, e os Pitris, todos foram até Prithu, sentado comodamente, e dirigindo-

se a ele, disseram, 'Tu és nosso Imperador. Tu és nosso rei. Tu és nosso protetor e Pai. Tu és nosso Senhor. Portanto, ó grande rei, dê bênçãos de acordo com nossas próprias inclinações, pelos quais nós possamos, para sempre, obter satisfação e alegria.' Para eles Prithu, o filho de Vena, disse, 'Assim seja.' Então pegando seu arco Ajagava (o arco de Siva, também chamado Pinaka) e algumas flechas terríveis semelhantes às quais não existiam, ele refletiu por um momento. Ele então se dirigiu à Terra, dizendo, 'Vindo rapidamente, ó Terra, produza para estes o leite que eles desejam. Disso, abençoada sejas, eu darei a eles o alimento que eles pedem.' Assim endereçada por ele, a Terra disse, 'Cabe a ti, ó herói, me considerar como tua filha.' Prithu respondeu, 'Assim seja!' E então aquele grande asceta, suas paixões sob controle, fez todos os arranjos (para ordenhar a Terra. Então todo o conjunto de criaturas começou a ordenhar a Terra). E antes de mais nada, as altas árvores da floresta se elevaram para ordenhá-la. A Terra então, cheia de afeição, permaneceu lá desejando um bezerro, um ordenhador, e recipientes (nos quais reter o leite). Então a florescente Sala tornou-se o bezerro, a Banian tornou-se o ordenhador, botões de flor cortados se tornaram o leite, e a figueira auspiciosa tornou-se o recipiente. (Em seguida, as montanhas a ordenharam). A colina do Leste, na qual o Sol nasce, virou o bezerro; o príncipe das montanhas, Meru, virou o ordenhador; as diversas pedras preciosas e ervas decíduas se tornaram o leite; e as pedras se tornaram os recipientes (para reter aquele leite). Em seguida, um dos deuses virou o ordenhador, e todas as coisas capazes de conceder energia e força se tornaram o leite cobiçado. Os Asuras então ordenharam a Terra, tendo vinho como seu leite, e usando um cântaro não cozido como seu recipiente. Naquela ação, Dwimurddhan virou o ordenhador, e Virochana, o bezerro. Os seres humanos ordenharam a Terra para cultivo e colheitas. O Manu auto-criado virou seu bezerro, e o próprio Prithu o ordenhador. Em seguida, as Cobras ordenharam a Terra, obtendo veneno como o leite, e usando um recipiente feito de uma cabaça, Dhritarashtra virou o ordenhador, e Takshaka o bezerro. Os sete Rishis, capazes de produzir tudo por sua vontade, então ordenharam a Terra, recebendo os Vedas como seu leite. Vrihaspati virou o ordenhador, os Chhandas eram o recipiente, e o excelente Soma, o bezerro. Os Yakshas, ordenhando a Terra, obtiveram o poder de desaparecer à vontade como o leite em uma panela não cozida. Vaisravana (Kuvera) tornou-se seu ordenhador, e Vrishadhvaja seu bezerro. Os Gandharvas e as Apsaras ordenharam todos os perfumes fragrantes em um recipiente feito de uma folha de lótus. Chitraratha virou seu bezerro, e o pujante Viswaruchi seu ordenhador. Os Pitris ordenharam a Terra, obtendo Swaha como seu leite em um recipiente de prata. Yama, o filho de Vivaswat, tornou-se seu bezerro, e (o Destruidor Antaka) seu ordenhador. Assim mesmo a Terra foi ordenhada por aquele conjunto de criaturas que todas obtiveram como leite o que cada uma desejava. Os próprios bezerros e recipientes empregados por eles estão existindo até hoje e podem sempre ser vistos. O poderoso Prithu, o filho de Vena, realizando vários sacrifícios, gratificou todas as criaturas em relação a todos os seus desejos por presentes de artigos agradáveis para seus corações. E ele fez imagens douradas serem feitas de todos os artigos sobre a terra, e deu eles todos para os Brahmanas como seu grande Sacrifício de Cavalo. O rei fez sessenta e seis mil elefantes serem feitos de ouro, e todos eles ele deu para os Brahmanas. E toda essa terra também o rei fez ser enfeitada com

jóias e pedras preciosas e ouro, e a doou para os Brahmanas. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era, portanto, muito superior ao teu filho tu não deves, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' te afligir pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

70

"Narada disse, 'Até o grande asceta Rama, o herói adorado por todos os heróis, aquele filho de Jamadagni, de grande fama, morrerá, sem estar satisfeito (com o período de sua vida). Erradicando todos os males da terra, ele fez o Yuga primevo começar. Tendo obtido prosperidade incomparável, nenhuma falha podia ser vista nele. Seu pai tendo sido morto e seu bezerro roubado pelos Kshatriyas, ele sem qualquer jactância matou Kartavirya que nunca tinha sido vencido antes por inimigos. Com seu arco ele matou sessenta e quatro vezes dez mil Kshatriyas já dentro das mandíbulas da morte. Naquela matança estavam incluídos catorze mil Kshatriyas que odiavam Brahmanas do país Dantakura, todos os quais ele matou. Dos Haihayas, ele matou mil com sua clava curta, mil com sua espada, e mil por enforcamento. Guerreiros heróicos, com seus carros, corcéis, e elefantes, jazeram mortos sobre o campo, mortos pelo filho sábio de Jamadagni, enfurecido pela morte de seu pai. E Rama, naquela ocasião, matou dez mil Kshatriyas com seu machado. Ele não pode tolerar quietamente as palavras furiosas proferidas por aqueles (inimigos dele). E quando muitos principais dos Brahmans proferiram exclamações, mencionando o nome de Rama da linhagem de Bhrigu, então o valente filho de Jamadagni, procedendo contra os Kashmiras, os Daradas, os Kuntis, os Kshudrakas, os Malavas, os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Videhas, os Tamraliptakas, os Rakshovahas, os Vitahotras, os Trigartas, os Martikavatas, contando por milhares, matou eles todos por meio de suas flechas afiadas. Procedendo de província a província, ele matou dessa maneira milhares de crores de Kshatriyas. Criando um dilúvio de sangue e enchendo muitos lagos também com sangue tão vermelho quanto Indrajopakas ou a fruta selvagem chamada Vandujiva, e trazendo todas as dezoito ilhas (da qual a terra é composta) sob sua submissão, aquele filho da linhagem de Bhrigu realizou cem sacrifícios de grande mérito, todos os quais ele completou e em todos os quais os presentes que ele fez para os Brahmanas foram abundantes. O altar sacrifical, elevado dezoito nalas feito totalmente de ouro, e construído segundo a ordenança, cheio de diversos tipos de jóias e pedras preciosas, e decorado com centenas de estandartes, e essa terra cheia de animais domésticos e selvagens, foram aceitos por Kasyapa como presente sacrifical feito a ele por Rama, o filho de Jamadagni. E Rama também deu a ele muitos milhares de elefantes prodigiosos, todos adornados com ouro. De fato, livrando a terra de todos os ladrões, e fazendo ela abundar com habitantes honestos e elegantes, Rama a deu para Kasyapa em seu grande Sacrifício de Cavalo. Tendo privado a terra de Kshatriyas por vinte e uma vezes, e realizado centenas de sacrifícios, o herói pujante deu a terra aos Brahmanas. E foi Marichi (Kasyapa) quem aceitou dele a terra com suas sete ilhas. Então Kasyapa disse para Rama, 'Saia da terra, por minha ordem.' Por

ordem de Kasyapa, o principal dos guerreiros, desejoso de obedecer a ordem do Brahmana, fez por meio de suas flechas o próprio oceano ficar de lado, e se dirigindo para aquela melhor das montanhas chamada Mahendra, continuou a viver lá. Mesmo aquele aumentador da fama dos Bhrigus, possuidor de tais virtudes incontáveis, aquele filho famoso de Jamadagni, de grande esplendor, morrerá. Superior ao teu filho, (até ele morrerá). Portanto, não chore por teu filho que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais. Todos esses, superiores a ti com relação às quatro virtudes principais e com relação também a centenas de outros méritos, todos esses principais dos homens, morreram, ó Srinjaya, e aqueles que são como eles também morrerão.'"

71

"Vyasa disse, 'Ouvindo esta história sagrada de dezesseis reis, capaz de aumentar o período de vida (do ouvinte), o rei Srinjaya permaneceu silencioso sem dizer nada. O ilustre Rishi Narada então disse a ele que permanecia silencioso dessa maneira, 'Ó tu de grande esplendor, tu ouviste aquelas histórias narradas por mim, e tu captaste seu significado? Ou, elas todas estão perdidas como Sraddha quando realizado por uma pessoa de classe regenerada tendo uma mulher Sudra?' Assim endereçado, Srinjaya então respondeu com mãos unidas, 'Ó tu que tens riqueza de ascetismo, tendo escutado essas histórias excelentes e louváveis de sábios reais antigos, todos os quais realizaram sacrifícios magníficos com presentes abundantes para os Brahmanas, toda minha aflição foi dissipada pela admiração, como a escuridão que é dissipada pelos raios do sol. Eu agora estou purificado de meus pecados, e eu não sinto qualquer dor agora. Diga-me, o que eu devo fazer agora?'"

"Narada disse, 'Por boa sorte é que tua dor foi dissipada. Peça a bênção que tu desejas. Tu obterás tudo o que tu possas pedir. Nós nunca dizemos o que não é verdade.'"

"Srinjaya disse, 'Eu estou feliz com isso mesmo, isto é, que tu, ó santo, estejas satisfeito comigo. Aquele com quem tu, ó santo, estás satisfeito, não tem nada inalcançável aqui.'"

"Narada disse, 'Eu te darei mais uma vez teu filho que foi morto inutilmente pelos ladrões, como um animal, massacrado em sacrifício, tirando-o do inferno terrível.'"

"Vyasa disse, 'Então o filho de Srinjaya, de esplendor admirável, apareceu, aquele menino parecendo o filho do próprio Kuvera, concedido pelo Rishi satisfeito (ao pai enlutado). E o rei Srinjaya, se encontrando mais uma vez com seu filho, ficou muito contente. E ele realizou muitos sacrifícios meritórios, dando presentes sacrificais abundantes após conclusão. O filho de Srinjaya não tinha cumprido os propósitos de sua existência. Ele não tinha realizado sacrifícios e não tinha filhos. Desprovido de bravura, ele tinha perecido miseravelmente e não em batalha. Foi por essa razão que ele pode ser devolvido à vida. Com relação a Abhimanyu, ele

era corajoso e heróico. Ele cumpriu os propósitos da vida, pois o bravo filho de Subhadra, tendo destruído seus inimigos aos milhares, deixou o mundo, caindo no campo de batalha. Aquelas regiões inacessíveis que são alcançáveis por Brahmacharya, por conhecimento, por familiaridade com as escrituras, por principais dos sacrifícios, essas mesmas foram alcançadas por teu filho. Homens de conhecimento sempre desejam o céu por seus feitos justos. Aqueles que estão vivendo no céu nunca preferem este mundo ao céu. Portanto, não é fácil por causa de qualquer coisa desejável que possa não ter sido obtida por ele trazer de volta para o mundo o filho de Arjuna morto em batalha e agora residindo no céu. Teu filho atingiu aquela meta eterna que é alcançada por yogins com olhos fechados em contemplação ou por realizadores de sacrifícios grandiosos, ou pessoas possuidoras de grande mérito ascético. Depois da morte, obtendo um novo corpo aquele herói está brilhando como um rei em seus próprios raios imortais. De fato, Abhimanyu mais uma vez obteve seu próprio corpo de essência lunar que é desejável para todas as pessoas regeneradas. Ele não merece tua aflição. Sabendo disso, fique tranquilo, e mate os teus inimigos. Que fortaleza seja tua. Ó impecável, são os vivos que tem necessidade da nossa aflição, e não aqueles que alcançaram o céu. Aumentam os pecados daquele por quem os vivos sofrem, ó rei. Portanto, aquele que é sábio, abandonando a dor, deve se esforçar pelo benefício (dos mortos). O homem vivo deve pensar na alegria, na glória, e na felicidade (dos mortos). Sabendo disso, os sábios nunca se entregam à tristeza, pois a tristeza é dolorosa. Saiba que isso é verdade. Te levante! Te esforce (para realizar teu propósito). Não sofra. Tu ouviste a respeito da origem da Morte, e suas penitências sem precedentes, como também sobre a imparcialidade de seu comportamento em direção a todas as criaturas. Tu sabes que a prosperidade é instável. Tu ouviste como o filho morto de Srinjaya foi ressuscitado. Ó rei erudito, não te aflija. A paz esteja contigo, eu vou embora!' Dizendo isso, o santo Vyasa desapareceu. Após a partida daquele mestre de discurso, aquela principal das pessoas inteligentes, isto é, o santo Vyasa, cuja cor era semelhante àquela do céu nublado, Yudhishthira, tendo recebido conforto pelo que ele tinha ouvido sobre o mérito sacrifical e prosperidade daqueles grandes monarcas dos tempos antigos, possuidores de energia igual àquela do próprio grande Indra e todos os quais tinham adquirido riqueza por meios justos, mentalmente aplaudiu aquelas pessoas ilustres e ficou livre da tristeza. Mais uma vez, no entanto, com o coração melancólico ele se perguntou, dizendo, 'O que nós diremos para Dhananjaya?'"

72

"Sanjaya disse, 'Quando aquele dia terrível, tão repleto do massacre de criaturas, passou, e quando o sol se pôs, o belo crepúsculo da noite se espalhou. As tropas, ó touro da raça Bharata, de ambos os partidos, se retiraram para suas tendas. Então Jishnu de estandarte de macaco, tendo matado um grande número de Samsaptakas por meio de suas armas celestes, procedeu em direção à sua tenda, naquele seu carro vitorioso. E quando ele estava procedendo, ele questionou Govinda, com voz sufocada com lágrimas, 'Por que meu coração está

com medo, ó Kesava, e por que minha fala vacila? Maus presságios me enfrentam, e meus membros estão fracos. Pensamentos de desastre possuem minha mente sem deixá-la. Sobre a terra, por todos os lados, vários presságios me causam temor. De muitos tipos são aqueles presságios e indicações, e vistos em todos os lugares, pressagiam uma calamidade terrível. Está tudo bem com meu superior venerável, isto é, o rei com todos os seus amigos?'"

"Vasudeva disse, 'É evidente que está tudo bem com teu irmão e seus amigos. Não te aflijas, algum mal pequeno em outra direção irá acontecer.'"

"Sanjaya continuou, 'Então aqueles dois heróis (Krishna e Arjuna), tendo adorado o Crepúsculo, subiram em seu carro e procederam, falando do dia de batalha tão destrutivo de heróis. Tendo realizado façanhas extremamente difíceis de realização, Vasudeva e Arjuna, finalmente, alcançaram o acampamento (Pandava). Então aquele matador de heróis hostis, Vibhatsu, vendo o campo triste e melancólico e que tudo estava em confusão, dirigiu-se a Krishna com o coração agoniado, e disse, 'Ó Janardana, nenhuma trombeta auspiciosa sopra hoje, seu som misturado com a batida de baterias e o alto clangor de conchas. O doce Vina também não é tocado em lugar nenhum em acompanhamento com batida de palmas (que marcam as cadências). Canções auspiciosas e encantadoras repletas de louvor não são recitadas em lugar nenhum ou cantadas por nossos bardos entre as tropas. Os guerreiros também, todos recuam de cabeça baixa. Eles não me falam ao me verem, como antes, das façanhas realizadas por eles. Ó Madhava, está tudo bem com meus irmãos hoje? Vendo nossos próprios homens mergulhados em dor, eu não conheço paz. Está tudo bem, ó concessor de honras, com o soberano dos Panchalas, ou Virata, ou todos os nossos guerreiros, ó tu de glória imorredoura? Ai, o filho de Subhadra, sempre alegre, hoje, com seus irmãos, não saiu com sorrisos para me receber voltando da batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Assim conversando, aqueles dois, (Krishna e Arjuna), entraram no seu próprio acampamento. E eles viram que os Pandavas, todos tristes, estavam sentados, mergulhados grande aflição. Vendo seus irmãos e filhos, Arjuna de estandarte de macaco ficou muito triste. Não vendo o filho de Subhadra lá, Arjuna disse, 'Pálida é a cor que eu vejo nos rostos de vocês todos. Eu, além disso, não vejo Abhimanyu. Nem ele vem para me felicitar. Eu soube que Drona hoje formou a ordem de batalha circular. Ninguém entre vocês, exceto o garoto Abhimanyu, poderia romper aquela formação de combate. Eu, no entanto, não ensinei a ele como sair daquela formação de combate, depois de tê-la penetrado. Vocês fizeram o garoto entrar naquela ordem de batalha? Aquele matador de heróis, o filho de Subhadra, aquele arqueiro poderoso, tendo rompido aquela ordem de batalha, por meio de inúmeros guerreiros do inimigo em batalha, caiu, finalmente na luta? Oh, me digam, como aquele herói de braços fortes e olhos vermelhos, nascido (em nossa linhagem) como um leão no leito da montanha, e igual ao irmão mais novo de Indra, caiu no campo de batalha? Qual guerreiro, privado de seu juízo pela Morte se arriscou a matar aquele filho querido de Subhadra, aquele favorito de Draupadi e Kesava, aquele menino sempre amado por Kunti? Igual ao herói Vrishni de grande alma, o próprio Kesava, em coragem e erudição e dignidade, como ele foi morto no campo de batalha? O filho favorito

daquela filha da linhagem Vrishni, sempre estimado por mim, ai, se eu não o vir eu irei para a residência de Yama. Com madeixas terminando em cachos macios, jovem, com olhos semelhantes àqueles de uma gazela jovem, com andar parecido com aquele de um elefante enfurecido, alto como um galho Sala, de fala gentil acompanhada com sorrisos, quieto, sempre obediente aos comandos de seus superiores, agindo como alguém maduro embora jovem em idade, de fala agradável, privado de vaidade, de grande coragem e grande energia, de olhos grandes parecidos com pétalas de lótus, bondoso para aqueles dedicados a ele, autocontrolado, não seguindo nada vil, grato, possuidor de conhecimento, habilidoso com armas, que não recua da batalha, sempre se deleitando em combate, e aumentando os temores de inimigos, dedicado ao bem-estar de parentes, desejoso de vitória aos pais, nunca atacando primeiro, perfeitamente destemido em batalha, ai, se eu não vir aquele filho, eu irei para a residência de Yama. Na contagem dos guerreiros em carros sempre contado como um Maharatha, superior a mim uma vez e meia, jovem, de braços fortes, caro para Pradyumna e Kesava e eu mesmo, ai, se eu não vir aquele filho eu irei para a residência de Yama. De nariz belo, de bela testa, de olhos e sobrancelhas e lábios formosos, se eu não contemplar aquele rosto, que paz meu coração pode ter? Melodiosa como a voz do Kokila macho, encantadora, e doce como o som do Vina, sem escutar a voz dele, que paz meu coração pode ter? Sua beleza era sem igual, rara até entre os celestiais. Sem lançar meus olhos naquela forma, que paz meu coração pode ter? Polido em saudar (seus superiores) com reverência, e sempre obediente às ordens de seus pais, ai, se eu não vê-lo, que paz meu coração pode ter? Bravo em batalha, acostumado a todos os luxos, merecedor da cama mais macia, ai, ele dorme hoje sobre a terra nua, como se não houvesse ninguém para cuidar dele, embora ele seja o mais notável daqueles que tem protetores para cuidar deles. Ele a quem, enquanto em sua cama, as principais das mulheres belas costumavam atender, ai, ele mutilado com flechas, terá chacais inauspiciosos, rondando sobre o campo, para servi-lo hoje. Ele que era antigamente despertado de seu sono por cantores e bardos e panegiristas, ai, ele hoje será certamente despertado por bestas predadoras dissonoras. Aquele belo rosto dele eminentemente merecia ser sombreado pelo guarda-sol, ai, a poeira do campo da batalha certamente sujará hoje. Ó filho, infeliz que eu sou, a morte te leva à força para longe de mim, que nunca estava saciado com te olhar. Sem dúvida, aquela residência de Yama, que é sempre a meta de pessoas de atos justos, aquela mansão encantadora, iluminada hoje por teus próprios esplendores, é tornada extremamente bela por ti. Sem dúvida, Yama e Varuna e Satakratu e Kuvera, te obtendo como um convidado predileto, estão fazendo muito de tua pessoa heróica.' Se abandonando dessa maneira em diversas lamentações, como um comerciante cujo barco afundou, Arjuna, atormentado com grande dor, questionou Yudhishthira, dizendo, 'Ó tu da família de Kuru, ele ascendeu para o céu, tendo causado um grande massacre entre o inimigo e lutado com os principais guerreiros na frente de batalha? Sem dúvida, enquanto lutando sozinho com os mais notáveis dos guerreiros, incontáveis em número, e combatendo com vigor e resolução, seu coração se voltou para mim por um desejo de ajuda. Enquanto afligido por Karna e Drona e Kripa e outros com flechas afiadas de diversos tipos e pontas brilhantes, meu filho de pouca força deve ter

repetidamente pensado, 'Meu pai será meu salvador nesse aperto.' Eu penso, que enquanto lamentando dessa maneira, ele foi derrubado no chão por guerreiros cruéis. Ou, talvez porque ele foi gerado por mim, porque ele era o sobrinho de Madhava, porque ele nasceu de Subhadra ele não poderia ter proferido tais lamentos. Sem dúvida, meu coração, duro como é, é feito da essência do trovão, já que ele não se quebra, mesmo que eu não veja aquele herói de braços fortes e de olhos vermelhos. Como puderam aqueles arqueiros poderosos de corações cruéis disparar suas flechas que perfuram profundamente sobre aquele garoto jovem, que, além disso, era meu filho e o sobrinho de Vasudeva? Aquele jovem de coração nobre que, se adiantando todos os dias, costumava me felicitar, ai, por que ele não se apresenta hoje a mim quando eu volto tendo matado o inimigo? Sem dúvida, derrubado, ele jaz hoje na terra nua banhado em sangue. Embelezando a terra com seu corpo, ele jaz como o sol caído (do firmamento). Eu sofro por Subhadra, que, sabendo da morte em batalha de seu filho que não recuava, irá, afligida com tristeza, rejeitar sua vida. O que Subhadra, perdendo Abhimanyu, dirá para mim? O que também Draupadi dirá para mim? Afligidas com tristeza como elas estarão, o que também eu direi a elas? Sem dúvida, meu coração é feito da essência do trovão, já que ele não se parte em mil fragmentos à visão de minha nora lamentosa, trespassada pela dor. Os gritos leoninos dos Dhritarashtras cheios de orgulho de fato entraram em meus ouvidos. Krishna também ouviu Yuyutsu criticando os heróis (do exército Dhritarashtra nessas palavras): 'Ó poderosos guerreiros em carros, não tendo podido vencer Vibhatsu, e tendo matado somente um garoto, por que vocês se regozijam? Por que, tendo feito o que é desagradável para aqueles dois, isto é, Kesava e Arjuna, em batalha, por que vocês rugem em alegria como leões, quando realmente a hora para a tristeza é chegada? Os resultados desse seu ato pecaminoso logo alcançarão vocês. Hediondo foi o crime cometido por vocês. Por quanto tempo ele não dará seus frutos?' Repreendendo eles nessas palavras, o filho de grande alma de Dhritarashtra com sua mulher Vaisya foi embora, lançando longe suas armas atormentado com fúria e dor. Ó Krishna, por que você não me disse tudo isso durante a batalha? Eu então teria consumido todos aqueles guerreiros em carros de corações cruéis.'"

"Sanjaya continuou, 'Então Vasudeva, consolando Partha que estava afligido com pesar por causa de seu filho, que estava muito ansioso, cujos olhos estavam banhados em lágrimas, e que estava, realmente, dominado por essa tristeza causada pela morte de seu filho, disse a ele, 'Não te entregue assim à aflição. Esse é o caminho de todos os heróis corajosos, que não recuam, especialmente de Kshatriyas, cuja profissão é lutar. Ó principal dos homens inteligentes, essa mesma é a meta ordenada pelos autores de nossas escrituras para heróis que não recuam dedicados à batalha. A morte é certa para heróis que não recuam. Não há dúvida que Abhimanyu ascendeu àquelas regiões que são reservadas para pessoas de ações justas. Ó touro da raça Bharata, exatamente isso é cobiçado por todos aqueles que são corajosos, isto é, que eles possam morrer em batalha, enfrentando seus inimigos. Com relação a Abhimanyu, ele tendo matado em batalha muitos príncipes heróicos e poderosos, encontrou aquela morte na frente de batalha a qual é cobiçada por heróis. Não sofra, ó tigre entre homens. Os

legisladores de antigamente declararam que este é o mérito eterno dos Kshatriyas, sua morte em batalha. Ó melhor dos Bharatas, esses teus irmãos estão todos muito tristes, como também o rei, e esses teus amigos, te vendo mergulhado em tristeza. Ó concessor de honras, os conforte em palavras consoladoras. Aquilo que deve ser é conhecido por ti. Não cabe a ti te afligir.' Assim confortado por Krishna de feitos extraordinários, Partha então disse essas palavras para todos os seus irmãos, com voz sufocada com tristeza: 'Ó senhor da terra, eu desejo saber como o poderosamente armado Abhimanyu, como aquele herói de olhos grandes, parecendo pétalas de lótus, lutou. Vocês verão que eu exterminarei o inimigo com seus elefantes e carros e corcéis, eu exterminarei em batalha aqueles assassinos do meu filho com todos os seus seguidores e parentes. Vocês todos são talentosos com armas. Vocês todos estavam armados com armas, como então o filho de Subhadra pode ser morto, mesmo se fosse o próprio manejador do raio com quem ele lutava? Ai, se eu tivesse sabido que os Pandavas e os Panchalas seriam incapazes de proteger meu filho em batalha, eu mesmo então o teria protegido. Vocês estavam então em seus carros, vocês estavam disparando suas flechas. Ai, como então Abhimanyu poderia ser morto pelo inimigo, causando uma grande carnificina em suas tropas? Ai, vocês não tem coragem, nem tem qualquer destreza, já que na própria vista de vocês todos Abhimanyu foi morto. Ou, eu devo repreender a mim mesmo, já que sabendo que vocês todos são fracos, covardes, e irresolutos, eu parti! Ai, suas cotas de malha e armas de todos os tipos são somente ornamentos para enfeitar seus corpos, e as palavras dadas por vocês eram somente para falar em assembléias, que vocês falharam em proteger meu filho (mesmo que vocês estivessem vestidos em armadura, armados da cabeça aos pés, e mesmo que vocês tivessem me assegurado em palavras de sua competência)?' Dizendo essas palavras, Partha se sentou, segurando seu arco e sua espada excelente. De fato, ninguém podia, naquele momento, nem olhar para Vibhatsu que então parecia o próprio Destruidor em fúria, repetidamente tomando fôlegos profundos. Nenhum de seus amigos ou parentes podia se arriscar a olhar ou falar com Arjuna, quando ele estava sentado lá extremamente angustiado pela tristeza por causa de seu filho, e com rosto banhado em lágrimas. Ninguém, de fato, podia se dirigir a ele, salvo Vasudeva ou Yudhishthira. Esses dois, sob todas as circunstâncias, eram aceitáveis para Arjuna. E porque eles eram muito reverenciados e ternamente amados, portanto, somente eles podiam se dirigir a ele em tais momentos. Então o rei Yudhishthira dirigindo-se a Partha, de olhos parecidos com pétalas de lótus, que estava então cheio de raiva e muito afligido com pesar por conta da morte de seu filho, disse essas palavras.'"

73

"Yudhishthira disse, 'Ó de braços fortes, depois que tu foste em direção ao exército dos Samsaptakas, o preceptor Drona fez esforços impetuosos para me capturar. Nós tivemos êxito, no entanto, em resistir a Drona na chefia da formação de combate em todos os pontos, tendo naquela batalha, disposto nossas divisões de carros lutando vigorosamente em formação de combate contrária. Mantido sob

controle por um grande número de guerreiros, e eu mesmo também tendo sido bem protegido, Drona começou a nos atacar com grande energia, nos afligindo com suas flechas afiadas. Assim afligidos por ele, nós não podíamos então nem olhar para seu exército, menos ainda enfrentá-lo em batalha. Todos nós então, nos dirigindo a teu filho com Subhadra, que era igual a ti mesmo, ó senhor, em destreza, dissemos a ele, '[Ó filho, rompa essa formação de combate de Drona!]' Aquele herói corajoso assim incitado por nós, então procurou, como um bom cavalo, tomar aquela carga sobre si mesmo, embora ela pudesse ter sido insuportável para ele. Dotado como ele era da tua energia, ajudado por aquele conhecimento de armas o qual ele derivou de ti, aquele menino então penetrou naquela formação de combate, como Garuda entrando no oceano. Com relação a nós mesmos, nós seguimos aquele herói, aquele filho de Subhadra, desejosos naquela batalha, de penetrar (no exército de Dhritarashtra) pelo mesmo caminho pelo qual Abhimanyu tinha entrado nele. Então, ó senhor, o canalha rei dos Sindhus, Jayadratha, por causa do benefício concedido a ele por Rudra, deteve todos nós! Então Drona, Kripa e Karna e o filho de Drona, e o rei dos Kosalas, e Kritavarman, estes seis guerreiros em carros cercaram o filho de Subhadra. Tendo cercado aquele menino todos aqueles grandes guerreiros em carros, demais para ele embora ele estivesse lutando com o máximo de suas forças, o privaram de seu carro. Depois que ele foi privado de seu carro, o filho de Dussasana, embora ele mesmo tivesse escapado por um triz, teve êxito, por sorte, em fazer Abhimanyu encontrar seu fim. Com relação a Abhimanyu, ele, tendo matado muitos milhares de homens e corcéis e elefantes, e oito mil carros, e também novecentos elefantes, dois mil príncipes, e um grande número de guerreiros heróicos desconhecidos à fama, e despachando naquela batalha o rei Vrihadvala também para o céu, finalmente, por má sorte, encontrou sua própria morte. Assim ocorreu esse evento que aumenta tanto nossa dor! Aquele tigre entre homens ascendeu exatamente dessa maneira para o céu!' Ouvindo essas palavras proferidas pelo rei Yudhishthira, Arjuna, dizendo 'Oh filho!' e dando um suspiro profundo, caiu no chão em grande dor. Então todos os guerreiros dos Pandavas, cercando Dhananjaya com rostos tristes começaram, cheios de tristeza, a olhar uns aos outros com olhos sem piscar. Recuperando a consciência então, o filho de Vasava ficou furioso. Ele parecia estar em um tremor febril, e suspirava frequentemente. Apertando suas mãos, respirando profundamente, com olhos banhados em lágrimas, e lançando seus olhares como um homem louco, ele disse essas palavras.'"

"Arjuna disse, 'Realmente eu juro que amanhã eu matarei Jayadratha! Se por medo da morte ele não abandonar os Dhritarashtras, ou implorar nossa proteção, ou a proteção de Krishna, aquele principal dos homens, ou a tua, ó rei, eu seguramente o matarei amanhã! Abandonando sua amizade por mim, empenhado em fazer o que é agradável para o filho de Dhritarashtra, aquele canalha é a causa da morte do menino! Amanhã eu o matarei! Quem quer que sejam aqueles que me enfrentarem em batalha amanhã para protegê-lo, seja Drona, ou Kripa, ó rei, eu cobrirei eles todos com minhas flechas! Ó touros entre homens, se eu não realizar isso na batalha (de amanhã), que eu não alcance a região reservada para os justos, ó principais dos heróis! Aquelas regiões que são para aqueles que

matam suas mães, ou para aqueles que matam seus pais, ou aqueles que violam as camas de seu preceptores, ou aqueles que são vis e perversos, ou aqueles que nutrem inveja contra os justos, ou aqueles que falam mal de outros ou aqueles que se apropriam da riqueza depositada confiantemente com eles por outros, ou aqueles que são traidores de confianças, ou aqueles que falam mal de esposas desfrutadas por eles antes, ou aqueles que matam Brahmanas, ou aqueles que matam vacas, ou aqueles que comem leite e arroz açucarados, ou comida preparada de cevada, ou ervas cozidas mantidas em conserva, ou pratos preparados de leite, gergelim, e arroz, ou bolinhos finos de cevada em pó fritos em manteiga clarificada ou outros tipos de bolos, ou carne, sem terem oferecido os mesmos para os deuses, aquelas mesmas regiões serão minhas rapidamente se eu não matar Jayadratha! Aquelas regiões para as quais vão aqueles que oferecem insultos aos Brahmanas dedicados ao estudo dos Vedas, ou de outra maneira dignos de respeito, ou àqueles que são seus preceptores, (aquelas regiões rapidamente serão minhas se eu não matar Jayadratha!) Aquele fim que se torna daqueles que tocam Brahmanas ou fogo com os pés, aquele fim que se torna daqueles que jogam fleuma e fezes e expelem urina na água, aquele mesmo fim miserável será meu, se eu não matar Jayadratha! Aquele fim que é daquele que se banha (em água) em um estado de nudez, ou daquele que não acolhe hospitaleiramente um convidado, aquele fim que é daqueles que recebem subornos, falam mentiras, e enganam e trapaceiam outros, aquele fim que é daqueles que pecam contra suas próprias almas, ou que falsamente proferem louvores (de outros), ou daqueles canalhas baixos que comem guloseimas na vista de empregados e filhos e esposas e dependentes sem dividir as mesmas com eles, aquele fim medonho será meu se eu não matar Jayadratha! Aquele fim que surpreende o patife de alma insensível que sem sustentar um protegido justo e obediente o abandona, ou aquele que, sem dar a um vizinho merecedor as oferendas em Sraddhas, doa elas para aqueles que não as merecem, o fim que é daquele que bebe vinho, ou daquele que insulta aqueles que são dignos de respeito, ou daquele que é ingrato, ou daquele que fala mal de seus irmãos, aquele fim logo será meu se eu não matar Jayadratha! O fim de todas aquelas pessoas pecaminosas que eu não mencionei, como também daquelas que eu mencionei, logo será obtido por mim, se depois que essa noite passar, eu não matar Jayadratha amanhã.'"

"Ouçam agora outro juramento meu! Se o sol de amanhã se por sem eu ter matado aquele canalha, então aqui mesmo eu entrarei no fogo ardente! Ó Asuras e deuses e homens, ó aves e cobras, ó Pitris e todos os vagueadores da noite, ó Rishis regenerados e Rishis celestes, ó criaturas móveis e imóveis, ó vocês todos que eu não mencionei, vocês não conseguirão proteger meu inimigo de mim! Se ele entrar na residência da região inferior, ou ascender ao firmamento, ou se dirigir aos celestiais, ou aos reinos dos Daityas, eu ainda irei, com cem flechas, indubitavelmente cortar, no término dessa noite, a cabeça do inimigo de Abhimanyu!"

"Sanjaya continuou, 'Tendo proferido essas palavras, Arjuna começou a esticar Gandiva com ambos os seus braços. Superando a voz de Arjuna o som daquele

arco se ergueu e tocou os próprios céus. Depois que Arjuna tinha feito aquele juramento, Janarddana, cheio de ira, soprou sua concha, Panchajanya. E Phalguna soprou Devadatta. A magnífica concha Panchajanya, bem enchida com o vento da boca de Krishna, produziu um clangor alto. E aquele clangor fez os regentes dos pontos cardeais e secundários, das regiões inferiores, e do universo inteiro, tremer, como acontece no fim do Yuga. De fato depois que Arjuna de grande alma tinha feito o juramento, o som de milhares de instrumentos musicais e rugidos leoninos altos se elevaram do acampamento Pandava.'"

74

"Sanjaya disse, 'Quando os espiões (de Duryodhana), tendo ouvido aquele tumulto alto feito pelos Pandavas desejosos de vitória, informaram (seus patrões do motivo), Jayadratha, dominado pela tristeza, e com coração entorpecido pela aflição, e como alguém afundando em um oceano insondável de angústia, lentamente se ergueu e tendo refletido por um longo tempo, procedeu para a assembléia dos reis. Refletindo por um tempo na presença daqueles deuses entre homens, Jayadratha, com medo do pai de Abhimanyu e coberto de vergonha, disse essas palavras, 'Aquele que no solo (na esposa) de Pandu foi gerado por Indra sob a influência do desejo, aquele canalha perverso está pensando em me despachar para a residência de Yama! Abençoados sejam vocês, eu irei, portanto, voltar para minha casa pelo desejo de viver! Ou, ó touros entre os Kshatriyas, me protejam pela força de suas armas! Partha procura me matar, ó heróis, me tornem destemido! Drona e Duryodhana e Kripa, e Karna, e o soberano dos Madras, e Valhika, e Dussasana e outros são capazes de proteger uma pessoa que é afligida pelo próprio Yama. Quando no entanto, eu sou ameaçado somente por Phalguna, todos esses senhores de terra, todos vocês, se reunindo, não serão capazes de me proteger? Ouvindo os gritos de alegria dos Pandavas, grande é meu temor. Meus membros, ó senhores de terra, ficaram impotentes como aqueles de uma pessoa a ponto de morrer! Sem dúvida, o manejador do Gandiva jurou minha morte! É por isso que os Pandavas estão gritando de alegria em uma hora quando eles deveriam chorar! Sem falar dos soberanos de homens, os próprios deuses e Gandharvas, os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas não podem ousar frustrar um voto de Arjuna. Portanto, ó touros entre homens, abençoados sejam vocês, me dêem permissão (para deixar o acampamento Kuru). Eu quero me manter afastado. Os Pandavas não poderão mais me encontrar!' Enquanto ele lamentava dessa maneira, com coração agitado pelo medo, o rei Duryodhana, sempre considerando a realização de seu próprio interesse como sendo preferível a tudo mais, disse a ele essas palavras, 'Não tema, ó tigre entre homens! Ó touro entre homens, quem procurará te enfrentar em batalha quando tu permaneceres no meio desses heróis Kshatriya? Eu mesmo, o filho de Vikartana, Karna, Chitrasena, Vivinsati, Bhurisravas, Sala, Salya, o invencível Vrishasena, Purumitra, Jaya, Bhoja, Sudakshina o soberano dos Kamvojas, Satyavrata, o poderosamente armado Vikarna, Durmukha, Dussasana, Subahu, o soberano dos Kalingas, com suas armas erguidas, Vinda e Anuvinda de Avanti, Drona, o filho de Drona, e o

filho de Suvala (Sakuni), esses e outros reis numerosos irão, com seus exércitos, encarar a batalha te cercando por todos os lados! Que a ansiedade do teu coração, portanto, seja dissipada! Tu mesmo és um dos mais notáveis dos guerreiros em carros! Ó tu de esplendor incomensurável, tu mesmo és um herói! Sendo o que tu és como tu podes então ver qualquer motivo de temor, ó rei dos Sindhus? Os onze Akshauhinis de tropas que eu possuo irão lutar cautelosamente te protegendo! Portanto, não tema, ó rei dos Sindhus! Que teus receios sejam dissipados!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim confortado, ó monarca, por teu filho, o rei dos Sindhus então, acompanhado por Duryodhana, se dirigiu naquela mesma noite até Drona (o generalíssimo do exército Kuru). Então, ó rei, tendo tocado os pés de Drona com reverência, e tomado seu assento com humildade, ele questionou o preceptor nessas palavras, 'Em acertar o alvo, em acertá-lo à distância, em agilidade de mão, e na força do golpe, ó ilustre, diga a diferença entre eu mesmo e Phalguna! Ó preceptor, eu desejo saber com precisão a diferença em relação à competência (na ciência de armas) entre eu mesmo e Arjuna! Fale-me isso realmente!'"

"Drona disse, 'De instrução tutorial, vocês dois, tu mesmo e Arjuna, tiveram a mesma quantidade, ó filho! Por causa, no entanto, de yoga e da vida dura levada por Arjuna, ele é superior a ti! Tu não deves, no entanto, por qualquer razão, nutrir medo de Partha! Sem dúvida, eu irei, ó filho, te proteger desse medo! Os próprios deuses não podem triunfar sobre aquele que é protegido por minhas armas! Eu formarei uma ordem de batalha que Partha não conseguirá atravessar! Portanto calmo em batalha, não tema, cumprindo os deveres da tua própria classe! Ó poderoso guerreiro em carro, trilhe o caminho de teus pais e avôs! Tendo devidamente estudado os Vedas, tu tens despejado libações, de acordo com a ordenança, no fogo! Tu também realizaste muitos sacrifícios: a Morte não pode, portanto, ser um objeto de terror para ti! (Pois se tu morreres), obtendo então aquela boa fortuna magnífica que é inalcançável por homens vis, tu alcançarás todas aquelas regiões excelentes no céu que são alcançáveis pela força dos braços de um homem! Os Kauravas, os Pandavas, os Vrishnis, e outros homens, como também eu mesmo com meu filho, somos todos mortais e de vida curta! Pense nisso. Um depois do outro, todos nós, mortos pelo Tempo que é todo poderoso, iremos para o outro mundo, levando conosco somente nossos respectivos atos. Aquelas regiões que ascetas atingem por praticarem penitências rígidas, aquelas regiões são alcançadas por Kshatriyas heróicos que cumprem os deveres de sua classe.' Assim mesmo o soberano dos Sindhus foi confortado pelo filho de Bharadwaja. Banindo seu medo de Partha, ele fixou seu coração na batalha. Então, ó rei, tuas tropas também sentiram grande alegria, e os sons altos de instrumentos musicais foram ouvidos, misturados com gritos leoninos.'"

75

"Sanjaya disse, 'Depois que Partha tinha jurado a morte do soberano dos Sindhus, Vasudeva de braços fortes dirigiu-se a Dhananjaya e disse, 'Com o consentimento dos teus irmãos (só, mas sem me consultar), tu juraste, dizendo 'Eu matarei o soberano dos Sindhus!' Essa foi uma ação de grande precipitação (da tua parte)! Sem me consultar, tu tomaste um grande peso (sobre teus ombros)! Ai, como nós escaparemos do escárnio de todos os homens? Eu enviei alguns espiões ao acampamento do filho de Dhritarashtra. Aqueles espiões, vindo rapidamente a mim, me deram essa informação, isto é, que depois que tu, ó senhor, fizeste votos de matar o soberano dos Sindhus, altos gritos leoninos, misturados com o sons dos (nossos) instrumentos musicais, foram ouvidos pelos Dhritarashtras. Por causa daquele tumulto, os Dhritarashtras, com seus simpatizantes, ficaram apavorados, 'Esses gritos leoninos não são sem motivo!' eles pensaram, e esperaram (pelo que se seguiria). Ó tu de braços fortes, um rumor barulhento então se elevou entre os Kauravas, de seus elefantes e cavalos e infantaria. E um estrépito terrível também foi ouvindo de seus carros. 'Sabendo da morte de Abhimanyu, Dhananjaya, profundamente angustiado, sairá em fúria à noite para lutar!' Pensando assim eles esperaram (prontos para a batalha). Enquanto se preparavam, ó tu de olhos como pétalas de lótus, eles então souberam realmente do voto acerca da morte do soberano dos Sindhus, feito por ti que és devotado à verdade. Então todos os conselheiros de Suyodhana ficaram covardes e assustados como pequenos animais. Com relação ao rei Jayadratha, aquele soberano dos Sindhus e dos Sauviras, dominado pela aflição e ficando completamente desanimado, ele se levantou e entrou em sua própria tenda com todos os seus conselheiros. Tendo consultado (com eles) acerca de todos os recursos que poderiam beneficiá-lo em um momento em que ele necessitava de consulta, ele procedeu para a assembléia dos reis (aliados) e lá disse essas palavras para Suyodhana: 'Dhananjaya pensando em mim como o assassino de seu filho, amanhã irá me enfrentar em batalha! Ele, no meio de seu exército, prometeu me matar! Aquele voto de Savyasachin os próprios deuses e Gandharvas e Asuras e Uragas e Rakshasas não podem se arriscar a frustrar! Me protejam, portanto, vocês todos em batalha! Não deixem Dhananjaya, colocando seu pé na cabeça de vocês, conseguir acertar o alvo! Que arranjos apropriados sejam feitos em relação a esse assunto! Ou, se, ó encantador dos Kurus, você pensa que vocês não conseguirão me proteger em batalha, me conceda permissão então, ó rei, para que eu possa voltar para casa!' Assim endereçado (por Jayadratha), Suyodhana ficou desanimado e sentou-se de cabeça baixa. Averiguando que Jayadratha estava em grande pavor, Suyodhana começou a refletir em silêncio. Vendo que o rei Kuru estava muito aflito, o rei Jayadratha, o soberano dos Sindhus, lentamente disse essas palavras tendo uma referência benéfica para si mesmo: 'Eu não vejo aqui aquele arqueiro de energia superior que possa frustrar com suas armas as armas de Arjuna em grande batalha! Quem, mesmo se ele for o próprio Satakratu, ficará na frente de Arjuna tendo Vasudeva como seu aliado, enquanto manejando o arco Gandiva? É sabido que o próprio senhor Maheswara de energia suprema foi combatido, antes disto, por Partha a

pé, nas montanhas de Himavat! Incitado pelo chefe dos celestiais, ele matou em um único carro mil Danavas residindo em Hiranyapura! Aquele filho de Kunti está agora aliado com Vasudeva de grande inteligência. Eu penso que ele é competente para destruir os três mundos inclusive os próprios deuses. Eu desejo que você ou me conceda permissão (para deixar o campo por minha casa) ou que o heróico Drona de grande alma com seu filho me proteja! Ou, eu estarei na expectativa do teu desejo!' Ó Arjuna, (assim endereçado por Jayadratha) o rei Suyodhana humildemente implorou ao preceptor sobre essa questão, (isto é, uniu sua voz àquela de Jayadratha, pedindo a Drona para proteger o último.) Todas as medidas de reforços foram adotadas. Carros e cavalos de batalha foram arranjados. Karna e Bhurisravas, e o filho de Drona, e o invencível Vrishasena, e Kripa, e o soberano dos Madras, estes seis estarão na dianteira (de Jayadratha). Drona formará uma ordem de batalha metade da qual será um Sakata (um tipo de carro ou veículo) e metade um lótus. No meio das folhas daquele lótus haverá uma formação de boca de agulha. Jayadratha, aquele soberano dos Sindhus, difícil de ser conquistado em batalha, tomará sua posição ao lado dela, protegido por heróis! No (uso do) arco, em armas, em bravura, em força, e também em linhagem, aqueles seis guerreiros em carros, ó Partha, são sem dúvida, muito difíceis de serem resistidos. Sem vencer primeiro aqueles seis guerreiros em carros, o acesso a Jayadratha não será obtido. Pense, ó Arjuna, na destreza de cada um daqueles seis, ó tigre entre homens, quando reunidos, eles não podem ser facilmente vencidos! Nós devemos, portanto, uma vez mais, trocar idéias com conselheiros benquerentes, familiarizados com política, para nosso benefício e para o sucesso do nosso objetivo!'"

76

"Arjuna disse, 'Estes seis guerreiros em carros do exército Dhritarashtra a quem tu consideras tão fortes, a energia deles (reunida), eu penso que não é igual nem à metade da minha! Tu verás, ó matador de Madhu, as armas de todos eles cortadas e frustradas por mim quando eu for contra eles para matar Jayadratha! Na própria vista de Drona e de todos os seus homens, eu irei derrubar a cabeça do soberano dos Sindhus no chão, vendo a qual eles se entregarão a lamentações. Se os Siddhas, os Rudras, os Vasus, com os Aswins, os Maruts com Indra (em sua chefia), os Viswedevas com outros deuses, os Pitris, os Gandharvas, Garuda, o Oceano, as montanhas, o firmamento, Céu, Terra, os pontos do horizonte (cardeais e secundários), e os regentes daqueles pontos, todas as criaturas que são domésticas e todas as que são selvagens, realmente se todos os seres móveis e imóveis juntos se tornarem os protetores do soberano dos Sindhus, ainda assim, ó matador de Madhu, tu verás Jayadratha morto por mim amanhã em batalha com minhas flechas! Ó Krishna, eu juro pela Verdade, eu toco minhas armas (e juro por elas), que eu irei, ó Kesava, no próprio início, combater aquele Drona, aquele arqueiro poderoso, que se tornou o protetor daquele canalha pecaminoso Jayadratha! Suyodhana pensa que esse jogo (de batalha) depende de Drona! Portanto, atravessando a própria vanguarda comandada pelo próprio Drona, eu alcançarei Jayadratha! Tu amanhã verás os

mais poderosos dos arqueiros fendidos por mim em batalha por meio de minhas flechas dotadas de energia feroz, como topos de uma colina partidos pelo raio. Sangue fluirá (em torrentes) dos peitos de homens e elefantes e corcéis caídos, rompidos por flechas afiadas caindo em rápida sucessão sobre eles! As flechas disparadas do Gandiva, velozes como a mente ou o vento, privarão milhares de homens e elefantes e corcéis de vida! Os homens verão na batalha de amanhã aquelas armas que eu obtive de Yama e Kaurva e Varuna e Indra e Rudra! Tu verás na batalha de amanhã as armas de todos aqueles que forem proteger o soberano dos Sindhus frustradas por mim com minha arma Brahma! Tu na batalha de amanhã, ó Kesava, verás a terra coberta por mim com as cabeças de reis cortadas pela força de minhas flechas! (Amanhã) eu gratificarei todos os canibais, derrotarei o inimigo, alegrarei meus amigos, e subjugarei o soberano dos Sindhus! Um grande ofensor, alguém que não agiu como um parente, nascido em um país pecaminoso, o soberano dos Sindhus, morto por mim, entristecerá os seus. Tu verás aquele soberano dos Sindhus, de comportamento pecaminoso, e criado em todo luxo, perfurado por mim com minhas flechas! Amanhã, ó Krishna, eu farei aquilo que fará Suyodhana pensar que não há outro arqueiro no mundo que seja igual a mim! Meu Gandiva é um arco celeste! Eu mesmo sou o guerreiro, ó touro entre homens! Tu, ó Hrishikesa, és o quadrigário! O que é que eu não serei capaz de superar? Pela tua graça, ó santo, o que há inatingível por mim em batalha? Sabendo que minha bravura é incapaz de ser resistida, por que, ó Hrishikesa, tu ainda me repreendes? Como Lakshmi está sempre presente em Soma, como água está sempre presente no Oceano, saiba, ó Janarddana, que assim mesmo meu voto é sempre realizado! Não pense pouco de minhas armas! Não pense pouco do meu arco resistente! Não pense pouco da força dos meus braços! Não pense pouco de Dhananjaya! Eu lutarei de tal maneira que eu realmente vencerei e não perderei! Quando eu prometi isso, saiba que Jayadratha já foi morto em batalha! Realmente, no Brahmana está a verdade; realmente, no justo está a humildade; realmente, no sacrifício está a prosperidade; realmente, em Narayana está a vitória!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras para Hrishikesa, o filho de Vasudeva, tendo ele mesmo falado assim para si mesmo, Arjuna em uma voz profunda dirigiu-se novamente ao senhor Kesava, dizendo: 'Tu deves, ó Krishna, agir de maneira que meu carro esteja bem equipado logo que amanhecer, já que é importante a tarefa que está à mão!'"

77

"Sanjaya disse, 'Ambos Vasudeva e Dhananjaya, afligidos com tristeza e dor e suspirando frequentemente como duas cobras, não conseguiram dormir aquela noite. Compreendendo que Nara e Narayana estavam furiosos, os deuses com Vasava ficaram muito ansiosos pensando, 'O que virá disto?' Ventos violentos, que eram além disso secos e pressagiavam perigo, começaram a soprar. E um tronco sem cabeça e uma maça apareceram no disco do sol. E embora não houvesse nuvens, trovões frequentes eram ouvidos, de estrondo alto, misturados

com lampejos de relâmpago. A terra com suas montanhas e águas e florestas, tremeu. Os mares, aquela habitação de Makaras, se avolumaram, ó rei, em agitação. Os rios correram em direções opostas ao seu curso usual. Os lábios inferiores e superiores de guerreiros em carros e corcéis e homens e elefantes começaram a tremer. E como se para alegrar os canibais, naquela ocasião pressagiando uma grande acessão de população para o domínio de Yama, os animais (do campo) começaram a expelir urina e fezes, e proferir gritos altos de dor. Observando esses presságios violentos de arrepiar os cabelos, e sabendo também do voto impetuoso do poderoso Arjuna, todos os teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, ficaram extremamente agitados. Então o filho de braços fortes de Pakasasana disse para Krishna, 'Vá, e console tua irmã Subhadra com sua nora. E, ó Madhava, que também aquela nora, e suas companheiras, sejam consoladas por ti; ó senhor, as console com palavras calmantes que sejam também repletas de verdade.' Assim endereçado, Vasudeva, com o coração triste, indo para a residência de Arjuna, começou a consolar sua irmã entristecida afligida com pesar por conta da morte de seu filho.'"

"Vasudeva disse, 'Ó senhora da linhagem de Vrishni, não sofra, com tua nora, por teu filho. Ó tímida, todas as criaturas tem somente um fim ordenado pelo Tempo. O fim que teu filho encontrou convém a um herói de linhagem orgulhosa, especialmente quem é um Kshatriya. Não te aflija, portanto. Por boa sorte é que aquele poderoso guerreiro em carro de grande sabedoria, de coragem igual àquela de seu pai, seguindo o costume Kshatriya, encontrou um fim que é cobiçado por heróis. Tendo vencido inúmeros inimigos e despachado eles para a presença de Yama, ele mesmo se dirigiu para aquelas regiões eternas, que concedem a realização de todos os desejos, e que são para os justos. Teu filho alcançou aquele fim que os virtuosos alcançam por penitência, por Brahmacharya, por conhecimento das escrituras, e por sabedoria. A mãe de um herói, a esposa de um herói, a filha de um herói, e uma parente de heróis, ó amável, não sofra por teu filho que obteve o fim supremo. O vil soberano dos Sindhus, ó senhora bela, aquele assassino de um menino, aquele perpetrador de uma ação pecaminosa, irá, com seus amigos e parentes, obter o resultado dessa sua arrogância no término dessa noite. Mesmo se ele entrar na residência do próprio Indra ele não escapará das mãos de Partha. Amanhã tu saberás que a cabeça dos Sindhus, tendo sido cortada em batalha de seu tronco rolou nos arredores de Samantapanchaka! Dissipe tua tristeza, e não te aflija. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante dele, teu filho corajoso alcançou o fim dos justos, aquele fim que nós aqui esperamos obter como também outros que portam armas como uma profissão. De peito largo, braços poderosos, que não recuava, um subjugador de guerreiros em carros, teu filho, ó senhora bela, foi para o céu. Afaste essa ansiedade (do teu coração). Obediente a seus pais e parentes maternos, aquele guerreiro em carro heróico e de grande bravura tornou-se vítima da morte depois de ter matado milhares de inimigos. Console tua nora, ó rainha! Não te aflija tanto, ó dama Kshatriya! Afaste tua dor, ó filha, porque tu ouvirás tais notícias agradáveis amanhã. Aquilo que Partha prometeu deve ser realizado. Isso não pode ser de outra maneira. Aquilo que teu marido procura fazer nunca pode permanecer não realizado. Mesmo que seres humanos e cobras e Pisachas e todos os

vagueadores da noite e aves, e todos os deuses e os Asuras ajudem o soberano dos Sindhus no campo de batalha; ele ainda irá, com eles, cessar de existir amanhã.'"

78

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Kesava de grande alma, Subhadra, angustiada pela dor por causa da morte de seu filho, começou a lamentar dessa maneira de modo comovente: 'Oh, filho de minha pessoa desventurada, ó tu que eras em heroísmo igual a teu pai, ó filho, como tu pudeste perecer, indo lutar! Ai, como aquele teu rosto o qual parece o lótus azul e é ornado com dentes belos e olhos excelentes, parece agora, agora que, ó filho, ele está coberto com a poeira da batalha? Sem dúvida, a ti tão corajoso e que não recuavas, a ti caído no campo, com cabeça e pescoço e braços belos, com peito largo, abdome baixo, teus membros enfeitados com ornamentos, a ti que és dotado de olhos belos, a ti que estás mutilado com ferimentos de armas, a ti todas as criaturas estão, sem dúvida, contemplando como a lua ascendente! Ai, tu cujo leito costumava ser coberto com os lençóis mais brancos e mais caros, ai, merecedor como tu és de todos os luxos, como tu dormes hoje sobre a terra nua, teu corpo perfurado com flechas? Aquele herói de braços fortes que costumava antigamente ser servido pelas principais das mulheres belas, ai, como ele pode, caído no campo de batalha, passar seu tempo agora na companhia de chacais? Ele que antigamente era elogiado com hinos por cantores e bardos e panegiristas, ai, ele é hoje saudado por canibais e animais predadores ferozes e estridentes. Por quem, ai, tu foste morto sem auxílio quando tu tinhas os Pandavas, ó senhor, e todos os Panchalas, como teus protetores? Oh filho, ó impecável, eu ainda não estou satisfeita com te olhar. Desventurada como eu sou, é evidente que eu terei que ir para a residência de Yama. Quando eu lançarei novamente meus olhos naquele teu rosto, adornado com olhos grandes e madeixas belas, aquele rosto liso sem espinhas, do qual palavras agradáveis e fragrância excelente constantemente provinham? Que vergonha para a força de Bhimasena, para a arte de manejar arco e flecha de Partha, para a destreza dos heróis Vrishni, e para o poder dos Panchalas! Que vergonha para os Kaikeyas, os Chedis, os Matsyas, e os Srinjayas, eles que não puderam te proteger, ó herói, enquanto envolvido em combate! Eu vejo a terra hoje vazia e triste. Sem ver meu Abhimanyu, meus olhos estão perturbados pela aflição. Tu eras o filho da irmã de Vasudeva, o filho do manejador do Gandiva, e tu mesmo um herói e um Atiratha. Ai, como eu te verei morto? Ai, ó herói, tu foste para mim como um tesouro em um sonho que é visto e perdido. Oh, toda coisa humana é tão transitória como uma bolha de água. Essa tua jovem esposa está dominada pela dor por conta do mal que aconteceu a ti. Ai, como eu consolarei ela que é assim como uma vaca sem seu bezerro? Ai, ó filho, tu prematuramente fugiste de mim em um momento quando tu estavas prestes a dar frutos de grandeza, contudo eu estou ansiando por uma visão de ti. Sem, dúvida, a conduta do Destruidor não pode ser entendida nem pelos sábios, já que embora tu tivesses Kesava como teu protetor, tu ainda foste morto, como se tu estivesses totalmente desamparado. Ó filho, que seja teu aquele fim o qual é

daqueles que realizam sacrifícios e daqueles que são Brahmanas de alma purificada, e daqueles que praticam Brahmacharya, e daqueles que se banham em águas sagradas, e daqueles que são gratos e caridosos e dedicados ao serviço de seus preceptores, e daqueles que fazem presentes sacrificais em profusão. Aquele fim que é daqueles que são corajosos e que não recuam enquanto engajados em batalha, ou daqueles que caíram em batalha, tendo matado seus inimigos, que aquele fim seja teu. Aquele fim auspicioso que é daqueles que doam mil vacas, ou daqueles que doam em sacrifícios, ou daqueles que doam casas e mansões agradáveis para os recebedores, aquele fim que é daqueles que doam pedras preciosas e jóias para Brahmanas dignos, ou daqueles que são punidores de crime, ó, que aquele fim seja teu. Aquele fim que é alcançado por Munis de votos rígidos por Brahmacharya, ou aquele que é alcançado por aquelas mulheres que aderem somente a um marido, ó filho, que aquele fim seja teu. Aquele fim eterno o qual é atingido por reis por meio de bom comportamento, ou por aquelas pessoas que tem se purificado por levarem, um depois do outro, todos os quatro modos de vida, e pelo devido cumprimento de seus deveres, aquele fim que é daqueles que são compassivos para os pobres e os afligidos, ou daqueles que dividem equitativamente doces entre eles mesmos e seus dependentes, ou daqueles que nunca são afeitos à falsidade e maldade, ó filho, que aquele fim seja teu! Aquele fim que é daqueles que são cumpridores de votos, ou daqueles que são virtuosos, ou daqueles que são dedicados ao serviço de preceptores, ou daqueles que nunca mandaram embora um convidado não recebido, ó filho, que aquele fim seja teu. Aquele fim que é daqueles que conseguem em infortúnio e nos apuros mais difíceis preservar a equanimidade de suas almas, embora eles possam ser muito chamuscados pelo fogo da aflição, ó filho, que aquele fim seja teu. Ó filho, que seja teu aquele fim o qual é daqueles que estão sempre dedicados ao serviço de seus pais e mães, ou daqueles que são dedicados às suas próprias esposas somente. Ó filho, que seja teu aquele fim que é atingido por aqueles homens sábios que, se reprimindo das esposas de outros, procuram a companhia somente de suas próprias esposas na época. Ó filho, que seja teu aquele fim que é daqueles que olham para todas as criaturas com um olhar de paz, ou daqueles que nunca causam dor a outros, ou daqueles que sempre perdoam. Ó filho, que seja teu aquele fim que é daqueles que se abstêm de mel, carne, vinho, orgulho e mentira, ou daqueles que se abstêm de causar dor a outros. Que seja tua aquela meta a qual atingem aqueles que são modestos, familiarizados com todas as escrituras, satisfeitos com conhecimento, e que tem suas paixões sob controle.'"

"E enquanto Subhadra triste, afligida pela dor, estava lamentando dessa maneira, a princesa de Panchala (Draupadi), acompanhada pela filha de Virata (Uttara), foi até ela. Todas elas, em grande aflição, choraram copiosamente e se entregaram a lamentações de partir o coração. E como pessoas privadas de razão pela tristeza, elas desmaiaram e caíram no chão. Então Krishna, que estava preparado com água, profundamente aflito, salpicou-a sobre sua irmã lamentosa, inconsciente e trêmula, perfurada em seu próprio coração, e confortando-a, disse o que devia ser dito em tal ocasião. E ele de olhos de lótus disse, 'Não sofra, ó Subhadra! Ó Panchali, console Uttara! Abhimanyu, aquele touro entre os

Kshatriyas, alcançou a meta mais louvável. Ó tu de rosto belo, que todos os outros homens ainda vivos em nossa linhagem alcancem aquela meta que Abhimanyu de grande fama alcançou. Nós com todos os nossos amigos desejamos realizar, nessa batalha, aquele feito, semelhante ao qual, ó senhora, teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, realizou sem qualquer ajuda.' Tendo consolado sua irmã e Draupadi e Uttara dessa maneira, aquele castigador de inimigos, (Krishna) de braços fortes, voltou para o lado de Partha. Então Krishna, saudando os reis, amigos e Arjuna, entrou nos aposentos internos da tenda (do último) enquanto aqueles reis também se dirigiram para suas respectivas residências.'"

79

"Sanjaya disse, 'Então o senhor Kesava, de olhos semelhantes a pétalas de lótus, tendo entrado na mansão inigualável de Arjuna, tocou a água, e estendeu (para Arjuna) no chão auspicioso e nivelado uma cama excelente de folhas Kusa que eram da cor do lápis lazúli. E mantendo armas excelentes em volta daquela cama, ele a adornou devidamente com guirlandas de flores e arroz frito, perfumes e outros artigos auspiciosos. E depois de Partha (também) ter tocado a água, servidores brandos e submissos trouxeram o usual sacrifício noturno para (Mahadeva) de três olhos. Então Partha, com a alma alegre, tendo coberto Madhava com perfumes e adornado com guirlandas florais, apresentou para Mahadeva a oferenda noturna. Então Govinda, com um leve sorriso, dirigiu-se a Partha, dizendo, 'Abençoado sejas tu, ó Partha, deite, eu te deixo.' Colocando guardas na porta então, e também sentinelas bem armados, o abençoado Kesava, seguido por (seu quadrigário) Daruka, foi para sua própria tenda. Ele então se deitou em sua cama branca, e pensou em diversas medidas a serem adotadas. E o ilustre (Kesava) de olhos como pétalas de lótus começou por causa de Partha, a pensar em vários meios que dissipariam a dor e ansiedade (de Partha) e aumentariam sua destreza e esplendor. De alma envolvida em yoga, aquele Senhor Supremo de todos, isto é, Vishnu de fama muito difundida, que sempre fazia o que era agradável para Jishnu, desejoso de beneficiar (Arjuna), entrou em yoga, e meditação. Não houve ninguém no acampamento Pandava que dormiu aquela noite. A insônia dominou todos, ó monarca. E todos (no acampamento Pandava) pensavam nisso, 'O manejador de grande alma do Gandiva, queimando com aflição pela morte de seu filho, repentinamente prometeu a morte dos Sindhus. Como, de fato, aquele matador heróis hostis, aquele filho de Vasava, aquele guerreiro de braços fortes, cumprirá seu voto? O filho de grande alma de Pandu, de fato, tomou uma decisão muito difícil. O rei Jayadratha é dotado de energia imensa. Oh, que Arjuna consiga cumprir seu voto. Difícil é o voto que ele, afligido com tristeza por conta de seu filho, fez. Todos os irmãos de Duryodhana são possuidores de grande destreza. Suas tropas também são incontáveis. O filho de Dhritarashtra designou todas elas para Jayadratha (como seus protetores). Oh, que Dhananjaya volte (para o acampamento), tendo matado o soberano dos Sindhus em batalha. Subjugando seus inimigos, que Arjuna cumpra sua promessa. Se ele falhar em matar o soberano dos Sindhus amanhã, ele

certamente entrará no fogo ardente. Dhananjaya, o filho de Pritha, não falsificará seu juramento. Se Arjuna morrer, como o filho de Dharma conseguirá recuperar seu reino? De fato, (Yudhishthira) o filho de Pandu pôs (todas as suas esperanças de) vitória em Arjuna. Se nós temos obtido algum mérito (religioso), se nós alguma vez despejamos libações de manteiga clarificada no fogo, que Savyasachin, ajudado pelos resultados deles, vença todos os seus inimigos.' Falando dessa maneira, ó senhor, uns com os outros acerca da vitória (do dia seguinte), aquela noite longa, ó rei, deles, finalmente passou. No meio da noite, Janardana, tendo despertado, lembrou do voto de Partha, e se dirigindo a (seu quadrigário) Daruka, disse, 'Arjuna, em aflição pela morte de seu filho, prometeu, ó Daruka, que antes do sol de amanhã se por ele matará Jayadratha. Sabendo disso, Duryodhana seguramente deliberará com seus conselheiros, sobre como Partha pode fracassar em alcançar seu objetivo. Seus vários Akshauhinis de tropas protegerão Jayadratha. Totalmente familiarizado com os modos de aplicar todas as armas, Drona também, com seu filho, o protegerá. Aquele herói inigualável, o de mil olhos (o próprio Indra), aquele destruidor do orgulho de Daityas e Danavas não pode se arriscar a matar em batalha aquele que é protegido por Drona. Eu, portanto, farei amanhã aquilo pelo qual Arjuna, o filho de Kunti, possa matar Jayadratha antes do sol se por. Minhas esposas, meus amigos, meus parentes, nenhum entre eles é mais caro para mim do que Arjuna. Ó Daruka, eu não poderei lançar meus olhos, nem por um único momento, na terra desprovida de Arjuna. Eu te digo, a terra não será desprovida de Arjuna. Eu mesmo derrotando eles todos com seus corcéis e elefantes por empregar minha força por causa de Arjuna, irei matá-los com Karna e Suyodhana. Que os três mundos amanhã contemplem minha bravura na grande batalha, quando eu aplicar meu heroísmo, ó Daruka, por causa de Dhananjaya. Amanhã milhares de reis e centenas de príncipes, com seus corcéis e carros e elefantes, irão, ó Daruka, fugir da batalha. Tu verás amanhã, ó Daruka, aquele exército de reis derrubado e subjugado com meu disco, por mim mesmo em cólera pelo filho de Pandu. Amanhã os (três) mundos com os deuses, os Gandharvas, os Pisachas, as Cobras, e os Rakshasas, me conhecerão como um (verdadeiro) amigo de Savyasachin. Aquele que o odeia, odeia a mim. Aquele que o segue, segue a mim. Tu tens inteligência. Saiba que Arjuna é metade de mim mesmo. Quando a manhã vir depois do término dessa noite, tu, ó Daruka, equipando meu carro excelente segundo as regras da ciência militar, deves trazê-lo e me seguir com ele cautelosamente, colocando nele minha maça celeste chamada Kaumodaki, meu dardo e disco, arco e flechas, e todas as outras coisas necessárias. Ó Suta, abrindo espaço no terraço do meu carro para meu estandarte e para o heróico Garuda nele, que adorna meu guarda-sol, e unindo a ele meus principais dos corcéis chamados Valahaka e Meghapushpa e Saivya e Sugriva, tendo-os equipado com armadura dourada do esplendor do sol e do fogo, e tu mesmo pondo tua armadura, permaneça sobre ele com cuidado. Após ouvir o som alto e terrível da minha concha Panchajanya emitindo a nota aguda Rishava (a segunda nota da escala musical Hindu), tu virás rapidamente até mim. No decorrer de um único dia, ó Daruka, eu dissiparei a ira e as diversas preocupações de meu primo, o filho da minha tia paterna. Por todos os meios eu me esforçarei para que Vibhatsu em batalha possa matar Jayadratha na própria vista dos

Dhartarashtras. Ó quadrigário, eu te digo que Vibhatsu indubitavelmente conseguirá matar todos aqueles por cuja morte ele se esforçar.'"

"Daruka disse, 'Está certo de obter vitória aquele cujo posto de quadrigário, ó tigre entre homens, foi pego por ti. De onde, de fato, a derrota pode vir a ele? Com relação a mim mesmo, eu farei aquilo que tu me mandares fazer. Esta noite trará (em sua sequência) a manhã auspiciosa para a vitória de Arjuna.'"

80

"Sanjaya disse, 'O filho de Kunti, Dhananjaya, de destreza inconcebível pensando em como cumprir seu voto, lembrou-se dos mantras (dados a ele por Vyasa). E logo ele estava embalado nos braços do sono. Para aquele herói de estandarte de macaco, queimando com aflição e imerso em pensamentos, Kesava, tendo Garuda em seu estandarte, apareceu em um sonho. Dhananjaya de alma justa, por seu amor e veneração por Kesava, nunca deixava sob quaisquer circunstâncias de se levantar e avançar uns poucos passos para receber Krishna. Se levantando, portanto, agora (em seu sonho), ele deu para Govinda um assento. Ele mesmo, no entanto, naquele momento, não fixou seu coração em tomar seu assento. Então Krishna, de energia poderosa, conhecendo a resolução de Partha, disse, enquanto sentado, ao filho de Kunti, essas palavras enquanto o último estava em pé: 'Não coloque teu coração, ó Partha, na dor. O Tempo é inconquistável. O Tempo força todas as criaturas para o rumo inevitável. Ó principal dos homens, para que é esta tua tristeza? Não se deve ceder à tristeza, ó principal das pessoas eruditas! A tristeza é um obstáculo para a ação. Realize aquele ato que deve ser realizado. A tristeza que faz uma pessoa abandonar todos os esforços é, de fato, ó Dhananjaya, um inimigo daquela pessoa. Uma pessoa, por se entregar à tristeza, alegra seus inimigos e entristece seus amigos, enquanto a própria pessoa é enfraquecida. Portanto, não cabe a ti sofrer.' Assim endereçado por Vasudeva, o invicto Vibhatsu de grande erudição então disse essas palavras de significado importante: 'É grave o voto que eu fiz sobre a morte de Jayadratha. Amanhã mesmo eu matarei aquele canalha perverso, aquele matador do meu filho. Esse mesmo foi meu voto, ó Kesava! Para frustrar meu voto, Jayadratha, protegido por todos os poderosos guerreiros em carros, será mantido em sua retaguarda pelos Dhartarashtras. Sua força, número, consiste, ó Madhava, de resto, depois da matança, em onze Akshauhinis de tropas, difíceis de serem derrotadas. Cercado em batalha como ele estará por todos eles e por todos os grandes guerreiros em carros, como eu obterei uma visão, ó Krishna, do rei pecaminoso dos Sindhus? Meu voto não será cumprido, ó Kesava! Como uma pessoa como eu pode viver, tendo falhado em cumprir seu voto? Ó herói, é evidente a não realização desse (meu voto o qual para mim é) uma fonte de grande aflição. (Nessa época do ano), eu te digo que o sol se põe rapidamente.' Krishna de estandarte de ave ouvindo esse motivo da angústia de Partha, tocou a água e sentou-se com rosto virado para o leste. E então aquele herói, de olhos como folhas de lótus, e possuidor de grande energia, disse essas palavras para o benefício do filho de Pandu que tinha decidido matar o soberano

dos Sindhus, 'Ó Partha, há uma arma indestrutível e suprema de nome Pasupata. Com ela o deus Maheswara matou em batalha todos os Daityas! Se tu lembrares dela agora, tu então serás capaz de matar Jayadratha amanhã. Se ela for desconhecida para ti (agora), adore dentro do teu coração o deus que tem o touro como seu símbolo. Pensando naquele deus em tua mente, lembre-te dele, ó Dhananjaya! Tu és seu devoto. Pela graça dele tu obterás aquela posse valiosa.' Ouvindo essas palavras de Krishna, Dhananjaya, tendo tocado a água, sentou-se no chão com mente concentrada e pensou no deus Bhava. Depois que ele tinha assim se sentado com mente absorta naquela hora chamada Brahma de indicações auspiciosas, Arjuna viu a si mesmo viajando pelo céu com Kesava. E Partha, possuidor da velocidade da mente, pareceu alcançar, com Kesava, a base sagrada de Himavat e a montanha Manimat cheia de muitas pedras preciosas brilhantes e frequentada por Siddhas e Charanas. E o senhor Kesava pareceu ter pegado seu braço esquerdo. E ele parecia ver muitas vistas maravilhosas quando ele alcançou (aqueles locais). E Arjuna de alma íntegra então pareceu chegar à Montanha Branca no norte. E então ele contemplou, nos jardins de diversão de Kuvera o lago belo enfeitado com lotos. E ele também viu aquele principal dos rios, o Ganga cheio de água. E então ele chegou às regiões perto das montanhas Mandara. Aquelas regiões eram cobertas com árvores que sempre davam flores e frutos. E elas abundavam com pedras espalhadas em volta, que eram todas cristais transparentes. E elas eram habitadas por leões e tigres e abundavam com animais de diversas espécies. E elas eram adornadas com muitos retiros belos de ascetas, ecoando com as doces notas de pássaros canoros encantadores. E elas ressoavam também com as canções de Kinnaras. Agraciadas com muitos topos dourados e prateados, elas eram iluminadas com diversas ervas e plantas. E muitas árvores Mandara com suas belas cargas de flores as adornavam. E então Arjuna alcançou as montanhas chamadas Kala que pareciam com uma colina de antimônio. E então ele alcançou o topo chamado Brahmatunga, e então muitos rios, e então muitas províncias habitadas. E ele chegou em Satasinga, e nas florestas conhecidas pelo nome de Sharyati. E então ele contemplou o local sagrado conhecido como a Cabeça de Cavalo, e então a região de Atharvana. E então ele contemplou aquele príncipe das montanhas chamado Vrishadansa, e a grande Mandara, abundando em Apsaras, e honrada com a presença do Kinnaras. E vagando naquela montanha, Partha, com Krishna, viu um lugar de terra adornado com fontes excelentes, decorado com minérios dourados, e possuidor do esplendor dos raios lunares, e tendo muitas cidades e províncias. E ele também viu muitos mares de formas admiráveis e diversas minas de riqueza. E assim passando pelo céu e o firmamento e a terra, ele alcançou o lugar chamado Vishnupada. E vagando, com Krishna em sua companhia, ele desceu com grande velocidade, como uma flecha disparada (de um arco). E logo Partha viu uma montanha brilhante cujo esplendor igualava aquele dos planetas, das constelações, ou do fogo. E chegando naquela montanha, ele viu em seu topo o deus de grande alma tendo o touro como sua marca, e sempre engajado em penitências ascéticas, como mil sóis reunidos, e resplandecendo com sua própria refulgência. Tridente na mão, madeixas emaranhadas na cabeça, de cor branca como a neve, ele estava vestido em cascas de árvore e peles. Dotado de grande energia, seu corpo parecia estar flamejando com mil olhos. E ele estava sentado

com Parvati e muitas criaturas de formas brilhantes (em volta dele). E seus servidores estavam empenhados em cantar e tocar instrumentos musicais, em rir e dançar, em mover e esticar suas mãos, e em proferir gritos altos. E o lugar era perfumado com odores fragrantes, e Rishis que veneravam Brahma adoravam com hinos excelentes de glória imorredoura aquele Deus que é o protetor de todas as criaturas, e maneja o arco (formidável chamado Pinaka). Contemplando-o, Vasudeva de alma honrada, com Partha, tocou o chão com sua cabeça, proferindo as palavras eternas do Veda. E Krishna adorou, com palavras, mente, intelecto e ações, aquele Deus que é a primeira fonte do universo, ele mesmo incriado, o senhor supremo de glória imorredoura, que é a mais elevada causa da mente, que é o espaço e o vento, que é a causa de todos os corpos luminosos (no firmamento), que é o criador da chuva, e a suprema substância primordial da terra, que é o objeto de adoração para os deuses, os Danavas, os Yakshas, e seres humanos; que é o Brahma supremo que é visto por Yogins e o refúgio daqueles conhecedores dos Shastras, que é o criador de todas as criaturas móveis e imóveis, e seu destruidor também; que é a Ira que queima tudo no fim do Yuga; que é a alma suprema; que é Sakra e Surya, e a origem de todos os atributos. E Krishna procurou a proteção daquele Bhava, a quem os homens de conhecimento, desejosos de alcançar aquilo que é chamado de sutil e espiritual, contemplam; aquele incriado é a alma de todas as causas. E Arjuna repetidamente adorou aquela Divindade, sabendo que ele era a origem de todas as criaturas e a causa do passado, do futuro, e do presente. Vendo aqueles dois, Nara e Narayana, chegados, Bhava de alma alegre, disse a eles sorridente, 'Vocês são bem vindos, ó principais dos homens! Se levantem e que a fadiga da sua viagem acabe. Qual, ó heróis, é o desejo em seu coração? Que ele seja proferido rapidamente. Qual é o propósito que trouxe vocês para cá? Eu irei realizá-lo e farei o que beneficiará vocês. Eu darei tudo o que vocês possam desejar.' Ouvindo aquelas palavras do deus, os dois se levantaram. E então com mãos unidas, os impecáveis Vasudeva e Arjuna, ambos de grande sabedoria, começaram a gratificar aquela divindade de grande alma com um hino excelente. E Krishna e Arjuna disseram, 'Nós reverenciamos Bhava, Sarva, Rudra, a divindade concessora de bênçãos. Nós reverenciamos o senhor de todas as criaturas dotadas de vida, o deus que é sempre feroz, a ele que se chama Kapardin! Nós reverenciamos Mahadeva, Bhima, a ele de três olhos, a ele que é paz e contentamento. Nós nos curvamos a Isana, a ele que é o destruidor do sacrifício (de Daksha). Saudações ao matador de Andhaka, ao pai de Kumara, a ele que é de garganta azul, a ele que é o criador. Saudações ao manejador do Pinaka, a ele digno da oferta de libações de manteiga clarificada, a ele que é a verdade, a ele que permeia a tudo, a ele que é invicto! A ele que tem sempre madeixas azuis, a ele que está armado com o tridente, a ele que é de visão celestial! A ele que é Hotri, a ele que protege todos, a ele que tem três olhos, a ele que é doença, a ele cuja semente vital caiu no fogo! A ele que é inconcebível, a ele que é o senhor de Amvika, a ele que é adorado por todos os deuses! A ele que tem o touro como seu símbolo, a ele que é audacioso, a ele que tem madeixas emaranhadas, a ele que é um Brahmacharin! A ele que permanece como um asceta na água, a ele que é devotado a Brahma, a ele que nunca foi vencido! A ele que é a alma do universo, a ele que é o criador do universo, a ele que vive permeando o universo inteiro! Nós reverenciamos a ti que

és o objeto da reverência de todos, a ti que és a causa original de todas as criaturas! A ti que és chamado Brahmachakra, a ti que és chamado Sarva, Sankara, e Siva! Nós reverenciamos a ti que és o senhor de todos os grandes seres! Nós reverenciamos a ti que tens mil cabeças, a ti que tens mil braços, a ti que és chamado Morte! A ti que tens mil olhos, mil pernas! A ti cujas ações são inumeráveis! Nós reverenciamos a ti cuja cor é aquela do ouro, a ti que estás envolvido em armadura dourada, a ti que és sempre compassivo para teus devotos! Ó senhor, que nosso desejo seja realizado!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo adorado Mahadeva nesses termos, Vasudeva com Arjuna então começou a gratificá-lo para obter a arma (formidável chamada Pasupata).'"

81

"Sanjaya disse, 'Então Partha, com a alma alegre e mão unidas e olhos arregalados (de admiração), fitou o deus que tem o touro como seu símbolo e que é o receptáculo de toda energia. E ele viu as oferendas que ele fazia toda noite para Vasudeva colocadas ao lado da divindade de três olhos. O filho de Pandu então, mentalmente reverenciando ambos Krishna e Sarva, disse ao último, 'Eu desejo (obter) a arma celeste.' Ouvindo essas palavras de Partha desejando o benefício que ele procurava, o deus Siva disse sorridente para Vasudeva e Arjuna, 'Bem vindos, ó principais dos homens! Eu conheço o desejo nutrido por vocês, e o propósito pelo qual vocês vieram aqui. Eu darei a vocês o que vocês desejam. Há um lago celeste cheio de Amrita, não longe desse local, ó matadores de inimigos! Lá foram guardados algum tempo atrás aquele meu arco e flechas celestes. Com eles eu matei em batalha todos os inimigos dos deuses. Traga para cá, ó Krishna, aquele arco excelente com flecha fixada nele.' Ouvindo essas palavras de Siva, Vasudeva com Arjuna respondeu, 'Assim seja.' E então acompanhados por todos os servidores de Siva, aqueles dois heróis partiram para aquele lago celeste que possuía centenas de maravilhas celestiais, aquele lago sagrado, capaz de conceder todos os objetos, o qual o deus, tendo o touro como seu símbolo, tinha indicado a eles. E para aquele lago, os Rishis Nara e Narayana (Arjuna e Vasudeva) foram destemidamente. E tendo alcançado aquele lago, brilhante como o disco do sol, Arjuna e Achyuta viram dentro de suas águas uma cobra terrível. E eles viram lá outra mais notável das cobras, que tinha mil cabeças. E possuidora da refulgência do fogo, aquela cobra estava vomitando chamas ardentes. Então Krishna e Partha tendo tocado a água, juntaram suas mãos, e se aproximaram daquelas cobras, tendo se curvado ao deus que tem o touro como sua marca. E conforme eles se aproximavam das cobras, conhecedores como eles eram dos Vedas, eles proferiam as cem estâncias do Veda, para o louvor de Rudra, enquanto reverenciavam com suas almas sinceras Bhava de poder imensurável. Então aquelas duas cobras terríveis, pelo poder daquelas adorações a Rudra, abandonaram suas formas de cobra e assumiram as formas de um arco e flecha matadores de inimigos. Satisfeitos (com o que eles viram), Krishna e Arjuna então pegaram aquele arco e flecha de grande refulgência. E aqueles heróis de grande

alma então os levaram e os deram para o ilustre Mahadeva. Então de um dos lados do corpo de Siva saiu um Brahmacharin de olhos castanhos. E ele parecia ser o refúgio do ascetismo. De garganta azul e madeixas vermelhas, ele era dotado de grande poder. Pegando aquele melhor dos arcos aquele Brahmacharin permaneceu colocando (ambos, o arco e seus pés devidamente). E fixando a flecha na corda do arco, ele começou a esticar o último devidamente. Vendo a sua maneira de pegar o cabo do arco e puxar a corda e de colocar seus pés, e ouvindo também os Mantras proferidos por Bhava, o filho de Pandu, de destreza inconcebível, aprendeu tudo devidamente. O poderoso e pujante Brahmacharin então disparou aquela flecha naquele mesmo lago. E ele mais uma vez jogou aquele arco também naquele mesmo lago. Então Arjuna de boa memória sabendo que Bhava estava satisfeito com ele, e lembrando também do benefício que o último tinha dado a ele na floresta, e da visão também que ele lhe deu de sua pessoa, mentalmente nutriu o desejo, 'Que tudo isso venha a ser produtivo de resultado!' Compreendendo que esse era seu desejo, Bhava, satisfeito com ele, lhe deu a bênção. E o deus também concedeu a ele a terrível arma Pasupata e o cumprimento de seu voto. Então tendo dessa maneira obtido mais uma vez a arma Pasupata do deus supremo, o invencível Arjuna, com cabelos arrepiados, considerou seu propósito como já realizado. Então Arjuna e Krishna cheios de alegria, prestaram suas adorações ao grande deus por curvarem suas cabeças. E permitidos por Bhava ambos Arjuna e Kesava, aqueles dois heróis, voltaram quase imediatamente para seu próprio acampamento, cheios de êxtases de alegria. De fato, sua alegria era tão grande quanto aquela de Indra e Vishnu quando aqueles dois deuses, desejosos de matar Jambha, obtiveram a permissão de Bhava, aquele matador de grandes Asuras.'"

82

"Sanjaya disse, 'Enquanto Krishna e Daruka estavam conversando daquela maneira, aquela noite, ó rei, passou. (Quando amanheceu), o rei Yudhishthira se levantou de sua cama. Paniswanikas e Magadhas e Madhuparkikas e Sutas, gratificaram aquele touro entre homens (com canções e música). E dançarinos começaram sua dança, e cantores de voz agradável a cantar suas doces canções repletas dos louvores da linhagem Kuru. E músicos hábeis, bem treinados (em seus respectivos instrumentos), tocaram Mridangas e Jharjharas e Bheris, e Panavas, e Anakas, e Gomukhas, e Adamvaras, e conchas, e Dundubhis de som alto, e diversos outros instrumentos. Aquele barulho alto, profundo como o ribombar das nuvens, tocava os próprios céus. E isso despertou aquele principal dos reis, Yudhishthira, de seu sono. Tendo dormido tranquilamente em sua cama excelente e cara, o rei despertou.

E o monarca, levantando-se de sua cama, procedeu ao banheiro para realizar aquelas ações que eram absolutamente necessárias. Então cento e oito empregados, vestidos de branco, eles mesmos banhados, e todos jovens, se aproximaram do rei com muitos jarros dourados cheios até a borda. Sentado comodamente em um assento real, vestido em um tecido fino, o rei se banhou em

vários tipos de água fragrante com sândalo e purificada com Mantras. Seu corpo foi esfregado por empregados fortes e bem treinados com água na qual diversas espécies de ervas medicinais tinham sido embebidas. Ele então se lavou com água adhivasha tornada fragrante por várias substâncias odoríferas. Pegando então um pedaço comprido de tecido (para a cabeça) que era tão branco quanto as penas do cisne, e que tinha sido mantido solto diante dele, o rei o amarrou em volta de sua cabeça para secar a água. Cobrindo seu corpo então com pasta de sândalo excelente, e usando guirlandas florais, e se vestindo em mantos limpos, o monarca de braços fortes sentou-se com rosto em direção ao leste, e suas mãos unidas. Seguindo o caminho dos justos, o filho de Kunti então mentalmente disse suas orações. E então com grande humildade ele entrou na câmara na qual o fogo ardente (para culto) era mantido. E tendo reverenciado o fogo com feixes de madeira sagrada e com libações de manteiga clarificada santificada com Mantras, ele saiu do aposento. Então aquele tigre entre homens, entrando em uma segunda câmara, viu lá muitos touros entre os Brahmanas bem familiarizados com os Vedas. E eles eram todos autocontrolados, purificados pelo estudo dos Vedas e por votos. E todos eles tinham passado pelo banho na conclusão de sacrifícios realizados por eles. Adoradores do Sol, eles numeravam um mil. E, além deles, lá havia também oito mil outros da mesma classe. E o filho de braços fortes de Pandu, tendo feito eles proferirem, em vozes distintas, bênçãos agradáveis, por fazer presentes a eles de mel e manteiga clarificada e frutas auspiciosas da melhor espécie, deu a cada um deles um nishka de ouro, cem corcéis enfeitados com ornamentos, e mantos caros e outros presentes semelhantes que eram agradáveis para eles. E fazendo para eles também presentes de vacas que produziam leite toda vez que tocadas, com bezerros e tendo seus chifres enfeitados com ouro e seus cascos com prata, o filho de Pandu os circungirou. E então vendo e tocando Suásticas repletas de aumento de boa sorte, e Nandyavartas feitos de ouro, e guirlandas florais, vasos de água e fogo brilhante, e recipientes cheios de arroz seco ao sol e outros artigos auspiciosos, e o pigmento amarelo preparado da urina da vaca, e donzelas auspiciosas e bem enfeitadas, e coalhos e manteiga clarificada e mel, e aves auspiciosas e diversas outras coisas consideradas sagradas, o filho de Kunti entrou na câmara exterior. Então, ó de braços fortes, os servidores esperando naquela câmara trouxeram um assento excelente e valioso de ouro que era de uma forma circular. Enfeitado com pérolas e lápis lazúli, e coberto com um tapete muito caro sobre o qual estava espalhando outro tecido de textura fina, aquele assento era o trabalho manual do próprio artífice. Depois que monarca de grande alma tinha tomado seu assento, os empregados levaram para ele todos os seus ornamentos caros e brilhantes. O filho de grande alma de Kunti colocou aqueles ornamentos enfeitados com pedras preciosas, depois do que sua beleza se tornou tanta a ponto de aumentar a aflição de seus inimigos. E quando os empregados começaram a abaná-lo com rabos brancos de iaque da refulgência brilhante da lua e todos providos de cabos de ouro, o rei parecia resplandecente como uma massa de nuvens carregada com relâmpago. E bardos começaram a cantar seus louvores, e panegiristas proferiram seus elogios. E cantores começaram a cantar para aquele alegrador da linhagem de Kuru, e num momento as vozes dos panegiristas aumentaram para um barulho alto. E então foi ouvido o estrépito de rodas de carro, e o passo de cascos de

cavalos. E por causa daquele barulho se misturando com tilintar de sinos de elefantes e o clangor de conchas e o passo de homens, a própria terra parecia tremer. Então um dos ordenanças encarregado das portas, equipado em armadura, jovem, enfeitado com brincos, e com sua espada dependurada ao seu lado, entrando no aposento particular, ajoelhou-se no chão, e saudando com (uma inclinação de) sua cabeça o monarca que merecia toda adoração, relatou para aquele filho nobre e de grande alma de Dharma que Hrishikesa estava esperando para ser introduzido. Então aquele tigre entre homens, tendo ordenado seus empregados, 'Que um assento excelente e um Arghya sejam mantidos preparados para ele,' fez ele da linhagem de Vrishni ser introduzido e sentado em um assento caro. E dirigindo-se a Madhava com as perguntas usuais de boas vindas, o rei Yudhishthira o justo reverenciou Kesava devidamente.'"

83

"Sanjaya disse, 'Então o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, saudou o filho de Devaki Janardana, e alegremente dirigiu-se a ele dizendo, 'Tu passaste a noite tranquilamente, ó matador de Madhu? Todas as tuas percepções estão claras, ó tu de glória imorredoura?' Vasudeva também fez perguntas similares a Yudhishthira. Então o ordenança chegou e relatou que os outros guerreiros Kshatriya estavam esperando para serem introduzidos. Mandado pelo rei, o homem introduziu aquela multidão de heróis, consistindo em Virata e Bhimasena e Dhrishtadyumna e Satyaki, e Dhrishtaketu, o soberano dos Chedis, e os poderosos guerreiros em carros Drupada e Sikhandin, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Chekitana, e o soberano dos Kalikayas, e Yuyutsu, da linhagem de Kuru, e Uttamaujas dos Panchalas, e Yudhamanyu, e Suvahu, e os (cinco) filhos de Draupadi. Esses e muitos outros Kshatriyas, se aproximando daquele touro de grande alma entre os Kshatriyas, sentaram-se em assentos excelentes. Aqueles heróis poderosos e de grande alma de grande esplendor, isto é, Krishna e Yuyudhana, sentaram os dois no mesmo assento. Então na audição deles todos, Yudhishthira se dirigiu ao matador de olhos de lótus de Madhu, e disse a ele essas palavras gentis: 'Confiando somente em ti, nós, como a divindade celestial de mil olhos, procuramos vitória em batalha e felicidade eterna. Tu estás ciente, ó Krishna, da privação de nosso reino, nosso exílio nas mãos do inimigo, e de todas as nossas diversas misérias. Ó senhor de todos, ó tu que és compassivo para aqueles que são devotados a ti, de ti depende totalmente a felicidade de nós todos e nossa própria existência, ó matador de Madhu! Ó tu da linhagem de Vrishni, faça aquilo pelo qual meu coração possa sempre repousar em ti! Faça também aquilo, ó Senhor, pelo qual o voto declarado de Arjuna possa ser realizado. Ó, salve-nos hoje desse oceano de aflição e raiva. Ó Madhava, torne-te hoje um navio para nós que estamos desejosos de cruzar (aquele oceano). Os guerreiros em carros desejosos de matar o inimigo não podem, em batalha, fazer aquilo (para o êxito de seu objetivo) que, ó Krishna, o motorista do carro pode fazer, se ele se esforçar cuidadosamente. Ó Janardana, como tu sempre salvaste os Vrishnis em todas as calamidades, assim mesmo cabe a ti nos salvar dessa desgraça, ó de braços

fortes! Ó portador da concha, disco, e maça, resgate os filhos de Pandu afundados no oceano Kuru insondável e sem navio, por te tornares um navio para eles. Eu me curvo a ti, ó Deus do senhor dos deuses, ó tu que és eterno, ó Destruidor supremo, ó Vishnu, ó Jishnu, ó Hari, ó Krishna, ó Vaikuntha, ó melhor de seres masculinos! Narada te descreveu como aquele antigo e melhor dos Rishis (chamado Narayana) que dá benefícios, que porta o arco Saranga, e que é o mais notável de todos. Ó Madhava, faça verdadeiras aquelas palavras.' Assim endereçado no meio daquela assembléia pelo rei Yudhishthira o justo, Kesava, aquele principal dos oradores, respondeu para Yudhishthira em uma voz profunda como aquela de nuvens carregadas com chuva, dizendo, 'Em todos os mundos incluindo aquele dos celestiais não há nenhum arqueiro igual a Dhananjaya, o filho de Pritha! Possuidor de grande energia, educado em armas, de grande destreza e grande força, célebre em batalha, sempre colérico, e de energia formidável, Arjuna é o mais notável dos homens. Jovem em idade, de pescoço de touro, e de braços longos, ele é dotado de força magnífica. Caminhando como um leão ou um touro, e muito belo ele matará todos os teus inimigos. Como relação a mim mesmo, eu farei aquilo pelo qual Arjuna, o filho de Kunti, possa ser capaz de consumir as tropas do filho de Dhritarashtra como uma conflagração que se expande. Nesse mesmo dia, Arjuna irá, por meio de flechas, despachar aquele canalha vil de atos pecaminosos, aquele matador do filho de Subhadra, (Jayadratha), para aquela estrada da qual nenhum viajante retorna. Hoje urubus e falcões e chacais furiosos e outras criaturas carnívoras se alimentarão de sua carne. Ó Yudhishthira, mesmo se todos os deuses com Indra se tornarem seus protetores hoje, Jayadratha ainda irá, morto no centro da batalha, se dirigir para a capital de Yama. Tendo matado o soberano dos Sindhus, Jishnu virá a ti (à noite). Dissipe tua aflição e a ansiedade (do teu coração), ó rei, e seja agraciado com prosperidade.'"

84

"Sanjaya disse, 'Enquanto Yudhishthira, Vasudeva, e outros estavam assim conversando, Dhananjaya chegou lá, desejoso de ver aquele principal da família de Bharata, ou seja, o rei, como também seus amigos e benquerentes. Depois que ele tinha entrado naquele aposento auspicioso e tendo saudado ele devidamente, tinha tomado sua posição diante do rei, aquele touro entre os Pandavas, (o rei Yudhishthira), se levantando de seu assento, abraçou Arjuna com grande afeto. Cheirando sua cabeça e o abraçando com seus braços, o rei abençoou-o entusiasticamente. E dirigindo-se a ele sorridente, ele disse, 'É evidente, ó Arjuna, que a vitória completa certamente te espera em batalha, julgando pelo teu semblante (radiante e alegre como ele está), e pelo fato que Janardana está bem satisfeito contigo.' Então Jishnu relatou para ele aquele incidente muito extraordinário, dizendo, 'Abençoado sejas tu, ó monarca, eu, pela graça de Kesava, vi uma coisa esplêndida.' Então Dhananjaya relatou tudo o que ele tinha visto, sobre seu encontro com o deus de três olhos, para assegurar seus amigos. Então os ouvintes, cheios de admiração, inclinaram suas cabeças até o chão. E reverenciando o deus que tem o touro como sua marca, eles disseram, 'Excelente, Excelente!' Então todos os amigos e simpatizantes (dos Pandavas), mandados

pelo filho de Dharma, rapidamente e cuidadosamente procederam para a batalha, seus corações cheios de raiva (contra o inimigo). Saudando o rei, Yuyudhana e Kesava e Arjuna saíram alegremente da residência de Yudhishthira. E aqueles dois guerreiros invencíveis, aqueles dois heróis, isto é, Yuyudhana, e Janardana, procederam juntos no mesmo carro para o pavilhão de Arjuna. Chegando lá, Hrishikesa, como um quadrigário (por profissão), começou a equipar aquele carro que tinha a marca do príncipe dos macacos e pertencente àquele principal dos guerreiros em carros (Arjuna). E aquele principal dos carros, do esplendor de ouro aquecido, e de estrépito parecendo o rugido profundo das nuvens, equipado (por Krishna), resplandecia brilhantemente como o sol da manhã. Então aquele tigre entre homens, (Vasudeva), vestido em armadura informou Partha, que tinha terminado suas orações matinais, do fato que seu carro tinha sido devidamente equipado. Então aquele mais notável dos homens nesse mundo, (Arjuna) enfeitado com diadema, vestido em armadura dourada, com seu arco e flechas na mão, circungirou aquele carro. E adorado e abençoado com bênçãos sobre vitória por Brahmanas, maduros em penitências ascéticas e conhecimento e idade, sempre dedicados ao desempenho de ritos e sacrifícios religiosos, e tendo suas paixões sob controle, Arjuna então subiu naquele carro esplêndido, aquele veículo excelente, o qual tinha sido anteriormente santificado com mantras capazes de dar vitória em batalha, como Surya de raios ardentes subindo a montanha do leste. E aquele principal dos guerreiros em carros enfeitado com ouro, por causa daqueles ornamentos dourados dele, (brilhava) em seu carro como Surya de esplendor ardente no leito de Meru. Depois que Partha, Yuyudhana e Janardana subiram naquele carro, (eles pareciam) com os gêmeos Aswins viajando no mesmo carro com Indra quando indo para o sacrifício de Saryati. Então Govinda, aquele mais notável dos quadrigários, pegou as rédeas (dos cavalos de batalha), como Matali pegando as rédeas dos corcéis de Indra, quando o último foi lutar para matar Vritra. Sobre aquele melhor dos carros com aqueles dois amigos, aquele matador de grandes grupos de inimigos, Partha, procedeu para executar a morte do soberano dos Sindhus, como Soma surgindo (no céu) com Budha e Sukra, para destruir a escuridão da noite, ou como Indra procedendo com Varuna e Surya para a grande batalha (com os Asuras) ocasionada pelo sequestro de Taraka (a esposa de Vrihaspati). Os bardos e músicos gratificaram o heróico Arjuna, conforme ele prosseguia, com o som de instrumentos musicais e hinos auspiciosos de bom presságio. E as vozes dos panegiristas e dos bardos proferindo bênçãos de vitória e desejando bom dia, se misturando com os sons de instrumentos musicais, tornou-se gratificante para aqueles heróis. E uma brisa propícia, repleta de fragrância, soprou de trás de Partha, alegrando-o e absorvendo as energias de seus inimigos. E naquela hora, ó rei, muitos presságios auspiciosos de vários tipos apareceram à vista, indicando vitória para os Pandavas e derrota para teus guerreiros, ó majestade! Observando aquelas indicações de vitória, Arjuna, dirigindo-se ao grande arqueiro Yuyudhana à sua direita, disse essas palavras: 'Ó Yuyudhana, na batalha de hoje minha vitória parece ser certa, já que, ó touro da raça Sini, todos esses presságios (auspiciosos) são vistos. Eu irei, portanto, para onde o soberano dos Sindhus espera pela (exposição da) minha energia e na expectativa de se dirigir para as regiões de Yama. De fato, como a morte do soberano dos Sindhus é um dos meus deveres mais imperativos, assim mesmo a

proteção do rei Yudhishthira o justo é outra das minhas obrigações mais imperativas. Ó tu poderosamente armado, seja tu hoje o protetor do rei. Tu irás protegê-lo assim como eu mesmo o protejo. Eu não vejo a pessoa no mundo que seja capaz de te derrotar. Tu és, em batalha, igual ao próprio Vasudeva. O próprio chefe dos celestiais é incapaz de te vencer. Colocando esse encargo sobre ti, ou sobre aquele poderoso guerreiro em carro Pradyumna, eu posso, ó touro entre homens, sem ansiedade matar o soberano dos Sindhus. Ó tu da linhagem de Satwata, nenhuma ansiedade precisa ser nutrida por minha causa. Com todo teu coração tu deves proteger o rei. Lá onde Vasudeva de braços fortes está, e onde eu mesmo estou, sem dúvida, o menor perigo para ele ou para mim nunca pode acontecer.' Assim endereçado por Partha, Satyaki, aquele matador de heróis hostis, respondeu dizendo, 'Assim seja.' E então o último procedeu para o local onde o rei Yudhishthira estava.'"

85

(Jayadratha-Vadha Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Depois da morte de Abhimanyu quando chegou o dia seguinte, o que os Pandavas, atormentados pela dor e tristeza fizeram? Quem entre meus guerreiros lutou com eles? Conhecendo, como eles conheciam, as realizações de Savyasachin, ó, diga-me, como os Kauravas puderam, tendo cometido tal crime, permanecer destemidos? Como eles puderam em batalha se arriscar até a olhar para aquele tigre entre homens (Arjuna), quando ele avançou como a própria Morte todo-destrutiva em fúria, queimando com aflição por conta da morte de seu filho? Vendo aquele guerreiro tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, aquele herói aflito por causa da morte de seu filho vibrando seu arco gigantesco em batalha, o que meus guerreiros fizeram? O que, ó Sanjaya, aconteceu a Duryodhana? Uma grande tristeza nos dominou hoje. Eu não ouço mais os sons de alegria. Aqueles sons encantadores, muito agradáveis para os ouvidos, que eram antigamente ouvidos na residência do rei Sindhu, ai, aqueles sons não são mais ouvidos hoje. Ai, no acampamento de meus filhos, os sons de inúmeros bardos e panegiristas cantando seus louvores, e de danças não são mais ouvidos. Antigamente, tais sons costumavam atingir meus ouvidos incessantemente. Ai, como eles estão mergulhados em tristeza eu não ouço mais aqueles sons proferidos (em seu acampamento). Antigamente, ó Sanjaya, enquanto sentado na residência de Somadatta que era devotado à verdade, eu costumava ouvir tais sons encantadores. Ai, quão desprovido de mérito (religioso) eu sou, pois eu percebo que a residência de meus filhos hoje está ecoando com sons de pesar e lamentações e desprovida de todo barulho indicando vida e energia. Nas casas de Vivinsati, Durmukha, Chitrasena, Vikarna, e outros filhos meus, eu não ouço os sons que eu costumava ouvir antigamente. Aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Drona, que era o refúgio de meus filhos, a ele Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, e um grande número de discípulos costumavam servir, que tinha prazer dia e noite em discussões controversas, em

conversas, em palestras, na música agitada de diversos instrumentos, e em vários tipos de canções encantadoras, que era adorado por muitas pessoas entre os Kurus, os Pandavas, e os Satwatas, ai, ó Suta, na residência daquele filho de Drona nenhum som pode ser ouvido como antigamente. Cantores e dançarinos costumavam, em um grande número, atender cuidadosamente aquele arqueiro poderoso, o filho de Drona. Ai, seus sons não podem mais ser ouvidos em sua residência. Aquele barulho alto o qual se erguia no acampamento de Vinda e Anuvinda toda noite, ai, aquele barulho não é mais ouvido lá. Nem no campo dos Kaikeyas aquele som alto de canções e batida de palmas podem ser ouvidos hoje, os quais seus soldados, envolvidos em dança e festança, costumavam fazer. Aqueles sacerdotes competentes na realização de sacrifícios que costumavam servir o filho de Somadatta, aquele refúgio de ritos escriturais, ai, seus sons não podem mais ser ouvidos. A vibração da corda de arco, os sons de recitação Védica, o zunido de lanças e espadas, e estrépito de rodas de carro, costumavam ser ouvidos incessantemente na residência de Drona. Ai, aqueles sons não podem mais ser ouvidos lá. Aquele volume de canções de diversos reinos, aquele barulho alto de instrumentos musicais, os quais costumavam se elevar lá, ai, eles não podem mais ser ouvidos hoje. Quando Janardana de glória imorredoura veio de Upaplavya, desejoso de paz, por compaixão por todas as criaturas, eu então, ó Suta, disse para o perverso Duryodhana: 'Obtendo Vasudeva como os meios, faça as pazes com os Pandavas, ó filho! Eu penso que chegou a hora (de fazer as pazes). Ó Duryodhana, não desobedeça minha ordem. Se tu colocares Vasudeva de lado, que agora te pede pela paz e se dirige a ti para o meu bem, tu nunca terás vitória em batalha.' Duryodhana, no entanto, deixou de lado ele da linhagem de Dasarha, aquele touro entre todos os arqueiros, que então falava o que era para o bem de Duryodhana. Por isto, ele adotou o que era calamitoso para si mesmo. Apanhado pela própria Morte, aquele meu filho de alma pecaminosa, rejeitando meus conselhos, seguiu aqueles de Duhsasana e Karna. Eu mesmo não aprovei o jogo de dados. Vidura não o aprovou. Nem soberano dos Sindhus, nem Bhishma; nem Salya; nem Bhurisravas; nem Purumitra; nem Jaya; nem Aswatthaman; nem Kripa; nem Drona, ó Sanjaya! Se meu filho tivesse se comportado segundo os conselhos destas pessoas, ele teria então, com seus parentes e amigos, vivido para sempre em felicidade e paz. 'De fala agradável e encantadora sempre dizendo o que é agradável em meio a seus parentes, nobres de nascimento, amados por todos, e possuidores de sabedoria, os filhos de Pandu estão certos de obter felicidade. O homem que lança seu olhar na justiça, sempre e em todo lugar obtém felicidade. Tal homem depois da morte ganha benefícios e honra. Possuidores de poder suficiente, os Pandavas merecem desfrutar de metade da terra. A terra cercada pelos mares é tanto sua posse ancestral (como dos Kurus). Possuidores de soberania, os Pandavas nunca se desviarão do caminho da justiça. Ó filho, eu tenho parentes à cuja voz os Pandavas irão sempre escutar, tais, por exemplo, como Salya, Somadatta, Bhishma de grande alma, Drona, Vikarna, Valhika, Kripa, e outros entre os Bharatas que são ilustres e veneráveis em idade. Se eles falarem a eles em teu em nome os Pandavas certamente agirão segundo aquelas recomendações benéficas. Ou, quem entre estes, tu pensas, pertence ao partido deles que falará com eles de outra maneira? Krishna nunca abandonará o caminho da retidão. Os Pandavas são todos

obedientes a ele. Palavras de retidão faladas por mim também, aqueles heróis nunca desobedecerão, pois os Pandavas são todos de alma íntegra.' Lamentando de modo comovente, ó Suta, eu falei essas e muitas palavras semelhantes para meu filho. Tolo como ele é, ele não me escutou! Eu acho que tudo isso é a influência danosa do Tempo! Lá onde Vrikodara e Arjuna estão, e o herói Vrishni, Satyaki, e Uttamaujas dos Panchalas, e o invencível Yudhamanyu, e o irreprimível Dhrishtadyumna, e o invicto Sikhandin, os Asmakas, os Kekayas, e Kshatradharman dos Somakas, o soberano dos Chedis, e Chekitana, e Vibhu, o filho do soberano de Kasi, os filhos de Draupadi, e Virata e o poderoso guerreiro em carro Drupada, e aqueles tigres entre homens, isto é, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e o matador de Madhu para oferecer conselho, quem nesse mundo lutaria com eles, esperando viver? Quem mais, além disso, há, exceto Duryodhana, e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e Duhsasana como seu quarto, pois eu não vejo o quinto que se arriscaria a resistir a meus inimigos enquanto os últimos exibem suas armas celestes? Eles que tem o próprio Vishnu em seu carro, vestido em armadura e com rédeas nas mãos, eles que tem Arjuna como seu guerreiro, eles nunca podem ter derrota! Duryodhana agora não se lembra daquelas minhas lamentações? O tigre entre homens, Bhishma, tu disseste, foi morto. Eu penso que, vendo os resultados das palavras proferidas por Vidura que enxerga longe, meus filhos estão agora lamentando! Eu acho que vendo seu exército subjugado pelo neto de Sini e Arjuna, vendo os terraços de seus carros vazios, meus filhos estão lamentando. Como um incêndio que se expande incitado pelos ventos consome uma pilha de grama seca no fim do inverno, assim mesmo Dhananjaya consumirá minhas tropas. Ó Sanjaya, tu és hábil em narração. Me conte tudo o que ocorreu depois daquele grande mal ter sido feito para Partha à noite. Quando Abhimanyu foi morto, qual se tornou o estado de suas mentes? Tendo, ó filho, ofendido imensamente o manejador do Gandiva, meus guerreiros são incapazes de resistir em batalha às realizações dele. Quais medidas foram decididas por Duryodhana e quais por Karna? O que também Duhsasana e o filho de Suvala fizeram? Ó Sanjaya, ó filho, aquilo que tem acontecido em batalha a todos os meus filhos reunidos é certamente devido às más ações do perverso Duryodhana, que segue no caminho da avareza, que é de mente má, cujo juízo está pervertido pela ira, que cobiça soberania, que é insensato, e que está privado de razão pela raiva. Diga-me, ó Sanjaya, quais medidas foram então adotadas por Duryodhana? Elas foram precipitadas ou judiciosas?'"

86

"Sanjaya disse, 'Eu te contarei tudo, pois tudo foi testemunhado por mim com meus próprios olhos. Ouça calmamente. Grande é teu erro. Assim como um dique é inútil depois que as águas (do campo) fluíram para longe, assim mesmo, ó rei, são inúteis essas tuas lamentações! Ó touro da raça Bharata, não sofra. Admiráveis são os decretos do Destruidor, eles não podem ser contrariados. Não te aflija, ó touro da raça Bharata, pois isso não é novo. Se tu tivesses antigamente reprimido Yudhishthira, o filho de Kunti, e teus filhos também da partida de dados,

essa calamidade então nunca teria te acontecido. Se, além disso, quando chegou a hora da batalha, tu tivesses reprimido ambos os partidos inflamados pela ira, essa calamidade então nunca teria te acontecido. Se, também, tu tivesses antigamente incitado os Kurus a matarem o desobediente Duryodhana, então essa calamidade nunca teria te acontecido. (Se tu tivesses feito alguma dessas ações), os Pandavas, os Panchalas, os Vrishnis, e os outros reis então nunca teriam conhecido tua teimosia. Se, além disso, fazendo teu dever como um pai, tu tivesses, por colocar Duryodhana no caminho da retidão, feito ele caminhar por ele, então essa calamidade nunca teria te acontecido. Tu és o homem mais sábio sobre a terra. Abandonando a virtude eterna, como tu pudesses seguir os conselhos de Duryodhana e Karna e Sakuni? Essas tuas lamentações, portanto, ó rei, que eu ouço, de ti que és apegado à riqueza (mundana), me parecem ser mel misturado com veneno. Ó monarca, antigamente Krishna não respeitava o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, ou Drona, tanto quanto ele costumava te respeitar. Quando, no entanto, ele veio a te conhecer como alguém decaído dos deveres de um rei, desde então Krishna parou de te considerar com respeito. Teus filhos endereçaram várias palavras duras em direção aos filhos de Pritha. Tu foste indiferente àquelas palavras então, ó tu que controlas soberania, por teus filhos. A consequência daquela tua indiferença agora te alcançou. Ó impecável, a soberania ancestral está agora em perigo. (Se isso não é assim), obtenha agora a terra inteira subjugada pelos filhos de Pritha. (Pois ou os Pandavas tirarão teu reino ou te tornarão governante dele inteiro depois de matarem teus filhos. Ambas essas alternativas serão dolorosas para ti.) O reino que os Kurus desfrutam, como também sua fama foram adquiridos pelos Pandus. Os filhos virtuosos de Pandu contribuíram para aquele reino e aquela fama. Aquelas realizações, no entanto, deles se tornaram improdutivas de resultados (para eles) quando eles entraram em contato contigo, já que eles foram privados até de seu reino ancestral pela tua pessoa cobiçosa. Agora, ó rei, quando a batalha começou, tu criticas teus filhos indicando diversos erros deles. Isso não é apropriado. Os Kshatriyas, enquanto lutando, não cuidam de suas próprias vidas. De fato, aqueles touros entre os Kshatriyas lutam, penetrando na formação de combate dos Parthas. Quem mais, de fato, salvo os Kauravas, se arriscariam a lutar com aquele exército que é protegido por Krishna e Arjuna, por Satyaki e Vrikodara? Com eles que tem Arjuna como seu guerreiro, com eles que tem Janardana como seu conselheiro, com eles que tem Satyaki e Vrikodara como seus protetores, qual arqueiro mortal ousaria lutar, salvo os Kauravas e aqueles que estão seguindo sua liderança? Tudo o que é capaz de ser realizado por reis amigos dotados de heroísmo e cumpridores dos deveres de Kshatriyas, tudo aquilo está sendo feito pelos guerreiros no lado Kaurava. Ouça agora, portanto, tudo o que aconteceu na terrível batalha entre aqueles tigres entre homens, os Kurus e os Pandavas.'"

87

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, começou a organizar todas as suas divisões para a batalha. Diversos sons eram ouvidos, ó monarca, de heróis zangados gritando em fúria e desejosos de matar uns aos outros. E alguns esticavam seus arcos, e alguns esfregavam com suas mãos as cordas de seus arcos. E tomando fôlegos profundos, muitos deles gritavam, dizendo, 'Onde está aquele Dhananjaya?' E alguns começaram a jogar para cima (e agarrar novamente) suas espadas descobertas, inflexíveis, bem temperadas, da cor do céu, possuidoras de gume excelente, e equipadas com punhos belos. E bravos guerreiros, desejosos de lutar, aos milhares, eram vistos realizando as evoluções de espadachins e arqueiros, com habilidade adquirida pela prática. Alguns girando suas maças enfeitadas com sinos, untadas com pasta de sândalo, e adornadas com ouro e diamantes perguntavam pelos filhos de Pandu. Alguns embriagados com orgulho de força, e possuidores de braços massivos, obstruíam o firmamento com suas clavas com pontas que pareciam (uma floresta de) hastes erguidas em honra de Indra. Outros, todos bravos guerreiros, adornados com belas guirlandas de flores, desejosos de lutar, ocupavam diversas partes do campo, armados com diversas armas. 'Onde está Arjuna? Onde está aquele Govinda? Onde está o orgulhoso Bhima? Onde também estão aqueles aliados deles?' Assim mesmo eles os chamaram em batalha. Então soprando sua concha e ele mesmo incitando os cavalos à grande velocidade, Drona se movimentou com grande celeridade, organizando suas tropas. Depois que todas aquelas divisões que se deleitavam em batalha tinham tomado suas posições, o filho de Bharadwaja, ó rei, disse essas palavras para Jayadratha: 'Tu mesmo, o filho de Somadatta, o poderoso guerreiro em carro Karna, Aswatthaman, Salya, Vrishasena e Kripa, com cem mil cavalos, sessenta mil carros, quatorze mil elefantes com têmporas fendidas, vinte e um mil soldados a pé vestidos em armadura tomem sua posição atrás de mim na distância de doze milhas. Lá os próprios deuses com Vasava em sua chefia não serão capazes de te atacar, o que dizer, portanto, dos Pandavas? Fique confortado, ó soberano dos Sindhus.' Assim endereçado (por Drona), Jayadratha, o soberano dos Sindhus, ficou encorajado. E ele procedeu ao local indicado por Drona, acompanhado por muitos guerreiros Gandhara, e cercado por aqueles grandes guerreiros em carros, e com muitos soldados de infantaria vestidos em armadura, preparados para lutar vigorosamente e armados com laços. Os corcéis de Jayadratha, bem hábeis em levar a carruagem estavam todos, ó monarca, enfeitados com rabos de iaque e ornamentos de ouro. E sete mil corcéis semelhantes, e três mil outros corcéis da raça Sindhu estavam com ele.'"

"Teu filho Durmarshana, desejoso de lutar, posicionou-se na dianteira de todas as tropas, acompanhado por mil e quinhentos elefantes enfurecidos e de tamanho tremendo vestidos em armadura e de feitos ferozes, e todos guiados por condutores de elefantes bem treinados. Teus dois outros filhos, Duhsasana e Vikarna, tomaram sua posição em meio às divisões de avanço do exército, para a realização dos objetivos de Jayadratha. A ordem de batalha que o filho de

Bharadwaja formou, parte Sakata e parte um círculo, tinha quarenta e oito milhas completas de comprimento e a largura de sua parte traseira media vinte milhas. O próprio Drona formou aquela ordem de batalha com inúmeros reis valentes, posicionados com ela, e inúmeros carros e corcéis e elefantes e soldados de infantaria. Na retaguarda daquela ordem de batalha havia outra formação de combate impenetrável em forma de lótus. E dentro daquele lótus havia outra ordem de batalha densa chamada de agulha. Tendo formado sua ordem de batalha dessa maneira, Drona tomou sua posição. Na boca daquela agulha, o grande arqueiro Kritavarman tomou sua posição. Ao lado de Kritavarman, ó majestade, estava o soberano dos Kamvojas e Jalasandha. Ao lado desses estavam Duryodhana e Karna. Atrás deles centenas e milhares de heróis que não recuavam estavam posicionados naquele Sakata para proteger sua dianteira. Atrás deles todos, ó monarca, e cercado por uma tropa vasta, estava o rei Jayadratha colocado em um lado daquela ordem de batalha em forma de agulha. Na entrada do Sakata, ó rei, estava o filho de Bharadwaja. Atrás de Drona estava o chefe dos Bhojas, que o protegia. Vestido em armadura branca, com excelente proteção para a cabeça, de peito largo e braços fortes, Drona permanecia esticando seu arco grande, como o próprio Destruidor em cólera. Contemplando o carro de Drona o qual era ornado com um estandarte belo e tinha um altar sacrifical vermelho e uma pele de veado preta, os Kauravas estavam cheios de alegria. Vendo aquela ordem de batalha formada por Drona, a qual parecia o próprio oceano em agitação, os Siddhas e os Charanas estavam cheios de admiração. E todas as criaturas pensaram que aquela ordem de batalha devoraria a terra inteira com suas montanhas e mares e florestas, e cheia de diversas coisas. E o rei Duryodhana, observando aquela formação de combate poderosa na forma de um Sakata, cheia de carros e homens e corcéis e elefantes, rugindo terrivelmente e de forma admirável, e capaz de partir os corações de inimigos, começou a se regozijar.'"

88

"Sanjaya disse, 'Depois que as divisões do exército Kuru tinham sido (assim) organizadas, e um tumulto alto, ó majestade, tinha se erguido; depois que baterias e Mridangas começaram a ser batidas e tocadas, depois do rumor dos guerreiros e do barulho de instrumentos musicais terem se tornado audíveis; depois que conchas começaram a ser sopradas, e um rugido terrível tinha se elevado, de arrepiar os cabelos; depois que o campo de batalha tinha sido coberto lentamente pelos heróis Bharata desejosos de lutar; e depois que a hora chamada Rudra tinha começado, Savyasachin fez seu aparecimento. Muitos milhares de corvos e gralhas, ó Bharata, procederam alegres na frente do carro de Arjuna. Vários animais de gritos terríveis, e chacais de visão inauspiciosa, começaram a gritar e uivar à nossa direita quando nós fomos para a batalha. Milhares de meteoros ardentes caíram com grande barulho. A terra inteira tremeu naquela ocasião terrível. Ventos secos sopraram em todas as direções, acompanhadas por trovão, e impelindo seixos duros e cascalho quando o filho de Kunti chegou no começo da batalha. Então o filho de Nakula, Satanika, e Dhrishtadyumna, o filho de Pritha,

aqueles dois guerreiros possuidores de grande sabedoria, organizaram as várias divisões dos Pandavas. Então teu filho Durmarshana, acompanhado por mil carros, cem elefantes, três mil heróis, e dez mil soldados a pé, e cobrindo uma área que media o comprimento de quinze centenas de arcos, tomou sua posição na própria vanguarda de todas as tropas, e disse: 'Como o continente resistindo ao mar agitado, assim eu hoje resistirei ao manejador do Gandiva, aquele opressor de inimigos, aquele guerreiro que é irresistível em batalha. Que as pessoas hoje vejam o colérico Dhananjaya ir de encontro a mim, como uma massa de pedra contra outra massa pedregosa. Ó guerreiros em carros que estão desejosos de lutar, permaneçam (como testemunhas). Sozinho eu lutarei com todos os Pandavas reunidos, para aumentar minha honra e fama.' Aquele teu filho nobre e de grande alma, aquele grande arqueiro dizendo isso, ficou lá cercado por muitos grandes arqueiros. Então, como o próprio Destruidor em cólera, ou o próprio Vasava armado com o trovão, ou a própria Morte irresistível armada com sua clava e incitada pelo Tempo, ou Mahadeva armado com o tridente e incapaz de ser frustrado, ou Varuna portando seu laço, ou o fogo ardente no fim do Yuga surgido para destruir a criação, o matador dos Nivatakavachas inflamado com fúria e cheio de poder, o sempre vitorioso Jaya, dedicado à verdade e desejoso de realizar seu grande voto, vestido em armadura e armado com espada, enfeitado com diadema dourado, adornado com guirlandas de flores brancas e vestido em mantos brancos, seus braços enfeitados com belos Angadas e orelhas com brincos excelentes, sobre seu próprio principal dos carros, (o encarnado) Nara, acompanhado por Narayana, vibrando seu Gandiva em batalha, resplandecia brilhantemente como o sol nascente. E Dhananjaya de grande destreza, colocando seu carro, ó rei, na própria dianteira de seu exército, onde as mais densas chuvas de flechas iriam cair, soprou sua concha. Então Krishna também, ó majestade, soprou destemidamente com grande força a principal das conchas chamada Panchajanya como Partha soprou a dele. E por causa do clangor das conchas, todos os guerreiros no teu exército, ó monarca, tremeram e perderam o ânimo. E seus cabelos se eriçaram por causa daquele som. Como as criaturas são oprimidas pelo medo ao som do trovão, assim mesmo todos os teus guerreiros se assustaram por causa do clangor daquelas conchas. E todos os animais expeliram urina e fezes. Teu exército inteiro com seus animais ficou cheio de ansiedade, ó rei, e por causa do clangor daquelas (duas) conchas, todos os homens, ó majestade, perderam sua força. E alguns entre eles, ó monarca, foram inspirados com pavor, e alguns perderam seus sentidos. E o macaco no estandarte de Arjuna, abrindo sua boca larga, fez um barulho tremendo com as outras criaturas nele, para apavorar tuas tropas. Então conchas e chifres e pratos e Anakas foram mais uma vez soprados e batidos para encorajar teus guerreiros. E aquele barulho se misturou com o barulho de diversos (outros) instrumentos musicais, com os gritos de guerreiros e os tapas em seus braços, e com os rugidos leoninos proferidos por grandes guerreiros em carros em convocar e desafiar (seus antagonistas). Quando aquele alvoroço tumultuoso se ergueu lá, um tumulto que aumentou os medos dos tímidos, o filho de Pakasana, cheio de grande alegria, dirigindo-se a ele da linhagem de Dasarha, disse (essas palavras).'"

"Arjuna disse, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, para onde Durmarshana está. Atravessando aquela divisão de elefantes eu irei penetrar no exército hostil.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Savyasachin, Kesava de braços fortes incitou os corcéis para onde Durmarshana estava. Violento e terrível foi o combate que começou lá entre um e muitos, um combate que veio a ser muito destrutivo de carros e elefantes e homens. Então Partha, parecendo uma nuvem torrencial, cobriu seus inimigos com chuvas de flechas, como uma massa de nuvens derramando chuva no leito da montanha. Os guerreiros em carros hostis também, mostrando grande agilidade de mão, rapidamente cobriram ambos Krishna e Dhananjaya com nuvens de flechas. O poderosamente armado Partha, então, assim resistido em batalha por seus inimigos, ficou cheio de ira, e começou a cortar com suas flechas as cabeças de guerreiros em carros de seus troncos. E a terra ficou coberta com belas cabeças enfeitadas com brincos e turbantes, os lábios inferiores mordidos pelos (dentes) superiores, e os rostos adornados com olhos perturbados com raiva. De fato, as cabeças espalhadas dos guerreiros pareciam resplandecentes como um grupo de lotos arrancado e esmagado jazendo espalhado sobre o campo. Cotas de malha dourada tingidas com sangue (espalhadas abundantemente sobre o campo), pareciam com massas de nuvens carregadas com relâmpago. O som, ó rei, de cabeças cortadas caindo no chão, parecia aquele de frutas de palmeira maduras no devido tempo; troncos sem cabeça surgiam, alguns com arco na não, e alguns com espadas descobertas erguidas no ato de golpear. Aqueles bravos guerreiros incapazes de suportar os feitos de Arjuna e desejosos de subjugá-lo, não tinham percepção precisa de quando suas cabeças eram cortadas por Arjuna. A terra ficou coberta com cabeças de cavalos, trombas de elefantes, e os braços e pernas de guerreiros heróicos. 'Esse é Partha', 'Onde está Partha?' 'Aqui está Partha!' Assim mesmo, ó rei, os guerreiros do teu exército ficaram cheios com a idéia de Partha somente. Privados de sua razão pelo Tempo, eles consideraram o mundo inteiro como estando cheio de Partha somente, e portanto, muitos deles pereceram, golpeando uns aos outros, e alguns batiam até em si mesmos. Proferindo gritos de dor, muitos heróis, cobertos com sangue, privados de seu juízo, e em grande agonia, se prostravam no chão, chamando seus amigos e parentes. Braços, segurando flechas curtas, ou lanças, ou dardos, ou espadas, ou machados de batalha, ou estacas pontudas, ou cimitarras, ou arcos, ou arpões, ou flechas, ou maças, e equipados em armadura e enfeitados com Angadas e outros ornamentos, e parecendo com cobras grandes, e semelhantes a clavas enormes, cortados (de troncos) com armas poderosas, eram vistos saltar em volta, e se moverem continuamente, com grande força, como se furiosos. Cada um entre aqueles que avançaram colericamente contra Partha em batalha pereceu, perfurado em seu corpo com algumas flechas fatais daquele herói. Enquanto dançando em seu carro conforme ele se movia, e esticando seu arco, ninguém lá podia descobrir a menor oportunidade para atingi-lo. A rapidez com a qual ele pegava suas flechas, as fixava no arco, e as disparava surpreendeu todos os seus inimigos. De fato Phalguna, com suas flechas, perfurou elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros, guerreiros em carros e motoristas de carros. Não houve ninguém entre seus inimigos, ficando na frente dele ou lutando em batalha, ou se

movendo de forma circular, a quem o filho de Pandu não matou. Como o sol nascendo no céu destrói a densa escuridão, assim mesmo Arjuna destruiu aquela tropa de elefantes por meio de suas flechas aladas com plumas Kanka. O campo ocupado por tuas tropas, por causa de elefantes fendidos caídos sobre ele, parecia com a terra coberta com enormes colinas na hora da dissolução universal. Como o sol do meio-dia é incapaz de ser olhado por todas as criaturas, assim mesmo Dhananjaya, excitado com cólera, era incapaz de ser olhado, em batalha, por seus inimigos. As tropas do teu filho, ó castigador de inimigos, atormentadas (pelas flechas de Dhananjaya), se dividiram e fugiram com medo. Como uma massa de nuvens perfurada e afastada por um vento poderoso, aquele exército foi rompido e desbaratado por Partha. Ninguém de fato podia fitar o herói enquanto ele estava massacrando o inimigo. Incitando seus corcéis à grande velocidade por meio de esporas, pelos cornos de seus arcos, por rugidos profundos, por ordens encorajadoras, por chicotes, por cortes em seus flancos, e por palavras ameaçadoras, teus homens, isto é, tua cavalaria e teus guerreiros em carros, como também teus soldados de infantaria, atingidos pelas flechas de Arjuna, fugiram do campo. Outros (montados em elefantes), fugiram incitando aqueles animais enormes por apertarem seus flancos com seus ganchos, e muitos guerreiros atingidos pelas flechas de Partha, ao fugirem, corriam contra o próprio Partha. De fato, teus guerreiros então ficaram todos desanimados e suas mentes estavam todas confusas.'"

89

"Dhritarashtra disse, 'Quando a dianteira do meu exército assim massacrada por (Arjuna) enfeitado com diadema se dividiu e fugiu, quem foram aqueles heróis que avançaram contra Arjuna? (Algum deles realmente lutou com Arjuna, ou) todos, abandonando sua determinação entraram na formação de combate Sakata, ficando atrás do destemido Drona, parecendo uma parede sólida?'"

"Sanjaya disse, 'Quando o filho de Indra Arjuna, ó impecável, começou, com suas flechas excelentes, a dividir e matar incessantemente aquela nossa tropa, muitos heróis foram mortos ou, ficando desanimados, fugiram. Ninguém naquela batalha era capaz nem de olhar para Arjuna. Então, teu filho Duhsasana, ó rei, vendo aquele estado das tropas, ficou cheio de raiva e avançou contra Arjuna para lutar. Aquele herói de destreza impetuosa, equipado com uma bela cota de malha, feita de ouro, e sua cabeça coberta com um turbante decorado com ouro, fez Arjuna ser cercado por uma grande tropa de elefantes que parecia capaz de devorar a terra inteira. Com o som dos sinos dos elefantes, o clangor de conchas, a vibração de cordas de arco, e os grunhidos dos elefantes, a terra, os pontos do horizonte, e o firmamento, pareciam estar totalmente cheios. Aquele período de tempo se tornou feroz e ameaçador. Contemplando aqueles animais enormes com trombas estendidas cheios de fúria e avançando rapidamente em direção a ele, como montanhas aladas incitadas adiante com ganchos, Dhananjaya, aquele leão entre homens, proferindo um grito leonino, começou a perfurar e a matar aquela tropa de elefantes com suas flechas. E como um Makara penetrando no vasto

oceano, subindo e descendo em ondas elevadas quando agitado pela tempestade, (Arjuna) enfeitado com diadema penetrou naquela hoste de elefantes. De fato, Partha, aquele subjugador de cidades hostis, era então visto por todos em toda parte parecendo o sol ardente que se eleva, violando a regra a respeito de direção e hora, no dia da destruição universal. E por causa do som de cascos dos cavalos, estrépito de rodas de carros, dos gritos de combatentes, do som de cordas de arco, do barulho de diversos instrumentos musicais, do clangor de Panchajanya e Devadatta, e do rugido do Gandiva, homens e elefantes ficavam abatidos e privados de seus sentidos. E homens e elefantes foram partidos por Savyasachin com suas flechas cujo toque parecia aquele de cobras de veneno virulento. E aqueles elefantes, naquela batalha, tinham seus corpos completamente perfurados com flechas, numerando milhares sobre milhares disparadas do Gandiva. Enquanto eram assim mutilados por (Arjuna) enfeitado com diadema, eles proferiam barulhos altos e caíam incessantemente no chão como montanhas desprovidas de suas asas. Outros atingidos na mandíbula, ou globos frontais, ou têmporas com flechas longas, proferiam gritos parecidos com aqueles de grous. O enfeitado com diadema (Arjuna) começou a cortar, com suas flechas retas as cabeças de guerreiros colocados nos pescoços de elefantes. Aquelas cabeças enfeitadas com brincos, caindo constantemente na terra, pareciam uma multidão de lotos que Partha estava requerendo para uma oferta para seus deuses. E enquanto os elefantes vagavam sobre o campo, muitos guerreiros eram vistos pendendo de seus corpos, privados de armadura, afligidos com ferimentos, cobertos com sangue, e parecendo com quadros pintados. Em alguns casos, dois ou três guerreiros, perfurados por uma flecha alada com belas penas e bem disparada (de Gandiva), caíam no chão. Muitos elefantes profundamente perfurados com flechas longas, caíam, vomitando sangue de suas bocas, com os condutores em suas costas, como colinas cobertas com florestas caindo por causa de alguma convulsão da natureza. Partha, por meio de suas flechas retas, cortava em fragmentos as cordas de arcos, estandartes, arcos, cangas, e flechas dos guerreiros em carros contrários a ele. Ninguém podia notar quando Arjuna pegava suas flechas, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele puxava a corda, e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que Partha parecia dançar em seu carro com seu arco incessantemente esticado a um círculo. Elefantes, profundamente perfurados com flechas compridas e vomitando sangue de suas bocas, caíam, logo que eles eram atingidos, no solo. E no meio daquela grande carnificina, ó monarca, inúmeros troncos sem cabeça eram vistos em pé. Braços, com arcos em punho, ou cujos dedos estavam envolvidos em luvas de couro, segurando espadas, ou decorados com Angadas e outros ornamentos de ouro, cortados de troncos, eram vistos jazendo espalhados. E o campo de batalha estava coberto com inúmeros Upashkaras e Adhishthanas, e flechas, e coroas, rodas de carro esmagadas, e Akshas quebrados, e cangas, e guerreiros armados com escudos e arcos, e guirlandas florais, e ornamentos e mantos e estandartes caídos. E por causa daqueles elefantes e cavalos mortos, e dos corpos caídos de Kshatriyas, a terra lá assumiu um aspecto medonho. As tropas de Duhsasana, assim massacradas, ó rei, pelo enfeitado com diadema (Arjuna), fugiram. Seu próprio líder estava em grande aflição, pois Duhsasana, muito afligido por aquelas flechas, dominado pelo

medo entrou com sua divisão na formação Sakata, procurando Drona como seu salvador.'"

90

"Sanjaya disse, 'Massacrando a tropa de Duhsasana, o poderoso guerreiro em carro, Savyasachin, desejoso de alcançar o soberano dos Sindhus, procedeu contra a divisão de Drona. Tendo se aproximado de Drona que estava posicionado na entrada da formação de combate, Partha, a pedido de Krishna uniu suas mãos e disse essas palavras para Drona: 'Me deseje bem, ó Brahmana, e me abençoe, dizendo Swasti! Pela tua graça, eu desejo penetrar nessa ordem de batalha impenetrável. Tu és para mim assim como meu pai, ou como o rei Yudhishthira o justo, ou mesmo como Krishna! Eu te digo isso realmente, ó senhor, ó impecável! Assim como Aswatthaman merece ser protegido por ti, eu também mereço ser protegido por ti, ó principal dos regenerados! Pela tua graça, ó mais notável dos homens, eu desejo matar o soberano dos Sindhus em batalha. Ó senhor, cuide para que meu voto seja concluído.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por ele, o preceptor, sorrindo, respondeu dizendo, 'Ó Vibhatsu, sem me derrotar, tu não serás capaz de vencer Jayadratha.' Dizendo isso a ele, Drona, com um sorriso o cobriu com chuvas de setas afiadas, como também seu carro e corcéis e estandarte e quadrigário. Então, Arjuna desviando as chuvas de flechas de Drona com suas próprias flechas, avançou contra Drona, disparando flechas mais poderosas e terríveis. Cumpridor dos deveres Kshatriya, Arjuna então perfurou Drona naquela batalha com nove setas. Cortando as flechas de Arjuna com suas próprias flechas, Drona então perfurou ambos Krishna e Arjuna com muitas flechas que pareciam veneno ou fogo, então, enquanto Arjuna estava pensando em cortar o arco de Drona com suas setas, o último, dotado de grande bravura, destemidamente e rapidamente cortou com flechas a corda do arco do ilustre Phalguna. E ele também perfurou os corcéis de Phalguna e estandarte e quadrigário. E o heróico Drona cobriu o próprio Phalguna com muitas setas, sorrindo. Enquanto isso, encordoando seu arco grande de novo, Partha, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com armas, levando vantagem sobre seu preceptor, rapidamente disparou seiscentas flechas como se ele tivesse pegado e disparado uma única flecha. E mais uma vez ele disparou setecentas outras setas, e então mil flechas incapazes de serem resistidas, e dez mil outras setas. Todas essas mataram muitos guerreiros da formação de combate de Drona. Profundamente perfurados com aquelas armas pelo poderoso e ilustre Partha, conhecedor de todos os modos de guerra, muitos homens e corcéis e elefantes caíram privados de vida. E guerreiros em carros, afligidos por aquelas flechas, caíram de seus principais dos carros, privados de cavalos e estandartes e desprovidos de armas e vida. E elefantes caíram como topos de colinas, ou massas de nuvens, ou casas grandes, soltos, dispersos, ou incendiados pelo raio, ou pelo vento, ou fogo. Atingidos pelas flechas de Arjuna, milhares de corcéis caíram como cisnes no leito de Himavat, derrubados pela força da corrente aquosa. Como o Sol que se eleva no fim do

Yuga, secando completamente com seus raios vastas quantidades de água, o filho de Pandu, com suas chuvas de armas e setas, matou um vasto número de guerreiros em carros e corcéis e elefantes e soldados a pé. Então como as nuvens cobrindo o sol, a nuvem Drona, com suas chuvas de flechas, cobriu o sol Pandava, cujos raios na forma de chuvas grossas de flechas estavam chamuscando em batalha os principais entre os Kurus. E então o preceptor atingiu Dhananjaya no peito com uma flecha comprida disparada com grande força e capaz de beber o sangue vital de todo inimigo. Então Arjuna, privado de força, tremeu em todos os seus membros, como uma colina durante um terremoto. Logo, no entanto, recuperando fortaleza, Vibhatsu perfurou Drona com muitas flechas aladas. Então Drona atingiu Vasudeva com cinco setas. E ele atingiu Arjuna com setenta e três setas, e seu estandarte com três. Então, ó rei, o heróico Drona levando a melhor sobre seu discípulo, num piscar de olhos fez Arjuna invisível por meio de suas chuvas de flechas. Nós então vimos as flechas do filho de Bharadwaja caindo em linhas contínuas, e seu arco também era visto apresentar o aspecto extraordinário de estar constantemente estirado a um círculo. E aquelas flechas incontáveis, e aladas com as penas Kanka, disparadas por Drona naquela batalha, caíam incessantemente, ó rei, em Dhananjaya e Vasudeva. Contemplando então aquele combate entre Drona e o filho de Pandu, Vasudeva de grande inteligência começou a refletir sobre a realização da (importante) tarefa. Então Vasudeva, dirigindo-se a Dhananjaya, disse essas palavras: 'Ó Partha, ó tu de armas poderosas, nós não devemos perder tempo. Nós devemos prosseguir, evitando Drona, pois uma tarefa mais importante nos espera.' Em resposta Partha disse para Krishna, 'Ó Kesava, como tu quiseres!' Então mantendo o poderosamente armado Drona à sua direita, Arjuna procedeu adiante. Virando seu rosto, Vibhatsu procedeu, disparando suas flechas. Então Drona, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Para onde tu vais, ó filho de Pandu? Não é verdade que tu não paras (de lutar) até que tu tenhas derrotado teu inimigo?'"

"Arjuna respondeu, 'Tu és meu preceptor e não meu inimigo. Eu sou teu discípulo e, portanto, como teu filho. Não existe o homem no mundo inteiro que possa te derrotar em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Dizendo essas palavras, o poderosamente armado Vibhatsu, desejoso de matar Jayadratha, procedeu rapidamente contra as tropas (Kaurava). E enquanto ele penetrava no teu exército, aqueles príncipes de grande alma de Panchala, isto é, Yudhamanyu, e Uttamaujas, o seguiram como os protetores de suas rodas. Então, ó rei, Jaya, e Kritavarman da linhagem de Satwata, e o soberano dos Kamvojas, e Srutayus, começaram a resistir ao progresso de Dhananjaya. E eles tinham dez mil guerreiros em carros como seus seguidores. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Mavellakas, os Lilithyas, os Kaikeyas, os Madrakas, os Narayana Gopalas, e as várias tribos dos Kamvojas que tinham sido antes subjugadas por Karna, todas as quais eram consideradas como muito bravas, colocando o filho de Bharadwaja em sua dianteira, e se tornando indiferentes às suas vidas, avançaram em direção a Arjuna, para resistir àquele herói enfurecido, queimando com aflição por conta da morte de seu filho, aquele guerreiro parecendo a própria Morte todo-destrutiva,

vestido em armadura, conhecedor de todos os modos de guerra, preparado para sacrificar sua vida no centro da batalha, aquele arqueiro poderoso de destreza formidável, aquele tigre entre homens, que parecia um líder enfurecido de uma manada de elefantes, e que parecia disposto a devorar o exército hostil inteiro. A batalha então que começou foi muito violenta e de arrepiar os cabelos, entre todos aqueles combatentes de um lado e Arjuna do outro. E todos eles, se reunindo, começaram a resistir àquele touro entre homens, avançando para matar Jayadratha, como medicamentos resistindo a uma doença devastadora.'"

91

"Sanjaya disse, 'Detido por eles, aquele principal dos guerreiros em carros, Partha de grande poder e destreza, foi rapidamente perseguido por Drona. O filho de Pandu, no entanto, como doenças chamuscando o corpo, arruinou aquele exército, espalhando suas flechas afiadas e parecendo por conta disso o próprio sol espalhando seus inúmeros raios de luz. E cavalos de batalha foram perfurados, e carros com passageiros foram quebrados e mutilados, e elefantes foram derrubados. E guarda-sóis foram cortados e tirados do lugar, e veículos foram privados de suas rodas. E os combatentes fugiram para todos os lados, muito afligidos por flechas. Assim mesmo progrediu aquela batalha feroz entre aqueles guerreiros e Arjuna combatendo uns aos outros. Nada podia ser distinguido. Com suas flechas retas, Arjuna, ó monarca, fez o exército hostil tremer incessantemente. Firmemente dedicado à verdade, Arjuna então, de corcéis brancos desejoso de cumprir seu voto avançou contra o principal dos guerreiros em carros, ou seja, Drona de corcéis vermelhos. Então o preceptor, Drona, atingiu seu discípulo, o arqueiro poderoso Arjuna, com vinte e cinco flechas retas capazes de alcançar os próprios órgãos vitais. Nisso, Vibhatsu, aquele principal de todos os manejadores de armas, rapidamente avançou contra Drona, disparando flechas capazes de frustrar a força das flechas contrárias, disparadas nele. Chamando à existência então a arma Brahma, Arjuna, de alma incomensurável, desviou com suas flechas retas aquelas disparadas tão rapidamente nele por Drona. A habilidade que nós então vimos de Drona era extremamente admirável, já que Arjuna, embora jovem, e embora lutando vigorosamente, não pode perfurar Drona com uma única flecha. Como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva, a nuvem Drona derramou chuva sobre a montanha Partha. Possuidor de grande energia, Arjuna recebeu aquele aguaceiro de flechas, ó rei, por invocar a arma Brahma, e cortou todas aquelas flechas com suas próprias. Drona então afligiu Partha de corcéis brancos com vinte e cinco flechas. E ele atingiu Vasudeva com setenta setas no peito e braços. Partha então, de grande inteligência, sorrindo, resistiu ao preceptor naquela batalha que estava disparando incessantemente setas afiadas. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, enquanto assim atacados por Drona, evitaram aquele guerreiro invencível, que parecia o furioso fogo Yuga. Evitando aquelas flechas afiadas disparadas do arco de Drona, o filho enfeitado com diadema de Kunti, adornado com guirlandas de flores, começou a massacrar a hoste dos Bhojas. De fato, evitando o invencível

Drona que permanecia inalterável como a montanha Mainaka, Arjuna tomou sua posição entre Kritavarman e Sudakshina o soberano dos Kamvojas. Então aquele tigre entre homens, isto é, o soberano dos Bhojas, perfurou friamente aquele invencível e principal descendente de Kuru com dez flechas aladas com penas Kanka. Então Arjuna o perfurou, ó monarca, naquela batalha com cem setas. E novamente ele o perfurou com três outras setas, entorpecendo aquele herói da linhagem de Satwata. O soberano dos Bhojas então, dando risada, perfurou Partha e Vasudeva cada um com vinte e cinco flechas. Arjuna então, cortando o arco de Kritavarman, perfurou-o com vinte e uma setas parecendo chamas ardentes de fogo ou cobras zangadas de veneno virulento. Então Kritavarman, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando outro arco, perfurou Arjuna no peito, ó Bharata, com cinco setas. E mais uma vez ele perfurou Partha com cinco setas afiadas. Então Partha o atingiu em retorno no centro do peito com nove setas. Vendo o filho de Kunti impedido diante do carro de Kritavarman, ele da linhagem de Vrishni pensou que nenhum tempo deveria ser perdido. Então Krishna se dirigindo a Partha, disse, 'Não mostre qualquer piedade por Kritavarman! Desconsiderando teu relacionamento (com ele), subjugue-o e mate-o!' Então Arjuna, entorpecendo Kritavarman com suas flechas, procedeu, em seus corcéis velozes, para a divisão dos Kamvojas. Vendo Arjuna de corcéis brancos penetrar na tropa Kamvoja, Kritavarman ficou cheio de ira. Pegando seu arco com flechas fixadas nele, ele então enfrentou os dois príncipes Panchala. De fato, Kritavarman, com suas flechas resistiu àqueles dois príncipes Panchala quando eles avançaram, seguindo Arjuna para proteger suas rodas. Então Kritavarman, o soberano dos Bhojas, perfurou ambos com flechas afiadas, atingindo Yudhamanyu com três, e Uttamaujas com quatro. Aqueles dois príncipes em retorno o perfuraram cada um com dez setas. E mais uma vez, Yudhamanyu disparando três setas e Uttamaujas disparando três cortaram o arco e estandarte de Kritavarman. Então o filho de Hridika, pegando outro arco, e ficando enfurecido, privou ambos aqueles guerreiros de seus arcos e cobriu-os com flechas. Então aqueles dois guerreiros, pegando e encordoando dois outros arcos, começaram a perfurar Kritavarman. Enquanto isso Vibhatsu penetrava no exército hostil. Mas aqueles dois príncipes, resistidos por Kritavarman, não conseguiram entrar na hoste Dhritarashtra, embora aqueles touros entre homens lutassem vigorosamente. Então Arjuna de corcéis brancos rapidamente afligiu naquela batalha as divisões antagônicas a ele. Aquele matador de inimigos, no entanto, não matou Kritavarman embora ele o tivesse dentro do alcance. Vendo Partha procedendo daquela maneira, o bravo rei Srutayudha, cheio de cólera, avançou nele, vibrando seu arco grande. E ele perfurou Partha com três setas, e Janardana com setenta. E ele atingiu o estandarte de Partha com uma flecha muito afiada tendo uma cabeça como navalha. Então Arjuna, cheio de fúria perfurou profundamente seu adversário com noventa flechas retas, como (um condutor) atingindo um elefante poderoso com o gancho. Srutayudha, no entanto, ó rei, não pode tolerar aquele ato de destreza por parte do filho de Pandu. Ele perfurou Arjuna em retorno com setenta e sete flechas. Arjuna então cortou o arco de Srutayudha e então sua aljava, e furiosamente o atingiu no peito com sete flechas retas. Então, o rei Srutayudha, privado de sua razão pela ira, pegou outro arco e atingiu o filho de Vasava com nove flechas nos braços e peito do último. Então

Arjuna, aquele castigador de inimigos, dando risada, ó Bharata, afligiu Srutayudha com muitos milhares de setas. E aquele poderoso guerreiro em carro rapidamente matou também os corcéis e quadrigário do último. Dotado de grande força o filho de Pandu então perfurou seu inimigo com setenta flechas. Então o rei valente Srutayudha abandonando aquele carro sem cavalos, avançou naquele combate contra Partha, erguendo sua maça. O rei heróico Srutayudha era o filho de Varuna, tendo como sua mãe aquele rio poderoso de água fria chamado Parnasa. Sua mãe, ó rei, por causa de seu filho, tinha suplicado a Varuna dizendo, 'Que esse meu filho não possa ser morto sobre a terra.' Varuna, satisfeito (com ela), disse, 'Eu dou a ele uma bênção muito benéfica para ele, isto é, uma arma celeste, em virtude da qual esse teu filho não poderá ser morto sobre a terra por inimigos. Nenhum homem pode ter imortalidade. Ó mais notável dos rios, todos os que nasceram devem inevitavelmente morrer. Esse menino, no entanto, será sempre invencível por inimigos em batalha, pelo poder dessa arma. Portanto, que a ansiedade do teu coração seja dissipada.' Dizendo essas palavras, Varuna deu a ele, com mantras, uma maça. Obtendo aquela maça, Srutayudha tornou-se invencível sobre a terra. A ele, no entanto, o Senhor ilustre das águas disse outra vez, 'Essa maça não deve ser arremessada em alguém que não está empenhado em combate. Se arremessada em tal pessoa, ela voltará e cairá sobre ti mesmo. Ó menino ilustre, (se assim arremessada) ela irá então correr em uma direção oposta e matar a pessoa que a arremessou.' Parecia que quando sua hora chegasse, Srutayudha desobedeceria aquela injunção. Com aquela maça matadora de heróis ele atacou Janardana. O bravo Krishna recebeu aquela maça em um de seus ombros bem formados e fortes. Ela falhou em abalar Sauri, como o vento falhando em abalar a montanha Vindhya. Aquela maça, voltando para o próprio Srutayudha, atingiu aquele rei bravo e colérico que estava em seu carro, como uma ação mal executada de feitiçaria prejudicando o próprio realizador, e matando aquele herói caiu no chão. Vendo aquela maça voltar e Srutayudha morto, altos gritos de 'Ai' e 'Oh' ergueram-se lá entre as tropas, à visão de Srutayudha, aquele castigador de inimigos, morto por sua própria arma. E porque, ó monarca, Srutayudha tinha arremessado aquela maça em Janardana que não estava engajado em lutar ela matou ele que a tinha arremessado. E Srutayudha pereceu no campo, exatamente da maneira que Varuna tinha indicado. Carente de vida, ele caiu no chão diante dos olhos de todos os arqueiros. Enquanto caindo, aquele filho caro de Parnasa brilhou resplandecente como uma figueira alta com ramos espalhados quebrada pelo vento. Então todas as tropas e até todos os guerreiros principais fugiram, vendo Srutayudha, aquele castigador de inimigos, morto. Então, o filho do soberano dos Kamvojas, isto é, o bravo Sudakshina, avançou em seus corcéis velozes contra Phalguna, aquele matador de inimigos. Partha, então, ó Bharata, disparou sete flechas nele. Aquelas flechas atravessando o corpo daquele herói, entraram na terra. Profundamente perfurado por aquelas flechas disparadas do Gandiva em batalha, Sudakshina perfurou Arjuna em retorno com dez flechas aladas com penas Kanka. E perfurando Vasudeva com três flechas, ele mais uma vez perfurou Partha com cinco. Então, ó majestade, Partha, cortando o arco de Sudakshina, cortou o estandarte do último. E o filho de Pandu perfurou seu adversário com um par de flechas de cabeça larga de corte excelente. Sudakshina, no entanto, perfurando Partha mais uma vez com

três flechas, proferiu um grito leonino. Então o bravo Sudakshina, cheio de raiva, arremessou no manejador do Gandiva um dardo terrível feito totalmente de ferro e decorado com sinos. Aquele dardo brilhando como um meteoro grande, e emitindo faíscas de fogo, se aproximando daquele poderoso guerreiro em carro atravessou-o e caiu no chão. Profundamente atingido por aquele dardo e dominado por um desmaio, Arjuna logo se recuperou. Então aquele herói de energia poderosa, lambendo os cantos de sua boca, aquele filho de Pandu, de façanhas inconcebíveis, perfurou seu inimigo, junto com seus corcéis, estandarte, arco, e quadrigário, com quatorze flechas aladas com penas Kanka. Com outras setas, incontáveis em número, Partha então cortou o carro de Sudakshina em fragmentos. E então o filho de Pandu perfurou Sudakshina, o príncipe dos Kamvojas, cujo propósito e destreza tinham sido ambos frustrados, com uma flecha afiada no peito. Então o bravo príncipe dos Kamvojas, sua cota de malha cortada, seus membros enfraquecidos, seu diadema e Angadas tirados do lugar, caiu de cabeça para baixo, como um poste de Indra quando lançado de uma máquina. Como uma bela árvore Karnikara na primavera, crescendo graciosamente em um topo de montanha com ramos belos, jazendo sobre o solo quando arrancada pelo vento, o príncipe dos Kamvojas jazia na terra nua privado de vida, embora merecendo a cama mais cara, enfeitada com ornamentos caros. Belo, possuidor de olhos que eram de uma cor de cobre, e portando sobre sua cabeça uma coroa de ouro, dotada da refulgência do fogo, Sudakshina de braços fortes, o filho do soberano dos Kamvojas, derrubado por Partha com suas flechas, e jazendo no chão, privado de vida, parecia resplandecente como uma bela montanha com um topo plano. Então todas as tropas do teu filho fugiram, vendo Srutayudha, e Sudakshina o príncipe dos Kamvojas, mortos.'"

92

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Sudakshina e do heróico Srutayudha, ó monarca, teus guerreiros, cheios de ira, avançaram com velocidade em Partha. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis começaram, ó rei, a espalhar suas chuvas de flechas sobre Dhananjaya. O filho de Pandu então consumiu por meio de suas flechas seiscentos deles ao mesmo tempo. Nisso, aqueles guerreiros, apavorados, fugiram como animais menores de um tigre. Se reagrupando, eles mais uma vez cercaram Partha, que estava matando seus inimigos e subjugando eles em batalha. Dhananjaya então, com flechas disparadas do Gandiva, derrubou rapidamente as cabeças e braços dos combatentes que avançavam assim sobre ele. Nem uma polegada do campo de batalha não estava coberta com cabeças derrubadas, e os bandos de corvos e urubus e gralhas que pairavam por cima do campo pareciam formar uma cobertura nebulosa. Vendo seus homens assim exterminados, Srutayus e Achyutayus ambos se encheram de fúria. E eles continuaram a lutar vigorosamente com Dhananjaya. Dotados de grande poder, orgulhosos, heróicos, de linhagem nobre, e possuidores de força de braços, aqueles dois arqueiros, ó rei, desejosos de ganhar fama e desejosos, por teu filho, de executar a destruição de Arjuna, rapidamente derramaram sobre o último suas

torrentes de flechas de uma vez a partir de sua direita e esquerda. Aqueles heróis furiosos, com mil flechas retas, cobriram Arjuna como duas massas de nuvens enchendo um lago. Então aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Srutayus, cheio de cólera, atingiu Dhananjaya com uma lança bem temperada. Aquele opressor de inimigos, Arjuna, então, profundamente perfurado por seu inimigo poderoso, desmaiou naquela batalha, espantando Kesava também (por aquele ato). Enquanto isso, o poderoso guerreiro em carro Achyutayus atingiu com força o filho de Pandu com uma lança de ponta afiada. Por aquela ação ele pareceu despejar um ácido sobre o ferimento do filho de grande alma de Pandu. Profundamente perfurado com isso, Partha se sustentou por agarrar o mastro de bandeira. Então um grito leonino foi dado por todas as tropas, ó monarca, na crença de que Dhananjaya estava privado de vida. E Krishna também estava oprimido pela angústia ao ver Partha sem sentidos. Então Kesava confortou Dhananjaya com palavras calmantes. Então aqueles principais dos guerreiros em carros, (Srutayus e Achyutayus), de mira exata, despejando suas chuvas de flechas em todos os lados, naquela batalha, fizeram Dhananjaya e Vasudeva da linhagem de Vrishni invisíveis com seu carro e rodas de carro e Kuvaras, seus corcéis e mastro de bandeira e estandarte. E tudo isso parecia extraordinário. Enquanto isso, ó Bharata, Vibhatsu lentamente recuperou seus sentidos, como alguém voltando da própria residência do rei dos mortos. Vendo seu carro com Kesava submerso com flechas e vendo também aqueles dois antagonistas dele ficando na sua frente como dois fogos ardentes, o poderoso guerreiro em carro Partha então chamou à existência a arma que recebeu o nome de Sakra. Daquela arma fluíram milhares de flechas retas. E aquelas flechas atingiram Srutayus e Achyutayus, aqueles arqueiros poderosos. E as setas disparadas pelos últimos, rompidas por aquelas de Partha, percorreram o firmamento. E o filho de Pandu frustrando rapidamente aquelas setas pela força das suas próprias setas, começou a se movimentar rapidamente sobre o campo, enfrentando poderosos guerreiros em carros. Enquanto isso Srutayus e Achyutayus foram, pelas chuvas de flechas de Arjuna, privados de seus braços e cabeças. E eles caíram no chão, como um par de árvores altas quebradas pelo vento. E a morte de Srutayus e de Achyutayus criou surpresa igual àquela que os homens sentiriam à visão do oceano se tornando seco. Então matando cinquenta guerreiros em carros entre os seguidores daqueles dois príncipes, Partha procedeu contra o exército Bharata, matando muitos principais dos guerreiros. Vendo Srutayus e Achyutayus mortos, seus filhos, aqueles principais dos homens, Niyatayus e Dirghayus, ó Bharata, ambos cheios de ira, avançaram contra o filho de Kunti, espalhando flechas de diversos tipos, e muito atormentados pela calamidade que tinha acontecido a seus pais. Arjuna, excitado com raiva, num momento despachou os dois para a residência de Yama, por meio de flechas retas. E aqueles touros entre os Kshatriyas (que estavam no exército Kuru) eram incapazes de resistir a Partha que agitava as tropas Dhartarashtra como um elefante agitando as águas de um lago cheio de lotos. Então milhares de condutores de elefantes treinados entre os Angas, ó monarca, cheios de fúria, cercaram o filho de Pandu com sua tropa de elefantes. Instigados por Duryodhana, muitos reis também do oeste e do sul, e muitos outros encabeçados pelo soberano dos Kalingas, também cercaram Arjuna, com seus elefantes enormes como colinas. Partha no entanto, com flechas

disparadas do Gandiva, rapidamente cortou as cabeças e braços, enfeitados com ornamentos, daqueles combatentes que avançavam. O campo de batalha, coberto com aquelas cabeças e braços enfeitados com Angadas, parecia com pedras douradas rodeadas por cobras. E os braços cortados dos guerreiros, enquanto caíam, pareciam com aves caindo de árvores. E os elefantes, perfurados por milhares de setas e derramando sangue (de seus ferimentos), pareciam com colinas na estação das chuvas com greda vermelha liquefeita escorrendo por seus lados. Outros, mortos por Partha com flechas afiadas, jaziam prostrados no campo. E muitos Mlecchas nas costas de elefantes, de diversas espécies de formas feias, vestidos em diversos trajes, ó rei, e armados com diversos tipos de armas, e banhados em sangue, pareciam resplandecentes quando eles jaziam no campo, privados de vida por meio de diversos tipos de flechas. E milhares de elefantes junto com seus condutores e aqueles a pé que os incitavam para a frente, atingidos pelas flechas de Partha, vomitavam sangue, ou proferiam gritos de agonia, ou caíam, ou corriam desenfreadamente em todas direções. E muitos, extremamente assustados, pisaram e esmagaram seus próprios homens. E muitos que eram mantidos como reservas e que eram ferozes como cobras de veneno virulento, fizeram o mesmo. E muitos terríveis Yavanas e Paradas e Sakas e Valhikas, e Mlecchas nascidos da vaca (pertencente a Vasishtha), de olhos selvagens, hábeis em atacar parecendo com mensageiros de Morte, e todos familiarizados com os poderes enganosos dos Asuras e muitos Darvabhisaras e Daradas e Pundras numerando milhares, em bandos, e juntos formando uma tropa que era incontável, começaram a despejar suas flechas afiadas sobre o filho de Pandu. Educados em vários modos de guerra, aqueles Mlecchas cobriram Arjuna com suas flechas. Sobre eles, Dhananjaya também despejou rapidamente suas flechas. E aquelas flechas, disparadas do Gandiva, pareciam com bandos de gafanhotos, quando elas percorriam o céu. De fato, Dhananjaya, tendo com suas flechas feito uma sombra sobre as tropas como aquela das nuvens, matou, pela força de suas armas, todos os Mlecchas, com cabeças completamente raspadas ou metade raspadas ou cobertas com madeixas emaranhadas, impuros em hábitos, e de rostos tortos. Aqueles habitantes de colinas, perfurados por setas, aqueles habitantes de cavernas de montanha, fugiram amedrontados. E corvos e Kankas e lobos, com grande alegria, beberam o sangue daqueles elefantes e corcéis e seus condutores Mleccha derrubados no campo por Partha com suas flechas afiadas. De fato, Arjuna fez um rio aterrador fluir lá cuja corrente consistia em sangue. Soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes (mortos) constituíam seus diques. As chuvas de flechas despejadas constituíam suas balsas e os cabelos dos combatentes formavam seu musgo e ervas daninhas. E os dedos cortados dos braços de guerreiros formavam seus peixes pequenos. E aquele rio era tão terrível como a própria Morte no fim do Yuga. E aquele rio de sangue fluía para a região de Yama, e os corpos de elefantes mortos flutuando nele obstruíam sua corrente. E a terra estava completamente coberta com o sangue de Kshatriyas e de elefantes e corcéis e seus condutores, e de guerreiros em carros, e se tornou uma vastidão sangrenta semelhante à que é vista quando Indra derrama um aguaceiro pesado cobrindo regiões montanhosas e planícies do mesmo modo. E aquele touro entre os Kshatriyas despachou seis mil cavaleiros e também mil principais dos Kshatriyas naquela batalha para as mandíbulas da

morte. Milhares de elefantes bem equipados, perfurados com flechas, jaziam prostrados no campo, como colinas derrubadas pelo raio. E Arjuna se movia rapidamente sobre o campo, matando corcéis e guerreiros em carros e elefantes, como um elefante de têmporas fendidas esmagando uma floresta de juncos. Como um incêndio, impulsionado pelo vento, consome uma densa floresta de árvores e trepadeiras e plantas e madeira e grama secas, assim mesmo aquele fogo, isto é, o filho de Pandu Dhananjaya, tendo flechas como suas chamas e incitado adiante pelo vento Krishna, consumiu furiosamente a floresta de teus guerreiros. Tornando vazios os terraços de carros, e fazendo a terra ser coberta com corpos humanos, Dhananjaya parecia dançar com arco na mão, no meio daquelas vastas massas de homens. Inundando a terra com sangue por meio de suas flechas, dotado da força do trovão, Dhananjaya, excitado com cólera, penetrou na hoste Bharata. Enquanto assim procedendo, Srutayus, o soberano dos Amvashthas, resistiu a ele. Arjuna então, ó majestade, rapidamente derrubou com flechas afiadas providas de penas Kanka, os corcéis de Srutayus lutando em batalha. E cortando com outras flechas o arco também de seu adversário, Partha correu a toda velocidade sobre o campo. O soberano dos Amvashthas, então com olhos agitados em fúria, pegou uma maça e se aproximou do poderoso guerreiro em carro Partha e de Kesava também naquela batalha. Então aquele herói, erguendo sua maça, parou (o progresso do) carro (de Arjuna) com seus golpes, e atingiu Kesava também com ela. Então aquele matador de heróis hostis, Arjuna, vendo Kesava atingido por aquela maça, ficou cheio de fúria. E, então, ó Bharata, aquele herói, com suas flechas, equipadas com asas de ouro, cobriu o soberano dos Amvashthas, aquele principal dos guerreiros em carros, armado com maça, como nuvens cobrindo o sol. Com outras flechas, Partha então cortou a maça daquele guerreiro de grande alma em fragmentos, reduzindo-a quase a pó. E tudo isso pareceu muito extraordinário. Vendo aquela sua maça cortada em fragmentos, o soberano dos Amvashthas pegou outra maça enorme, e repetidamente atingiu ambos Arjuna e Kesava com ela. Então, Arjuna com um par de flechas afiadas de corte largo cortou os braços erguidos de Srutayus os quais seguravam a maça, aqueles braços que pareciam com um par de colunas de Indra, e com outra flecha alada ele cortou a cabeça daquele guerreiro. Assim morto, Srutayus caiu, ó rei, enchendo a terra com um barulho alto, como um alto pedestal de Indra quando as cordas, atando-o ao mecanismo sobre o qual ele está colocado, são cortadas. Cercado então por todos lados por círculos de carros e por centenas sobre centenas de elefantes e carros, Partha ficou invisível como o sol coberto com nuvens.'"

93

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de Kunti, impelido pelo desejo de matar o soberano dos Sindhus, tinha penetrado (na hoste Bharata) tendo atravessado as divisões irresistíveis de Drona e dos Bhojas, depois que o herdeiro do soberano dos Kamvojas, ou seja, o príncipe Sudakshina, tinha sido morto, depois que Savyasachin tinha matado o bravo Srutayudha também, depois que as tropas (Kuru) tinham fugido e confusão tinha se iniciado por todos os lados, teu filho,

vendo seu exército dividido, dirigiu-se até Drona. Indo rapidamente em seu carro em direção a Drona, Duryodhana disse: 'Aquele tigre entre homens (Arjuna), tendo subjugado essa hoste vasta já a atravessou. Ajudado por teu bom senso, pense agora no que deve ser feito em seguida para a morte de Arjuna em vista da carnificina terrível. Abençoado sejas tu, adote medidas para que aquele tigre entre homens não possa conseguir matar Jayadratha. Tu és nosso único refúgio. Como uma conflagração furiosa consumindo pilhas de grama e palha secas, o fogo Dhananjaya, impulsionado pelo vento de sua fúria, está consumindo a grama e palha constituídas por minhas tropas. Ó opressor de inimigos, vendo o filho de Kunti passar, tendo atravessado essa hoste, aqueles guerreiros que estão protegendo Jayadratha ficaram duvidosos (de sua habilidade para resistir a Partha). Ó principal daqueles conhecedores de Brahma, era a firme convicção dos reis que Dhananjaya nunca iria, com vida, ter êxito em ultrapassar Drona. Ó tu de grande esplendor, quando, no entanto, Partha atravessou tua divisão na tua própria vista, eu considero meu exército como sendo muito fraco. De fato, eu penso que eu não tenho tropas. Ó tu que és muito abençoado, eu sei que tu és dedicado ao bem-estar dos Pandavas. Eu perco minha razão, ó regenerado, em pensar no que deve ser feito. Com todas as minhas forças, eu também procuro te gratificar. Tu, no entanto, não tens tudo isso em mente. Ó tu de destreza imensurável, embora nós sejamos devotados a ti, tu porém nunca procuras nosso bem-estar. Tu estás sempre bem satisfeito com os Pandavas e sempre empenhado em nos fazer mal. Embora derivando teu sustento de nós, tu ainda estás engajado em nos fazer mal. Eu não estava ciente de que tu eras somente uma navalha imersa em mel. Se tu não tivesses me concedido o benefício acerca de humilhar e deter os Pandavas, eu nunca teria impedido o soberano dos Sindhus de voltar para seu próprio país. Tolo que eu sou, esperando proteção de ti, eu assegurei o soberano dos Sindhus, e por minha insensatez o ofereci como uma vítima para a morte. Um homem pode escapar, tendo entrado nas próprias mandíbulas da morte, mas não há fuga para Jayadratha uma vez que ele entre dentro do alcance das armas de Dhananjaya. Ó tu que possuis corcéis vermelhos, faça aquilo pelo qual o soberano dos Sindhus ainda possa ser salvo. Não ceda à ira ao ouvir os desvarios delirantes da minha pessoa afligida, ó, proteja o soberano dos Sindhus.'"

"Drona disse, 'Eu não critico tuas palavras. Tu és tão querido para mim como o próprio Aswatthaman. Eu te digo realmente. Aja, no entanto, agora de acordo com minhas palavras, ó rei! De todos os condutores de carros, Krishna é o principal. Seus corcéis são também os principais de sua espécie. Obtendo somente um espaço muito pequeno, Dhananjaya pode passar muito rapidamente através dele. Tu não vês que as flechas do ornado com diadema (Arjuna), incontáveis em número, disparadas de seu arco, estão caindo duas milhas completas atrás de seu carro conforme ele está prosseguindo? Carregado com o peso dos anos, eu sou agora incapaz de ir tão rápido. O exército inteiro dos Parthas, além disso, está agora cerrado em nossa dianteira. Yudhishthira também deve ser apanhado por mim. Esse mesmo, ó tu de armas poderosas, foi o voto feito por mim na presença de todos os arqueiros e no meio de todos os Kshatriyas. Ó rei, ele está agora na cabeça de suas tropas, abandonado por Dhananjaya. Eu não devo, portanto,

abandonando a entrada da nossa formação de combate, lutar com Phalguna. É apropriado que tu mesmo, devidamente protegido, lute com aquele inimigo teu, que está sozinho e que é teu igual em linhagem e façanhas. Não tenha medo. Vá e lute com ele. Tu és o soberano do mundo. Tu és um rei. Tu és um herói. Possuidor de renome, tu és talentoso em subjugar (teus inimigos). Ó bravo subjugador de cidades hostis, vá tu mesmo para aquele local onde Dhananjaya o filho de Pritha está.'"

"Duryodhana disse, 'Ó preceptor, como é possível para mim resistir a Dhananjaya que ultrapassou até a ti que és o mais notável de todos os manejadores de armas? O próprio chefe dos celestiais, armado com o trovão, é capaz de ser derrotado em batalha, mas Arjuna aquele subjugador de cidades hostis não pode ser vencido em batalha. Ele por quem o filho de Hridika (Kritavarman), o soberano dos Bhojas, e tu mesmo igual a um celestial, foram derrotados pelo poder de suas armas, ele por quem Srutayus foi morto, como também Sudakshina, e o rei Srutayus também, ele por quem ambos Srutayus e Achyutayus e miríades de Mlecchas também foram mortos, como eu posso lutar em batalha com aquele filho invencível de Pandu, aquele mestre ilustre de armas, que é assim como um fogo que a tudo consome? Como também tu me achas competente para lutar com ele hoje? Eu sou dependente de ti como um escravo. Proteja minha fama.'"

"Drona disse, 'Tu falas verdadeiramente, ó tu da linhagem de Kuru, que Dhananjaya é irresistível. Eu, no entanto, farei aquilo pelo qual tu serás capaz de resistir a ele. Que todos os arqueiros no mundo vejam hoje a maravilhosa façanha de o filho de Kunti ser detido por ti na própria vista de Vasudeva. Essa tua armadura de ouro, ó rei, eu prenderei no teu corpo de tal maneira que nenhuma arma usada por homens poderá te atingir em batalha. Se até os três mundos com os Asuras e os celestiais, os Yakshas, os Uragas, e os Rakshasas, junto com todos os seres humanos lutarem contigo hoje, tu ainda não precisarás nutrir medo. Nem Krishna, nem o filho de Kunti, nem qualquer outro manejador de armas em batalha será capaz de romper essa tua armadura com flechas. Equipado com essa cota de malha, vá rapidamente hoje contra o furioso Arjuna em batalha. Ele não será capaz de resistir a ti.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras, Drona, aquela principal das pessoas familiarizadas com Brahma, tocando água, e proferindo devidamente certos Mantras, atou rapidamente aquela armadura muito esplêndida e brilhante no corpo de Duryodhana para a vitória de teu filho naquela batalha terrível e fazendo (por aquela ação) todas as pessoas lá se encherem de perplexidade. E Drona disse, 'Que os Vedas, e Brahman, e os Brahmanas, te abençoem. Que todas as classes superiores de répteis sejam uma fonte de bênçãos para ti, ó Bharata! Que Yayati e Nahusha, e Dhundhumara, e Bhagiratha, e os outros sábios reais, todos façam o que é benéfico para ti. Que bênçãos sejam para ti de criaturas que tem somente uma perna, e daquelas que tem muitas pernas. Que bênçãos sejam para ti, nessa grande batalha, de criaturas que não tem pernas. Que Swaha, e Swadha, e Sachi, também, todos façam o que é o benéfico para ti. Ó impecável, que Lakshmi e Arundhati também façam o que é benéfico para ti.

Que Asita, e Devala e Viswamitra, e Angiras, e Vasishtha, e Kasyapa, ó rei, façam o que é benéfico para ti. Que Dhatri, e o senhor dos mundos e os pontos do horizonte e os regentes daqueles pontos, e Karttikeya de seis faces, todos te dêem o que é benéfico. Que o divino Vivaswat te beneficie completamente. Que os quatro elefantes, dos quatro quadrantes, a terra, o firmamento, os planetas, e ele que está embaixo da terra e a segura (em sua cabeça), ó rei, isto é, Sesha, aquela principal das cobras, te dêem o que é para teu benefício. Ó filho de Gandhari, antigamente o Asura chamado Vritra, mostrando sua destreza em batalha, derrotou o melhor dos celestiais em batalha. Os últimos, numerando milhares sobre milhares, com corpos mutilados, aqueles habitantes do céu, com Indra em sua chefia, privados de energia e poder, todos se dirigiram até Brahman e procuraram sua proteção, com medo do grande Asura Vritra. E os deuses disseram, 'Ó melhor dos deuses, ó principal dos celestiais, seja tu o refúgio dos deuses agora oprimidos por Vritra. De fato, nos salve desse grande temor.' Então Brahman, dirigindo-se a Vishnu que estava ao lado dele como também àqueles melhores dos celestiais encabeçados por Sakra, disse a eles que estavam todos desanimados, essas palavras repletas de verdade: 'De fato, os deuses com Indra em sua chefia, e os Brahmanas também, devem sempre ser protegidos por mim. A energia de Tvashtri da qual Vritra foi criado é invencível. Tendo nos tempos passados realizado penitências ascéticas por um milhão de anos, Tvashtri, então, ó deuses, criou Vritra, obtendo permissão de Maheswara. Aquele seu inimigo conseguiu derrotar vocês pela graça daquele deus de deuses. Sem irem ao lugar onde Sankara está, vocês não podem ver o divino Hara. Tendo visto aquele deus, vocês serão capazes de subjugar Vritra. Portanto, vão sem demora para as montanhas de Mandara. Lá permanece aquela origem de penitências ascéticas, aquele destruidor do sacrifício de Daksha, aquele manejador do Pinaka, aquele senhor de todas as criaturas, aquele matador do Asura chamado Bhaganetra.' Assim endereçados por Brahman, os deuses procedendo para Mandara com Brahman em sua companhia, contemplaram lá aquele amontoado de energia, aquele deus Supremo dotado do esplendor de um milhão de sóis. Vendo os deuses Maheswara deu as boas-vindas a eles e perguntou o que ele podia fazer por eles. 'A visão de minha pessoa nunca pode ser inútil. Que a realização dos seus desejos proceda disso.' Assim endereçados por ele, os habitantes do céu responderam, 'Nós fomos privados de nossa energia por Vritra. Seja o refúgio dos habitantes do céu. Veja, ó senhor, nossos corpos atingidos e machucados por seus golpes. Nós buscamos tua proteção. Seja nosso refúgio, ó Maheswara!' O deus de deuses, chamado Sarva, então disse, 'Ó deuses, é bem conhecido para vocês como essa energia, repleta de grande força, terrível e incapaz de ser resistida por pessoas desprovidas de mérito ascético, se originou, nascendo da energia de Tvashtri (o artífice divino). Com relação a mim, sem dúvida é meu dever prestar auxílio para os habitantes do céu. Ó Sakra, tire essa armadura refulgente do meu corpo. E, ó chefe dos celestiais, coloque-a, proferindo mentalmente esses mantras.'"

"Drona continuou, 'Tendo dito essas palavras, o concessor de benefícios (Siva) deu aquela armadura com os mantras (para serem proferidos por aquele que a usasse). Protegido por aquela armadura, Sakra procedeu contra a hoste de Vritra

em batalha. E embora diversas espécies de armas tivessem sido arremessadas nele naquela batalha terrível, ainda assim as juntas daquela armadura não puderam ser cortadas. Então o senhor dos celestiais matou Vritra, e depois deu para Angiras aquela armadura, cujas juntas eram compostas de mantras. E Angiras comunicou aqueles mantras para seu filho Vrihaspati, tendo o conhecimento de todos os mantras. E Vrihaspati comunicou aquele conhecimento para Agnivesya de grande inteligência. E Agnivesya o comunicou para mim, e é com a ajuda daqueles mantras, ó melhor dos reis, que eu, para proteger teu corpo, amarro essa armadura no teu corpo.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras Drona, aquele touro entre os preceptores dirigiu-se novamente a teu filho, de grande esplendor, dizendo, 'Ó rei, eu ponho essa armadura no teu corpo, juntando suas partes com a ajuda de cordas Brahma. Nos tempos antigos o próprio Brahma a colocou dessa maneira em Vishnu em batalha. Assim como o próprio Brahma pôs essa armadura celeste em Sakra na batalha causada pelo sequestro de Taraka, eu a ponho em ti.' Tendo dessa maneira, com mantras, posto aquela armadura devidamente em Duryodhana, o regenerado Drona mandou o rei para a batalha. E o rei poderosamente armado, equipado em armadura pelo preceptor de grande alma, e hábil em atacar, e mil elefantes enfurecidos dotados de grande bravura, e cem mil cavalos, e muitos outros poderosos guerreiros em carros, procederam em direção ao carro de Arjuna. E o rei de braços fortes procedeu, com o som de diversos tipos de instrumentos musicais, contra seu inimigo, como o filho de Virochana (Vali nos tempos passados). Então, ó Bharata, um tumulto alto se ergueu entre tuas tropas, vendo o rei Kuru procedendo como um oceano insondável.'"

94

"Sanjaya disse, 'Depois que aquele touro entre homens, Duryodhana, tinha saído detrás, seguindo Partha e ele da linhagem de Vrishni, ó rei, ambos os quais tinham penetrado no exército Kaurava, os Pandavas acompanhados pelos Somakas avançaram rapidamente contra Drona com gritos altos. E então começou a batalha (entre eles e as tropas de Drona). E a batalha que ocorreu entre os Kurus e os Pandavas na entrada da formação de combate foi violenta e terrível, de arrepiar os cabelos. A visão encheu os espectadores de admiração. Ó rei, o sol estava então no meridiano. Aquele combate, ó monarca, foi realmente de tal maneira que nós nunca tínhamos visto ou ouvido sobre seu similar antes. Os Parthas encabeçados por Dhrishtadyumna, todos hábeis em atacar e organizados devidamente cobriram as tropas de Drona com chuvas de setas. Nós mesmos também, colocando Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, em nossa dianteira, cobrimos os Parthas, reunidos pelo filho de Prishata, com nossas flechas. As duas hostes, adornadas com carros e parecendo belas, então pareciam com duas massas imensas de nuvens no céu do verão, impelidas em direção uma à outra por ventos opostos. Enfrentando uma à outra, as duas hostes aumentaram sua impetuosidade, como os rios Ganga e Yamuna, cheios com água durante a estação das chuvas. Tendo diversas espécies de armas como os ventos

que corriam à frente dela, cheia de elefantes e corcéis e carros, carregada com relâmpagos constituídos pelas maças manejadas pelos guerreiros, a nuvem feroz e imensa formada pela hoste Kuru, impulsionada adiante pela tempestade Drona, e derramando flechas incessantes que constituíam suas torrentes de chuva, procurou apagar o ardente fogo Pandava. Como um furacão terrível no verão agitando o oceano, aquele melhor dos Brahmanas, Drona, agitou a hoste Pandava. Se esforçando com grande vigor, os Pandavas avançaram em direção a Drona sozinho para romper sua hoste, como uma imensa torrente de água em direção a um forte dique, para varrê-lo para longe. Como uma colina inalterável resistindo à correnteza mais impetuosa de água, Drona, no entanto, resistiu naquela batalha aos enfurecidos Pandavas e Panchalas e Kekayas. Muitos outros reis também, dotados de grande força e coragem, atacando eles de todos os lados, começaram a resistir aos Pandavas. Então aquele tigre entre homens, ou seja, o filho de Prishata, se unindo com os Pandavas, começou repetidamente a atacar Drona, para romper a hoste hostil. De fato, como Drona despejava suas flechas no filho de Prishata, assim mesmo o último despejava as suas em Drona. Tendo cimitarras e espadas como os ventos que sopravam à sua frente, bem equipada com dardos e lanças e sabres, com a corda do arco constituindo seu relâmpago, e o (som do) arco como seus rugidos, a nuvem Dhrishtadyumna despejava torrentes de armas para todos os lados, como suas chuvas de pedras. Matando os principais dos guerreiros em carros e um grande número de corcéis, o filho de Prishata parecia inundar as divisões hostis (com seus aguaceiros de flechas). E o filho de Prishata, por meio de suas flechas, desviou Drona daqueles caminhos em meio às divisões de carros dos Pandavas, pelos quais aquele herói tentou passar, atingindo os guerreiros lá com suas setas. E embora Drona lutasse vigorosamente naquela batalha, contudo sua hoste, combatendo Dhrishtadyumna, ficou dividida em três colunas. Uma dessas recuou em direção a Kritavarman, o chefe dos Bhojas; outra em direção a Jalasandha; e (a outra) enquanto massacrada violentamente pelos Pandavas, procedeu em direção ao próprio Drona. Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, repetidamente uniu suas tropas. O poderoso guerreiro Dhrishtadyumna igualmente muitas vezes as atacou e separou. De fato, o exército Dhritarashtra, dividido em três grupos, foi massacrado pelos Pandavas e os Srinjayas ferozmente, como um rebanho de gado nas florestas por muitos animais predadores, quando não protegido pelos vaqueiros. E as pessoas pensaram que, naquela batalha terrível, era a própria Morte que estava tragando os guerreiros primeiro entorpecidos por Dhrishtadyumna. Como o reino de um rei mau é destruído por fome e pestilência e ladrões, assim mesmo tua hoste foi afligida pelos Pandavas. E por causa dos raios de sol caindo sobre as armas e os guerreiros, e da poeira erguida pelos soldados, os olhos de todos estavam dolorosamente afligidos. Após a hoste Kaurava ser dividida em três grupos durante aquela carnificina terrível pelos Pandavas, Drona, cheio de fúria, começou a consumir os Panchalas com suas flechas. E enquanto engajado em subjugar aquelas divisões e exterminá-las com suas flechas, a forma de Drona tornou-se semelhante àquela do resplandecente fogo Yuga. Aquele poderoso guerreiro em carro perfurou carros, elefantes, e corcéis, e soldados a pé, naquela batalha, cada um com somente uma única flecha, (e nunca empregando mais do que uma em qualquer caso). Lá então não havia guerreiro no exército

Pandava que fosse capaz de resistir, ó senhor, às flechas disparadas do arco de Drona. Chamuscadas pelos raios do sol e destruídas pelas flechas de Drona, as divisões Pandava lá começaram a vacilar sobre o campo. E tua hoste também, similarmente massacrada pelo filho de Prishata, parecia se inflamar em todos os pontos como uma floresta seca em chamas. E enquanto ambos Drona e Dhrishtadyumna estavam massacrando as duas hostes, os guerreiros de ambos os exércitos, em total desconsideração por suas vidas, lutavam em todos os lugares até a máxima extensão de sua destreza. Nem na tua hoste, nem naquela do inimigo, ó touro da raça Bharata, houve um único guerreiro que fugiu da batalha por medo. Aqueles irmãos, isto é, Vivingsati e Chitrasena e o poderoso guerreiro em carro Vikarna, cercaram o filho de Kunti Bhimasena por todos os lados. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e Kshemadhurti de grande destreza deram assistência aos teus três filhos (que lutavam contra Bhimasena). O rei Valhika de grande energia e ascendência nobre, com suas próprias tropas e conselheiros, resistiu aos filhos de Draupadi. Saivya, o chefe dos Govasanas, com mil guerreiros principais, enfrentou o filho, de grande destreza, do rei dos Kasis e resistiu a ele. O rei Salya, o soberano dos Madras, cercaou o nobre Yudhishthira, o filho de Kunti, que parecia com um fogo ardente. O bravo e colérico Duhsasana, devidamente protegido por suas próprias divisões, procedeu furiosamente, naquela batalha, contra Satyaki, aquele principal dos guerreiros em carros. Eu mesmo, com minhas próprias tropas, vestido em armadura e equipado com armas, e protegido por quatrocentos dos arqueiros principais, resisti a Chekitana. (Parece, portanto, que Sanjaya não era somente uma testemunha da batalha para narrar o que ele via para Dhritarashtra, mas pelo menos às vezes ele tomava parte na batalha.) Sakuni com setecentos guerreiros Gandhara armados com arcos, dardos e espadas, resistiu ao filho de Madri (Sahadeva). Vinda e Anuvinda de Avanti, aqueles dois arqueiros formidáveis, que tinham, por causa de seu amigo (Duryodhana), erguido suas armas, desconsiderando suas vidas, enfrentaram Virata, o rei dos Matsyas. O rei Valhika, se esforçando vigorosamente, resistiu ao poderoso e invicto Sikhandin, o filho de Yajnasena, aquele herói capaz de resistir a todos os inimigos. O chefe de Avanti, com os Sauviras e os cruéis Prabhadrakas, resistiu ao colérico Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas. Alamvusha rapidamente avançou contra o bravo Rakshasa Ghatotkacha de feitos cruéis, que estava avançando colericamente para a batalha. O poderoso guerreiro em carro Kuntibhoja, acompanhado por uma grande tropa, resistiu a Alamvusha, aquele príncipe dos Rakshasas, de aparência feroz. Assim, ó Bharata, centenas de combates separados entre os guerreiros do teu exército e do deles, ocorreram.'"

"Com relação ao soberano dos Sindhus, ele permaneceu na retaguarda do exército inteiro protegido por muitos principais dos arqueiros e guerreiros em carros numerando Kripa entre eles. E o soberano dos Sindhus tinha como os protetores de suas rodas dois dos guerreiros mais notáveis, isto é, o filho de Drona à sua direita, ó rei, e o filho de Suta (Karna) à esquerda. E para proteger sua retaguarda ele tinha diversos guerreiros encabeçados pelo filho de Somadatta, ou seja, Kripa, e Vrishasena, e Sala, e o invencível Salya, que eram familiarizados com política e eram poderosos arqueiros talentosos em batalha. E os guerreiros

Kuru, tendo feito esses arranjos para a proteção do soberano dos Sindhus, lutaram (com os Pandavas).'"

95

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a mim enquanto eu descrevo para ti a maravilhosa batalha que então ocorreu entre os Kurus e os Pandavas. Aproximando-se do filho de Bharadwaja que estava permanecendo na entrada de sua formação de combate, os Parthas lutaram vigorosamente para atravessar a divisão de Drona. E Drona também, acompanhado por suas tropas, desejoso de proteger sua própria ordem de batalha, lutou com os Parthas, procurando a glória. Vinda e Anuvinda de Avanti, excitados com cólera e desejosos de beneficiar teu filho, atingiram Virata com dez flechas. Virata também, ó rei, se aproximando daqueles dois guerreiros de grande destreza permanecendo em batalha, lutou com eles e seus seguidores. A batalha que teve lugar entre eles foi feroz ao extremo, e sangue correu nela como água. E ela parecia um combate nas florestas entre um leão e um par de elefantes poderosos, com têmporas fendidas. O filho poderoso de Yajnasena atingiu violentamente o rei Valhika naquela batalha com flechas ardentes e afiadas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Valhika também cheio de fúria, perfurou profundamente o filho de Yajnasena com nove flechas retas de asas douradas e afiadas em pedra. E aquela batalha entre aqueles dois guerreiros tornou-se extremamente violenta, caracterizada como ela era por chuvas densas de flechas e dardos. E ela aumentou os temores dos tímidos e a alegria de heróis. As flechas disparadas por eles cobriram totalmente o firmamento e todos os pontos do horizonte, tanto que nada mais podia ser discernido. E Saivya, o rei dos Govasanas na dianteira das tropas, lutou naquela batalha com o poderoso guerreiro em carro, o príncipe dos Kasis, como um elefante lutando com outro. O rei dos Valhikas, estimulado pela ira, lutando contra aqueles (cinco) poderosos guerreiros em carros, os filhos de Draupadi, parecia resplandecente, como a mente lutando contra os cinco sentidos. E aqueles cinco príncipes também, ó principal dos seres incorporados, lutaram com aquele antagonista deles, disparando suas flechas de todos os lados, como os objetos dos sentidos sempre lutando com o corpo. Teu filho Duhsasana atingiu Satyaki da linhagem de Vrishni com nove flechas retas de pontas afiadas. Profundamente perfurado por aquele arqueiro forte e formidável, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada foi parcialmente privado de seus sentidos. Confortado logo, ele, da linhagem de Vrishni, então rapidamente perfurou teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, com dez flechas aladas com penas Kanka. Perfurando um ao outro profundamente e atormentados pelas flechas um do outro, eles pareciam esplêndidos, ó rei, como duas Kinsukas decoradas com flores. Afligido pelas setas de Kuntibhoja, Alamvusha, cheio de cólera parecia com uma bela Kinsuka agraciada com sua carga florida. O Rakshasa então tendo perfurado Kuntibhoja com muitas setas, proferiu gritos horríveis na dianteira da tua hoste. E quando aqueles heróis lutavam um com o outro naquela batalha, eles pareciam para todas as tropas se assemelhar com Sakra e o Asura Jambha nos tempos antigos. Os dois filhos de Madri, cheios de fúria, oprimiram violentamente com suas flechas o

príncipe Gandhara Sakuni que os tinha ofendido muito. A carnificina, ó monarca, que começou foi horrível. Originado por ti, alimentado por Karna, e conservado por teus filhos, o fogo da ira (dos Pandavas) tinha aumentado agora, ó monarca, e estava pronto para consumir a terra inteira. Forçado a voltar suas costas no campo pelos dois filhos de Pandu com suas flechas, Sakuni incapaz de empregar sua bravura, não sabia o que fazer. Vendo ele retroceder, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os dois filhos de Pandu, mais uma vez despejaram suas flechas sobre ele como duas massas de nuvens despejando torrentes de chuva em uma colina imensa. Atingido por inúmeras flechas retas, o filho de Suvala fugiu em direção à divisão de Drona, levado por seus corcéis rápidos. O bravo Ghatotkacha avançou em direção ao Rakshasa Alamvusha naquela batalha, com impetuosidade muito menor da que ele era capaz. A batalha entre aqueles dois tornou-se terrível de se contemplar, como aquela que ocorreu nos tempos antigos entre Rama e Ravana. O rei Yudhishthira, tendo naquela batalha perfurado o soberano dos Madras com quinhentas flechas, perfurou-o novamente com sete. Então começou aquela batalha entre eles a qual foi muito extraordinária, ó monarca, que parecia com aquela, dos tempos passados, entre o Asura Samvara e o chefe dos celestiais. Teus filhos Vivinsati e Chitrasena e Vikarna, cercados por uma grande tropa, lutaram com Bhimasena.'"

96

"Sanjaya disse, 'Quando aquela batalha feroz, de arrepiar os cabelos, começou, os Pandavas avançaram contra os Kauravas que tinham sido divididos em três grupos. Bhimasena avançou contra o poderosamente armado Jalasandha, e Yudhishthira, na dianteira de suas tropas avançou, naquela batalha, contra Kritavarman. E Dhrishtadyumna, ó rei, espalhando flechas, como o sol disparando seus raios, avançou contra Drona. Então começou aquela batalha entre aqueles arqueiros, ávidos pelo combate, dos Kurus e dos Pandavas, cheios de ira. E durante o progresso daquela terrível carnificina, quando todos os guerreiros estavam lutando uns com os outros destemidamente o poderoso Drona lutou com o poderoso príncipe dos Panchalas. E as nuvens de flechas que ele disparava naquele combate encheram todos os espectadores com admiração. E Drona e o príncipe dos Panchalas, cortando as cabeças de homens às milhares, as espalharam no campo de batalha, fazendo o último parecer com uma floresta de lotos. Em todas as divisões logo estavam espalhados no chão vestes e ornamentos e armas, e bandeiras e cotas de malha. E cotas douradas de malha, tingidas com sangue, pareciam nuvens carregadas com relâmpago. Outros poderosos guerreiros em carros, esticando seus arcos grandes medindo seis cúbitos completos de comprimento, derrubavam com suas flechas elefantes e corcéis e homens. Naquele combate terrível de armas entre guerreiros bravos e de grande alma, espadas e escudos, arcos e cabeças cotas de malha eram vistos jazendo espalhados em volta. Inúmeros troncos sem cabeça eram vistos surgirem, ó rei, no meio daquela batalha violenta. E urubus e Kankas e chacais e enxames de outros animais carnívoros, ó majestade, eram vistos lá, comendo a carne de

homens e corcéis e elefantes caídos, bebendo seu sangue, ou arrastando eles pelo cabelo, ou lambendo ou bicando, ó rei, em sua medula, ou arrastando seus corpos e membros cortados, ou rolando suas cabeças no chão. Guerreiros, hábeis em batalha, talentosos com armas, e firmemente decididos em batalha, lutaram vigorosamente em combate, desejosos somente de fama. Muitos eram os combatentes que corriam a toda velocidade sobre o campo, realizando as diversas evoluções de espadachins. Com sabres e dardos e lanças e arpões e machados, com maças e clavas com pontas e outras espécies de armas, e até com braços nus, homens que tinham entrado na arena da batalha, cheios de raiva, matavam uns aos outros. E guerreiros em carros lutaram com guerreiros em carros, e cavaleiros com cavaleiros, e elefantes com principais dos elefantes, e soldados a pé com soldados a pé. E muitos elefantes enfurecidos, como se completamente loucos, proferiam gritos altos e matavam uns aos outros, do mesmo modo que eles fazem em arenas esportivas.'"

"Durante o progresso, ó rei, daquela batalha na qual os combatentes lutaram sem qualquer consideração um pelo outro, Dhrishtadyumna fez seus próprios corcéis se confundirem com aqueles de Drona. Aqueles corcéis dotados da velocidade do vento, que eram brancos como pombos e vermelhos como sangue, assim misturados uns com os outros em batalha, pareciam muito belos. De fato, eles pareciam resplandecentes como nuvens carregadas com relâmpago. Então aquele matador de heróis hostis, o heróico Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, vendo Drona, ó Bharata, chegado tão perto, abandonou seu arco e pegou sua espada e escudo, para realizar um feito difícil. Agarrando o varal do carro de Drona, ele entrou nele. E ele ficava às vezes no meio da canga, e às vezes em suas juntas e às vezes atrás dos corcéis. E enquanto ele estava se movendo, armado com espadas, rapidamente sobre as costas daqueles cavalos vermelhos de Drona, o último não pode encontrar uma oportunidade para golpeá-lo. Tudo isso parecia extraordinário para nós. De fato, como a varredura de um falcão nas florestas pelo desejo de alimento, parecia aquela investida de Dhrishtadyumna de seu próprio carro para a destruição de Drona. Então Drona cortou, com cem setas, o escudo, decorado com cem luas, do filho de Drupada, e então sua espada, com dez outras. E o poderoso Drona então, com sessenta e quatro setas, matou os corcéis de seu adversário. E com um par de flechas de cabeça larga ele cortou o estandarte do último e guarda-sol também, e então matou ambos os seus quadrigários Parshni. E então com grande velocidade puxando a corda de seu arco até sua orelha, ele disparou nele uma flecha fatal, como o manejador do raio arremessando o raio (em um inimigo). Mas logo Satyaki, com quatorze flechas afiadas, cortou aquela seta fatal de Drona. E dessa maneira o herói Vrishni, ó majestade, salvou Dhrishtadyumna, que tinha sido apanhado por aquele leão entre homens, o principal dos preceptores, como um veado apanhado pelo rei das florestas. Assim mesmo agiu aquele touro entre os Sinis, o príncipe dos Panchalas. Vendo Satyaki resgatar o príncipe dos Panchalas na batalha terrível, Drona rapidamente disparou vinte e seis flechas nele. O neto de Sini então, em retorno, perfurou Drona no centro do peito com vinte e seis flechas, enquanto o último estava empenhado em devorar os Srinjayas. Então todos os guerreiros em

carros Panchala, desejosos de vitória para o herói Satwata, procedendo contra Drona, rapidamente retiraram Dhrishtadyumna da batalha.'"

97

"Dhritarashtra disse, 'Depois que as flechas de Drona tinham sido cortadas e Dhrishtadyumna assim resgatado, ó Sanjaya, por Yuyudhana, aquele principal da linhagem Vrishni, o que aquele arqueiro formidável, aquele mais notável de todos os manejadores de armas, Drona, fez em batalha para aquele tigre entre homens, o neto de Sini?'"

"Sanjaya disse, 'Então Drona, como uma cobra poderosa, tendo a ira como seu veneno, seu arco esticado como sua boca escancarada, suas flechas afiadas como seus dentes e setas como suas presas afiadas, com olhos vermelhos como cobre de raiva, e respirando fortemente, aquele herói poderoso entre os homens, perfeitamente destemido, levado em seus corcéis vermelhos de grande velocidade, que pareciam se elevar aos céus ou alcançar o topo de uma montanha, avançou em direção a Yuyudhana, espalhando suas flechas providas de asas douradas. Então aquele subjugador de cidades hostis, aquele herói da linhagem de Sini invencível em batalha, vendo aquela irresistível nuvem Drona tendo chuvas de setas como seu aguaceiro aquoso, o estrépito das rodas do carro como seu ribombo, o arco esticado como seu volume, flechas longas como seus lampejos de relâmpago, dardos e espadas como seu trovão, cólera como os ventos e impulsionada adiante por aqueles corcéis que constituíam o furacão (a impelindo para a frente), avançando em direção a ele, dirigiu-se a seu quadrigário e disse sorridente, 'Ó Suta, proceda rapidamente e alegremente, instigando os corcéis à sua maior velocidade, contra aquele Brahmana heróico, decaído dos deveres de sua classe, aquela proteção do filho de Dhritarashtra, aquele dissipador das tristezas e receios do rei (Kuru), aquele preceptor de todos os príncipes, aquele guerreiro sempre vaidoso de sua destreza.' Então os excelentes corcéis de cor prateada pertencentes a ele da linhagem de Madhu, dotados da velocidade do vento, foram rapidamente em direção a Drona. Então aqueles dois castigadores de inimigos, ou seja, Drona e o neto de Sini, lutaram um com o outro, cada um atacando o outro com milhares de flechas. Aqueles dois touros entre homens encheram o céu com suas chuvas de flechas. De fato, os dois heróis cobriram os dez pontos do horizonte com suas flechas. E eles despejaram um no outro suas flechas como duas nuvens despejando seus conteúdos (sobre a terra) no término do verão. O sol ficou invisível. O próprio vento parou de soprar. E por consequência daquelas chuvas de flechas enchendo o céu, uma escuridão contínua e densa foi causada lá que se tornou insuportável para os outros heróis. E quando as flechas de Drona e do neto de Sini tinham causado aquela escuridão naquele local, ninguém viu qualquer cessação nos disparos em um ou outro. Eles eram ambos rápidos no uso de armas, e eles eram ambos considerados como leões entre homens. O som produzido por aquelas torrentes de setas, disparadas por ambos batendo umas contra as outras era ouvido parecer o som do trovão lançado por Sakra. As formas de guerreiros heróicos perfurados com flechas

compridas pareciam com aquelas de cobras, ó Bharata, atingidas por cobras de veneno virulento. Bravos guerreiros ouviam incessantemente a vibração de seus arcos e os sons de suas palmas parecerem o som do raio caindo sobre topos de montanhas. Os carros de ambos aqueles guerreiros, ó rei, seus corcéis, e seus quadrigários perfurados com flechas de asas douradas tornaram-se belos de se ver. Ameaçadora foi a chuvarada, ó monarca, de flechas que eram brilhantes e retas e que pareciam resplandecentes como cobras de veneno virulento livres de suas peles. Os guarda-sóis de ambos estavam cortados, como também os estandartes de ambos. E os dois estavam cobertos com sangue, e ambos estavam inspirados com a esperança de vitória. Com sangue escorrendo por todos os membros deles, eles pareciam um par de elefantes com secreções escorrendo por seus corpos. E eles continuaram a atingir um ao outro com setas fatais. Os rugidos e gritos e outros berros dos soldados, o clangor de conchas e a batida de baterias pararam, ó rei, pois ninguém proferia qualquer som. De fato, todas as divisões ficaram silenciosas, e todos os guerreiros pararam de lutar. As pessoas, cheias de curiosidade se tornaram espectadoras daquele duelo. Guerreiros em carros e condutores de elefantes e cavaleiros e soldados de infantaria, cercando aqueles dois touros entre homens, testemunharam seu combate com olhos firmes. E as divisões de elefantes permaneceram imóveis e assim também as divisões de cavalos, e assim também as divisões de carros. Todos ficaram imóveis, dispostos em formação de combate. Matizadas com pérolas e corais, decoradas com jóias e ouro, adornadas com estandartes e ornamentos, com cotas de malha feitas de ouro, com pendões triunfais, com ricas coberturas de elefantes, com finos cobertores, com armas brilhantes e afiadas, com rabos de iaque, ornamentadas com ouro e prata, nas cabeças de corcéis, com guirlandas, ao redor dos globos frontais de elefantes e aros em volta de suas presas, ó Bharata, as hostes Kuru e Pandava então pareciam com uma massa de nuvens no fim do verão, enfeitada com fileiras de garças e miríades de pirilampos (abaixo delas) e adornada com arco-íris e lampejos de relâmpago. Os nossos homens e aqueles de Yudhishthira viram aquela batalha entre Yuyudhana e Drona de grande alma; os deuses também, encabeçados por Brahma e Soma, e os Siddhas, e os Charanas, e os Vidyadharas, e as grandes Cobras, a viram, posicionados em seus principais dos carros que percorriam o céu. E contemplando os diversos movimentos, para frente e para trás, daqueles leões entre homens, e seus atos de golpear um ao outro, os espectadores estavam cheios de admiração. E ambos dotados de grande força, Drona e Satyaki, mostrando sua agilidade de mão no uso de armas, começaram a perfurar um ao outro com flechas. Então ele da linhagem de Dasarha, com suas flechas poderosas, cortou aquelas do ilustre Drona naquela batalha, e então, dentro de um momento, o arco do último também. No entanto, num piscar de olhos o filho de Bharadwaja pegou outro arco e encordoou-o. Até aquele arco dele foi cortado por Satyaki. Drona então, com a maior rapidez esperou com outro arco na mão. Tantas vezes, no entanto, quanto Drona encordoou seu arco, Satyaki o cortou. E isso ele fez dezesseis vezes no total. Vendo então aquela façanha sobre-humana de Yuyudhana em batalha, Drona, ó monarca, pensou em sua mente, 'Essa força de armas que eu vejo nesse mais notável entre os Satwatas existe em Rama e Dhananjaya e foi vista também em Kartavirya e naquele tigre entre homens,

Bhishma.' O filho de Bharadwaja, portanto, mentalmente aplaudiu a destreza de Satyaki. Vendo aquela agilidade de mão igual àquela do próprio Vasava, aquele principal dos regenerados, aquele mais notável de todos os homens conhecedores de armas, estava muito satisfeito com Madhava. E os deuses também, com Vasava em sua chefia, estavam satisfeitos com isso. Os deuses e os Gandharvas, ó monarca, nunca antes tinham testemunhado aquela agilidade de mão de Yuyudhana que se movia rapidamente, embora eles e os Siddhas e os Charanas estivessem familiarizados com os feitos dos quais Drona era capaz. Então Drona, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, aquele subjugador de Kshatriyas, pegando outro arco, mirou algumas armas. Satyaki, no entanto, frustrando aquelas armas com a ilusão da sua própria arma o atingiu com algumas flechas afiadas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Vendo aquele feito sobre-humano dele em batalha, aquele feito do qual ninguém mais era capaz, e que mostrava habilidade formidável, aqueles entre teus guerreiros que eram julgadores de habilidade o aplaudiram. Satyaki disparou as mesmas armas que Drona disparou. Vendo isso, aquele opressor de inimigos, o preceptor, lutou com uma ousadia um pouco menor do que a usual. Então aquele mestre da ciência militar, ó rei, cheio de ira, invocou armas celestes para a destruição de Yuyudhana. Contemplando aquela terrível arma Agneya massacrante de inimigos, Satyaki, aquele arqueiro poderoso, invocou outra arma celeste, ou seja, a Varuna. Vendo ambos fazerem uso de armas celestes, altos gritos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram lá. As próprias criaturas que tem o céu como seu elemento pararam de percorrê-lo. Então as armas Varuna e Agneya as quais tinham sido assim enxertadas em suas flechas indo uma contra a outra tornaram-se inúteis. (As armas celestes eram forças dependentes de mantras. Flechas comuns, insufladas com esses mantras, eram convertidas em armas celestes.) Exatamente naquele momento, o sol passou para baixo em seu curso. Então o rei Yudhishthira e Bhimasena, o filho de Pandu, e Nakula, e Sahadeva, desejosos de proteger Satyaki, e os Matsyas, e as tropas Salweya, procederam rapidamente em direção a Drona. Então milhares de príncipes colocando Duhsasana em sua dianteira, procederam depressa em direção a Drona (para proteger a ele) que estava cercado por inimigos. Então, ó rei, começou uma batalha violenta entre eles e teus arqueiros. A terra estava coberta com poeira e com chuvas de flechas disparadas (por ambos os lados). E tudo estando assim encoberto, nada mais podia ser discernido. De fato, quando as tropas estavam assim submersas pelo pó, a batalha prosseguiu em total desconsideração (de pessoas e regras).'"

98

"Sanjaya disse, 'Quando o sol se dirigiu em seu rumo para baixo para o topo das colinas Asta, quando o céu estava coberto com poeira, quando o calor dos raios solares diminuiu, o dia começou a passar rápido. Com relação aos soldados, algum descansaram, alguns continuaram lutando, alguns voltaram para o combate, desejosos de vitória. E enquanto as tropas, inspiradas com esperança de vitória, estavam assim envolvidas em combate, Arjuna e Vasudeva procederam

em direção ao lugar onde o soberano dos Sindhus estava. O filho de Kunti, por meio de suas flechas, fez (por meio dos soldados hostis) um caminho suficientemente largo para seu carro. E foi nesse caminho que Janardana procedeu, (guiando o carro). Para onde o carro do filho de grande alma de Pandu procedia, lá tuas tropas, ó monarca, se dividiam e produziam um caminho. E ele da linhagem de Dasarha, dotado de grande energia, mostrou sua habilidade em dirigir carros por mostrar diversos tipos de movimentos circulares. E as flechas de Arjuna, gravadas com seu nome, bem temperadas, parecendo o fogo Yuga, amarradas em volta com categutes (fios resistentes feitos usualmente de intestinos de carneiro), de juntas retas, grossas, de longo alcance, e feitas ou de bambus (fendidos ou seus ramos) ou totalmente de ferro, tirando as vidas de diversos inimigos, beberam naquela batalha, com as aves (predadoras reunidas lá), o sangue de criaturas vivas. Permanecendo em seu carro, quando Arjuna disparava suas flechas duas milhas completas adiante, aquelas flechas perfuravam e despachavam seus inimigos exatamente quando aquele próprio carro alcançava o local. (Em outras palavras, o carro de Arjuna se movia tão rapidamente pelo meio do inimigo quanto as próprias flechas disparadas a partir dele.) Hrishikesa prosseguiu, levado por aqueles cavalos portadores de canga dotados da velocidade de Garuda ou do vento, com tal velocidade que ele fez o mundo inteiro se surpreender com isso. De fato, ó rei, o carro do próprio Surya, ou aquele de Rudra ou aquele de Vaisravana nunca correm tão rápido. O carro de ninguém mais alguma vez antes se moveu com tal velocidade em batalha como o carro de Arjuna, se movendo com a celeridade de um desejo nutrido na mente. Então Kesava, ó rei, aquele matador de heróis hostis, tendo pegado o carro de batalha instigou rapidamente os corcéis, ó Bharata, através das tropas (hostis). Chegados no meio daquela multidão de carros, aqueles corcéis excelentes levaram o carro de Arjuna com dificuldade, sofrendo como eles estavam de fome, sede, e fadiga, e mutilados como eles tinham sido pelas armas de muitos heróis que se deleitavam em batalha. Eles frequentemente, no entanto, descreviam belos círculos conforme eles se moviam, procedendo por cima dos corpos de corcéis e homens mortos, sobre carros quebrados, e os corpos de elefantes mortos, parecendo com colinas aos milhares.'"

"Enquanto isso, ó rei, os dois irmãos heróicos de Avanti, (Vinda e Anuvinda), na dianteira de suas tropas, vendo que os corcéis de Arjuna estavam cansados, o enfrentaram. Cheios de alegria, eles perfuraram Arjuna com sessenta e quatro flechas, e Janardana com setenta, e os quatro corcéis (do carro de Arjuna) com cem setas. Então Arjuna, ó rei, cheio de fúria, e tendo o conhecimento das partes vitais do corpo, atingiu ambos na batalha com nove flechas retas, cada uma das quais era capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais. Nisso, os dois irmãos, cheios de raiva, cobriram Vibhatsu e Kesava com chuvas de flechas e proferiram rugidos leoninos. Então Partha de corcéis brancos, com um par de flechas de cabeça larga, cortou rapidamente naquela batalha os belos arcos dos dois irmãos e então seus dois estandartes, brilhantes como ouro. Vinda e Anuvinda então, ó rei, pegando outros arcos e ficando enfurecidos, começaram a oprimir o filho de Pandu com suas setas. Então Dhananjaya, o filho de Pandu, extremamente furioso, mais uma vez, com um par de flechas cortou rapidamente aqueles dois

arcos também de seus inimigos. E com umas poucas outras setas afiadas em pedra e providas de asas de ouro Arjuna então matou seus corcéis, seus quadrigários, e os dois combatentes que protegiam sua retaguarda, com aqueles que seguiam os últimos. E com outra flecha de cabeça larga, afiada como uma navalha, ele cortou a cabeça do irmão mais velho, que caiu no chão, privado de vida, como uma árvore quebrada pelo vento. O poderoso Anuvinda então dotado de grande coragem, vendo Vinda morto deixou seu carro sem cavalos, tendo pegado uma maça. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o irmão de Vinda, aparentemente dançando quando ele avançou com aquela maça em seus braços, procedeu naquela batalha para vingar a morte de seu irmão mais velho. Cheio de raiva, Anuvinda golpeou Vasudeva na testa com aquela maça. O último, no entanto, não tremeu, mas permaneceu imóvel como a montanha Mainaka. Então Arjuna, com seis flechas, cortou seu pescoço e duas pernas e dois braços e cabeça. Assim cortados (em fragmentos, os membros de) Anuvinda caíram como muitas colinas. Vendo eles ambos mortos, seus seguidores, ó rei, cheios de fúria avançaram (em direção a Arjuna), espalhando centenas de setas. Matando eles logo, ó touro da raça Bharata, Arjuna parecia resplandecente como um fogo consumindo uma floresta no término do inverno. Atravessando aquelas tropas com alguma dificuldade, Dhananjaya então resplandecia brilhantemente como o sol nascido, ultrapassando as nuvens sob as quais ele estava escondido. Vendo ele, os Kauravas se enchiam de medo. Mas se recuperando logo, eles se regozijavam novamente e avançavam nele de todos os lados. Ó touro da raça Bharata! Compreendendo que ele estava cansado e que o soberano dos Sindhus ainda estava a uma distância, eles o cercaram, proferindo rugidos leoninos. Vendo eles cheios de ira, Arjuna, aquele touro entre homens, dirigiu-se sorridente a ele da linhagem de Dasarha em palavras gentis, e disse, 'Nossos cavalos estão atormentados por flechas e cansados. O soberano dos Sindhus está ainda a uma distância. O que você acha que é o melhor que deve ser feito agora? Diga-me, ó Krishna, realmente. Tu és sempre a mais sábia das pessoas. Os Pandavas tendo a ti como seus olhos derrotarão seus inimigos em batalha. Aquilo que me parece que deve ser feito em seguida, realmente eu te direi. Desatrelando os corcéis para sua tranquilidade, arranque suas flechas, ó Madhava!' Assim endereçado por Partha, Kesava respondeu para ele, 'Eu sou, também, ó Partha, da opinião que tu expressaste.'"

"Arjuna então disse, 'Eu manterei sob controle o exército inteiro, ó Kesava! Realize devidamente o que deve ser feito em seguida.'"

"Sanjaya continuou, 'Descendo então do terraço de seu carro, Dhananjaya, pegando seu arco, Gandiva, ficou lá destemidamente como uma colina imóvel. Vendo Dhananjaya parado no chão, e considerando essa uma boa oportunidade, os Kshatriyas, desejosos de vitória e proferindo gritos altos, avançaram em direção a ele. Ele estando sozinho, eles o cercaram com uma multidão grande de carros, todos esticando seus arcos e derramando suas flechas nele. Cheios de cólera, eles mostraram diversas espécies de armas e cobriram totalmente Partha com suas flechas como nuvens cobrindo o sol. E os grandes guerreiros Kshatriya avançaram impetuosamente contra aquele touro entre os Kshatriyas, aquele leão

entre homens, como elefantes enfurecidos avançando em direção a um leão. O poder então que nós vimos das armas de Partha foi formidável, já que, cheio de raiva, sozinho, ele conseguiu resistir àqueles inúmeros guerreiros. O pujante Partha, desviando com suas próprias armas aquelas dos inimigos, cobriu rapidamente todos eles com flechas incontáveis. Naquela parte do céu, ó monarca, por causa do choque daquelas chuvas densas de flechas, um fogo foi gerado emitindo incessantes faíscas. Lá, por causa de heróis hostis, incontáveis em número, todos cheios de ira, e todos grandes arqueiros reunidos para um propósito comum, buscando vitória em batalha, ajudados por corcéis, cobertos com sangue e respirando fortemente, e por elefantes enfurecidos e opressores de inimigos, proferindo gritos altos, a atmosfera ficou extremamente quente. Àquele oceano que não podia ser cruzado, largo, e ilimitado de carros, incapaz de ser agitado, tendo flechas como sua correnteza, estandartes como seus redemoinhos, elefantes como seus crocodilos, soldados de infantaria como seus peixes incontáveis, o clangor de conchas e a batida de baterias como seu ribombar, carros como suas ondas oscilantes, proteções para a cabeça de combatentes como suas tartarugas, guarda-sóis e bandeiras como sua espuma, e os corpos de elefantes mortos como suas rochas (submarinas), Partha resistiu com suas flechas, como um continente à aproximação do mar. Então, no decorrer daquela batalha, Janardana de braços fortes, dirigindo-se destemidamente àquele amigo querido dele, aquele mais notável dos homens, isto é, Arjuna, disse a ele: 'Não há poço aqui no campo de batalha, ó Arjuna, para os corcéis beberem dele. Os corcéis querem água para beber, mas não para um banho.' Assim endereçado por Vasudeva, Arjuna disse alegremente, 'Aqui está!' E assim dizendo, ele perfurou o solo com uma arma e fez um lago excelente do qual os corcéis podiam beber. E aquele lago abundava em cisnes e patos, e era adornado com Chakravakas. E ele era amplo e cheio de água transparente, e cheio de lotos totalmente desabrochados da melhor espécie. E ele abundava com diversas espécies de peixes. E insondável em profundidade, ele era o recanto de muitos Rishis. E o Rishi celeste, Narada, foi dar uma olhada naquele lago criado lá num momento. E Partha, capaz de realizar trabalhos maravilhosos como o próprio Tvashtri (o artífice celeste), também construiu lá um salão de flechas, tendo flechas como suas traves e vigas, flechas como seus pilares, e flechas como seu telhado. Então Govinda sorrindo em alegria, disse, 'Excelente!, Excelente!,' ao ver Partha de grande alma criar aquele salão de flechas.'"

99

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de grande alma de Kunti tinha criado aquela água, depois que ele tinha começado a reprimir o exército hostil, e depois que ele tinha construído também aquele salão de flechas, Vasudeva de grande esplendor, descendo do carro, desatrelou os corcéis perfurados e mutilados por flechas. Contemplando aquela visão nunca vista antes, tumultos altos de aplausos foram ouvidos lá, proferidos pelos Siddhas e os Charanas e por todos os guerreiros. Poderosos guerreiros em carros (reunidos) eram incapazes de resistir ao filho de

Kunti, mesmo quando ele lutava a pé. Tudo isso parecia muito extraordinário. Embora multidões sobre multidões de carros, e miríades de elefantes e cavalos avançassem em direção a ele, ainda assim Partha não sentiu medo mas continuou lutando, levando a melhor sobre todos os seus inimigos. E os reis (hostis) dispararam chuvas de flechas no filho de Pandu. Aquele matador de heróis hostis, no entanto, o filho de Vasava, de alma virtuosa, não sentiu ansiedade de forma alguma. De fato, o bravo Partha recebeu centenas de chuvas de flechas e maças e lanças indo em direção a ele como o oceano recebe centenas sobre centenas de rios que fluem em direção a ele. Com o poder impetuoso de suas próprias armas e a força de seus braços, Partha recebeu as principais das flechas disparadas nele por aqueles principais dos reis. Embora permanecendo no solo, e sozinho, ele contudo conseguiu frustrar todos aqueles reis em seus carros, como aquele único defeito, avareza, destruindo uma hoste de talentos. Os Kauravas, ó rei, elogiaram a destreza muito extraordinária de Partha como também de Vasudeva, dizendo, 'Qual incidente já ocorreu nesse mundo, ou ocorrerá mais admirável do que esse, isto é, que Partha e Govinda, na decorrer da batalha, tenham desatrelado seus corcéis? Mostrando energia impetuosa no campo de batalha e a maior autoconfiança, aqueles melhores dos homens tem nos inspirado com grandes pensamentos.' Então Hrishikesa, de olhos como pétalas de lótus, sorrindo com a mais tranquila confiança, como se, ó Bharata, ele estivesse no meio de uma assembléia de mulheres (e não de inimigos armados), depois que Arjuna tinha criado no campo de batalha aquele salão, feito de flechas, levou os corcéis para ele, na própria visão, ó monarca, de todas as tuas tropas. E Krishna, que era bem hábil em tratar de cavalos, então removeu sua fadiga, dor, espuma (da boca deles), tremor e ferimentos. Então arrancando suas flechas e esfregando aqueles corcéis com suas próprias mãos, e fazendo eles trotarem devidamente, ele os fez beberem. Tendo feito eles beberem, e eliminado seu cansaço e dor, ele mais uma vez os uniu cuidadosamente àquele principal dos carros. Então, aquele mais notável entre todos os manejadores de armas, Sauri, de energia formidável, subindo naquele carro com Arjuna, prosseguiu com grande velocidade. Vendo o carro daquele principal dos guerreiros em carros mais uma vez equipado com aqueles cavalos de batalha, cuja sede tinha sido satisfeita, os principais entre o exército Kuru ficaram novamente desanimados. Eles começaram a suspirar, ó rei, como cobras cujas presas tinham sido arrancadas. E eles disseram, 'Oh, que vergonha, que vergonha para nós! Ambos Partha e Krishna prosseguiram, na própria vista de todos os Kshatriyas, no mesmo carro, e vestidos em armadura, e massacrando nossas tropas com tanta facilidade como meninos brincando com um brinquedo. De fato, aqueles opressores de inimigos prosseguiram na própria visão de todos os reis, mostrando destreza e não impedidos por nossos combatentes que gritavam e lutavam.' Vendo eles irem para longe, outros guerreiros disseram, 'Ó Kauravas, se apressem para matar Krishna e o enfeitado com diadema (Arjuna). Unindo seus corcéis ao seu carro diante dos olhos de todos os (nossos) arqueiros, ele da linhagem de Dasarha está procedendo em direção a Jayadratha, nos massacrando em batalha.' E alguns senhores de terra lá, ó rei, entre eles mesmos, tendo visto aquele acontecimento muito extraordinário em batalha nunca visto antes disseram, 'Ai, por causa do erro de Duryodhana, estes guerreiros do rei Dhritarashtra, os Kshatriyas, e a terra

inteira, caídos em grande desgraça, estão sendo destruídos. O rei Duryodhana não compreende isso.' Assim falaram muitos Kshatriyas. Outros, ó Bharata, disseram, 'O soberano dos Sindhus já foi despachado para a residência de Yama. De visão estreita e não familiarizado com recursos, que Duryodhana agora faça o que deve ser feito por aquele rei (isto é, seus ritos fúnebres.)' Enquanto isso, o filho de Pandu, vendo o sol rumando para as colinas Ocidentais, procedeu com maior velocidade em direção ao soberano dos Sindhus, em seus corcéis, cuja sede tinha sido saciada. Os guerreiros (Kuru) eram incapazes de resistir àquele herói poderosamente armado, aquele principal de todos os manejadores de armas, conforme ele prosseguia como o próprio Destruidor em fúria. Aquele opressor de inimigos, o filho de Pandu, desbaratando os guerreiros (à frente dele), agitou aquele exército, como um leão agitando um bando de veados, conforme ele procedia para alcançar Jayadratha. Penetrando no exército hostil, ele da linhagem de Dasarha instigou os corcéis com grande velocidade, e soprou sua concha, Panchajanya, que era da cor das nuvens. As flechas disparadas para a frente pelo filho de Kunti começaram a cair atrás dele, tão rapidamente aqueles corcéis, dotados da velocidade do vento, puxavam aquele carro. Então muitos reis, cheios de raiva, e muitos outros Kshatriyas cercaram Dhananjaya que estava desejoso de matar Jayadratha. Quando os guerreiros (Kuru) assim procederam em direção àquele touro entre homens (Arjuna) que tinha parado por um momento, Duryodhana, procedendo rapidamente, seguiu Partha naquela grande batalha. Muitos guerreiros, vendo o carro cujo estrépito parecia o ribombar de nuvens, e o qual estava equipado com aquele estandarte terrível portando o macaco e cujo pendão flutuava ao vento, ficaram muito desanimados. Então quando o sol estava quase completamente encoberto pelo pó (erguido pelos combatentes), os guerreiros (Kuru), afligidos com flechas, ficaram incapazes até de olhar, naquela batalha, para os dois Krishnas.'"

100

"Sanjaya disse, 'Ó monarca, vendo Vasudeva e Dhananjaya penetrarem em sua hoste, tendo já atravessado muitas divisões, os reis do exército fugiram com medo. Pouco tempo depois, no entanto, aqueles de grande alma, cheios de raiva e vergonha, e estimulados por seu poder, ficaram calmos e controlados, e foram em direção a Dhananjaya. Mas aqueles, ó rei, que cheios de raiva e sentimento de vingança procederam contra o filho de Pandu em batalha não retornaram, como rios nunca voltando do oceano. Vendo isso, muitos Kshatriyas ignóbeis incorreram em pecado e inferno por fugirem da batalha, como ateus rejeitando os Vedas. Ultrapassando aquela multidão de carros aqueles dois touros entre homens, finalmente, saíram fora dela, e pareciam com o sol e a lua livres das mandíbulas de Rahu. De fato, os dois Krishnas, sua fadiga dissipada, tendo atravessado aquela hoste vasta, pareciam com dois peixes que tinham passado através de uma rede forte. Tendo forçado através daquela divisão impenetrável de Drona, o caminho pela qual era obstruído por chuvas grossas de armas, aqueles dois heróis de grande alma pareciam com sóis-Yuga surgidos (no firmamento). Passando por aquelas chuvas densas de armas e livres daquele perigo iminente,

aqueles heróis de grande alma, eles mesmos obstruindo o céu com nuvens grossas de armas, pareciam com pessoas que tinham escapado de uma conflagração violenta, ou como dois peixes das mandíbulas de um makara. E eles agitaram a hoste (Kuru) como um par de makaras agitando o oceano. Teus guerreiros e teus filhos, enquanto Partha e Krishna estavam no meio da divisão de Drona, tinham pensado que aqueles dois nunca seriam capazes de escapar dela. Vendo, no entanto, aqueles dois heróis de grande esplendor saírem da divisão de Drona, eles não mais, ó monarca, esperaram pela vida de Jayadratha. Até aquele momento eles tinham esperanças fortes a respeito da vida de Jayadratha, pois eles tinham pensado, ó rei, que os dois Krishnas nunca poderiam escapar de Drona e do filho de Hridika. Frustrando aquela esperança, aqueles dois opressores de inimigos tinham, ó monarca, cruzado a divisão de Drona, como também a divisão dos Bhojas quase impossível de se atravessar. Vendo eles, portanto, vadearem por aquelas divisões e parecerem com dois fogos ardentes, teus homens foram tomados pelo desespero e não mais esperaram pela vida de Jayadratha. Então aqueles dois heróis destemidos, Krishna e Dhananjaya, aqueles aumentadores dos medos de inimigos, começaram a conversar entre eles mesmos a respeito da morte de Jayadratha. E Arjuna disse, 'Jayadratha foi colocado em seu meio por seis dos principais guerreiros em carros entre os Dhartarashtras. O soberano dos Sindhus, no entanto, não me escapará se uma vez ele for visto por mim. Se o próprio Sakra, com todos os celestiais, se tornar seu protetor em batalha, nós ainda assim o mataremos.' Dessa maneira os dois Krishnas falaram. Assim mesmo, ó de braços fortes, eles conversaram entre si, enquanto procuravam o soberano dos Sindhus. (Ouvindo o que eles disseram), teus filhos deram um alto lamento. Aqueles dois castigadores de inimigos então pareciam com um par de elefantes sedentos de grande rapidez de movimento, refrescados por beberem água, depois de terem atravessado um deserto. Além da morte e acima de decrepitude, eles então pareciam com dois comerciantes que tinham passado por uma região montanhosa abundando com tigres e leões e elefantes. De fato, vendo eles livres (de Drona e Kritavarman), teus guerreiros consideraram a aparência dos rostos de Partha e Krishna como sendo terrível; e teus homens então, de todos os lados, deram um lamento alto. Livres de Drona que parecia uma cobra de veneno virulento ou um fogo ardente, como também dos outros senhores da terra, Partha e Krishna pareciam com dois sóis resplandecentes. De fato, aqueles dois castigadores de inimigos, livres da divisão de Drona, a qual parecia o próprio oceano, pareciam estar cheios de alegria como pessoas que cruzaram com segurança o vasto oceano. Livres daquelas densas chuvas de armas, daquelas divisões protegidas por Drona e pelo filho de Hridika, Kesava e Arjuna pareciam com Indra e Agni, de refulgência brilhante. Os dois Krishnas, perfurados por flechas afiadas do filho de Bharadwaja, e com corpos ensopados com sangue, pareciam radiantes como duas montanhas enfeitadas com Karnikaras florescentes. Tendo vadeado aquele lago largo, do qual Drona constituía o jacaré, dardos formavam as cobras ferozes, flechas, os Makaras, e Kshatriyas, as águas profundas, e tendo saído daquela nuvem, constituída pelas armas de Drona, cujos trovões eram a vibração de arcos e o som de palmas, e cujos lampejos de relâmpago eram constituídos por maças e espadas, Partha e Krishna pareciam com o sol e a lua livres da escuridão. Tendo cruzado a região

obstruída pelas armas de Drona, todas as criaturas consideraram aqueles arqueiros poderosos e famosos, os dois Krishnas, como pessoas que tinham vadeado, com a ajuda de seus braços, os cinco rios, (isto é, o Satadru, o Vipasa, o Ravi, o Chandrabhaga, e o Vitasta) tendo o oceano como seu sexto, quando cheios de água durante a estação das chuvas, e abundando com jacarés. Lançando seus olhos, por desejo de matança, sobre Jayadratha que não estava longe deles, os dois heróis pareciam com dois tigres esperando pelo desejo de se lançarem sobre um veado Ruru. Tal era então o aspecto de seus rostos, que teus guerreiros, ó monarca, consideraram Jayadratha como alguém já morto. Possuidores de olhos vermelhos, ó de braços fortes, e permanecendo juntos, Krishna e o filho de Pandu, à visão de Jayadratha ficaram cheios de alegria e rugiram repetidamente. De fato, ó monarca, o esplendor então de Sauri, permanecendo com rédeas nas mãos, e de Partha armado com arco, era semelhante àquele do sol ou do fogo. Livres da divisão de Drona, sua alegria, ao verem o soberano dos Sindhus, foi como aquela de um par de falcões à visão de um pedaço de carne. Vendo o soberano dos Sindhus não muito longe, eles avançaram furiosamente em direção a ele como um par de falcões se precipitando em direção a um pedaço de carne. Vendo Hrishikesa e Dhananjaya ultrapassarem (as divisões de Drona), teu filho corajoso, o rei Duryodhana, cuja armadura tinha sido amarrada em seu corpo por Drona, e que era bem versado em tratar e guiar cavalos, avançou, em um único carro, ó senhor, para a proteção dos Sindhus. Deixando aqueles arqueiros poderosos, isto é, Krishna e Partha, para trás, teu filho, ó rei, voltou atrás, enfrentando Kesava de olhos como lótus. Quando teu filho ultrapassou Dhananjaya dessa maneira, diversos instrumentos musicais foram alegremente soprados e batidos entre todas as tuas tropas. E rugidos leoninos foram proferidos misturados com o clangor de conchas, vendo Duryodhana permanecendo diante dos dois Krishnas. Eles também, ó rei, parecendo fogos ardentes, que permaneciam como os protetores de Jayadratha, ficaram cheios de alegria ao verem teu filho em batalha. Vendo Duryodhana ultrapassá-los com seus seguidores, Krishna, ó monarca, disse para Arjuna essas palavras apropriadas para a ocasião.'"

101

"Vasudeva disse, 'Veja, ó Dhananjaya, esse Suyodhana que nos ultrapassou! Eu considero isso como muito admirável. Não há guerreiro em carro igual a ele. Suas flechas são de longo alcance. Ele é um grande arqueiro. Talentoso como ele é com armas, é muito difícil derrotá-lo em batalha. O filho poderoso de Dhritarashtra ataca duramente, e é familiarizado com todos os modos de guerra. Criado em grande luxo, ele é muito respeitado até pelos mais notáveis dos guerreiros em carros. Ele é bem habilidoso, e, ó Partha, ele sempre odeia os Pandavas. Por essas razões, ó impecável, eu acho que tu deves agora lutar com ele. Dele depende, como de uma aposta nos dados, vitória ou o contrário. Sobre ele, ó Partha, vomite aquele veneno da tua ira que tu tens nutrido por tanto tempo. Esse poderoso guerreiro em carro é a causa de todos os males dos Pandavas. Ele está agora dentro do alcance de tuas flechas. Cuide do teu sucesso. Por que o rei

Duryodhana, desejoso como ele é de reino, vem para lutar contigo? Por boa sorte é que ele está agora dentro do alcance das tuas flechas. Faça aquilo, ó Dhananjaya, pelo qual ele possa ser privado de sua própria vida. Privado de sua razão por causa de orgulho de riqueza, ele nunca sentiu qualquer angústia. Ó touro entre homens, ele não conhece também tua destreza em batalha. De fato, os três mundos com os celestiais, os Asuras, e seres humanos, não podem se arriscar a te reprimir em batalha. O que precisa ser dito, portanto, de Duryodhana somente? Por boa sorte é, ó Partha, que ele se aproximou da vizinhança do teu carro. Ó poderosamente armado, mate-o como Purandara matou Vritra. Ó impecável, Duryodhana se esforçou para causar mal a vocês. Por meio de fraude ele trapaceou o rei Yudhishthira no jogo de dados. Ó concessor de honras, embora vocês todos sejam impecáveis, esse príncipe de alma pecaminosa sempre fez vários maus atos para vocês. Nobremente determinado a lutar, ó Partha, mate sem qualquer escrúpulo esse indivíduo perverso, que é sempre colérico e sempre cruel, e que é a própria encarnação da avareza. Lembrando da privação de seu reino por fraude, seu exílio nas florestas, e dos males de Krishna, empregue tua bravura, ó filho de Pandu! Por boa sorte é que ele está dentro do alcance das flechas. Por boa sorte, é que ficando diante de ti ele se esforça para impedir teu propósito. Por boa sorte, é que ele sabe hoje que ele terá que lutar contigo na batalha. Por boa sorte é que todos os seus propósitos, até aqueles que não são agora nutridos por vocês, serão coroados com realização. Portanto, Partha, mate esse canalha de sua raça, o filho de Dhritarashtra, em batalha, como Indra nos tempos passados matou o Asura Jambha na batalha entre os celestiais e os Asuras. Se ele for morto por ti, tu poderás então atravessar esta hoste desgovernada. Corte a verdadeira raiz desses patifes de alma pecaminosa. Que o avabhritha dessa hostilidade seja agora realizado.'" (Avabhritha é o banho final pelo qual passa, no término de um sacrifício, a pessoa que realiza o sacrifício. A morte de Duryodhana segundo Krishna seria o avabhritha do sacrifício de batalha.)

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, Partha respondeu para Kesava dizendo, 'Assim seja. Isso mesmo deve ser feito por mim. Desconsiderando tudo mais, vá para lá onde Duryodhana está. Aplicando minha destreza em batalha, eu cortarei a cabeça daquele patife que por tal longo período desfrutou do nosso reino sem um incômodo de seu lado. Eu não conseguirei, ó Kesava, me vingar eu mesmo do insulto, na forma de arrastá-la pelo cabelo, oferecido a Draupadi, não merecedora como ela era daquela injúria?' Conversando dessa maneira entre si, os dois Krishnas cheios de alegria instigaram aqueles excelentes corcéis brancos deles, desejosos de alcançar o rei Duryodhana. Com relação ao teu filho, ó touro da raça Bharata, tendo se aproximado da presença de Partha e Krishna, ele não nutriu medo, embora, ó majestade, toda a situação fosse considerada como inspiradora de medo. E os Kshatriyas lá, no teu lado, o aplaudiram muito então, pois ele procedeu para encarar Arjuna e Hrishikesa para resistir a eles. De fato, vendo o rei em combate, um grito alto foi ouvido lá, ó monarca, proferido pelo exército Kuru inteiro. Quando aquele grito terrível e ameaçador elevou-se lá, teu filho, pressionando seu inimigo duramente, impediu seu progresso. Detido por teu filho armado com arco, o filho de Kunti ficou cheio de raiva, e aquele castigador de

inimigos, Duryodhana, também ficou muito enfurecido com Partha. Vendo Duryodhana e Dhananjaya enfurecidos um com o outro, todos os Kshatriyas, de formas selvagens, começaram a observá-los de todos os lados. Vendo Partha e Vasudeva ambos cheios de raiva, teu filho, ó majestade, desejoso de lutar, os desafiou sorridente, então ele da linhagem de Dasarha ficou cheio de alegria, e Dhananjaya também, o filho de Pandu, ficou alegre. Proferindo rugidos altos, ambos sopraram suas principais das conchas. Vendo eles assim alegres, todos os Kauravas ficaram sem esperança da vida do teu filho. De fato, todos os Kauravas, e muitos até entre o inimigo, foram dominados pela aflição, e consideraram teu filho como uma libação já despejada na boca do fogo (sagrado). Teus guerreiros, vendo Krishna e o Pandava tão alegres exclamaram ruidosamente, afligidos pelo temor, 'O rei está morto!' 'O rei está morto!' Ouvindo aquele tumulto alto dos guerreiros, Duryodhana disse, 'Que seus temores sejam dissipados. Eu despacharei os dois Krishnas para a região da morte.' Dizendo a todos os seus guerreiros essas palavras, o rei Duryodhana então, expectante de sucesso, dirigiu-se a Partha com raiva e disse essas palavras: 'Se, ó Partha, tu foste gerado por Pandu aplique sobre mim, sem perda de tempo, todas as armas, celestes e terrestres, que Kesava também tem igualmente, sobre mim. Eu desejo ver tua coragem. Eles falam de muitas façanhas realizadas por ti fora da nossa vista. Mostre-me aquelas façanhas que ganharam o louvor de muitos dotados de grande heroísmo!'"

102

"Sanjaya disse, 'Dizendo essas palavras, o rei Duryodhana perfurou Arjuna com três flechas de grande impetuosidade e capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. E com quatro outras ele perfurou os quatro corcéis de seu inimigo. E ele perfurou Vasudeva no centro do peito com dez flechas, e cortando, com uma flecha de cabeça larga, o chicote nas mãos do último, ele o derrubou no chão. Então Partha, friamente e sem perder um momento, disparou nele quatorze flechas afiadas em pedra e providas de belas penas. Todas aquelas flechas, no entanto, foram repelidas pela armadura de Duryodhana. Observando a inutilidade delas, Partha mais uma vez disparou nele quatorze flechas de pontas afiadas. Mas essas também foram repelidas pela armadura de Duryodhana. Vendo suas vinte e oito flechas fracassarem, aquele matador de heróis hostis, Krishna, disse para Arjuna essas palavras: 'Eu vejo uma visão nunca antes testemunhada por mim, como os movimentos das colinas. Flechas disparadas por ti, ó Partha, estão fracassando. Ó touro da raça Bharata, teu Gandiva decaiu em poder? A força do teu aperto e o poder de teus braços se tornaram menores do que eles eram? Esse não é para ser teu último encontro com Duryodhana? Diga-me, ó Partha, pois eu te pergunto. Grande é meu assombro, ó Partha, ao ver todas essas flechas caírem em direção ao carro de Duryodhana sem produzirem o menor efeito. Ai, que desgraça é que essas tuas flechas terríveis que são dotadas do poder do trovão e que sempre perfuram os corpos de inimigos fracassam em produzir qualquer efeito.'"

"Arjuna disse, 'Eu penso, ó Krishna, que essa armadura foi posta no corpo de Duryodhana por Drona. Essa armadura, atada como ela foi, é impenetrável para minhas armas. Nessa armadura, ó Krishna, é inerente o poder dos três mundos. Somente Drona a conhece, e daquele melhor dos homens eu também aprendi. Essa armadura não pode ser perfurada por minhas armas. O próprio Maghavat, ó Govinda, não pode perfurá-la com seu trovão. Sabendo disso tudo, ó Krishna, por que tu procuras me confundir? Aquilo que ocorreu nos três mundos, aquilo que, ó Kesava, existe agora, e o que está no ventre do futuro, são todos conhecidos por ti. De fato, ó matador de Madhu, ninguém mais conhece isso melhor do que tu. Este Duryodhana, ó Krishna, equipado por Drona nessa armadura, está permanecendo destemidamente em batalha, usando essa cota de malha. Aquilo no entanto, que alguém vestindo tal armadura deve fazer, não é sabido por ele, ó Madhava! Ele a usa somente como uma mulher. Veja agora, ó Janardana, o poder de minhas armas e aquele do meu arco também. Embora protegido por tal cota de malha, eu ainda derrotarei o príncipe Kuru. O chefe dos celestiais deu essa armadura refulgente para Angiras. Do último ela foi obtida por Vrihaspati. E de Vrihaspati ela foi obtida por Purandara. O Senhor dos celestiais mais uma vez a deu para mim com os mantras para serem proferidos ao vesti-la. Mesmo se essa armadura fosse divina, se ela fosse criada pelo próprio Brahma, ainda o canalha, Duryodhana, atingido por minhas flechas, não seria protegido por ela.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, Arjuna insuflou algumas flechas com mantras, e começou a puxá-las na corda do arco. E enquanto ele estava assim puxando elas na corda do arco, o filho de Drona as cortou com uma arma que era capaz de frustrar todas as armas. Vendo aquelas suas flechas assim frustradas de uma distância por aquele anunciador de Brahma (Aswatthaman), Arjuna, possuindo corcéis brancos, cheio de perplexidade revelou a Kesava, dizendo, 'Eu não posso, Janardana, usar duas vezes essa arma, pois se fizer isso eu matarei a mim mesmo e minhas próprias tropas.' Enquanto isso, Duryodhana, ó rei, perfurou cada um dos Krishnas naquela batalha com nove flechas parecendo cobras de veneno virulento. E mais uma vez o rei Kuru despejou suas flechas sobre Krishna e o filho de Pandu. Contemplando aquelas chuvas de flechas (disparadas por seu rei), teus guerreiros estavam cheios de alegria. Eles tocaram seus instrumentos musicais e proferiram rugidos leoninos. Então Partha, excitado com raiva naquela batalha, lambeu os cantos de sua boca. Lançando seus olhos no corpo de seu inimigo, ele não viu qualquer parte que não estivesse bem coberta com aquela armadura impenetrável. Com algumas flechas de ponta afiada então, bem disparadas de seu arco, e cada uma das quais parecia a própria Morte, Arjuna matou os corcéis de seu adversário e então seus dois quadrigários Parshni. E logo também o heróico Partha cortou o arco de Duryodhana e a proteção de couro de seus dedos. Então, Savyasachin começou a cortar o carro de seu inimigo em fragmentos. E com um par de flechas afiadas ele fez Duryodhana ficar sem carro. E então Arjuna perfurou ambas as palmas do rei Kuru. Vendo aquele grande arqueiro afligido pelas flechas de Dhananjaya e caído em grande angústia, muitos guerreiros se apressaram para o local, desejosos de resgatá-lo. Esses, com muitos milhares de carros, elefantes e cavalos bem equipados, como também com grandes grupos de soldados de infantaria, cheios

de raiva, cercados por grandes grupos de homens, nem aquele carro deles nem de Arjuna e Govinda podiam mais ser vistos. Então Arjuna, pelo poder de suas armas, começou a massacrar aquela hoste. E guerreiros em carros e elefantes, às centenas, privados de membros, caíram rápido sobre o campo. Mortos, ou no ato de serem mortos, eles fracassavam em alcançar o carro excelente. De fato, o carro no qual Arjuna estava permanecia imóvel duas milhas completas da tropa sitiante de todos os lados. Então o herói Vrishni (Krishna), sem tomar qualquer tempo, disse para Arjuna essas palavras: 'Puxe teu arco rapidamente e com grande força, pois eu soprarei minha concha.' Assim endereçado, Arjuna estirando seu arco Gandiva com grande força começou a massacrar o inimigo, disparando chuvas densas de flechas e fazendo um barulho alto por esticar a corda do arco com seus dedos. Kesava enquanto isso soprou com força e muito ruidosamente sua concha Panchajanya, seu rosto coberto com poeira. Por causa do clangor daquela concha e do som do Gandiva, os guerreiros Kuru, fortes ou fracos, todos caíram no chão. O carro de Arjuna, então livre daquela pressão, parecia resplandecente como uma nuvem impelida pelo vento. (Vendo Arjuna) os protetores de Jayadratha, com seus seguidores, ficaram cheios de raiva. De fato, aqueles arqueiros poderosos, os protetores do soberano dos Sindhus, vendo Partha de repente, proferiram gritos altos, enchendo a terra com aquele barulho. O zunido de suas flechas estava misturado com outros barulhos violentos e o alto clangor de suas conchas. Aqueles guerreiros de grande alma proferiram gritos leoninos. Ouvindo aquele tumulto terrível criado por tuas tropas, Vasudeva e Dhananjaya sopraram suas conchas. Com o alto clangor (de suas conchas), a terra inteira, com suas montanhas e mares e ilhas e as regiões inferiores, ó monarca, pareceram ser cheios. De fato, aquele clangor, ó melhor dos Bharatas, encheu todos os pontos do horizonte, e foi ecoado de volta por ambos os exércitos. Então teus guerreiros em carros, vendo Krishna e Dhananjaya, ficaram muito assustados. Logo, no entanto, eles se recuperaram e aplicaram sua energia. De fato, os grandes guerreiros em carros da tua hoste, vendo os dois Krishnas, aquelas pessoas muito abençoadas, equipados em armadura avançaram em direção a eles. A visão assim apresentada tornou-se extraordinária.'"

103

"Sanjaya disse, 'Teus guerreiros, logo que eles viram aquelas principais das pessoas das linhagens Vrishni-Andhaka e Kuru, não perderam tempo, cada um se esforçando para ser o primeiro em proceder contra eles pelo desejo de massacrá-los. E assim Vijaya também avançou contra aqueles inimigos dele. Em seus carros excelentes, decorados com ouro, envolvidos em peles de tigre, produzindo estrépito profundo, e parecendo fogo ardente, eles avançaram, iluminando os dez pontos do horizonte, armados, ó rei, com arcos, as costas de cujas varas eram enfeitadas com ouro, e que por causa de seu esplendor não podiam ser olhados, e proferindo gritos altos, e puxados por cavalos furiosos. Bhurisravas, e Sala e Karna, e Vrishasena, e Jayadratha, e Kripa, e o soberano dos Madras, e aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Drona, esses oito grandes guerreiros em carros, como se devorando os céus (conforme eles procediam) iluminaram os

dez pontos do horizonte com seus carros esplêndidos, envolvidos em peles de tigre e decorados com luas douradas. Vestidos em armadura, cheios de ira e sobre seus carros o estrépito dos quais parecia o ribombo de massas de nuvens, eles cobriram Arjuna de todos os lados com uma chuva de flechas afiadas. Belos corcéis da melhor raça, dotados de grande velocidade, levando aqueles formidáveis guerreiros em carros, pareciam resplandecentes porque eles iluminavam os pontos do horizonte. Seus carros puxados por corcéis principais de grande rapidez eram de diversos países e de diversas espécies, alguns criados em regiões montanhosas, alguns em rios, e alguns no país dos Sindhus, muitos principais dos guerreiros em carros entre os Kurus desejosos, ó rei, de resgatar teu filho avançaram rapidamente em direção ao carro de Dhananjaya de todos os lados. Aqueles mais notáveis dos homens, pegando suas conchas as sopraram, enchendo, ó rei, o céu e a terra com seus mares (com aquele clangor). Então aqueles principais entre os deuses, Vasudeva e Dhananjaya, também sopraram suas principais das conchas sobre a terra. O filho de Kunti soprou Devadatta, e Kesava soprou Panchajanya. O clangor alto de Devadatta, emitido por Dhananjaya, encheu a terra, o céu, e os dez pontos do horizonte. E assim Panchajanya também soprada por Vasudeva, superando todos os sons, encheu o céu e a terra. E enquanto aquele barulho terrível e violento continuou, um barulho que inspirava os tímidos com medo e os bravos com ânimo, e enquanto tambores e Jharjharas, e pratos e Mridangas, ó grande rei, eram batidos aos milhares, grandes guerreiros em carros convidados para o lado Kuru e desejosos do bem-estar de Dhananjaya, aqueles grandes arqueiros, cheios de raiva e incapazes de suportar o clangor alto das conchas de Arjuna e Krishna, aqueles reis de diversos reinos protegidos por suas respectivas tropas, sopraram suas grandes conchas com fúria, desejando responder com seus próprios toques os toques de Kesava e Arjuna. O exército Kuru então, incitado adiante por aquele clangor de conchas, tinha seus guerreiros em carros, elefantes, e corcéis cheios de ansiedade e temor. De fato, ó senhor, aquela hoste parecia como se aqueles que a compunham estivessem indispostos. A hoste Kuru agitada, ecoando com aquele clangor de conchas sopradas por bravos guerreiros, parecia ser como o céu ressoando com o barulho do trovão e caindo (por causa de alguma convulsão da natureza). Aquele tumulto alto, ó monarca, ressoou pelos dez pontos e assustou aquela hoste como incidentes críticos no fim do Yuga amedrontando todas as criaturas vivas. Então Duryodhana e aqueles oito formidáveis guerreiros em carros designados para a proteção de Jayadratha todos cercaram o filho de Pandu. O filho de Drona atingiu Vasudeva com setenta e três flechas, e o próprio Arjuna com três flechas de cabeça larga, e seu estandarte e (quatro) corcéis com cinco outras. Vendo Janardana perfurado, Arjuna, cheio de fúria, atingiu Aswatthaman com cem flechas. Então perfurando Karna com dez flechas e Vrishasena com três, o bravo Dhananjaya cortou o arco de Salya com flechas fixadas na corda, no cabo. Salya então, pegando outro arco, perfurou o filho de Pandu. E Bhurisravas o perfurou com três flechas afiadas em pedra, e equipadas com asas douradas. E Karna o perfurou com trinta e duas flechas, e Vrishasena com sete. E Jayadratha perfurou Arjuna com setenta e três flechas e Kripa perfurou-o com dez. E o soberano dos Madras também perfurou Phalguna naquela batalha com dez flechas. E o filho de Drona o perfurou com sessenta setas. E ele, mais uma vez, perfurou Partha com

cinco setas, e Vasudeva com vinte. Então o tigre entre homens, Arjuna, possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista, perfurou cada um daqueles guerreiros em retorno, mostrando a agilidade de suas mãos. Perfurando Karna com uma dúzia flechas e Vrishasena com três, Partha cortou o arco de Salya no cabo. E perfurando o filho de Somadatta com três flechas e Salya com dez, ele perfurou Kripa com vinte e cinco setas, e o soberano dos Sindhus com cem, Partha atingiu o filho de Drona com setenta flechas. Então Bhurisravas cheio de raiva cortou o chicote na mão de Krishna e atingiu Arjuna com vinte e três flechas. Então Dhananjaya, de corcéis brancos, cheio de ira, mutilou aqueles seus inimigos com centenas sobre centenas de setas, como uma tempestade poderosa rompendo massas de nuvens.'"

104

"Dhritarashtra, disse, 'Descreva para mim, ó Sanjaya, os diversos tipos de estandartes brilhantes com grande beleza, de Partha e dos nossos guerreiros (naquela batalha).'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a respeito das diversas espécies de estandartes daqueles guerreiros de grande alma. Ouça-me enquanto eu descrevo suas formas e nomes. De fato, ó rei, sobre os carros daqueles principais dos guerreiros em carros eram vistos diversos tipos de estandartes que brilhavam como chamas ardentes de fogo. Feitos de ouro, ou decorados com ouro, ou adornados com fios de ouro e cada um parecendo com a montanha dourada (Meru), diversos tipos de estandartes estavam lá que eram muito belos. E aqueles estandartes dos guerreiros tinham amarrados em volta deles pendões excelentes. De fato, tendo pendões de diversas cores amarrados a eles por todos os lados, aqueles estandartes pareciam muito belos. Aqueles pendões, além disso, movidos pelo vento, pareciam com damas formosas dançando no meio de uma arena esportiva. Dotados do esplendor do arco-íris, aqueles pendões, ó touro da raça Bharata, daqueles guerreiros em carros, flutuando na brisa, enfeitavam muito seus carros. O estandarte, portando o emblema do macaco de rosto feroz e rabo como aquele do leão, pertencente a Dhananjaya, parecia inspirar temor naquela batalha. Aquele estandarte, ó rei, do manejador do Gandiva, portando aquele principal dos macacos, e adornado com muitos pendões, amedrontava a hoste Kuru. Similarmente, o estandarte principal de rabo de leão do filho de Drona, ó Bharata, nós vimos, era dotado do resplendor do sol nascente. Enfeitado com ouro, flutuando na brisa, possuidor do esplendor do arco-íris, o estandarte símbolo do filho de Drona aparecia no alto, inspirando os principais dos guerreiros Kuru com alegria. O estandarte do filho de Adhiratha portava o símbolo de um laço de elefante feito de ouro. Ele parecia, ó rei, em batalha encher o céu inteiro. O pendão, enfeitado com ouro e guirlandas, amarrado ao estandarte de Karna em batalha, agitado pelo vento, parecia dançar sobre seu carro. O preceptor dos Pandavas, aquele Brahmana, dado a penitências ascéticas, Kripa o filho de Gotama, tinha como seu símbolo um touro excelente. Aquele de grande alma, ó rei, com aquele touro, parecia tão resplandecente como o Destruidor das três

cidades (Mahadeva) parece resplandecente com seu touro. Vrishasena tinha um pavão feito de ouro e adornado com jóias e pedras preciosas. E ele (o pavão) permanecia sobre seu estandarte, como se no ato de cantar, e sempre adornava a vanguarda do exército. Com aquele pavão, o carro de Vrishasena de grande alma resplandecia, como o carro, ó rei, de Skanda (o generalíssimo celeste) brilhando com seu pavão incomparável e bela relha de arado feita de ouro e parecendo com uma chama de fogo. Aquela relha de arado, ó majestade, parecia resplandecente sobre seu carro. Salya, o soberano dos Madras, nós vimos, tinha no seu estandarte principal uma imagem semelhante à deusa que preside os cereais, dotada de beleza e produzindo toda semente. Um javali prata adornava o estandarte principal do soberano dos Sindhus. Decorado com correntes douradas, ele tinha o esplendor de um cristal branco. Com aquele símbolo prata em sua bandeira, o soberano dos Sindhus parecia tão radiante como Surya nos tempos antigos na batalha entre os celestiais e os Asuras. O estandarte do filho de Somadatta, dedicado a sacrifícios, portava o emblema da estaca sacrifical. Ele era visto brilhar como o sol ou a lua. Aquela estaca sacrifical feita de ouro, ó rei, do filho de Somadatta, parecia brilhante como a estaca alta erigida no principal dos sacrifícios chamado Rajasuya. O estandarte de Salya, ó monarca, portando um enorme elefante prata era adornado, por todos os lados, com pavões feitos de ouro. O estandarte, ó touro da raça Bharata, adornava tuas tropas como o elefante branco enorme adornando a hoste do rei celeste. No estandarte enfeitado com ouro do rei Duryodhana, havia um elefante adornado com pedras preciosas. Tilintando com o som de cem sinos, ó rei, aquele estandarte permanecia sobre o carro excelente daquele herói. E, ó rei, teu filho, aquele touro entre os Kurus, parecia resplandecente, ó monarca, com aquele estandarte alto em batalha. Esses nove estandartes excelentes permaneciam eretos entre tuas divisões. O décimo estandarte visto lá era de Arjuna, decorado com aquele macaco enorme. E com aquele estandarte Arjuna parecia muito resplandecente, como Himavat com um fogo brilhante (em seu topo). Então muitos poderosos guerreiros em carros, todos castigadores de inimigos, pegaram rapidamente seus arcos belos, brilhantes e grandes para (resistir a) Arjuna. Similarmente, Partha também, aquele realizador de façanhas divinas, pegou seu arco destruidor de inimigos, Gandiva, por causa, ó rei, da tua má política. Muitos guerreiros nobres, ó rei, foram então mortos naquela batalha devido à tua falha. Governantes de homens vieram de diferentes reinos convidados (por teus filhos). E com eles pereceram muitos corcéis e muitos elefantes. Então aqueles poderosos guerreiros em carros encabeçados por Duryodhana (em um lado) e aquele touro entre os Pandavas no outro, proferiram rugidos altos e começaram a combater. E o feito que o filho de Kunti, tendo Krishna como seu quadrigário, realizou lá, foi muito extraordinário, visto que, sozinho, ele combateu destemidamente aqueles guerreiros reunidos. E aquele herói poderosamente armado parecia radiante quando ele esticava seu arco Gandiva, desejoso de subjugar todos aqueles tigres entre homens para matar o soberano dos Sindhus. Com suas flechas disparadas às milhares, aquele tigre entre homens, Arjuna, aquele opressor de inimigos, fez todos aqueles guerreiros invisíveis (por meio de suas chuvas de flechas). De sua parte, aqueles tigres entre homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, também fizeram Partha invisível por meio de suas nuvens de flechas disparadas de todos os lados. Vendo

Arjuna, aquele touro da raça Kuru, coberto por aqueles leões entre homens com suas flechas, alto foi o tumulto feito por tuas tropas.'"

105

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Arjuna tinha o soberano do Sindhus dentro da visão, o que, ó Sanjaya, os Panchalas, atacados pelo filho de Bharadwaja, fizeram, enfrentando os Kurus?'"

"Sanjaya disse, 'Na tarde daquele dia, ó monarca, na batalha que ocorreu entre os Panchalas e os Kurus, Drona se tornou, por assim dizer, a aposta (pela qual cada um lutava para ganhar ou perder). Os Panchalas, ó majestade, desejosos de matar Drona, alegremente proferiram rugidos altos e dispararam chuvas densas de setas. De fato, aquele combate entre os Panchalas e os Kurus, violento, terrível, e muito extraordinário como foi, parecia aquele nos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. De fato, todos os Panchalas com os Pandavas, tendo o carro de Drona (dentro do alcance) usaram muitas armas poderosas, desejosos de atravessar sua ordem de batalha. Guerreiros em carros posicionados sobre seus carros, fazendo a terra tremer sob eles, e derramando suas torrentes de flechas, avançaram em direção ao carro de Drona, sem muita velocidade. Então aquele poderoso guerreiro em carro entre os Kaikeyas, Vrihatkshatra, espalhando incessantemente flechas afiadas que pareciam o trovão em força, procedeu em direção a Drona. Então Kshemadhurti de grande fama rapidamente avançou contra Vrihatkshatra, disparando flechas afiadas às milhares. Vendo isso, aquele touro entre os Chedis, Dhrishtaketu, dotado de grande poder, procedeu rapidamente contra Kshemadhurti, como Mahendra procedendo contra o Asura Samvara. Vendo ele avançar com grande impetuosidade, como o próprio Destruidor com boca escancarada, aquele arqueiro poderoso, Viradhanwan, procedeu contra ele com grande velocidade. O rei Yudhishthira permanecendo lá na dianteira de sua divisão pelo desejo de vitória, foi resistido pelo próprio corajoso Drona. Teu filho Vikarna, ó senhor, dotado de grande destreza, procedeu contra Nakula de grande destreza que avançava, aquele guerreiro talentoso em batalha. Aquele opressor de inimigos, Durmukha, cobriu Sahadeva que avançava com muitos milhares de flechas que corriam rapidamente. O heróico Vyughradatta resistiu àquele tigre entre homens, Satyaki, fazendo-o tremer repetidamente por meio de suas flechas rápidas e de pontas afiadas. O filho de Somadatta resistiu aos (cinco) filhos de Draupadi, aqueles tigres entre homens, aqueles grandes guerreiros em carros, disparando colericamente flechas poderosas. Aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho feroz de Rishyasringa (o Rakshasa Alamvusha), de aparência horrível, resistiu a Bhimasena que avançava cheio de ira. O combate que então ocorreu entre aquele homem e Rakshasa pareceu, ó rei, a batalha nos tempos passados entre Rama e Ravana. Então, ó Bharata, Yudhishthira, aquele chefe dos Bharatas, atingiu Drona com noventa flechas retas em todas as suas partes vitais. Enfurecido pelo filho famoso de Kunti, Drona atingiu-o em retorno, ó chefe dos Bharatas, no centro do peito com vinte e cinco flechas. E mais uma vez, na própria vista de todos os arqueiros, Drona atingiu a

ele, com seus corcéis, quadrigário, e estandarte, com vinte flechas. O filho de Pandu, de alma virtuosa, mostrando grande agilidade de mão, desviou com suas próprias chuvas de flechas aquelas flechas disparadas por Drona. Então aquele grande arqueiro Drona, cheio de raiva, cortou o arco do rei de grande alma Yudhishthira o justo. Então aquele grande guerreiro em carro (ou seja, o filho de Bharadwaja) rapidamente cobriu Yudhishthira sem arco com muitos milhares de flechas. Vendo o rei tornado invisível pelas flechas do filho de Bharadwaja, todos pensaram que Yudhishthira estava morto, e alguns pensaram que o rei tinha fugido diante de Drona. E muitos gritaram, ó rei, dizendo, 'Ai, o rei foi morto pelo Brahmana de grande alma.' Então, o rei Yudhishthira o justo, caído em grande angústia, tendo posto de lado aquele arco cortado pelo filho de Bharadwaja em batalha pegou outro arco excelente, brilhante e mais resistente. E aquele herói então cortou naquele combate todas aquelas flechas disparadas às milhares por Drona. Tudo isso parecia muito extraordinário. Tendo cortado aquelas flechas, ó rei, Yudhishthira, com olhos vermelhos de raiva, pegou naquela batalha um dardo, capaz de fender até uma montanha. Equipado com uma vara dourada, de aparência terrível, tendo oito sinos amarrados a ele, e muito ameaçador, o poderoso Yudhishthira, erguendo-o, proferiu um rugido alto. E com aquele rugido, ó Bharata, o filho de Pandu inspirou todas as criaturas com medo. Vendo aquele dardo erguido pelo rei Yudhishthira o justo, todas as criaturas, como se de comum acordo, disseram, 'Que o bem aconteça para Drona!' Arremessado dos braços do rei, aquele dardo parecendo uma cobra após se livrar de sua pele correu em direção a Drona, iluminando o céu e todas as direções cardeais e secundárias, como uma cobra com boca ardente. Vendo ele correndo impetuosamente em sua direção, ó rei, Drona, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas chamou à existência a arma chamada Brahma. Aquela arma, reduzindo aquele dardo de aparência terrível a pó, correu em direção ao carro do filho ilustre de Pandu. Então, ó majestade, o rei Yudhishthira de grande sabedoria frustrou aquela arma de Drona, assim correndo em direção a ele por ele mesmo invocar a arma Brahma. E então perfurando o próprio Drona naquela batalha com cinco flechas retas, ele cortou, com uma flecha afiada de face de navalha, o arco grande de Drona. Então Drona, aquele opressor de Kshatriyas, jogando de lado aquele arco quebrado arremessou com grande força, ó majestade, uma maça no filho de Dharma. Vendo aquela maça correndo impetuosamente em direção a ele, Yudhishthira, ó castigador de inimigos, cheio de raiva, pegou uma maça. Então aquelas duas maças, ambas arremessadas com grande força, encontrando uma à outra no meio do ar, produziram por sua colisão faíscas de fogo e então caíram no chão. Então Drona, cheio de fúria, matou, ó majestade, os corcéis de Yudhishthira, com quatro flechas excelentes de pontas afiadas. E com outra flecha de cabeça larga ele cortou o arco do rei parecendo um poste erigido para a honra de Indra. E com outra flecha ele cortou o estandarte de Yudhishthira, e com três ele afligiu o próprio Pandava. Então o rei Yudhishthira, saltando depressa daquele carro sem cavalos, permaneceu sem armas e com os braços erguidos, ó touro da raça Bharata! Vendo ele sem carro, e especialmente sem armas, Drona, ó senhor, espantou seus inimigos, mais propriamente o exército inteiro. Firmemente aderindo a seu voto, e dotado de grande agilidade de mãos, Drona disparou chuvas de flechas afiadas e avançou em direção ao rei, como um leão furioso em

direção a um veado. Vendo Drona, aquele matador de inimigos, avançar em direção a ele, gritos de 'Oh' e 'Ai' de repente se ergueram do exército Pandava. E muitos gritaram, dizendo, 'O rei foi morto pelo filho de Bharadwaja!' Lamentos altos desse tipo foram ouvidos, ó Bharata, entre as tropas Pandava. Enquanto isso, o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, subindo no carro de Sahadeva, se retirou do campo, levado para longe por corcéis rápidos.'"

106

"Sanjaya disse, 'Kshemadhurti, ó monarca, perfurou Vrihatkshatra de grande heroísmo que avançava, aquele príncipe dos Kaikeyas, com muitas setas no peito. O rei Vrihatkshatra então, ó monarca, desejoso de atravessar a divisão de Drona, rapidamente atingiu seu antagonista com noventa flechas retas. Kshemadhurti, no entanto, cheio de raiva, cortou, com uma flecha afiada bem temperada e de cabeça larga, o arco daquele príncipe de grande alma dos Kaikeyas. Tendo cortado seu arco, Kshemadhurti então, com uma flecha afiada e reta, perfurou rapidamente naquele combate aquele principal de todos os arqueiros. Então Vrihatkshatra, pegando outro arco e sorrindo (para seu inimigo), logo fez o poderoso guerreiro em carro Kshemadhurti ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. E com outra flecha de cabeça larga que era bem temperada a afiada, ele cortou do tronco de seu nobre adversário sua cabeça resplandecente com (um par de) brincos. Aquela cabeça, ornada somente com cachos e um diadema, cortada de repente, caiu no chão e pareceu brilhante como um corpo luminoso caído do firmamento. Tendo matado seu inimigo, o poderoso guerreiro em carro Vrihatkshatra ficou cheio de alegria e se lançou com grande força sobre tuas tropas por causa dos Parthas. O grande arqueiro Viradhanwan, ó Bharata, dotado de grande bravura, resistiu a Dhrishtaketu que estava avançando contra Drona. Enfrentando um ao outro, aqueles dois heróis que tinham flechas como suas presas, e ambos dotados de grande energia, atacaram um ao outro com muitos milhares de setas. De fato, aqueles dois tigres entre homens lutaram um com o outro como dois líderes de manadas de elefantes nas florestas profundas com fúria. Ambos dotados de grande vigor, eles combateram, cada um desejoso de matar o outro, como dois tigres enfurecidos em uma caverna de montanha. Aquele combate, ó monarca, ficou muito violento. Digno de ser testemunhado, ele se tornou muito extraordinário. Os próprios Siddhas e os Charanas, em grandes números, o testemunharam com olhos maravilhados. Então Viradhanwan, ó Bharata, com uma risada, cortou em fúria o arco de Dhrishtaketu em dois por meio de suas flechas de cabeça larga. Abandonando aquele arco quebrado, o soberano dos Chedis, aquele poderoso guerreiro em carro pegou um dardo ameaçador feito de ferro e equipado com uma vara dourada. Dirigindo com sua mão, ó Bharata, aquele dardo de energia ardente em direção ao carro de Viradhanwan, Dhrishtaketu arremessou-o cuidadosamente e com grande força. Atingido com grande força por aquele dardo matador de heróis, e seu coração atravessado por ele, Viradhanwan caiu rapidamente de seu carro sobre o solo. Após a queda daquele herói, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Trigartas, teu exército, ó senhor, foi dividido pelos Pandavas. (Teu Filho) Durmukha disparou sessenta

flechas em Sahadeva, e proferiu um grito alto naquela batalha, desafiando aquele filho de Pandu. O filho de Madri, então, cheio de raiva, perfurou Durmukha com muitas setas afiadas, sorrindo, o irmão atacando o irmão. Vendo o poderoso Durmukha lutando furiosamente, Sahadeva, então, ó Bharata, mais uma vez o atingiu com nove flechas. Dotado de grande força, Sahadeva então cortou o estandarte de Durmukha com uma flecha de cabeça larga e derrubou seus quatro corcéis com quatro outras flechas. E então com outra flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, ele cortou, de seu tronco, a cabeça do quadrigário de Durmukha que brilhava com um par de brincos. E cortando o arco grande de Durmukha com uma flecha de face de navalha, Sahadeva perfurou o próprio Durmukha naquela batalha com cinco setas. Durmukha saltando destemidamente daquele carro sem cavalos, subiu no carro, ó Bharata, de Niramitra. Então aquele matador de heróis hostis, Sahadeva, cheio de fúria matou naquela grande batalha Niramitra no meio de sua divisão com uma flecha de cabeça larga. Nisso, o príncipe Niramitra, o filho do soberano dos Trigartas, caiu de seu carro, afligindo teu exército com grande tristeza. Matando-o, o poderosamente armado Sahadeva parecia resplandecente como Rama, o filho de Dasaratha, depois de matar o poderoso (Rakshasa) Khara. Vendo aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o príncipe Niramitra morto, altos gritos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram, ó monarca, entre os guerreiros Trigarta. Nakula, ó rei, num momento subjugou teu filho Vikarna de olhos grandes. Isso parecia muito extraordinário. Vyaghradatta, por meio de suas flechas retas, fez Satyaki invisível com seus corcéis e motorista e estandarte no meio de sua divisão. O bravo neto de Sini, desviando aquelas flechas com grande agilidade de mão, derrubou Vyaghradatta por meio de suas setas, com seus corcéis e motorista e bandeira. Após a queda, ó senhor, daquele príncipe dos Magadhas, os últimos, lutando vigorosamente, avançaram contra Yuyudhana de todos os lados. Espalhando suas flechas e lanças às milhares, e setas afiadas e arpões e malhos e clavas grossas, aqueles bravos guerreiros lutaram naquela batalha com aquele herói invencível da linhagem Satwata. Dotado de grande poder, o invencível Satyaki, aquele touro entre homens, com a maior facilidade e dando risada, subjugou eles todos. Os Magadhas estavam quase exterminados. Um pequeno restante fugiu do campo. Vendo isso, teu exército, já afligido pelas flechas de Yuyudhana, se dividiu, ó senhor! Então aquele principal da linhagem de Madhu, tendo massacrado em batalha tuas tropas, aquele herói ilustre parecia resplandecente quando ele vibrava seu arco. O exército, ó rei, foi assim desbaratado por aquele de grande alma da linhagem Satwata. De fato, amedrontados por aquele herói de braços longos, ninguém se aproximou dele para lutar. Então Drona cheio de raiva e rolando seus olhos, avançou ele mesmo impetuosamente em direção a Satyaki, de feitos incapazes de serem frustrados.'"

107

"Sanjaya disse, 'O filho ilustre de Somadatta perfurou cada um dos filhos de Draupadi, aqueles grandes arqueiros, com cinco setas, e mais uma vez com sete setas. Muito atormentados, ó senhor, por aquele guerreiro impetuoso, eles ficaram

entorpecidos e não sabiam por algum tempo o que fazer. Então aquele subjugador de inimigos, Satanika, o filho de Nakula, perfurando o filho de Somadatta, aquele touro entre homens, com um par de setas, proferiu em alegria um rugido alto. Os outros irmãos então, lutando vigorosamente, rapidamente perfuraram o colérico filho de Somadatta, cada um com três flechas retas. Então o filho ilustre de Somadatta, ó monarca, disparou neles cinco flechas, perfurando cada um deles no peito com uma flecha. Então aqueles cinco irmãos, assim perfurados por aquele guerreiro de grande alma com suas flechas, cercaram aquele herói por todos os lados e começaram a perfurá-lo profundamente com suas flechas. Então o filho de Arjuna, cheio de raiva, despachou com flechas afiadas os quatro corcéis de Saumadatti para a região de Yama. E o filho de Bhimasena, cortando o arco do filho ilustre de Somadatta, proferiu um grito alto e perfurou seu inimigo com muitas setas afiadas. O filho de Yudhishthira então, cortando o estandarte de Saumadatti, derrubou-o no chão, enquanto o filho de Nakula derrubou o quadrigário do inimigo de seu nicho no carro. Então o filho de Sahadeva, averiguando que o inimigo estava prestes a deixar o campo por causa dos irmãos, cortou, com uma flecha de face de navalha, a cabeça daquele guerreiro ilustre. Aquela cabeça, enfeitada com brincos de ouro, caiu no solo e adornou o campo como o sol de refulgência brilhante que surge no fim do Yuga. Vendo a cabeça do filho de grande alma de Somadatta assim caída no chão, tuas tropas, ó rei, dominadas pelo medo, fugiram em todas as direções."

"O Rakshasa Alamvusha naquela batalha, cheio de raiva, lutou com o poderoso Bhimasena, como o filho de Ravana (Indrajit) com (o irmão de Rama) Lakshmana. Vendo aquele Rakshasa e aquele guerreiro humano envolvidos em combate, todas as criaturas sentiram alegria e admiração. Então Bhima, ó rei, dando risada, perfurou aquele príncipe colérico de Rakshasas, o filho de Rishyasringa (Alamvusha), com nove flechas afiadas. Então aquele Rakshasa, assim perfurado em batalha, proferiu um som alto e terrível, e avançou, com todos os seus seguidores, contra Bhima. Perfurando Bhima então com cinco flechas retas, ele rapidamente destruiu naquela batalha trinta carros que protegiam Bhima. E mais uma vez destruindo quatrocentos carros de Bhimasena, o Rakshasa perfurou o próprio Bhimasena com flechas aladas. Então o poderoso Bhima profundamente perfurado pelo Rakshasa sentou-se no terraço de seu carro, dominado por um desmaio. O filho do deus do vento então, recuperando seus sentidos, ficou cheio de raiva. Esticando seu arco excelente e terrível que era capaz de aguentar uma grande tensão, ele afligiu Alamvusha, em todas as partes de seu corpo, com flechas afiadas. Nisso, o Rakshasa que parecia uma massa enorme de antimônio pareceu resplandecente, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Enquanto era atingido naquela batalha por aquelas flechas disparadas do arco de Bhima, o Rakshasa se lembrou da morte de seu irmão (Vaka) pelo Pandava ilustre. Assumindo então uma forma horrível, ele se dirigiu a Bhima, dizendo, 'Espere um pouco nessa batalha, ó Partha! Veja hoje minha bravura. Ó tu de mente perversa, aquele principal dos Rakshasas, o poderoso Vaka, era meu irmão. É verdade que ele foi morto por ti. Mas aquilo aconteceu fora da minha vista.' Tendo dito essas palavras para Bhima, Alamvusha se fez invisível, e começou a cobrir Bhimasena com uma chuva densa de setas. Após o desaparecimento do Rakshasa, Bhima, ó

monarca, cobriu o céu com flechas retas. Assim afligido por Bhima, Alamvusha logo voltou para seu carro. E logo também, ele entrou nas entranhas da terra e mais uma vez se tornando pequeno ele se elevou de repente ao céu. Alamvusha assumiu inúmeras formas. Ora se tornando sutil e ora enorme e grosseiro, ele começou a rugir como as nuvens. E ele proferiu diversos tipos de palavras e falas por toda parte. E do céu lá caíram milhares de torrentes de flechas, como também dardos, e Kunapas, e lanças, e maças com ferrões, e flechas curtas, e cimitarras, e espadas, e trovões também. Aquela torrente terrível de flechas causada pelo Rakshasa matou as tropas do filho de Pandu no campo de batalha. E por causa daquela torrente de flechas, muitos elefantes também do exército Pandava foram mortos, e muitos corcéis também, ó rei, e muitos soldados de infantaria. E um rio foi causado lá, cujas águas eram sangue e cujos redemoinhos eram constituídos por carros. E ele abundava com elefantes que constituíam seus jacarés. E os guarda-sóis de guerreiros em carros constituíam seu cisnes, e a carne e medula de animais, seu lodo. E ele estava cheio de (braços) cortados de seres humanos que constituíam suas cobras. E ele era frequentado por muitos Rakshasas e outros canibais. E ele levou para longe, ó rei, inúmeros Chedis e Panchalas e Srinjayas. Vendo ele, ó monarca, se movimentando rapidamente tão destemidamente naquela batalha e vendo sua destreza, os Pandavas ficaram cheios de ansiedade; e a alegria encheu os corações de tuas tropas então. E entre as últimas, sons altos e terríveis de instrumentos musicais, de arrepiar os cabelos, se ergueram. Ouvindo aquele tumulto alto feito por tuas tropas, o filho de Pandu não pode tolerá-lo, como uma cobra não pode suportar as palmadas de palmas humanas. Com olhos vermelhos como cobre em fúria, com olhares que como fogo consumiam tudo, o filho do Deus do vento, como o próprio Tvashtri, apontou a arma conhecida pelo nome de Tvashtri. Daquela arma foram produzidas milhares de flechas por todos os lados. E por causa daquelas flechas uma debandada geral foi vista entre tuas tropas. Aquela arma, disparada em batalha por Bhimasena, destruindo a ilusão eficaz produzida pelo Rakshasa, afligiu imensamente o próprio Rakshasa. Atingido em todas as partes de seu corpo por Bhimasena, o Rakshasa, então abandonando Bhimasena, fugiu em direção à divisão de Drona. Após a derrota daquele príncipe Rakshasa por Bhima de grande alma, os Pandavas fizeram todos os pontos do horizonte ressoarem com seus rugidos leoninos. E cheios de alegria, eles adoraram o filho poderoso de Marut, como os Maruts adorando Sakra depois da derrota de Prahlada em batalha.'"

108

"Sanjaya disse, 'Tendo fugido de Bhima, Alamvusha, em outra parte do campo, se movimentava rapidamente e destemidamente em batalha. E enquanto ele estava assim correndo a toda velocidade intrepidamente em batalha, o filho de Hidimva avançou impetuosamente nele e perfurou-o com flechas afiadas. A batalha entre aqueles dois leões entre os Rakshasas tornou-se terrível. Ambos chamaram à existência ilusões como Sakra e Samvara (nos tempos passados). Alamvusha, excitado com raiva, atacou Ghatotkacha. De fato, aquele combate

entre dois principais dos Rakshasas parecia aquele de antigamente entre Rama e Ravana, ó senhor! Então Ghatotkacha, tendo perfurado Alamvusha no centro do peito com vinte flechas compridas, rugiu repetidamente como um leão. Sorridente, ó rei, Alamvusha também, perfurando repetidamente o filho invencível de Hidimva, proferiu rugidos altos em alegria, enchendo o firmamento inteiro. Então, aqueles dois principais dos Rakshasas, dotados de grande poder, ficaram cheios de fúria. Eles lutaram um com o outro, mostrando seus poderes de ilusão, mas sem algum deles obter qualquer vantagem sobre o outro. Cada um, criando centenas de ilusões, espantava o outro. Ambos talentosos em produzir ilusões, ó rei, (as ilusões) que Ghatotkacha exibia em batalha, eram todas destruídas, ó monarca, por Alamvusha, produzindo suas próprias ilusões similares. Vendo aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, que era hábil em produzir ilusões, lutar daquela maneira, os Pandavas ficaram cheios de ansiedade, eles então o fizeram ser cercado por muitos principais dos guerreiros em carros. Bhimasena e outros, ó monarca, todos avançaram em fúria contra ele. Cercando-o, ó majestade, por todos os lados por meio de inúmeros carros, eles o cobriram de todos os lados com flechas, como homens em uma floresta cercando um elefante com tições ardentes. Frustrando aquela chuva de armas por meio da ilusão das suas próprias armas, ele se livrou daquela multidão de carros como um elefante de um incêndio florestal. Então puxando seu arco terrível cujo som parecia o trovão de Indra, ele perfurou o filho do deus do vento com vinte e cinco flechas, e o filho de Bhimasena com cinco, e Yudhishthira com três, e Sahadeva com sete, e Nakula com setenta e três, e cada um dos cinco filhos de Draupadi com cinco flechas, e proferiu um rugido alto. Então Bhimasena perfurou ele em retorno com nove flechas, e Sahadeva com cinco. E Yudhishthira perfurou o Rakshasa com cem flechas. E Nakula o perfurou com três flechas. O filho de Hidimva tendo-o perfurado com quinhentas flechas, Alamvusha mais uma vez o perfurou com setenta, e aquele poderoso guerreiro proferiu um rugido alto. Com aquele rugido alto de Ghatotkacha a terra tremeu, ó rei, com suas montanhas e florestas e com suas árvores e águas. Profundamente perfurado por todos os lados por aqueles arqueiros formidáveis e poderosos guerreiros em carros, Alamvusha perfurou cada um deles em retorno com cinco flechas. Então aquele Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, o filho de Hidimva, cheio de raiva, perfurou aquele outro Rakshasa zangado em batalha com muitas flechas. Então aquele príncipe poderoso dos Rakshasas, Alamvusha, profundamente perfurado, disparou rapidamente inúmeras flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra. Aquelas flechas, perfeitamente retas, entraram todas no corpo de Ghatotkacha, como cobras enfurecidas de grande força entrando em um topo de montanha. Então os Pandavas, ó rei, cheios de ansiedade, e o filho de Hidimva Ghatotkacha, também dispararam em seu inimigo de todos os lados nuvens de flechas afiadas. Assim atingido em batalha pelos Pandavas, desejoso de vitória, Alamvusha, mortal como ele era, não sabia o que fazer. Então aquele encantador em batalha, o filho poderoso de Bhimasena, vendo aquele estado de Alamvusha, colocou seu coração em sua destruição. Ele avançou com grande impetuosidade em direção ao carro do príncipe dos Rakshasas, aquele carro que parecia um topo de montanha queimado ou uma pilha quebrada de antimônio. O filho de Hidimva, cheio de fúria, voou de seu próprio carro para aquele de Alamvusha, e agarrou o

último. Ele então o ergueu do carro, como Garuda erguendo uma cobra. Assim puxando-o para cima com seus braços, ele começou a girá-lo repetidamente, e então quebrou-o em pedaços, arremessando-o no chão, como um homem quebrando um pote de barro em fragmentos por arremessá-lo contra uma rocha. Dotado de força e energia, possuidor de destreza formidável, o filho de Bhimasena, inflamado com cólera em batalha, inspirou todas as tropas com medo. Todos os membros quebrados e ossos reduzidos a fragmentos, o terrível Rakshasa Alamvusha, assim morto pelo heróico Ghatotkacha, parecia uma alta Sala arrancada e quebrada pelo vento. Após a morte daquele vagueador da noite, os Parthas ficaram muito alegres. E eles proferiram rugidos leoninos e acenaram suas peças de roupa. Teus bravos guerreiros, no entanto, vendo aquele príncipe poderoso de Rakshasas, Alamvusha, morto e jazendo como uma montanha despedaçada, proferiram gritos, ó monarca, de 'Oh' e 'Ai'. E as pessoas, possuídas pela curiosidade, foram ver aquele Rakshasa jazendo desamparado sobre o solo como um pedaço de carvão (não mais capaz de queimar). O Rakshasa Ghatotkacha, então, aquele principal dos seres poderosos, tendo matado seu inimigo dessa maneira, proferiu um grito alto, como Vasava depois de matar (o Asura) Vala. Tendo realizado aquele feito extremamente difícil, Ghatotkacha foi muito aplaudido por seus pais como também por seus parentes. De fato, tendo derrubado Alamvusha, como uma fruta Alamvusha, ele se regozijou muito com seus amigos. Lá (no exército Pandava) ergueu-se então um tumulto alto de conchas e de diversas espécies de flechas. Ouvindo aquele barulho os Kauravas proferiram gritos altos em resposta, enchendo a terra inteira com seus ecos.'"

109

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me, ó Sanjaya, como Yuyudhana avançou contra o filho de Bharadwaja em batalha. Eu sinto uma grande curiosidade para ouvir isto.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó tu de grande sabedoria, o relato daquela batalha, de arrepiar os cabelos, entre Drona e os Pandavas encabeçados por Yuyudhana. Vendo o exército (Kuru) massacrado, ó majestade, por Yuyudhana, o próprio Drona avançou em direção àquele guerreiro de destreza imbatível, chamado também pelo nome de Satyaki. Satyaki perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja que avançava contra ele, com vinte e cinco flechas pequenas. Drona também, possuidor de grande destreza em batalha, com pontaria deliberada, rapidamente perfurou Yuyudhana com cinco flechas afiadas, equipadas com asas de ouro. Aquelas flechas, perfurando a dura protuberância carnosa na palma da mão do inimigo e bebendo seu sangue vital, entraram na terra, ó rei, como cobras silvando. Satyaki de braços longos então, inflamado com raiva como um elefante atingido pelo gancho, perfurou Drona com cinquenta flechas compridas que pareciam chamas de fogo. Então o filho de Bharadwaja, assim rapidamente perfurado em batalha por Yuyudhana, se esforçando cautelosamente perfurou Satyaki em retorno com muitas flechas. Então aquele arqueiro formidável, dotado de grande poder, e cheio de raiva, mais uma vez

afligiu aquele herói da linhagem Satwata com muitas flechas retas. Assim atingido naquela batalha pelo filho de Bharadwaja, Satyaki, ó monarca, não sabia o que fazer. Então, ó rei, o rosto de Yuyudhana ficou desanimado, observando o filho de Bharadwaja disparar inúmeras flechas afiadas. Vendo Satyaki naquela situação, teus filhos e tropas, ó rei, ficando muito alegres, proferiram rugidos leoninos repetidamente. Ouvindo aquele tumulto terrível e vendo aquele herói da linhagem de Madhu assim afligido, o rei Yudhishthira, ó monarca, dirigindo-se a todos os seus soldados, disse, 'Aquele principal entre os Vrishnis, o bravo Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, está prestes a ser devorado pelo heróico Drona, como o sol por Rahu. Vão e se apressem para o local onde Satyaki está lutando.' O rei, se dirigindo a Dhrishtadyumna da linhagem Panchala, disse, 'Avance com velocidade em Drona. Por que tu demoras, ó filho de Prishata? Tu não vês o grande perigo para nós que já proveio de Drona? Drona é um grande arqueiro. Ele está se divertindo com Yuyudhana, em batalha, como um menino com uma ave amarrada em uma corda. Que todos vocês, encabeçados por Bhimasena, e acompanhados por outros procedam para lá onde o carro de Satyaki está. Atrás de vocês eu seguirei com minhas tropas. Resgatem Satyaki hoje que já está dentro das mandíbulas do Destruidor.' Tendo dito essas palavras, ó Bharata, o rei Yudhishthira com todas as suas tropas avançou em direção a Drona por causa de Yuyudhana. Abençoado sejas tu, foi grande o barulho feito lá pelos Pandavas e os Srinjayas todos lutando com Drona somente. Aproximando-se juntos, ó tigre entre homens, daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Bharadwaja, eles o cobriram com chuvas de flechas afiadas equipadas com as penas de Kankas e pavões. Drona, no entanto, recebeu todos aqueles heróis sorridente, como um chefe de família recebendo convidados chegados por sua própria vontade, com assentos e água. Com as flechas do filho de Bharadwaja manejando o arco, aqueles heróis estavam bem satisfeitos como convidados, ó rei, com a hospitalidade que eles recebem nas casas (de bons anfitriões). E nenhum deles, ó senhor, podia mesmo olhar para o filho de Bharadwaja que então parecia o sol de mil raios ao meio-dia. De fato, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas chamuscou todos aqueles grandes arqueiros com chuvas de flechas como o sol chamuscando (tudo abaixo) com seus raios ardentes. Assim atacados, ó rei, por Drona, os Pandavas e os Srinjayas não viram nenhum protetor, como elefantes afundados em um pântano. As flechas poderosas de Drona, quando elas corriam (pelo céu), pareciam com os raios do sol destruindo tudo em volta. Naquele combate, vinte e cinco guerreiros entre os Panchalas foram mortos por Drona, que eram todos considerados como Maharathas e todos aprovados (como tais) por Dhrishtadyumna. E entre todas as tropas dos Pandavas e dos Panchalas, os homens viam quietamente o bravo Drona matando os principais dos guerreiros em sucessão. Tendo matado cem guerreiros entre os Kekayas e desbaratando-os por todos os lados, Drona permaneceu, ó monarca, como o próprio Destruidor com boca escancarada. O poderosamente armado Drona subjugou os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas e os Kekayas, ó monarca, às centenas e milhares. Perfurados pelas flechas de Drona, o clamor feito por eles parecia aquele feito nas florestas pelos habitantes da floresta quando cercados por um incêndio. Os deuses, Gandharvas, e os Pitris, disseram, 'Vejam, os Panchalas, e os Pandavas, com todas as suas tropas, estão fugindo.' De fato, quando Drona estava assim

empenhado em massacrar os Somakas em batalha, ninguém ousou avançar contra ele e ninguém teve êxito em perfurá-lo. E enquanto aquele combate terrível, tão destrutivo de grandes heróis, continuou, o filho de Pritha (Yudhishthira) ouviu de repente o clangor de Panchajanya. Soprada por Vasudeva, aquela melhor das conchas produzia sons altos. De fato, enquanto os protetores heróicos do soberano dos Sindhus estavam lutando, e enquanto os Dhartarashtras estavam rugindo na frente do carro de Arjuna, a vibração do Gandiva não podia ser ouvida. O filho nobre de Pandu repetidamente desmaiou, e pensou, 'Sem dúvida, não está tudo bem com Partha, já que aquele príncipe das conchas (Panchajanya) está produzindo tais sons e já que os Kauravas também, cheios de alegria, estão proferindo tais gritos incessantemente.' Pensando dessa maneira, com o coração ansioso, Ajatasatru, o filho de Kunti, disse para ele da linhagem Satwata (Satyaki) essas palavras em uma voz sufocada com lágrimas. Embora repetidamente entorpecido, o rei Yudhishthira, no entanto, não perdeu de vista o que era para ser feito em seguida. Dirigindo-se ao neto de Sini, aquele touro de seu clã, (Yudhishthira disse), 'Ó neto de Sini, a hora para aquele dever eterno o qual os justos de antigamente indicaram (para amigos) em direção a amigos em épocas de infortúnio, agora chegou. Ó touro entre os Sinis, refletindo comigo mesmo, ó Satyaki, eu não vejo entre todos os meus guerreiros alguém que é um maior benquerente para nós do que tu és. Aquele que é sempre bem intencionado, aquele que é sempre obediente, eu penso, ele deve ser designado para um ato importante em horas de infortúnio. Como Kesava é sempre o refúgio dos Pandavas, assim mesmo és tu, ó tu da linhagem de Vrishni, que és como Kesava em destreza. Eu irei, portanto, por um encargo sobre ti. Não cabe a ti frustrar meu propósito. Arjuna é teu irmão, amigo, e preceptor, ó touro entre homens, preste ajuda nessa batalha a ele em um momento de perigo. Tu és dedicado à verdade. Tu és um herói. Tu és o dissipador dos temores de amigos. Tu és célebre no mundo, por causa de teus atos, ó herói, como alguém que é sincero. Aquele, ó neto de Sini, que abandona seu corpo enquanto lutando em batalha por amigos, é igual àquele que doa para Brahmanas a terra inteira. Nós temos ouvido sobre vários reis que foram para o céu, tendo doado toda essa terra para Brahmanas com ritos devidos. Ó tu de alma virtuosa, eu te rogo, com mãos unidas, isso mesmo, ou seja, que, ó senhor, tu obtenha o fruto de doar (para Brahmanas) a terra inteira, ou alguma coisa mais elevada do que isso por atraíres perigo para tua própria vida para ajudar Arjuna. Lá está um, isto é, Krishna, aquele dissipador dos medos de amigos, que está sempre disposto a sacrificar sua vida em batalha (pelos amigos). Tu, ó Satyaki, és o segundo. Ninguém exceto um herói pode dar ajuda a um herói, se esforçando corajosamente em batalha, pelo desejo de fama. Uma pessoa comum não pode fazer isso. Nesse caso, aqui não há ninguém mais exceto tu que possa proteger Arjuna. Em uma ocasião, enquanto elogiando tuas façanhas numerosas, Arjuna, me dando grande alegria narrou-as repetidamente. Ele disse de ti que tu és dotado de extrema agilidade de mão, que tu estás familiarizado com todos os modos de guerra, que tu és possuidor de grande energia e grande bravura. Ele disse, 'Satyaki é dotado de grande sabedoria, conhece todas as armas, é um herói, e nunca é entorpecido em batalha. De pescoço largo e peito amplo, de braços fortes e maçãs do rosto largas, de grande poder e grande destreza, Satyaki é um Maharatha de grande alma. Ele é meu

discípulo e amigo; eu sou caro para ele e ele é caro para mim. Tornando-se meu aliado, Yuyudhana subjugará os Kauravas. Mesmo se Kesava e Rama, e Aniruddha, e o poderoso guerreiro em carro Pradyumna, e Gada, e Sarana, e Samva, com todos os Vrishnis, se equiparem em armadura para nos ajudar, ó rei, no campo de batalha, eu ainda nomearei aquele tigre entre homens, Satyaki de destreza imbatível, para nos ajudar, já que não há ninguém igual a ele.' Isso mesmo foi o que Dhananjaya me disse nas florestas Dwaita, na tua ausência, enquanto descrevendo verdadeiramente teus méritos em uma assembléia de pessoas honradas. Não cabe a ti, ó tu da linhagem Vrishni, falsificar aquela expectativa de Dhananjaya, e também de mim mesmo e Bhima! Quando, voltando de vários tirthas, eu procedi para Dwaraka; lá eu testemunhei tua reverência por Arjuna. Enquanto nós estávamos em Upaplavya eu não notei ninguém mais, ó neto de Sini, que nos mostrou tal afeição como tu fizeste. Tu és de linhagem nobre e sentes reverência por nós. Para mostrar bondade, portanto, por alguém que é teu amigo e preceptor, cabe a ti, ó tu de armas poderosas, agir de uma maneira digna, ó grande arqueiro, de tua amizade e coragem e ascendência nobre e veracidade. Ó tu da linhagem de Madhu! Suyodhana, equipado em armadura pelo próprio Drona, partiu de repente, seguindo Arjuna! Os outros grandes guerreiros em carros dos Kauravas tinham antes disso seguido Arjuna. Barulhos altos estão sendo ouvidos contra o carro de Arjuna. Ó neto de Sini, cabe a ti, ó concessor de honras, ir para lá rapidamente. Bhimasena e nós mesmos, bem equipados e com todas as nossas forças, resistiremos a Drona se ele avançar contra ti. Veja, ó neto de Sini, as tropas Bharata estão fugindo em batalha, e enquanto elas estão fugindo, elas estão proferindo lamentos altos. Como o próprio oceano na maré cheia agitado por uma tempestade poderosa, a hoste Dhartarashtra, ó majestade, é agitada por Savyasachin. Veja, por causa de inúmeros carros e homens e corcéis se movendo rapidamente, o pó de terra erguido está gradualmente se espalhando (sobre o campo). Veja, aquele matador de hostes hostis, Phalguna, está cercado pelos Sindhu-Sauviras, armados com ferrões e lanças e adornados com muitos cavalos em suas tropas. Sem derrotar aquela tropa não é possível vencer Jayadratha. Aqueles guerreiros estão preparados para sacrificar suas vidas pelo soberano dos Sindhus. Veja a invencível tropa Dhartarashtra, posicionada lá, que está cheia de flechas e dardos e estandartes altos, e que abunda com corcéis e elefantes. Ouça a batida de suas baterias e o alto clangor de suas conchas, os tremendos gritos leoninos proferidos por eles, e o estrépito das rodas de seus carros. Ouça o grunhido de seus elefantes, os passos pesados de seus soldados de infantaria, e de sua cavalaria que avança, todos os quais parecem sacudir a própria terra. Na frente dele está a divisão de Jayadratha, e atrás está aquela de Drona. Tão grande é o número de inimigos que ele é capaz de afligir o próprio chefe dos celestiais. Afundado no meio daquela hoste insondável, Arjuna pode perder sua vida. Se ele for morto em batalha, como pode alguém como eu viver? Esta calamidade é para acontecer a mim quando tu estás vivo? Azul escuro em cor, jovem em idade, de madeixas encaracoladas e muito bonito é aquele filho de Pandu. Ágil no uso de armas, e conhecedor de todos os modos de guerra, o poderosamente armado Arjuna, ó senhor, penetrou na hoste Bharata ao nascer do sol. O dia está prestes a terminar. Ó tu da linhagem de Vrishni, eu não sei se ele vive ou não. A vasta hoste Kuru é como o oceano. Ó senhor, Vibhatsu penetrou

nela completamente sozinho. Aquele exército é incapaz de ser resistido pelos próprios deuses em batalha. Na batalha de hoje, eu fracasso em manter meu raciocínio claro. Drona também está, com grande força, afligindo minhas tropas! Tu vês, ó poderosamente armado, como aquele regenerado está se movendo rapidamente em batalha. Quando várias tarefas se apresentam juntas, tu és bem hábil em selecionar aquela que deve ser desempenhada primeiro. Cabe a ti, ó concessor de honras, realizar com energia aquela tarefa que é a mais importante de todas. Entre todas essas tarefas, eu acho que essa (ajudar Arjuna) é a primeira que exige nossa atenção. O resgate de Arjuna em batalha deve ser executado primeiro. Eu não me aflijo por ele da linhagem de Dasarha. Ele é o Protetor e o Senhor do Universo. Eu te digo realmente que aquele tigre entre homens, ó senhor, é hábil para derrotar em batalha os três mundos reunidos juntos. O que eu preciso dizer, portanto, dessa fraca hoste Dhritarashtra? Arjuna, no entanto, ó tu da linhagem de Vrishni, está sendo atormentado por inúmeras desigualdades em batalha. Ele pode perder sua vida. É por isso que eu estou tão triste. Tu então siga em seu rastro, já que pessoas como tu devem seguir uma pessoa como ele, em tal momento, incitadas adiante por alguém como eu. Entre os principais da linhagem de Vrishni, dois são considerados como Atirathas. Eles são o poderosamente armado Pradyumna e tu mesmo, ó Satwata, que são tão famosos. Em armas, tu és igual ao próprio Narayana, e em força a Sankarshana. Em bravura tu és igual a Dhananjaya, ó tigre entre homens, e superas Bhishma e Drona e todos aqueles habilidosos em batalha. Ó tigre entre homens, os sábios falam de ti, dizendo, ó Madhava, 'Não há nada que não possa ser realizado por Satyaki.' Ó tu de grande força, portanto, faça isso que eu te digo, isto é, obedeça os desejos de todos aqui, de mim mesmo e de Arjuna. Não cabe a ti, ó poderosamente armado, frustrar este desejo. Indiferente à tua própria vida, tu te moves em batalha como um herói. Ó neto de Sini, os descendentes da linhagem de Dasarha nunca se preocupam em proteger suas vidas em batalha. Evitar a batalha, ou lutar de trás de barreiras de proteção, ou fugir da batalha, essas práticas de covardes e patifes nunca são praticadas pelos Dasarhas. Arjuna de alma virtuosa é teu superior, ó touro entre os Sinis! Vasudeva é o superior de ti mesmo e do inteligente Arjuna. Lançando meus olhos nessas duas razões, eu te digo essas palavras. Não descarte minhas palavras, eu sou o superior dos teus superiores. Isso que eu estou dizendo para ti é aprovado também por Arjuna. Eu te digo isso verdadeiramente. Vá então para o local onde Dhananjaya está. Prestando atenção nestas minhas palavras, ó tu de bravura incapaz de ser frustrada, penetre nessa hoste do filho perverso de Dhritarashtra. Tendo penetrado nela devidamente, enfrente os grandes guerreiros em carros, e mostre, ó Satwata, façanhas dignas de ti mesmo!'"

110

"Sanjaya disse, 'Aquele touro entre os Sinis, Satyaki, ouvindo essas palavras cheias de afeição, agradáveis, repletas de sons agradáveis, oportunas, encantadoras, e equitativas que foram proferidas pelo rei Yudhishthira o justo, respondeu a ele, ó chefe dos Bharatas, dizendo, 'Ó tu de glória imorredoura, eu

ouvi todas as palavras que tu disseste, palavras repletas de virtude, encantadoras, e conducentes à fama por causa de Phalguna. Em tal momento, de fato, vendo uma pessoa devotada (a ti) como eu, cabe a ti, ó rei de reis, comandá-la tanto quanto tu podes comandar o próprio Partha. Com relação a mim mesmo, eu estou preparado para sacrificar minha vida por Dhananjaya. Mandado, além disso, por ti, o que é que eu não faria em grande batalha? O que eu preciso dizer dessa fraca tropa (Dhritarashtra)? Solicitado por ti, eu estou preparado, ó melhor dos homens, para lutar com os três mundos incluindo os deuses, os Asuras, e homens. Hoje eu lutarei com o exército inteiro de Suyodhana e o derrotarei em batalha. Realmente eu digo isso para ti, ó rei! Seguramente eu alcançarei o próprio Dhananjaya em segurança, e depois que Jayadratha estiver morto, eu irei, ó rei, voltar para a tua presença. Eu devo, no entanto, ó rei, te informar das palavras de Vasudeva como também daquelas do inteligente Arjuna. Eu fui fortemente e repetidamente solicitado por Arjuna no meio de todos os nossos guerreiros e na audição também de Vasudeva (nessas palavras), 'Hoje, ó Madhava, nobremente decidido em batalha, proteja o rei cuidadosamente até eu matar Jayadratha! Transferindo o monarca para ti, ó poderosamente armado, ou para aquele grande guerreiro em carro Pradyumna, eu posso ir com o coração tranquilo em direção a Jayadratha. Tu conheces Drona em batalha, aquele guerreiro que é considerado como o principal entre os Kurus. Tu conheces também o voto feito por ele na presença de todos, ó senhor! O filho de Bharadwaja está sempre ávido para apanhar o rei. Ele é competente também para afligir o rei Yudhishthira em batalha. Te encarregando da proteção daquele melhor dos homens, o rei Yudhishthira o justo, eu procederei hoje para a destruição do soberano dos Sindhus. Matando Jayadratha, eu logo voltarei, ó Madhava! Cuide para que Drona não consiga capturar à força o rei Yudhishthira o justo em batalha. Se Yudhishthira for capturado pelo filho de Bharadwaja, ó Madhava, eu não conseguirei matar Jayadratha, e grande será minha aflição. Se aquele melhor dos homens, o filho sincero de Pandu, for apanhado, é evidente que nós teremos que ir novamente para as florestas. Meu sucesso, portanto, sobre Jayadratha, é claro, não será produtivo de nenhum benefício se Drona, inflamado com raiva, conseguir capturar Yudhishthira em batalha. Ó poderosamente armado, para fazer o que é agradável para mim, portanto, ó Madhava, como também por meu sucesso e fama, proteja o rei em batalha.' Tu vês, portanto, ó rei, que tu foste transferido para mim como uma responsabilidade por Savyasachin, ó senhor, por causa de seu temor constante do filho de Bharadwaja. Ó de braços fortes, eu mesmo vejo diariamente, ó senhor, que não há ninguém, salvo o filho de Rukmini (Pradyumna), que possa ser um páreo para Drona em batalha. Eu também sou considerado como sendo um páreo para o filho inteligente de Bharadwaja em batalha. É evidente, portanto, que eu não posso me atrever a falsificar aquela reputação que eu tenho, ou desconsiderar as ordens do meu preceptor (Arjuna), ou te deixar, ó rei! O preceptor (Drona), equipado como ele está em cota de malha impenetrável, por sua agilidade de braços, te alcançando em batalha, irá se divertir contigo como uma criança com uma pequena ave. Se o filho de Krishna, portando o Makara em seu estandarte, estivesse aqui, eu poderia então ter transferido para ele, pois ele teria te protegido como o próprio Arjuna. Tu deves proteger a ti mesmo. Quando eu tiver ido, quem irá te proteger, quem é que avançará contra Drona enquanto eu procedo em

direção a Arjuna? Ó rei, que nenhum receio seja teu hoje por conta de Arjuna. Ele nunca fica desanimado sob qualquer encargo embora pesado. Aquele guerreiros que se opõem a ele, ou seja, os Sauvirakas, os Sindhava-Pauravas, aqueles do norte, aqueles do sul, e aqueles, ó rei, encabeçados por Karna, que são considerados como principais dos guerreiros em carros, juntos não alcançam uma décima sexta parte de Arjuna. A terra inteira se erguendo contra ele, com os deuses, os Asuras, e homens, com todas as tribos de Rakshasas, ó rei, com os Kinnaras, as grandes cobras, e realmente, todas as criaturas móveis e imóveis reunidas juntas, não é páreo para Arjuna em batalha. Sabendo disso, ó rei, que teu medo por conta de Dhananjaya seja dissipado. Lá onde aqueles dois heróis e grandes arqueiros, os dois Krishnas, de destreza incapaz de ser frustrada, estão, lá o mínimo obstáculo não pode acontecer para seu propósito. Pense na pujança celeste, no talento com armas, na desenvoltura, na fúria em batalha, na gratidão, e na compaixão de teu irmão. Pense também, ó rei, no extraordinário conhecimento de armas que Drona mostrará em batalha quando eu deixar esse lugar para ir até Arjuna. O preceptor, ó monarca, está avidamente desejoso de te capturar. Ele está avidamente desejoso também, ó rei, de cumprir sua promessa, ó Bharata! Fique atento, ó rei, à tua própria proteção. Quem irá te proteger quando eu tiver ido, quem é aquele que, confiando em quem eu posso ir em direção ao filho de Pritha, Phalguna? Eu te digo realmente, ó grande rei, que sem te transferir para alguém nessa grande batalha, eu certamente não irei em direção a Arjuna, ó tu da linhagem de Kuru! Refletindo sobre isso, de todos os pontos de vista, com a ajuda de tua inteligência, ó principal de todas as pessoas inteligentes, e averiguando com teu intelecto o que é para o teu maior bem, me ordene, ó rei!'"

"Yudhishthira ouvindo essas palavras disse, 'É assim mesmo, ó poderosamente armado, como tu disseste, ó Madhava! Apesar de tudo isso, no entanto, ó senhor, meu coração não fica tranquilo por causa de Arjuna. Eu tomarei a maior precaução em me proteger. Mandado por mim, vá para onde Dhananjaya foi. Pesando, com meu bom senso, minha própria proteção em batalha com a necessidade de você ir em direção a Arjuna, a última me parece preferível. Prepare-te, portanto, para ir para lá para onde Dhananjaya foi. O poderoso Bhima me protegerá. O filho de Prishata, com todos os seus irmãos, e todos os reis poderosos, e o filhos de Draupadi, irão sem dúvida, me proteger. Os cinco irmãos Kekaya, e o Rakshasa Ghatotkacha, e Virata, e Drupada, e o poderoso guerreiro em carro Sikhandin e Dhrishtaketu de grande força, e Kuntibhoja, ó senhor, Nakula, e Sahadeva, e os Panchalas, e os Srinjayas, todos esses, ó senhor, irão sem dúvida, me proteger muito cuidadosamente. Drona na dianteira de suas tropas, e Kritavarman também, em batalha, não conseguirão nos vencer ou me afligir. Aquele opressor de inimigos, Dhrishtadyumna, mostrando sua coragem, resistirá ao enraivecido Drona como o continente resistindo ao mar. Lá onde o filho de Prishata, aquele matador de heróis hostis, permanecer, lá Drona nunca será capaz de violar nossas tropas à força. Dhristadyumna surgiu do fogo para a destruição de Drona, vestido em armadura, armado com arco e flechas e espada, e enfeitado com ornamentos caros. Vá, ó neto de Sini, com o coração tranquilo, não fique ansioso por minha causa. Dhrishtadyumna resistirá ao furioso Drona em batalha.'"

111

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, aquele touro entre os Sinis temeu a repreensão de Arjuna se ele deixasse o rei. Vendo, no entanto, a certeza de uma imputação de covardia pelas pessoas (se ele desobedecesse Yudhishthira), ele disse a si mesmo, 'Que as pessoas não digam que eu estou com medo de proceder em direção a Arjuna.' Refletindo repetidamente sobre isso, Satyaki, aquele herói invencível em batalha, aquele touro entre homens, disse essas palavras para o rei Yudhishthira o justo, 'Se tu achas que esses arranjos serão suficientes para tua proteção, ó monarca, eu então cumprirei tua ordem e seguirei Vibhatsu. Eu te digo realmente, ó rei, que não há ninguém nos três mundos que seja mais querido para mim do que Phalguna. Eu seguirei no rastro dele por tua ordem, ó concessor de honras. Não há nada que eu não faria por tua causa. Ó melhor dos homens, as ordens de meu preceptor são sempre de peso para mim. Mas tuas ordens são ainda mais pesadas para mim, ó senhor! Teus irmãos, Krishna e Dhananjaya, estão sempre dedicados a fazer o que é agradável para ti. Recebendo tua ordem sobre minha cabeça por causa de Arjuna, ó senhor, eu procederei, ó touro entre homens, atravessando essa hoste impenetrável. Me lançando colericamente através dessa tropa de Drona, como um peixe pelo mar, eu irei para lá, ó monarca, onde o rei Jayadratha, dependendo de suas tropas, permanece, com medo do filho de Pandu, protegido por aqueles principais dos guerreiros em carros, isto é, o filho de Drona e Karna e Kripa! A distância daqui, ó rei, é três Yojanas, eu penso, daquele local onde Partha está, disposto a matar Jayadratha! Mas embora Partha esteja três Yojanas distante eu ainda seguirei em seu rastro com o coração firme, e ficarei com ele, ó rei, até a morte de Jayadratha. Que homem vai para a batalha sem as ordens de seus superiores? E quando alguém é mandado, ó rei, como eu fui por ti, quem como eu não lutaria? Eu conheço aquele local para onde eu terei que ir, ó senhor! Cheia como esta hoste semelhante ao oceano está com relhas de arado e dardos e maças e escudos e cimitarras e espadas e lanças e as mais notáveis das flechas, eu hoje agitarei este oceano. Essa divisão de elefantes, consistindo em mil elefantes, que tu vês, todos pertencentes à raça conhecida pelo nome de Anjana e todos dotados de grande bravura, os quais são todos montados por um grande número de Mlecchas que se deleitam em batalha e são hábeis em atacar, esses elefantes, ó rei, que estão derramando suas secreções suculentas como nuvens de chuva, esses nunca recuam se instigados para a frente por aqueles sobre suas costas. Eles não podem ser subjugados, ó rei, a menos que eles sejam mortos. Então, além disso, aqueles guerreiros em carros numerando milhares, que tu vês, são todos de linhagem nobre e são todos Maharathas. Eles são chamados Rukmarathas (donos de carros dourados). Eles são hábeis com armas e em lutar de carros, como também em lutar das costas de elefantes, ó monarca! Mestres perfeitos da ciência de armas, eles são talentosos em lutar com seus punhos. Hábeis em lutar com maças, mestres também da arte de lutar de perto, eles são igualmente hábeis em golpear com cimitarras e em se

lançar sobre o inimigo com espada e escudo. Eles são bravos e eruditos, e animados por um espírito de rivalidade. Todo dia, ó rei, eles subjugam um vasto número de homens em batalha. Eles são comandados por Karna e dedicados a Duhsasana. Até Vasudeva os elogia como grandes guerreiros em carros. Sempre desejosos do bem-estar de Karna, eles obedecem a ele. É por ordem de Karna, ó rei, que voltando de sua perseguição de Arjuna e, portanto, não fatigados e não enfraquecidos, aqueles bravos guerreiros, envolvidos em armadura impenetrável e armados com arcos fortes, estão certamente esperando por mim, ordenados por Duryodhana também. Subjugando eles em batalha pelo teu bem, ó Kaurava, eu então seguirei no rastro de Savyasachin. Aqueles outros elefantes, ó rei, setecentos em número, que tu vês, todos equipados com armadura e conduzidos por Kiratas, e enfeitados com ornamentos, o rei dos Kiratas, desejoso de sua vida, tinha antigamente oferecido para Savyasachin junto com muitos empregados em seu séquito. Esses, ó rei, estavam antigamente empenhados em cumprir teu propósito. Veja as vicissitudes que o tempo ocasiona, pois eles estão agora lutando contra ti. Aqueles elefantes são conduzidos por Kiratas difíceis de serem derrotados em batalha. Eles são hábeis em lutar de elefantes, e são todos descendentes da linhagem de Agni. Antigamente, eles foram todos subjugados em batalha por Savyasachin. Eles estão agora esperando por mim cuidadosamente, sob as ordens de Duryodhana. Matando com minhas flechas, ó rei, esses Kiratas difíceis de serem derrotados em batalha, eu seguirei no rastro de Arjuna que está decidido a matar o soberano dos Sindhus. Aqueles (outros) elefantes enormes, descendentes da raça de Arjuna, de peles impenetráveis, bem treinados, e adornados, e de cujas bocas as secreções suculentas estão escorrendo, e que estão bem adornados com armaduras feitas totalmente de ouro são muito temíveis em batalha e parecem o próprio Airavata. Eles vieram das colinas do norte, e são conduzidos por ladrões impetuosos que tem membros fortes, e são todos os mais notáveis dos guerreiros, e que estão equipados com cotas de malha de aço. Lá, entre eles estão pessoas nascidas da vaca, ou do macaco, ou de diversas outras criaturas, incluindo aqueles nascidos de homens. Aquela divisão de Mlecchas reunidos que são todos pecaminosos e que vem das fortalezas de Himavat, parecem a uma distância serem de cor esfumaçada. Obtendo esses, e inúmeros Kshatriyas, como também Kripa e aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Drona e o soberano dos Sindhus, e Karna, ele faz pouco caso dos Pandavas. Impelido pelo destino, ele se considera coroado com sucesso. Esses que eu citei irão, no entanto, hoje estar dentro do alcance de minhas flechas. Eles não me escaparão, ó filho de Kunti, mesmo que eles sejam dotados da velocidade da mente. Sempre muito respeitados por Duryodhana, aquele príncipe que depende da bravura de outros, aqueles guerreiros, afligidos por minhas nuvens de flechas, encontrarão a destruição. Aqueles outros guerreiros em carros, ó rei, que tu vês, e que tem estandartes dourados e difíceis de serem resistidos, são chamados Kamvojas. Eles são bravos e habilidosos, e firmemente dedicados à ciência de armas. Desejando o bem-estar uns dos outros eles estão todos unidos firmemente. Eles constituem um Akshauhini completo de guerreiros coléricos, ó Bharata, e estão esperando cuidadosamente por minha causa, bem protegidos pelos heróis Kuru. Eles estão em alerta, ó rei, com seus olhos sobre mim. Eu certamente destruirei eles todos, como fogo destruindo um pilha de palha.

Portanto, ó rei, que aqueles que equipam carros coloquem aljavas e todos os artigos necessários no meu carro em lugares apropriados. De fato, em tal batalha terrível, diversos tipos de armas devem ser usadas. Que o carro seja equipado (com artigos necessários) cinco vezes mais do que professores de ciência militar ordenam, pois eu terei que combater os Kamvojas que parecem cobras ferozes de veneno virulento. Eu terei também que combater os Kiratas que estão armados com diversas armas de guerra, que parecem veneno virulento, que são hábeis em atacar, que são sempre bem tratados por Duryodhana, e que por conta disso estão sempre dedicados ao bem-estar de Duryodhana. Eu também terei que enfrentar os Sakas dotados de destreza igual àquela do próprio Sakra, que são ferozes como fogo, e difíceis de extinguir como uma conflagração ardente. De fato, ó rei, eu terei que enfrentar em batalha muitos guerreiros difíceis de serem resistidos. Por isso que cavalos de batalha bem conhecidos da melhor raça e ornados com marcas auspiciosas sejam unidos ao meu carro, depois de fazer sua sede ser saciada e depois de tratá-los devidamente!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois disso, Yudhishthira fez aljavas cheias de flechas, e diversos tipos de armas, e, de fato, todos os artigos necessários, serem colocados no carro de Satyaki. Então, pessoas fizeram seus quatro corcéis bem arreados e excelentes beberem e andarem, se banharem e comerem, e tendo adornado eles com correntes douradas e arrancado suas flechas, aqueles animais, que tinham (para essas operações) sido libertados da canga, e que eram da cor de ouro e bem treinados e dotados de grande velocidade e alegres e muito dóceis, foram devidamente unidos novamente ao carro dele. E sobre aquele carro foi levantado um estandarte alto portando um leão de juba dourada. E aquele estandarte que tinha amarrados em volta dele pendões da cor de nuvens brancas e decorado com ouro foi também colocado sobre aquele veículo levando uma carga pesada de armas. Depois que aqueles corcéis, enfeitados com arreios de ouro, tinham sido unidos àquele carro, o irmão mais novo de Daruka, que era o quadrigário e o amigo querido de Satyaki, veio e relatou para o último que o carro tinha sido devidamente equipado, como Matali relatando o equipamento do carro para o próprio Vasava. Satyaki então, tendo tomado um banho e se purificado e passado por todas as cerimônias auspiciosas, deu nishkas de ouro para mil Brahmanas Snataka que proferiram bênçãos sobre ele. Abençoado com aquelas bênçãos Satyaki, aquele principal dos homens belos, aquele herói digno de adoração, tendo bebido kairata, mel, brilhava resplandecente, com olhos avermelhados rolando em excitação. Tendo tocado um espelho de bronze e cheio de grande alegria, sua energia ficou dobrada, e ele mesmo parecia com um fogo ardente. Levando sobre seus ombros seu arco com flechas, aquele principal dos guerreiros em carros, envolvido em armadura e enfeitado com ornamentos, os regenerados tinham realizado para ele os ritos de propiciação. E donzelas formosas o honraram por derramarem sobre ele arroz frito e perfumes e guirlandas florais. E o herói então, com mãos unidas, adorou os pés de Yudhishthira, e o último cheirou sua cabeça. E tendo passado por todos esses ritos, ele então subiu no principal dos seus carros. Então aqueles corcéis, alegres e fortes e rápidos como o vento, e invencíveis, e pertencentes à raça Sindhu, o levaram naquele carro triunfante. Similarmente, Bhimasena também, honrado pelo rei Yudhishthira o justo, e

saudando o monarca com reverência, partiu com Satyaki. Vendo aqueles dois castigadores de inimigos a ponto de penetrar na tua hoste, seus inimigos, ou seja, tuas tropas, todas permaneceram imóveis com Drona em sua dianteira. Então Satyaki, vendo Bhima equipado em armadura e o seguindo, saudou aquele herói e falou a ele essas palavras agradáveis. De fato, o heróico Satyaki, com cada membro cheio de alegria, disse para Bhima, 'Ó Bhima, proteja o rei. Esse mesmo é teu dever acima de todas as coisas. Atravessando essa hoste cuja hora chegou, eu prosseguirei. Agora a partir daqui, a proteção do rei é teu maior dever. Tu conheces minha destreza, tu desejas meu bem, volte, ó Bhima!' Assim endereçado por Satyaki, Bhima respondeu, 'Vá então, para o sucesso do teu objetivo. Ó melhor dos homens, eu protegerei o rei.' Assim endereçado, ele da linhagem de Madhu respondeu para Bhima, dizendo, 'Volte, ó filho de Pritha! Meu êxito é certo, já que conquistado por meus méritos, dessa maneira, ó Bhima, és hoje obediente aos meus desejos. De fato, ó Bhima, como esses presságios auspiciosos me dizem, minha vitória está assegurada. Depois que o soberano pecaminoso dos Sindhus tiver sido morto pelo filho de grande alma de Pandu, eu abraçarei o rei Yudhishthira de alma virtuosa.' Dizendo essas palavras para Bhima e dispensando-o com um abraço aquele guerreiro ilustre olhou tuas tropas, como um tigre olhando um bando de veados. Vendo ele olhando teu exército daquela maneira, ó rei, tuas tropas ficaram mais uma vez entorpecidas e começaram a tremer violentamente. Então, ó rei, Satyaki desejoso de ver Arjuna por ordem do rei Yudhishthira o justo lançou-se de repente contra tuas tropas.'"

112

"Sanjaya disse, 'Ó rei, quando Yuyudhana, pelo desejo de batalha procedeu contra tuas tropas, o rei Yudhishthira, circundado por suas tropas, seguiu Yuyudhana para alcançar o carro de Drona. Então o filho do rei dos Panchalas, isto é, o guerreiro invencível Dhrishtadyumna e o rei Vasudana, ambos exclamaram ruidosamente com a hoste Pandava, 'Venham, ataquem rapidamente, e avancem contra o inimigo, para que Satyaki, aquele guerreiro invencível em batalha, possa passar facilmente (através da hoste Kaurava). Muitos poderosos guerreiros em carros lutarão para subjugá-lo.' Os grandes guerreiros em carros (do exército Pandava), dizendo isso, se lançaram impetuosamente sobre seus inimigos. De fato, eles todos avançaram, dizendo, 'Nós derrotaremos aqueles que se esforçarem para subjugar Satyaki.' Então um tumulto alto foi ouvido em volta do carro de Satyaki. A hoste do teu filho, no entanto, coberta pelas flechas de Satyaki, fugiu. De fato, ó rei, aquela hoste foi dividida em cem grupos que se debatiam por ele da linhagem de Satwata. E quando aquela tropa estava se dividindo, aquele poderoso guerreiro em carro, o (neto) de Sini, subjugou sete arqueiros heróicos e formidáveis na fileira frontal do inimigo. E, ó monarca, com suas flechas que pareciam chamas ardentes de fogo, ele despachou muitos outros heróis, reis de diversos reinos, para a região de Yama. Ele às vezes perfurava cem guerreiros com uma flecha, e às vezes um guerreiro com cem flechas. Como o grande Rudra destruindo criaturas, ele matou condutores de elefantes e

guerreiros em carros com corcéis e motoristas. Ninguém entre tuas tropas se arriscava a avançar contra Satyaki que estava mostrando tal agilidade de mão e que derramava tais nuvens de flechas. Em pânico e oprimidos e subjugados dessa maneira por aquele herói de braços longos, aqueles bravos guerreiros todos deixaram o campo na vista daquele herói orgulhoso. Embora sozinho, eles o viram multiplicado por muitos, e foram entorpecidos por sua energia. E a terra parecia extremamente bela com carros despedaçados e nidas quebrados (nidas eram nichos ou cabinas dos motoristas), ó majestade, e rodas e guarda-sóis caídos e estandartes e anukarshas, e pendões, e proteções para a cabeça enfeitadas com ouro, e braços humanos cobertos com pasta de sândalo e adornados com Angadas, ó rei, e coxas humanas, parecendo trombas de elefantes ou os corpos afilados de cobras, e rostos, belos como a lua e enfeitados com brincos, de guerreiros de olhos grandes jazendo por todo o campo. E o solo lá parecia extremamente belo com os corpos enormes de elefantes caídos, cortados de diversas maneiras, como uma grande planície coberta com colinas. Subjugados por aquele herói de braços longos, corcéis, privados de vida e caídos no chão, pareciam belos em seus tirantes feitos de ouro polido e decorados com fileiras de pérolas, e em suas estruturas de belo feitio e modelo. Tendo matado diversos tipos de tuas tropas, ele da tribo Satwata entrou na tua hoste, agitando e desbaratando teu exército. Então Satyaki desejou seguir por aquela mesma rota pela qual Dhananjaya tinha ido antes dele. Então Drona chegou e resistiu a ele. Enfrentando o filho de Bharadwaja, Yuyudhana, cheio de raiva, não parou como uma vasta extensão de água ao encontrar um dique. Drona, no entanto, reprimindo naquela batalha o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, perfurou-o com cinco flechas afiadas, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Satyaki, no entanto, ó rei, naquela batalha perfurou Drona com sete flechas afiadas em pedra, providas de asas douradas e as penas do Kanka e do pavão. Então Drona afligiu Satyaki, seus corcéis e o motorista, com seis flechas. O poderoso guerreiro em carro Yuyudhana não pode tolerar essa façanha de Drona. Proferindo um grito leonino, ele então perfurou Drona com dez flechas, e então com seis, e então com oito outras. E mais uma vez Yuyudhana perfurou Drona com dez flechas, seu quadrigário com uma e seus quatro corcéis com quatro. E com outra flecha, ó majestade, Satyaki atingiu o estandarte de Drona. Então Drona rapidamente cobriu Satyaki, seu carro, corcéis, motorista, e bandeira, com flechas de rumo rápido, incontáveis em número como um bando de gafanhotos. Similarmente, Yuyudhana destemidamente cobriu Drona com inúmeras flechas de grande velocidade. Então Drona, dirigindo-se a Yuyudhana, disse, 'Teu preceptor (Arjuna), como um covarde, partiu, deixando a batalha, evitando a mim que estava lutando com ele, prosseguindo por meu flanco. Ó tu da linhagem de Madhu, se como teu preceptor, tu também não me evitares rapidamente nessa batalha, tu não escaparás de mim com vida hoje, envolvido como eu estou em batalha contigo.'"

"Satyaki, ouvindo essas palavras, respondeu, 'Por ordem do rei Yudhishthira o justo eu seguirei no rastro de Dhananjaya. Abençoado sejas tu, ó Brahmana, eu perderia tempo (se eu lutasse contigo). Um discípulo deve sempre andar no

caminho trilhado por seu preceptor. Eu irei, portanto, seguir o caminho que foi trilhado por meu preceptor.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito isso mesmo, o neto de Sini evitou o preceptor e subitamente prosseguiu adiante, ó rei! E se dirigindo a seu quadrigário, ele disse, 'Drona irá, por todos os meios, se esforçar para deter meu avanço. Prossiga cuidadosamente, ó Suta, em batalha e escute essas minhas palavras importantes. Lá é vista a hoste de grande esplendor de Avantis. Próximo a eles está a hoste poderosa dos habitantes do sul. E ao lado dessa está a hoste formidável dos Valhikas. Ao lado dos Valhikas, permanece decidida para lutar a hoste poderosa comandada por Karna. Ó quadrigário, todas essas hostes são diferentes umas das outras, mas confiando umas nas outras, elas protegem umas às outras no campo de batalha. Chegando no espaço deixado aberto no meio dessas divisões incite alegremente os corcéis. De fato, ó quadrigário, leve-me para lá, fazendo os corcéis adotarem uma velocidade tolerável, para lá, isto é, onde são vistos os Valhikas com diversas armas erguidas em seus braços, e os inúmeros habitantes do sul encabeçados pelo filho de Suta e cuja divisão é vista apresentar uma formação de combate cerrada de elefantes e corcéis e carros e na qual se encontram soldados de infantaria de vários reinos.' Tendo dito isso para seu motorista, evitando o Brahmana (Drona), ele prosseguiu, dizendo a seu quadrigário, 'Passe pelo espaço aberto entre aquelas duas divisões em direção à hoste ameaçadora e poderosa de Karna.' Drona, no entanto, cheio de fúria, o perseguiu de trás, disparando inúmeras flechas nele. De fato, o preceptor seguiu de perto o muito abençoado Yuyudhana que avançava sem qualquer desejo de voltar atrás. Atacando a formidável hoste de Karna com flechas afiadas, Satyaki penetrou no exército vasto e ilimitado dos Bharatas. Quando Yuyudhana, no entanto, entrou no exército, as tropas (opostas a ele) fugiram. Nisso, o colérico Kritavarman se adiantou para resistir a Satyaki. O valente Satyaki atingindo Kritavarman que avançava com seis flechas, rapidamente matou seus quatro corcéis com quatro outras flechas. E novamente ele perfurou Kritavarman no centro do peito com quatro outras flechas. E mais uma vez ele perfurou Kritavarman no centro do peito com dezesseis flechas retas de grande velocidade. Assim combatido; ó monarca; com muitas flechas de energia impetuosa por ele da tribo Satwata, Kritavarman foi incapaz de tolerar isso. Apontando então uma flecha de dente de bezerro parecendo uma cobra de veneno virulento e dotada da velocidade do vento, e puxando a corda do arco, ó monarca, até sua orelha, ele perfurou Satyaki no peito. Aquela flecha, equipada com penas belas, atravessando sua armadura e corpo, e tingida com sangue, entrou na terra. Então, ó rei, Kritavarman, aquele guerreiro equipado com as armas mais superiores, disparando muitas flechas, cortou o arco de Satyaki com flechas fixadas nele. E excitado com raiva, ele então, naquela batalha, ó rei, perfurou Satyaki de destreza imbatível no centro do peito com dez flechas muito afiadas. Após seu arco ser quebrado, o mais notável dos homens poderosos, Satyaki, arremessou um dardo no braço direito de Kritavarman. E pegando e estirando um arco mais resistente, Yuyudhana rapidamente disparou em seu inimigo flechas às centenas e milhares e cobriu totalmente Kritavarman e seu carro com aquela torrente de flechas. Tendo assim coberto o filho de Hridika, ó monarca, naquela batalha, Satyaki

cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça do quadrigário de seu inimigo de seu tronco. O quadrigário do filho de Hridika então, assim morto, caiu daquele carro magnífico. Nisso, os corcéis de Kritavarman, privados de um motorista, fugiram com grande velocidade. O soberano dos Bhojas, então, em grande agitação, controlou ele mesmo aqueles corcéis. Aquele guerreiro heróico então, arco na mão, permaneceu sobre seu carro (pronto para lutar). Vendo essa façanha, suas tropas o aplaudiram muito. Descansando por um curto espaço de tempo, Kritavarman então incitou aqueles seus corcéis excelentes. Ele mesmo desprovido de medo, ele inspirava seus inimigos com grande medo. Satyaki, no entanto, tinha dentro daquele tempo o deixado para atrás, enquanto o próprio Kritavarman agora avançava contra Bhimasena sem perseguir Satyaki. Saindo dessa maneira da divisão dos Bhojas, Satyaki procedeu com grande velocidade em direção à divisão poderosa dos Kamvojas. Resistido lá por muitos bravos e poderosos guerreiros em carros, Yuyudhana, de bravura incapaz de ser frustrada, não podia então, ó monarca, prosseguir um passo. Enquanto isso, Drona, tendo colocado sua ordem de batalha em uma posição apropriada e transferido a responsabilidade de sua proteção para o soberano dos Bhojas, firmemente decidido, procedeu com grande velocidade em direção a Yuyudhana pelo desejo de lutar. Então os principais guerreiros da hoste Pandava, vendo Drona assim perseguindo Yuyudhana de trás, começaram a resistir a ele alegremente. Os Panchalas, no entanto, que eram encabeçados por Bhimasena, tendo se aproximado do filho de Hridika, aquele principal dos guerreiros em carros, ficaram todos desanimados. O heróico Kritavarman, ó rei, mostrando sua bravura, resistiu a todos aqueles guerreiros que, embora tivessem ficado um pouco sem entusiasmo, ainda lutavam com grande vigor. Destemidamente ele enfraqueceu, por meio de suas chuvas de flechas, os animais de seus inimigos. Os bravos guerreiros, no entanto, (do exército Pandava), embora assim afligidos pelo soberano dos Bhojas, permaneceram, como soldados de nascimento nobre que eles eram, decididos a lutar com a própria divisão dos Bhojas, por um desejo de grande renome.'"

113

"Dhritarashtra disse, 'Nosso exército é igualmente possuidor de muitas excelências. Ele é igualmente considerado como superior. Ele é igualmente organizado segundo as regras de ciência, e é igualmente numeroso, ó Sanjaya! Ele é sempre bem tratado por nós, e é sempre dedicado a nós. Ele é vasto em força numérica, e apresenta um aspecto estupendo. Sua coragem foi testada antes. Os soldados não são nem muito velhos nem muito jovens. Eles não são nem magros nem corpulentos. De hábitos ativos, de corpos bem desenvolvidos e fortes, eles estão livres de doenças. Eles estão envolvidos em armaduras e bem equipados com armas. Eles são dedicados a todos os tipos de exercícios armados. Eles são peritos em montar e descer das costas de elefantes, em se mover para a frente e recuar, em atacar eficazmente, e em marchar e se retirar. Muitas vezes eles foram testados na condução de elefantes e corcéis e carros. Tendo sido examinados devidamente, eles tem sido regalados por meio de

pagamento e não por causa de linhagem, nem por favor, nem por relacionamento. Eles não são uma turba vinda por iniciativa própria, nem eles foram admitidos ao meu exército sem pagamento. Meu exército consiste em homens bem nascidos e respeitáveis, que são, além disso, contentes, bem alimentados, e submissos. Eles são suficientemente recompensados. Eles são todos famosos e dotados de grande inteligência. Eles são, além disso, ó filho, protegidos por muitos dos nossos principais conselheiros e outros de atos justos, todos os quais são os melhores dos homens, parecendo os próprios Regentes do mundo. Inúmeros soberanos da terra, procurando fazer o que é agradável para nós, e que por sua própria vontade tomaram nosso partido com suas tropas e seguidores, também os protegem. De fato, nosso exército é como o oceano vasto enchido com as águas de inúmeros rios correndo de todas as direções. Ele está cheio de corcéis e carros os quais, embora desprovidos de asas, contudo parecem os ocupantes alados do ar. Ele está cheio também com elefantes enfeitados cujas bochechas fluem com secreções suculentas. O que pode ser, portanto, exceto o Destino que mesmo tal exército deva ser massacrado? (Semelhante ao oceano como ele é), o vasto número de combatentes constitui suas águas intermináveis, e os corcéis e outros animais constituem suas ondas terríveis. Inúmeras espadas e maças e dardos e flechas e lanças constituem os remos (manipulados naquele oceano). Abundando em estandartes e ornamentos, as pérolas e pedras preciosas (dos guerreiros) constituem os lotos que o embelezam. Os corcéis e elefantes que avançam constituem os ventos que o agitam à fúria. Drona constitui a caverna insondável daquele oceano, Kritavarman seu vasto redemoinho, Jalasandha seu imenso jacaré, e Karna o nascer da lua que o faz aumentar com energia e orgulho. Quando aquele touro entre os Pandavas, em seu único carro, seguiu rapidamente atravessando aquele meu exército (embora ele seja) vasto como o oceano, e quando Yuyudhana também o seguiu, eu, ó Sanjaya, não vejo a probabilidade nem de um resto de minhas tropas ser deixado vivo por Savyasachin, e aquele principal dos guerreiros em carros pertencente à linhagem Satwata. Vendo aqueles dois heróis extremamente ativos atravessarem (as divisões colocadas na vanguarda), e vendo o soberano dos Sindhus também ao alcance das flechas do Gandiva, qual, de fato, foi a medida adotada pelos Kauravas impelidos pelo destino? Naquele momento, quando todos estavam lutando atentamente, o que aconteceu com eles? Ó senhor, eu considero os Kurus reunidos como tendo sido tragados pela própria Morte. De fato, sua bravura também em batalha não é mais vista ser o que ela uma vez foi. Krishna e o filho de Pandu entraram ambos ilesos na hoste (Kuru). Não há ninguém naquela hoste, ó Sanjaya, capaz de resistir a eles. Muitos combatentes que são grandes guerreiros em carros formam admitidos por nós depois de exame. Eles são todos honrados (por nós) com pagamento como cada um merece, e outros com palavras agradáveis. Não há ninguém, ó filho, entre minhas tropas que não seja honrado com bons préstimos (feitos a ele). Cada um recebe seu pagamento determinado e mantimentos segundo o caráter de seus serviços. Em meu exército, ó Sanjaya, não há ninguém que é inexperiente em batalha, ninguém que recebe pagamento menor do que ele merece, ou ninguém que não receba qualquer pagamento. Os soldados são adorados por mim, segundo o melhor de meus poderes, com presentes e honras e assentos. O mesmo comportamento é seguido em direção a eles por meus filhos, meus

parentes, e meus amigos. Contudo na mera aproximação de Savyasachin, eles foram todos subjugados por ele e pelo neto de Sini. O que pode ser isso exceto o Destino? Aqueles que estão protegendo eles, todos seguem a mesma estrada, os protegidos com os protetores! Vendo Arjuna chegar na frente de Jayadratha, que medida foi adotada por meu filho tolo? Vendo Satyaki também entrando na hoste, que passo Duryodhana achou conveniente para aquela ocasião? De fato, vendo aqueles dois principais dos guerreiros em carros que estão além do toque de todas as armas entrarem em minha hoste, que decisão foi tomada por meus guerreiros em batalha? Eu penso que vendo Krishna da linhagem de Dasarha e aquele touro da linhagem de Sini também ambos envolvidos em combate por causa de Arjuna meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo ambos Satwata e Arjuna passarem através do meu exército e os Kurus fugindo, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo seus guerreiros em carros recuarem em desesperança de subjugar o inimigo e colocando seus corações em fugir do campo, meus filhos estão cheios de aflição. (Vendo) seus corcéis e elefantes e carros e heróicos combatentes aos milhares fugindo do campo em ansiedade, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo muitos elefantes enormes fugirem, afligidos pelas flechas de Arjuna, e outros caindo e caídos, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo corcéis privados de cavaleiros e guerreiros privados de carros por Satyaki e Partha, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso (que vendo) grandes grupos de cavalos mortos ou desbaratados por Madhava e Partha, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo grandes grupos de soldados de infantaria fugindo em todas as direções, meus filhos, ficando sem esperança de sucesso, estão cheios de aflição. Eu penso que vendo aqueles dois passarem pela divisão de Drona invictos em um instante, meus filhos estão cheios de aflição. Eu estou pasmo, ó filho, ao saber que Krishna e Dhananjaya, aqueles dois heróis de glória imorredoura, ambos, com Satwata, penetraram em minha hoste. Depois que aquele principal dos guerreiros em carros entre os Sinis tinha entrado em minha hoste, e depois que ele tinha passado pela divisão dos Bhojas, o que os Kauravas fizeram? Diga-me também, ó Sanjaya, como a batalha se realizou lá onde Drona afligiu os Pandavas no campo. Drona é dotado de grande poder, é a mais notável de todas as pessoas, é hábil com armas, e incapaz de ser derrotado em batalha. Como poderiam os Panchalas perfurar aquele arqueiro formidável no combate? Desejosos da vitória de Dhananjaya, os Panchalas são inimigos inveterados de Drona. O poderoso guerreiro em carro Drona também é um inimigo inveterado deles. Tu és hábil em narração, ó Sanjaya! Conte-me, portanto, tudo acerca do que Arjuna fez para realizar a morte do soberano dos Sindhus.'"

"Sanjaya disse, 'Ó touro da raça Bharata, atingido por uma calamidade que é resultado direto da tua própria falha, tu não deves, ó herói, te entregar a lamentações como uma pessoa comum. Antigamente, muitos dos teus sábios benquerentes, numerando Vidura entre eles, tinham te dito, 'Ó rei, não abandone os filhos de Pandu.' Tu então não prestaste atenção àquelas palavras. O homem que não presta atenção aos conselhos de amigos que desejam o bem, lamenta, caindo em grande infortúnio, como tu mesmo. Ele da linhagem de Dasarha, ó rei, antigamente te rogou pela paz. Apesar de tudo isso, Krishna de fama mundial não

obteve seu rogo. Averiguando tua vileza, e teus ciúmes em direção aos Pandavas, e compreendendo também tuas intenções desonestas em direção aos filhos de Pandu, e ouvindo tuas lamentações delirantes, ó melhor dos reis, aquele pujante Senhor de todos os mundos, aquele Ser conhecedor da verdade de tudo em todos os mundos, Vasudeva, então fez a chama da guerra brilhar entre os Kurus. Essa destruição vasta e indiscriminada aconteceu a ti ocasionada por tua própria falha. Ó concessor de honras, não cabe a ti imputar a falha a Duryodhana. No desenvolvimento desses incidentes nenhum mérito teu é visto no início, no meio, ou no fim. Essa derrota é totalmente devido a ti. Portanto, sabendo como tu sabes a verdade a respeito deste mundo, fique calmo e ouça como essa batalha violenta, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras, ocorreu. Depois que o neto de Sini, aquele guerreiro de destreza incapaz de ser frustrada, tinha entrado na tua hoste, os Parthas encabeçados por Bhimasena também avançaram contra tuas tropas. O poderoso guerreiro em carro Kritavarman, embora sozinho, resistiu, naquela batalha, aos Pandavas avançando em fúria e cólera com seus seguidores contra tua hoste. Como o continente resistindo às ondas do mar, assim mesmo o filho de Hridika resistiu às tropas dos Pandavas naquela batalha. A destreza que nós então contemplamos do filho de Hridika foi extraordinária, visto que os Parthas unidos não conseguiram ultrapassar a ele sozinho. Então o poderosamente armado Bhima, perfurando Kritavarman com três flechas, soprou sua concha, alegrando todos os Pandavas. Então Sahadeva perfurou o filho de Hridika com vinte flechas, e Yudhishthira o justo o perfurou com cinco e Nakula o perfurou com cem. E os filhos de Draupadi o perfuraram com setenta e três flechas, e Ghatotkacha o perfurou com sete. E Virata e Drupada e o filho de Drupada (Dhrishtadyumna) cada um o perfurou com cinco flechas, e Sikhandin, tendo uma vez o perfurado com cinco, novamente o perfurou sorridente com vinte e cinco flechas. Então Kritavarman, ó rei, perfurou cada um daqueles grandes guerreiros em carros com cinco flechas, e Bhima novamente com sete. E o filho de Hridika derrubou o arco e o estandarte de Bhima do carro do último. Então aquele poderoso guerreiro em carro, com grande velocidade, colericamente atingiu Bhima, cujo arco tinha sido cortado, com setenta flechas afiadas no peito. Então o poderoso Bhima, profundamente perfurado com aquelas flechas excelentes do filho de Hridika, tremeu em seu carro como uma montanha durante um terremoto. Vendo Bhimasena naquela condição, os Parthas encabeçados pelo rei Yudhishthira o justo afligiram Kritavarman, ó rei, disparando muitas flechas nele. Cercando aquele guerreiro lá com multidões de carros, ó majestade, eles alegremente começaram a perfurá-lo com suas flechas, desejando proteger o filho do deus do vento naquela batalha. Então o poderoso Bhimasena, recuperando a consciência, pegou naquela batalha um dardo feito de aço e equipado com uma vara dourada, e arremessou-o com grande velocidade de seu próprio carro no carro de Kritavarman. Aquele dardo parecendo uma cobra livre de sua pele, arremessado das mãos de Bhima, de aparência ameaçadora, brilhou quando ele procedeu em direção a Kritavarman. Vendo aquele dardo dotado do esplendor do fogo Yuga correndo em direção a ele, o filho de Hridika cortou-o em dois com duas flechas. Nisso, aquele dardo enfeitado com ouro, assim cortado, caiu no chão, iluminando os dez pontos do horizonte, ó rei, como um meteoro grande caído do firmamento. Vendo seu dardo frustrado, Bhima se inflamou em fúria. Então

pegando outro arco que era mais resistente e cuja vibração era mais alta, Bhimasena, cheio de ira, atacou o filho de Hridika naquela batalha. Então, ó rei, Bhima, de poder terrível atingiu Kritavarman no centro do peito com cinco flechas, por consequência da tua má política, ó monarca! O soberano dos Bhojas então, mutilado em todos os membros, ó majestade, por Bhimasena, brilhava resplandecente no campo como uma Asoka vermelha coberta com flores. Então aquele arqueiro poderoso, Kritavarman, cheio de raiva, sorridente atingiu Bhimasena com três flechas, e tendo-o atingido com força, perfurou em retorno todos aqueles grandes guerreiros em carros lutando vigorosamente em batalha, com três flechas. Cada um dos últimos então perfurou-o em retorno com sete flechas. Então aquele poderoso guerreiro em carro da tribo Satwata, cheio de fúria, cortou, sorrindo naquela batalha, com uma flecha de face de navalha o arco de Sikhandin. Sikhandin então, vendo seu arco cortado, pegou rapidamente uma espada e um escudo brilhante ornamentado com cem luas. Girando seu escudo grande, enfeitado com ouro, Sikhandin lançou aquela espada em direção ao carro de Kritavarman. Aquela espada larga, cortando, ó rei, o arco de Kritavarman com flecha fixada nele, caiu no chão, ó monarca, como um corpo luminoso brilhante solto do firmamento. Enquanto isso, aqueles poderosos guerreiros em carros rapidamente e profundamente perfuraram Kritavarman com suas flechas naquela batalha. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Hridika, jogando longe aquele arco quebrado, e pegando outro, perfurou cada um dos Pandavas com três flechas retas. E ele perfurou Sikhandin a princípio com três, e então com cinco flechas. Então o ilustre Sikhandin, pegando outro arco, reprimiu o filho de Hridika com muitas flechas de vôo rápido, equipadas com cabeças parecidas com unhas de tartaruga. Então, ó rei, o filho de Hridika, cheio de raiva naquela batalha, avançou impetuosamente naquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Yajnasena, aquele guerreiro, ó monarca, que foi a causa da queda do ilustre Bhishma em batalha. De fato, o heróico Kritavarman avançou em Sikhandin, mostrando sua força, como um tigre em um elefante. Então aqueles dois castigadores de inimigos, que pareciam um par de elefantes enormes ou dois fogos ardentes, combateram um ao outro com nuvens de flechas. E eles pegaram seus melhores arcos e apontaram suas flechas, e as dispararam às centenas como um par de sóis derramando seus raios. E aqueles dois poderosos guerreiros em carros chamuscaram um ao outro com suas flechas afiadas, e brilharam resplandecentes como dois sóis aparecendo no fim do Yuga. E Kritavarman naquela batalha perfurou aquele guerreiro em carro poderoso, o filho de Yajnasena, com setenta e três flechas e mais uma vez com sete. Profundamente perfurado com isso, Sikhandin sentou-se em sofrimento no terraço de seu carro, jogando de lado seu arco e flechas, e foi dominado por um desmaio. Vendo aquele herói desmaiado, tuas tropas, ó touro entre homens, reverenciaram o filho de Hridika, e acenaram suas peças de roupa no ar. Vendo Sikhandin assim atormentado pelas flechas do filho de Hridika seu quadrigário rapidamente levou aquele poderoso guerreiro em carro para longe da batalha. Os Parthas, vendo Sikhandin jazendo sem sentidos no terraço de seu carro, logo cercaram Kritavarman naquela batalha com multidões de carros. O poderoso guerreiro em carro, Kritavarman, então realizou um feito muito extraordinário lá, visto que, sozinho ele manteve sob controle todos os Parthas com seus seguidores. Tendo

assim subjugado os Parthas, aquele poderoso guerreiro em carro então derrotou os Chedis, os Panchalas, os Srinjayas, e os Kekayas, todos os quais são dotados de grande bravura. As forças armadas dos Pandavas então, assim massacradas pelo filho de Hridika começaram a correr em todas as direções, incapazes de permanecer friamente em batalha. Tendo vencido os filhos de Pandu encabeçados pelo próprio Bhimasena, o filho de Hridika permaneceu em batalha como um fogo ardente. Aqueles poderosos guerreiros em carros, afligidos com torrentes de flechas e desbaratados pelo filho de Hridika em batalha, não se arriscavam a encará-lo.'"

114

"Sanjaya disse, 'Ouça com total atenção, ó rei. Depois da derrota daquela tropa pelo filho de grande alma de Hridika, e após os Parthas serem humilhados com vergonha e tuas tropas se rejubilado com alegria, ele que se tornou protetor dos Pandavas que estavam desejosos de proteção enquanto afundando naquele mar insondável de angústia, aquele herói, ou seja, o neto de Sini, ouvindo aquele tumulto ameaçador do teu exército naquela batalha terrível, voltou atrás rapidamente e procedeu contra Kritavarman. O filho de Hridika, Kritavarman, então excitado com cólera, cobriu o neto de Sini com nuvens de flechas afiadas. Nisso, Satyaki também ficou cheio de raiva. O neto de Sini então rapidamente disparou em Kritavarman uma flecha afiada e de cabeça larga no combate e então quatro outras setas. Essas quatro setas mataram os corcéis de Kritavarman, e a outra cortou o arco de Kritavarman. Então Satyaki perfurou o quadrigário de seu inimigo e aqueles que protegiam a retaguarda do último com muitas flechas afiadas, para afligir as tropas de seu adversário. A divisão hostil então, afligida pelas flechas de Satyaki, se dividiu. Nisso, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada prosseguiu rapidamente em seu caminho. Ouça agora, ó rei, o que aquele herói de grande coragem então fez para tuas tropas. Tendo, ó monarca, vadeado o oceano constituído pela divisão de Drona, e cheio de alegria em ter derrotado Kritavarman em batalha, aquele herói então dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga lentamente sem medo.' Contemplando, no entanto, aquele teu exército cheio de carros, corcéis, elefantes e soldados a pé, Satyaki mais uma vez disse para seu quadrigário, 'Essa grande divisão que tu vês à esquerda da hoste de Drona, e que parece escura como as nuvens, consiste nos elefantes (do inimigo). Rukmaratha é seu líder. Aqueles elefantes são muitos, ó quadrigário, e são difíceis de serem resistidos em batalha. Instigados por Duryodhana, eles esperam por mim, preparados para sacrificar suas vidas. Todos aqueles combatentes são de nascimento principesco, e grandes arqueiros, e capazes de mostrar muita bravura em batalha, pertencentes ao país dos Trigartas, eles são todos ilustres guerreiros em carros, possuindo estandartes decorados com ouro. Aqueles bravos guerreiros estão esperando, desejosos de lutar comigo. Incite os corcéis rapidamente, ó quadrigário, e me leve para lá. Eu lutarei com os Trigartas na própria vista do filho de Bharadwaja.' Assim endereçado, o quadrigário, obediente ao desejo de Satwata, prosseguiu lentamente. Naquele carro brilhante de refulgência solar, provido de estandarte, aqueles corcéis excelentes arreados a ele e perfeitamente

obedientes ao motorista, dotados da velocidade do vento, brancos como a flor Kunda, ou a lua, ou prata, o levaram (para aquele local). Quando ele avançou para a batalha, puxado por aqueles excelentes corcéis da cor de uma concha, aqueles bravos guerreiros o cercaram por todos os lados com seus elefantes, espalhando diversas espécies de flechas afiadas capazes de perfurar tudo facilmente. Satwata também lutou com aquela divisão de elefantes, disparando suas flechas afiadas, como uma nuvem imensa no fim do verão derramando torrentes de chuva em um leito de montanha. Aqueles elefantes massacrados com aquelas flechas, cujo toque parecia (aquele do) trovão, disparadas por aquele principal entre os Sinis começaram a fugir do campo, suas presas quebradas, corpos cobertos com sangue, cabeças e globos frontais fendidos, orelhas e faces e trombas cortados, e eles mesmos privados de condutores, e estandartes derrubados, cavaleiros mortos, e cobertores soltos, fugiram, ó rei, em todas as direções. Muitos entre eles, ó monarca, mutilados por Satwata com flechas compridas e flechas de cabeça de dente de bezerro e flechas de cabeça larga e Anjalikas e flechas de face de navalha e algumas em forma de meia-lua fugiram, com sangue escorrendo por seus corpos, e eles mesmos expelindo urina e fezes e proferindo gritos altos e diversos, profundos como o rugido das nuvens. E alguns entre os outros vagavam, e alguns prosseguiam com dificuldade, e alguns caíam, e alguns ficavam pálidos e desanimados. Assim atormentada por Yuyudhana, com flechas que pareciam o sol ou fogo, aquela divisão de elefantes fugiu em todas as direções. Depois que aquela divisão de elefantes foi exterminada, o poderoso Jalasandha, se esforçando friamente, conduziu seu elefante para a frente do carro de Yuyudhana puxado por corcéis brancos. Enfeitado com Angadas dourados, com brincos e diadema, armado com espada, coberto com pasta de sândalo vermelha, sua cabeça rodeada por uma corrente brilhante de ouro, seu peito coberto com uma couraça, seu pescoço adornado com uma corrente brilhante (de ouro), aquele herói de alma impecável, posicionado na cabeça de seu elefante, vibrando seu arco enfeitado com ouro, parecia resplandecente, ó rei, como uma nuvem carregada com relâmpago. Como o continente resistindo às ondas do mar, Satyaki deteve aquele elefante excelente do soberano dos Magadhas que se aproximou dele com tal fúria. Vendo o elefante detido pelas flechas excelentes de Yuyudhana, o poderoso Jalasandha ficou cheio de raiva. Então, ó rei, o enfurecido Jalasandha perfurou o neto de Sini em seu peito largo com algumas flechas de grande força. Com outra flecha afiada e bem temperada e de cabeça larga, ele cortou o arco do herói Vrishni enquanto o último o estava esticando. E então, ó Bharata, sorrindo, o soberano heróico dos Magadhas perfurou Satyaki sem arco com cinco flechas afiadas. O valente e poderosamente armado Satyaki, no entanto, embora perfurado por muitas flechas por Jalasandha, não tremeu de modo algum. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então o poderoso Yuyudhana sem qualquer temor pensou nas flechas (que ele devia usar). Pegando outro arco, ele dirigiu-se a Jalasandha, dizendo, 'Espere, Espere!' Dizendo isso mesmo, o neto de Sini perfurou Jalasandha profundamente em seu peito largo com sessenta flechas, sorrindo. E com outra flecha de face de navalha de corte excelente ele cortou o arco de Jalasandha no cabo, e com mais três flechas ele perfurou o próprio Jalasandha. Então Jalasandha, jogando de lado aquele seu arco com uma flecha fixada nele, arremessou uma lança, ó majestade, em

Satyaki. Aquela lança terrível, atravessando o braço esquerdo de Madhava em batalha violenta, entrou na terra, como uma cobra silvando de proporção gigantesca. E seu braço esquerdo tendo sido assim perfurado, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, atingiu Jalasandha com trinta flechas afiadas. Então o poderoso Jalasandha pegando sua cimitarra e escudo grande feito de pele de touro e decorado com cem luas girou a primeira por um tempo e arremessou-a em Satwata. Cortando o arco do neto de Sini, aquela cimitarra caiu no chão, e parecia brilhante como um círculo de fogo, quando ela jazia sobre o solo. Então Yuyudhana pegou outro arco capaz de perfurar tudo, grande como um ramo de Sala, e de vibração parecendo o ribombo do trovão de Indra, e cheio de raiva, esticou-o e então perfurou Jalasandha com uma única flecha. E então Satyaki, aquele principal da linhagem de Madhu, sorrindo, cortou, com um par de flechas de face de navalha, os dois braços, enfeitados com ornamentos, de Jalasandha. Nisso, aqueles dois braços, parecendo com um par de maças com ferrões, caíram daquele principal dos elefantes, como um par de cobras de cinco cabeças caindo de uma Montanha. E então, com uma terceira flecha de cabeça de navalha, Satyaki cortou a cabeça grande de seu adversário dotada de dentes belos e adornada com um par de belos brincos. O tronco sem cabeça e sem arco, de aspecto medonho, tingiu o elefante de Jalasandha com sangue. Tendo matado Jalasandha, em batalha, Satwata rapidamente derrubou a estrutura de madeira, ó rei, das costas daquele elefante. Banhado em sangue, o elefante de Jalasandha levava aquele assento caro, pendendo de suas costas. E afligido pelas flechas de Satwata, o animal enorme esmagou tropas aliadas conforme ele corria de modo selvagem, proferindo gritos violentos de dor. Então, ó majestade, lamentos de pesar se ergueram entre tuas tropas, à visão de Jalasandha morto por aquele touro entre os Vrishnis. Teus guerreiros então, virando seus rostos, fugiram em todas as direções. De fato, sem esperança de êxito sobre o inimigo, eles colocaram seus corações na fuga. Enquanto isso, ó rei, Drona, aquele principal de todos os manejadores de arcos, se aproximou do poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, levado por seus cavalos velozes. Muitos touros entre os Kurus, vendo o neto de Sini se encher (de orgulho e raiva), avançaram nele com fúria, acompanhados por Drona. Então começou um combate, ó rei, entre os Kurus e Drona (em um lado) e Yuyudhana (no outro), que parecia com a batalha terrível de antigamente entre os deuses e os Asuras.'"

115

"Sanjaya disse, 'Disparando nuvens de flechas, todos aqueles guerreiros, hábeis em atacar, cuidadosamente, ó monarca, enfrentaram Yuyudhana. Drona o atingiu com setenta e sete flechas de muito afiadas. E Durmarshana o atingiu com uma dúzia, Duhsasana o atingiu com dez flechas. E Vikarna também perfurou-o no lado esquerdo como também no centro do peito com trinta flechas afiadas equipadas com penas Kanka. E Durmukha o atingiu com dez flechas, e Duhsasana com oito, Chitrasena, ó majestade, perfurou-o com um par de flechas. E Duryodhana, ó rei, e muitos outros heróis, afligiram aquele poderoso guerreiro

em carro com densas chuvas de flechas naquela batalha. Embora reprimido por todos lados por aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, teus filhos, Yuyudhana da linhagem de Vrishni perfurou cada um deles separadamente com suas flechas retas. De fato, ele perfurou o filho de Bharadwaja com três flechas, e Duhsasana com nove, e Vikarna com vinte e cinco, e Chitrasena com sete, e Durmarshana com uma dúzia, e Vivinsati com oito, e Satyavrata com nove, e Vijaya com dez flechas. E tendo perfurado Rukmangada também aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, vibrando seu arco, procedeu rapidamente contra teu filho (Duryodhana). E Yuyudhana, na visão de todos os homens, perfurou profundamente com suas flechas o rei, aquele maior dos guerreiros em carros no mundo inteiro. Então começou uma batalha entre aqueles dois. Ambos disparando flechas afiadas e ambos mirando inúmeras flechas, cada um daqueles poderosos guerreiros em carros fez o outro invisível naquela batalha. E Satyaki, perfurado pelo rei Kuru, parecia muito resplandecente enquanto sangue escorria copiosamente por seu corpo, como uma árvore de sândalo derramando suas secreções suculentas. Teu filho também perfurado por Satwata com nuvens de flechas, parecia belo como uma estaca levantada (em um sacrifício) ornamentada com ouro por todos os lados. Então Madhava, ó rei, naquela batalha, cortou com uma flecha de face de navalha, sorrindo naquele momento, o arco do rei Kuru. E então ele perfurou o rei sem arco com inúmeras flechas. Perfurado com flechas por aquele inimigo de grande energia, o rei não pode tolerar essa indicação do sucesso do inimigo. Duryodhana então, pegando outro arco formidável, o verso de cuja vara era enfeitado com ouro, rapidamente perfurou Satyaki com cem flechas. Profundamente perfurado por teu filho poderoso armado com o arco, Yuyudhana ficou inflamado com ira e começou a afligir teu filho. Vendo o rei assim afligido, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, cobriram Satyaki com chuvas densas de flechas, disparadas com grande força. Enquanto era assim encoberto por aqueles poderosos guerreiros em carros, ou seja, tua multidão de filhos, Yuyudhana perfurou cada um deles com cinco flechas, e mais uma vez com sete. E logo ele perfurou Duryodhana com oito setas rápidas e, sorrindo, cortou o arco do último que assustava todos os inimigos. E com umas poucas flechas ele também derrubou o estandarte do rei adornado com um elefante enfeitado com jóias. E matando então os quatro corcéis de Duryodhana com quatro setas, o ilustre Satyaki derrubou o quadrigário do rei com uma flecha de face de navalha. Enquanto isso, Yuyudhana, cheio de alegria, perfurou o poderoso guerreiro em carro, o rei Kuru, com muitas flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Então, ó rei, teu filho Duryodhana, enquanto era assim atingido naquela batalha por aquelas flechas excelentes do neto de Sini, fugiu de repente. E o rei subiu rapidamente no carro de Chitrasena, armado com o arco. Vendo o rei assim atacado por Satyaki em batalha, e reduzido à posição de Soma no firmamento quando apanhado por Rahu, gritos de aflição se elevaram de todas as divisões da hoste Kuru. Ouvindo aquele tumulto, o poderoso guerreiro em carro Kritavarman foi rapidamente para aquele local onde o pujante Madhava estava lutando. E Kritavarman procedeu, vibrando seu arco, e incitando seus corcéis, e instigando seu quadrigário com as palavras, 'Vá com velocidade, vá com velocidade!' Vendo Kritavarman avançando em direção a ele como o próprio Destruidor com boca escancarada, Yuyudhana, ó rei, dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Esse

Kritavarman, armado com flechas, está avançando em seu carro em direção a mim com velocidade.' Então, com seus corcéis incitados à sua maior velocidade, e em seu carro devidamente equipado, Satyaki atacou o soberano dos Bhojas, o principal de todos os arqueiros. Então aqueles dois tigres entre homens, ambos cheios de fúria, e ambos parecendo fogo enfrentaram um ao outro como dois tigres dotados de grande força. Kritavarman perfurou o neto de Sini com vinte e seis flechas afiadas de pontas penetrantes, e o motorista do último com cinco flechas. E hábil em batalha, o filho de Hridika perfurou, com quatro flechas poderosas, os quatro cavalos excelentes e bem domados de Satyaki que eram da raça Sindhu. Possuindo um estandarte decorado com ouro, e adornado com armadura dourada, Kritavarman, vibrando seu arco formidável, cuja vara era enfeitada com ouro, deteve Yuyudhana com flechas providas de asas douradas. Então o neto de Sini, desejoso de ver Dhananjaya, disparou com grande força oito flechas em Kritavarman. Aquele opressor de inimigos, então, profundamente perfurado por aquele inimigo poderoso, aquele guerreiro invencível, começou a tremer como uma colina durante um terremoto. Depois disso, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, rapidamente perfurou os quatro corcéis de Kritavarman com sessenta e três flechas afiadas, e seu motorista também com sete. De fato, Satyaki, então apontando outra flecha de asas douradas, que emitia chamas ardentes e parecia uma cobra zangada, ou a vara do próprio Destruidor, perfurou Kritavarman. Aquela flecha terrível, atravessando a armadura refulgente de seu adversário decorada com ouro, entrou na terra, tingida com sangue. Atormentado pelas flechas de Satwata, e banhado em sangue naquela batalha, Kritavarman jogando de lado seu arco com flecha, caiu em seu carro. Aquele herói de dentes de leão de bravura incomensurável, aquele touro entre homens, afligido por Satyaki com suas flechas, caiu sobre seus joelhos no terraço de seu carro. Tendo assim resistido a Kritavarman que parecia com o Arjuna de mil braços dos tempos antigos, ou o próprio Oceano de poder imensurável, Satyaki prosseguiu adiante. Passando pela divisão de Kritavarman cheia de espadas e dardos e arcos, e abundando em elefantes e corcéis e carros e saindo do terreno tornado horrível por causa do sangue derramado por Kshatriyas principais numerando às centenas, aquele touro entre os Sinis prosseguiu adiante na própria vista de todas as tropas, como o matador de Vritra através da formação de combate Asura. Enquanto isso, o filho poderoso de Hridika, pegando outro arco enorme, ficou onde ele estava, resistindo aos Pandavas em batalha.'"

116

"Sanjaya disse, 'Enquanto a hoste (Kuru) era agitada pelo neto de Sini naqueles locais (pelos quais ele procedia), o filho de Bharadwaja cobriu-o com uma chuva densa de setas. O combate que então ocorreu entre Drona e Satwata na própria visão de todas as tropas foi extremamente violento, como aquele entre Vali e Vasava (nos tempos passados). Então Drona perfurou o neto de Sini na testa com três belas flechas feitas totalmente de ferro e parecendo cobras de veneno virulento. Assim perfurado na testa com aquelas flechas retas, Yuyudhana, ó rei, parecia belo como uma montanha com três topos. O filho de Bharadwaja sempre

vigilante por uma oportunidade, então disparou naquela batalha muitas outras setas em Satyaki que pareciam o ribombo do trovão de Indra. Então ele da linhagem de Dasarha, conhecedor das maiores armas, cortou todas aquelas flechas disparadas do arco de Drona, com duas flechas suas belamente aladas. Vendo aquela agilidade de mão (em Satyaki), Drona, ó rei, sorrindo, perfurou de repente aquele touro entre os Sinis com trinta flechas. Superando por sua própria agilidade a agilidade de Yuyudhana, Drona mais uma vez perfurou o último com cinquenta setas e então com cem. De fato, aquelas flechas que mutilavam, ó rei, saíam do carro de Drona como cobras vigorosas em fúria saindo através de um formigueiro. Similarmente, flechas bebedoras de sangue disparadas por Yuyudhana às centenas e milhares cobriam o carro de Drona. Nós não notamos qualquer diferença, no entanto, entre a agilidade de mão mostrada por aquele principal dos regenerados e aquela mostrada por ele da tribo Satwata. De fato, nesse aspecto, ambos aqueles touros entre homens eram iguais. Então Satyaki, cheio de cólera, atingiu Drona com nove flechas retas. E ele atingiu o estandarte de Drona também com muitas flechas afiadas. E na vista do filho de Bharadwaja, ele perfurou o motorista do último também com cem flechas. Observando a agilidade de mão mostrada por Yuyudhana, o poderoso guerreiro em carro Drona perfurando o motorista de Yuyudhana com setenta flechas, e cada um dos seus (quatro) corcéis com três, cortou com uma única flecha o estandarte que estava sobre o carro de Madhava. Com outra flecha de cabeça larga, equipada com penas e com asas de ouro, ele cortou naquela batalha o arco daquele herói ilustre da linhagem de Madhu. Nisso, o poderoso guerreiro em carro Satyaki, excitado com cólera, pôs de lado (aquele arco), e pegando uma maça enorme, arremessou-a no filho de Bharadwaja. Drona, no entanto, com muitas flechas de diversas formas, resistiu àquela maça, feita de ferro e enrolada com barbantes, quando ela correu impetuosamente em direção a ele. Então Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, pegou outro arco e perfurou o filho heróico de Bharadwaja com muitas flechas afiadas em pedra. Perfurando Drona dessa maneira naquela batalha, Yuyudhana proferiu um grito leonino. Drona, no entanto, aquele principal de todos os manejadores de armas, não pode tolerar aquele rugido. Pegando um dardo feito de ferro e provido de um cabo dourado Drona lançou-o rapidamente no carro de Madhava. Aquele dardo, no entanto, fatal como a Morte, sem tocar o neto de Sini, atravessou o carro do último e entrou na terra com um barulho ameaçador. O neto de Sini então, ó rei, perfurou Drona com muitas flechas aladas. De fato, atingindo-o no braço direito, Satyaki, ó touro da raça Bharata, o afligiu imensamente. Drona também, naquela batalha, ó rei, cortou o enorme arco de Madhava com uma flecha em forma de meia-lua e atingiu o motorista do último com um dardo. Atingido por aquele dardo, o motorista de Yuyudhana desmaiou e por um tempo ficou imóvel sobre o terraço do carro. Então, ó Monarca, Satyaki, agindo como seu próprio motorista, realizou um feito sobre-humano, visto que ele continuou a lutar com Drona e segurar as rédeas ele mesmo. Então o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana atingiu aquele Brahmana com cem flechas naquela batalha, e se regozijou muito, ó monarca, pela façanha que ele tinha realizado. Então Drona, ó Bharata, disparou em Satyaki cinco flechas. Aquelas flechas ardentes, perfurando a armadura de Satyaki, beberam seu sangue naquele combate. Assim perfurado por aquelas flechas

terríveis, Satyaki ficou furioso. Em retorno, aquele herói disparou muitas flechas nele do carro dourado. Então derrubando no chão com uma única flecha o motorista de Drona, ele fez em seguida, com suas flechas, aqueles corcéis sem condutor de seu adversário fugirem. Nisso aquele carro foi arrastado a uma distância. De fato, a carruagem brilhante de Drona, ó rei, começou a traçar mil círculos no campo de batalha como um sol em movimento. Então todos os reis e príncipes (da hoste Kaurava) fizeram um tumulto alto, exclamando, 'Corram, depressa, agarrem os corcéis de Drona!' Rapidamente abandonando Satyaki naquela batalha, ó monarca, todos aqueles poderosos guerreiros em carros se apressaram para o lugar onde Drona estava. Vendo aqueles guerreiros em carros fugirem atormentados pelas flechas de Satyaki, tuas tropas mais uma vez se dividiram e ficaram muito desanimadas. Enquanto isso, Drona, indo novamente para a entrada da ordem de batalha, tomou sua posição lá, levado para longe (da presença de Satyaki) por aqueles corcéis, rápidos como o vento, que tinham sido afligidos pelas flechas do herói Vrishni. O valente filho de Bharadwaja, vendo a formação de combate rompida (em sua ausência) pelos Pandavas e os Panchalas, não se esforçou para seguir o neto de Sini, mas se empenhou em proteger sua ordem de batalha (dividida). Reprimindo os Pandavas e os Panchalas então, o fogo Drona, brilhando em fúria ficou lá, consumindo tudo, como o sol que nasce no fim do Yuga.'"

117

"Sanjaya disse, 'Tendo derrotado Drona e outros guerreiros do teu exército, encabeçados pelo filho de Hridika, aquele principal dos homens, aquele touro entre os Sinis, ó principal dos Kurus, disse rindo para seu quadrigário, 'Nossos inimigos, ó Suta, já tinham sido destruídos por Kesava e Phalguna. Ao derrotá-los (novamente), nós somos somente os meios (aparentes). Já mortos por aquele touro entre homens, o filho do chefe celeste, nós temos somente matado os mortos.' Dizendo essas palavras para seu quadrigário, aquele touro entre os Sinis, aquele principal dos arqueiros, aquele matador de heróis hostis, aquele guerreiro poderoso, espalhando com grande força suas flechas por toda parte naquela batalha terrível, prosseguiu como um falcão à procura de presa. Os guerreiros Kuru, embora eles o atacassem de todos os lados, não conseguiam resistir àquele principal dos guerreiros em carros, parecendo o próprio sol de mil raios, aquele principal dos homens, que, tendo rompido as tropas Kaurava, estava procedendo, levado por aqueles excelentes corcéis dele que eram brancos como a lua ou uma concha. De fato, ó Bharata, ninguém entre aqueles que lutavam no teu lado podia resistir a Yuyudhana de destreza irresistível, de poder incapaz de (sofrer) diminuição de capacidade, de bravura igual àquela daquele de mil olhos, e parecendo com o sol outonal no firmamento. Então aquele principal dos reis, isto é, Sudarsana, conhecedor de todos os modos de guerra, vestido em cota de malha dourada, armado com arco e flechas e cheio de raiva, avançou contra Satyaki que avançava e se esforçou para impedir seu progresso. Então o combate que ocorreu entre eles foi violento ao extremo. E os teus guerreiros e os Somakas, ó rei, elogiaram muito o combate como (aquele) entre Vritra e Vasava. Sudarsana

se esforçou para perfurar aquele principal dos Satwatas naquela batalha com centenas de flechas afiadas (que eram cortadas) antes que elas pudessem alcançá-lo. Similarmente, Sudarsana, posicionado sobre o principal dos seus carros, cortava, por meio de suas próprias flechas excelentes, em dois ou três fragmentos todas as flechas que Satyaki, parecendo o próprio Indra, disparava nele. Vendo suas flechas frustradas pela força das flechas de Satyaki, Sudarsana de energia ardente, como se para consumir (seu inimigo), colericamente disparou belas flechas aladas com ouro. E mais uma vez ele perfurou seu inimigo com três flechas belas parecendo o próprio fogo e equipadas com asas de ouro, disparadas da corda de seu arco esticada até o ouvido. Aquelas (flechas) atravessando a armadura de Satyaki, penetraram no corpo do último. Similarmente, aquele (príncipe, ou seja, Sudarsana), mirando quatro outras flechas brilhantes, atingiu com elas os quatro corcéis de Satyaki que eram brancos como prata em cor. Assim afligido por ele o neto de Sini, dotado de grande energia e possuidor de destreza igual àquela do próprio Indra matou rapidamente com suas flechas afiadas os corcéis de Sudarsana e proferiu um rugido alto. Então cortando com uma flecha de cabeça larga dotada da força do trovão de Sakra a cabeça do motorista de Sudarsana, o principal entre os Sinis, com uma flecha de face de navalha parecendo o fogo Yuga, cortou do tronco de Sudarsana sua cabeça enfeitada com brincos, parecendo a lua cheia, e ornada com uma face muito radiante, como o manejador do trovão, ó rei, nos tempos antigos, cortando com força a cabeça do poderoso Vala em batalha. Aquele touro de grande alma entre os Yadus então, dotado de grande força, matando dessa maneira aquele neto de um príncipe, ficou cheio de alegria e brilhou resplandecente, ó monarca, como o próprio chefe dos celestiais. Yuyudhana, então, aquele herói entre os homens, prosseguiu ao longo do caminho pelo qual Arjuna tinha passado antes dele, detendo (conforme ele prosseguia) por meio de nuvens de flechas, todas as tuas tropas, e naquele mesmo carro dele, ó rei, ao qual estavam unidos aqueles excelentes corcéis e enchendo todos de perplexidade. Todos os principais dos guerreiros lá, reunidos, elogiaram aquela mais notável das façanhas surpreendentes realizada por ele, pois ele destruiu todos os inimigos que entraram dentro do alcance de suas flechas, como um incêndio consumindo tudo em seu caminho.'"

118

"Sanjaya disse, 'Então aquele touro da raça Vrishni, Satyaki de grande alma e de grande inteligência, tendo matado Sudarsana, dirigiu-se novamente a seu motorista, dizendo, 'Tendo vadeado pelo quase não vadeável oceano da divisão de Drona, cheio de carros e cavalos e elefantes, cujas ondas são constituídas por flechas e dardos, peixes por espadas e cimitarras e jacarés por maças, o qual ruge com o zunido de flechas e com o som de choque de diversas armas, um oceano que é violento e destrutivo de vida, e que ressoa com o barulho de diversos instrumentos musicais, cujo toque é desagradável e insuportável para guerreiros de vitória, e cuja margem está infestada por canibais ferozes representados pela tropa de Jalasandha, eu acho que a parte da ordem de

baralha que resta pode ser vadeada facilmente como um rio mirrado de água rasa. Incite os corcéis, portanto, sem medo. Eu acho que eu estou muito perto de Savyasachin. Tendo subjugado em batalha o invencível Drona com seus seguidores, e aquele principal dos guerreiros, o filho de Hridika, eu penso que eu não posso estar distante de Dhananjaya. O temor nunca entra no meu coração mesmo que eu veja inúmeros inimigos diante de mim. Esses para mim são como uma pilha de palha e grama para um incêndio ardente nas florestas. Veja, o caminho pelo qual o ornado com diadema (Arjuna), aquele principal entre os Pandavas, seguiu, foi tornado irregular com grandes grupos de soldados de infantaria e corcéis e guerreiros em carros e elefantes jazendo mortos no chão. Veja, desbaratado por aquele guerreiro de grande alma, o exército Kaurava está fugindo. Veja, ó quadrigário, uma poeira marrom escura é erguida por aqueles carros e elefantes e corcéis em retirada. Eu penso que eu estou muito perto de Arjuna de corcéis brancos tendo Krishna como seu quadrigário. Ouça com muita atenção, o som bem conhecido do Gandiva de energia incomensurável está sendo ouvido. Pela qualidade dos presságios que aparecem à minha vista, eu estou certo de que Arjuna matará o soberano dos Sindhus antes do sol se por. Sem fazer sua força ser esgotada, incite os corcéis lentamente para onde aquelas tropas hostis estão, isto é, para onde aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, suas mãos envolvidas em proteções de couro, e aqueles Kamvojas de feitos violentos, vestidos em armaduras e difíceis de serem derrotados em batalha, e aqueles Yavanas armados com arco e flechas e hábeis em atacar, e Sakas e Daradas e Barbaras e Tamraliptakas inferiores, e outros Mlecchas incontáveis, armados com diversas armas, estão, para o local (eu repito) onde, de fato, aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, suas mãos envolvidas em proteções de couro, estão esperando com seus rostos virados em direção a mim e inspirados com a resolução de lutar comigo. Me considere como já tendo passado por essa fortaleza ameaçadora, ó Suta, tendo matado em batalha todos esses combatentes com carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria que estão entre eles.'"

"O quadrigário, assim endereçado, disse, 'Ó tu da linhagem de Vrishni, eu não tenho nenhum medo, ó tu de destreza que não pode ser frustrada! Se tu tivesses à frente o próprio filho de Jamadagni em fúria, ou Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, ou o próprio soberano dos Madras, mesmo então o temor não entraria no meu coração, ó tu de braços fortes, já que eu estou sob a sombra da tua proteção. Ó matador de inimigos, inúmeros Kamvojas, vestidos em armaduras, de atos violentos, e difíceis de serem derrotados em batalha, já foram subjugados por ti, como também muitos Yavanas armados com arco e flechas e hábeis em atacar, incluindo Sakas e Daradas e Tamraliptakas, e muitos outros Mlecchas armados com várias armas. Nunca antes eu senti medo em alguma batalha. Por que eu iria, portanto, ó tu de grande coragem, sentir qualquer medo nesse combate miserável? Ó tu que és abençoado com extensão de vitórias, por qual caminho eu te levarei para onde Dhananjaya está? Com quem tu estás enfurecido, ó tu da linhagem de Vrishni? Quem são aqueles que irão fugir da batalha, vendo-te dotado de tal destreza, parecendo o próprio Destruidor como ele aparece no fim do Yuga, e aplicando aquela tua destreza (contra teus inimigos)? Ó

tu de armas poderosas, quem são aqueles em quem o rei Vaivaswata está pensando hoje?'"

"Satyaki disse, 'Como Vasava destruindo os Danavas, eu matarei esses guerreiros de cabeças raspadas. Por matar esses Kamvojas eu cumprirei meu voto. Leve-me para lá. Causando uma grande carnificina entre eles, eu irei hoje me dirigir até o filho querido de Pandu. Os Kauravas, com Suyodhana em sua chefia, verão hoje minha bravura, quando essa divisão de Mlecchas, de cabeças raspadas, tiver sido exterminada e o exército Kaurava inteiro posto no maior perigo. Ouvindo os lamentos altos da hoste Kaurava, hoje, mutilada e dividida por mim em batalha Suyodhana será inspirado com aflição. Hoje, eu mostrarei para meu preceptor, o Pandava de grande alma, de corcéis brancos, a habilidade em armas adquirida por mim dele. Contemplando hoje milhares de guerreiros principais mortos por minhas flechas, o rei Duryodhana estará mergulhado em grande angústia. Os Kauravas hoje contemplarão o arco em minhas mãos parecer com um círculo de fogo quando, de mãos ágeis, eu esticar a corda do arco para disparar minha hoste de flechas. Vendo o massacre incessante hoje de suas tropas, seus corpos cobertos com sangue e perfurados por todos os lados com minhas flechas, Suyodhana ficará cheio de angústia. Enquanto eu matar em fúria os principais dos guerreiros Kuru, Suyodhana irá hoje ver para contar dois Arjunas. Contemplando milhares de reis mortos por mim em batalha, o rei Duryodhana ficará cheio de tristeza na grande batalha de hoje. Matando milhares de reis eu mostrarei meu amor e devoção por aqueles de grande alma, os nobres filhos de Pandu. Os Kauravas conhecerão hoje a medida de meu poder e energia, e minha gratidão (pelos Pandavas).'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, o quadrigário estimulou até sua máxima velocidade aqueles cavalos bem treinados de passo encantador e da cor da lua. Aqueles animais excelentes, dotados da velocidade do vento ou do pensamento, procederam, devorando os próprios céus, e levaram Yuyudhana para o local onde aqueles Yavanas estavam. Nisso, os Yavanas, muitos em número e dotados de agilidade de mãos, aproximando-se de Satyaki que não recuava, o cobriram com chuvas de flechas. Satyaki que avançava, no entanto, ó rei, cortou por meio de suas próprias flechas retas todas aquelas flechas e armas dos Yavanas. Inflamado com fúria, Yuyudhana então, com suas flechas retas muito afiadas, aladas com ouro e penas de urubu, cortou as cabeças e braços daqueles Yavanas. Muitas daquelas flechas, além disso, atravessando suas cotas de malha, feitas de ferro e latão, entraram na terra. Atingidos pelo bravo Satyaki naquela batalha, os Mlecchas começaram a cair às centenas, privados de vida. Com suas flechas disparadas em linhas contínuas de seu arco estirado à sua total extensão, aquele herói começou a matar cinco, seis, sete, ou oito Yavanas de uma vez. Milhares de Kamvojas, e Sakas, e Barbaras, foram mortos da mesma maneira por Satyaki. De fato, o neto de Sini, causando uma grande carnificina entre tuas tropas, tornou a terra intransitável e lodosa com carne e sangue. O campo de batalha estava coberto com as proteções para a cabeça daqueles ladrões e suas cabeças raspadas também que pareciam, por causa de suas barbas compridas, como aves sem penas. De fato, o campo de batalha coberto

com troncos sem cabeça tingido por todos os lados com sangue, parecia belo como o céu coberto com nuvens cor de cobre. Mortos por Satwata por meio de suas flechas retas cujo toque parecia aquele do trovão de Indra, os Yavanas cobriram a superfície da terra. O pequeno resto daquelas tropas vestidas em armadura subjugadas em batalha, ó rei, por Satwata, ficando desanimado, suas vidas a ponto de serem tiradas, se dividiram e incitando seus cavalos de batalha com esporas e chicotes até sua máxima velocidade, fugiram por medo em todas as direções. Derrotando a invencível hoste Kamvoja em batalha, ó Bharata, como também aquela hoste dos Yavanas e aquela grande tropa dos Sakas, aquele tigre entre homens que tinha penetrado no teu exército, Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, coroado com vitória, instigou seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga!' Contemplando aquele feito dele em batalha, nunca antes realizado por alguém mais, os Charanas e os Gandharvas o aplaudiram muito. De fato, ó rei, os Charanas, como também teus guerreiros, vendo Yuyudhana prosseguir dessa maneira para ajudar Arjuna, ficaram cheios de alegria (por seu heroísmo).'"

119

"Sanjaya disse, 'Tendo vencido os Yavanas e os Kamvojas aquele principal dos guerreiros em carros, Yuyudhana, procedeu em direção a Arjuna, reto pelo meio de tuas tropas. Como um caçador matando veados, aquele tigre entre homens, (Satyaki), dotado de belos dentes, vestido em armadura excelente, e possuindo um belo estandarte, matava as tropas Kaurava e as inspirava com temor. Prosseguindo em seu carro, ele vibrava seu arco com grande força, aquele arco, o dorso de cuja vara era ornado com ouro, cuja resistência era excelente, e que estava adornado com muitas luas douradas. Seus braços enfeitados com Angadas dourados, sua proteção para a cabeça adornada com ouro; seu corpo vestido em armadura dourada, seu estandarte e arco também estavam tão embelezados com ouro que ele brilhava como o topo de Meru. Ele mesmo derramando tal refulgência, e portando aquele arco circular em sua mão, ele parecia com um segundo sol no outono. Aquele touro entre homens, possuindo os ombros e o andar e olhos de um touro, parecia no meio de tuas tropas com um touro em um curral. Teus guerreiros se aproximaram dele pelo desejo de matar como tigres se aproximando do líder, com têmporas fendidas, de uma manada de elefantes, permanecendo orgulhosamente no meio de sua manada, parecendo como ele parecia e possuidor como ele era do modo de andar de um elefante enfurecido. De fato, depois que ele tinha passado pela divisão de Drona, e pela não vadeável divisão dos Bhojas, depois que ele tinha vadeado pelo mar das tropas de Jalasandha como também a hoste dos Kamvojas, depois que ele tinha escapado do jacaré constituído pelo filho de Hridika, depois que ele tinha atravessado aquela hoste semelhante ao oceano, muitos guerreiros em carros do teu exército, excitados com cólera, cercaram Satyaki. E Duryodhana e Chitrasena e Duhsasana e Vivinsati, e Sakuni e Duhsaha, e o jovem Durdharshana, e Kratha, e muitos outros bravos guerreiros bem familiarizados com armas e difíceis de serem derrotados, colericamente seguiram atrás de Satyaki quando ele prosseguiu

adiante. Então, ó majestade, alto foi o tumulto que ergueu-se entre tuas tropas, parecendo aquele do próprio oceano na maré cheia quando açoitado à fúria pela tempestade. Vendo todos aqueles guerreiros avançando nele, aquele touro entre os Sinis sorridente dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga lentamente, a tropa Dhartarashtra, cheia (de raiva e orgulho), e abundando com elefantes e corcéis e carros e soldados de infantaria, que está avançando com velocidade em direção a mim, enchendo os dez pontos do horizonte com ribombo profundo de seus carros, ó quadrigário, e fazendo a terra, o firmamento, e os próprios mares, tremerem com isso, a esse mar de tropas, ó motorista, eu resistirei em grande batalha, como o continente resistindo ao oceano cheio até sua maior altura na lua cheia. Observe, ó quadrigário, minha destreza que é igual àquela do próprio Indra em grande batalha. Eu consumirei essa tropa hostil por meio de minhas flechas afiadas. Veja esses soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros, e elefantes mortos por mim aos milhares, seus corpos perfurados por minhas flechas ardentes.' Enquanto ele dizia essas palavras (para seu quadrigário), aqueles combatentes, pelo desejo de batalha, chegaram depressa diante de Satyaki de coragem incomensurável. Eles fizeram um barulho alto, dizendo enquanto eles chegavam, 'Matem!, Avancem!, Esperem!, Vejam!, Vejam!' Daqueles bravos guerreiros que disseram estas palavras, Satyaki, por meio de suas flechas afiadas, matou trezentos cavaleiros e quatrocentos elefantes. O duelo entre aqueles arqueiros unidos (em um lado) e Satyaki (no outro) foi extremamente violento, parecendo aquele entre os deuses e os Asuras (nos tempos antigos). Uma carnificina horrível começou. O neto de Sini recebeu com suas flechas parecendo cobras de veneno virulento aquela tropa, ó majestade, do teu filho que parecia com uma massa de nuvens. Cobrindo todos os lados, naquela batalha, com suas torrentes de flechas, aquele herói valente, ó monarca, matou destemidamente um grande número de tuas tropas. Muito extraordinária, ó rei, foi a visão que eu testemunhei lá, isto é, que nem mesmo uma flecha, ó senhor, de Satyaki falhou realmente. Aquele mar de tropas, cheio de carros e elefantes e corcéis, e cheio de ondas constituídas por soldados de infantaria, ficou imóvel logo que ele entrou em contato com o continente Satyaki. Aquela hoste consistindo em combatentes em pânico e elefantes e corcéis, massacrada por todos os lados por Satyaki com suas flechas, girava repetidamente, e vagava para lá e para cá como se afligida pelas rajadas de ventos gélidos do inverno. Nós não vimos soldados a pé ou guerreiros em carros ou elefantes ou cavaleiros ou corcéis que não tivessem sido atingidos pelas flechas de Yuyudhana. Nem mesmo Phalguna, ó rei, tinha causado tal carnificina lá como Satyaki, ó monarca, então causou entre aquelas tropas. Aquele touro entre homens, o neto intrépido de Sini, dotado de grande agilidade de mão e mostrando a maior habilidade, lutou, superando o próprio Arjuna. Então o rei Duryodhana perfurou o quadrigário de Satwata com três flechas afiadas e seus quatro corcéis com quatro flechas. E ele perfurou o próprio Satyaki com três flechas e novamente com oito. E Duhsasana perfurou aquele touro entre os Sinis com dezesseis setas. E Sakuni perfurou-o com vinte e cinco setas e Chitrasena com cinco. E Duhsasana perfurou Satyaki no peito com quinze setas. Aquele tigre entre os Vrishnis, assim atingido pelas flechas deles, orgulhosamente perfurou cada um deles, ó monarca, com três flechas. Perfurando profundamente todos os seus inimigos com flechas dotadas

de grande energia, o neto de Sini, possuidor da maior vivacidade e destreza correu a toda velocidade no campo com a celeridade de um falcão. Cortando o arco do filho de Suvala e a proteção de couro que envolvia sua mão, Yuyudhana perfurou Duryodhana no centro do peito com três flechas. E ele perfurou Chitrasena com cem flechas, e Duhsaha com dez. E aquele touro da raça Sini então perfurou Duhsasana com vinte setas. Teu cunhado (Sakuni) então, ó rei, pegando outro arco, perfurou Satyaki com oito setas e mais uma vez com cinco. E Duhsasana perfurou-o com três. E Durmukha, ó rei, perfurou Satyaki com uma dúzia de flechas. E Duryodhana, tendo perfurado Madhava com setenta e três flechas, então perfurou seu quadrigário com três flechas afiadas. Então Satyaki perfurou cada um daqueles bravos e poderosos guerreiros em carros lutando juntos vigorosamente em batalha com cinco flechas em retorno. Então o principal dos guerreiros em carros, (Yuyudhana) atingiu rapidamente o quadrigário do teu filho com uma flecha de cabeça larga; depois do que, o último privado de vida caiu no chão. Após a queda do quadrigário, ó senhor, o carro do teu filho foi levado para longe da batalha pelos corcéis unidos a ele, com a velocidade do vento. Então teus filhos, ó rei, e os outros guerreiros, ó monarca, pondo seus olhos no carro do rei fugiram às centenas. Vendo aquela hoste fugir, ó Bharata, Satyaki cobriu-a com chuvas de flechas penetrantes afiadas em pedra e equipadas com asas de ouro. Desbaratando todos os teus combatentes contados aos milhares, Satyaki, ó rei, prosseguiu em direção ao carro de Arjuna. De fato, tuas tropas veneraram Yuyudhana, vendo ele disparando flechas e protegendo seu quadrigário e a si mesmo enquanto ele lutava em batalha.'"

120

"Dhritarashtra disse, 'Vendo o neto de Sini procedendo em direção a Arjuna, oprimindo enquanto ele prosseguia aquela grande tropa, o que, de fato, ó Sanjaya, fizeram aqueles meus filhos desavergonhados? Quando Yuyudhana que é igual ao próprio Savyasachin estava diante deles, como, de fato, puderam aqueles patifes, que estavam às portas da morte, colocar seus corações na batalha? O que também todos aqueles Kshatriyas, derrotados em batalha, então, fizeram? Como, de fato, Satyaki de renome mundial pode passar por eles em batalha? Como também, ó Sanjaya, quando meus filhos estavam vivos, o neto de Sini pode ir para a batalha? Diga-me tudo isso. É muito admirável, ó senhor, isso que eu tenho ouvido de ti, ou seja, este combate entre um e muitos, os últimos, além disso, sendo todos poderosos guerreiros em carros. Ó Suta, eu acho que o Destino é agora inauspicioso para meus filhos, já que tantos poderosos guerreiros em carros tem sido mortos por aquele único guerreiro da tribo Satwata. Ai, ó Sanjaya, meu exército não é páreo nem para um guerreiro, Yuyudhana excitado com fúria. Que todos os Pandavas pendurem suas armas. Derrotando em batalha o próprio Drona que hábil em armas e conhecedor de todos os modos de guerra, Satyaki matará meus filhos, como um leão matando animais menores. Numerosos heróis, de quem Kritavarman é o primeiro, lutando vigorosamente em batalha, não puderam matar Yuyudhana. O último, sem dúvida, matará meus filhos. O próprio Phalguna não lutou da maneira na qual o neto renomado de Sini tem lutado.'"

"Sanjaya disse, 'Tudo isso, ó rei, foi ocasionado por teus maus conselhos e pelos atos de Duryodhana. Escute atentamente o que, ó Bharata, eu te digo. Por ordem de teu filho, os Samsaptakas, se reagrupando, todos resolveram lutar ferozmente. Três mil arqueiros encabeçados por Duryodhana, com vários Sakas e Kamvojas e Valhikas e Yavanas e Paradas, e Kalingas e Tanganas e Amvashtas e Pisachas e Barbaras e montanheses, ó monarca, cheios de fúria e armados com pedras, todos avançaram contra o neto de Sini como insetos contra um fogo ardente. Quinhentos outros guerreiros, ó rei, similarmente avançaram contra Satyaki. E outro grupo imenso consistindo em mil carros, cem grandes guerreiros em carros, mil elefantes, dois mil heróis, e inúmeros soldados de infantaria, também avançaram contra o neto de Sini. Duhsasana, ó Bharata, incitando todos aqueles guerreiros, dizendo, 'Matem ele!', cercou Satyaki naquele momento. Formidável e esplêndida foi a conduta que nós então vimos do neto de Sini, visto que sozinho ele lutou destemidamente com aqueles inimigos incontáveis. E ele matou aquele grupo inteiro de guerreiros em carros e aquela tropa de elefantes, e todos aqueles cavaleiros e aquele grupo inteiro de ladrões. Como o firmamento outonal coberto com estrelas, o campo de batalha lá ficou coberto com rodas de carro quebradas e esmagadas por meio de suas armas poderosas, com inúmeros Akshas e belos varais de carros reduzidos a fragmentos, com elefantes subjugados e estandartes caídos, com cotas de malha e escudos espalhados por toda parte, com guirlandas e ornamentos e mantos e Anuskarshas, ó majestade! Muitos principais dos elefantes, enormes como colinas, e nascidos da raça de Anjana ou Vamana, ó Bharata, ou de outras raças, muitos mais notáveis dos elefantes, ó rei, jazem lá no chão, privados de vida. E Satyaki matou, ó monarca, muitos principais dos corcéis das raças Vanayu, da montanha, Kamvoja e Valhika. E o neto de Sini também matou soldados de infantaria lá, às centenas e milhares, nascidos em vários reinos e pertencentes a várias nações. Enquanto aqueles soldados estavam sendo assim massacrados, Duhsasana, dirigindo-se aos ladrões disse, 'Ó guerreiros não familiarizados com moralidade, lutem! Por que vocês recuam?' Vendo eles fugirem sem prestarem qualquer atenção às suas palavras, teu filho Duhsasana incitou adiante os bravos montanheses, hábeis em lutar com pedras, dizendo, 'Vocês são hábeis em lutar com pedras. Satyaki é ignorante desse modo de guerra. Resistam, portanto, àquele guerreiro que, embora desejoso de lutar, é ignorante do seu modo de luta. Os Kauravas também são todos não familiarizados com esse modo de batalha. Avancem em Satyaki. Não temam. Satyaki não será capaz de se aproximar de vocês.' Assim estimulados, aqueles Kshatriyas que moravam nas montanhas, todos conhecedores do método de combater com pedras, avançaram em direção ao neto de Sini como ministros em direção a um rei. Aqueles habitantes das montanhas então, com pedras enormes como cabeças de elefantes erguidas em suas mãos, ficaram na frente de Yuyudhana naquela batalha. Outros, incitados por teu filho, e desejosos de matar Satwata, cercaram o último por todos os lados, armados com projéteis. Então, Satyaki, mirando naqueles guerreiros avançando nele pelo desejo de lutar com pedras, disparou neles chuvas de flechas afiadas. Aquele touro entre os Sinis, com aquelas flechas parecendo com cobras, cortou em fragmentos aquela densa chuva de pedras jogada pelos montanheses. Os

fragmentos daquelas pedras, parecendo com um enxame de pirilampos brilhantes, mataram muitos combatentes lá, depois do que, ó majestade, gritos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se no campo. Então, além disso, quinhentos bravos guerreiros com pedras enormes erguidas em suas mãos, caíram, ó rei, no chão, seus braços cortados. E mais uma vez mil, e novamente cem mil, entre outros, caíram sem poderem se aproximar de Satyaki, seus braços com pedras ainda em punho cortados por ele. De fato, Satyaki matou muitos milhares daqueles guerreiros lutando com pedras. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então muitos deles, voltando para a luta, arremessaram em Satyaki chuvas de pedras. E armados com espadas e lanças muitos Daradas e Tanganas e Khasas e Lampakas e Pulindas, arremessaram suas armas nele. Satyaki no entanto, bem familiarizado com a aplicação de armas, cortava aquelas pedras e armas por meio de suas flechas. Aquelas pedras enquanto eram perfuradas, quebradas no céu pelas flechas afiadas de Satyaki, produziam um barulho aterrador, no qual muitos guerreiros em carros e corcéis e elefantes fugiram da batalha. E atingidos pelos fragmentos daquelas pedras, homens e elefantes e cavalos ficaram incapazes de permanecer em batalha, pois eles sentiram como se eles fossem picados por vespas. O pequeno resto dos elefantes (que tinham atacado Satyaki), cobertos com sangue, suas cabeças, e globos frontais partidos, então fugiram para longe do carro de Yuyudhana. Então lá ergueu-se entre tuas tropas, ó majestade, enquanto elas estavam sendo assim subjugadas por Madhava um barulho como aquele do oceano na maré cheia. Ouvindo aquele grande tumulto, Drona, dirigindo-se a seu quadrigário, disse, 'Ó Suta, aquele grande guerreiro em carro da raça Satwata, excitado com cólera, está dividindo nosso exército em diversos fragmentos, e se movendo rapidamente em batalha como o próprio Destruidor. Leve o carro para aquele local de onde este tumulto furioso está vindo. Sem dúvida, Yuyudhana está envolvido em combate com os montanheses que lutam com pedras. Nossos guerreiros em carros são vistos também serem levados para longe por seus corcéis correndo do modo selvagem. Muitos entre eles, sem armas e sem armaduras e feridos, estão caindo. Os quadrigários não podem controlar seus corcéis que estão avançando violentamente.' Ouvindo essas palavras do filho de Bharadwaja, o quadrigário disse para Drona, aquele principal dos manejadores de armas, 'Ó tu abençoado com extensão de vitórias, as tropas Kaurava estão fugindo. Veja, nossos guerreiros, desbaratados (pelo inimigo), estão fugindo em todas as direções. Lá, além disso, aqueles heróis, os Panchalas e os Pandavas, reunidos, estão avançando de todos os lados pelo desejo de te matar. Ó castigador de inimigos, determine qual dessas tarefas exige atenção primeiro. Nós devemos ficar aqui (para encontrar os Pandavas que estão avançando), ou nós devemos proceder (em direção a Satyaki)? Em relação a Satyaki, ele está agora longe à frente de nós.' Enquanto o quadrigário, ó majestade, estava falando assim para o filho de Bharadwaja, o neto de Sini de repente apareceu à vista, empenhado em massacrar um grande número de guerreiros em carros. Aquelas tuas tropas, enquanto eram assim massacradas por Yuyudhana, em batalha, fugiram do carro de Yuyudhana para onde a divisão de Drona estava. Aqueles (outros) guerreiros em carros também com quem Duhsasana tinha procedido, todos em pânico, da mesma maneira se apressaram para o local onde o carro de Drona era visto.'"

121

"Sanjaya disse, 'Vendo o carro de Duhsasana perto do seu, o filho de Bharadwaja, dirigindo-se a Duhsasana, disse essas palavras, 'Por que, ó Duhsasana, todos esses carros estão fugindo? O rei está bem? O soberano dos Sindhus ainda está vivo? Tu és um príncipe. Tu és um irmão do rei. Tu és um poderoso guerreiro em carro. Por que tu foges da batalha? (Protegendo o trono para teu irmão), torne-te o príncipe regente. Tu antigamente disseste para Draupadi, 'Tu és nossa escrava, tendo sido ganha por nós no jogo de dados. Sem estares limitada aos teus maridos, abandone tua castidade. Seja uma carregadora de mantos para o rei, meu irmão mais velho. Teus maridos estão todos mortos. Eles são tão sem valor quanto grãos de gergelim sem núcleo.' Tendo dito essas palavras então, por que, ó Duhsasana, tu foges da batalha agora? Tendo tu mesmo provocado tais hostilidades violentas com os Panchalas e os Pandavas, por que tu estás agora com medo em batalha na presença de Satyaki sozinho? Utilizando os dados na ocasião do jogo, tu não pudeste adivinhar que aqueles dados então manipulados por ti logo se transformariam em flechas ardentes parecendo cobras de veneno virulento? Foste tu que tinhas antigamente aplicado diversos epítetos ofensivos em direção aos Pandavas. As angústias de Draupadi tem tu como sua causa. Onde está agora aquele orgulho, aquela insolência, aquela tua jactância? Por que tu foges, tendo enfurecido os Pandavas, aquelas cobras terríveis de veneno virulento? Quando tu que és um bravo irmão de Suyodhana estás concentrado na fuga, sem dúvida, ó herói, tu deves hoje proteger, confiando na energia das tuas próprias armas, essa hoste Kaurava desbaratada e tomada pelo pânico. Sem fazer isso tu, no entanto, abandonas a batalha com medo e aumentas a alegria de teus inimigos. Ó matador de inimigos, quando tu que és o líder da tua hoste, foges dessa maneira, quem mais irá permanecer em batalha? Quando tu, sua proteção, estás assustado, quem é que não ficará assustado? Lutando com um único guerreiro da tribo Satwata, teu coração está inclinado para a fuga da batalha. O que, no entanto, ó Kaurava, tu farás quando tu vires o manejador do Gandiva em batalha, ou Bhimasena, ou os gêmeos (Nakula e Sahadeva)? As flechas de Satyaki, assustado pelas quais tu procuras segurança na fuga, mal são iguais àquelas de Phalguna em batalha que parece o sol ou fogo em esplendor. Se teu coração está firmemente inclinado à fuga, deixe que a soberania da terra então, após a conclusão da paz, seja dada para o rei Yudhishthira o justo. Antes que as flechas de Phalguna, parecendo cobras livres de suas peles, entrem no teu corpo, faça as pazes com os Pandavas. Antes que os Parthas de grande alma, matando teus cem irmãos em batalha, tirem a terra à força, faça as pazes com os Pandavas. Antes que o rei Yudhishthira fique enfurecido, e Krishna também, aquele encantador em batalha, faça as pazes com os Pandavas. Antes que Bhima de braços fortes, penetrando nessa hoste vasta, agarre os teus irmãos, faça as pazes com os Pandavas. Bhishma antigamente disse para teu irmão Suyodhana, 'Os Pandavas são inconquistáveis em batalha, ó amável, faça as pazes com eles.' Teu irmão perverso Suyodhana no entanto, não fez isso. Portanto, colocando teu coração firmemente na batalha, lute

vigorosamente com os Pandavas. Vá rapidamente em teu carro até o local onde Satyaki está. Sem ti, ó Bharata, essa hoste irá fugir. Por ti mesmo, lute em batalha com Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada.' Assim endereçado (por Drona), teu filho não disse uma palavra em resposta. Fingindo não ter ouvido as palavras (do filho de Bharadwaja), Duhsasana procedeu para o lugar onde Satyaki estava. Acompanhado por uma grande tropa de Mlecchas que não recuavam, e atacando Satyaki em batalha, Duhsasana lutou vigorosamente com aquele herói. Drona também, aquele principal dos guerreiros em carros, excitado com raiva, avançou contra os Panchalas e os Pandavas, com velocidade moderada. Penetrando no meio da hoste Pandava naquela batalha, Drona começou a subjugar seus guerreiros às centenas e milhares. E Drona, ó rei, proclamando seu nome naquela batalha, causou uma grande carnificina entre os Pandavas, os Panchalas, e os Matsyas. O ilustre Viraketu, o filho do soberano dos Panchalas, avançou contra o filho de Bharadwaja que assim se empenhava em subjugar as tropas Pandava. Perfurando Drona com cinco flechas retas, aquele príncipe então perfurou o estandarte de Drona com uma flecha, e então seu quadrigário com sete. A vista que eu então contemplei, ó monarca, naquela batalha, foi estupenda, visto que Drona, embora se esforçando vigorosamente não pode se aproximar do príncipe dos Panchalas. Então, ó majestade, os Panchalas, vendo Drona detido em batalha, cercaram o último por todos os lados, ó rei, desejando a vitória do rei Yudhishthira. E aqueles guerreiros juntos então cobriram Drona com chuvas de flechas ardentes e lanças fortes e vários outros tipos de armas, ó rei! Desviando então aquelas densas chuvas de armas por meio de suas próprias flechas numerosas como o vento expulsando do céu massas de nuvens, Drona parecia muito resplandecente. Então aquele matador de heróis hostis (o filho de Bharadwaja), mirou uma flecha ardente dotada da refulgência do sol ou do fogo, no carro de Viraketu. Aquela flecha, ó monarca, atravessando o príncipe de Panchala, rapidamente entrou na terra, banhada em sangue e brilhando como uma chama de fogo. Então o príncipe dos Panchalas caiu rapidamente de seu carro, como uma árvore Champaka arrancada pelo vento, caindo de um topo de montanha. Após a queda daquele arqueiro formidável, aquele príncipe dotado de grande poder, os Panchalas rapidamente cercaram Drona por todos os lados. Então Chitraketu, e Sudhanwan, e Chitravarman, ó Bharata, e Chitraratha também, todos afligidos com tristeza por conta de seu irmão (morto), avançaram juntos contra o filho de Bharadwaja, desejosos de lutar com ele, e disparando flechas (nele) como as nuvens (despejando chuva) no fim do verão. Atingido de todos os lados por aqueles poderosos guerreiros em carros de linhagem real, aquele touro entre os Brahmanas reuniu toda sua energia e ira para a destruição deles. Então Drona disparou chuvas de flechas neles. Atingidos por aquelas flechas de Drona disparadas de seu arco (esticado) até sua mais completa extensão aqueles príncipes, ó melhor dos monarcas, ficaram confusos e não sabiam o que fazer. O irado Drona, ó Bharata, vendo aqueles príncipes estupefatos, sorridente privou-os de seus corcéis e quadrigários e carros naquela batalha. Então o filho ilustre de Bharadwaja, por meio suas flechas afiadas e flechas de cabeça larga, cortou suas cabeças, como uma pessoa colhendo flores de uma árvore. Privados de vida, aqueles príncipes lá, ó rei, de grande esplendor, caíram de seus carros no chão, como Daityas e Danavas (mortos) na batalha

entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. Tendo matado eles em batalha, ó rei, o filho valente de Bharadwaja vibrou seu arco invencível, o dorso de cuja vara era ornado com ouro. Vendo aqueles poderosos guerreiros em carros, parecendo os próprios celestiais entre os Panchalas mortos, Dhrishtadyumna cheio de fúria derramou lágrimas naquela batalha. Estimulado pela ira, ele avançou, naquele combate, contra o carro de Drona. Então, ó rei, gritos de aflição ergueram-se de repente lá à visão de Drona coberto com flechas pelo príncipe de Panchala. Completamente encoberto pelo filho de grande alma de Prishata, Drona, no entanto, não sofreu dor. Por outro lado, ele continuou a lutar, sorridente. O príncipe dos Panchalas então, furioso, atingiu Drona no peito com muitas flechas retas. Profundamente perfurado por aquele poderoso guerreiro, o filho ilustre de Bharadwaja sentou-se no terraço de seu carro e caiu em um desmaio. Vendo ele naquela condição, Dhrishtadyumna dotado de grande bravura e energia pôs de lado seu arco e rapidamente pegou uma espada. Aquele poderoso guerreiro em carro então, saltando rapidamente de seu próprio carro, subiu naquele (do filho) de Bharadwaja, ó majestade, num piscar de olhos, seus olhos vermelhos de raiva e impelido pelo desejo de cortar a cabeça de Drona de seu tronco. Enquanto isso, o valente Drona, recuperando seus sentidos, pegou seu arco e vendo Dhrishtadyumna chegado tão perto dele pelo desejo de matar, começou a perfurar aquele poderoso guerreiro em carro com flechas que mediam somente um palmo de comprimento e portanto, boas para serem usadas em luta de perto. Aquelas flechas da medida de um palmo e próprias para serem usadas em luta de perto eram conhecidas por Drona, ó rei! E com elas ele conseguiu enfraquecer Dhrishtadyumna. O poderoso Dhrishtadyumna, atingido por um grande número daquelas flechas, pulou rapidamente do carro de Drona. Então, aquele herói de grande bravura, sua impetuosidade frustrada, subiu em seu próprio carro e mais uma vez pegou seu arco grande. E o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna começou novamente a perfurar Drona naquela batalha. E Drona também, ó monarca, começou a perfurar o filho de Prishata com suas flechas. Nisso, a batalha que ocorreu entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi admirável ao extremo, como aquela entre Indra e Prahlada, ambos desejosos da soberania dos três mundos. Ambos conhecedores dos modos de batalha, eles se moviam rapidamente sobre o campo, mostrando diversos movimentos de seus carros e mutilando um ao outro com suas flechas. E Drona e o filho de Prishata, deixando estupefata a mente dos guerreiros, dispararam chuvas de flechas como nuvens imensas (despejando torrentes de chuva) na estação chuvosa. E aqueles guerreiros ilustres cobriram com suas flechas o céu, os pontos do horizonte, e a terra. E todas as criaturas, isto é, os Kshatriyas, ó rei, e todos os outros combatentes lá, aplaudiram muito aquela batalha entre eles. E os Panchalas, ó rei, exclamaram ruidosamente, 'Sem dúvida, Drona, tendo enfrentado Dhrishtadyumna em batalha, sucumbirá a nós.' Então Drona, naquela batalha, cortou rapidamente a cabeça do quadrigário de Dhristadyumna como uma pessoa colhendo uma fruta madura de uma árvore. Então os corcéis, ó rei, de Dhrishtadyumna de grande alma fugiram, e depois que aqueles corcéis tinham levado Dhrishtadyumna para longe do campo, Drona, dotado de grande destreza, começou a derrotar os Panchalas e os Srinjayas naquela batalha. Tendo subjugado os Pandus e os Panchalas, o filho de Bharadwaja de grande coragem, aquele castigador de

inimigos, mais uma vez tomou sua posição no meio de sua própria formação de combate. E os Pandavas, ó senhor, não se arriscaram a reprimi-lo em batalha.'"

122

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso, ó rei, Duhsasana avançou contra o neto de Sini, espalhando milhares de flechas como uma nuvem imensa derramando torrentes de chuva. Tendo perfurado Satyaki com sessenta flechas e mais uma vez com dezesseis, ele fracassou em fazer aquele herói tremer, pois o último permaneceu em batalha imóvel como a montanha Mainaka. Acompanhado por uma grande multidão de carros vindos de diversos reinos, aquele principal da linhagem de Bharata disparou inúmeras flechas, e encheu todos os pontos do horizonte com rugidos profundos como aqueles das nuvens. Vendo o Kaurava vindo para a batalha, Satyaki de armas poderosas avançou em direção a ele e cobriu-o com suas flechas. Aqueles que estavam na dianteira de Duhsasana, assim cobertos com aquelas flechas, todos fugiram com medo, na própria vista do teu filho. Depois que eles tinham fugido, ó monarca, teu filho Duhsasana, ó rei, permaneceu destemidamente em batalha e começou a afligir Satyaki com flechas. E perfurando os quatro corcéis de Satyaki com quatro setas, seu quadrigário com três, e o próprio Satyaki com cem naquela batalha, Duhsasana proferiu um rugido alto. Então, ó monarca, Madhava, excitado com raiva, logo fez o carro de Duhsasana e motorista e estandarte e o próprio Duhsasana invisíveis por meio de suas flechas retas. De fato, Satyaki cobriu totalmente o bravo Duhsasana com flechas. Como uma aranha enredando um mosquito ao alcance por meio de seus fios, aquele vencedor de inimigos rapidamente cobriu Duhsasana com suas flechas. Então o rei Duryodhana, vendo Duhsasana assim coberto com setas, incitou um grupo de Trigartas em direção ao carro de Yuyudhana. Aqueles guerreiros em carros Trigarta, de atos violentos, hábeis em batalha, e numerando três mil, procederam em direção a Yuyudhana. Firmemente decididos a lutar e jurando não recuar, todos eles cercaram Yuyudhana com uma grande multidão de carros, Logo, no entanto, Yuyudhana abateu quinhentos de seus guerreiros principais posicionados na dianteira da tropa quando ela avançou em direção a ele em batalha, disparando chuvas de flechas nele. Mortos rapidamente por aquele principal entre os Sinis com suas flechas, eles caíram, como árvores altas de todos de montanha arrancadas por uma tempestade. E o campo de batalha, coberto com elefantes mutilados, ó monarca, e estandartes caídos, e grupos de cavalos de batalha enfeitados com arreios de ouro, e rasgados e lacerados pelas flechas do neto de Sini e ensopados em sangue, parecia belo, ó rei, como uma planície coberta com Kinsukas florescentes. Aqueles teus soldados, assim massacrados por Yuyudhana, fracassaram em encontrar um protetor como elefantes afundados em um pântano. Então todos eles foram para o local onde o carro de Drona estava, como cobras poderosas em direção a buracos por medo do príncipe das aves. Tendo matado aqueles quinhentos bravos guerreiros por meio de suas flechas, parecendo cobras de veneno virulento, aquele herói procedeu lentamente para o lugar onde Dhananjaya estava. E quando aquele principal dos homens estava

assim prosseguindo teu filho Duhsasana rapidamente perfurou-o com nove flechas retas. Aquele poderoso arqueiro então (Yuyudhana), perfurou Duhsasana, em retorno, com cinco flechas retas e afiadas equipadas com asas douradas e penas de urubu. Então Duhsasana, ó Bharata, sorrindo, perfurou Satyaki, ó monarca, com três flechas, e mais uma vez com cinco. O neto de Sini, então, atingindo teu filho com cinco flechas e cortando seu arco prosseguiu sorridente em direção a Arjuna. Então Duhsasana, inflamado com fúria e desejoso de matar o herói Vrishni, arremessou nele, enquanto ele prosseguia, um dardo feito totalmente de ferro. Satyaki, no entanto, ó rei, cortou com suas flechas, providas de penas Kanka, aquele dardo ameaçador do teu filho. Então, ó soberano de homens, nessas circunstâncias, teu filho, pegando outro arco, perfurou Satyaki com algumas setas e proferiu um rugido alto. Então Satyaki excitado com cólera, entorpecendo teu filho naquela batalha, atingiu-o no centro do peito com algumas flechas que pareciam chamas de fogo. E mais uma vez ele perfurou Duhsasana com oito flechas feitas totalmente de ferro e tendo pontas muito afiadas. Duhsasana, no entanto, perfurou Satyaki em retorno com vinte setas. Então, o muito abençoado Satyaki, ó monarca, perfurou Duhsasana no centro do peito com três setas retas. E o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, com algumas flechas retas matou os corcéis de Duhsasana; excitado com fúria ele matou, com algumas flechas retas, o quadrigário do último também. Com uma flecha de cabeça larga ele então cortou o arco do teu filho, e com cinco flechas ele cortou a proteção de couro que envolvia sua mão. Conhecedor como ele era das armas mais superiores, Satyaki, então, com um par de flechas de cabeça larga, cortou o estandarte de Duhsasana e os varais de madeira de seu carro. E então com várias flechas afiadas ele matou ambos os quadrigários Parshni do teu filho. O último, então, sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, foi recebido pelo líder dos guerreiros Trigarta em seu carro. O neto de Sini, então, ó Bharata, perseguindo-o um momento, se conteve e não o matou, pois o herói poderosamente armado se lembrou das palavras de Bhimasena. De fato, Bhimasena, ó Bharata, jurou no meio da assembléia a destruição de todos os teus filhos em batalha. Então, ó senhor, Satyaki, tendo assim derrotado Duhsasana, procedeu rapidamente, ó rei, pelo caminho pelo qual Dhananjaya tinha seguido antes dele.'"

123

"Dhritarashtra disse, 'Não havia, ó Sanjaya, poderosos guerreiros em carros naquele meu exército que pudessem matar ou resistir àquele Satyaki enquanto ele procedia (em direção a Arjuna)? De destreza incapaz de ser frustrada, e dotado de poder igual àquele do próprio Sakra, sozinho ele realizou feitos em batalha como o grande Indra entre os Danavas! Ou, talvez, o caminho pelo qual Satyaki procedeu estava vazio? Ai, possuidor de verdadeiro heroísmo, sozinho ele subjugou inúmeros guerreiros! Diga-me, ó Sanjaya, como o neto de Sini, sozinho como ele estava, passou por aquela vasta tropa lutando com ele em batalha?'

"Sanjaya disse, 'Ó rei, os esforços impetuosos e o tumulto feitos por tua hoste que abundava com carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, parecia com aquele que é visto no fim do yuga. Ó concessor de honras, quando tua hoste reunida era (diariamente) passada em revista, me parecia que outra reunião como aquela do teu exército nunca tinha existido sobre a terra. Os deuses e os Charanas que foram lá disseram, 'Esse ajuntamento de tropas será o último de seu tipo sobre a terra.' De fato, ó rei, nunca tal ordem de batalha tinha sido formada antes como aquela que foi formada por Drona no dia da morte de Jayadratha. O tumulto feito por aqueles vastos grupos de soldados avançando uns nos outros em batalha parecia aquele do próprio oceano incitado à fúria pela tempestade. Naquela tua hoste, como também naquela dos Pandavas, havia centenas e milhares de reis, ó melhor dos homens. O barulho feito por aqueles heróis enfurecidos de atos violentos enquanto envolvidos em combate era tremendo e de arrepiar os cabelos. Então Bhimasena e Dhrishtadyumna, ó majestade, e Nakula e Sahadeva e o rei Yudhishthira o justo gritaram ruidosamente, 'Venham, Ataquem, Avancem! Os bravos Madhava e Arjuna entraram no exército hostil! Façam rapidamente aquilo pelo qual eles possam ir facilmente para onde o carro de Jayadratha está!' Dizendo isso, eles estimularam seus soldados. E eles continuaram, 'Se Satyaki e Arjuna foram mortos, os Kurus terão alcançado seus objetivos, e nós seremos derrotados. Todos vocês, portanto, se reunindo, agitem rapidamente este exército semelhante ao oceano (do inimigo) como ventos impetuosos agitando o mar.' Os guerreiros, ó rei, assim instigados por Bhimasena e o príncipe dos Panchalas, reprimiram os Kauravas, ficando indiferentes às suas próprias vidas. Dotados de grande energia, todos eles, desejando morte em batalha na ponta ou no fio de armas na expectativa do céu, não mostraram a menor consideração por suas vidas ao lutarem por seus amigos. Da mesma maneira, teus guerreiros, ó rei, desejosos de grande renome, e nobremente resolvidos a respeito da batalha, permaneceram no campo, determinados a lutar. Naquela batalha violenta e terrível, Satyaki tendo vencido todos os combatentes procedeu em direção a Arjuna. Os raios do sol sendo refletidos das armaduras brilhantes dos guerreiros, os combatentes eram obrigados a tirar seus olhos delas. Duryodhana também, ó rei, penetrou na hoste imensa dos Pandavas de grande alma lutando vigorosamente em batalha. O combate que ocorreu entre ele de um lado e eles do outro foi muito violento, e grande foi a carnificina que ocorreu lá na ocasião.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando a hoste Pandava estava procedendo dessa maneira para a batalha, Duryodhana, ao entrar nela, deve ter sido colocado em grande perigo. Eu espero que ele não tenha virado suas costas no campo, ó Suta! Aquele combate entre um e muitos em batalha terrível, o um, além disso, sendo um rei, me parece que ter sido muito desproporcional. Além disso, Duryodhana foi criado em grande luxo, em riqueza e posses, ele é um rei de homens. Sozinho enfrentando muitos, eu espero que ele não tenha recuado da batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu descrevo, ó Bharata, aquela batalha extraordinária lutada por teu filho, aquele combate entre um e muitos. De fato, o exército Pandava foi agitado por Duryodhana naquela batalha, como um

grupo de caules de lotos em um lago por um elefante. Vendo então aquele exército assim atacado por teu filho, ó rei, os Panchalas encabeçados por Bhimasena avançaram nele. Então Duryodhana perfurou Bhimasena com dez flechas e cada um dos gêmeos com três e o rei Yudhishthira com sete. E ele perfurou Virata e Drupada com seis flechas, e Sikhandin com cem. E perfurando Dhrishtadyumna com vinte flechas, ele atingiu cada dos cinco filhos de Draupadi com três flechas. Com suas flechas ardentes ele matou centenas de outros combatentes naquela batalha, incluindo elefantes e guerreiros em carros, como o próprio Destruidor em fúria exterminando criaturas. Por sua habilidade desenvolvida pela prática e o poder de suas armas, ele parecia, quando ele estava empenhado em derrubar seus inimigos, curvar seu arco incessantemente a um círculo quando mirava ou disparava suas flechas. De fato, aquele arco formidável dele, o dorso de cuja vara era ornado com ouro, era visto pelas pessoas como estando estirado a um perpétuo círculo quando ele estava empenhado em matar seus inimigos. Então o rei Yudhishthira, com um par de flechas de cabeça larga, cortou o arco do teu filho, ó tu da linhagem de Kuru, enquanto o último lutava em combate. E Yudhishthira também o atingiu fortemente com dez excelentes e principais das flechas. Aquelas flechas, no entanto, tocando a armadura de Duryodhana, rapidamente se quebraram em pedaços. Então os Parthas, cheios de alegria cercaram Yudhishthira, como os celestiais e grandes Rishis nos tempos antigos cercando Sakra no ocasião da morte de Vritra. Teu valente filho então, pegando outro arco, dirigiu-se ao rei Yudhishthira, o filho de Pandu, dizendo, 'Espere, Espere,' e avançou contra ele. Vendo teu filho assim avançado em grande batalha, os Panchalas, alegremente e com esperanças de vitória, avançaram para recebê-lo. Então Drona, desejoso de resgatar o rei (Kuru), recebeu os Panchalas que avançavam, como uma montanha recebendo massas de nuvens carregadas de chuva impelidas pela tempestade. A batalha então, ó rei, que ocorreu lá foi muito violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Pandavas, ó tu de braços fortes, e teus guerreiros. Terrível foi a carnificina de todas as criaturas que então ocorreu, parecendo o divertimento do próprio Rudra (no fim do Yuga). Então ergueu-se um barulho alto no lugar onde Dhananjaya estava. E aquele tumulto, ó senhor, de arrepiar os cabelos, ergueu-se acima de todos os outros sons. Assim, ó de braços fortes, prosseguiu a luta entre Arjuna e teus arqueiros. Assim continuou a batalha entre Satyaki e teus homens no meio do teu exército. E assim continuou o combate entre Drona e seus inimigos na entrada da ordem de batalha. Assim, de fato, ó senhor da terra, continuou aquela carnificina na terra, quando Arjuna e Drona e o poderoso guerreiro em carro Satyaki estavam todos excitados com fúria.'"

124

"Sanjaya disse, 'Na tarde daquele dia, ó rei, uma batalha terrível, caracterizada por rugidos profundos como aqueles das nuvens, ocorreu novamente entre Drona e os Somakas. Aquele principal dos homens, Drona, sobre seu carro de corcéis vermelhos, e concentrado na batalha avançou contra os Pandavas, com velocidade moderada. O valente filho de Bharadwaja, aquele grande arqueiro

dotado de força imensa, aquele herói nascido em um pote excelente, dedicado a fazer o que é agradável para ti, ó rei, e derrubando, ó Bharata, muitos principais dos guerreiros com suas flechas afiadas, equipadas com belas asas, parecia se divertir naquela batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Kaikeyas, Vrihatkshatra, irresistível em batalha, e o mais velho de cinco irmãos, avançou contra ele. Disparando muitas flechas afiadas, ele afligiu muito o preceptor, como uma massa imensa de nuvens despejando torrentes de chuva na montanha de Gandhamadana. Então Drona, ó rei, excitado com cólera disparou nele quinze flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. O príncipe dos Kekayas, no entanto, cortou alegremente cada uma daquelas flechas disparadas por Drona, as quais pareciam cobras zangadas de veneno virulento, com cinco flechas suas. Vendo aquela agilidade de mão mostrada por ele aquele touro entre os Brahmanas, então, disparou oito flechas retas nele. Vendo aquelas flechas disparadas do arco de Drona correndo rapidamente em direção a ele, Vrihatkshatra naquela batalha resistiu a elas com o mesmo número de flechas afiadas suas. Vendo aquele feito extremamente difícil realizado por Vrihatkshatra, tuas tropas, ó rei, ficaram cheias de perplexidade. Então Drona, ó monarca, aplaudindo Vrihatkshatra, chamou à existência a arma celeste e irresistível chamada Brahma naquela batalha. O príncipe dos Kekayas, vendo ela disparada por Drona em batalha, frustrou aquela arma Brahma, ó monarca, por meio de uma arma Brahma dele. Depois que aquela arma tinha sido assim frustrada, Vrihatkshatra, ó Bharata, perfurou o Brahmana com sessenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. Então Drona, aquele mais notável dos homens, perfurou o príncipe dos Kekayas com uma flecha poderosa a qual, atravessando a armadura do último, (passou através de seu corpo e) entrou na terra. Como uma naja preta, ó melhor dos reis, atravessa um formigueiro, assim mesmo aquelas flechas entraram no solo, tendo atravessado o corpo do príncipe Kekaya naquela batalha. Profundamente perfurado, ó monarca, pelas flechas de Drona, o príncipe dos Kekayas, cheio de raiva, e rolando seus belos olhos, perfurou Drona com setenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. E com outra flecha ele afligiu muito o quadrigário de Drona nos seus próprios órgãos vitais. Perfurado por Vrihatkshatra, ó majestade, com flechas, Drona disparou chuvas de flechas afiadas no carro do príncipe dos Kekayas. Privando o poderoso guerreiro em carro, Vrihatkshatra, de sua frieza, Drona então, com quatro flechas aladas, matou os quatro corcéis do primeiro. Com outra flecha ele derrubou o quadrigário de Vrihatkshatra de seu nicho no carro. E lançando por terra, com duas outras flechas, o estandarte e guarda-sol de seu inimigo, aquele touro entre os Brahmanas, com uma terceira flecha bem disparada de seu arco, perfurou o próprio Vrihatkshatra no peito. Nisso o último, assim atingido no peito, caiu de seu carro.'"

"Após a morte, ó rei, de Vrihatkshatra, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Kaikeyas, o filho de Sisupala, cheio de raiva, dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Ó quadrigário, proceda para o local onde Drona está, vestido em armadura e empenhado em matar as hostes Kaikeya e Panchala.' Ouvindo essas palavras dele, o quadrigário logo levou aquele principal dos guerreiros em carros até Drona, por meio daqueles corcéis velozes da raça Kamvoja. Então

Dhrishtaketu, aquele touro entre os Chedis, cheio de força, avançou em direção a Drona para sua própria destruição como um inseto sobre um fogo ardente. Logo ele perfurou Drona e seus corcéis e carro e estandarte com sessenta flechas. E mais uma vez ele o atingiu com muitas outras flechas afiadas como um homem despertando um tigre adormecido. Então Drona, com uma flecha de face de navalha afiada alada com penas de urubu, cortou o meio do arco daquele guerreiro poderoso lutando em batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Sisupala, pegando outro arco, perfurou Drona com muitas flechas aladas com as penas de Kankas e pavões. Drona então, matando com quatro flechas os quatro corcéis de Dhrishtaketu, sorridente cortou a cabeça do quadrigário do último de seu tronco. E então ele perfurou o próprio Dhrishtaketu com vinte e cinco flechas. O príncipe dos Chedis então, pulando rapidamente de seu carro, pegou uma maça, e arremessou-a no filho de Bharadwaja como uma cobra enfurecida. Vendo aquela maça pesada, dotada da força do diamante e decorada com ouro, correndo em direção a ele como a Morte, o filho de Bharadwaja cortou-a com muitos milhares de flechas afiadas. Aquela maça, cortada pelo filho de Bharadwaja, ó majestade, com muitas flechas, caiu, ó Kaurava, fazendo a terra ecoar com seu barulho. Vendo sua maça frustrada, o colérico e bravo Dhrishtaketu arremessou uma lança e então um dardo enfeitado com ouro. Cortando aquela lança com cinco flechas, Drona cortou aquele dardo também com cinco flechas. Ambos aqueles projéteis, assim cortados, caíram no chão, como um par de cobras mutiladas e dilaceradas por Garuda. O filho valente de Bharadwaja então, naquela batalha, disparou para sua destruição uma flecha afiada em Dhrishtaketu que estava lutando para destruição do próprio (filho de) Bharadwaja. Aquela flecha, atravessando a armadura e o peito de Dhrishtaketu de energia incomensurável, entrou na terra, como um cisne mergulhando em um lago coberto com lotos. Como um galo faminto agarra e devora um inseto pequeno, assim mesmo o heróico Drona consumiu Dhrishtaketu naquela grande batalha. Após a morte do soberano dos Chedis, seu filho que estava familiarizado com as armas mais elevadas, cheio de raiva, procurou desempenhar a obrigação de seu pai. Ele também, Drona, sorrindo, despachou para a residência de Yama por meio de suas flechas, como um tigre enorme e poderoso nas florestas profundas matando um filhote de veado.'"

"Enquanto os Pandavas, ó Bharata, estavam sendo assim diminuídos, o heróico filho de Jarasandha avançou em direção a Drona. Como as nuvens cobrindo o sol, ele rapidamente fez o poderosamente armado Drona invisível naquela batalha por meio de suas chuvas de flechas. Vendo aquela agilidade de mão nele, Drona, aquele opressor de Kshatriyas, disparou rapidamente suas flechas às centenas e milhares. Cobrindo (com suas flechas) naquela batalha aquele principal dos guerreiros em carros posicionado em seu carro, Drona rapidamente matou o filho de Jarasandha na própria vista de todos os arqueiros. De fato, Drona, parecendo o próprio Destruidor, consumiu todos os que se aproximaram dele então, como o próprio Destruidor consumindo criaturas quando sua hora chega. Então Drona, ó monarca, proclamando seu nome naquela batalha, cobriu os Pandavas com muitos milhares de flechas. Aquelas flechas disparadas por Drona, afiadas em pedra e gravadas com seu nome, mataram naquela batalha homens e elefantes e

cavalos às centenas. Assim massacrados por Drona, como os Asuras por Sakra, os Panchalas começaram a tremer como um rebanho de vacas afligido pelo frio. De fato, ó touro da raça Bharata, quando o exército Pandava estava sendo massacrado dessa maneira por Drona, lá ergueu-se um lamento terrível de aflição dele. Chamuscados pelo sol e massacrados por meio daquelas flechas, os Panchalas então ficaram cheios de ansiedade. Entorpecidos pelo filho de Bharadwaja com suas chuvas de flechas naquela batalha os poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas se sentiram como as pessoas cujas coxas tivessem sido agarradas por jacarés. Então, ó rei, os Chedis, os Srinjayas, os Kasis, e os Kosalas avançaram alegremente contra o filho de Bharadwaja pelo desejo de lutar. E os Chedis, os Panchalas, e os Srinjayas dirigiram-se uns aos outros, dizendo, 'Drona está morto! Drona está morto!' Dizendo essas palavras, eles avançaram naquele herói. De fato, todos aqueles tigres entre homens se lançaram com seu maior poder sobre o ilustre Drona, desejosos de despachá-lo para a residência de Yama. Então o filho de Bharadwaja, por meio de suas flechas, despachou aqueles bravos guerreiros lutando vigorosamente em batalha, especialmente aqueles principais entre os Chedis, para presença do Rei dos mortos. Depois que aqueles principais entre os Chedis tinham sido exterminados, os Panchalas, afligidos pelas flechas de Drona, começaram a tremer. Vendo, ó majestade, aquelas façanhas de Drona, eles chamaram ruidosamente por Bhimasena e Dhrishtadyumna, ó Bharata, e disseram, 'Este Brahmana tem, sem dúvida, praticado as mais austeras das penitências e adquirido grande mérito ascético. Inflamado com raiva em batalha, ele consome os principais dos Kshatriyas. O dever de um Kshatriya é lutar; o de um Brahmana, o ascetismo mais elevado. Um Brahmana dotado de mérito ascético e erudição é capaz de queimar tudo por meio de seus olhares somente. Muitos principais dos Kshatriyas, tendo se aproximado do fogo ardente e intransponível das armas de Drona, ó Bharata, tem sido destruídos e devorados. O ilustre Drona, à medida de seu poder, coragem, e perseverança, pasma todas as criaturas e mata nossas tropas!' Ouvindo essas palavras deles, o poderoso Kshatradharman, corretamente observador dos deveres de um Kshatriya, cortou colericamente com uma flecha em forma de meia-lua o arco de Drona com flecha fixada nele. Então Drona, aquele subjugador de Kshatriyas, ficando mais zangado ainda, pegou outro arco brilhante, mais resistente do que o que ele tinha posto de lado. Fixando nele uma flecha afiada, destrutiva de tropas hostis, o preceptor, dotado de grande força, a disparou no príncipe, puxando a corda do arco até sua orelha. Aquela flecha, matando Kshatradharman, entrou na terra. Seu peito atravessado, ele caiu de seu veículo no chão. Após a morte do filho de Dhrishtadyumna, as tropas (Pandava) começaram a tremer. Então o poderoso Chekitana lançou-se sobre Drona. Perfurando Drona com dez flechas, ele mais uma vez o perfurou com uma flecha no centro de seu peito. E ele perfurou o quadrigário de Drona com quatro flechas e seus quatro corcéis também com quatro. O preceptor então perfurou o braço direito de Chekitana com dezesseis flechas, e seu estandarte com dezesseis, e seu quadrigário com sete. Após o quadrigário ter sido morto, os cavalos de Chekitana fugiram, arrastando o carro atrás eles. Vendo os corcéis de Chekitana perfurados pelas flechas do filho de Bharadwaja, e seu carro também privado de motorista, os Panchalas e os Pandavas ficaram cheios de grande temor. Drona

então, ó majestade, desbaratando em todos os lados os Panchalas e os Srinjayas reunidos em batalha, parecia muito resplandecente. O venerável Drona, de oitenta e cinco anos completos de idade, escuro em cor e com madeixas brancas descendo até suas orelhas, corria a toda velocidade em batalha como um jovem de dezesseis. De fato, ó rei, os inimigos consideraram o matador de inimigos Drona, quando ele se movia rapidamente em batalha, como sendo ninguém mais do que o próprio Indra armado com o trovão. Então, ó monarca, o poderosamente armado Drupada de grande inteligência disse, 'Este (Drona) está matando os Kshatriyas como um tigre faminto matando animais menores. O pecaminoso Duryodhana de alma perversa seguramente alcançará as regiões mais miseráveis (no mundo seguinte). É por causa de sua cobiça que muitos principais dos Kshatriyas, mortos em batalha, jazem prostrados no campo, como touros mutilados, ensopados em sangue e se tornando o alimento de cachorros e chacais.' Dizendo essas palavras, ó monarca, Drupada, aquele senhor de um Akshauhini de tropas, colocando os Parthas em sua dianteira, avançou com velocidade em direção a Drona.'"

125

"Sanjaya disse, 'Quando o exército dos Pandavas estava assim agitado por todos os lados, os Parthas e os Panchalas e os Somakas recuaram para uma grande distância. Durante a continuação daquela batalha violenta, de arrepiar os cabelos, e daquela carnificina geral como aquela que acontece, ó Bharata, no fim do Yuga, quando, de fato, Drona de destreza formidável estava repetidamente proferindo gritos leoninos, e quando os Panchalas estavam sendo enfraquecidos e os Pandavas massacrados, o rei Yudhishthira o justo, falhando naquela batalha em encontrar qualquer refúgio naquela situação difícil, começou, ó rei, a pensar em como a questão terminaria. Lançando seus olhos em volta na expectativa de ver Savyasachin, Yudhishthira, no entanto, não viu nem aquele filho de Pritha nem Madhava. Não vendo aquele tigre entre homens, isto é, Arjuna de estandarte de macaco, e não ouvindo também o som do Gandiva, o monarca ficou cheio de ansiedade, não vendo Satyaki também, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Vrishnis, o rei Yudhishthira o justo ficou igualmente ansioso. De fato, não vendo aqueles dois principais dos homens, Yudhishthira não conheceu paz. O rei de grande alma Yudhishthira o justo, de armas poderosas, temendo a má opinião do mundo, começou a pensar no carro de Satyaki. 'O neto de Sini Satyaki, de destreza verdadeira, aquele dissipador dos medos de amigos, foi enviado por mim no rastro de Phalguna. Eu tinha somente uma fonte de ansiedade antes, mas agora eu tenho duas. Eu devo ter notícias de ambos, Satyaki e Dhananjaya, o filho de Pandu. Tendo despachado Satyaki para seguir no rastro de Arjuna, quem eu mandarei agora no rastro de Satyaki? Se por todos meios eu me esforçar para obter informações de meu irmão somente, sem perguntar por Yuyudhana, o mundo me repreenderá. Eles dirão que: 'Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo perguntado por seu irmão, deixa Satyaki da linhagem de Vrishni, aquele herói de destreza infalível, à sua sorte!' Temendo, como eu temo, a repreensão do mundo, eu devo portanto, enviar Vrikodara, o filho de Pritha, no rastro do Madhava de

grande alma. O amor que eu tenho pelo herói Vrishni, por aquele guerreiro invencível da tribo Satwata, (Satyaki), não é menor do que o amor que eu tenho por Arjuna, aquele matador de inimigos. O alegrador dos Sinis além disso, foi colocado por mim para uma tarefa muito pesada. Aquele guerreiro poderoso, no entanto, ou por causa do pedido de um amigo ou por aquele de honra, entrou dentro do exército Bharata como um Makara no oceano. Alto é o barulho que eu ouço de heróis que não recuam, lutando juntos contra aquele herói Vrishni de grande inteligência. Sem dúvida, eles são muitos para ele. Chegou a hora, portanto, quando eu devo pensar em seu resgate. Parece-me que armado com o arco, Bhimasena, o filho de Pandu, deve ir lá onde aqueles dois poderosos guerreiros em carros estão. Não há nada sobre a terra que Bhima não possa aguentar. Se ele lutar com determinação, ele é um páreo em batalha para todos os arqueiros no mundo. Dependendo da força de seus próprios braços, ele pode oferecer resistência a todos os inimigos. Confiando na força de braços daquele guerreiro de grande alma, nós pudemos voltar de nosso exílio nas florestas e nós nunca fomos derrotados em batalha. Se Bhimasena, o filho de Pandu, proceder daqui até Satyaki, ambos Satyaki e Phalguna derivarão verdadeiro auxílio. Sem dúvida, eu não devo sentir qualquer ansiedade por Satyaki e Phalguna. Os dois são talentosos com armas, e o próprio Vasudeva está protegendo eles. (Apesar de tudo isso, eu me sinto ansioso por conta deles), eu devo sem dúvida procurar remover minha ansiedade. Eu irei, portanto, designar Bhima para seguir na esteira de Satyaki. Tendo feito isso, eu devo considerar meus planos completos para o resgate de Satyaki.' Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo decidido isso em sua mente, dirigiu-se a seu quadrigário e disse, 'Leve-me até Bhima.' Ouvindo a ordem do rei Yudhishthira o justo, o quadrigário que era versado em conhecimento sobre cavalos, levou aquele carro ornado com ouro para onde Bhima estava. Chegando à presença de Bhima, o rei, se lembrando da ocasião, ficou emasculado pela dor, e pressionou Bhima com diversos apelos. De fato, dominado pela aflição, o monarca se dirigiu a Bhima. E essas foram as palavras, ó rei, que Yudhishthira o filho de Kunti então disse para ele, 'Ó Bhima, eu não vejo o estandarte daquele Arjuna, que em um único carro subjugou todos os deuses, os Gandharvas e Asuras!' Então Bhimasena, dirigindo-se ao rei Yudhishthira o justo que estava naquela situação, disse, 'Nunca antes eu vi, ou ouvi tuas palavras afligidas com semelhante desânimo. De fato, antigamente, quando nós estávamos tomados pela angústia, tu eras nosso confortador. Anime-te, anime-te, ó rei de reis, diga o que eu devo fazer por ti. Ó concessor de honras, não há nada que eu não possa fazer. Diga-me quais são tuas ordens, ó principal da linhagem de Kuru! Não coloque teu coração na aflição.' Para Bhimasena então, o rei com o rosto triste e com olhos banhados em lágrimas disse, suspirando como uma naja preta, 'Os sons da concha Panchajanya, colericamente soprada por Vasudeva de renome mundial, está sendo ouvido. Parece, a julgar por isto, que teu irmão Dhananjaya jaz hoje sobre o campo, privado de vida. Sem dúvida, Arjuna tendo sido morto, Janardana está lutando. Aquele herói de grande poder, confiando em cuja bravura os Pandavas estão vivos, ele para quem nós sempre nos dirigimos em tempos de medo como os celestiais em direção a seu chefe de mil olhos, aquele herói, à procura do soberano dos Sindhus, penetrou na hoste Bharata. Eu sei disso, ó Bhima, ou seja, que ele foi, mas ele ainda não voltou. Escuro em cor, jovem, de

cabelos encaracolados, muito bonito, poderoso guerreiro em carro, de peito largo e braços longos, possuidor do andar de um elefante enfurecido, de olhos da cor de cobre polido e como aqueles (de) um chakra, aquele teu irmão aumenta os temores de inimigos. Abençoado sejas tu, essa é a causa da minha aflição, ó castigador de inimigos! Por causa de Arjuna, ó tu de braços fortes, como também por causa de Satwata, minha angústia aumenta como um fogo ardente alimentado com libações de manteiga clarificada. Eu não vejo seu estandarte. Por isso eu estou entorpecido pela tristeza. Sem dúvida, ele foi morto, e Krishna, hábil em batalha, está lutando. Saiba também que o tigre entre homens, aquele poderoso guerreiro em carro Satwata, está morto. Ai! Satyaki seguiu na esteira daquele outro poderoso guerreiro em carro, com teu irmão. Sem ver Satyaki também, eu estou entorpecido pela angústia. Portanto, ó filho de Kunti, vá para lá, onde Dhananjaya está e Satyaki também de energia poderosa, se, é claro, tu pensas que é teu dever obedecer minhas ordens, ó tu que és conhecedor do dever, lembre que eu sou teu irmão mais velho. Tu deves pensar que Satyaki é mais caro para ti do que o próprio Arjuna. Ó filho de Pritha, Satyaki partiu, pelo desejo de fazer bem a mim, no rastro de Arjuna, um rastro que não pode ser trilhado por pessoas de almas vis. Vendo os dois Krishnas e Satyaki também da linhagem Satwata sãos e inteiros, me envie uma mensagem, ó filho de Pandu, por proferir um rugido leonino.'"

126

"Bhima disse, 'Aquele carro o qual antigamente levou Brahma e Isana e Indra e Varuna (para a batalha), sobre aquele carro, os dois Krishnas partiram. Eles não podem ter medo do perigo. Colocando, no entanto, tua ordem sobre minha cabeça, veja, eu estou indo. Não te aflija. Encontrando com aqueles tigres entre homens, eu te mandarei notícias.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras, o poderoso Bhima começou a se preparar para partir, reiteradamente transferindo Yudhishthira para Dhrishtadyumna e para os outros amigos (da causa Pandava). De fato, Bhimasena de força imensa se dirigindo a Dhrishtadyumna, disse, 'É sabido por ti, ó tu de armas poderosas, como o poderoso guerreiro em carro Drona está sempre de prontidão para capturar o rei Yudhishthira o justo por todos os meios em seu poder. De fato, ó filho de Prishata, eu nunca deveria colocar minha ida (até Arjuna e Satyaki) acima do meu dever de proteger o rei. O rei Yudhishthira, no entanto, me mandou ir, eu não me atrevo a contradizê-lo. Eu irei para lá onde o soberano dos Sindhus está, às portas da morte. Eu devo, com total exatidão, agir segundo as palavras de meu irmão (Arjuna) e de Satyaki dotado de grande inteligência. Tu deves, portanto, vigorosamente determinado em batalha, proteger Yudhishthira o filho de Pritha hoje. De todas as tarefas, esse é teu maior dever em batalha.' Assim endereçado por Vrikodara, ó monarca, Dhrishtadyumna respondeu, 'Eu farei o que tu desejas. Vá, ó filho de Pritha, sem qualquer ansiedade do tipo. Sem matar Dhrishtadyumna em batalha, Drona nunca será capaz de humilhar o rei Yudhishthira no combate.' Transferindo dessa maneira o filho real de Pandu para

Dhrishtadyumna, e saudando seu irmão mais velho, Bhimasena procedeu em direção ao local onde Phalguna estava. Antes de dispensá-lo, no entanto, o rei Yudhishthira o Justo, ó Bharata, abraçou Bhimasena e cheirou sua cabeça e proferiu bênçãos auspiciosas sobre ele. Depois de circungirar diversos Brahmanas, gratificados com culto e presentes, e tocando os oito tipos de artigos auspiciosos, e bebendo mel Kairataka, aquele herói, os cantos de cujos olhos tinham se tornados vermelhos em excitação, sentiu sua força ser dobrada. Os Brahmanas realizaram cerimônias propiciatórias para ele. Vários presságios, indicativos de sucesso, o saudaram. Contemplando-os, ele sentiu o prazer da vitória antecipada. Ventos favoráveis começaram a soprar e indicar seu sucesso. Então o poderosamente armado Bhimasena, o mais notável dos guerreiros em carros, vestido em armadura, enfeitado com brincos e Angadas, e suas mãos envolvidas em proteções de couro, subiu em seu próprio carro excelente. Sua cota de malha cara, feita de aço preto e ornada com ouro, parecia com uma nuvem carregada com relâmpago. Seu corpo estava belamente coberto com mantos amarelos e vermelhos e pretos e brancos. Usando uma couraça colorida que protegia também seu pescoço, Bhimasena parecia resplandecente como uma nuvem enfeitada com um arco-íris.'"

"Quando Bhimasena estava prestes a partir contra tuas tropas pelo desejo de lutar, os sons violentos de Panchajanya foram ouvidos mais uma vez. Ouvindo aqueles sons altos e terríveis, capazes de encher os três mundos de temor, o filho de Dharma dirigiu-se novamente a Bhimasena, dizendo, 'Lá, o herói Vrishni está soprando sua concha violentamente. De fato, aquele príncipe das conchas está enchendo a terra e o céu com seu som. Sem dúvida, Savyasachin tendo caído em grande perigo, o portador do disco e da maça está lutando com todos os Kurus. Sem dúvida, a venerável Kunti, e Draupadi, e Subhadra, estão todas, com seus parentes e amigos, vendo hoje presságios muito inauspiciosos. Portanto, ó Bhima, vá rapidamente para lá onde Dhananjaya está. Todos os pontos do horizonte, ó Partha, parecem vazios para os meus olhos por causa do meu desejo (insatisfeito) de ver Dhananjaya e devido também a Satwata.' Repetidamente incitado por seu superior para ir, o filho valente de Pandu, Bhimasena, ó rei, envolvendo suas mãos em proteções de couro, pegou seu arco. Incitado por seu irmão mais velho, aquele irmão, Bhimasena, que era dedicado ao bem de seu irmão, fez baterias serem batidas. E Bhima soprou sua concha com força também e proferindo rugidos leoninos, começou a vibrar seu arco. Desanimando os corações de heróis hostis por meio aqueles rugidos leoninos, e assumindo uma forma terrível, ele avançou contra seus inimigos. Corcéis velozes e bem domados da raça principal relinchando furiosamente, o levaram. Dotados da velocidade do vento ou do pensamento, suas rédeas eram seguradas por Visoka. Então o filho de Pritha, puxando a corda do arco com grande força, começou a oprimir a dianteira da ordem de batalha hostil, mutilando e perfurando os combatentes lá. E quando aquele herói de braços fortes prosseguiu, os bravos Panchalas e os Somakas seguiram atrás dele, como os celestiais seguindo Maghavat. Então os irmãos Duhsasana e Chitrasena, e Kundabhedin e Vivinsati, e Durmukha e Duhsaha e Sala, e Vinda e Anuvinda e Sumukha e Dirghavahu e Sudarsana, e Suhasta e Sushena, e Dirghalochana, e Abhaya e Raudrakarman e Suvarman e

Durvimochana, se aproximando, cercaram Bhimasena. Esses principais dos guerreiros em carros, esses heróis, todo parecendo resplandecentes, com suas tropas e seguidores, firmemente determinados a lutar, avançaram contra Bhimasena. Aquele heróico e poderoso guerreiro em carro, o filho de Kunti Bhimasena de grande coragem, cercado dessa maneira, lançou seus olhos neles, e avançou contra eles com a impetuosidade de um leão contra animais menores. Aqueles heróis, mostrando armas celestes e poderosas, cobriram Bhima com flechas, como nuvens cobrindo o sol nascente. Ultrapassando todos aqueles guerreiros com impetuosidade, Bhimasena avançou contra a divisão de Drona, e cobriu a tropa de elefantes à frente dele com chuvas de flechas. O filho do deus do vento, mutilando com suas flechas quase num abrir e fechar de olhos aquela divisão de elefantes, dispersou-a em todas as direções. De fato, como animais apavorados na floresta pelo rugido de um Sarabha, aqueles elefantes fugiram todos, proferindo gritos terríveis. Passando por aquela área com velocidade, ele então se aproximou da divisão de Drona. Então o preceptor deteve seu progresso, como o continente resistindo às ondas do mar. Sorridente ele atingiu o filho de Pandu em sua testa com uma flecha. Nisso, o filho de Pandu parecia resplandecente como o sol com raios ascendentes. O preceptor pensou que Bhima iria mostrar respeito por ele como Phalguna tinha feito antes. Dirigindo-se a Vrikodara, portanto, ele disse, 'Ó Bhimasena, está além do teu poder entrar na hoste hostil, sem derrotar a mim, teu inimigo, em batalha, ó tu de força imensa! Embora Krishna com teu irmão mais novo tenham entrado nessa hoste com minha permissão, tu mesmo, no entanto, nunca conseguirás fazer isso.' Ouvindo essas palavras do preceptor, o intrépido Bhima, cheio de raiva, e seus olhos vermelhos como sangue ou cobre polido, respondeu rápido para Drona, dizendo, 'Ó patife de um Brahmana, não pode ser que Arjuna tenha entrado nessa hoste com tua permissão. Ele é invencível. Ele penetraria na hoste comandada pelo próprio Sakra. Se ele te ofereceu culto reverente, foi somente para te honrar. Mas saiba, ó Drona, que eu não sou compassivo como Arjuna. Por outro lado, eu sou Bhimasena, teu inimigo. Nós te consideramos como nosso pai, preceptor, e amigo. Nós nos consideramos como teus filhos. Pensando dessa maneira nós sempre nos humilhamos em direção a ti. Quando, no entanto, tu usas tais palavras conosco hoje, parece que tudo aquilo está alterado. Se tu te consideras como nosso inimigo, que seja como tu pensas. Sendo ninguém mais do que Bhima, eu logo agirei em direção a ti como eu devo em direção a um inimigo.' Dizendo isso, Bhima girando uma maça, como o próprio Destruidor girando sua maça fatal, arremessou-a, ó rei, em Drona. Drona, no entanto, tinha rapidamente pulado de seu carro, (e garantido sua segurança), pois aquela maça prensou no solo o carro de Drona, com seus corcéis, motorista, e estandarte. Então Bhima subjugou guerreiros numerosos como a tempestade despedaçando árvores com sua força. Então aqueles teus filhos mais uma vez cercaram aquele principal dos guerreiros em carros. Enquanto isso, Drona, aquele principal dos batedores subindo em outra carruagem, procedeu para a entrada da ordem de batalha e ficou lá para o combate. Então, ó rei, o furioso Bhima de grande destreza cobriu a divisão de carro em sua frente com chuvas de flechas. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos, assim atacados em batalha, dotados como eles eram de grande força lutaram com Bhima pelo desejo de vitória. Então Duhsasana,

excitado com cólera, arremessou em Bhimasena um dardo afiado feito totalmente de ferro, desejando matar o filho de Pandu. Bhima no entanto, cortou em dois aquele dardo ameaçador arremessado por teu filho, quando ele corria em direção a ele. Essa façanha pareceu muito admirável. O poderoso filho de Pandu, então, com três outras flechas afiadas, matou os três irmãos Kundabhedin e Sushena e Dirghanetra. E, novamente, entre aqueles teus filhos heróicos lutando com ele, Bhima matou o heróico Vrindaraka, aquele aumentador da fama dos Kurus. E outra vez, com três outras flechas, Bhima matou três outros filhos teus, isto é, Abhaya e Raudrakarman e Durvimochana. Assim massacrados, ó rei, por aquele guerreiro poderoso, teus filhos cercaram Bhima, aquele principal dos batedores, por todos os lados. Eles então despejaram suas flechas sobre aquele filho de Pandu, de atos terríveis, como as nuvens no fim do verão despejando torrentes de chuva no leito da montanha. Aquele matador de hostes, o herdeiro de Pandu, recebeu aquela chuva de flechas como uma montanha recebendo uma chuva de pedras. De fato, o heróico Bhima não sentiu dor. Então o filho de Kunti, sorrindo, despachou por meio de suas flechas teus filhos Vinda e Anuvinda e Suvarman para a residência de Yama. Então o filho de Pandu, ó touro da raça Bharata, rapidamente perfurou naquela batalha teu filho heróico Sudarsan. O último, nisso, caiu e expirou. Dentro de um tempo muito curto, o filho de Pandu, lançando seus olhares naquela tropa de carros a fez por meio de suas flechas fugir em todas as direções. Então como um bando de veados assustado pelo estrépito de rodas de carro, ou um grito alto, teus filhos, naquela batalha, ó rei, afligidos com medo de Bhimasena, se dividiram e fugiram de repente. O filho de Kunti, no entanto, perseguiu aquela grande tropa de teus filhos, e começou, ó rei, a perfurar os Kauravas de todos os lados. Teus soldados, ó monarca, assim massacrados por Bhimasena, fugiram da batalha, evitando o filho de Pandu e incitando seus próprios corcéis excelentes à sua maior velocidade. O poderoso Bhimasena então, tendo derrotado eles em batalha, proferiu rugidos leoninos e fez um grande barulho por bater em seu peito. E o poderoso Bhima, tendo feito também um barulho violento com suas palmas, e assim assustado aquela tropa de carros e os principais dos guerreiros que estavam nela, foi em direção à divisão de Drona, ultrapassando aquela tropa de carros (a qual ele tinha derrotado).'"

127

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de Pandu tinha atravessado aquela tropa de carros, o preceptor Drona, sorrindo, cobriu-o com chuvas de setas, desejoso de impedir seu progresso. Frustrando tua tropa então com seus poderes de ilusão, e bebendo, por assim dizer, aquelas flechas disparadas do arco de Drona, Bhimasena avançou contra aqueles irmãos (teus filhos). Então muitos reis, que eram todos grandes arqueiros, instigados por teus filhos, avançando impetuosamente, começaram a circundá-lo. Cercado por eles, ó Bharata, Bhima rindo naquele momento e proferindo um rugido leonino, pegou e arremessou neles com grande força uma maça ardente destrutiva de tropas hostis. Aquela maça de força adamantina, arremessada como o trovão de Indra pelo próprio Indra,

esmagou, ó rei, teus soldados em batalha. E ela pareceu encher, ó rei, a terra inteira com barulho alto. E brilhando em esplendor, aquela maça ardente inspirou teus filhos com medo. Vendo aquela maça de rumo impetuoso e dotada de lampejos de relâmpago, correndo em direção a eles, teus guerreiros fugiram, proferindo gritos terríveis. E por causa do som insuportável, ó majestade, daquela maça ameaçadora, muitos homens caíram onde eles estavam, e muitos guerreiros em carros também caíram de seus carros. Massacrados por Bhimasena armado com a maça, teus guerreiros fugiram apavorados da batalha, como veados atacados por um tigre. O filho de Kunti, desbaratando em batalha aqueles valorosos inimigos dele, impetuosamente cruzou aquela tropa como Garuda de belas penas.'"

"Enquanto Bhimasena, aquele líder de líderes de divisões de carros, estava empenhado em tal carnificina, o filho de Bharadwaja, ó rei, avançou nele. E Drona, reprimindo Bhima por meio de suas chuvas de flechas, proferiu de repente um rugido leonino que inspirou os Pandavas com medo. A batalha que teve lugar entre Drona e Bhima de grande alma foi, ó rei, furiosa e terrível e parecia o combate entre os deuses e os Asuras de antigamente. Heróicos guerreiros às centenas e milhares naquela batalha foram mortos pelas flechas afiadas disparadas do arco de Drona. O filho de Pandu então, pulando de seu carro fechou seus olhos, ó rei, e avançou a pé com grande velocidade em direção ao carro de Drona. De fato, como um touro aguenta facilmente uma chuva pesada, assim mesmo aquele tigre entre homens, Bhima, aguentou aquela torrente de flechas do arco de Drona. Atacado naquela batalha, ó majestade, por Drona, o poderoso Bhima, agarrando o carro de Drona pelo varal, jogou-o no chão com grande força. Assim derrubado em batalha, ó rei, Drona, no entanto, subindo rapidamente em outro carro, foi para a entrada da formação de combate, seu motorista incitando seus cavalos naquele momento com grande velocidade. Aquela façanha, ó tu da família de Kuru, realizada por Bhimasena, pareceu muito extraordinária. O poderoso Bhima, então, subindo em seu próprio carro, avançou impetuosamente em direção ao exército do teu filho. E ele oprimiu os Kshatriyas em batalha, como uma tempestade despedaçando fileiras de árvores. De fato, Bhima prosseguiu, resistindo aos guerreiros hostis como a montanha resistindo às ondas do mar. Atacando então as tropas Bhoja que eram protegidas pelo filho de Hridika, Bhimasena, ó rei, a oprimiu muito, e passou através dela. Assustando os soldados hostis com o som de suas palmas, ó majestade, Bhima subjugou eles todos como um tigre subjugando um rebanho de touros. Atravessando a divisão Bhoja e aquela dos Kamvojas também, e incontáveis tribos de Mlecchas também, que eram todos hábeis em combate, e vendo aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, empenhado na batalha, Bhimasena, o filho de Kunti, ó monarca prosseguiu resolutamente e com grande velocidade, desejoso de ter uma visão de Dhananjaya. Ultrapassando todos os teus guerreiros naquela batalha, o filho de Pandu então avistou o poderoso guerreiro em carro Arjuna engajado no combate. O valente Bhima, aquele tigre entre homens, vendo Arjuna aplicando sua bravura para a morte do soberano dos Sindhus, proferiu um grito alto, como, ó monarca, as nuvens ribombando na estação das chuvas. Aqueles gritos terríveis de Bhimasena que rugia, ó tu da linhagem de Kuru, foram ouvidos por Arjuna e

Vasudeva no meio da batalha. Ambos aqueles heróis, ouvindo simultaneamente aqueles gritos do poderoso Bhima, gritaram repetidamente pelo desejo de ver Vrikodara. Então Arjuna proferindo um rugido alto, e Madhava também fazendo o mesmo, se movimentaram rapidamente em batalha como um par de touros rugindo. Ouvindo então aquele rugido de Bhimasena, como também aquele de Phalguna armado com o arco, Yudhishthira, o filho de Dharma, ó rei, ficou muito satisfeito. E o rei Yudhishthira, ouvindo aqueles sons de Bhima e Arjuna, teve sua ansiedade dissipada. E o senhor Yudhishthira repetidamente desejou sucesso para Dhananjaya em batalha.'"

"Enquanto o feroz Bhima estava rugindo dessa maneira, o poderosamente armado Yudhishthira, o filho de Dharma, aquele mais notável dos homens virtuosos, sorridente refletiu um momento e assim pôs em palavras os pensamentos que inspiravam seu coração, 'Ó Bhima, tu realmente me enviaste a mensagem. Tu realmente obedeceste às ordens de teu superior. Ó filho de Pandu, nunca podem ter vitória aqueles que tem a ti como seu inimigo. Por boa sorte é que Dhananjaya, capaz de disparar o arco (até) com sua mão esquerda, vive ainda. Por boa sorte, o heróico Satyaki também, de destreza incapaz de ser frustrada, está são e salvo. Por boa sorte, é que eu ouço ambos Vasudeva e Dhananjaya proferindo esses rugidos. Ele que tendo derrotado o próprio Sakra em batalha, satisfez o transportador de libações sacrificais, aquele matador de inimigos, Phalguna, por boa sorte, ainda está vivo nessa batalha. Ele, confiando no poder de cujas armas todos nós estamos vivos, aquele matador de exércitos hostis, Phalguna, por boa sorte, ainda vive. Ele por quem com a ajuda de um único arco os Nivatakavachas foram subjugados, aqueles Danavas, isto é, que não podiam ser derrotados pelos próprios deuses, ele, Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que derrotou na cidade de Matsya todos os Kauravas reunidos juntos para capturar o gado de Virata, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que, pelo poder de suas armas, matou catorze mil dos Kalakeyas, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que, por causa de Duryodhana, tinha vencido, pela energia de suas armas, o rei poderoso dos Gandharvas, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Enfeitado com diadema e guirlandas (de ouro), dotado de grande força, tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro) e o próprio Krishna como seu quadrigário, aquele Phalguna, sempre querido para mim, por boa sorte, ainda vive. Queimando com aflição por conta da morte de seu filho, se esforçando para realizar um feito muito difícil, e até agora procurando (matar Jayadratha), ai, ele que fez aquele voto, Dhananjaya, ele conseguirá matar o soberano dos Sindhus em batalha? Depois que ele, protegido por Vasudeva, tiver cumprido aquela promessa dele, eu verei novamente aquele Arjuna, antes do sol se por? O soberano dos Sindhus, que é dedicado ao bem-estar de Duryodhana, morto por Phalguna, irá alegrar seus inimigos? O rei Duryodhana, vendo o soberano dos Sindhus morto em batalha, fará as pazes conosco? Vendo seu irmão morto em batalha por Bhimasena o perverso Duryodhana fará as pazes conosco? Contemplando outros grandes guerreiros jazendo prostrados sobre a superfície da terra, o pecaminoso Duryodhana cederá ao remorso? Nossas hostilidades não cessarão com o sacrifício único de Bhishma? Aquele Suyodhana fará as pazes conosco para salvar o resto (do que ainda resta para ele e nós)?' Diversas

reflexões desse tipo passaram pela mente do rei Yudhishthira que estava dominado pela compaixão. Enquanto isso, a batalha (entre os Pandavas e os Kauravas) continuava furiosamente.'"

128

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o poderoso Bhimasena estava proferindo aqueles gritos altos profundos como o rugido das nuvens ou ribombos de trovão, quais heróis (do nosso lado) o cercaram? Eu não vejo aquele guerreiro, ó Sanjaya, nos três mundos, que seja capaz de ficar diante do enfurecido Bhimasena em batalha. Eu, ó filho, não vejo aquele que possa permanecer no campo de batalha na frente de Bhimasena armado com maça e parecendo a própria Morte. Quem resistirá diante daquele Bhima, não excetuando o próprio Sakra, que destrói um carro com um carro e um elefante com um elefante? (Isto é, usando carros e elefantes como armas para destruir carros e elefantes). Quem, entre aqueles dedicados ao bem-estar de Duryodhana ficaram em batalha diante de Bhimasena excitado com raiva e empenhado em massacrar meus filhos? Quem foram aqueles homens que se colocaram em batalha na frente Bhimasena, empenhado em consumir meus filhos como um incêndio florestal consumindo folhas e palha secas? Quem foram eles que cercaram Bhima em batalha, vendo meus filhos mortos por ele um após outro como a própria Morte liquidando todas as criaturas? Eu não temo tanto Arjuna, ou Krishna, ou Satyaki, ou ele que nasceu do fogo sacrifical (Dhrishtadyumna), tanto quanto eu temo Bhima. Diga-me, ó Sanjaya, quem foram aqueles heróis que avançaram contra aquele fogo ardente, representado por Bhima, o qual consumia meus filhos dessa maneira?'"

"Sanjaya disse, 'Enquanto o poderoso guerreiro em carro Bhimasena estava proferindo aqueles fugidos, o poderoso Karna, incapaz de tolerá-los, avançou nele com um grito alto, esticando seu arco com grande força. De fato, o poderoso Karna, desejoso de lutar, mostrou sua força e impediu o progresso de Bhima como uma árvore alta resistindo à tempestade. O heróico Bhima também, vendo o filho de Vikartana diante dele, subitamente se inflamou com fúria e disparou nele com grande força muitas flechas afiadas em pedra. Karna recebeu todas aquelas flechas e disparou muitas em retorno. Naquele combate entre Bhima e Karna, ouvindo os sons de suas palmas, os membros de todos os combatentes, guerreiros em carros, e cavaleiros que lutavam, começaram a tremer. De fato, ouvindo os rugidos terríveis de Bhimasena no campo de batalha, mesmo todos os principais dos Kshatriyas consideraram a terra inteira e o céu como estando cheios com aquele barulho. E pelos estrépitos violentos emitidos pelo filho de grande alma de Pandu, os arcos de todos os guerreiros naquela batalha caíram no chão. E corcéis e elefantes, ó rei, descoroçoados, expeliram urina e fezes. Vários presságios terríveis de mal então fizeram seu aparecimento. O céu estava coberto com bandos de urubus e Kankas durante aquele combate terrificante entre Bhima e Karna. Então Karna atingiu Bhima com vinte flechas, e rapidamente perfurou o quadrigário do último também com cinco. Sorrindo, o poderoso e ativo Bhima então, naquela batalha, disparou em Karna sessenta e quatro flechas. Então

Karna, ó rei, disparou quatro flechas nele. Bhima, por meio de suas flechas retas, cortou-as em muitos fragmentos, ó rei, mostrando sua agilidade de mão. Então Karna o cobriu com chuvas densas de setas. Assim coberto por Karna, o poderoso filho de Pandu, no entanto, cortou o arco de Karna no cabo e então perfurou Karna com dez setas retas. O filho de Suta então, aquele poderoso guerreiro em carro de feitos terríveis, pegando outro arco e encordoando-o rapidamente, perfurou Bhima naquela batalha (com muitas flechas). Então Bhima, excitado com raiva, atingiu o filho de Suta com grande força no peito com três flechas retas. Com aquelas flechas fincadas em seu peito, Karna parecia belo, ó touro da raça Bharata, como uma montanha com três topos altos. Assim perfurado por flechas poderosas, sangue começou a fluir de seus ferimentos, como torrentes de greda vermelha líquida descendo pelo leito de uma montanha. Atormentado por aquelas flechas disparadas com grande força, Karna ficou um pouco agitado. Fixando uma flecha então em seu arco, ele perfurou Bhima novamente, ó majestade! E mais uma vez ele começou disparar flechas às centenas e milhares. Coberto de repente com flechas por aquele arqueiro firme, ou seja, Karna, o filho de Pandu, rindo, cortou a corda do arco de Karna. E então com uma flecha de cabeça larga ele despachou o quadrigário de Karna para a residência de Yama. E aquele poderoso guerreiro em carro, Bhima, privou os quatro corcéis também de Karna de suas vidas. O poderoso guerreiro em carro Karna então pulando rapidamente, ó rei, de seu carro sem cavalos, subiu no carro de Vrishasena. O valente Bhimasena então, tendo vencido Karna em batalha, proferiu um grito alto profundo como o rugido das nuvens. Ouvindo aquele rugido, ó Bharata, Yudhishthira ficou muito satisfeito, sabendo que Karna tinha sido vencido por Bhimasena. E os combatentes do exército Pandava sopraram suas conchas de todos os lados. Seus inimigos, teus guerreiros, ouvindo aquele barulho, rugiram ruidosamente. Arjuna esticou Gandiva, e Krishna soprou Panchajanya. Abafando, no entanto, todos aqueles sons, o barulho feito por Bhima rugindo, foi, ó rei, ouvido por todos os combatentes, ó majestade! Então aqueles dois guerreiros, Karna, e Bhima, cada um atingiu o outro com flechas retas. O filho de Radha, no entanto, disparava flechas brandamente, mas o filho de Pandu disparava as suas com grande força.'"

129

"Sanjaya disse, 'Depois que aquele exército tinha sido derrotado (dessa maneira), e Arjuna e Bhimasena tinham ido atrás do soberano dos Sindhus, teu filho (Duryodhana) procedeu em direção a Drona. E Duryodhana foi até o preceptor, em seu único carro, pensando, a caminho, em diversos deveres. Aquele carro do teu filho, dotado da velocidade do vento ou do pensamento, procedeu com grande celeridade em direção a Drona. Com olhos vermelhos de raiva, teu filho se dirigiu ao preceptor e disse, 'Ó opressor de inimigos, Arjuna e Bhimasena, e o invicto Satyaki, e muitos poderosos guerreiros em carros, derrotando todas as nossas tropas, conseguiram se aproximar do soberano dos Sindhus. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros, que subjugaram todas as tropas, eles mesmos invictos, estão lutando lá mesmo. Ó concessor de honras,

como tu foste ultrapassado por ambos Satyaki e Bhima? Ó principal dos Brahmanas, essa tua derrota nas mãos de Satwata, de Arjuna, e de Bhimasena, é como a secagem do oceano, muito surpreendente neste mundo. As pessoas estão perguntando ruidosamente, 'Como, de fato, pode Drona, aquele mestre da ciência de armas, ser derrotado?' Assim mesmo todos os guerreiros estão falando em depreciação de ti. A destruição é indubitável para minha pessoa sem sorte em batalha, quando três guerreiros em carros, ó tigre entre homens, te ultrapassaram em sucessão. Quando, no entanto, tudo isso aconteceu, nos diga o que tu tens a dizer sobre o assunto que nos espera. O que aconteceu, é passado. Ó concessor de honras, pense agora no que resta. Diga rapidamente o que deve ser feito em seguida pelo soberano dos Sindhus na presente ocasião, e que o que tu digas seja rapidamente e devidamente executado.'"

"Drona disse, 'Escute, ó grande rei, o que eu, tendo refletido muito, te digo sobre o que deve ser feito agora. Até agora somente três grandes guerreiros em carros entre os Pandavas nos ultrapassaram. Nós temos tanto a temer atrás daqueles três como nós temos a temer à frente deles. (O temor atrás deles era do exército Pandava. O temor à frente deles era dos guerreiros em carros que tinham conseguido entrar na hoste Kuru.) Lá, no entanto, onde Krishna e Dhananjaya estão, nosso receio deve ser maior. O exército Bharata tem sido atacado de frente e de trás. Nessa situação, eu penso, a proteção do soberano dos Sindhus é nosso primeiro dever. Jayadratha, com medo de Dhananjaya, merece (antes) de tudo mais ser protegido por nós. Os heróicos Yuyudhana e Vrikodara ambos partiram contra o soberano dos Sindhus. Tudo isso que tem acontecido é o resultado daquela partida de dados concebida pelo intelecto de Sakuni. Nem vitória nem derrota ocorreu na assembléia (de jogo). Agora que nós estamos engajados neste esporte, haverá vitória ou derrota. Aquelas coisas inocentes com as quais Sakuni antigamente jogou na assembléia Kuru e as quais ele considerava como dados, eram, na verdade, flechas invencíveis. Realmente, lá onde, ó majestade, os Kauravas estavam congregados, eles não eram dados mas flechas terríveis capazes de mutilar seus corpos. No momento, no entanto, ó rei, conheça os combatentes como jogadores, essas flechas como dados, e o soberano dos Sindhus, sem dúvida, ó monarca, como a aposta, nesse jogo de batalha. De fato, Jayadratha é a grande aposta interessados na qual nós estamos jogando hoje com o inimigo. Sob as circunstâncias, portanto, ó monarca, todos nós nos tornando indiferentes às nossas próprias vidas, devemos fazer os devidos arranjos para proteção do soberano dos Sindhus em batalha. Envolvidos como nós estamos no nosso atual esporte, é aqui que nós teremos vitória ou derrota, aqui, onde aqueles grandes arqueiros estão protegendo o soberano dos Sindhus. Vá para lá, portanto, com velocidade, e proteja aqueles protetores (de Jayadratha). Quanto a mim mesmo, eu ficarei aqui, para despachar outros (para a presença de Jayadratha) e deter os Panchalas, os Pandus e os Srinjayas reunidos.' Assim mandado pelo preceptor, Duryodhana foi rapidamente (para o local indicado) com seus seguidores, resolutamente se dirigindo para (o cumprimento de) uma tarefa difícil. Os dois protetores das rodas do carro de Arjuna, isto é, os príncipes Panchala, Yudhamanyu e Uttamaujas, estavam naquele momento procedendo em direção a Savyasachin pelas margens da formação de combate Kuru. Tu podes te

lembrar, ó rei, que antes quando Arjuna entrou na tua hoste pelo desejo de lutar, aqueles dois príncipes, ó monarca, tinham sido detidos em seu progresso por Kritavarman. Agora, o rei Kuru os viu procedendo pelas bordas de sua hoste. O poderoso Duryodhana da linhagem de Bharata não perdeu tempo em se envolver em um combate violento com aqueles dois irmãos que assim avançavam furiosamente. Aqueles dois principais dos Kshatriyas, reputados como poderosos guerreiros em carros, então avançaram naquela batalha em Duryodhana, com arcos esticados. Yudhamanyu perfurou Duryodhana com vinte, e seus quatro corcéis com quatro flechas. Duryodhana, no entanto, com uma única flecha, cortou o estandarte de Yudhamanyu. E teu filho então cortou o arco do último também com outra flecha. E então com uma flecha de cabeça larga, o rei Kuru derrubou o quadrigário de Yudhamanyu de seu nicho no carro. E então ele perfurou os quatro corcéis do último com quatro flechas. Então Yudhamanyu, excitado com cólera, rapidamente disparou, naquela batalha, trinta flechas no centro do peito de teu filho. Então Uttamaujas também, excitado com cólera, perfurou o quadrigário de Duryodhana com flechas ornadas com ouro, e o despachou para a residência de Yama. Duryodhana também, ó monarca, então matou os quatro corcéis como também os dois quadrigários Parshni de Uttamaujas, o príncipe dos Panchalas. Então Uttamaujas, naquela batalha, ficando sem cavalos e sem motorista, subiu rapidamente no carro de seu irmão, Yudhamanyu. Subindo no carro de seu irmão, ele atingiu os corcéis de Duryodhana com muitas flechas. Mortos por elas, aqueles corcéis caíram no chão. Após a queda de seus corcéis, o valente Yudhamanyu então, por meio de uma arma poderosa, rapidamente cortou o arco de Duryodhana e então (com outra flecha), sua proteção de couro. Aquele touro entre homens então, teu filho, pulando daquele carro sem corcéis e sem motorista, pegou uma maça e procedeu contra os dois príncipes de Panchala. Vendo aquele subjugador de cidades hostis avançando furioso dessa maneira, ambos Yudhamanyu e Uttamaujas pularam do terraço de seu carro. Então Duryodhana armado como ele estava com uma maça, prensou no solo com aquela maça aquele principal dos carros equipado com ouro, com corcéis e motorista e bandeira. Teu filho então, aquele opressor de inimigos, tendo assim esmagado aquele carro, sem cavalos e sem motorista como ele mesmo estava, subiu rapidamente no carro do rei dos Madras. Enquanto isso, aqueles dois poderosos guerreiros em carros, aqueles dois principais príncipes Panchala, subindo em dois outros carros, procederam em direção a Arjuna.'"

130

"Sanjaya disse, 'Durante o progresso, ó monarca, daquela batalha, de arrepiar os cabelos, e quando todos os combatentes estavam cheios de ansiedade e muito afligidos, o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, procedeu contra Bhima para lutar, como um elefante enfurecido na floresta procedendo contra outro elefante enfurecido.'"

"Dhritarashtra disse, 'Como foi aquele combate, na vizinhança do carro de Arjuna, entre aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Bhima e Karna, ambos

os quais são dotados de grande força? Uma vez antes Karna tinha sido vencido por Bhimasena em batalha. Como, portanto, pode o poderoso guerreiro em carro Karna proceder novamente contra Bhima? Como também Bhima pode proceder contra o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro que é considerado como o maior dos guerreiros em carros sobre a terra? Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo prevalecido sobre Bhishma e Drona, não temia ninguém mais tanto quanto o arqueiro Karna. De fato, pensando no poderoso guerreiro em carro Karna, ele passava suas noites sem dormir por medo. Como, então, Bhima pode enfrentar aquele filho de Suta em batalha? De fato, ó Sanjaya, como Bhima pode lutar com Karna, aquele principal dos guerreiros, aquele herói devotado aos Brahmanas dotado de energia e que nunca se retirava da batalha? Como, de fato, aqueles dois heróis, o filho de Suta e Vrikodara, lutaram um com o outro naquele combate que ocorreu na vizinhança do carro de Arjuna? Informado antes de sua irmandade (com os Pandavas), o filho de Suta é, além disso, compassivo. Lembrando também de suas palavras para Kunti, como ele pode lutar com Bhima? Com relação a Bhima também, lembrando de todos os males antigamente infligidos nele pelo filho de Suta, como aquele herói lutou com Karna em batalha? Meu filho Duryodhana, ó Suta, espera que Karna derrote todos os Pandavas em batalha. Sobre quem meu filho desventurado coloca sua esperança de vitória em batalha, como ele lutou com Bhimasena de feitos terríveis? Aquele filho de Suta, confiando em quem meus filhos escolheram hostilidades com aqueles poderosos guerreiros em carros (os filhos de Pandu), como Bhima lutou com ele? De fato, lembrando dos diversos males e injúrias feitos por ele, como Bhima lutou com aquele filho de Suta? Como de fato, Bhima pode lutar com aquele filho de um Suta, que, dotado de grande bravura, tinha antigamente subjugado a terra em um único carro? Como Bhima lutou com aquele filho de um Suta, que tinha nascido com um par de brincos (naturais)? Tu és hábil em narração, ó Sanjaya! Conte-me, portanto, em detalhes como ocorreu a batalha entre aqueles dois, e quem entre eles obteve a vitória!'"

"Sanjaya disse, 'Deixando o filho de Radha, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhimasena, desejou ir para o lugar onde aqueles dois heróis, Krishna e Dhananjaya, estavam. O filho de Radha, no entanto, avançando em direção a ele quando ele prosseguiu, o cobriu, ó rei, com chuvas densas de flechas, como uma nuvem despejando torrentes de chuva em uma montanha. O poderoso filho de Adhiratha, seu rosto belo como um lótus totalmente desabrochado, iluminado com um sorriso, desafiou Bhimasena para a batalha, quando o último estava prosseguindo. E Karna disse, 'Ó Bhima, eu não sonhava que tu não sabias como lutar. Por que então tu me mostras tuas costas pelo desejo de encontrar com Arjuna? Ó alegrador dos Pandavas, isso não é adequado para um filho de Kunti. Ficando, portanto, onde tu estás, cubra-me com tuas flechas.' Bhimasena, ouvindo aquele desafio de Karna, não o tolerou, mas rodando seu carro um pouco, começou a lutar com o filho de Suta. O ilustre Bhimasena despejou nuvens de flechas retas. Desejando também chegar ao fim daquelas hostilidades por matar Karna, Bhima começou a enfraquecer aquele herói conhecedor de todas as armas e vestido em armadura, e ficando diante dele para se engajar em um duelo. Então o poderoso Bhima, aquele opressor de inimigos, aquele colérico filho de Pandu,

tendo matado numerosos Kauravas, disparou diversas chuvas de flechas ardentes em Karna, ó majestade! O filho de Suta, dotado de grande força, consumiu, por meio do poder das suas próprias armas, todas aquelas chuvas de flechas disparadas por aquele herói possuidor do andar de um elefante enfurecido. Devidamente favorecido pelo conhecimento, aquele arqueiro formidável, Karna, começou naquela batalha, ó monarca, a se movimentar rapidamente como um preceptor (de ciência militar). O colérico filho de Radha, sorrindo, parecia zombar de Bhimasena enquanto o último estava lutando com grande fúria. O filho de Kunti não tolerou aquele sorriso de Karna no meio de muitos bravos guerreiros testemunhando de todos os lados aquele combate deles. Como um condutor golpeando um elefante enorme com um gancho, o poderoso Bhima, excitado com raiva, perfurou Karna a quem ele tinha dentro do alcance, com muitas flechas de dente de bezerro no centro do peito. E mais uma vez, Bhimasena perfurou o filho de Suta de armadura matizada com setenta e três flechas bem disparadas e afiadas equipadas com belas asas, envolvido em armadura dourada, e (novamente) com cinco flechas. E logo, num piscar de olhos, foi vista uma rede de flechas em volta do carro de Bhima feita por Karna. De fato, ó monarca, aquelas flechas disparadas do arco de Karna encobriram completamente aquele carro com seu estandarte e motorista e o próprio Pandava. Então Karna perfurou a armadura impenetrável de Bhima com sessenta e quatro flechas. E excitado com raiva ele então perfurou o próprio Partha com muitas flechas retas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Vrikodara de braços fortes, no entanto, desconsiderando aquelas flechas disparadas do arco de Karna atingiu destemidamente o filho de Suta. Perfurado por aquelas flechas, parecendo cobras de veneno virulento, disparadas do arco de Karna, Bhima, ó monarca, não sentiu dor naquela batalha. O valente Bhima então, naquele combate, perfurou Karna com trinta e duas flechas de cabeça larga de pontas afiadas e energia ardente, Karna, no entanto, com a maior indiferença, cobriu, em retorno, com suas flechas, o poderosamente armado Bhimasena que desejava a morte de Jayadratha. De fato, o filho de Radha, naquele combate, lutou brandamente com Bhima, enquanto Bhima, lembrando de suas ofensas antigas, lutou com ele furiosamente. O colérico Bhimasena não pode tolerar aquela desconsideração por Karna. De fato, aquele matador de inimigos rapidamente disparou chuvas de flechas no filho de Radha. Aquelas flechas, disparadas naquele combate por Bhimasena, caíram em todos os membros de Karna como aves arrulhando. Aquelas flechas equipadas com asas douradas e pontas afiadas, disparadas do carro de Bhimasena, cobriram o filho de Radha como um bando de insetos cobrindo um fogo brilhante. Karna, no entanto, ó rei, disparou chuvas de flechas ardentes em retorno, ó Bharata. Então Vrikodara cortou, com muitas flechas de cabeça larga, aquelas flechas parecendo raios, disparadas por aquele ornamento de batalha, antes que elas pudessem chegar a ele. Aquele castigador de inimigos, Karna, o filho de Vikartana, mais uma vez, ó Bharata, cobriu Bhimasena com suas chuvas de flechas. Nós então, ó Bharata, vimos Bhima tão perfurado naquele combate com flechas a ponto de parecer um porco-espinho com seus espinhos eretos em seu corpo. Como o sol mantendo seus próprios raios, o heróico Bhima manteve naquela batalha todas aquelas flechas, afiadas em pedra e providas de asas de ouro, que foram disparadas do arco de Karna. Todos os seus membros banhados em sangue, Bhimasena parecia

resplandecente como uma árvore Asoka na primavera adornada com sua carga florida. Bhima de braços fortes não pode tolerar aquela conduta, em batalha, do poderosamente armado Karna. Rolando seus olhos em fúria, ele perfurou Karna com vinte e cinco flechas compridas. Nisso, Karna parecia com uma montanha branca com muitas cobras de veneno virulento (pendendo de seus lados). E mais uma vez, Bhimasena, dotado da destreza de um celestial, perfurou o filho de Suta que estava preparado para sacrificar sua vida em batalha, com seis e então com oito flechas. E, novamente, com outra flecha, o valente Bhimasena rapidamente cortou o arco Karna, sorrindo. E ele matou também com suas flechas os quatro corcéis de Karna e então seu quadrigário, e então perfurou o próprio Karna no peito com várias flechas compridas dotadas da refulgência do sol. Aquelas flechas aladas, atravessando o corpo de Karna, entraram na terra, como os raios do sol atravessando as nuvens. Afligido por flechas e com seu arco cortado, Karna, embora orgulhoso de sua virilidade, sentiu grande dor e foi para outro carro.'"

131

"Dhritarashtra disse, 'O que, de fato, ó Sanjaya, Duryodhana disse quando ele viu aquele Karna se dirigindo para longe do campo, sobre quem meus filhos tinham depositado todas as suas esperanças de vitória? Como, de fato, o poderoso Bhima, orgulhoso de sua energia, lutou? O que também, ó filho, Karna fez depois disto, vendo Bhimasena naquela batalha parecer com um fogo ardente?'"

"Sanjaya disse, 'Subindo em outro carro que estava devidamente equipado Karna procedeu novamente contra o filho de Pandu, com a fúria do oceano agitado pela tempestade. Vendo o filho de Adhiratha excitado com raiva, teus filhos, ó rei, consideraram Bhimasena como já tendo sido despejado como uma libação no fogo (Karna). Com vibração violenta da corda do arco e sons terríveis de suas palmas, o filho de Radha disparou chuvas densas de flechas na direção do carro de Bhimasena. E mais uma vez, ó monarca, um combate terrível ocorreu entre o heróico Karna e Bhima de grande alma. Ambos excitados com cólera, ambos dotados de armas poderosas, cada um desejoso de matar o outro, aqueles dois guerreiros olhavam um para outro como se resolvidos a queimar um ao outro com seus olhares (coléricos). Os olhos de ambos estavam vermelhos de raiva, e ambos respiravam ferozmente, como um par de cobras. Dotados de grande heroísmo, aqueles dois castigadores de inimigos se aproximaram e mutilaram um ao outro. De fato, eles lutaram um com o outro como dois falcões dotados de grande energia, ou como dois Sarabhas excitados com cólera. Então aquele castigador de inimigos, Bhima, se lembrando de todas as dores sofridas por ele na ocasião da partida de dados, e durante seu exílio nas florestas e residência na cidade de Virata, e mantendo em mente o roubo de seu reino cheio de prosperidade e pedras preciosas, por teus filhos, e os outros numerosos males infligidos aos Pandavas por ti e pelo filho de Suta e se lembrando também do fato de que tu conspiraste para queimar a inocente Kunti com seus filhos, e chamando à sua memória os sofrimentos de Krishna no meio da assembléia nas mãos

daqueles canalhas, como também do agarramento de seus cabelos por Duhsasana, e das palavras duras proferidas, ó Bharata, por Karna, nesse sentido, 'Aceite outro marido, pois todos os teus maridos estão mortos: os filhos de Pritha afundaram no inferno e são como sementes de gergelim sem núcleo,' lembrando também daquelas outras palavras, ó filho de Kuru, que os Kauravas proferiram na tua presença, juntando o fato também que teus filhos tinham estado desejosos de desfrutar de Krishna como uma escrava, e aquelas palavras duras que Karna falou para os filhos de Pandu quando os últimos, vestidos em camurças estavam prestes a serem banidos para as florestas, e a alegria à qual teu filho colérico e tolo, ele mesmo em prosperidade, se entregou, pensando nos filhos afligidos de Pritha como verdadeira palha (sem valor), o virtuoso Bhima, aquele matador de inimigos, lembrando dessas e de todas as angústias que ele tinha sofrido desde sua infância, ficou indiferente à sua própria vida. Esticando seu invencível e formidável arco, o verso de cuja vara era ornado com ouro, Vrikodara, aquele tigre da raça Bharata, totalmente indiferente à sua vida, avançou contra Karna. Disparando chuvas densas de flechas brilhantes afiadas em pedra, Bhima encobriu a própria luz do sol. O filho de Adhiratha, no entanto, sorrindo, rapidamente frustrou, por meio de suas próprias flechas aladas afiadas em pedra, aquele aguaceiro de flechas de Bhimasena. Dotado de grande força e armas poderosas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Adhiratha, então perfurou Bhima com nove flechas afiadas. Atingido por aquelas flechas, como um elefante golpeado pelo gancho, Vrikodara destemidamente avançou contra o filho de Suta. Karna, no entanto, avançou contra aquele touro entre os Pandavas que estava avançando em direção a ele com grande impetuosidade e poder, como um elefante enfurecido contra um companheiro enfurecido. Soprando sua concha então, cujo som parecia o som de cem trombetas, Karna alegremente agitou a tropa que protegia Bhima, como o mar furioso. Vendo aquela sua tropa consistindo em elefantes e cavalos e carros e soldados a pé agitada dessa maneira por Karna, Bhima, se aproximando do primeiro, cobriu-o com flechas. Então Karna fez seus próprios corcéis da cor de cisnes se misturarem com aqueles de Bhimasena da cor de ursos, e encobriu o filho de Pandu com suas flechas. Vendo aqueles corcéis da cor de ursos e rápidos como o vento, misturados com aqueles da cor de cisnes, gritos de 'oh' e 'ai' ergueram-se dentre as tropas dos teus filhos. Aqueles corcéis, velozes como o vento, assim misturados, pareciam muito belos como nuvens brancas e pretas, ó monarca, misturadas no céu. Vendo Karna e Vrikodara ambos excitados com fúria, grandes guerreiros em carros do teu exército começaram a tremer de medo. O campo de batalha onde eles lutaram logo se tornou horrível como o domínio de Yama. De fato, ó melhor dos Bharatas, ele tornou-se tão terrível de se contemplar como a cidade dos mortos. Os grandes guerreiros em carros do teu exército, olhando para aquela cena, como se eles fossem espectadores de um esporte em uma arena, não viram algum dos dois ganhar qualquer vantagem sobre o outro naquele combate aterrador. Eles somente viram, ó rei, aquela mistura e choque das armas poderosas daqueles dois guerreiros, como um resultado, ó monarca, da má política tua e do teu filho. Aqueles dois matadores de inimigos continuaram a cobrir um ao outro com suas flechas afiadas. Ambos dotados de destreza extraordinária, eles encheram o céu com suas torrentes de flechas. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros

disparando um no outro flechas afiadas pelo desejo de tirar a vida um do outro, tornaram-se muito belos de se contemplar como duas nuvens despejando torrentes de chuva. Aqueles dois castigadores de inimigos, disparando flechas ornadas com ouro, fizeram o céu parecer brilhante, ó rei, como se com meteoros ardentes. Flechas equipadas com penas de urubu, disparadas por aqueles dois heróis, pareciam com fileiras de grous excitados no céu do outono. Enquanto isso, Krishna e Dhananjaya, aqueles castigadores de inimigos, envolvidos em batalha com o filho de Suta, acharam que a carga era pesada demais para Bhima suportar. Quando Karna e Bhima para frustrar as flechas um ao outro disparavam aquelas flechas um no outro, muitos elefantes e corcéis e homens profundamente atingidos por elas, caíam privados de vida. E por causa daquelas criaturas caindo e caídas privadas de vida contadas às milhares, uma grande carnificina, ó rei, ocorreu no exército de teus filhos. E logo, ó touro da raça Bharata, o campo de batalha ficou coberto com os corpos de homens e corcéis e elefantes privados de vida.'"

132

"Dhritarashtra disse, 'Eu considero muito admirável a bravura de Bhimasena, visto que ele conseguiu lutar com Karna de atividade e energia singulares. De fato, ó Sanjaya, diga-me por que Karna, que é capaz de resistir em batalha aos próprios celestiais com os Yakshas e Asuras e homens, armado com todos os tipos de armas, não pode derrotar em batalha o filho de Pandu Bhima brilhando com resplandecência? Ó, conte-me como ocorreu aquela batalha entre eles na qual cada um apostou sua própria vida. Eu penso que em um combate entre os dois, o sucesso está ao alcance de ambos como, de fato, ambos estão sujeitos à derrota. (Ou seja, quando duas pessoas como eles lutam, não se pode dizer com antecedência quem irá vencer. Ambos tem chances de êxito, como, de fato, ambos tem chances de derrota.) Ó Suta, obtendo Karna em batalha, meu filho Suyodhana sempre se arrisca a reprimir os filhos de Pritha com Govinda e os Satwatas. Sabendo, no entanto, da repetida derrota em batalha de Karna por Bhimasena de feitos terríveis, um desmaio parece cair sobre mim, eu penso que os Kauravas já estão mortos, por consequência da má política de meu filho. Karna nunca terá êxito, ó Sanjaya, em derrotar aqueles arqueiros poderosos, os filhos de Pritha. Em todas as batalhas que Karna tem lutado com os filhos de Pandu, os últimos tem invariavelmente derrotado ele no campo. De fato, ó filho, os Pandavas não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Ai, meu filho perverso Duryodhana não sabe disso. Tendo roubado a riqueza do filho de Pritha, que é como o próprio Senhor dos tesouros, meu filho de pouca inteligência não vê a queda como um buscador de mel (nas montanhas). Familiarizado com fraude, ele a considera como sendo irrevogavelmente sua e sempre insulta os Pandavas. Eu mesmo também, de alma não purificada, dominado pela afeição por meus filhos, não tive escrúpulos em desprezar os filhos de grande alma de Pandu que são observadores de moralidade. Yudhishthira, o filho de Pritha, de grande previdência, sempre mostrou-se desejoso de paz. Meus filhos, no entanto, considerando-o incapaz, o desprezaram. Mantendo em mente

todas aquelas angústias e todos os males (sofridos pelos Pandavas), o poderosamente armado Bhimasena lutou com o filho de Suta. Diga-me, portanto, ó Sanjaya, como Bhima e Karna, aqueles dois principais dos guerreiros, lutaram um com o outro, desejosos de tirar a vida um do outro!'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como ocorreu a batalha entre Karna e Bhima a qual pareceu uma luta entre dois elefantes na floresta, desejosos de matar um ao outro. O filho de Vikartana, ó rei, excitado com raiva e aplicando sua destreza, perfurou aquele castigador de inimigos, o furioso Bhima de grande destreza com trinta flechas. De fato, ó chefe da família de Bharata, o filho de Vikartana atacou Bhima com muitas flechas de pontas afiadas, ornadas com ouro, e dotadas de grande impetuosidade. Bhima, no entanto, com três flechas afiadas cortou o arco de Karna, quando o último estava empenhado em atingi-lo. E com uma flecha de cabeça larga, o filho de Pandu então derrubou no chão o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. O filho de Vikartana, então desejoso de matar Bhimasena, pegou um dardo cuja vara era adornada com ouro e pedras de lápis lazúli. Agarrando aquele dardo brilhante, o qual parecia um segundo dardo da morte, e erguendo-o e mirando-o, o filho poderoso de Radha arremessou-o em Bhimasena com força suficiente para tirar a vida de Bhima. Arremessando aquele dardo, como Purandara arremessando o raio, o filho de Radha de grande força proferiu um rugido alto. Ouvindo aquele rugido teus filhos ficaram cheios de alegria. Bhima, no entanto, com sete flechas rápidas, cortou no céu aquele dardo dotado da refulgência do sol ou do fogo, arremessado das mãos de Karna. Cortando aquele dardo, parecendo uma cobra recém libertada de sua pele, Bhima, ó majestade, como se de vigia para tirar o ar vital do filho de Suta, disparou, com grande fúria, muitas flechas naquela batalha que eram providas de penas de pavão e asas douradas e cada uma das quais, afiadas em pedra, parecia com a vara de Yama. Karna também de grande energia, pegando outro arco formidável, as costas de cuja vara eram adornadas com ouro, e esticando-o com força, disparou muitas flechas. O filho de Pandu, no entanto, cortou todas aquelas flechas com nove flechas retas suas. Tendo cortado, ó soberano de homens, aquelas flechas poderosas disparadas por Vasushena, Bhima, ó monarca, proferiu um rugido alto como aquele de um leão. Rugindo um para o outro como dois touros poderosos por causa de uma vaca no cio, ou como dois tigres por causa do mesmo pedaço de carne, eles se esforçaram para atingir um ao outro, cada um estando desejoso de achar os pontos fracos do outro. Às vezes eles olhavam um para o outro com olhares zangados, como dois touros fortes em um curral. Então como dois elefantes enormes golpeando um ao outro com as pontas de suas presas, eles se enfrentavam com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. Oprimindo um ao outro, ó rei, com suas chuvas de flechas, eles aplicaram sua bravura um sobre o outro, olhando um para o outro em grande fúria. Às vezes dando risada um do outro, e às vezes repreendendo um ao outro, e às vezes soprando suas conchas, eles continuaram a lutar entre si. Então Bhima mais uma vez cortou o arco de Karna no cabo, ó majestade, e despachou por meio de suas flechas os corcéis do último, brancos como conchas, para a residência de Yama, e o filho de Pandu também derrubou o quadrigário de seu inimigo de seu nicho no carro. Então Karna, o filho de Vikartana, sem cavalos e

sem motorista, e coberto naquela batalha (com flechas), ficou mergulhado em grande ansiedade. Entorpecido por Bhima com suas chuvas de flechas, ele não sabia o que fazer. Vendo Karna colocado naquela situação aflitiva, o rei Duryodhana, tremendo de raiva, mandou (seu irmão) Durjaya, dizendo, 'Vá, ó Durjaya! Lá o filho de Pandu está prestes a devorar o filho de Radha! Mate aquele imberbe Bhima logo, e infunda força em Karna!' Assim endereçado, teu filho Durjaya, dizendo para Duryodhana, 'Assim seja', avançou em direção a Bhimasena envolvido em combate (com Karna) e cobriu-o com flechas. E Durjaya atingiu Bhima com nove flechas, seus corcéis com oito, seu motorista com seis, seu estandarte com três, e mais uma vez o próprio Bhima com sete. Então Bhimasena, cheio de raiva, perfurando com suas flechas os próprios órgãos vitais de Durjaya, e seus corcéis e motorista, despachou-os para a residência de Yama. Então Karna, chorando em aflição, circungirou aquele teu filho, que, adornado com ornamentos, jazia sobre o solo, se contorcendo como uma cobra. Bhima então, tendo feito aquele inimigo mortal dele, isto é, Karna, ficar sem carro, sorrindo cobriu-o com flechas e o fez parecer com um Sataghni com inúmeros ferrões sobre ele. O Atiratha Karna, no entanto, aquele castigador de inimigos, embora assim perfurado com flechas, contudo não evitou o enfurecido Bhima em batalha.'"

133

"Sanjaya disse, 'Então Karna sem carro, assim mais uma vez completamente derrotado por Bhima, subiu em outro carro e rapidamente começou a perfurar o filho de Pandu. Como dois elefantes enormes enfrentando um ao outro com as pontas (de suas presas), eles atingiram um ao outro com flechas, disparadas de seus arcos esticados até mais completa extensão. Então Karna, atacando Bhimasena com chuvas de flechas, proferiu um rugido alto, e mais uma vez o perfurou no peito. Bhima, no entanto, em retorno, perfurou Karna com dez flechas retas e novamente com vinte flechas retas. Então Karna, perfurando Bhima, ó rei, com nove flechas no centro do peito, atingiu o estandarte do último com uma flecha afiada. O filho de Pritha então perfurou Karna em retorno com sessenta e três flechas, como um condutor golpeando um elefante forte com o gancho, ou um cavaleiro golpeando um corcel com um chicote. Profundamente perfurado, ó rei, pelo filho ilustre de Pandu, o heróico Karna começou a lamber com sua língua os cantos de sua boca, e seus olhos ficaram vermelhos de raiva. Então, ó monarca, Karna disparou em Bhimasena, para sua destruição, uma flecha capaz de perfurar todos, como Indra arremessando seu raio. Aquela flecha provida de belas penas disparada do arco do filho de Suta, perfurando Partha naquela batalha, afundou profundamente na terra. Então o poderosamente armado Bhima, com olhos vermelhos em fúria, arremessou sem a reflexão de um momento, no filho de Suta, uma maça pesada de seis lados, adornada com ouro medindo quatro cúbitos completos de comprimento, e parecendo o raio de Indra em força. De fato, como Indra matando os Asuras com seu raio, aquele herói da linhagem de Bharata, excitado com cólera, matou com aquela maça os corcéis bem treinados da raça principal do filho de Adhiratha. Então, ó touro da raça Bharata, Bhima de braços

fortes, com um par de flechas de face de navalha, cortou o estandarte de Karna. E então ele matou, com diversas flechas o quadrigário de seu inimigo. Abandonando aquele carro sem cavalos e sem motorista e sem estandarte, Karna, ó Bharata, ficou desanimadamente no chão, esticando seu arco. A bravura que nós então vimos do filho de Radha foi muito extraordinária, visto que aquele principal dos guerreiros em carros, embora privado de carro, continuou a resistir a seu inimigo. Vendo aquele mais notável dos homens, o filho de Adhiratha, privado de seu carro, Duryodhana, ó monarca, disse para (seu irmão) Durmukha, 'Lá, ó Durmukha, o filho de Radha foi privado de seu carro por Bhimasena. Equipe aquele principal dos homens, aquele poderoso guerreiro em carro com um carro.' Ouvindo essas palavras de Duryodhana, teu filho Durmukha, ó Bharata, foi rapidamente em direção a Karna e cobriu Bhima com suas flechas. Vendo Durmukha desejoso de proteger o filho de Suta naquela batalha, o filho do deus do vento estava cheio de deleite e começou a lamber os cantos de sua boca. Então enquanto resistindo a Karna com suas flechas, o filho de Pandu rapidamente dirigiu seu carro em direção a Durmukha. E naquele momento, ó rei, com nove flechas retas de pontas afiadas, Bhima despachou Durmukha para a residência de Yama. Após a morte de Durmukha, o filho de Adhiratha subiu sobre o carro daquele príncipe e pareceu resplandecente, ó rei, como o sol ardente. Vendo Durmukha jazendo prostrado no campo, seus próprios órgãos vitais perfurados (com flechas) e seu corpo banhado em sangue, Karna com olhos lacrimosos se absteve por um momento da luta. Circungirando o príncipe caído e deixando ele lá, o heróico Karna começou a respirar longamente e furiosamente e não sabia o que fazer. Aproveitando aquela oportunidade, ó rei, Bhimasena disparou no filho de Suta quatorze flechas compridas equipadas com penas de urubu. Aquelas flechas bebedoras de sangue de asas douradas, dotadas de grande força iluminando os dez pontos enquanto elas percorriam o céu, perfuraram a armadura do filho de Suta, e beberam seu sangue vital, ó rei, e atravessando seu corpo, afundaram no solo e pareceram resplandecentes como cobras zangadas, ó monarca, incitadas adiante pela própria Morte, com metade de seus corpos inseridas dentro de seus buracos. Então o filho de Radha, sem refletir um momento, perfurou Bhima em retorno com quatorze flechas ardentes adornadas com ouro. Aquelas flechas de asas brilhantes, atravessando o braço direito de Bhima, entraram na terra como aves entrando em um bosque de árvores. Batendo contra o solo, aquelas flechas pareciam resplandecentes, como os raios brilhantes do sol enquanto procedendo em direção às colinas Asta. Perfurado naquela batalha por aquelas flechas que a tudo perfuravam, Bhima começou a derramar copiosos jatos de sangue, como uma montanha ejetando jatos de água. Então Bhima perfurou o filho de Suta em retorno com três flechas dotadas da impetuosidade de Garuda e ele perfurou o quadrigário do último também com sete. Então, ó rei, Karna assim afligido pela força de Bhima, ficou muito angustiado. E aquele guerreiro ilustre então fugiu, abandonando a batalha, levado para longe por suas corcéis velozes. O Atiratha Bhimasena, no entanto, esticando seu arco adornado com ouro, permaneceu em batalha, parecendo resplandecente como um fogo ardente.'"

134

"Dhritarashtra disse, 'Eu acho que o Destino é supremo. Que vergonha para o esforço que é inútil, visto que o filho de Adhiratha, embora lutando resolutamente, não pode subjugar o filho de Pandu. Karna se gaba de sua competência para derrotar em batalha todos os Parthas com Govinda entre eles. Eu não vejo no mundo outro guerreiro como Karna! Eu muitas vezes ouvi Duryodhana falar dessa maneira. De fato, ó Suta, o infeliz Duryodhana costumava me dizer antigamente, 'Karna é um herói poderoso, um arqueiro firme, acima de toda fadiga. Se eu tiver aquele Vasushena como meu aliado, os próprios deuses não serão um páreo para mim, o que dizer, portanto, ó monarca, dos filhos de Pandu que são fracos e covardes?' Diga-me portanto, ó Sanjaya, o que Duryodhana disse, vendo aquele Karna derrotado e parecendo com uma cobra privada de seu veneno e fugindo da batalha. Ai, privado de sua razão, Duryodhana despachou o desamparado Durmukha, embora ele não estivesse familiarizado com batalha, para aquele combate violento, como um inseto ao fogo ardente. Ó Sanjaya, nem Aswatthaman e o soberano dos Madras e Kripa, juntos, puderam resistir diante de Bhimasena. Esses mesmos conhecem a força terrível, igual àquela de dez mil elefantes, de Bhima, dotado da energia do próprio Marut, como também suas intenções cruéis. Por que eles provocaram o fogo em batalha, daquele herói de feitos cruéis, aquele guerreiro parecendo o próprio Yama como o último se torna no fim do Yuga? Parece que só o filho de Suta, o poderosamente armado Karna, confiando na destreza de seus próprios braços, lutou em batalha com Bhimasena desconsiderando o último. Aquele filho de Pandu que derrotou Karna em batalha como Purandara derrotando um Asura, é incapaz de ser derrotado por alguém em batalha. Quem, esperançoso de vida, se aproximaria daquele Bhima que, em busca de Arjuna, entrou sozinho na minha hoste, tendo oprimido o próprio Drona? Quem, de fato, ó Sanjaya, ousaria ficar diante de Bhima? Quem entre os Asuras se arriscaria a ficar à frente do grande Indra com o raio erguido em sua mão? Um homem pode voltar tendo entrado na residência dos mortos, mas ninguém, no entanto, pode voltar tendo enfrentado Bhimasena! Aqueles homens de destreza fraca, que insensatamente avançaram contra o zangado Bhimasena eram como insetos caindo sobre um fogo ardente. Sem dúvida, refletindo sobre o que o furioso e feroz Bhima disse na assembléia na audição dos Kurus sobre a morte de meus filhos, e vendo a derrota de Karna, Duhsasana e seus irmãos pararam de combater Bhima por medo. Aquele meu filho perverso também, ó Sanjaya, que repetidamente disse na assembléia (essas palavras) 'Karna e Duhsasana e eu mesmo venceremos os Pandavas em batalha,' sem dúvida, vendo Karna derrotado e privado de seu carro por Bhima, está consumido pela aflição por causa de sua rejeição da solicitação de Krishna! (Isto é, de sua desconsideração por Krishna). Contemplando seus irmãos vestidos em armadura mortos em batalha por Bhimasena, por causa de seu próprio erro, sem dúvida, meu filho está queimando de aflição. Quem desejoso de vida faria um avanço hostil contra o filho de Pandu, Bhima, excitado com cólera armado com armas terríveis e permanecendo em batalha como a própria Morte? Um homem pode escapar das próprias mandíbulas do fogo Vadava. Mas é minha opinião que ninguém pode

escapar da frente da face de Bhima. De fato, nem Partha, nem os Panchalas, nem Kesava, nem Satyaki, quando excitados com cólera em batalha, mostram a menor consideração por (sua) vida. Ai, ó Suta, as próprias vidas dos meus filhos estão em perigo!'"

"Sanjaya disse, 'Tu, ó Kaurava, que estás sofrendo dessa maneira em vista da presente carnificina, tu, sem dúvida, és a causa dessa destruição do mundo! Obediente aos conselhos de teus filhos, tu mesmo provocaste esta hostilidade violenta. Embora suplicado (por benquerentes) tu não aceitaste o remédio apropriado como homem condenado a morrer. Ó monarca, ó melhor dos homens, tendo tu mesmo bebido o mais violento e o mais indigesto veneno, aceite todas as suas consequências agora. Os combatentes estão lutando com todas as suas forças, e tu ainda falas mal deles. Ouça-me, no entanto, enquanto eu descrevo para ti como a batalha continuou.'"

"Vendo Karna derrotado por Bhimasena, cinco filhos teus, aqueles irmãos uterinos que eram grandes arqueiros, não puderam, ó majestade, tolerar isso. Eles eram Durmarshana e Duhsaha e Durmada e Durdhara e Jaya. Vestidos em belas armaduras, todos eles avançaram contra o filho de Pandu. Cercando o poderosamente armado Vrikodara por todos os lados, eles cobriram todos os pontos do horizonte com suas flechas parecendo com bandos de gafanhotos. Bhimasena, no entanto, na batalha, recebeu sorridente aqueles príncipes de beleza celestial que avançaram de repente contra ele. Vendo teus filhos avançando contra Bhimasena, o filho de Radha, Karna, avançou contra aquele guerreiro poderoso, disparando flechas de pontas afiadas que eram equipadas com asas douradas e afiadas em pedra. Bhima, no entanto, rapidamente avançou contra Karna, embora resistido por teus filhos. Então os Kurus, cercando Karna, cobriram Bhimasena com chuvas de flechas retas. Com vinte e cinco flechas, ó rei, Bhima, armado com seu arco formidável, despachou todos aqueles touros entre homens para a residência de Yama com seus corcéis e quadrigários. Caindo de seus carros junto com seus quadrigários, suas formas sem vida pareciam grandes árvores com seu peso de flores matizadas arrancadas pela tempestade. A bravura que nós então vimos de Bhimasena foi muito extraordinária, visto que, enquanto resistindo ao filho de Adhiratha, ele matou aqueles teus filhos. Resistido por Bhima com flechas afiadas em todos os lados, o filho de Suta, ó rei, somente olhava para Bhima. Bhimasena também, com olhos vermelhos de raiva, começou a lançar olhares zangados em Karna, enquanto esticava seu arco formidável.'"

135

"Sanjaya disse, 'Vendo teus filhos jazendo (no campo), Karna de grande destreza cheio de grande fúria, ficou desesperançado em relação à sua vida. E o filho de Adhiratha se considerou culpado, vendo teus filhos mortos diante de seus olhos em batalha por Bhima. Então Bhimasena, lembrando dos males antigamente infligidos por Karna, ficou cheio de raiva e começou com cuidado deliberado a perfurar Karna com muitas flechas afiadas. Então Karna, perfurando Bhima com

cinco flechas, sorrindo, mais uma vez o perfurou com setenta flechas, equipadas com asas douradas e afiadas em pedra. Desconsiderando essas flechas disparadas por Karna, Vrikodara perfurou o filho de Radha naquela batalha com cem flechas retas. E perfurando-o novamente em seus órgãos vitais com cinco flechas afiadas, Bhima, ó majestade, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Suta. O triste Karna então, ó Bharata, pegando outro arco cobriu Bhimasena por todos os lados com suas flechas. Então Bhima, matando os cavalos e quadrigário de Karna, deu uma risada, tendo assim neutralizado os feitos de Karna. Então aquele touro entre homens, Bhima, cortou com suas flechas o arco de Karna. Aquele arco, ó rei, de vibração alta, e o dorso de cuja vara era ornado com ouro, caiu (de sua mão). Então o poderoso guerreiro em carro Karna desceu de seu carro e pegando uma maça naquela batalha arremessou-a furiosamente em Bhima. Contemplando aquela maça, ó rei, correndo impetuosamente em direção a ele, Vrikodara resistiu a ela com suas flechas na visão de todas as tuas tropas. Então o filho de Pandu, dotado de grande destreza e se esforçando com grande energia, disparou mil flechas no filho de Suta, desejoso de tirar a vida do último. Karna, no entanto, na batalha terrível, resistindo a todas aquelas flechas com suas próprias, cortou a armadura de Bhima também com suas flechas. E então ele perfurou Bhima com vinte e cinco flechas pequenas na vista de todas as tropas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então, ó monarca, Bhima, excitado com raiva, disparou nove flechas retas no filho de Suta. Aquelas flechas afiadas, atravessando a cota de malha e braço direito de Karna, entraram na terra como cobras em um formigueiro. Coberto com chuvas de flechas disparadas do arco de Bhimasena, Karna mais uma vez virou suas costas para Bhimasena. Vendo o filho de Suta voltar atrás e fugindo a pé, totalmente coberto pelas flechas do filho de Kunti, Duryodhana disse, 'Vão vocês rapidamente de todos os lados em direção ao carro do filho de Radha.' Então, ó rei, teus filhos, ouvindo essas palavras de seu irmão que eram para eles uma surpresa, avançaram em direção ao filho de Pandu para lutar, disparando chuvas de flechas. Eles eram Chitra, e Upachitra, e Charuchitra, e Sarasan, e Chitrayudha, e Chitravarman. Todos eles eram bem versados em todos os modos de guerra. O poderoso guerreiro em carro, Bhimasena, no entanto, derrubou cada um daqueles teus filhos que avançavam contra ele, com uma única flecha. Privados de vida, eles caíram no chão como árvores arrancadas por uma tempestade. Vendo aqueles teus filhos, todos poderosos guerreiros em carros, ó rei, mortos dessa maneira, Karna, com rosto lacrimoso, lembrou-se das palavras de Vidura. Subindo em outro carro que estava devidamente equipado, Karna, dotado de grande coragem, procedeu rapidamente contra o filho de Pandu em batalha. Perfurando um ao outro com flechas afiadas, equipadas com asas de ouro, os dois guerreiros pareciam resplandecentes como duas massas de nuvens penetradas pelos raios do sol. Então o filho de Pandu, excitado com raiva, cortou a armadura do filho de Suta com trinta e seis flechas de cabeça larga, de corte excelente e energia ardente. O poderosamente armado filho de Suta também, ó touro da raça Bharata, perfurou o filho de Kunti com cinquenta flechas retas. Os dois guerreiros então, cobertos com pasta de sândalo vermelha com muitos ferimentos causados pelas flechas um do outro, e cobertos também com sangue coagulado, pareciam resplandecentes como o sol e a lua nascentes. Suas cotas de malha cortadas por

meio de flechas, e seus corpos cobertos com sangue, Karna e Bhima então pareciam com um par de cobras recém libertadas de suas peles. De fato, aqueles dois tigres entre homens mutilaram um ao outro com suas flechas, como dois tigres mutilando um ao outro com seus dentes. Os dois heróis despejavam suas flechas incessantemente, como duas massas de nuvens despejando torrentes de chuva. Aqueles dois castigadores de inimigos dilaceraram o corpo um do outro com suas flechas, como dois elefantes dilacerando um ao outro com as pontas de suas presas. Rugindo um para o outro e despejando suas flechas um no outro, fazendo seus carros traçarem belos círculos, eles pareciam um par de touros poderosos rugindo um para o outro na presença de uma vaca no cio. De fato, aqueles dois leões entre homens então pareciam com um par de leões fortes dotados de olhos vermelhos em fúria. Aqueles dois guerreiros dotados de grande energia continuaram lutando como Sakra e o filho de Virochana (Prahlada). Então, ó rei, Bhima de braços fortes, quando ele esticava seu arco com suas duas mãos, parecia com uma nuvem carregada com relâmpago. Então a imensa nuvem Bhima, tendo a vibração do arco como seu trovão e incessantes chuvas de flechas como seu aguaceiro chuvoso, cobriu, ó rei, a montanha Karna. E mais uma vez o filho de Pandu, Bhima de bravura terrível, ó Bharata, encobriu Karna com mil flechas disparadas de seu arco. E quando ele cobriu Karna com suas flechas aladas, providas de penas Kanka, teus filhos testemunharam sua destreza extraordinária. Alegrando o próprio Partha e o ilustre Kesava, Satyaki e os dois protetores das (duas) rodas (do carro de Arjuna), Bhima lutou exatamente assim com Karna. Vendo a perseverança de Bhima que conhecia a si mesmo, teus filhos, ó monarca, ficaram todos desanimados.'"

136

"Sanjaya disse, 'Ouvindo a vibração do arco de Bhimasena e o som de suas palmas, o filho de Radha não pode tolerar isso, como um elefante enfurecido incapaz de tolerar os rugidos de um rival enfurecido. Voltando por um momento da frente de Bhimasena, Karna lançou seus olhos sobre aqueles teus filhos que tinham sido mortos por Bhimasena. Vendo eles, ó melhor dos homens, Karna ficou triste e mergulhou na aflição. Suspirando ansiosamente e longamente, ele procedeu novamente contra o filho de Pandu. Com olhos vermelhos como cobre, e suspirando furioso como uma cobra imensa, Karna então, quando ele disparou suas flechas, parecia resplandecente como o sol espalhando seus raios. De fato, ó touro da raça Bharata, Vrikodara foi então coberto com as flechas, parecendo raios espalhados do sol, que eram disparadas do arco de Karna. As flechas belas, equipadas com penas de pavão, disparadas do arco de Karna, penetraram em todas as partes do corpo de Bhima, como aves em uma árvore para se empoleirar lá. De fato, as flechas, equipadas com asas de ouro, disparadas do arco de Karna caindo incessantemente, pareciam fileiras contínuas de garças. Tão numerosas eram as flechas disparadas pelo filho de Adhiratha que elas pareciam emergir não só de seu arco mas de seu estandarte, seu guarda-sol, e da vara e canga e fundo de seu carro também. De fato, o filho de Adhiratha disparou suas flechas

percorredoras do céu de energia impetuosa, ornadas com ouro e equipadas com penas de urubu, de tal maneira a ponto de encher o céu inteiro com elas. Vendo ele (assim) excitado com fúria e avançando em direção a ele como o próprio Destruidor, Vrikodara, ficando totalmente indiferente à sua vida e levando a melhor sobre seu inimigo, perfurou-o com nove flechas. Vendo a impetuosidade irresistível de Karna como também aquela chuva densa de flechas, Bhima, dotado como ele era de grande bravura, não tremeu de medo. O filho de Pandu então neutralizando aquela torrente de flechas do filho de Adhiratha, perfurou o próprio Karna com vinte outras flechas afiadas. De fato, como o próprio filho de Pritha tinha sido antes coberto pelo filho de Suta, assim mesmo o último foi agora coberto pelo primeiro naquela batalha. Vendo a destreza de Bhimasena em batalha, teus guerreiros, como também os Gharanas, cheios de alegria; o aplaudiram. Bhurisravas, e Kripa, e o filho de Drona, e o soberano dos Madras, e Uttamaujas e Yudhamanyu, e Kesava, e Arjuna, esses grandes guerreiros em carros, ó rei, entre os Kurus e os Pandavas, ruidosamente animaram Bhima, dizendo, 'Excelente, Excelente,' e proferiram rugidos leoninos. Quando aquele tumulto violento, de arrepiar os cabelos se ergueu, teu filho Duryodhana, ó rei, disse rapidamente para todos os reis e príncipes e particularmente para seus irmãos uterinos, essas palavras, 'Abençoados sejam vocês, procedam em direção a Karna para salvá-lo de Vrikodara, senão as flechas disparadas do arco de Bhima irão matar o filho de Radha. Ó arqueiros poderosos, se esforcem para proteger o filho de Suta.' Assim mandados por Duryodhana, sete de seus irmãos uterinos, ó majestade, avançando furiosos em direção a Bhimasena, o cercaram por todos os lados. Aproximando-se do filho de Kunti eles o cobriram com chuvas de flechas, como nuvens despejando torrentes de chuva no leito da montanha na estação das chuvas. Excitados com cólera, aqueles sete grandes guerreiros em carros começaram a afligir Bhimasena, ó rei, como os sete planetas afligindo a lua na hora da dissolução universal. O filho de Kunti, então, ó monarca, esticando seu arco belo com grande força e aperto firme, e sabendo que seus inimigos eram somente homens, mirou sete flechas. E o senhor Bhima com grande raiva disparou neles aquelas flechas, refulgentes como raios solares. De fato, Bhimasena se lembrando de suas ofensas antigas, disparou aquelas flechas como se para extrair a vida dos corpos daqueles teus filhos. Aquelas flechas, ó Bharata, afiadas em pedra e providas de asas de ouro, disparadas por Bhimasena, atravessando os corpos daqueles príncipes Bharata, voaram para o céu. De fato, aquelas flechas aladas com ouro, atravessando os corações de teus filhos, pareciam belas, ó monarca, quando elas percorreram o céu, como aves de plumagem excelente. Decoradas com ouro e totalmente cobertas com sangue, aquelas flechas, ó rei, bebendo o sangue de teus filhos saíram do corpo deles. Perfurados em seus membros vitais por aquelas flechas, eles caíram de seus carros sobre o chão, como árvores altas crescidas em precipícios de montanha, quebradas por um elefante. Os sete filhos teus que foram mortos dessa maneira eram Satrunjaya, e Satrusaha, e Chitra, e Chitrayudha, e Dridha, e Chitrasena e Vikarna. Entre todos os teus filhos mortos dessa maneira, Vrikodara, o filho de Pandu, sofreu amargamente de tristeza por Vikarna que era querido para ele. E Bhima disse, 'Esse mesmo foi o voto feito por mim, isto é, que todos vocês seriam mortos por mim em batalha. É por isso, ó Vikarna, que tu foste morto. Meu voto

tem sido cumprido. Ó herói, tu vieste para a batalha, mantendo em mente os deveres de um Kshatriya. Tu estavas sempre empenhado em nosso bem, e especialmente naquele do rei (nosso irmão mais velho). Mal é apropriado, portanto, para mim me afligir por tua pessoa ilustre.' Tendo matado aqueles príncipes, ó rei, na própria vista do filho de Radha, o filho de Pandu proferiu um rugido leonino terrível. Aquele grito alto do heróico Bhima, ó Bharata, informou o rei Yudhishthira o justo de que a vitória naquela batalha era dele. De fato, ouvindo aquele tremendo grito de Bhima armado com o arco, o rei Yudhishthira sentiu grande alegria no meio daquela batalha. O satisfeito filho de Pandu, então, ó rei, recebeu aquele grito leonino de seu irmão com sons e outros instrumentos musicais. E depois que Vrikodara tinha enviado a ele aquela mensagem por meio do sinal combinado, Yudhishthira, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, cheio de alegria, avançou contra Drona em batalha. Por outro lado, ó rei, vendo trinta e um dos teus filhos mortos, Duryodhana se lembrou das palavras de Vidura. 'Aquelas palavras benéficas faladas por Vidura são agora concretizadas!' Pensando assim, o rei Duryodhana não pode fazer o que ele devia. Tudo o que, durante a partida com dados, teu filho insensato e perverso, com Karna (ao seu lado), disse para a princesa de Panchala fazendo ela ser levada para a assembléia, todas as palavras cruéis, além disso, que Karna disse para Krishna, no mesmo lugar, diante de ti, ó rei, e dos filhos de Pandu, na tua audição e naquela de todos os Kurus, isto é, 'Ó Krishna, os Pandavas estão perdidos e afundaram no inferno eterno, portanto, escolha outros maridos', ai, o resultado de tudo aquilo está agora se manifestando. Naquele tempo, além disso, ó tu da linhagem de Kuru, diversas palavras rudes, tais como sementes de gergelim sem núcleo, etc., foram aplicadas por teus filhos coléricos àqueles de grande alma, os filhos de Pandu. Bhimasena, vomitando o fogo da fúria (o qual aquelas palavras enfureceram) e que ele tinha reprimido por treze anos, está agora executando a destruição de teus filhos. Lamentando copiosamente, Vidura fracassou em te persuadir em direção à paz. Ó chefe dos Bharatas, sofra o resultado de tudo aquilo com teus filhos. Tu és idoso, paciente, e capaz de prever as consequências de todas as ações. Sendo assim, quando tu ainda te recusaste a seguir os conselhos de teus benquerentes, parece que tudo isso é o resultado do destino. Não te aflija, ó tigre entre homens! Tudo isso é teu grande erro. Na minha opinião, tu mesmo és a causa da destruição de teus filhos. Ó monarca, Vikarna caiu, e Chitrasena também de grande coragem. Muitos outros poderosos guerreiros em carros e alguns principais entre os teus filhos também caíram. Outros, além disso, entre teus filhos a quem Bhima viu entrar dentro do alcance de sua visão, ó de braços fortes, ele matou em um instante. É somente por tua causa que eu tive que ver nossa formação de combate oprimida aos milhares por meio das flechas disparadas pelo filho de Pandu, Bhima e Vrisha (Karna)!'"

137

"Dhritarashtra disse, 'Ó Suta, ó Sanjaya, este resultado penoso que agora nos alcançou é, eu penso, certamente devido à minha má política. Eu tinha até agora

pensado naquilo que é passado. Mas, ó Sanjaya, que medidas eu devo adotar agora? Eu estou agora mais uma vez calmo, ó Sanjaya, portanto, me conte como esse massacre de heróis está continuando, tendo minha má política como sua causa.'"

"Sanjaya disse, 'De fato, ó rei, Karna e Bhima, ambos dotados de grande destreza, continuaram naquela batalha a despejar suas chuvas de flechas como duas nuvens carregadas de chuva. As flechas, aladas com ouro e afiadas em pedra e marcadas com o nome de Bhima, se aproximando de Karna, penetraram em seu corpo, como se perfurando sua própria vida. Similarmente, Bhima também, naquela batalha foi coberto pelas flechas de Karna às centenas e milhares, parecendo cobras de veneno virulento. Com suas flechas, ó rei, caindo por todos os lados, uma agitação foi produzida entre as tropas parecendo aquela do próprio oceano. Muitos foram os combatentes, ó castigador de inimigos, na tua hoste que foram privados de vida por flechas, parecendo cobras de veneno virulento disparadas do arco de Bhima. Coberto com elefantes e corcéis caídos misturados com os corpos de homens, o campo de batalha parecia com um (campo) coberto com árvores quebradas por uma tempestade. Massacrados em batalha pelas flechas do arco de Bhima, teus guerreiros fugiram, dizendo 'O que é isso?' De fato, aquela hoste dos Sindhus, dos Sauviras, e dos Kauravas, atormentada pelas flechas impetuosas de Karna e Bhima, foi removida para uma grande distância. O restante daqueles bravos soldados, com seus corcéis e elefantes mortos, deixando a vizinhança de Karna e Bhima, fugiram em todas as direções. (E eles gritaram), 'Realmente, por causa dos Parthas, os deuses estão nos entorpecendo, já que aquelas flechas disparadas por Bhima e Karna estão matando nossas tropas.' Dizendo essas palavras, aquelas tuas tropas afligidas com medo evitando o alcance das flechas (de Karna e Bhima), permaneceram a uma distância para testemunhar aquele combate. Então, sobre o campo de batalha lá começou a fluir um rio terrível aumentando a alegria dos heróis e os medos dos tímidos. E ele era causado pelo sangue de elefantes e cavalos e homens. E coberto com as formas sem vida de homens e elefantes e corcéis, com mastros de bandeira e fundos de carros, com os adornos de carros e elefantes e corcéis, com carros quebrados e rodas e Akshas e Kuveras, com arcos de vibração alta ornados com ouro, e flechas com asas de ouro e setas às milhares, disparadas por Karna e Bhima, parecendo cobras recém libertadas de suas peles, com inúmeras lanças e arpões e cimitarras e machados de batalha, com maças e clavas e machados, todos adornados com ouro, com estandartes de diversas formas, e dardos e clavas com ferrões, e com belos Sataghnis, o solo, ó Bharata, parecia resplandecente. E completamente coberto com brincos e colares de ouro e braceletes soltos (de pulsos), e anéis, e pedras preciosas usadas em diademas e coroas, e proteções para a cabeça, e ornamentos dourados de diversos tipos, ó majestade, e cotas de malha, e proteções de couro, e laços de elefantes, e guarda-sóis deslocados (de seus lugares) e rabos de iaque, e leques, e com os corpos perfurados de elefantes e corcéis e homens, com flechas tingidas de sangue, e com diversos outros objetos, espalhados em volta e soltos de seus lugares, o campo de batalha parecia resplandecente como o firmamento coberto com estrelas. Contemplando os feitos extraordinários, inconcebíveis, e sobre-

humanos daqueles dois guerreiros, os Charanas e os Siddhas estavam muito surpresos. Como uma ardente conflagração, tendo o vento como seu aliado, percorre uma pilha (estendida) de grama seca, assim mesmo o filho de Adhiratha, envolvido em combate com Bhima, corria ferozmente naquela batalha. (Isto é, Karna e Bhima eram como fogo e vento.) Ambos derrubaram inúmeros estandartes e carros e mataram corcéis e homens e elefantes, como um par de elefantes esmagando uma floresta de juncos enquanto empenhados em lutar um com o outro. Tua hoste parecia com uma massa de nuvens, ó rei, de homens, e grande foi a carnificina causada naquela batalha por Karna e Bhima.'"

138

"Sanjaya disse, 'Então Karna, ó rei, perfurando Bhima com três flechas, despejou inúmeras flechas belas sobre ele. O poderosamente armado Bhimasena, o filho de Pandu, embora atingido dessa maneira pelo filho de Suta, não mostrou sinais de dor mas permaneceu inalterável como uma colina perfurada (por flechas). Em retorno, ó majestade, naquela batalha, ele perfurou Karna profundamente na orelha com uma flecha farpada, esfregada com óleo, muito afiada, e de têmpera excelente. (Com aquela flecha) ele derrubou no chão o grande e belo brinco de Karna. E ele caiu, ó monarca, como um corpo luminoso brilhante de grande refulgência do firmamento. Excitado com cólera, Vrikodara, então, sorrindo, perfurou profundamente o filho de Suta no centro do peito com outra flecha de cabeça larga. E mais uma vez, ó Bharata, Bhima de braços fortes disparou rapidamente naquela batalha dez flechas longas que pareciam com cobras de veneno virulento recém libertadas de suas peles. Disparadas por Bhima, aquelas flechas, ó majestade, atingindo a testa de Karna, entraram nela como cobras entrando em um formigueiro. Com aquelas flechas fincadas em sua testa, o filho de Suta parecia belo, como ele parecia antes, quando sua fronte tinha sido circundada com uma coroa de lotos azuis. Profundamente perfurado pelo filho ativo de Pandu, Karna, se escorando no Kuxara de seu carro, fechou seus olhos. Logo, no entanto, recuperando os sentidos, Karna, aquele opressor de inimigos, com seu corpo banhado em sangue, ficou louco de raiva (literalmente, reuniu toda sua raiva). Enfurecido por ser afligido dessa maneira, aquele arqueiro firme Karna, dotado de grande impetuosidade, avançou ferozmente em direção ao carro de Bhimasena. Então, ó rei, o poderoso e colérico Karna, enlouquecido de raiva, atirou em Bhimasena, ó Bharata, cem flechas aladas com penas de urubu. O filho de Pandu, no entanto, desconsiderando seu inimigo e desprezando sua energia, começou a disparar chuvas de flechas ardentes nele. Então Karna, ó rei, excitado com raiva, ó opressor de inimigos, atingiu o filho de Pandu, aquela encarnação da ira com nove setas no peito. Então ambos aqueles tigres entre homens (armados com setas e, portanto), parecendo um par de tigres com dentes ameaçadores, despejaram um sobre o outro, naquela batalha, suas chuvas de flechas, como duas imensas massas de nuvens. Eles procuraram amedrontar um ao outro naquela batalha com os sons de suas palmas e com chuvas de flechas de diversos tipos. Excitado com raiva, cada um procurou naquela batalha neutralizar

os feitos um do outro. Então aquele matador de heróis hostis, Bhima de braços fortes, ó Bharata, cortando, com uma flecha de face de navalha, o arco do filho de Suta, proferiu um grito alto. Rejeitando aquele arco quebrado, o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro, pegou outro arco que era mais forte e mais resistente. Contemplando aquele massacre dos heróis Kuru, Sauvira, e Sindhu, e observando que a terra estava coberta com cotas de malha e estandartes e armas espalhadas, e também vendo as formas sem vida de elefantes, soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros por todos os lados, o corpo do filho de Suta, de raiva, inflamou-se com refulgência. Esticando seu arco formidável, ornado com ouro, o filho de Radha, ó rei, olhou Bhima com olhares coléricos. Enfurecido, o filho de Suta, enquanto disparava suas flechas, parecia brilhante como o sol outonal de raios deslumbrantes ao meio dia. Enquanto empenhado com suas mãos em pegar uma flecha, fixá-la na corda do arco, esticar a corda do arco e dispará-la, ninguém podia notar qualquer intervalo entre aquelas ações. E enquanto Karna estava assim empenhado em disparar suas flechas para a direita e para a esquerda, seu arco constantemente esticado a um círculo, como um círculo terrível de fogo, as flechas de pontas afiadas, equipadas com asas de ouro, disparadas do arco de Karna, cobriram, ó rei, todos os pontos do horizonte, escurecendo a própria luz do sol. Inúmeros enxames eram vistos, no céu, daquelas flechas providas de asas de ouro, disparadas do arco de Karna. De fato, as flechas disparadas do arco do filho de Adhiratha pareciam com fileiras de grous no céu. As flechas que o filho de Adhiratha disparava eram todas equipadas com penas de urubu, afiadas em pedra, decoradas com ouro, dotadas de grande ímpeto, e providas de pontas brilhantes. Impelidas pela força de seu arco, aquelas flechas impulsionadas por Karna, enquanto corriam às milhares pelo céu pareciam belas como bandos sucessivos de gafanhotos. As flechas disparadas do arco do filho de Adhiratha, enquanto elas percorriam o céu, pareciam com uma flecha longa continuamente desenhada no céu. Como uma nuvem cobrindo uma montanha com torrentes de chuva, Karna com raiva cobriu Bhima com chuvas de flechas. Então teus filhos, ó Bharata, com suas tropas, viram o poder, energia, destreza e perseverança de Bhima, pois o último, desconsiderando aquela chuva de flechas, parecendo o mar furioso, avançou enfurecido contra Karna. Bhima, ó monarca, estava armado com um arco formidável, o verso de cuja vara era ornado com ouro. Ele o esticava tão rapidamente que ele parecia com um segundo arco de Indra, incessantemente estirado a um círculo. Flechas saídas continuamente dele pareciam encher o céu. Com aquelas flechas retas, equipadas com asas de ouro, disparadas por Bhima, uma linha contínua foi feita no céu que parecia refulgente como uma guirlanda de ouro. Então aquelas chuvas de flechas (de Karna) espalhadas no céu, atingidas por Bhimasena com suas flechas, eram dispersas em frações e caíram no chão. Então o céu estava coberto com aquelas chuvas de flechas de asas de ouro e de curso rápido, de ambos, Karna e Bhimasena, que produziam faíscas de fogo quando elas se chocavam umas contra as outras. O próprio sol foi então encoberto, e o próprio vento parou de soprar. De fato, quando o céu estava coberto dessa maneira por aquelas chuvas de flechas, nada podia ser visto. Então o filho de Suta, desconsiderando a energia de Bhima de grande alma, cobriu Bhima completamente com outras flechas e se esforçou para levar a melhor sobre ele. Então, ó majestade, aquelas chuvas de

flechas disparadas por ambos pareciam colidir umas contra as outras como duas correntes opostas de vento. E por causa daquele choque das chuvas de flechas daqueles dois leões entre homens, um incêndio, ó chefe dos Bharatas, pareceu ser gerado no céu. Então Karna, desejoso de matar Bhima, disparou nele com raiva muitas flechas afiadas providas de asas de ouro e polidas pelas mãos do ferreiro. Bhima, no entanto, cortou com suas próprias flechas cada uma daquelas flechas em três fragmentos, e levando a melhor sobre o filho de Suta, ele gritou, 'Espere, Espere.' E o colérico e poderoso filho de Pandu, como um incêndio todo consumidor, mais uma vez disparou furiosamente chuvas de flechas ardentes. E então por causa de suas proteções de couro batendo contra as cordas de seus arcos, sons altos foram gerados. E alto também tornou-se o som de suas palmas, e terríveis seus gritos leoninos, e violento o estrépito das rodas de seus carros e a vibração das cordas de seus arcos. E todos os combatentes, ó rei, pararam de lutar, desejosos de ver a destreza de Karna e do filho de Pandu, cada um dos quais estava desejoso de matar o outro. E os Rishis celestes e Siddhas e Gandharvas os aplaudiram, dizendo, "Excelente, Excelente!' E as tribos de Vidyadharas despejavam chuvas de flores sobre eles. Então o colérico e poderosamente armado Bhima de destreza impetuosa, desviando com suas próprias armas as armas de seu inimigo, perfurou o filho de Suta com muitas flechas. Karna também, dotado de grande poder, frustrando as flechas de Bhimasena, disparou nele nove flechas compridas naquela batalha. Bhima, no entanto, com o mesmo número de flechas, cortou aquelas flechas do filho de Suta no céu e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere!' Então o heróico Bhima de braços fortes, cheio de raiva, disparou no filho de Adhiratha uma flecha parecendo a vara de Yama ou da própria Morte. O filho de Radha, no entanto, sorrindo, cortou aquela flecha, ó rei, do filho de Pandu, no entanto, de destreza formidável, com três flechas suas, enquanto ela corria em direção a ele pelo céu. O filho de Pandu então mais uma vez disparou chuvas de flechas ardentes. Karna, no entanto, recebeu destemidamente todas aquelas flechas de Bhima. Então excitado com raiva, o filho de Suta, Karna, pelo poder de suas armas, com suas flechas retas, cortou naquele combate o par de aljavas e a corda do arco do combatente Bhima, como também os tirantes de seus corcéis. E então matando seus corcéis também, Karna perfurou o quadrigário de Bhima com cinco flechas. O quadrigário, fugindo rapidamente, foi para o carro de Yudhamanyu. Excitado com raiva, o filho de Radha então, cujo esplendor parecia aquele do fogo Yuga, sorrindo, cortou o mastro de bandeira de Bhima e derrubou seu estandarte. Privado de seu arco, Bhima de braços fortes então agarrou um dardo, tal como guerreiros em carros podem usar. Cheio de cólera, ele girou-o em sua mão e então arremessou-o com grande força no carro de Karna. O filho de Adhiratha então, com dez flechas, cortou, enquanto corria em direção a ele com a refulgência de um meteoro grande, o dardo enfeitado com ouro assim arremessado (por Bhima). Nisso aquele dardo caiu, cortado em dez fragmentos por aquelas flechas afiadas do filho de Suta, Karna, aquele guerreiro conhecedor de todos os modos de guerra, então lutando por causa de seus amigos. Então, o filho de Kunti pegou um escudo decorado com ouro e uma espada, desejoso de obter ou a morte ou a vitória. Karna, no entanto, ó Bharata, sorrindo, cortou aquele escudo brilhante de Bhima com muitas flechas ardentes. Então, sem carro, Bhima, ó rei, privado de seu escudo, ficou

louco de raiva. Rapidamente, então, ele arremessou sua formidável espada no carro de Karna. Aquela espada grande, cortando o arco encordoado do filho de Suta, caiu no chão, ó rei, como uma cobra zangada do céu. Então o filho de Adhiratha, excitado com raiva naquela batalha, sorridente pegou outro arco destrutivo de inimigos, tendo uma corda mais forte, e mais resistente do que aquele que ele tinha perdido. Desejoso de matar o filho de Kunti, Karna então começou a disparar milhares de flechas, ó rei, equipadas com asas de ouro e dotadas de grande energia. Atingido por aquelas flechas disparadas do arco de Karna, o poderoso Bhima saltou ao céu, enchendo o coração de Karna de angústia. Vendo a conduta de Bhima em batalha desejoso de vitória, o filho de Radha o enganou por se esconder em seu carro. Vendo Karna se escondendo com o coração agitado no terraço de seu carro, Bhima agarrando o mastro de bandeira de Karna, esperou no chão. Todos os Kurus e os Charanas aplaudiram muito aquela tentativa de Bhima de arrebatar Karna de seu carro, como Garuda arrebatando uma cobra. Seu arco cortado, ele mesmo privado de seu carro, Bhima, cumpridor dos deveres de sua classe, permaneceu parado para lutar, mantendo seu carro (quebrado) atrás dele. O filho de Radha, então, de raiva, naquele combate, procedeu contra o filho de Pandu que estava esperando para lutar. Então aqueles dois poderosos guerreiros, ó rei, desafiando um ao outro enquanto eles se aproximavam, aqueles dois touros entre homens, rugiram um para o outro, como nuvens no término do verão. E o duelo que então ocorreu entre aqueles dois leões entre homens envolvidos em combate que não podiam tolerar um ao outro em batalha parecia aquele de antigamente entre os deuses e os Danavas. O filho de Kunti, no entanto, cujo estoque de armas estava esgotado, foi (obrigado a recuar) perseguido por Karna. Vendo os elefantes, enormes como colinas que tinham sido mortos por Arjuna, jazendo (perto), Bhimasena desarmado entrou no meio deles, para impedir o progresso do carro de Karna. Aproximando-se daquela multidão de elefantes e chegando no meio daquela fortaleza que era inacessível para um carro, o filho de Pandu, desejoso de salvar sua vida, se absteve de atacar o filho de Radha. Desejoso de se proteger, aquele subjugador de cidades hostis, o filho de Pritha, erguendo um elefante que tinha sido morto por Dhananjaya com suas flechas, esperou lá, como Hanumat erguendo o pico de Gandhamadana. (Alusão à remoção de Gandhamadana por Hanumat para a cura de Lakshmana). Karna, no entanto, com suas flechas, cortou aquele elefante segurado por Bhima. O filho de Pandu, nisso, jogou em Karna os fragmentos do corpo daquele elefante como também rodas de carro e cavalos. Realmente, todos os objetos que ele viu espalhados lá no campo, o filho de Pandu, excitado com raiva, pegou e arremessou em Karna. Karna, no entanto, com suas flechas afiadas, cortou cada um daqueles objetos assim jogados nele. Bhima também, erguendo seus punhos ameaçadores que eram dotados da força do trovão, desejou matar o filho de Suta. Logo, no entanto, ele se lembrou do voto de Arjuna. O filho de Pandu, portanto, embora competente, poupou a vida de Karna, pelo desejo de não falsificar o voto que Savyasachin tinha feito. O filho de Suta, no entanto, com suas flechas afiadas, repetidamente fez o aflito Bhima perder os sentidos. Mas Karna, se lembrando das palavras de Kunti, não tirou a vida do desarmado Bhima. Aproximando-se rapidamente Karna tocou-o com o corno de seu arco. Logo, no entanto, que Bhimasena foi tocado com o arco, excitado com

raiva e suspirando como uma cobra, ele tirou o arco de Karna e o atingiu com ele na cabeça. Golpeado por Bhimasena, o filho de Radha, com olhos vermelhos de raiva, sorrindo, disse repetidamente para ele essas palavras, 'Eunuco imberbe, tolo ignorante e glutão!' E Karna disse, 'Sem habilidade com armas, não lute comigo. Tu és somente uma criança, um preguiçoso em batalha! Lá, filho de Pandu, onde se acha uma profusão de comestíveis e bebida, lá, ó patife, tu deves estar mas nunca em batalha. Subsistindo de raízes, flores, e cumpridor de votos e austeridades, tu, ó Bhima, deves passar teus dias nas florestas pois tu és inábil em batalha. Grande é a diferença entre combate e o austero modo de vida de um Muni. Portanto, ó Vrikodara, te retire para as florestas. Ó criança, tu não és qualificado para estar envolvido em batalha. Tu tens uma aptidão para uma vida nas florestas. Incitando cozinheiros e empregados e escravos na casa à rapidez, tu és qualificado somente para reprová-los com raiva por causa do teu jantar, ó Vrikodara! Ó Bhima, ó tu de intelecto tolo, dirigindo-te para o modo de vida de um Muni, colha frutas (para tua alimentação). Vá para as florestas, ó filho de Kunti, pois tu não és hábil em batalha. Empenhado em cortar frutas e raízes ou em servir convidados, tu és inepto, eu penso, para tomar parte, ó Vrikodara, em qualquer duelo.' E, ó monarca, todas as injúrias feitas para ele em seus anos mais jovens, foram também lembradas por Karna em palavras cruéis. E enquanto ele permanecia lá em fraqueza, Karna mais uma vez o tocou com o arco. E rindo ruidosamente, Vrisha disse novamente a Bhima essas palavras, 'Tu deves lutar com outros, ó senhor, mas nunca com alguém como eu. Aqueles que lutam com pessoas como nós tem que passar por isso e mais! Vá para lá onde os dois Krishnas estão! Eles te protegerão em batalha. Ou, ó filho de Kunti, vá para casa, pois, uma criança como tu és, que interesse tu tens na batalha?' Ouvindo aquelas palavras duras de Karna, Bhimasena deu uma risada alta e dirigindo-se a Karna disse a ele essas palavras na audição de todos, 'Ó indivíduo perverso, repetidamente tu foste derrotado por mim. Como tu podes perder-te, então, em tal jactância ociosa? Nesse mundo os antigos testemunharam a vitória e derrota do próprio grande Indra. Ó tu de ascendência ignóbil, envolva-te comigo em um combate desportivo com braços nus. Assim como eu matei o poderoso Kichaka de corpo gigantesco, eu então te matarei na própria visão de todos os reis.' Compreendendo os motivos de Bhima, Karna, aquele principal dos homens inteligentes, se absteve daquele combate na própria vista de todos os arqueiros. De fato, tendo feito Bhima ficar sem carro, Karna, ó rei, reprovou-o em tal linguagem vaidosa diante dos olhos daquele leão entre os Vrishnis (Krishna) e de Partha de grande alma. Então ele de estandarte de macaco (Arjuna), incitado por Kesava, disparou no filho de Suta, ó rei, muitas flechas afiadas em pedra. Aquelas flechas adornadas com ouro, disparadas pelos braços de Partha e emergindo do Gandiva, entraram no corpo de Karna, como garças nas montanhas Krauncha. Com aquelas flechas disparadas do Gandiva as quais entraram no corpo de Karna como muitas cobras, Dhananjaya afastou o filho de Suta da vizinhança de Bhimasena. Seu arco cortado por Bhima, e ele mesmo atormentado pelas flechas de Dhananjaya, Karna fugiu rapidamente de Bhima em seu carro excelente. Bhimasena também, ó touro entre homens, subindo no carro de Satyaki, procedeu naquela batalha na esteira de seu irmão Savyasachin, o filho de Pandu. Então Dhananjaya, com olhos vermelhos de raiva, visando Karna, rapidamente disparou

uma flecha como o próprio Destruidor incitando adiante a própria Morte. Aquela flecha disparada do Gandiva, como Garuda no céu em busca de uma cobra poderosa, correu rapidamente em direção a Karna. O filho de Drona, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, com uma flecha alada dele, cortou-a no meio do ar, desejoso de resgatar Karna do temor de Dhananjaya. Então Arjuna, excitado com cólera, perfurou o filho de Drona com sessenta e quatro flechas, ó rei, e dirigindo-se a ele, disse, 'Não fuja, ó Aswathaman, mas espere um momento.' O filho de Drona, no entanto, afligido pelas flechas de Dhananjaya, entrou rapidamente em uma divisão do exército Kaurava que abundava com elefantes enfurecidos e estava cheia de carros. O filho poderoso de Kunti, então, com a vibração do Gandiva, abafou o barulho feito naquela batalha por todas as outras vibrações de arcos, de varas ornadas com ouro. Então, o poderoso Dhananjaya seguiu atrás do filho de Drona que não tinha recuado para uma grande distância, amedrontando-o todo o caminho com suas flechas. Perfurando com suas flechas, aladas com as penas de Kankas e pavões, os corpos de homens e elefantes e corcéis, Arjuna começou a oprimir aquela tropa. De fato, ó chefe dos Bharatas, Partha, o filho de Indra, começou a exterminar aquela hoste cheia de cavalos e elefantes e homens.'"

139

"Dhritarashtra disse, 'Dia a dia, ó Sanjaya, minha fama resplandecente está sendo escurecida. Muitíssimos guerreiros meus tem morrido. Eu penso que tudo isso é devido ao reverso ocasionado pelo tempo. Dhananjaya, excitado com raiva, penetrou na minha hoste que é protegida pelo filho de Drona e Karna e que, portanto, é incapaz de ser penetrada pelos próprios deuses. Unido com aqueles dois de energia ardente, Krishna e Bhima, como também com aquele touro entre os Sinis, sua bravura foi aumentada. Desde que eu soube da entrada de Dhananjaya a angústia está consumindo meu coração, como fogo consumindo uma pilha de grama seca. Eu vejo que todos os reis da terra com o soberano dos Sindhus entre eles são afetados por mau destino. Tendo feito um grande mal para ele ornado com diadema (Arjuna), como pode o soberano dos Sindhus, se ele cair dentro da visão de Arjuna, salvar sua vida? A julgar pela inferência circunstancial, eu vejo, ó Sanjaya, como pode o soberano dos Sindhus, se ele cair dentro da visão de Arjuna, salvar sua vida? A julgar pela inferência circunstancial, eu vejo, ó Sanjaya, que o soberano dos Sindhus já está morto. Conte-me, no entanto, realmente como a batalha prosseguiu. Tu és hábil em narração, ó Sanjaya, diga-me realmente como o herói Vrishni Satyaki lutou, que se esforçando resolutamente por causa de Dhananjaya entrou sozinho com raiva na tropa vasta, perturbando-a e agitando-a repetidamente, como um elefante mergulhando em um lago coberto com lotos.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele principal dos homens, isto é, Bhima, prosseguir, afligido pelas flechas Karna no meio, ó rei, de muitos heróis, aquele guerreiro principal entre os Sinis seguiu-o em seu carro. Rugindo como as nuvens no fim do verão, e brilhante como o sol outonal, ele começou a massacrar com seu arco

formidável a hoste do teu filho, fazendo-a tremer repetidamente. E enquanto o principal da linhagem de Madhu, ó Bharata, prosseguia dessa maneira pelo campo em seu carro, puxado por corcéis de cor prata e ele mesmo rugindo terrivelmente, ninguém entre teus guerreiros podia deter seu progresso. Então aquele mais notável dos reis, Alamvusha, cheio de raiva, que nunca se retirava da batalha, armado com arco, e vestido em uma cota de malha dourada avançando rapidamente, impediu o progresso de Satyaki, aquele principal guerreiro da linhagem de Madhu. O combate, então, ó Bharata, que ocorreu entre eles foi tal que seu semelhante nunca tinha havido. Todos os teus guerreiros e o inimigo, se abstendo da luta, tornaram-se espectadores daquele combate entre aqueles dois ornamentos de batalha. Então aquele principal dos reis, isto é, Alamvusha atacou violentamente Satyaki com dez flechas. Aquele touro da raça Sini, no entanto, com flechas, cortou todas aquelas flechas antes que elas pudessem alcançá-lo. E mais uma vez, Alamvusha atingiu Satyaki com três flechas afiadas providas de belas asas, brilhantes como fogo, e disparadas de seu arco puxado até a orelha. Aquelas (flechas) atravessando a cota de malha de Satyaki, penetraram em seu corpo. Tendo perfurado o corpo de Satyaki com aquelas flechas afiadas e brilhantes, dotadas da força do fogo ou do vento, Alamvusha atingiu violentamente os quatro corcéis de Satyaki, brancos como prata, com quatro outras flechas. O neto de Sini, dotado de grande energia e coragem semelhante àquela do (próprio Kesava), o portador do disco, assim atingido por ele, matou com quatro flechas de grande impetuosidade os quatro corcéis de Alamvusha. Ele então cortou a cabeça (de Alamvusha), bela como a lua cheia e enfeitada com brincos excelentes com uma flecha de cabeça larga, ardente como o fogo Yuga. Tendo matado aquele descendente de muitos reis em batalha, aquele touro entre os Yadus, aquele herói capaz de subjugar hostes hostis, procedeu em direção a Arjuna, ó rei, resistindo, enquanto ele prosseguia, às tropas do inimigo. De fato, ó rei, movendo-se rapidamente no meio do inimigo, o herói Vrishni, enquanto prosseguindo na esteira (de Arjuna), era visto repetidamente destruir com suas flechas a hoste Kuru, como o furacão dispersando massas de nuvens reunidas. Para onde quer que aquele leão entre homens desejasse ir, para lá ele era levado por aqueles seus corcéis excelentes da raça Sindhu, bem domados, dóceis, brancos como leite da flor Kunda ou a lua ou neve, e enfeitados com arreios ricamente enfeitados. Os guerreiros (Kuru seguiram) Duhsasana, seu comandante. Aqueles líderes de divisões, cercando o neto de Sini por todos lados naquela batalha, começaram a atacá-lo. Aquele principal entre os Satwatas, aquele herói, Satyaki também, resistiu a eles todos com chuvas de flechas. Detendo-os todos rapidamente por meio de suas flechas ardentes, aquele matador de inimigos, o neto de Sini, erguendo seu arco violentamente, ó Ajamida, matou os corcéis de Duhsasana. Então, Arjuna e Krishna, vendo aquele principal dos homens, (Satyaki) naquela batalha, ficaram cheios de alegria."'

140

"Sanjaya disse, 'Então os grandes arqueiros do país Trigarta possuindo estandartes adornados com ouro, cercaram por todos os lados o poderosamente armado Satyaki, aquele guerreiro que realizava com grande energia tudo o que exigia realização e que, tendo entrado naquela hoste, ilimitada como o mar, estava avançando contra o carro de Duhsasana pelo desejo do sucesso de Dhananjaya. Impedindo seu progresso com uma grande multidão de carros por todos os lados, aqueles grandes arqueiros, excitados com raiva, o cobriram com chuvas de flechas. Tendo entrado no meio do exército Bharata o qual parecia um mar sem costa, e que, cheio do som de palmas abundava com espadas e dardos e maças, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, derrotou sozinho seus inimigos, aqueles cinquenta príncipes (Trigarta) resplandecendo brilhantemente naquela batalha. Naquela ocasião nós vimos que a conduta do neto de Sini em batalha era muito extraordinária. Tão grande era a agilidade (de seus movimentos) que tendo visto ele no oeste, nós imediatamente o víamos no leste. Norte, sul, leste, oeste, e nas outras direções secundárias, aquele herói parecia se mover de modo dançante, como se ele compreendesse cem guerreiros em sua única pessoa. Observando aquela conduta de Satyaki, dotado do andar esportivo do leão, os guerreiros Trigarta, incapazes de suportar sua bravura fugiram em direção (à divisão de) seus próprios (compatriotas). Então os bravos guerreiros dos Surasenas se esforçaram para deter Satyaki, atacando-o com chuvas de flechas, como um condutor golpeando um elefante enfurecido com o gancho. Satyaki de grande alma lutou com eles por um curto espaço de tempo e então aquele herói de destreza inconcebível começou a lutar com os Kalingas. Ultrapassando aquela divisão dos Kalingas a qual era incapaz de ser cruzada, o poderosamente armado Satyaki se aproximou da presença de Dhananjaya, o filho de Pritha. Como um nadador cansado na água quando ele alcança a terra, Yuyudhana ficou confortado ao obter a visão de Dhananjaya, aquele tigre entre homens. Vendo ele se aproximar, Kesava, dirigindo-se a Partha, disse, 'Lá vem o neto de Sini, ó Partha, seguindo em tua esteira. Ó tu de destreza incapaz de ser frustrada, ele é teu discípulo e amigo. Aquele touro entre homens, considerando todos os guerreiros como palha, os subjugou. Infligindo ferimentos terríveis nos guerreiros Kaurava, Satyaki, que é caro para ti como a vida, vem em direção a ti, ó Kiritin! Tendo com suas flechas subjugado o próprio Drona e Kritavarman da tribo Bhoja, este Satyaki vem a ti, ó Phalguna! Atento ao bem de Yudhishthira, tendo matado muitos principais dos guerreiros, o bravo Satyaki, hábil com armas, está vindo até ti, ó Phalguna! Tendo realizado o feito mais difícil no meio das tropas (Kaurava), o poderoso Satyaki, desejoso de ver-te vem a ti, ó filho de Pandu! Tendo em um único carro lutado em batalha com muitos poderosos guerreiros em carros com o preceptor (Drona) em sua dianteira, Satyaki vem até ti, ó Partha! Despachado pelo filho de Dharma, Satyaki vem até ti, ó Partha, tendo atravessado o exército Kaurava, confiando no poder de suas próprias armas. Invencível em batalha, Satyaki, que não tem nenhum guerreiro entre os Kauravas igual a ele, está vindo a ti, ó filho de Kunti! Tendo matado inúmeros guerreiros, este Satyaki vem a ti, ó Partha, libertado do meio das tropas Kaurava, como um leão do meio de um

rebanho de vacas. Tendo coberto a terra com os rostos, belos como o lótus, de milhares de reis, Satyaki está vindo até ti, ó Partha! Tendo vencido em batalha o próprio Duryodhana com seus irmãos, e tendo matado Jalasandha, Satyaki está vindo rapidamente. Tendo feito um rio de sangue como seu lodo, e considerando os Kauravas como palha, Satyaki vem em direção a ti.' O filho de Kunti, sem ficar alegre, disse essas palavras para Kesava, 'A chegada de Satyaki, ó poderosamente armado, mal é agradável para mim. Eu, ó Kesava, não sei como rei Yudhishthira o justo está. Agora que ele está separado de Satwata, eu duvido se ele está vivo; ó de braços fortes, Satyaki deveria ter protegido o rei. Por que então, ó Krishna, ele, deixando Yudhishthira seguiu em minha esteira? O rei, portanto, foi abandonado para Drona. O soberano dos Sindhus não foi morto ainda. Lá, Bhurisravas está procedendo contra Satyaki em batalha. Uma carga mais pesada foi jogada sobre mim por conta de Jayadratha. Eu devo saber como o rei está e eu devo também proteger Satyaki. Eu devo também matar Jayadratha. O sol pende baixo. Com relação a Satyaki de braços fortes, ele está cansado; suas armas também estão esgotadas. Seus corcéis como também seu motorista estão cansados, ó Madhava! Bhurisravas, por outro lado, não está cansado, ele tem protetores atrás dele, ó Kesava! O êxito será de Satyaki neste combate? Tendo cruzado o verdadeiro oceano, Satyaki de destreza imbatível, aquele touro entre os Sinis, de grande energia, sucumbirá, obtendo (diante dele) o vestígio do pé de uma vaca? (Isto é, o pequeno entalhe causado pelo casco de uma vaca.) Enfrentando aquele principal entre os Kurus, Bhurisravas de grande alma, hábil com armas, Satyaki terá boa sorte? Eu considero isso, ó Kesava, como um erro de julgamento da parte do rei Yudhishthira o justo. Abandonando todo o medo do preceptor, ele despachou Satyaki (para longe do seu lado). Como um falcão que percorre o céu atrás de um pedaço de carne, Drona sempre se esforça pela captura do rei Yudhishthira o justo. O rei estará livre de todo o perigo?'"

141

"Sanjaya disse, 'Vendo Satwata, invencível batalha indo (em direção a Arjuna), Bhurisravas, com raiva, ó rei, avançou subitamente em direção a ele. Ele da linhagem de Kuru, então, ó rei, dirigindo-se àquele touro da raça Sini, disse, 'Por sorte é que tu hoje estás dentro do alcance da minha visão. Hoje nessa batalha eu obtenho o desejo que eu sempre nutri. Se tu não fugires da batalha, tu não escaparás de mim com vida. Matando-te hoje em batalha, tu que és sempre orgulhoso do teu heroísmo, eu irei, ó tu da linhagem de Dasarha, alegrar o rei Kuru Suyodhana. Aqueles heróis, Kesava e Arjuna, vão hoje juntos te ver jazendo no campo de batalha, chamuscado por minhas flechas. Sabendo que tu foste morto por mim, o filho real de Dharma, que te fez penetrar nessa hoste, hoje ficará coberto de vergonha. O filho de Pritha, Dhananjaya, verá hoje minha bravura quando ele te vir morto e jazendo no chão, coberto com sangue. Este combate contigo sempre foi desejado por mim, como o combate de Sakra com Vali na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. Hoje eu te darei terrível combate, ó Satwata! Tu portanto conhecerás realmente (a medida da) minha energia, poder, e virilidade. Morto por mim em batalha, tu irás hoje para a

residência de Yama, como o filho de Ravana (Indrajit) morto por Lakshmana, o irmão mais novo de Rama. Hoje, Krishna e Partha e o rei Yudhishthira o justo, ó tu da linhagem de Madhu, testemunhando a tua morte irão, sem dúvida, ser dominados pelo desânimo e desistirão da batalha. Causando tua morte hoje, ó Madhava, com flechas afiadas, eu alegrarei as esposas de todos aqueles que foram mortos por ti em batalha. Tendo chegado dentro do âmbito da minha visão, tu não escaparás, como um pequeno veado de dentro do alcance da visão de um leão.' Ouvindo essas palavras dele, Yuyudhana, ó rei, respondeu a ele com uma risada, dizendo, 'Ó tu da linhagem de Kuru, eu nunca sou inspirado com medo em batalha. Tu não conseguirás me amedrontar somente com tuas palavras. Me matará em batalha aquele que conseguir me desarmar. Aquele que me matar em batalha matará (inimigos) por todo o tempo futuro. (Isto é, aquele que me matar será sempre vitorioso em batalha, sempre matará os guerreiros com quem ele possa estar envolvido em batalha. A derrota nunca será dele.) Qual é a utilidade tal jactância ineficiente e enfadonha em palavras? Realize em ação o que tu dizes. Tuas palavras parecem ser tão inúteis quanto o ribombo de nuvens outonais. Ouvindo, ó herói, esses teus bramidos, eu não posso reprimir minha risada. Que este combate, ó tu da linhagem de Kuru, que tem sido desejado por ti por tanto tempo, se realize hoje. Meu coração, ó senhor, inspirado como ele está com o desejo de um combate contigo, não pode suportar qualquer demora. Antes de te matar, eu não me absterei do combate, ó patife.' Repreendendo um ao outro em tais palavras, aqueles dois touros entre homens, ambos excitados com grande ira, atacaram um ao outro em batalha, desejosos de tirar a vida um do outro. Aqueles arqueiros formidáveis ambos dotados de grande poder se enfrentaram em batalha, um desafiando o outro, como dois elefantes coléricos no cio por causa de uma elefanta em seu cio. E aqueles dois castigadores de inimigos, Bhurisravas e Satyaki, despejaram um sobre o outro chuvas densas de flechas como duas massas de nuvens. Então o filho de Somadatta, tendo coberto o neto de Sini com flechas de curso rápido, mais uma vez perfurou o último, ó chefe dos Bharatas, com muitas flechas afiadas, pelo desejo de matá-lo. Tendo perfurado Satyaki com dez flechas, o filho de Somadatta disparou muitas outras flechas afiadas naquele touro entre os Sinis, pelo desejo de atingir sua destruição. Satyaki, no entanto, ó senhor, cortou, com o poder de suas armas, todas aquelas flechas afiadas de Bhurisravas, ó rei, no céu, antes que, de fato, qualquer uma delas pudesse alcançá-lo. Aqueles dois heróis, aqueles dois guerreiros que aumentavam o renome dos Kurus e dos Vrishnis respectivamente, ambos de linhagem nobre, despejaram um sobre o outro suas chuvas de flechas. Como dois tigres lutando com suas garras ou dois elefantes enormes com suas presas eles mutilaram um ao outro com flechas e dardos, tais como guerreiros em carros podem usar. Mutilando os membros um do outro, e com sangue saindo de seus ferimentos, aqueles dois guerreiros se engajaram em uma competição na qual suas vidas estavam em jogo, e reprimiram e confundiram um ao outro. Aqueles heróis de feitos excelentes, aqueles aumentadores da fama dos Kurus e dos Vrishnis, lutaram dessa maneira entre si, como dois líderes de manadas de elefantes. De fato, aqueles guerreiros, ambos cobiçando a região mais elevada, ambos nutrindo o desejo de alcançar logo a região de Brahman, rugiram dessa maneira um para o outro. De fato, Satyaki e o filho de Somadatta continuaram a cobrir um ao outro

com suas chuvas de flechas na vista dos Dhartarashtras cheios de alegria. E as pessoas lá testemunharam aquele combate entre aqueles dois principais dos guerreiros que estavam lutando como dois líderes de manadas de elefantes por uma elefanta no cio. Então cada um matando os corcéis do outro e cortando o arco do outro, aqueles combatentes sem carro se enfrentaram com espadas em uma luta terrível. Pegando dois escudos belos e grandes e brilhantes feitos de pele de touro, e duas espadas desembainhadas, eles se movimentaram rapidamente sobre o campo. Aproximando-se em círculos e em diversos outros tipos de direções devidamente, aqueles opressores de inimigos excitados com raiva frequentemente atacaram um ao outro. Armados com espadas, vestidos em armadura brilhante, ornados com couraças e Angadas, aqueles dois guerreiros famosos mostraram diversos tipos de movimento. Eles se movimentaram de forma circular no alto e fizeram ataques de lado, e correram em volta, e avançaram para a frente e avançaram para cima. E aqueles castigadores de inimigos começaram a golpear um ao outro com suas espadas. E cada um deles procurava avidamente a negligência do outro. E ambos aqueles heróis saltaram belamente e ambos mostraram sua habilidade naquele combate, e começaram também a dar estocadas habilidosas um no outro, e tendo atingido um ao outro, ó rei, aqueles heróis descansaram por um momento na vista de todas as tropas. Tendo com suas espadas cortado em pedaços o belo escudo um do outro, ó rei, ornado com cem luas, aqueles tigres entre homens se engajaram em uma luta corporal. Ambos tendo peitos largos, ambos tendo braços compridos, ambos bem hábeis em luta, eles se enfrentaram com seus braços de ferro que pareciam maças com ferrões. E eles bateram um no outro com seus braços, e agarraram os braços um do outro, e cada um agarrou com seus braços o pescoço do outro. E a habilidade que eles tinham adquirido por exercício contribuiu para a alegria de todos os guerreiros que permaneciam como espectadores do combate. E quando aqueles heróis lutaram entre si, ó rei, naquela batalha, altos e terríveis foram os sons produzidos por eles, parecendo a queda do trovão sobre o leito da montanha. Como dois elefantes combatendo um ao outro com a ponta de suas presas, ou como dois touros com seus chifres, aqueles dois ilustres e principais guerreiros das tribos Kuru e Satwata lutaram entre si às vezes refreando um ao outro com seus braços, às vezes golpeando um ao outro com suas cabeças, às vezes entrelaçando as pernas um do outro, às vezes batendo em seus peitos, às vezes comprimindo um ao outro com suas unhas, às vezes apertando um ao outro firmemente, às vezes enrolando suas pernas ao redor dos quadris um do outro, às vezes rolando no chão, às vezes avançando, às vezes recuando, às vezes se erguendo, e às vezes saltando para o alto. De fato, aqueles trinta e dois tipos de manobras separadas que caracterizam combates desse tipo.'"

"Quando as armas de Satwata estavam esgotadas durante seu combate com Bhurisravas, Vasudeva disse para Arjuna, 'Veja aquele principal de todos os arqueiros, Satyaki, engajado em batalha, privado de carro. Ele entrou na hoste Bharata, tendo-a atravessado, seguindo em tua esteira, ó filho de Pandu! Ele lutou com todos os guerreiros Bharata de grande energia. O doador de grandes presentes sacrificais, Bhurisravas, enfrentou aquele principal dos guerreiros enquanto cansado com fadiga. Desejoso de batalha, Bhurisravas está prestes a

entrar em conflito.' Então aquele guerreiro invencível em batalha, isto é, Bhurisravas, excitado com cólera, atacou vigorosamente Satyaki, ó rei, como um elefante enfurecido atacando um igual enfurecido. Aqueles dois principais dos guerreiros, ambos sobre seus carros, e ambos excitados com cólera, continuaram lutando, ó rei, Kesava, e Arjuna testemunhando sua luta. Então Krishna de braços fortes, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Veja, aquele tigre entre os Vrishnis e os Andhakas sucumbiu ao filho de Somadatta. Tendo realizado as mais difíceis façanhas, esgotado pelo esforço, ele foi privado de seu carro. Ó Arjuna, proteja Satyaki, teu discípulo heróico. Cuide para que aquele principal dos homens não possa, por tua causa, ó tigre entre homens, sucumbir a Bhurisravas, dedicado a sacrifícios. Ó pujante, faça depressa o que é necessário.' Dhananjaya, com o coração alegre dirigindo-se a Vasudeva, disse, 'Veja, aquele touro entre os Kurus e aquele principal entre os Vrishnis estão se divertindo um com o outro, como um elefante enorme louco de raiva se divertindo com um leão poderoso na floresta.' Enquanto Dhananjaya o filho de Pandu estava falando dessa maneira, gritos altos de 'oh' e 'ai' ergueram-se entre as tropas, ó touro da raça Bharata, já que Bhurisravas de braços fortes, se esforçando vigorosamente golpeou Satyaki e derrubou-o no chão. E como um leão arrastando um elefante, aquele principal da linhagem de Kuru, Bhurisravas, aquele doador de profusos presentes em sacrifícios, arrastando aquele principal entre os Satwatas, parecia resplandecente naquela batalha. Então Bhurisravas naquele combate, puxando sua espada da bainha, agarrou Satyaki pelo cabelo de sua cabeça e golpeou-o no peito com seus pés. Bhurisravas então estava prestes a cortar do tronco de Satyaki sua cabeça enfeitada com brincos. Por algum tempo, o herói Satwata girou rapidamente sua cabeça com o braço de Bhurisravas que a segurava pelo cabelo, como uma roda de oleiro girada com o bastão. Vendo Satwata arrastado dessa forma em batalha por Bhurisravas, Vasudeva mais uma vez, ó rei, dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Veja, aquele tigre entre os Vrishnis e os Andhakas, aquele teu discípulo, ó poderosamente armado, não inferior a ti na arte de manejar arco e flecha, não resistiu ao filho de Somadatta. Ó Partha, já que Bhurisravas está levando a melhor sobre o herói Vrishni dessa maneira, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, o próprio nome do último está prestes a ser falsificado. (Satyaki é chamado de 'Satyavikrama,' ou seja, 'de destreza verdadeira' ou 'de destreza incapaz de ser frustrada.' Se ele sofrer uma derrota hoje nas mãos de Bhurisrava, aquele título dele será falsificado.) Assim endereçado por Vasudeva o filho poderosamente armado de Pandu mentalmente reverenciou Bhurisravas naquela batalha, dizendo, 'Eu estou contente que Bhurisravas, aquele aumentador da fama dos Kurus, está arrastando Satyaki em batalha, como se em divertimento. Sem matar Satyaki, aquele principal entre os heróis da raça Vrishni, o guerreiro Kuru está somente arrastando ele como um leão forte na floresta arrastando um elefante enorme.' Mentalmente elogiando o guerreiro Kuru dessa maneira, ó rei, Arjuna de braços fortes, o filho de Pritha, respondeu para Vasudeva, dizendo, 'Meus olhos tendo se fixado (no soberano) dos Sindhus, eu não poderia, ó Madhava, ver Satyaki. Eu, no entanto, por aquele guerreiro Yadava, realizarei um feito muito difícil.' Dizendo essas palavras, em obediência a Vasudeva, o filho de Pandu fixou no Gandiva uma flecha afiada de cabeça de navalha. Aquela flecha, disparada da mão de Partha e parecendo um meteoro flamejante descendo do

firmamento, cortou o braço do guerreiro Kuru com a espada em punho e enfeitado com Angada.'"

142

"Sanjaya disse, 'Aquele braço (de Bhurisravas) enfeitado com Angada e com a espada em seu punho (assim cortado), caiu no chão para a grande aflição de todas as criaturas vivas. De fato, aquele braço, o qual era para ter cortado a própria cabeça de Satyaki, cortado pelo despercebido Arjuna, caiu rapidamente no chão, como uma cobra de cinco cabeças. O guerreiro Kuru, vendo-se incapacitado por Partha abandonou sua ação de segurar Satyaki e colericamente repreendeu o filho de Pandu.'"

"Bhurisravas disse, 'Tu, ó filho de Kunti, fizeste um ato cruel e covarde, já que sem estar envolvido em combate comigo, tu, despercebido por mim, cortaste meu braço. Tu não terás que dizer para Yudhishthira, o nobre filho de Dharma, exatamente isso, ou seja, 'Bhurisravas, enquanto ocupado de outra maneira, foi morto por mim em batalha?' Tu foste ensinado neste uso de armas por Indra de grande alma ou por Rudra, ó Partha, ou por Drona, ou por Kripa? Tu és, nesse mundo, melhor conhecedor das regras acerca do uso de armas do que todos os outros. Por que então tu cortaste em batalha o braço de um guerreiro que não estava envolvido em combate contigo? Os justos nunca atacam aquele que está desatento, ou o que está apavorado, ou o que está sem carro, ou aquele que implora por vida ou proteção, ou aquele que caiu em angústia. Por que, então, ó Partha, tu cometeste tal ato extremamente indigno que é pecaminoso, que é digno somente de um canalha vil, e que é praticado somente por um sujeito perverso? Uma pessoa respeitável, ó Dhananjaya, pode facilmente realizar um feito que é respeitável. Um feito, no entanto, que não é respeitável se torna difícil de ser realizado por uma pessoa que é respeitável. Um homem rapidamente pega o comportamento daqueles com quem e entre quem ele se movimenta. Isso é visto em ti, ó Partha! Sendo de linhagem nobre e nascido, especialmente, na família de Kuru, como tu decaíste dos deveres de um Kshatriya, embora tu fosses de bom comportamento e cumpridor de votos excelentes? Este ato vil que tu cometeste por causa do guerreiro Vrishni, é sem dúvida, correspondente aos conselhos de Vasudeva. Tal ação não combina com alguém como tu. Quem mais, a menos que ele fosse um amigo de Krishna, infligiria tal injúria sobre alguém que está desatentamente envolvido com outro em batalha? Os Vrishnis e os Andhakas são maus Kshatriyas, sempre envolvidos em atos pecaminosos, e são, por natureza, afeitos a comportamento infame. Por que, ó Partha, tu tomaste eles como modelo?' Assim endereçado em batalha, Partha respondeu para Bhurisravas, dizendo, 'É evidente que com a decrepitude do corpo o intelecto de uma pessoa também se torna decrépito, já que, ó senhor, todas essas palavras insensatas foram proferidas por ti. Embora tu conheças bem Hrishikesa e eu mesmo, como é que tu nos repreendes dessa maneira? Conhecendo como eu conheço as regras de batalha e familiarizado como eu estou com o significado de todas as escrituras, eu nunca faria uma ação que é pecaminosa. Sabendo bem disso, tu ainda me

criticas. Os Kshatriyas lutam com seus inimigos, cercados por seus próprios seguidores, seus irmãos, pais, filhos, parentes, aparentados, companheiros, e amigos. Eles também lutam, confiando na (força de) armas daqueles que eles seguem. Por que, então, eu não deveria proteger Satyaki, meu discípulo e parente querido, que está lutando por nossa causa nessa batalha, indiferente à própria vida, que é tão difícil de ser sacrificada? Invencível em combate, Satyaki, ó rei, é meu braço direito em batalha. Uma pessoa não deve proteger somente a si mesma quando vai para batalha, ele, ó rei, que está engajado no propósito de outro deve ser protegido (por aquele outro). Tais homens sendo protegidos, o rei é protegido na pressão da batalha. Se eu tivesse calmamente visto Satyaki prestes a ser morto em grande batalha (e não tivesse interferido para salvá-lo), o pecado, então, devido à morte de Satyaki, seria meu, por tal negligência! Por que então tu estás furioso comigo por eu ter protegido Satyaki? Tu me repreendes, ó rei, dizendo, 'Embora envolvido em combate com outro, eu ainda fui mutilado por ti.' Nessa questão, eu respondo, eu julguei erradamente. Às vezes sacudindo minha armadura; às vezes andando em meu carro, às vezes puxando a corda do arco, eu estava lutando com meus inimigos no meio de uma hoste parecendo o mar vasto, cheia de carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria e ecoando com gritos leoninos selvagens. Entre amigos e inimigos envolvidos em combate uns com os outros, como podia ser possível que o guerreiro Satwata estivesse envolvido em combate com somente uma pessoa em batalha? Tendo lutado com muitos e derrotado muitos poderosos guerreiros em carros, Satyaki estava cansado. Ele mesmo, afligido por armas, tinha ficado desanimado. Tendo, sob tais circunstâncias, subjugado o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e o trazido sob teu controle, tu procuraste mostrar tua superioridade. Tu desejaste cortar, com tua espada, a cabeça de Satyaki em batalha. Eu não podia possivelmente observar com indiferença Satyaki reduzido àquela situação. (Literalmente, 'quem poderia testemunhar com indiferença Satyaki reduzido à tal condição?') Tu deves antes repreender a ti mesmo, já que tu não cuidaste de ti mesmo (quando procurando ferir outro). De fato, ó herói, como tu terias te comportado em direção a uma pessoa que é tua dependente?'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado (por Arjuna), o ilustre Bhurisravas de braços fortes, portando o emblema da estaca sacrifical em seu estandarte, abandonando Yuyudhana, desejou morrer segundo o voto de Praya. (Geralmente, morrer se abstendo de todo o alimento. Esse é um método de libertar a alma do corpo por meio de Yoga.) Famoso por muitos atos justos, ele espalhou com sua mão esquerda um leito de flechas, e desejoso de ir para a região de Brahman, confiou seus sentidos ao cuidado das divindades que os presidem. Fixando seu olhar no sol, e colocando seu coração purificado na lua, e pensando (nos mantras) no grande Upanishad, Bhurisravas, dirigindo-se ao Yoga, parou de falar. Então todas as pessoas no exército inteiro começaram a falar mal de Krishna e Dhananjaya e elogiaram Bhurisravas, aquele touro entre homens. Embora criticados, os dois Krishnas, no entanto, não falaram uma palavra desagradável (para o herói moribundo). Bhurisravas de estandarte de estaca também, embora assim elogiado, não sentiu alegria. Então o filho de Pandu Dhanajaya, chamado também de Phalguna, incapaz de tolerar teus filhos falando daquela maneira,

como também de suportar suas palavras e as palavras de Bhurisravas, ó Bharata, em aflição e sem o coração enfurecido, e como se para lembrar eles todos, disse essas palavras, 'Todos os reis conhecem meu grande voto, isto é, que ninguém conseguirá matar alguém que pertence ao nosso lado, contanto que o último esteja dentro do alcance de minhas flechas. Lembrando disso, ó de estandarte de estaca, não cabe a ti me criticar. Sem conhecer regras de moralidade, não é apropriado uma pessoa criticar outras. Que eu tenha cortado teu braço enquanto tu, bem armado em batalha, estavas a ponto de matar (o desarmado) Satyaki, não é todo contrário à moralidade. Mas que homem justo há, ó senhor, que elogiaria a morte de Abhimanyu, um mero menino, sem armas, privado de carro, e com sua armadura caída?' Assim endereçado por Partha, Bhurisravas tocou o solo com seu braço esquerdo, o direito (tinha sido cortado). Bhurisravas de estandarte de estaca, ó rei de refulgência deslumbrante, tendo ouvido aquelas palavras de Partha, ficou calado, com sua cabeça baixa. Então Arjuna disse, 'Ó irmão mais velho de Sala, igual ao que eu tenho pelo rei Yudhishthira o justo, ou Bhima, aquela principal de todas as pessoas poderosas, ou Nakula, ou Sahadeva, é o amor que eu tenho por ti. Mandado por mim como também pelo ilustre Krishna, vá para a região dos justos, até onde Sivi, o filho de Usinara, está.'"

"Vasudeva também disse, 'Tu constantemente realizaste sacrifícios e Agnihotras. Vá então, sem demora, para aquelas minhas regiões puras que brilham incessantemente com esplendor e que são desejadas pelas principais das divindades com Brahma como seu líder, e tornando-te igual a mim mesmo, seja levado nas costas por Garuda.'"

"Sanjaya continuou, 'Libertado pelo filho de Somadatta, o neto de Sini, se levantando, puxou sua espada e desejou cortar a cabeça de Bhurisravas de grande alma. De fato, Satyaki desejou matar o impecável Bhurisravas, o irmão mais velho de Sala, aquele doador de abundância em sacrifícios que estava parado com seus sentidos afastados da batalha, que já tinha sido quase morto pelo filho de Pandu, que estava sentado com seu braço cortado e que parecia por conta disso um elefante sem tromba. Todos os guerreiros o censuraram ruidosamente (por sua intenção). Mas privado de razão, e proibido por Krishna e por Partha de grande alma, e Bhima, e os dois protetores das duas rodas (do carro de Arjuna, isto é, Yudhamanyu e Uttamaujas), e Aswatthaman, e Kripa e Karna, e Vrishasena, e o soberano dos Sindhus também, e enquanto os soldados ainda estavam proferindo gritos de desaprovação, Satyaki matou Bhurisravas enquanto na observância de seu voto. De fato, Satyaki, com sua espada, cortou a cabeça do guerreiro Kuru que tinha sido privado de seu braço por Partha e que estava então sentado em Praya para libertar sua alma do corpo. Os guerreiros não aplaudiram Satyaki por aquela sua ação de matar aquele perpetuador da linhagem de Kuru que tinha sido antes quase morto por Partha. Os Siddhas, os Charanas, e os homens lá presentes, como também os deuses, vendo Bhurisravas semelhante a Sakra morto naquela batalha, embora sentado na observância daquele voto Praya, começaram a aplaudi-lo, maravilhados pelas ações realizadas por ele. Teus soldados também discutiram a questão, 'Não é falha do herói Vrishni. Aquilo que estava preordenado aconteceu. Portanto, nós não devemos ceder à ira. A

raiva é a causa da tristeza dos homens. Estava ordenado que Bhurisravas seria morto pelo herói Vrishni. Não há utilidade em julgar sua retidão ou o contrário. O Criador ordenou Satyaki para ser a causa da morte de Bhurisrava em batalha.'"

"Satyaki disse, 'Ó Kauravas pecaminosos, vestindo o manto externo de virtude, vocês me dizem, em palavras de virtude, que Bhurisravas não deveria ser morto. Onde, no entanto, estava essa sua justiça quando vocês mataram em batalha aquele menino, o filho de Subhadra, quando desprovido de armas? Eu tinha em um certo acesso de altivez jurado que aquele que, me derrubando vivo em batalha, me golpeasse com raiva com seu pé, seria morto por mim mesmo que aquele inimigo adotasse o voto de ascetismo. Lutando no combate, com meus braços e olhos são e saudáveis, vocês contudo tinham me considerado como morto. Essa foi uma ação de tolice de sua parte. Ó touros entre os Kurus, a morte de Bhurisravas, realizada por mim, foi muito apropriada! Partha, no entanto, por cortar o braço com dele com espada em punho para cumprir, por sua afeição por mim, seu próprio voto (acerca de proteger todos do seu lado), simplesmente me roubou glória. Aquilo que está ordenado deve acontecer. É o destino que trabalha. Bhurisravas foi morto na pressão da batalha. Que pecado eu cometi? Nos tempos antigos, Valmiki cantou este verso sobre a terra, isto é, 'Tu disseste, ó macaco, que mulheres não devem ser mortas. Em todas as eras, no entanto, os homens devem sempre, com cuidado resoluto, realizar aquilo que causa dor para inimigos.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Satyaki tinha dito essas palavras, ninguém entre os Pandavas e os Kauravas, ó rei, disse qualquer coisa. Por outro lado, eles mentalmente aplaudiram Bhurisravas. Ninguém lá aprovou a morte do ilustre filho de Somadatta que parecia um asceta vivendo nas florestas, ou alguém santificado com mantras em um sacrifício grandioso, e que tinha doado milhares de moedas de ouro. A cabeça daquele herói, agraciada com belos cachos azuis e olhos vermelhos como aqueles de pombos, parecia com a cabeça de um cavalo cortada em um sacrifício de cavalo e colocada no altar sacrifical. (Literalmente, 'perto do lugar designado para a manteiga sacrifical.') Santificado por sua bravura e pela morte que ele obteve no fio da arma, o concessor de benefícios Bhurisravas, digno de todas as bênçãos, abandonando seu corpo em grande batalha se dirigiu para as regiões no alto, enchendo o céu com suas virtudes superiores.'"

143

"Dhritarashtra disse, 'Não vencido por Drona, e pelo filho de Radha e Vikarna e Kritavarman, como pode o heróico Satyaki, nunca antes detido em batalha, tendo depois de sua promessa para Yudhishthira cruzado o oceano das tropas Kaurava, ser humilhado pelo guerreiro Kuru Bhurisravas e jogado violentamente no chão?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a respeito da origem, nos tempos passados, do neto de Sini, e de como Bhurisravas também veio a descender. Isso esclarecerá tuas dúvidas. Atri teve como filho Soma. O filho de Soma se chamava Vudha.

Vudha teve um filho, do esplendor do grande Indra, chamado Pururavas. Pururavas teve um filho chamado Ayus. Ayus teve como seu filho Nahusha. Nahusha teve como seu filho Yayati que era um sábio real igual a um celestial. Yayati teve com Devayani Yadu como seu filho mais velho. Na linhagem de Yadu nasceu um filho de nome Devamidha, Devamidha da família de Yadu teve um filho chamado Sura, elogiado nos três mundos. Sura teve como seu filho aquele principal dos homens, o célebre Vasudeva. O mais notável na arte de manejar arco e flecha, Sura era igual a Kartavirya em batalha. Na linhagem de Sura e igual a Sura em energia nasceu Sini, ó rei! Por volta dessa época, ó rei, ocorreu o Swayamvara da filha de Devaka de grande alma, no qual todos os Kshatriyas estavam presentes. Naquela escolha de marido, Sini subjugando todos os reis, rapidamente colocou sobre seu carro a princesa Devaki por causa de Vasudeva. Vendo a princesa Devaki no carro de Sini, aquele touro entre homens, o bravo Somadatta de energia poderosa não pode tolerar a visão. Um combate, ó rei, se seguiu entre os dois o qual durou por metade de um dia e foi belo e admirável de se contemplar. A batalha que se realizou entre aqueles dois homens fortes foi uma luta corporal. Aquele touro entre homens, Somadatta, foi jogado violentamente no chão por Sini. Erguendo sua espada e agarrando-o pelo cabelo, Sini bateu em seu inimigo com seu pé, no meio de muitos milhares de reis que permaneciam como espectadores em volta. Finalmente, por compaixão, ele o soltou, dizendo, 'Viva!' Reduzido àquela situação por Sini, Somadatta, ó majestade, sob a influência da ira começou a prestar suas adorações para Mahadeva para induzir o último a abençoá-lo. Aquele senhor grandioso de todas as divindades concessoras de benefícios, Mahadeva, ficou satisfeito com ele e lhe pediu para solicitar o benefício que ele desejava. O nobre Somadatta então solicitou a seguinte bênção, 'Eu desejo um filho, ó senhor divino, que irá atingir o filho de Sini no meio de milhares de reis e que em batalha baterá nele com seu pé.' Ouvindo essas palavras, ó rei, de Somadatta, o deus dizendo, 'Assim seja' desapareceu. Foi por causa da doação daquele benefício que Somadatta posteriormente obteve o muito caridoso Bhurisravas como filho, e foi por isso que o filho de Somadatta derrubou o descendente de Sini em batalha e bateu nele, diante dos olhos do exército inteiro, com seu pé. Eu agora te disse, ó rei, o que tu me perguntaste. De fato, o herói Satwata não pode ser vencido em batalha nem pelos mais notáveis dos homens. Os heróis Vrishni são todos de pontaria certeira em batalha, e são familiarizados com todos os modos de guerra. Eles são subjugadores dos próprios deuses, dos Danavas e dos Gandharvas. Eles nunca são confundidos. Eles sempre lutam confiando em sua própria energia. Eles nunca são dependentes de outros. Ninguém, ó senhor, é visto nesse mundo como igual aos Vrishnis. Ninguém, ó touro da raça Bharata, foi, é, ou será igual em poder aos Vrishnis. Eles nunca mostram desrespeito por seus parentes. Eles são sempre obedientes às ordens daqueles que são veneráveis em idade. Os próprios deuses e Asuras e Gandharvas, os Yakshas, os Uragas e os Rakshasas não podem vencer os heróis Vrishni, o que dizer de homens, portanto, em batalha? Eles nunca cobiçam também as posses daqueles que sempre lhes prestam ajuda em alguma ocasião de infortúnio. Dedicados aos Brahmanas e sinceros em palavras, eles nunca mostram qualquer orgulho embora eles sejam ricos. Os Vrishnis consideram até os fortes como fracos e os salvam da aflição. Sempre devotados aos deuses, os

Vrishnis são autocontrolados, caridosos, e livres de orgulho. É por isso que a bravura dos Vrishnis nunca é frustrada. Uma pessoa pode remover as montanhas de Meru ou atravessar o oceano a nado mas não pode derrotar os Vrishnis. Eu te contei tudo acerca do que tu tinhas tuas dúvidas. Tudo isso, no entanto, ó rei dos Kurus, que aconteceu é devido à tua má política, ó melhor dos homens!'"

144

"Dhritarashtra disse, 'Depois que o guerreiro Kuru Bhurisravas foi morto sob aquelas circunstâncias, diga-me, ó Sanjaya, como prosseguiu a batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Depois que Bhurisravas tinha procedido para o outro mundo, ó Bharata, o poderosamente armado Arjuna instigou Vasudeva, dizendo, 'Incite os corcéis, ó Krishna, à maior velocidade para me levar para o local onde o rei Jayadratha está. Ó impecável, o sol está indo rápido para as colinas Asta. Ó tigre entre homens, esta grande tarefa deve ser realizada por mim. O soberano dos Sindhus é, além disso, protegido por muitos poderosos guerreiros em carros entre o exército Kuru. Incite os corcéis, portanto, ó Krishna, de tal maneira que eu possa, por matar Jayadratha antes do sol se por, fazer meu voto verdadeiro.' Então Krishna de braços fortes familiarizado com conhecimento de cavalos, instigou aqueles corcéis de cor prateada em direção ao carro de Jayadratha. Então, ó rei, muitos líderes do exército Kuru, tais como Duryodhana e Karna e Vrishasena e o próprio soberano dos Sindhus avançaram com rapidez, ó rei, contra Arjuna cujas flechas nunca eram frustradas e que estava procedendo em seu carro puxado por corcéis de grande velocidade. Vibhatsu, no entanto, alcançando o soberano dos Sindhus que estava na frente dele, e lançando seus olhares sobre ele, pareceu chamuscá-lo com seus olhos brilhando com fúria. Então o rei Duryodhana dirigiu-se rapidamente ao filho de Radha. De fato, ó monarca, teu filho Suyodhana disse para Karna, 'Ó filho de Vikartana, esse momento da batalha finalmente chegou. Ó de grande alma, mostre agora teu poder. Ó Karna, aja de maneira que Jayadratha não possa ser morto por Arjuna! Ó principal dos homens, o dia está prestes a terminar, ataque agora o inimigo com nuvens de flechas! Se o dia expirar, ó principal dos homens, a vitória, ó Karna, indubitavelmente será nossa! Se o soberano dos Sindhus puder ser protegido até o por do sol, então Partha, seu voto sendo falsificado, entrará no fogo ardente. Ó concessor de honras, os irmãos, então, de Arjuna, com todos os seus seguidores, não serão capazes de viver nem um momento em um mundo que está desprovido de Arjuna! Após a morte dos filhos de Pandu, a terra inteira, ó Karna, com suas montanhas e águas e florestas, nós desfrutaremos sem uma fonte de aborrecimento para nós! Ó concessor de honras, parece que Partha, que sem averiguar o que é praticável e o que é impraticável fez este voto em batalha, foi afligido pelo próprio destino, seu bom senso tendo tomado um rumo mal dirigido! Sem dúvida, ó Karna, o filho ornado com diadema de Pandu deve ter feito este voto a respeito da morte de Jayadratha para sua própria destruição! Como, ó filho de Radha, quando tu estás vivo Phalguna conseguirá matar o soberano dos Sindhus antes que o sol vá para as colinas Asta? Como Dhananjaya matará

Jayadratha em batalha quando o último é protegido pelo rei dos Madras e pelo ilustre Kripa? Como irá Vibhatsu, que parece ter sido incitado pelo Destino, alcançar o soberano dos Sindhus quando o último é protegido pelo filho de Drona, por mim mesmo, e Duhsasana? Muitos são os heróis engajados no combate. O sol está descendo no céu. Partha nem alcançará Jayadratha em batalha, ó concessor de honras. Portanto, ó Karna, comigo mesmo e outros bravos e poderosos guerreiros em carros, com o filho de Drona e o soberano dos Madras e Kripa lute com Partha em batalha, te esforçando com a maior firmeza e resolução.' Assim endereçado por teu filho, ó majestade, o filho de Radha respondeu para Duryodhana, aquele principal entre os Kurus, nessas palavras, 'Meu corpo foi profundamente perfurado em batalha pelo bravo arqueiro Bhimasena, capaz de atacar vigorosamente com repetidas chuvas de flechas. Ó concessor de honras, que eu ainda esteja presente em batalha é porque alguém como eu deve estar presente aqui. Chamuscado pelas flechas poderosas de Bhimasena, cada membro meu está sofrendo de dor torturante. Eu irei, no entanto, apesar disso, lutar com todas as minhas forças. Minha própria vida é para ti. Eu me esforçarei o máximo para que este principal dos filhos de Pandu não consiga matar o soberano dos Sindhus. Enquanto eu lutar, disparando minhas flechas afiadas, o heróico Dhananjaya, capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, não conseguirá alcançar o soberano dos Sindhus. Tudo o que uma pessoa, tendo amor e afeição por ti e sempre desejosa do teu bem, pode fazer, será feito por mim, ó tu da linhagem de Kuru! Com relação à vitória, isso depende do destino. Eu irei hoje em batalha hoje me esforçar o máximo por causa do soberano dos Sindhus, e para realizar o teu bem. Ó rei, a vitória, no entanto, é dependente do destino. Confiando na minha coragem, eu lutarei com Arjuna hoje por tua causa, ó tigre entre homens! A vitória, no entanto, depende do destino. Ó chefe dos Kurus, que todas as tropas contemplem hoje a batalha violenta, de arrepiar os próprios cabelos, que se realizará entre eu mesmo e Arjuna.' Enquanto Karna e o rei Kuru estavam conversando assim um com o outro em batalha, Arjuna começou, com suas flechas afiadas, a massacrar tua hoste. Com suas flechas de cabeça larga de corte excelente ele começou a cortar naquela batalha os braços, parecendo com clavas com ferrões ou as trombas de elefantes, de heróis que não recuavam. E o herói poderosamente armado também cortou suas cabeças com flechas afiadas. E Vibhatsu também cortou as trombas de elefantes e os pescoços de cavalos e os Akshas de carros por toda parte, como também cavaleiros tingidos com sangue, armados com lanças e arpões, com flechas de face de navalha em dois ou três fragmentos. E corcéis e principais dos elefantes e estandartes e guarda-sóis e arcos e rabos de iaque e cabeças caíam rápido por todos os lados. Consumindo tua hoste como um fogo ardente consumindo uma pilha de grama seca, Partha logo fez a terra ser coberta com sangue. E o poderoso e invencível Partha, de destreza incapaz de ser frustrada, causando um massacre imenso naquele teu exército, logo alcançou o soberano dos Sindhus. Protegido por Bhimasena e por Satwata, Vibhatsu, ó chefe dos Bharatas, parecia resplandecente como um fogo brilhante. Vendo Phalguna naquele estado, os arqueiros poderosos do teu exército, aqueles touros entre homens, dotados de riqueza de energia, não puderam tolerá-lo. Então Duryodhana e Karna e Vrishasena e o soberano dos Madras, e Aswatthaman e Kripa e o próprio soberano dos Sindhus, excitados com

raiva e lutando por causa do rei Sindhu, cercaram o ornado com diadema Arjuna por todos os lados. Todos aqueles guerreiros, hábeis em batalha, colocando o soberano dos Sindhus atrás de si, e desejosos de matar Arjuna e Krishna, cercaram Partha, aquele herói familiarizado com batalha, que estava então dançando pela trilha de seu carro, produzindo sons violentos com a corda do arco e suas palmas e parecendo o próprio Destruidor com boca escancarada. O sol então tinha assumido uma cor vermelha no céu. Desejando que ele se pusesse (rápido), os guerreiros Kaurava, curvando seus arcos com braços que pareciam os corpos (afilados) de cobras dispararam suas flechas às centenas em direção a Phalguna, parecendo os raios do sol. Cortando aquelas flechas assim disparadas em direção a ele, em dois, três, ou oito fragmentos o ornado com diadema Arjuna, invencível em batalha, perfurou todos eles naquele combate. Então Aswatthaman, portando em seu estandarte o símbolo de um rabo de leão, mostrando seu poder, começou, ó rei, a resistir a Arjuna. De fato, o filho da filha de Saradwata perfurando Partha com dez flechas e Vasudeva com sete, ficou no caminho do carro de Arjuna, protegendo o soberano dos Sindhus. Então, muitos principais entre os Kurus, grandes guerreiros em carros, todos cercaram Arjuna, por todos os lados com uma grande multidão de carros. Esticando seus arcos e disparando inúmeras flechas, eles começaram a proteger o soberano dos Sindhus, por ordem de teu filho. Nós então vimos a destreza do bravo Partha como também a qualidade inesgotável de suas flechas, e o poder, também, de seu arco Gandiva. Desviando com suas próprias armas aquelas do filho de Drona e Kripa, ele perfurou cada um daqueles guerreiros com nove flechas. Então o filho de Drona perfurou-o com vinte e cinco flechas, e Vrishasena com sete, e Duryodhana o perfurou com vinte, e Karma e Salya cada um com três. E todos eles rugiram para ele e continuaram a perfurá-lo frequentemente, e vibrando seus arcos, eles o cercaram por todos os lados. E logo eles fizeram seus carros serem alinhados em uma fileira cerrada em volta de Arjuna. Desejosos do (rápido) por do sol, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Kaurava, dotados de grande energia, começaram a rugir para Arjuna, e vibrando seus arcos, o cobriram com chuvas de flechas afiadas como nuvens despejando chuva em uma montanha. Aqueles bravos guerreiros, com braços parecendo maças pesadas, também dispararam naquela ocasião, ó rei, sobre o corpo de Dhananjaya armas celestes. Tendo causado um massacre imenso no teu exército, o poderoso e invencível Dhananjaya, de bravura incapaz de ser frustrada atacou o soberano dos Sindhus. Karna, no entanto, ó rei, com suas flechas, resistiu a ele naquela batalha na própria visão, ó Bharata, de Bhimasena e Satwata. O poderosamente armado Partha, diante de todas as tropas, perfurou o filho de Suta, em retorno, com dez flechas, no campo de batalha. Então Satwata, ó majestade, perfurou Karna com três flechas. E Bhimasena perfurou-o com três flechas, e o próprio Partha, mais uma vez, com sete. O poderoso guerreiro em carro, Karna, então perfurou cada um daqueles três guerreiros com sessenta flechas. E assim, ó rei, continuou aquela batalha entre Karna sozinho (de um lado) e os muitos (no outro). A bravura, ó majestade, que nós então contemplamos do filho de Suta foi admirável ao extremo, já que, excitado com cólera em batalha, ele resistiu sozinho àqueles três formidáveis guerreiros em carros. Então o poderosamente armado Phalguna, naquela batalha, perfurou Karna, o filho de Vikartana, em todos os seus membros

com cem flechas. Todos os seus membros banhados em sangue, o filho de Suta de grande destreza e coragem perfurou Phalguna em retorno com cinquenta flechas. Vendo aquela agilidade de mão mostrada por ele em batalha, Arjuna não tolerou isso. Cortando seu arco, aquele herói, Dhananjaya, o filho de Pritha, rapidamente perfurou Karna no centro do peito com nove flechas. Então Dhananjaya, com grande rapidez em um momento quando rapidez era necessária disparou naquela batalha uma flecha de refulgência solar para a destruição de Karna. O filho de Drona, no entanto, com uma flecha em forma de meia-lua, cortou aquela flecha enquanto ela corria impetuosamente (em direção a Karna). Assim cortada por Aswatthaman, aquela flecha caiu no chão. Dotado de grande destreza, o filho de Suta, ó rei, pegou outro arco, e cobriu o filho de Pandu com vários milhares de flechas. Partha, no entanto, como o vento dispersando bandos de gafanhotos, dissipou com suas próprias flechas aquela extraordinária chuva de flechas que saíam do arco de Karna. Então Arjuna, mostrando a agilidade de suas mãos, cobriu Karna, naquela batalha, com suas flechas, na própria vista de todas as tuas tropas. Karna também, aquele matador de hostes hostis, desejoso de neutralizar o feito de Arjuna, cobriu Arjuna com vários milhares de flechas. Rugindo um para o outro como dois touros, aqueles leões entre homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, cobriram o céu com nuvens de flechas retas. Cada um tornado invisível pelas chuvas de flechas do outro, eles continuaram a atacar um ao outro. E eles rugiam um para o outro e perfuravam um ao outro com seus dardos verbais, dizendo, 'Eu sou Partha, espere!' ou, 'Eu sou Karna, espere, ó Phalguna!' De fato aqueles dois heróis lutaram entre si extraordinariamente, mostrando grande energia e habilidade. E a visão que eles apresentaram era tal que outros guerreiros se tornaram testemunhas daquela batalha. E aplaudidos por Siddhas, Charanas e Pannagas, eles lutaram um com o outro, ó rei, desejosos de matar um ao outro. Então Duryodhana, ó rei, dirigindo-se aos teus guerreiros, disse, 'Protejam cuidadosamente o filho de Radha! Sem matar Arjuna ele não se absterá da batalha. Isto mesmo foi o que Vrisha me disse.' Enquanto isso, ó monarca, vendo a destreza de Karna, Arjuna, de corcéis brancos, com quatro flechas disparadas da corda do arco puxada até a orelha, despachou os quatro corcéis de Karna para o domínio de Yama. E ele também derrubou com uma flecha de cabeça larga o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. E ele cobriu o próprio Karna com nuvens de flechas na própria vista de teu filho. Assim encoberto com flechas Karna sem cavalos e sem motorista, entorpecido por aquela chuva de flechas, não sabia o que fazer. Vendo ele sem carro, Aswatthaman, ó rei, o fez subir em seu carro, e continuou a lutar com Arjuna. Então o soberano dos Madras perfurou o filho de Kunti com trinta flechas. O filho de Saradwata perfurou Vasudeva com vinte flechas. E atingiu Dhananjaya também com uma dúzia de flechas. E o soberano dos Sindhus perfurou cada um com quatro flechas, e Vrishasena também perfurou cada um deles, ó rei, com sete flechas. O filho de Kunti, Dhananjaya, perfurou todos eles em retorno. De fato, perfurando o filho de Drona com sessenta e quatro flechas, e o soberano dos Madras com cem, e o rei Sindhu com dez flechas de cabeça larga, e Vrishasena com três flechas e o filho de Saradwata com vinte, Partha proferiu um grito alto. Desejosos de frustrar o voto de Savyasachin, teus guerreiros, excitados com raiva, avançaram rapidamente em Dhananjaya de todos os lados. Então Arjuna,

amedrontando os Dhartarashtras, chamou à existência a arma Varuna em todos os lados. Os Kauravas, no entanto, em seus carros caros, derramando chuvas de flechas, avançaram contra o filho de Pandu. Mas, ó Bharata, no decorrer daquele combate entorpecedor e violento, repleto da maior confusão, aquele príncipe, Arjuna, enfeitado com diadema e corrente de ouro nunca perdeu seus sentidos. Por outro lado, ele continuou a despejar chuvas de flechas. Desejoso de recuperar o reino e se lembrando de todos os males que ele tinha sofrido por doze anos por causa dos Kurus, o incomensurável Arjuna de grande alma escureceu todos os pontos do horizonte com flechas do Gandiva. O céu parecia em chamas com meteoros. Inúmeros corvos, descendo do céu, pousaram nos corpos (de combatentes mortos). Enquanto isso, Arjuna continuou a matar o inimigo com seu Gandiva, como Mahadeva matando os Asuras com seu Pinaka equipado com corda fulva. Então o ilustre Kiritin, aquele subjugador de tropas (hostis), dispersando as flechas do inimigo por meio de seu próprio arco formidável, matou com suas flechas muitos principais entre os Kurus, montados em seus principais dos corcéis e elefantes. Então muitos reis, pegando maças pesadas e cassetetes de ferro e espadas e dardos e diversos outros tipos de armas poderosas, assumindo formas terríveis, avançaram de repente contra Partha naquela batalha. Então Arjuna, curvando com seus braços seu formidável arco Gandiva o qual parecia o arco do próprio Indra e cujo som era tão alto quanto o ribombo das nuvens reunidas no fim do Yuga, e dando risada naquele momento, continuou consumindo tuas tropas e aumentando a população do reino de Yama. De fato, aquele herói fez aqueles guerreiros enfurecidos com seus carros e elefantes e com os soldados de infantaria e arqueiros que os protegiam, serem privados de seus braços e vidas e assim aumentarem a população do domínio de Yama.'"

145

"Sanjaya disse, 'Ouvindo o som, parecendo a chamada alta da própria Morte ou o ribombo terrível do trovão de Indra, do arco de Dhananjaya, enquanto ele o esticava, aquela tua hoste, ó rei, ansiosa com medo e extremamente agitada, tornou-se como as águas do oceano com peixes e makaras dentro delas, encrespado à ondas como montanhas e açoitado à fúria pelo furacão que surge no fim do Yuga. Então Dhananjaya, o filho de Pritha, movimentou-se rapidamente em batalha de tal maneira que ele era visto estar presente ao mesmo tempo em todas as direções, mostrando suas armas extraordinárias. De fato, tão ágil era o filho de Pandu que nós não podíamos notar quando ele tirava suas flechas, ó rei, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele esticava o arco, e quando ele as disparava. Então o poderosamente armado, ó rei, excitado com cólera, chamou à existência a invencível arma Aindra, apavorando todos os Bharatas. Centenas e milhares flechas brilhantes de bocas ardentes, insufladas por mantras com a força de armas celestes, fluíram dela. Com aquelas flechas parecendo fogo ou os raios do sol, correndo com impetuosidade violenta, o céu tornou-se incapaz de ser fitado, como se cheio de meteoros flamejantes. Então aquela escuridão que tinha sido causada pelos Kauravas com suas flechas, a qual era incapaz de ser

dispersa até em imaginação por outros, o filho de Pandu, movendo-se rapidamente em volta e mostrando sua destreza, destruiu por meio daquelas suas flechas que tinham sido inspiradas por meio de mantras com a força de armas celestes, como o próprio sol dispersando rapidamente no amanhecer do dia a escuridão da noite por meio de seus raios. Então o pujante Arjuna, com aquelas flechas brilhantes dele, tragou as vidas de teus guerreiros como o sol do verão absorvendo com seus raios quentes as águas de tanques e lagos. De fato, chuvas de flechas dotadas da força de armas celestes, (disparadas por Arjuna) cobriram o exército hostil como os raios do sol cobrindo a terra. Outras flechas de energia ardente, disparadas (por Dhananjaya) entravam rapidamente nos corações de heróis (hostis), como amigos queridos. De fato, aqueles bravos guerreiros que ficaram naquela batalha diante de Arjuna pereceram todos como insetos se aproximando de um fogo ardente. Aniquilando dessa maneira as vidas de seus inimigos e sua fama, Partha se movimentou com velocidade naquela batalha como a Morte em forma incorporada. Cabeças enfeitadas com diademas, braços massivos, adornados com Angadas, e orelhas com brincos dos inimigos, Partha cortou com suas flechas. Os braços, com arpões, de condutores de elefantes; aqueles com lanças, de cavaleiros; aqueles com escudos, de soldados de infantaria; aqueles com arcos, de guerreiros em carros; e aqueles com chicotes e aguilhões, de quadrigários, o filho de Pandu cortou. De fato, Dhananjaya parecia resplandecente com suas flechas de pontas brilhantes que pareciam constituir seus raios, como fogo ardente com faíscas incessantes e chamas ascendentes. Os reis hostis, reunindo toda sua resolução, não podiam nem olhar para Dhananjaya, aquele mais notável de todos os portadores de armas, aquele herói igual ao próprio chefe dos deuses, aquele touro entre homens, visto ao mesmo tempo em todas as direções em seu carro, espalhando suas armas poderosas, dançando no espaço de seu carro, e produzindo sons ensurdecedores com sua corda de arco e palmas, e parecendo o sol do meio-dia de raios ardentes no céu. Levando suas flechas de pontas brilhantes, Arjuna enfeitado com diadema parecia belo como uma massa imensa de nuvens carregadas de chuva na estação das chuvas ornada com um arco-íris. Quando aquela perfeita enchente de armas poderosas foi posta em movimento por Jishnu, muitos touros entre os guerreiros afundaram naquela inundação terrível e não vadeável. Coberto com elefantes enfurecidos cujas trombas ou presas tinham sido cortadas, com corcéis privados de cascos ou pescoços, com carros reduzidos a pedaços, com guerreiros tendo suas entranhas para fora e outros com pernas ou outros membros cortados, com corpos jazendo às centenas e milhares que estavam ou totalmente imóveis ou se movendo inconscientemente, nós contemplamos o vasto campo, no qual Partha lutava, parecido com a cobiçada arena da Morte, ó rei, aumentando os terrores dos medrosos, ou como a área esportiva de Rudra quando ele destruiu criaturas nos tempos antigos. Partes do campo, cobertas com as trombas de elefantes cortadas com flechas de cabeça de navalha, pareciam como se cobertas com cobras. Partes, além disso, cobertas com as cabeças cortadas de guerreiros, pareciam como se cobertas com coroas de lotos. Matizada com belas proteções para a cabeça e coroas, Keyuras e Angadas e brincos e com cotas de malha decoradas com ouro, e com os arreios ricamente enfeitados e outros ornamentos de elefantes e corcéis, e coberta com centenas de diademas, jazendo aqui e ali, a

terra parecia muito bela como uma noiva. Dhananjaya então fez fluir um rio ameaçador e terrível cheio de objetos horrendos e aumentando os medos dos tímidos, parecendo o próprio Vaitarani. A medula e gordura (de homens e animais) formava seu lodo. Sangue formava sua correnteza. Cheio de membros e ossos, ele era insondável em profundidade. Os cabelos de criaturas formavam seu musgo e ervas. Cabeças e braços formavam as pedras em suas margens. Ele era ornado com estandartes e pendões que coloriam seu aspecto. Guarda-sóis e arcos formavam as ondas. E ele estava cheio de corpos de elefantes enormes privados de vida, e de carros que formavam centenas de balsas flutuando em sua superfície. E as carcaças de inúmeros cavalos formavam suas margens. E ele era difícil de atravessar por causa de rodas e cangas e varais e Akshas e Kuveras de carros, e lanças e espadas e dardos e machados de batalha e flechas parecendo com cobras. E corvos e kankas formavam seus jacarés. E chacais, formando seus Makaras, o tornavam terrível. E urubus ferozes formavam seus tubarões. E ele se tornou pavoroso por causa dos uivos de chacais. E ele abundava com fantasmas saltando e Pisachas e milhares de outras espécies de espíritos. E sobre ele flutuavam inúmeros corpos de guerreiros desprovidos de vida. Vendo aquela bravura de Arjuna cuja aparência então parecia aquela do próprio Destruidor, um pânico, tal como nunca tinha ocorrido antes, possuiu os Kurus no campo de batalha. O filho de Pandu, então, frustrando com suas armas aquelas dos heróis hostis, e empenhado em realizar atos violentos, deu a entender a todos que ele era um guerreiro de atos violentos. Então Arjuna ultrapassou todos aqueles principais dos guerreiros em carros; como o sol do meio-dia de raios ardentes no céu, nenhuma entre as criaturas lá podia nem olhar para ele. As flechas que saíam do arco Gandiva daquele herói ilustre naquela batalha, pareciam para nós se assemelhar a uma fileira de garças no céu. Frustrando com suas próprias as armas de todos aqueles heróis, e mostrando pelas terríveis realizações nas quais ele estava engajado que ele era um guerreiro de feitos violentos, Arjuna, desejoso de matar Jayadratha, ultrapassou todos aqueles principais dos guerreiros em carros, entorpecendo eles todos por meio de suas flechas. Disparando suas flechas para todos os lados, Dhananjaya, tendo Krishna como seu quadrigário, apresentava uma bela visão por se mover rapidamente com esplêndida velocidade no campo de batalha. As flechas no firmamento, às centenas e milhares, daquele herói ilustre, pareciam correr incessantemente. Nós nunca podíamos perceber quando aquele arqueiro poderoso pegava suas flechas, quando de fato, aquele filho de Pandu as apontava, e quando ele as disparava. Então, ó rei, enchendo todos os pontos do horizonte com suas flechas e afligindo todos os guerreiros em carros em batalha, o filho de Kunti procedeu em direção a Jayadratha e perfurou-o com sessenta e quatro flechas retas. Então os guerreiros Kuru, vendo o filho de Pandu proceder em direção a Jayadratha, todos se abstiveram de lutar. Realmente, aqueles heróis ficaram desesperançados da vida de Jayadratha. Cada um entre teus guerreiros que avançou naquela batalha violenta contra o filho de Pandu teve seu corpo profundamente perfurado, ó senhor, com uma flecha de Arjuna. O poderoso guerreiro em carro Arjuna, aquela principal das pessoas vitoriosas, com suas flechas brilhantes como fogo fez teu exército ficar cheio de troncos sem cabeça. (Um Kavandha é um tronco sem cabeça se movendo como se dotado com vida. Histórias são contadas a respeito desses troncos sem cabeça

bebendo o sangue de vítimas caindo dentro de seu alcance.) De fato, ó rei, criando dessa maneira uma perfeita confusão na tua hoste consistindo em quatro tipos de tropas, o filho de Kunti procedeu em direção a Jayadratha. E ele perfurou o filho de Drona com cinquenta flechas e Vrishasena com três. E o filho de Kunti atingiu brandamente Kripa com nove flechas, e ele atingiu Salya com dezesseis flechas e Karna com trinta e duas. E perfurando o soberano dos Sindhus então com sessenta e quatro flechas, ele proferiu um grito leonino. O soberano dos Sindhus, no entanto, assim perfurado pelo manejador do Gandiva com suas flechas, ficou cheio de raiva e não pode tolerar isso, como um elefante quando perfurado pelo gancho. Portando o emblema do javali em sua bandeira, ele rapidamente disparou em direção ao carro de Phalguna muitas flechas retas providas de penas de urubu, parecendo cobras zangadas de veneno virulento, bem polidas pelas mãos do ferreiro, e disparadas de seu arco puxado até a mais completa extensão. Então perfurando Govinda com três flechas, ele atingiu Arjuna com seis. E então ele perfurou os corcéis de Arjuna com oito flechas e seu estandarte também com uma. Então Arjuna, desviando as flechas afiadas disparadas pelo soberano dos Sindhus, cortou ao mesmo tempo, com um par de flechas, a cabeça do motorista de Jayadratha e também o estandarte bem enfeitado de Jayadratha. Seu suporte cortado e ele mesmo perfurado e atingido por flechas, aquele estandarte caiu como uma chama de fogo. Enquanto isso, o sol estava descendo rapidamente. Janardana então dirigiu-se ao filho de Pandu e disse, 'Veja, ó Partha, o soberano dos Sindhus foi colocado em seu meio por seis poderosos e heróicos guerreiros em carros! Jayadratha também, ó poderosamente armado, está esperando lá com medo! Sem derrotar aqueles seis guerreiros em carros em batalha, ó touro entre homens, tu nunca poderás matar o soberano dos Sindhus mesmo que tu te esforces ininterruptamente. Eu irei, portanto, recorrer ao Yoga para encobrir o sol. Então o soberano dos Sindhus verá (por consequência) que o sol se pôs. Desejoso de vida, ó senhor, por alegria aquele indivíduo perverso não irá mais, para sua destruição, se esconder. Aproveitando-te daquela oportunidade, tu deves então, ó melhor dos Kurus, atingi-lo. Tu não deves abandonar o empreendimento, pensando que o sol realmente se pôs.' Ouvindo essas palavras, Vibhatsu respondeu para Kesava, dizendo, 'Que assim seja.' Então Krishna também chamado Hari, possuidor de poderes ascéticos, aquele senhor de todos os ascetas, tendo recorrido ao Yoga, criou aquela escuridão. Teus guerreiros, ó rei, pensando que o sol tinha se posto ficaram cheios de alegria pela perspectiva de Partha sacrificar sua vida. De fato, teus guerreiros, não vendo o sol, estavam cheios de alegria. Todos eles ficaram parados, com as cabeças jogadas para trás. O rei Jayadratha também estava na mesma posição. E enquanto o soberano dos Sindhus estava assim contemplando o sol, Krishna dirigindo-se novamente a Dhananjaya disse essas palavras, 'Veja, o soberano heróico dos Sindhus está agora olhando para o sol, abandonando seu medo de ti, ó principal entre os Bharatas! Essa é a hora, ó poderosamente armado, para a morte daquele patife de alma perversa. Corte rapidamente a cabeça e faça teu voto verdadeiro.' Assim endereçado por Kesava o valente filho de Pandu começou a massacrar tua hoste com suas flechas parecendo o sol ou fogo em esplendor. E ele perfurou Kripa com vinte flechas e Karna com cinquenta. E ele atingiu Salya e Duryodhana cada um com seis. E ele perfurou Vrishasena com oito flechas e o

próprio soberano dos Sindhus com sessenta. E o poderosamente armado filho de Pandu, ó rei, perfurando profundamente com suas flechas os outros guerreiros da tua hoste, avançou contra Jayadratha. Vendo ele em sua presença como um fogo expandido com sua língua de chama estendida, os protetores de Jayadratha estavam muito confusos. Então todos os guerreiros, ó rei, desejosos de vitória banharam o filho de Indra naquela batalha com torrentes de setas. Encoberto com incessantes chuvas de setas, o filho de Kunti, aquele poderosamente armado e invicto descendente de Kuru, ficou cheio de raiva. Então aquele tigre entre homens, o filho de Indra, desejoso de massacrar tua hoste, criou uma rede espessa de flechas. Então aqueles teus guerreiros, ó rei, assim massacrados em batalha por aquele herói, abandonaram o soberano dos Sindhus por medo e fugiram. E eles fugiram de tal maneira que nem duas pessoas podiam ser vistas fugindo juntas. A destreza que nós então contemplamos do filho de Kunti foi muito extraordinária. De fato, o semelhante daquele guerreiro ilustre então nunca existiu nem alguma vez existirá. Como o próprio Rudra massacrando criaturas, Dhananjaya massacrou elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros, e (guerreiros em carros e) motoristas de carros. Eu não vi naquela batalha, ó rei, um único elefante ou cavalo ou guerreiro humano que não tivesse sido atingido pelas flechas de Partha. Sua visão embaraçada pela poeira e escuridão, teus guerreiros ficaram totalmente desanimados e incapazes de distinguir uns aos outros. Incitados pelo destino e com seus membros vitais cortados e mutilados com flechas, eles começaram a vagar ou coxear ou cair. E alguns entre eles, ó Bharata, ficaram paralisados e alguns ficaram mortalmente pálidos. Durante aquela carnificina terrível parecendo a matança de criaturas no fim do Yuga, naquela batalha mortal e violenta da qual poucos podiam escapar com vida, a terra ficou encharcada com sangue coagulado e o pó de terra que tinha se erguido desapareceu por causa das chuvas de sangue que caíram e das rápidas correntes de vento que sopravam sobre o campo. Tão intensa foi aquela chuva de sangue que as rodas de carros afundaram até seus cubos. Milhares de elefantes enfurecidos dotados de grande velocidade, ó rei, do teu exército, seus condutores mortos e membros mutilados, fugiram, proferindo gritos de dor e esmagando tropas amistosas com seu passo. Corcéis desprovidos de cavaleiros e soldados de infantaria também, ó rei, fugiram, ó monarca, por medo, atingidos pelas flechas de Dhananjaya. De fato, teus soldados, com cabelo despenteado e privados de suas cotas de malha, com sangue escorrendo de seus ferimentos, fugiram aterrorizados, deixando o campo de batalha. E alguns, privados do poder de movimento como se seus membros inferiores tivessem sido agarrados por jacarés, permaneceram no campo. E outros se esconderam atrás e embaixo dos corpos de elefantes mortos. Desbaratando tua hoste dessa maneira, ó rei, Dhananjaya começou a atacar com flechas terríveis os protetores do soberano dos Sindhus com suas chuvas de flechas, Karna e o filho de Drona e Kripa e Salya e Vrishasena e Duryodhana. Tão rápido era ele no uso de armas que ninguém podia notar quando Arjuna pegava suas flechas, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele esticava o arco e as disparava. De fato, enquanto atacando o inimigo, seu arco era visto incessantemente esticado a um círculo. Suas flechas também eram vistas emergindo incessantemente de seu arco e espalhadas em todas as direções. Então cortando o arco de Karna como também de Vrishasena, Arjuna

derrubou o motorista de Salya de seu nicho no carro, com uma flecha de cabeça larga. Com muitas flechas aquele principal dos vencedores, Dhananjaya, então perfurou profundamente naquela batalha Kripa e Aswatthaman, relacionados um com o outro como tio e sobrinho. Atormentando muito aqueles poderosos guerreiros em carros do teu exército dessa maneira, o filho de Pandu pegou uma flecha terrível de esplendor flamejante. Parecendo com o raio de Indra, e inspirada com mantras divinos, aquela flecha formidável era capaz de suportar qualquer tensão. E ela tinha sido sempre adorada com incenso e guirlandas de flores. Inspirando-a devidamente (por meio de mantras) com a força do raio, aquele descendente de Kuru, Arjuna de braços fortes, fixou-a no Gandiva. Quando aquela flecha de refulgência flamejante foi fixada na corda do arco, gritos altos, ó rei, foram ouvidos no céu. Então Janardana, mais uma vez se dirigindo a Arjuna, rapidamente disse, 'Ó Dhananjaya, corte rapidamente a cabeça do soberano de alma pecaminosa dos Sindhus! O sol está prestes a alcançar a montanha de Asta. Escute, no entanto, as palavras que eu digo a respeito da morte de Jayadratha. O pai de Jayadratha é Vriddhakshatra conhecido por todo o mundo. Foi depois um longo tempo que ele obteve Jayadratha, aquele matador de inimigos, como seu filho. (No nascimento do filho) uma voz incorpórea e invisível, profunda como aquela das nuvens ou do tambor, disse ao rei Vriddhakshatra: 'Esse teu filho, ó senhor, entre os homens nesse mundo se tornará digno das duas raças (isto é, a Solar e a Lunar) em relação a sangue, comportamento, autodomínio e outros atributos. Ele se tornará um dos mais notáveis dos Kshatriyas, e sempre será adorado por heróis. Mas enquanto lutando em batalha, um touro entre os Kshatriyas, um homem notável no mundo, cheio de ira, cortará a cabeça dele.' Aquele castigador de inimigos, ou seja, o (velho) soberano dos Sindhus, ouvindo essas palavras, refletiu por algum tempo. Dominado pela afeição por seu filho, ele convocou todos os seus parentes e disse, 'Aquele homem que fizer a cabeça de meu filho cair no chão enquanto o último, lutando em batalha, estiver aguentando uma grande carga, eu digo que a cabeça daquele homem sem dúvida se partirá em cem pedaços.' Tendo falado essas palavras e instalado Jayadratha no trono, Vriddhakshatra, dirigindo-se para as florestas, dedicou-se a austeridades ascéticas. Dotado de grande energia, ele ainda está engajado na observância das mais austeras das penitências do lado de fora dessa mesma Samantapanchaka, ó de estandarte de macaco! Portanto, cortando a cabeça de Jayadratha nessa batalha terrível, tu, ó matador de inimigos, deves, ó Bharata, por meio da tua ameaçadora arma celeste de feitos extraordinários, jogar rapidamente aquela cabeça enfeitada com brincos sobre o colo do próprio Vriddhakshatra, ó irmão mais novo do filho do deus do vento! Se tu derrubares a cabeça de Jayadratha sobre a terra, tua própria cabeça, então, sem dúvida, se partirá em cem fragmentos. Ajudado por tua arma celeste, faça este ato de tal maneira que aquele senhor de terra, o velho rei Sindhu, não possa saber que isso está feito. Realmente, ó Arjuna, não há nada nos três mundos que tu não possas alcançar ou fazer, ó filho de Vasava!' Ouvindo essas palavras (de Krishna), Dhananjaya, lambendo os cantos de sua boca, disparou rapidamente aquela flecha a qual ele tinha pegado para matar Jayadratha, aquela flecha cujo toque parecia aquele do trovão de Indra, a qual foi insuflada com mantras e convertida em uma arma celeste, que era capaz de suportar qualquer tensão, e que tinha sempre sido

adorada com incenso e guirlandas. Aquela flecha, disparada do Gandiva, correndo rapidamente, arrebatou a cabeça de Jayadratha, como um falcão arrebatando uma ave menor do topo de uma árvore. Dhananjaya, então, com suas flechas, lançou aquela cabeça ao longo do céu (sem permitir que ela caísse). Para afligir seus inimigos e alegrar seus amigos, o filho de Pandu, por disparar suas flechas repetidamente nela, enviou aquela cabeça para fora dos limites de Samantapanchaka. Enquanto isso, o rei Vriddhakshatra, o pai do teu genro, dotado de grande energia, estava, ó majestade, dedicado às suas orações noturnas. Enfeitada com cachos pretos e adornada com brincos, aquela cabeça de Jayadratha foi jogada sobre o colo de Vriddhakshatra, quando o último estava dizendo suas orações em uma postura sentada. Assim jogada em seu colo, aquela cabeça ornada com brincos, ó castigador de inimigos, não foi vista pelo rei Vriddhakshatra. Quando o último, no entanto, ficou de pé depois de terminar suas orações ela caiu no chão de repente. E quando a cabeça de Jayadratha caiu na terra, a cabeça de Vriddhakshatra, ó castigador de inimigos, se quebrou em cem pedaços. À visão disso, todas as criaturas ficaram muito surpresas. E todas elas aplaudiram Vasudeva e o poderoso Vibhatsu.'"

"Depois que, ó rei, o soberano dos Sindhus tinha sido morto pelo enfeitado com diadema Arjuna, aquela escuridão, ó touro da raça Bharata, foi retirada por Vasudeva. Teus filhos com seus seguidores, ó rei, dessa maneira, vieram a saber subsequentemente que a escuridão que eles tinham visto era uma ilusão produzida por Vasudeva. Assim mesmo, ó rei, teu genro, o soberano dos Sindhus, tendo feito oito Akshauhinis serem massacrados, foi ele mesmo morto por Partha de energia inconcebível. Contemplando Jayadratha, o soberano dos Sindhus, morto, lágrimas de tristeza caíram dos olhos de teus filhos. Depois que Jayadratha, ó rei, tinha sido morto por Partha, Kesava soprou sua concha e aquele opressor de inimigos, o poderosamente armado Arjuna também soprou a dele; Bhimasena também, naquela batalha, como se para enviar uma mensagem para Yudhishthira, encheu o céu com um tremendo grito leonino. Yudhishthira, o filho de Dharma, ouvindo aquele grito tremendo compreendeu que o soberano dos Sindhus tinha sido morto por Phalguna de grande alma. Com sons de baterias e outros instrumentos ele alegrou os guerreiros do seu próprio exército, e procedeu contra o filho de Bharadwaja pelo desejo de lutar. Então começou, ó rei, depois do sol ter se posto, uma batalha violenta entre Drona e os Somakas, de arrepiar os cabelos. Desejosos de matá-lo, aqueles poderosos guerreiros em carros depois da queda de Jayadratha, lutaram com o filho de Bharadwaja, se esforçando ao máximo. De fato, os Pandavas, tendo obtido a vitória por matarem o soberano dos Sindhus lutaram com Drona, entusiasmados com o sucesso. Arjuna, também, ó rei, tendo matado o rei Jayadratha, lutou com muitos poderosos guerreiros em carros do teu exército. De fato, aquele herói ornado com diadema e guirlandas, tendo efetuado seu voto anterior, começou a destruir seus inimigos como o chefe dos celestiais destruindo os Danavas, ou o sol destruindo a escuridão.'"

146

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, o que meus guerreiros fizeram depois que o soberano heróico dos Sindhus foi morto por Arjuna.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o soberano dos Sindhus, ó majestade, morto em batalha por Partha, Kripa, o filho de Saradwat, sob a influência da ira, cobriu o filho de Pandu com uma chuva densa de flechas. O filho de Drona também, em seu carro, avançou contra Phalguna, o filho de Pritha. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros começaram de seus carros a despejar de direções opostas sobre o filho de Pandu suas flechas afiadas. Aquele mais notável dos guerreiros em carros, o poderosamente armado Arjuna, afligido por aquelas chuvas de flechas de (Kripa e do filho de Drona) sentiu grande dor. Sem desejar, no entanto, matar seu preceptor (Kripa) como também o filho de (seu outro preceptor) Drona, Dhananjaya, o filho de Kunti, começou a agir como um preceptor em armas. Desviando com suas próprias armas aquelas de Aswatthaman e Kripa, ele disparou neles, sem desejar matá-los, flechas que corriam brandamente. Aquelas, no entanto (embora brandamente) disparadas por Jaya, atingiram os dois com grande força, e por causa de seu número, causaram grande dor a Kripa e a seu sobrinho. Então o filho de Saradwat, ó rei, assim afligido pelas flechas de Arjuna, perdeu toda a força e desmaiou no terraço de seu carro. Percebendo que seu mestre atormentado por flechas estava privado de seus sentidos, e acreditando que ele estava morto, o motorista do carro de Kripa levou Kripa para longe da luta. E depois que Kripa, o filho de Saradwat, tinha sido levado dessa maneira para longe da batalha, Aswatthaman também, por medo, fugiu do filho de Pandu. Então o arqueiro poderoso, Partha, vendo o filho de Saradwat afligido por flechas e desmaiado, começou, em seu carro, a lamentar de modo comovente. Com um rosto lacrimoso e em grande tristeza de coração, ele proferiu essas palavras: 'Vendo tudo isso (em sua visão mental), Vidura de grande sabedoria, no nascimento do desprezível Suyodhana, aquele exterminador de sua linhagem, disse para Dhritarashtra, 'Que esse vil de sua linhagem seja logo morto. Devido a ele, uma grande calamidade atingirá os principais da família de Kuru.' Ai, essas palavras do revelador da verdade Vidura vieram a se tornar verdadeiras. É por ele que eu vejo meu preceptor hoje jazendo em um leito de flechas. Que vergonha para as práticas dos Kshatriyas! Que vergonha para meu poder e destreza! Quem mais como eu lutaria com um Brahmana que é, além disso, seu preceptor? Kripa é o filho de um Rishi; ele é, além disso, meu preceptor; ele é também o amigo querido de Drona. Ai, ele jaz esticado no terraço de seu carro, afligido por minhas flechas. Embora não desejando isso, eu ainda tenho sido vil de subjugá-lo com minhas flechas. Deitado sem sentidos no terraço de seu carro, ele atormenta muito meu coração. Embora ele me afligisse com flechas, eu ainda devia ter somente olhado para aquele guerreiro de esplendor deslumbrante (sem atacá-lo em retorno). Atingido por minhas flechas numerosas, ele seguiu o caminho de todas as criaturas. Por isso ele me atormentou mais até do que pela morte de meu próprio filho. Veja, ó Krishna, a qual situação ele foi reduzido, jazendo dessa maneira miseravelmente e em uma condição sem sentidos em seu próprio carro. Aqueles touros entre homens que dão objetos desejáveis para seus preceptores

depois de obterem conhecimento deles, alcançam a divindade. Aqueles mais vis dos mortais por outro lado, que, depois de obterem conhecimento de seus preceptores atacam os últimos, aqueles homens perversos, vão para o inferno. Sem dúvida, esse ato que eu fiz me levará para o inferno. Eu perfurei profundamente meu preceptor em seu carro com chuvas de flechas. Quando estudando a ciência de armas aos seus pés, Kripa me disse naquele tempo, 'Ó tu da família de Kuru, nunca ataque teu preceptor.' Aquela ordem do meu preceptor justo e de grande alma eu não obedeci, pois eu atingi o próprio Kripa com minhas flechas. Eu me curvo àquele filho venerável de Gotama, àquele herói que não recua. Que vergonha para mim, ó tu da linhagem de Vrishni, já que eu atingi até ele.' Enquanto Savyasachin estava lamentando dessa maneira por Kripa, o filho de Radha, vendo o soberano dos Sindhus morto, avançou em direção a ele. Vendo o filho de Radha avançando em direção a Arjuna os dois príncipes Panchala e Satyaki avançaram de repente em direção a ele. O poderoso guerreiro em carro, Partha, vendo o filho de Radha avançando, dirigiu-se sorridente ao filho de Devaki e disse, 'Lá vai o filho de Adhiratha contra o carro de Satyaki. Sem dúvida, ele não pode suportar a morte de Bhurisravas em batalha. Incite meus corcéis, ó Janardana, em direção ao local para onde Karna vai. Não deixemos Vrisha (Karna) fazer o herói Satwata seguir na esteira de Bhurisravas.' Assim endereçado por Savyasachin, Kesava de braços fortes, dotado de grande energia, respondeu nessas palavras oportunas, 'O poderosamente armado Satyaki é sozinho um páreo para Karna, ó filho de Pandu! Quão superior então esse touro entre os Satwatas é quando ele está unido com os dois filhos de Drupada? Por enquanto, ó Partha, não é apropriado para ti lutar com Karna. O último tem com ele o dardo brilhante, semelhante a um meteoro ardente, que Vasava deu a ele. Ó matador de heróis hostis, ele o tem mantido por tua causa, adorando-o com reverência. Deixe Karna então proceder livremente contra o herói Satwata. Eu sei, ó filho de Kunti, a hora desse indivíduo perverso, quando, de fato, tu irás, com flechas afiadas, derrubá-lo de seu carro.'"

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me, ó Sanjaya, como ocorreu a batalha entre o heróico Karna e Satyaki da tribo Vrishni, depois da queda de Bhurisravas e do soberano dos Sindhus. Satyaki estava sem carro, sobre qual carro então ele estava posicionado? E como também os dois protetores das rodas (do carro de Arjuna), os dois príncipes Panchala, lutaram?'"

"Sanjaya disse, 'Eu descreverei para ti tudo o que aconteceu naquela batalha terrível. Ouça pacientemente as (consequências da) tua própria má conduta. Antes mesmo do combate, Krishna sabia em seu coração que o heróico Satyaki seria derrotado pelo de estandarte de estaca (Bhurisravas). Janardana, ó rei, conhece o passado e o futuro. Por isso, convocando seu quadrigário, Daruka, ele o tinha ordenado, dizendo, 'Que meu carro seja mantido equipado amanhã.' Esse mesmo tinha sido o comando daquele poderoso. Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Yakshas, nem os Uragas, nem os Rakshasas, nem seres humanos são capazes de conquistar os dois Krishnas. Os deuses com o Avô em sua chefia, como também os Siddhas, conhecem a destreza incomparável daqueles dois. Ouça, no entanto, agora a batalha como ela aconteceu. Vendo

Satyaki sem carro e Karna pronto para lutar Madhava soprou sua concha de alto clangor na nota Rishabha (a segunda das sete notas da escala musical Hindu.) Daruka, ouvindo o clangor da concha (de Kesava), compreendeu o significado, e logo levou aquele carro, equipado com um estandarte alto de ouro, para onde Kesava estava. Com a permissão de Kesava, sobre aquele carro guiado por Daruka, e que parecia o fogo ardente ou o sol em refulgência, subiu o neto de Sini. Subindo no carro que parecia um veículo celeste e ao qual estavam unidos aqueles principais dos corcéis, capazes de ir a todos os lugares à vontade, isto é, Saivya e Sugriva e Meghapushya e Valahaka, e que estavam enfeitados com arreios de ouro, Satyaki avançou contra o filho de Radha, espalhando inúmeras flechas. Os dois protetores das rodas do carro (de Arjuna), Yudhamanyu e Uttamaujas, abandonando o carro de Dhananjaya, procederam contra o filho de Radha. O filho de Radha também, ó rei, disparando chuvas de flechas, avançou furiosamente, naquela batalha, contra o neto invencível de Sini. A batalha que ocorreu entre eles foi tal que nunca se tinha sido ouvido falar de uma igual como tendo ocorrido na terra ou no céu entre deuses, Gandharvas, Asuras, Uragas, ou Rakshasas. A hoste inteira consistindo em carros, corcéis, homens, e elefantes, se absteve da luta, contemplando, ó monarca, os feitos atordoantes dos dois guerreiros. Todos se tornaram espectadores silenciosos daquela batalha sobre-humana entre aqueles dois heróis humanos, ó rei, e da habilidade de Daruka em guiar o carro. De fato, vendo a habilidade do quadrigário Daruka permanecendo no carro, enquanto ele guiava o veículo para a frente, para trás, lateralmente, ora se movendo em círculos e ora parando completamente, todos estavam assombrados. Os deuses, os Gandharvas, e os Danavas, no céu, assistiram atentamente aquela batalha entre Karna e o neto de Sini. Ambos dotados de grande poder, um desafiando o outro, aqueles dois guerreiros aplicaram sua destreza por causa de seus amigos. Karna que parecia um celestial, e Yuyudhana, ó rei, despejaram um sobre o outro chuvas de flechas. De fato, Karna oprimiu o neto de Sini com suas chuvas de flechas, incapaz de suportar a morte (por Satyaki) do herói Kuru, Jalasandha. Cheio de aflição e suspirando como uma cobra imensa, Karna, lançando olhares furiosos no neto de Sini naquela batalha, e como se queimando-o com eles, avançou nele furiosamente repetidas vezes, ó castigador de inimigos! Vendo ele cheio de raiva, Satyaki perfurou-o em retorno, disparando chuvas densas de flechas, como um elefante perfurando (com suas presas) um elefante rival. Aqueles dois tigres entre homens, dotados da força de tigres e possuidores de destreza incomparável, mutilaram um ao outro violentamente naquela batalha. O neto de Sini, então, com flechas feitas totalmente de ferro, repetidamente perfurou Karna, aquele castigador de inimigos, em todos os seus membros. E ele também derrubou, com uma flecha de cabeça larga, o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. E com suas flechas afiadas, ele matou os quatro corcéis, de cor branca, do filho de Adhiratha. E então cortando em cem fragmentos o estandarte de Karna com cem flechas, aquele touro entre homens fez Karna ficar sem carro na própria visão do teu filho. Então todos os teus guerreiros, ó rei, ficaram tristes. Então Vrishasena, o filho de Karna, e Salya, o soberano dos Madras, e o filho de Drona cercaram o neto de Sini por todos os lados. Então uma confusão começou, e nada podia ser visto. De fato, quando o heróico Karna foi feito sem carro por Satyaki, gritos de 'Oh' e 'Ai' se

ergueram entre todas as tuas tropas. Karna também, ó rei, perfurado por Satwata com suas flechas e muito enfraquecido subiu no carro de Duryodhana, suspirando profundamente, se lembrando de sua amizade por teu filho desde sua infância e tendo se esforçado para cumprir a promessa que ele tinha feito a respeito da concessão da soberania para Duryodhana. Depois que Karna tinha ficado sem carro, teus bravos filhos, encabeçados por Duhsasana, ó rei, não foram mortos pelo autocontrolado Satyaki porque o último não desejou falsificar o voto feito por Bhimasena. Desejoso também de não falsificar o voto antigamente feito por Partha (a respeito da morte de Karna), Satyaki simplesmente fez aqueles guerreiros ficarem sem carro e os enfraqueceu muito, mas não os privou de vida. Foi Bhima que jurou a morte de teus filhos, e foi Partha que, no momento da segunda partida com dados, jurou a morte de Karna. Embora todos aqueles guerreiros encabeçados por Karna fizessem fortes esforços para matar Satyaki, aqueles principais dos guerreiros em carros fracassaram em matá-lo. O filho de Drona e Kritavarman e outros poderosos guerreiros em carros, como também centenas de Kshatriyas principais, foram todos vencidos por Satyaki com um único arco. Aquele herói lutou, desejoso de beneficiar o rei Yudhishthira o justo, e de alcançar o céu. De fato, Satyaki, aquele subjugador de inimigos, era igual a um ou outro dos dois Krishnas em energia. Sorrindo ele subjugou todas as tuas tropas, ó melhor dos homens! Nesse mundo, há somente três arqueiros poderosos, Krishna, Partha, e Satyaki. Não há quarto para ser visto.'"

"Dhritarashtra disse, 'Subindo no carro invencível de Vasudeva que tinha Daruka como seu motorista, Satyaki, orgulhoso da força de seus braços e igual em batalha ao próprio Vasudeva, fez Karna ficar sem carro. Satyaki foi levado em algum outro carro (depois que seu combate com Karna terminou)? Eu estou desejoso de saber isso, ó Sanjaya! Tu és hábil em narração. Eu considero Satyaki como sendo dotado de bravura insuportável. Conte-me tudo, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como isso aconteceu. O inteligente irmão mais novo de Daruka logo trouxe para Satyaki outro carro, devidamente equipado com todos os artigos necessários. Com varais ligados a ele por correntes de ferro e ouro e fitas de seda, ornado com mil estrelas, decorado com pendões e com a figura de um leão em seu estandarte, com cavalos, velozes como o vento e adornados com arreios de ouro unidos a ele, e com estrépito profundo como o ribombo das nuvens, aquele carro foi levado para ele. Subindo nele, o neto de Sini avançou contra tuas tropas. Daruka, enquanto isso, foi como lhe agradava para o lado de Kesava. Um novo carro foi levado para Karna também, ó rei, ao qual estavam unidos quatro corcéis da melhor raça que estavam enfeitados com arreios de ouro e brancos como conchas ou leite. Seu kaksha e estandarte eram feitos de ouro. Equipado com pendões e mecanismos, aquele principal dos carros tinha um motorista excelente. E ele estava equipado com uma profusão de armas de todos os tipos. Subindo naquele carro, Karna também avançou contra seus inimigos. Eu agora te disse tudo o que tu me perguntaste. Mais uma vez, no entanto, ó rei, tenha conhecimento da (extensão da) destruição causada por tua má política. Trinta e um dos teus filhos foram mortos por Bhimasena. Tendo Durmukha como seu principal, eles eram familiarizados com todos os modos de

guerra. Satyaki e Arjuna também tem matado centenas de heróis com Bhimasena como seu principal, e Bhagadatta também, ó majestade! Assim mesmo, ó rei, começou a destruição causada por teus maus conselhos.'"

147

"Dhritarashtra disse, 'Quando tal era a condição da batalha entre aqueles heróis de lado deles e do meu, o que Bhima fez então? Conte-me tudo, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Depois que Bhimasena tinha ficado sem carro, aquele herói, afligido pelos dardos verbais de Karna e cheio de raiva, dirigiu-se a Phalguna e disse, 'Na tua própria vista, ó Dhananjaya, Karna repetidamente me disse, 'Eunuco, tolo, glutão, inábil com armas, não lute, criança, incapaz de aguentar a carga da batalha!' Aquele que me falasse dessa maneira seria morto por mim. Karna me disse aquelas palavras, ó Bharata! Ó poderosamente armado, tu conheces o voto que eu fiz juntamente contigo. Lembre-te das palavras que foram então faladas por mim. Ó principal dos homens, aja de maneira que aquele meu voto, ó filho de Kunti, como também teu próprio voto, não possam ser falsificados. Ó Dhananjaya, faça aquilo pelo qual aquele meu voto possa ser feito verdadeiro.' Ouvindo essas palavras de Bhima, Arjuna de destreza imensurável, chegando perto de Karna naquela batalha, disse a ele, 'Ó Karna, tu combates de modo desleal. Ó filho de um Suta, tu elogias a ti mesmo. De má compreensão, ouça agora o que eu te digo. Heróis encontram com uma ou outra dessas duas coisas em batalha, isto é, vitória ou derrota. Ambas são incertas, ó filho de Radha! O caso não é de outra maneira quando o próprio Indra está envolvido em batalha. Feito sem carro por Yuyudhana, com teus sentidos não mais sob teu controle, tu estivesses quase às portas da morte. Lembrando, no entanto, que eu tinha jurado te matar, aquele herói te dispensou sem tirar tua vida. É verdade que tu conseguiste privar Bhimasena de seu carro. Teu insulto, no entanto, ó filho de Radha, àquele herói foi pecaminoso. Aqueles touros entre homens que são realmente justos e corajosos, tendo derrotado um inimigo, nunca se gabam, nem falam mal de ninguém. Teu conhecimento, no entanto, é pequeno. É por isso, ó filho de um Suta, que tu te perdeste em tais palavras. Então, além disso, os epítetos ofensivos que tu aplicaste ao combatente Bhimasena, dotado de grande bravura e heroísmo e dedicado às práticas dos justos, não eram compatíveis com a verdade. Na própria vista de todas as tropas, de Kesava, como também de mim mesmo, tu foste feito muitas vezes sem carro por Bhimasena em batalha. Aquele filho de Pandu, no entanto, não te chamou de uma única palavra desagradável. Já que, no entanto, tu te dirigiste a Vrikodara em muitas palavras rudes, e já que tu com outros mataste o filho de Subhadra fora da minha visão, portanto, nesse mesmo dia obtenha o fruto daquelas tuas ofensas. Foi para tua própria destruição, ó indivíduo perverso, que tu então cortaste o arco de Abhimanyu; por isso, ó tu de pouca inteligência, tu serás morto por mim, com todos os teus seguidores, tropas, e animais. Faça agora aquelas ações as quais tu deves fazer, pois uma grande calamidade está pairando sobre ti. Eu matarei Vrishasena diante dos teus olhos em batalha. Todos aqueles outros reis, além disso, que avançarem contra mim, eu

mandarei para a residência de Yama. Eu falo isso verdadeiramente, colocando minha mão sobre minha arma. Um tolo como tu és, sem sabedoria e cheio de vaidade, eu digo que te vendo jazendo no campo de batalha o perverso Duryodhana se entregará a amargas lamentações.' Depois que Arjuna tinha jurado a morte do filho de Karna, um tumulto alto e tremendo ergueu-se entre os guerreiros em carros. Naquele momento terrível quando a confusão estava em todos os lugares, o sol de mil raios, escurecendo seus raios, entrou na colina Asta. Então, ó rei, Hrishikesa, posicionado na vanguarda da batalha abraçando Arjuna que tinha cumprido seu voto, disse a ele essas palavras, 'Por boa sorte, ó Jishnu, teu grande voto foi cumprido. Por boa sorte Vriddhakshatra foi morto junto com seu filho. O próprio generalíssimo celeste, ó Bharata, enfrentando o exército Dhartarashtra em batalha, ó Jishnu, perderia seus sentidos. Não há dúvida disto. Exceto tu, ó tigre entre homens, eu nem em pensamento vejo a pessoa nos três mundos que possa lutar com essa hoste. Muitos guerreiros nobres dotados de grande destreza, iguais a ti ou superiores foram reunidos por ordem de Duryodhana. Vestidos em armadura, eles não puderam se aproximar de ti, enfrentando tua pessoa furiosa em batalha. Tua energia e poder são iguais àqueles de Rudra ou do próprio Destruidor. Ninguém mais é capaz de empregar semelhante destreza em batalha como tu, ó opressor de inimigos, sozinho e não protegido, empregaste hoje. Dessa maneira eu te elogiarei novamente depois que Karna de alma perversa tiver sido morto junto com seus seguidores. Dessa maneira eu te glorificarei quando aquele teu inimigo tiver sido subjugado e morto.' Para ele Arjuna respondeu, 'Pela tua graça, ó Madhava, esse voto que até os deuses podiam realizar com dificuldade, foi cumprido por mim. Não é em absoluto uma questão de surpresa a vitória daqueles que tem a ti, ó Kesava, como seu senhor. Pela tua graça, Yudhishthira obterá a terra inteira. Tudo isso é devido ao teu poder, ó tu da linhagem de Vrishni! Essa é tua vitória, ó senhor! Nossa prosperidade é tua vitória, ó senhor! Nossa prosperidade é tua atenção e nós somos teus criados, ó matador de Madhu!' Assim endereçado, Krishna sorriu suavemente, e instigou os corcéis lentamente. E ele mostrou para Partha, enquanto eles passavam, o campo de batalha cheio de visões cruéis.'"

"Então Krishna disse, 'Desejosos de vitória em batalha ou fama mundial muitos reis heróicos estão jazendo no solo, atingidos por tuas flechas. Suas armas e ornamentos jazem espalhados, e seus corcéis, carros, e elefantes estão mutilados e quebrados. Com suas cotas de malha perfuradas ou cortadas, eles obtiveram a maior aflição. Alguns deles ainda estão vivos, e algum deles estão mortos. Aqueles, no entanto, que estão mortos, ainda parecem estar vivos por causa do esplendor do qual eles são dotados. Contemple a terra coberta com suas flechas equipadas com asas douradas, com suas numerosas outras armas de ataque e defesa, e com seus animais (privados de vida). De fato, o solo parece resplandecente com cotas de malha e colares de pedras preciosas, com suas cabeças enfeitadas com brincos, e proteções para a cabeça e diademas, e coroas florais e jóias usadas em coroas, e Kanthasutras e Angadas, e gargantilhas de ouro, e com diversos outros ornamentos belos. Coberto com Anuskaras e aljavas, com estandartes e pendões, com Upaskaras e Adhishthanas, com flechas e topos de carros, com rodas quebradas e belos Akshas em profusão, com cangas e

arreios de corcéis, com cintos e arcos e flechas, com elefantes, mantas para cavalos, com maças com ferrões e ganchos de ferro, com dardos e setas curtas, com lanças e arpões, com Kundas e cassetetes, com Sataghnis e Bhushandis, com cimitarras e machados, com clavas e malhos curtos e pesados, com maças e Kunapas, com chicotes enfeitados com ouro, ó touro da raça Bharata, com os sinos e diversos outros ornamentos de elefantes poderosos, com guirlandas florais e vários tipos de decorações, e com mantos caros todos soltos dos corpos de homens e animais, o solo resplandece brilhantemente como o céu outonal com planetas e estrelas. Os senhores da terra, mortos por causa da terra, estão dormindo sobre o solo abraçando com seus membros a terra como uma esposa querida. Como montanhas derramando através de suas cavernas e fendas correntes de greda líquida, esses elefantes, parecendo o próprio Airavata e enormes como montanhas, estão derramando abundantes correntes de sangue pelas aberturas em seus corpos causadas por armas. Veja, ó herói, aquelas criaturas enormes afligidas por flechas jazendo no chão em convulsões. Contemple aqueles cavalos também, jazendo no solo, enfeitados com arreios de ouro. Contemple também, ó Partha, aqueles carros sem passageiros e sem motorista que tinham uma vez parecido com veículos celestes ou as formas vaporosas no céu noturno, agora jazendo no chão, com bandeiras e pendões e Akshas e cangas cortados em pedaços, e com varais e topos quebrados, ó senhor. Soldados de infantaria também, ó herói, portando arcos e escudos e mortos às centenas e milhares estão jazendo no chão, banhados em sangue e abraçando a terra com todos os membros e seus cabelos cobertos com pó. Veja, ó poderosamente armado, aqueles guerreiros com corpos mutilados por tuas armas. Contemple a terra, coberta com rabos de iaque e leques, e guarda-sóis e estandartes, e corcéis e carros e elefantes, e com diversos tipos de cobertores, e rédeas de corcéis, e mantos belos e caros Varuthas (de carros), olhe, como se coberta com tapeçaria bordada. Muitos guerreiros caídos das costas de elefantes bem equipados junto com aquelas próprias criaturas que eles tinham guiado, estão parecendo com leões caídos de topos do montanha derrubados pelo raio. Misturados com os corcéis (que eles guiavam) e os arcos (que eles seguravam), cavaleiros e soldados de infantaria em grandes números estão jazendo no campo, cobertos com sangue. Veja, ó principal dos homens, a superfície da terra está terrível de se olhar, coberta como ela está com grande número de elefantes e corcéis e guerreiros em carros mortos, e lodosa com sangue, gordura, e carne podre em profusão, e na qual cachorros e lobos e Pisachas e diversos vagueadores da noite estão vagando com alegria! Esse feito poderoso e aumentador de fama no campo de batalha é capaz de ser realizado somente por ti, ó pujante, ou por aquele chefe dos deuses, o próprio Indra, que em grande batalha matou os Daityas e os Danavas.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim mostrando o campo de batalha para o enfeitado com diadema Arjuna, Krishna soprou sua concha Panchajanya com os alegres soldados do exército Pandava (soprando suas respectivas conchas). Tendo mostrado o campo de batalha para o herói ornado com diadema, aquele matador de inimigos, Janardana, procedeu rapidamente em direção a Ajatasatru, o filho de Pandu, e informou-o da morte de Jayadratha.'"

148

"Sanjaya disse, 'Depois que o soberano dos Sindhus foi morto por Partha, Krishna, se dirigindo ao rei Yudhishthira, o filho de Dharma, reverenciou o último com o coração alegre. E ele disse, 'Por boa sorte, ó rei de reis, tua prosperidade aumenta. Ó melhor dos homens, teu inimigo foi morto. Por boa sorte, teu irmão mais novo cumpriu seu voto.' Assim endereçado por Krishna, aquele subjugador de cidades hostis, o rei Yudhishthira, cheio de alegria, desceu de seu carro, ó Bharata! Seus olhos cheios de lágrimas de alegria, ele abraçou os dois Krishnas e enxugando seu rosto claro e semelhante ao lótus, disse essas palavras para Vasudeva, e Dhananjaya, o filho de Pandu, 'Ó poderosos guerreiros em carros, por boa sorte, eu vejo vocês dois depois de vocês terem cumprido sua tarefa. Por boa sorte, aquele canalha pecaminoso, o soberano dos Sindhus, foi morto. Ó Krishnas, por boa sorte, vocês fizeram aquilo que me encheu de grande felicidade. Por boa sorte, nossos inimigos estão mergulhados em um oceano de aflição. Tu és o senhor soberano de todos os mundos, ó matador de Madhu! Nos três mundos aqueles que tem a ti como seu preceptor não podem ter objetivo incapaz de realização. Pela tua graça, ó Govinda, nós conquistaremos nossos inimigos, como Indra conquistando os Danavas nos tempos passados. Seja a conquista do mundo, ou seja a conquista dos três mundos, tudo é indubitável, ó tu da linhagem de Vrishni, no caso daqueles com quem tu estás satisfeito, ó concessor de honras! Não podem ter pecado, nem podem encontrar a derrota em batalha aqueles com quem tu, ó senhor dos celestiais, estás satisfeito, ó concessor de honras! Foi por tua graça, ó Hrishikesa, que Sakra tornou-se o chefe dos celestiais. Por tua graça, aquele personagem abençoado obteve no campo de batalha a soberania dos três mundos! Foi por tua graça, ó senhor dos celestiais, que o último obteve imortalidade, ó Krishna, e desfruta de regiões eternas (de bem aventurança). Tendo matado milhares de Daityas, com destreza tendo sua origem em tua graça, ó matador de inimigos, Sakra obteve o domínio dos celestiais. Pela tua graça, ó Hrishikesa, o universo móvel e imóvel, sem se desviar de seu curso (ordenado), ó herói, está engajado em orações e homa! (Tudo, até a criação inanimada, existe e adora a Divindade Suprema.) No início, este universo, envolvido em escuridão, era uma vasta extensão de água. Pela tua graça, ó de braços fortes, o universo se tornou manifesto, ó melhor dos homens! Tu és o criador de todos os mundos, tu és a Alma Suprema, e tu és imutável! Aqueles que te contemplam, ó Hrishikesa, nunca são confundidos. Tu és o Deus Supremo, tu és o Deus dos deuses, e tu és Eterno. Aqueles que procuram refúgio contigo, ó senhor dos deuses, nunca são confundidos. Sem início e sem morte, tu és Divino, o Criador de todos os mundos, e imutável. Aqueles que são devotados a ti, ó Hrishikesa, sempre passam sobre todas as dificuldades. Tu és Supremo, o Antigo, o Ser Divino, e aquele que é o mais Alto dos altos. Aquele que alcança aquilo, isto é, teu Ser Supremo, tem ordenada para ele a maior prosperidade. Tu és cantado nos quatro Vedas. Os quatro Vedas cantam a respeito de ti. Procurando tua proteção, ó de grande alma, eu desfrutarei de prosperidade incomparável. Tu és o Deus Supremo, tu és Deus dos deuses mais elevados, tu és o senhor das criaturas aladas, e o senhor de

todos os seres humanos. Tu és o Senhor Supremo de tudo. Eu reverencio a ti, ó melhor dos seres! Tu és o Senhor, o Senhor dos senhores, ó pujante! Prosperidade para ti, ó Madhava! Ó tu de olhos grandes, ó Alma Universal, tu és a origem de todas as coisas. Aquele, além disso, que é um amigo de Dhananjaya ou está empenhado no bem de Dhananjaya, alcança a ti que és o preceptor de Dhananjaya e obtém felicidade.' Assim endereçados por ele aqueles de grande alma, Kesava e Arjuna, disseram alegremente para o rei, aquele senhor da terra, 'O pecaminoso rei Jayadratha foi consumido pelo fogo da tua ira. Ó pujante, embora a hoste Dhartarashtra seja vasta e cheia de orgulho, ainda assim, ó Bharata, atacada e massacrada, ela está sendo exterminada. Ó matador de inimigos, é por causa da tua ira que os Kauravas estão sendo destruídos. Tendo, ó herói, enfurecido a ti que podes matar com teus olhos somente, Suyodhana de mente perversa com seus amigos e parentes terá que sacrificar sua vida em batalha. Morto antes por causa da tua ira, e derrubado também pelos próprios deuses, o invencível Bhishma, o avô dos Kurus, jaz agora em um leito de flechas. Ó matador de inimigos, vitória em batalha é inalcançável para eles, e a morte também espera por eles que tem a ti, ó filho de Pandu, como seu inimigo. Reino, vida, pessoas queridas, filhos, e diversos tipos de felicidade logo serão perdidos por ele com quem tu, ó opressor de inimigos, estás zangado. Eu considero os Kauravas como estando perdidos com seus filhos e parentes quando tu, ó opressor de inimigos, que és cumpridor dos deveres de um rei, estás zangado com eles.' Então Bhima, ó rei, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, ambos mutilados por flechas, saudaram seu superior. E aqueles dois poderosos arqueiros se sentaram no chão, circundados pelos Panchalas. Vendo aqueles dois heróis cheios de alegria e chegados e esperando com mãos unidas, o filho de Kunti felicitou ambos, dizendo, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês dois, ó heróis, saídos com vida daquele mar de tropas (hostis), aquele mar no qual Drona representou o papel de um jacaré invencível, e o filho de Hridika o de um tubarão feroz. Por boa sorte, todos os reis da terra foram subjugados (por vocês dois). Por boa sorte eu vejo vocês dois vitoriosos em batalha. Por boa sorte, Drona foi vencido em batalha, e aquele poderoso guerreiro em carro também, o filho de Hridika. Por boa sorte Karna foi vencido em batalha com flechas farpadas. Por boa sorte, Salya também foi obrigado a se retirar do campo por vocês dois, ó touros entre homens. Por boa sorte, eu vejo ambos voltarem sãos e salvos da batalha, vocês que são os mais notáveis dos guerreiros em carros e bem hábeis em batalha! Por boa sorte, eu vejo novamente vocês, heróis que vadearam aquele mar de tropas em obediência à minha ordem, vocês que foram para a batalha impelidos pelo desejo de me honrar! Vocês são heróis que se deleitam em batalha. Vocês são para mim como a vida. Por boa sorte, eu vejo vocês dois.' Tendo dito isso, o filho de Pandu, ó rei, abraçou Yuyudhana e Vrikodara, aqueles tigres entre homens, e derramou lágrimas de alegria. Então, ó monarca, a hoste inteira dos Pandavas ficou contente e cheia de alegria. E todos eles mais uma vez colocaram seus corações na batalha.'"

149

"Sanjaya disse, 'Após a queda, ó rei, do soberano dos Sindhus, teu filho Suyodhana, seu rosto molhado com lágrimas, e ele mesmo cheio de angústia e dando suspiros difíceis como uma cobra cujas presas foram quebradas, aquele pecador contra o mundo inteiro, teu filho, sentiu amarga aflição. Contemplando aquele grande massacre terrível de suas tropas causado por Jishnu e Bhimasena e Satwata em batalha, ele ficou pálido, abatido e melancólico, e seus olhos ficaram cheios de lágrimas. E ele chegou a pensar que não existia guerreiro sobre a terra que pudesse ser comparado com Arjuna. Nem Drona, nem o filho de Radha, nem Aswatthaman, nem Kripa, ó majestade, são competentes para resistir diante de Arjuna quando o último está cheio de ira. E Suyodhana disse para si mesmo, 'Tendo vencido em batalha todos os poderosos guerreiros em carros do meu exército, Partha matou o soberano dos Sindhus. Ninguém pode resistir a ele. Essa minha vasta hoste foi quase exterminada pelos Pandavas. Eu penso que não há ninguém que possa proteger meu exército, não, nem o próprio Purandara. Ele, confiando em quem eu estou engajado nesse duelo em batalha, ai, aquele Karna foi derrotado em batalha e Jayadratha morto. Karna, confiando em cuja energia eu considerei Krishna como palha que veio me pedir pela paz, ai, aquele Karna foi vencido em batalha.' Sofrendo assim dentro de seu coração, aquele pecador contra o mundo inteiro, ó rei, foi até Drona, ó touro da raça Bharata, para vê-lo. Dirigindo-se a ele, ele informou Drona daquele imenso massacre dos Kurus, da vitória de seus inimigos, e da terrível calamidade dos Dhartarashtras. E Suyodhana disse, 'Veja, ó preceptor, essa matança imensa de reis (literalmente, 'o fato dos Dhartarashtras terem caído (em desgraça)). Eu vim para a batalha, colocando aquele meu avô, o heróico Bhishma, em nossa dianteira. Tendo matado ele, Sikhandin, sua aspiração realizada, permanece na própria vanguarda de todas as tropas, cercado por todos os Panchalas, cobiçoso de outro triunfo. Outro discípulo teu, o invencível Savyasachin, tendo matado sete Akshauhinis das tropas despachou o rei Jayadratha para a residência de Yama. Como, ó preceptor, eu serei libertado da dívida que eu tenho para com aqueles meus aliados que, desejosos da minha vitória e sempre dedicados ao meu bem, foram para a residência de Yama? Aqueles senhores da terra que tinham desejado a soberania da terra, estão agora jazendo no solo, abandonando toda sua prosperidade terrena. Realmente, eu sou um covarde. Tendo causado tal massacre de amigos, eu não ouso pensar que eu serei santificado por realizar mesmo cem sacrifícios de cavalo. Eu sou cobiçoso e pecaminoso e um transgressor contra a justiça. Só por causa das minhas ações, estes senhores de terra, em seu desejo por vitória, foram para a residência de Yama. Por que, na presença daqueles reis, a terra não me produz um buraco (pelo qual afundar), já que eu são tão pecaminoso em comportamento e tal fomentador de dissensões mortais? Ai, o que o avô com olhos vermelho sangue, aquele herói invencível que conquistou o outro mundo, irá me dizer no meio dos reis quando ele se encontrar comigo? Veja aquele arqueiro poderoso, Jalasandha, morto por Satyaki. Aquele grande guerreiro em carro, aquele herói, veio orgulhosamente para lutar por minha causa, preparado para sacrificar sua vida. Vendo o soberano dos Kamvojas morto, como também

Alamvusha e muitos outros aliados meus, que objetivo eu posso ter para preservar minha vida? Aqueles heróis que não recuavam que, lutando por minha causa e se esforçando ao máximo de seus poderes para subjugar meus inimigos, sacrificaram suas vidas. Eu irei hoje, ó opressor de inimigos, me esforçando com a maior medida de meu poder, me libertar da dívida que tenho para com eles e gratificá-los com oblações de água por me dirigir ao Yamuna. Ó principal de todos os portadores de armas, eu te digo realmente e juro pelas boas ações que eu tenho realizado, pela destreza que eu possuo e por meus filhos, que matando todos os Panchalas com os Pandavas, eu obterei paz mental, ou, morto por eles em batalha eu irei para aquelas regiões para onde aqueles meus aliados foram. Eu certamente procederei para lá onde aqueles touros entre homens, mortos por Arjuna enquanto envolvidos em batalha por minha causa, foram! Nossos aliados, vendo que eles não são bem protegidos por nós, não desejam mais ficar ao nosso lado. Ó tu de armas poderosas, eles agora consideram os Pandavas como sendo preferíveis a nós. Tu mesmo, de pontaria certeira, ordenaste nosso extermínio em batalha, pois tu trataste Arjuna com indulgência, já que ele é teu discípulo. É por isso que tem sido mortos todos aqueles que tem se esforçado para assegurar vitória para nós. Parece que somente Karna agora deseja nossa vitória. O homem de mente fraca que sem examinar devidamente outro, o aceita como um amigo e o emprega em assuntos importantes que requerem amigos para sua realização, sem dúvida sofrerá prejuízo embora este meu caso tenha sido administrado por meu melhor amigo! (Karna, Sakuni, Duhsasana e eu mesmo te aceitamos, ó preceptor, como um amigo, e te empregamos nessa batalha. Nós, entretanto, não sabíamos então que tu eras um inimigo disfarçado.) Eu sou muito cobiçoso, pecaminoso, de coração desonesto, e caracterizado pela avareza! Ai, o rei Jayadratha foi morto, e o filho de Somadatta também de grande energia, e os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis! Eu irei hoje para onde aqueles touros entre homens, mortos por Arjuna enquanto envolvidos em batalha por mim, foram. Na ausência daqueles touros entre homens, eu não tenho motivo para viver. Ó preceptor dos filhos de Pandu, deixe-me ter tua permissão nisto.'"

150

"Dhritarashtra disse, 'Depois que o soberano dos Sindhus tinha sido morto em batalha por Savyasachin e depois da queda de Bhurisravas, qual se tornou o estado de sua mente? Depois que Drona também tinha sido endereçado dessa maneira por Duryodhana no meio dos Kurus, o que o preceptor disse a ele então? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Altos lamentos ergueram-se entre tuas tropas, ó Bharata, depois da morte de Bhurisravas e do soberano dos Sindhus. Todos eles desconsideraram os conselhos do teu filho, aqueles conselhos por causa dos quais líderes de homens, às centenas, foram mortos. Em relação a Drona, ouvindo aquelas palavras do teu filho, ele ficou cheio de tristeza. Refletindo por um tempo curto, ó monarca, ele disse essas palavras em grande aflição.'"

"Drona disse, 'Ó Duryodhana, por que tu me perfuras dessa maneira com flechas verbais? Eu te disse antes que Arjuna não pode ser derrotado em batalha. Protegido pelo enfeitado com diadema Arjuna, Sikhandin matou Bhishma. Por aquele feito, ó tu da linhagem de Kuru, a bravura de Arjuna em batalha foi bem provada. Vendo Bhishma que era incapaz de ser derrotado pelos deuses e os Danavas, realmente morto em batalha, exatamente então eu soube que essa hoste Bharata estava condenada. Após a queda dele a quem de todas as pessoas nos três mundos nós considerávamos como sendo realmente o principal dos heróis, quem mais há em quem nós devemos confiar? Aqueles dados, ó majestade, com os quais Sakuni antigamente jogou na assembléia Kuru, não eram dados mas flechas afiadas capazes de matar inimigos. Aquelas mesmas flechas, ó senhor, disparadas por Jaya, estão agora nos matando. Embora Vidura as caracterizasse como sendo assim, tu ainda não as compreendeste dessa maneira. Aquelas palavras, além disso, que o sábio Vidura de grande alma, com lágrimas em seus olhos então disse para ti, aquelas palavras auspiciosas recomendando paz, tu então não ouviste. Aquela calamidade que foi predita agora chegou. Aquela carnificina terrível, ó Duryodhana, agora veio como o resultado daquela desobediência por ti das palavras de Vidura. Aquele homem de mente tola que, desconsiderando as palavras salutares de amigos de confiança, segue sua própria opinião, logo cai em uma situação deplorável. Ó filho de Gandhari, aquele grande pecado, isto é, aquele arrasto na nossa própria vista para a assembléia Kuru de Krishna que nunca mereceu tal tratamento, que nasceu em uma linhagem nobre, e que pratica toda virtude. Saiba que tudo isso é somente pouco, pois no mundo seguinte consequências terríveis ainda serão tuas. Vencendo os Pandavas nos dados por meio de fraude, tu os mandaste para as florestas, vestidos em peles de veado. Que outro Brahmana, exceto eu mesmo, nesse mundo, procuraria prejudicar aqueles príncipes que estão sempre dedicados à prática da virtude e que são para mim como meus próprios filhos? Com a aprovação de Dhritarashtra, no meio da assembléia Kuru, tu, com Sakuni como teu colaborador, provocaste a ira dos Pandavas. Unido com Duhsasana, Karna então atiçou aquela ira. Desconsiderando as palavras de Vidura, tu mesmo repetidamente a atiçaste. Com cuidado resoluto, todos vocês cercaram Arjuna, decididos a estar ao lado do soberano dos Sindhus. Por que então todos vocês foram vencidos e por que também Jayadratha foi morto? Por que, quando tu estás vivo, e Karna, e Kripa, e Salya, e Aswatthaman, ó Kaurava, o soberano dos Sindhus foi morto? Para salvar o soberano dos Sindhus, os reis (no teu lado) empregaram toda sua energia ardente. Por que então Jayadratha foi morto em seu meio? Confiando em mim, o rei Jayadratha tinha esperado seu resgate das mãos de Arjuna. Ele, no entanto, não obteve o resgate que ele esperava. Eu também não vejo minha segurança por mim mesmo. Até eu conseguir matar os Panchalas com Sikhandin, eu me sinto como alguém afundando no atoleiro Dhristadyumna. Tendo falhado, ó Bharata, em salvar o soberano dos Sindhus, por que tu me perfuras dessa maneira com tuas flechas verbais, vendo que eu também estou queimando de aflição? Tu não vês mais sobre o campo os estandartes dourados de Bhishma de pontaria certeira, aquele guerreiro que nunca se cansava em batalha. Como, então, tu podes esperar pelo êxito? Quando o soberano dos Sindhus e Bhurisravas também foram mortos no próprio meio de tantos poderosos guerreiros em carros, qual você

pensa, será o fim? Kripa, difícil de ser vencido, ainda está vivo, ó rei! Que ele não tenha seguido no rastro de Jayadratha, eu o louvo muito por isso! Quando eu vi o próprio Bhishma, aquele realizador dos feitos mais difíceis (em batalha), aquele guerreiro que não podia ser morto em batalha pelos deuses com Vasava em sua chefia, morto na tua visão, ó Kaurava, como também de teu irmão mais novo Duhsasana, eu pensei então, ó rei, que a Terra tinha te abandonado. Lá as tropas dos Pandavas e dos Srinjayas, juntas, estão agora avançando contra mim. Para realizar teu bem em batalha, ó filho de Dhritarashtra, eu não irei, sem matar todos os Panchalas, tirar minha armadura. Ó rei, vá e diga ao meu filho Aswatthaman que está presente em batalha que mesmo no risco de sua vida ele não deve deixar os Somakas em paz; (isto é, ele deve, por todos os meios em seu poder, se vingar dos Somakas, aqueles meus inimigos.) Tu deves também dizer a ele, 'Cumpra todas as instruções que tu recebeste do teu pai. Seja firme em atos de humildade, em autocontrole, em veracidade e justiça. Observador de religião, lucro, e prazer, sem negligenciar religião e lucro, tu deves sempre realizar aquelas ações nas quais a religião predomina. Os Brahmanas devem sempre ser gratificados com presentes. Todos eles merecem teu culto. Tu nunca deves fazer qualquer coisa que seja injuriosa para eles. Eles são como chamas de fogo.' Com relação a mim mesmo, eu penetrarei na hoste hostil, ó matador de inimigos, para fazer grande combate, atingido como eu fui por ti com tuas flechas verbais. Se tu puderes, ó Duryodhana, vá e proteja aquelas tropas. Ambos os Kurus e os Srinjayas estão furiosos. Eles lutarão mesmo durante a noite.' Dizendo essas palavras, Drona procedeu contra os Pandavas e se pôs a sobrepujar a energia dos Kshatriyas como o sol eclipsando a luz das estrelas.'"

151

"Sanjaya disse, 'Assim incitado por Drona, o rei Duryodhana, cheio de raiva colocou seu coração na batalha. E teu filho Duryodhana então disse para Karna, 'Veja, o filho ornado com diadema de Pandu, só com Krishna como colaborador, entrou na ordem de batalha formada pelo preceptor, uma ordem de batalha que os próprios deuses não podiam romper, e na própria vista do ilustre Drona lutando em batalha e de muitos outros principais dos guerreiros, matou o soberano dos Sindhus. Contemple, ó filho de Radha, muitos dos principais reis jazendo na terra, mortos em batalha por Partha sem qualquer ajuda, diante dos olhos do ilustre Drona e de mim mesmo, nos esforçando vigorosamente como uma hoste de animais inferiores massacrada por um leão. O filho de Sakra reduziu minha hoste a um pequeno resto do que ela era. Como, de fato, pode Phalguna, apesar da resistência oferecida por Drona em batalha, cumprir seu voto por matar o soberano dos Sindhus? Se o próprio Drona não desejava isso, ó herói, como pode o filho de Pandu, em batalha, ter rompido aquela formação de combate impenetrável, vencendo seu preceptor lutando? Realmente, Phalguna é muito querido para o preceptor ilustre! Por isso, o último lhe deu entrada, sem ter lutado com ele. Veja minha desgraça! Tendo em primeiro lugar prometido proteção para o soberano dos Sindhus, Drona, aquele opressor de inimigos, deu para o

enfeitado com diadema Arjuna entrada na formação de combate! Se ele tivesse no início concedido permissão para o soberano dos Sindhus voltar para casa, sem dúvida, tal carnificina horrível então nunca teria ocorrido. Ai! Jayadratha, na esperança de salvar sua vida, tinha desejado voltar para casa. Tendo obtido de Drona uma promessa de proteção em batalha, fui eu, um tolo que eu fui, quem o impediu de ir. Ai, hoje meus irmãos tendo Chitrasena como seu principal todos pereceram na própria vista de nossas pessoas infelizes.'"

"Karna disse, 'Não culpe o preceptor. Aquele Brahmana está lutando segundo a medida de seu poder e coragem e indiferente à sua própria vida. Se Arjuna, de corcéis brancos, tendo ultrapassado ele, penetrou na nossa formação de combate, a menor culpa por isso não deve ser atribuída ao preceptor. Phalguna é talentoso com armas, possuidor de grande força, dotado de juventude; ele é um herói que tem o domínio de todas as armas; ele é famoso pela celeridade de seus movimentos. Armado com armas celestes e sobre seu carro de estandarte de macaco, as rédeas de cujos cavalos além disso estavam nas mãos de Krishna, envolvido em armadura impenetrável, e pegando seu arco celeste Gandiva de poder infalível, o valente Arjuna, espalhando flechas afiadas, e orgulhoso da força de seus braços, ultrapassou Drona. Não há nada de surpreendente nisso. O preceptor, por outro lado, ó rei, é idoso e incapaz de prosseguir rapidamente. Ele é também, ó rei, incapaz de exercitar seus braços por longo tempo. Foi por isso que Phalguna, de corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário, conseguiu ultrapassar o preceptor. Por essa razão também, eu não vejo qualquer falha em Drona. Por tudo isso, quando Arjuna, de corcéis brancos, penetrou na nossa ordem de batalha, tendo ultrapassado o preceptor parece que o último, embora hábil com armas, é incapaz de subjugar os Pandavas em batalha. Eu penso que aquilo que está ordenado pelo Destino nunca ocorre de outra maneira. E já que, ó Suyodhana, apesar de nós lutarmos até a máxima extensão de nossos poderes, o soberano dos Sindhus foi morto em batalha, parece que o Destino é todo poderoso. Contigo mesmo nós todos nos esforçamos ao máximo de nossa força no campo de batalha. O destino, no entanto, frustrando nossos esforços, não nos sorriu. Nós temos sempre nos esforçado para prejudicar os Pandavas, confiando na fraude e na bravura. Qualquer ato, ó rei, que uma pessoa afligida pelo Destino faça, é frustrado pelo Destino, mesmo que a pessoa se esforce muito para realizá-lo. O que quer que, de fato, um homem dotado de perseverança deva fazer, deve ser feito destemidamente. Sucesso depende do Destino! Por meio de fraude os filhos de Pritha foram enganados como também pela aplicação de veneno, ó Bharata! Eles foram queimados no palácio de laca, eles foram derrotados nos dados. De acordo com os ditames da arte de governar, eles foram exilados para as florestas. Tudo isso, embora feito por nós com cuidado, vem sendo frustrado pelo Destino. Lute com determinação, ó rei, desprezando o Destino. Entre tu e eles, ambos se esforçando com toda sua bravura o Destino pode vir a ser propício para aquele partido que sobrepuja o outro. Nenhuma medida sábia foi adotada pelos Pandavas com a ajuda de inteligência superior. Nem, ó herói, nós vemos, ó perpetuador da família de Kuru, que tu fizeste qualquer coisa imprudente por falta de inteligência! É o Destino que decide o resultado das ações, sábias ou imprudentes; o Destino, sempre concentrado nos seus próprios propósitos está

desperto quando tudo mais dorme. Tua hoste era vasta, e teus guerreiros eram muitos. Assim mesmo a batalha começou. Com o pequeno exército deles, mais poderoso e consistindo em homens capazes de atacar com eficácia, ela foi muito reduzida. Eu temo que isso seja o trabalho do Destino, que tem frustrado nossos esforços.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto eles estavam conversando dessa maneira, ó rei, as divisões Pandava apareceram para a batalha. Então ocorreu uma batalha violenta entre teus guerreiros e os deles, nos quais carros e elefantes enfrentaram uns aos outros. Tudo isso, no entanto, ó rei, foi devido à tua má política!'"

152

(Ghatotkacha badha Parva)

"Sanjaya disse, 'Aquele teu exército de elefantes, ó rei, cheio de poder, lutava em toda parte, prevalecendo sobre o exército Pandava. Decididos a ir para o outro mundo, os Panchalas e os Kauravas lutaram uns com os outros por admissão nos elevados domínios de Yama. Bravos guerreiros, enfrentando bravos rivais, perfuraram uns aos outros com flechas e lanças e dardos, e rapidamente despacharam uns aos outros para a residência de Yama. Foi terrível a batalha que se realizou entre guerreiros em carros e guerreiros em carros que atingiram uns aos outros e causaram uma inundação impetuosa de sangue. Elefantes enfurecidos, enfrentando iguais enfurecidos, afligiram uns aos outros com suas presas. Cavaleiros, desejosos de glória, perfuraram e derrubaram cavaleiros naquela batalha terrificante com lanças e dardos e machados de batalha. Soldados de infantaria também, ó de braços fortes, às centenas, armados com armas, avançaram repetidamente uns contra os outros com coragem resoluta, ó opressor de inimigos! Tão grande era a confusão que os Panchalas e os Kurus podiam somente ser distinguidos uns dos outros pelos nomes tribais, familiares, e pessoais que nós ouvíamos eles proferirem. Os guerreiros, despachando uns aos outros para o outro mundo com flechas e dardos e machados, corriam destemidamente no campo. Com milhares de flechas, no entanto, ó rei, disparadas pelos combatentes os dez pontos não eram mais iluminados como antes por causa do Sol ter se posto. Enquanto os Pandavas estavam lutando dessa maneira, ó Bharata, Duryodhana, ó rei, entrou no meio de sua hoste. Cheio de grande fúria pela morte do soberano dos Sindhus, e resolvido a sacrificar sua vida, ele penetrou no exército hostil. Enchendo a terra com o estrépito das rodas de seu carro e fazendo-a tremer com isso, teu filho se aproximou da hoste Pandava. Foi impressionante o conflito que ocorreu entre ele e eles, ó Bharata, causando uma tremenda carnificina de tropas. Como o próprio sol ao meio-dia chamuscando tudo com seus raios, teu filho chamuscou a hoste hostil com suas chuvas de flechas (literalmente, 'com flechas parecendo seus raios.') Os Pandavas ficaram incapazes até de olhar para seu irmão (Duryodhana). Desesperançados de subjugar seus inimigos, eles colocaram seus corações em fugir do campo. Massacrados por teu filho ilustre, armado com o arco, por meio de suas flechas

aladas com ouro e de pontas brilhantes, os Panchalas fugiram em todas as direções. Atormentadas por aquelas flechas afiadas, as tropas Pandava começaram a cair no chão. De fato, os Pandavas nunca tinham conseguido realizar tal façanha em batalha como foi então realizada por teu filho nobre, ó monarca! A hoste Pandava foi oprimida e subjugada por um elefante (ou, 'como um lago coberto com lotos é agitado por toda parte por um elefante.') Como, além disso, um grupo de lotos fica desprovido de sua beleza quando a água (acima da qual ele cresce) é secada pelo sol e pelo vento, assim mesmo ficou a hoste Pandava sendo secada por teu filho, ó Bharata. (Oprimindo) os Panchalas, e (perfurando) Bhimasena então com dez flechas, e cada um dos filhos de Madri com três, e Virata e Drupada cada um com seis, e Sikhandin com cem, e Dhrishtadyumna com setenta, e Yudhishthira com sete, e os Kaikeyas e os Chedis com inúmeras flechas afiadas, e Satwata com cinco, e cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com três, e Ghatotkacha também com poucas, ele proferiu um grito leonino. Matando centenas de outros guerreiros e os grupos de elefantes e corcéis naquela grande batalha por meio de suas flechas ardentes, ele se comportou como o próprio Destruidor em fúria matando os seres criados. Enquanto empenhado, no entanto, em massacrar seus inimigos dessa maneira, seu arco, o verso de cuja vara era ornamentado com ouro, Yudhishthira, o filho de Pandu, ó majestade, cortou em três partes com um par de flechas de cabeça larga. E Yudhishthira perfurou o próprio Duryodhana com dez flechas afiadas disparadas com grande força. Atravessando os membros vitais de Duryodhana, elas saíram e entraram na terra em uma linha contínua. As tropas que permaneciam perto então cercaram Yudhishthira, como os celestiais cercando Purandara para a morte de Vritra. Então o rei Yudhishthira, ó majestade, que é incapaz de ser facilmente derrotado, disparou no teu filho naquela batalha uma flecha ardente. Profundamente perfurado com isso, Duryodhana sentou-se em seu carro excelente. Então um barulho alto ergueu-se dentre as tropas Panchala. Esse mesmo, ó monarca, era aquele tremendo tumulto, isto é, 'O rei está morto!' O zunido violento de flechas também era ouvido lá, ó Bharata. Então Drona rapidamente se mostrou lá naquela batalha. Enquanto isso, Duryodhana recuperando seus sentidos, tinha agarrado firmemente o arco. Ele então avançou em direção ao filho nobre de Pandu dizendo, 'Espere, Espere.' Então os Panchalas também desejosos de vitória começaram a avançar com velocidade. Desejoso de resgatar o príncipe Kuru, Drona recebeu eles todos. E o preceptor começou a destruí-los como o criador de raios brilhantes do dia destruindo nuvens agitadas pela tempestade. Então, ó rei, lá ocorreu uma batalha violenta, repleta de carnificina imensa, entre os teus e os deles enfrentando uns aos outros pelo desejo de lutar.'"

153

"Dhritarashtra disse, 'Tendo dito todas aquelas palavras para meu filho Duryodhana, que é sempre desobediente às minhas ordens, quando aquele arqueiro poderoso dotado de grande força, o preceptor Drona, penetrou furioso na hoste Pandava, e quando aquele herói, posicionado em seu carro, se movimentou

rapidamente sobre o campo, como os Pandavas reprimiram seu curso? Quem protegia a roda direita do carro do preceptor naquela batalha terrível? Quem também protegia sua esquerda quando ele massacrava ferozmente o inimigo? Quem foram aqueles bravos guerreiros que seguiram aquele herói lutando atrás dele? Quem foram aqueles, então, que permaneceram na frente daquele guerreiro em carro? Quando aquele arqueiro invicto e formidável, aquele principal de todos os portadores de armas, dançando ao longo da trilha de seu carro, entrou na hoste Pandava, eu penso que seus inimigos sentiram um frio excessivo e inoportuno. Eu acho que eles tremeram como gado exposto a rajadas de vento gélidas. Como aquele touro entre guerreiros em carros, que consumiu todas as tropas dos Panchalas como um incêndio furioso, encontrou sua morte?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo matado o soberano dos Sindhus à noite, Partha, depois de seu encontro com Yudhishthira e o grande arqueiro, isto é, Satyaki, ambos procederam em direção a Drona. Então Yudhishthira, e Bhimasena, o filho de Pandu, cada um com uma divisão separada do exército, foram rapidamente contra Drona. Similarmente, o inteligente Nakula, e o invencível Sahadeva, e Dhrishtadyumna com sua própria divisão, e Virata, e o soberano dos Salwas, com um grande exército, procederam contra Drona em batalha. Da mesma maneira, o rei Drupada, o pai de Dhrishtadyumna, protegido pelos Panchalas procedeu, ó rei, contra Drona. E os filhos de Draupadi, e o Rakshasa Ghatotkacha, acompanhados por suas tropas, procederam contra Drona de grande esplendor. Os Prabhadraka-Panchalas também seis mil em número, e todos batedores eficazes, procederam contra Drona colocando Sikhandin em sua dianteira. Outros principais dos homens e poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, juntos, ó touro entre homens, procederam contra Drona. Quando aqueles guerreiros heróicos, ó touro entre os Bharatas, procederam para a batalha, a noite tornou-se escura como breu, aumentando os terrores dos tímidos. E durante aquela hora de escuridão, ó rei, muitos foram os guerreiros que sacrificaram suas vidas. E aquela noite também trouxe a morte de muitos elefantes e cavalos e soldados de infantaria. Naquela noite de escuridão como breu, chacais urrando em todos os lugares inspiravam grande temor com suas bocas ardentes. Corujas ferozes, pousando nos estandartes de Kauravas e piando de lá, pressagiavam terrores. Então, ó rei, um tumulto selvagem surgiu entre as tropas. Misturando-se com a batida alta de baterias e pratos, grunhidos de elefantes, relinchos de corcéis, e pisadas de cascos de cavalos, aquele tumulto se espalhou por todos os lugares. Então, naquela hora da noite, violenta foi a batalha que ocorreu entre Drona, ó rei, e todos os Srinjayas. O mundo tendo sido envolvido em escuridão, nada podia ser percebido. O céu estava coberto com a poeira erguida pelos combatentes. Sangue de homens e cavalos e elefantes se misturou. O pó de terra então desapareceu. Todos nós ficamos completamente desanimados. Durante aquela noite, como os sons de uma floresta de bambus queimando em uma montanha, sons terríveis eram ouvidos de armas se chocando. Com os sons de Mridangas e Anakas e Vallakis e Patahas, (baterias de diversos tipos e tamanhos) com os gritos (de seres humanos) e o relincho (de corcéis), uma confusão terrível começou em todos os lugares, ó senhor! Quando o campo de batalha foi envolvido em escuridão, amigos, ó rei, não podiam ser distinguidos de inimigos. Todos foram

possuídos por uma loucura naquela noite. O pó de terra que tinha sido erguido, ó rei, foi logo diminuído com chuvas de sangue. Então, por causa de cotas de malha douradas e dos ornamentos brilhantes dos guerreiros, aquela escuridão foi dissipada. A hoste Bharata então, adornada com pedras preciosas e ouro (e cheia de dardos e estandartes), parecia com o céu à noite, ó touro da raça Bharata, coberto com estrelas. O campo de batalha então ressoava com os gritos de chacais e os crocitos de corvos, com os grunhidos de elefantes, e os gritos e berros dos guerreiros. Aqueles sons, misturados, produziram um tumulto alto, de arrepiar os cabelos. Aquele tumulto encheu todos os pontos do horizonte como o ribombo do trovão de Indra. Nas altas horas da noite, a hoste Bharata parecia iluminada com os Angadas, os brincos, as couraças, e as armas de combatentes. Lá elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam naquela noite com nuvens carregadas com relâmpago. Espadas e dardos e maças e cimitarras e clavas e lanças e machados, quando eles caíam, pareciam lampejos deslumbrantes de fogo. Duryodhana era a rajada de vento que foi a precursora (daquela hoste como a tempestade). Carros e elefantes constituíam suas nuvens secas. O barulho alto de baterias e outros instrumentos formava o estrondo de seus trovões. Cheia de estandartes, arcos formavam lampejos de relâmpago. Drona e os Pandavas formavam suas nuvens torrenciais. Cimitarras e dardos e maças constituíam seus trovões. Flechas formaram seu aguaceiro, e armas (de outros tipos) suas incessantes rajadas de vento. E os ventos que sopraram eram ambos: extremamente quentes e extremamente frios. Terrível, atordoante e feroz, ela era destrutiva de vida. Não havia nada que pudesse fornecer abrigo dela. Combatentes, desejosos de lutar entraram naquela hoste espantosa naquela noite terrível ressoando com barulhos assustadores, aumentando os medos dos tímidos e a alegria de heróis. E durante a continuação daquela batalha violenta e terrível durante a noite, os Pandus e os Srinjayas, juntos, avançaram em fúria contra Drona. Todos esses, no entanto, ó rei, que avançaram diretamente contra o ilustre Drona foram obrigados a retroceder ou despachados para a residência de Yama. De fato, naquela noite, Drona sozinho perfurou com suas flechas elefantes aos milhares e carros às dezenas de milhares e milhões de milhões de soldados de infantaria e cavalos.'"

154

"Dhritarashtra disse, "Quando o invencível Drona, de energia incomensurável, incapaz de suportar (a morte de Jayadratha), entrou furiosamente no meio dos Srinjayas, o que vocês todos pensaram? Quando aquele guerreiro de alma incomensurável, tendo dito aquelas palavras para meu filho desobediente, Duryodhana, entrou dessa maneira (nas tropas hostis), que medida Partha tomou? Quando depois da queda do heróico Jayadratha e de Bhurisravas, aquele guerreiro invicto de grande energia, aquele opressor de inimigos, isto é, o inconquistável Drona, procedeu contra os Panchalas, o que Arjuna pensou? O que também Duryodhana pensou como o passo mais adequado que ele podia adotar? Quem foram eles que seguiram aquele herói concessor de benefícios, aquele principal dos regenerados? Quem foram aqueles heróis, ó Suta, que ficaram atrás

daquele herói enquanto envolvido em combate? Quem lutou em sua dianteira, enquanto ele estava empenhado em matar? Eu penso que todos os Pandavas, afligidos pelas flechas do filho de Bharadwaja, ficaram, ó Suta, como gado magro tremendo sob um céu glacial. Tendo penetrado no meio dos Panchalas, como aquele grande arqueiro, aquele opressor de inimigos, aquele tigre entre homens, encontrou sua morte? Quando naquela noite todas as tropas, juntas, e todos os grandes guerreiros em carros reunidos estavam sendo separadamente subjugados (por Drona), quem foram aqueles homens inteligentes entre vocês que estavam presentes lá? Tu disseste que minhas tropas foram mortas ou amontoadas juntas, ou derrotadas, e que meus guerreiros em carros ficaram sem carros naqueles combates. Quando aqueles combatentes ficaram desanimados e estavam sendo subjugados pelos Pandavas, o que eles pensaram quando eles caíram em tal desgraça naquela noite escura? Tu disseste que os Pandavas estavam bem-dispostos e muito esperançosos, e que os meus estavam sem entusiasmo e tomados pelo pânico. Como, ó Sanjaya, tu pudeste notar a diferença naquela noite entre os Kurus e os Parthas que não recuavam?'"

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação, ó rei, daquele violento combate noturno, os Pandavas junto com os Somakas avançaram todos contra Drona. Então Drona, com suas flechas de curso rápido, despachou todos os Kaikeyas e os filhos de Dhrishtadyumna para o mundo dos espíritos. De fato, todos aqueles poderosos guerreiros em carros, ó rei, que avançaram diretamente contra Drona, todos aqueles senhores de terra foram despachados (por ele) para a região dos mortos. Então o rei Sivi, de grande bravura, cheio de fúria, procedeu contra aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho heróico de Bharadwaja, enquanto o último estava assim empenhado em oprimir (os combatentes hostis). Vendo aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas avançando, Drona perfurou-o com dez flechas feitas totalmente de ferro. Sivi, no entanto, perfurou Drona em retorno com trinta flechas, aladas com penas Kanka. E sorrindo, ele também, com uma flecha de cabeça larga derrubou o motorista do carro de Drona. Drona então, matando os corcéis do ilustre Sivi como também o motorista de seu carro, cortou do tronco a cabeça de Sivi com uma proteção para a cabeça sobre ela. Então Duryodhana rapidamente enviou para Drona um motorista para seu carro. As rédeas de seus corcéis tendo sido tomadas pelo novo homem, Drona avançou novamente contra seus inimigos. O filho do soberano dos Kalingas, protegido pelas tropas Kalinga, avançou contra Bhimasena, cheio de fúria pela morte de seu pai pelo último. Tendo perfurado Bhima com cinco flechas ele mais uma vez o perfurou com sete. E ele atingiu Visoka (o motorista do carro de Bhima) com três flechas e o estandarte do último com uma. Vrikodara, cheio de raiva, saltando de seu próprio carro para aquele de seu inimigo, matou somente com seus punhos aquele herói zangado dos Kalingas. Os ossos daquele príncipe, morto dessa maneira em batalha pelo filho poderoso de Pandu somente com seus punhos, caíram no chão separados uns dos outros. Karna e o irmão do príncipe morto, (e outros), não puderam tolerar aquele ato de Bhima. Todos eles começaram a atacar Bhimasena com flechas afiadas parecendo cobras de veneno virulento. Abandonando então aquele carro do inimigo (sobre o qual ele estava), Bhima foi para o carro de Dhruva (o irmão do príncipe Kalinga), e esmagou, com um golpe

de seu punho, aquele príncipe que tinha estado golpeando-o incessantemente. Assim atingido pelo poderoso filho de Pandu, Dhruva caiu. Tendo matado ele, ó rei, Bhimasena de grande força, precedendo para o carro de Jayarata, começou a rugir repetidamente como um leão. Arrastando Jayarata então com seu braço esquerdo, enquanto, empenhado em rugir, ele matava aquele guerreiro com um tapa de sua palma na própria vista de Karna. Então Karna arremessou no filho de Pandu um dardo enfeitado com ouro. O Pandava, no entanto, sorrindo, agarrou com sua mão aquele dardo. E o invencível Vrikodara naquela batalha arremessou aquele mesmo dardo de volta em Karna. Então Sakuni, com uma flecha que tinha sido embebida em óleo cortou aquele dardo enquanto ele corria em direção a Karna. Tendo realizado esses feitos poderosos em batalha, Bhima, de bravura extraordinária, voltou para seu próprio carro e avançou contra tuas tropas. E enquanto Bhima estava avançando dessa maneira, massacrando (tuas tropas) como o próprio Destruidor em fúria, teus filhos, ó monarca, tentaram resistir àquele herói de braços fortes. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros o cobriram com uma chuva densa de flechas. Então Bhima, sorrindo, despachou naquela batalha, com suas flechas, o motorista e os corcéis de Durmada para a residência de Yama. Durmada, nisto, subiu rapidamente no carro de Dushkarna. Então aqueles opressores de inimigos, isto é, os dois irmãos, andando no mesmo carro, ambos avançaram contra Bhima na linha de frente da batalha, como o Regente das águas e Surya avançando contra Taraka, aquele principal dos Daityas. Então teus filhos, Durmada e Dushkarna, no carro mesmo, perfuraram Bhima com flechas. Então na própria vista de Karna, de Aswatthaman, de Duryodhana, de Kripa, de Somadatta, e de Valhika, o filho de Pandu, aquele castigador de inimigos, por uma batida de seu pé, fez aquele carro dos heróicos Durmada e Dushkarna afundar no chão. Cheio de raiva, Bhima golpeou com seus punhos aqueles teus filhos bravos e poderosos, Durmada e Dushkarna, e com isso os esmagou e rugiu alto. Então gritos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se entre as tropas. E os reis, contemplando Bhima disseram, 'Aquele é Rudra que está lutando na forma de Bhima entre os Dhartarashtras.' Dizendo essas palavras, ó Bharata, todos os reis fugiram, privados de seu juízo e incitando os animais que eles montavam à sua maior velocidade. De fato, dois deles não podiam ser vistos correndo juntos. Então, quando naquela noite uma grande carnificina tinha sido causada entre o exército (Kaurava), o poderoso Vrikodara, com olhos belos como o lótus totalmente desabrochado, muito aplaudido por muitos touros entre os reis, se dirigindo até Yudhishthira, prestou seus respeitos a ele. Então os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Drupada e Virata, e os Kaikeyas, e Yudhishthira também, sentiram grande alegria. E todos eles prestaram suas adorações a Vrikodara assim como os celestiais fizeram para Mahadeva depois que Andhaka tinha sido morto. Então teus filhos, todos iguais aos filhos de Varuna, cheios de raiva e acompanhados pelo preceptor ilustre e um grande número de carros, soldados de infantaria, e elefantes cercaram Vrikodara por todos os lados pelo desejo de luta. Então, ó melhor dos reis, naquela noite terrível, quando tudo estava envolvido em escuridão, tão densa como uma nuvem, uma batalha formidável ocorreu entre aqueles guerreiros ilustres, encantadora para lobos e corvos e urubus.'"

155

"Sanjaya disse, 'Depois que seu filho (Bhurisravas) tinha sido morto por Satyaki enquanto o primeiro estava sentado em Praya, Somadatta, cheio de raiva, disse para Satyaki essas palavras, 'Por que, ó Satwata, tendo abandonado aqueles deveres Kshatriya ordenados pelos deuses de grande alma, tu te dirigiste às práticas de ladrões? Por que alguém que é cumpridor dos deveres Kshatriya e possuidor de sabedoria atingiria em batalha uma pessoa que está se dirigindo para longe da batalha, ou alguém que ficou impotente, ou alguém que pôs de lado suas armas, ou alguém que implora por piedade? Duas pessoas, de fato, entre os Vrishnis são reputados como sendo os principais dos grandes guerreiros em carros, isto é, Pradyumna de energia poderosa e tu também, ó Satyaki! Por que então tu te comportaste tão cruelmente e pecaminosamente com alguém que tinha sentado em Praya e que teve seus braços cortados por Partha? Receba agora em batalha a consequência daquele teu ato, ó tu de comportamento pecaminoso! Eu irei hoje, ó desgraçado, empregando minha destreza, cortar tua cabeça com uma flecha alada. Eu juro, ó Satwata, por meus dois filhos, por aquilo que é caro para mim, e por todas as minhas ações meritórias, que, se antes dessa noite acabar, eu não matar a ti, que és tão orgulhoso do teu heroísmo, com teus filhos e irmãos mais novos, contanto que Jishnu, o filho de Pritha, não te proteja, então que eu caia no inferno terrível, ó patife da linhagem de Vrishni!' Tendo dito essas palavras, o poderoso Somadatta, cheio de raiva, soprou sua concha ruidosamente e proferiu um rugido leonino. Então Satyaki, de olhos como pétalas de lótus e dentes semelhantes àqueles de um leão, possuidor de grande força, e cheio de raiva, disse essas palavras para Somadatta, 'Ó tu da família de Kuru, lutando contigo ou com outros, no meu coração eu nunca sinto o mínimo medo. Se, protegido por todas as tropas, tu lutares comigo, eu não irei mesmo então sentir qualquer aflição por tua causa, ó tu da linhagem de Kuru! Eu sou sempre cumpridor das práticas Kshatriya. Tu não podes, portanto, me assustar somente com palavras fortes a respeito da batalha ou com discursos que insultam os bons. Se, ó rei, tu desejas lutar comigo hoje, seja cruel e me ataque com flechas afiadas e eu também te atacarei. Teu filho, o poderoso guerreiro em carro Bhurisravas, ó rei, foi morto. Sala também, e Vrishasena, foram subjugados por mim. A ti também hoje eu matarei, com teus filhos e parentes. Fique com resolução em batalha, pois tu, ó Kaurava, és dotado de grande força. Tu já estás morto por causa da energia daquele rei de estandarte de tambor Yudhishthira em quem há sempre caridade, e autodomínio, e pureza de coração, compaixão, e modéstia, e inteligência, e perdão, e tudo mais que é indestrutível. Tu encontrarás a destruição junto com Karna e o filho de Suvala. Eu juro pelos pés de Krishna e por todos os meus bons atos que, cheio de raiva, eu irei, com minhas flechas, matar a ti com teus filhos em batalha. Se tu fugires da batalha, então tu poderás ter segurança.' Tendo se dirigido um ao outro dessa maneira, com olhos vermelhos de fúria, aqueles mais notáveis dos homens começaram a disparar suas flechas um no outro. Então com mil carros e dez mil cavalos, Duryodhana tomou sua posição, cercando Somadatta, Sakuni também, cheio de ira, e armado com todas as armas e cercado por seus filhos e netos como também por seus irmãos, que eram iguais ao próprio

Indra em destreza (fez o mesmo). Teu cunhado, ó rei, jovem em idade e de corpo firme como o raio e possuidor de sabedoria, tinha cem mil cavalos da mais notável bravura com ele. Com esses ele cercou o poderoso arqueiro Somadatta. Protegido por aqueles guerreiros poderosos, Somadatta cobriu Satyaki (com nuvens de flechas). Vendo Satyaki assim coberto com nuvens de flechas retas, Dhrishtadyumna procedeu em direção a ele com fúria e acompanhado por um exército imenso. Então, ó rei, o som que ergueu-se lá daquelas duas grandes hostes atacando uma à outra parecia aquele de muitos oceanos açoitados à fúria por furacões terríveis. Então Somadatta perfurou Satyaki com nove flechas. Satyaki, em retorno, atingiu aquele principal dos guerreiros Kuru com nove flechas. Profundamente perfurado naquela batalha pelo arqueiro firme e poderoso (Satyaki), Somadatta sentou-se no terraço de seu carro e perdeu seus sentidos em um desmaio. Vendo ele privado de seus sentidos, seu motorista, com grande velocidade, levou para longe da batalha aquele grande guerreiro em carro, o heróico Somadatta. Vendo que Somadatta, afligido pelas flechas de Yuyudhana, tinha perdido seus sentidos Drona avançou com velocidade, desejando matar o herói Yadu. Vendo o preceptor avançar, muitos guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira cercaram aquele perpetuador ilustre da linhagem de Yadu pelo desejo de resgatá-lo. Então começou uma batalha entre Drona e os Pandavas, parecendo aquela entre Vali e os celestiais para obter a soberania dos três mundos. Então o filho de Bharadwaja de energia formidável encobriu a hoste Pandava com nuvens de flechas e perfurou Yudhishthira também. E Drona perfurou Satyaki com dez flechas, e o filho de Prishata com vinte. E ele perfurou Bhimasena com nove flechas e Nakula com cinco, e Sahadeva com oito, e Sikhandin com cem. E o herói poderosamente armado perfurou cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com cinco flechas. E ele perfurou Virata com oito flechas e Drupada com dez. E ele perfurou Yudhamanyu com três flechas e Uttamaujas com seis naquele combate. E perfurando muitos outros combatentes, ele avançou em direção a Yudhishthira. As tropas do filho de Pandu, massacradas por Drona, fugiram em todas as direções, por medo, ó rei, com lamentos altos. Vendo aquela hoste massacrada por Drona. Phalguna, o filho de Pritha, com fúria um pouco estimulada, procedeu rapidamente em direção ao preceptor. Vendo então que Drona estava também procedendo em direção a Arjuna naquela batalha, aquela hoste de Yudhishthira, ó rei, se reagrupou novamente. Então mais uma vez ocorreu uma batalha entre Drona e os Pandavas. Drona, cercado, ó rei, por todos os lados por teus filhos, começou a consumir a hoste Pandava, como fogo consumindo uma pilha de algodão. Vendo ele radiante como o sol e dotado do esplendor de um fogo ardente, e ferozmente e continuamente, ó rei, emitindo suas flechas como raios, com arco incessantemente esticado a um círculo e chamuscando tudo em volta como o próprio sol, e consumindo seus inimigos, não havia ninguém naquele exército que pudesse detê-lo. As flechas de Drona, cortando a cabeça de todos aqueles que ousavam se aproximar na frente dele, entravam na terra. Assim massacrada por aquele guerreiro ilustre, a hoste Pandava fugiu novamente de medo na própria vista de Arjuna. Vendo aquele exército, ó Bharata, assim desbaratado naquela noite por Drona, Jishnu pediu a Govinda para ir em direção ao carro de Drona. Então ele da linhagem de Dasarha incitou aqueles corcéis, brancos como prata ou leite ou a flor Kunda, ou a lua, em

direção ao carro de Drona. Bhimasena também, vendo Phalguna proceder em direção a Drona, mandou seu próprio quadrigário, dizendo, 'Leve-me para a divisão de Drona.' Ouvindo aquelas palavras de Bhima, seu motorista Visoka incitou seus corcéis, seguindo na esteira, ó chefe dos Bharatas, de Jishnu, de pontaria certeira. Vendo os dois irmãos procedendo resolutamente em direção à divisão de Drona, os poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas, os Chedis, os Karushas, os Kosalas, e os Kaikeyas, ó rei, todos os seguiram. Então, ó monarca, ocorreu um combate terrível de arrepiar os cabelos. Com duas imensas multidões de carros, Vibhatsu e Vrikodara atacaram tua hoste; o primeiro à direita e o último na frente. Vendo aqueles tigres entre homens, Bhimasena e Dhananjaya (assim empenhados), Dhrishtadyumna, ó monarca, e Satyaki de grande força, avançaram atrás. Então, ó rei, um tumulto surgiu lá por causa das duas hostes atacando uma à outra, que parecia o barulho feito por muitos mares agitados à fúria por uma tempestade. Vendo Satyaki em batalha, Aswatthaman, cheio de raiva pela morte do filho de Somadatta, avançou furiosamente contra aquele herói Satwata na vanguarda da batalha. Vendo-o avançar naquela batalha contra o carro do neto de Sini, o filho de Bhimasena, o Rakshasa gigantesco, Ghatotkacha, dotado de grande força, avançou nele, em um carro enorme e formidável feito de ferro preto coberto com peles de urso. A altura e a largura daquele carro grande mediam trinta nalwas (um nalwa media quatrocentos cúbitos.) Ele estava equipado com máquinas colocadas em lugares apropriados; seu estrépito parecia aquele de uma imensa massa de nuvens. Nem cavalos nem elefantes estavam unidos a ele, mas, em vez disso, seres que pareciam com elefantes. Sobre seu estandarte alto pousava um príncipe dos urubus com asas e pés esticados, com olhos atentos, e gritando terrivelmente. E ele estava equipado com bandeiras vermelhas e ornado com as entranhas de vários animais. E aquele veículo enorme estava aparelhado com oito rodas. Sobre ele, Ghatotkacha estava cercado por um Akshauhini completo de Rakshasas de aparência selvagem armados com lanças e clavas pesadas e rochas e árvores. Vendo-o avançar com arco erguido, parecendo o próprio Destruidor armado com maça na hora da dissolução universal, os reis hostis foram tomados pelo medo. À visão daquele príncipe dos Rakshasas, Ghatotkacha, parecendo com um topo de montanha de aspecto terrível, pavoroso, possuidor de dentes terríveis e rosto feroz, com orelhas como flechas e ossos molares altos, com cabelo duro erguido para cima, olhos horríveis, barriga encovada, boca ardente, larga como um abismo, e com diadema sobre sua cabeça, capaz de afligir todas as criaturas com medo, possuindo mandíbulas escancaradas como aquelas do Destruidor, dotado de grande esplendor e capaz de agitar todos os inimigos, avançando em direção a eles, a hoste do teu filho, atormentada com medo, ficou muito agitada como a correnteza do Ganga agitada em redemoinhos violentos pela (ação do) vento. Apavorados pelo rugido leonino proferido por Ghatotkacha, elefantes começaram a expelir urina e os reis começaram a tremer. Então, jogadas pelos Rakshasas que tinham se tornado mais poderosos por causa da noite, começou a cair lá no campo de batalha uma chuva grossa de pedras. E uma chuva contínua de rodas de ferro e Bhundis e dardos e lanças e arpões e Sataghnis e machados também caiu lá. Vendo aquela batalha feroz e terrível, os reis, teus filhos, e Karna, também muito atormentados, fugiram. Somente o orgulhoso filho de Drona, sempre

vaidoso de seu poder em armas, permaneceu destemidamente. E ele logo dissipou aquela ilusão que tinha sido criada por Ghatotkacha. Após a destruição de sua ilusão, Ghatotkacha furioso disparou flechas ardentes (em Aswatthaman). Essas perfuraram o filho de Drona, como cobras zangadas atravessando rapidamente um formigueiro. Aquelas flechas, tendo atravessado o corpo de Aswatthaman, tingidas com sangue entraram na terra rapidamente como cobras em um formigueiro. O ágil Aswatthaman, no entanto, de grande destreza, cheio de cólera, perfurou Ghatotkacha com dez flechas. Ghatotkacha, profundamente perfurado em suas partes vitais pelo filho de Drona, e sentindo grande dor, pegou uma roda tendo mil raios. Sua extremidade era afiada como uma navalha, e ela era brilhante como o sol nascente. E ela era ornada com diversas pedras preciosas e diamantes. Desejoso de matá-lo, o filho de Bhimasena arremessou aquela roda em Aswatthaman. E enquanto aquela roda corria rapidamente em direção ao filho de Drona, o último cortou-a em fragmentos por meio de suas flechas. Frustrada, ela caiu no chão, como a esperança nutrida por um homem desafortunado. Vendo sua roda frustrada, Ghatotkacha cobriu rapidamente o filho de Drona com suas flechas, como Rahu engolindo o sol. Enquanto isso, o filho de Ghatotkacha dotado de grande esplendor e parecendo com uma massa de antimônio, reprimiu o filho de Drona que avançava, como o rei das montanhas (Meru) impedindo (o curso do) vento. Afligido por chuvas de flechas pelo neto de Bhimasena, isto é, o bravo Anjanaparvan, Aswatthaman parecia com a montanha Meru suportando uma torrente de chuva de uma nuvem imensa. Então Aswatthaman, igual a Rudra ou Upendra em bravura, ficou cheio de raiva. Com uma flecha ele cortou o estandarte de Anjanaparvan. Com duas outras, seus dois motoristas, e com três outras, seu Trivenuka. E ele cortou o arco do Rakshasa com uma flecha, e seus quatro corcéis com quatro outras flechas. Sem carro, Anjanaparvan pegou uma cimitarra. Com outra flecha afiada, Aswatthaman cortou em dois fragmentos aquela cimitarra, decorada com estrelas douradas, na mão do Rakshasa. O neto de Hidimva então, ó rei, girando uma maça ornada com ouro, jogou-a rapidamente em Aswatthaman. O filho de Drona, no entanto, atingindo-a com suas flechas, a fez cair no chão. Subindo então ao céu, Anjanaparvan começou a rugir como uma nuvem. E do céu ele despejou árvores sobre seu inimigo. Como o sol rompendo uma massa de nuvens com seus raios, Aswatthaman então começou a perfurar com suas flechas o filho de Ghatotkacha, aquele receptáculo de ilusões, no céu. Dotado de energia formidável, o Rakshasa desceu novamente em seu carro decorado com ouro. Ele então parecia com uma alta e bela colina de antimônio na superfície da terra. O filho de Drona então matou aquele filho do filho de Bhima, Anjanaparvan, envolvido em uma cota de malha de ferro, assim como Mahadeva matou nos tempos passados o Asura Andhaka. Vendo seu filho poderoso morto por Aswatthaman, Ghatotkacha, indo até o filho de Drona, dirigiu-se destemidamente ao filho heróico da filha de Saradwata, que estava então consumindo as tropas Pandava como um intenso incêndio florestal, nessas palavras:

"Ghatotkacha disse, 'Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida! Eu te matarei hoje como o filho de Agni matando Krauncha.'"

"Aswatthaman disse, 'Vá, ó filho, e lute com outros, ó tu que tens a destreza de um celestial. Não é apropriado, ó filho de Hidimva, que pai lute com filho. (Aswatthaman e os Pandavas eram como irmãos, pois ambos eram discípulos de Drona, Ghatotkacha, portando, sendo filho de Bhima era filho do irmão de Aswatthaman.) Eu não nutro qualquer rancor contra ti, ó filho de Hidimva! Quando, no entanto, a ira de uma pessoa é excitada, a pessoa pode matar a si mesma.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo ouvido essas palavras, Ghatotkacha, cheio de dor por conta da queda de seu filho, e com olhos vermelhos como cobre de raiva, aproximou-se de Aswatthaman e disse, 'Eu sou um covarde em batalha, ó filho de Drona, como uma pessoa comum, que tu me assustas assim com palavras? Tuas palavras são impróprias. Na verdade, eu fui gerado por Bhima na célebre linhagem dos Kurus. Eu sou um filho dos Pandavas, aqueles heróis que nunca recuam da batalha. Eu sou o rei dos Rakshasas, igual àquele de dez pescoços (Ravana) em poder. Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida. Eu irei hoje, no campo de batalha, dissipar teu desejo por luta.' Tendo respondido dessa maneira para Aswatthaman, aquele poderoso Rakshasa com olhos vermelhos como cobre de raiva avançou furiosamente contra o filho de Drona, como um leão contra um príncipe de elefantes. E Ghatotkacha começou a despejar sobre aquele touro entre os guerreiros em carros, o filho de Drona, flechas da medida do Aksha do carro de batalha, como uma nuvem despejando torrentes de chuva. O filho de Drona no entanto, com suas próprias flechas, deteve aquela chuva de flechas antes que ela pudesse alcançá-lo. Naquele momento, parecia que outro combate estava ocorrendo no céu entre as flechas (como os combatentes). O céu, então, durante a noite, brilhava resplandecente com as faíscas causadas pelo choque daquelas armas, como se com (miríades de) pirilampos. Observando que sua ilusão foi dissipada pelo filho de Drona, orgulhoso de sua destreza em batalha, Ghatotkacha, mais uma vez se fazendo invisível, criou uma ilusão. Ele assumiu a forma de uma montanha alta, coroada com rochedos íngremes e árvores, e possuindo fontes das quais fluíam incessantemente lanças e arpões e espadas e clavas pesadas. Contemplando aquela montanha como uma massa de antimônio, com inúmeras armas caindo dela, o filho de Drona não ficou alterado em absoluto. O último chamou à existência a arma Vajra (isto é, a arma dotada da força do trovão). O príncipe das montanhas, então, atingido por aquela arma, foi rapidamente destruído. Então o Rakshasa, tornando-se uma massa de nuvens azuis no firmamento, ornada com arco-íris, começou a derramar furiosamente sobre o filho de Drona naquela batalha uma torrente de pedras e rochas. Então aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, Aswatthaman, apontando a arma Vayavya, destruiu aquela nuvem azul que tinha surgido no firmamento. O filho de Drona, aquele principal dos homens, então cobrindo os pontos do horizonte com suas flechas, matou cem mil guerreiros em carros. Ele então viu Ghatotkacha indo destemidamente em direção a ele com arco curvado e acompanhado por um grande número de Rakshasas que pareciam leões ou elefantes enfurecidos de grande força, alguns montados em elefantes, alguns em carros, e alguns em corcéis. O filho de Hidimva estava acompanhado por aqueles seus seguidores ferozes, com rostos e cabeças e pescoços assustadores. Aqueles Rakshasas

consistiam em Paulastyas e Yatudhanas (diferentes espécies de Rakshasas.) Sua bravura era igual àquela do próprio Indra. Eles estavam armados com diversas espécies de armas e envolvidos em diversos tipos de armadura. De aparência terrível, eles estavam cheios de raiva. Ghatotkacha veio para a batalha acompanhado por aqueles Rakshasas, que eram, de fato, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha. Vendo eles, teu filho, Duryodhana, ficou muito desanimado. Para ele o filho de Drona disse, 'Espere, ó Duryodhana! Tu não precisas temer. Fique de lado com esses teus irmãos heróicos e esses senhores de terra, dotados da destreza de Indra. Eu matarei teus inimigos. Tu não terás derrota. Eu te falo verdadeiramente. Enquanto isso, proteja tuas tropas.'"

"Duryodhana disse, 'Eu não considero o que tu disseste como surpreendente em absoluto, já que tua coragem é grande. Ó filho da filha de Gautama, tua consideração por nós é notável.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras para Aswatthaman, ele então dirigiu-se ao filho de Suvala, dizendo, 'Dhananjaya está engajado na batalha cercado por cem mil guerreiros em carros de grande coragem. Vá contra ele, com sessenta mil carros. Karna também, e Vrishasena e Kripa, e Nila, e os habitantes do Norte, e Kritavarman, e os filhos de Purumitra, e Duhsasana, e Nikumbha, e Kundabhedin, e Puranjaya e Dridharatha, e Hemakampana, e Salya, e Aruni, e Indrasena, e Sanjaya, e Vijaya, e Jaya, e Purakrathin, e Jayavarman, e Sudarsana, esses te seguirão, com sessenta mil soldados de infantaria. Ó tio, mate Bhima e os gêmeos e o rei Yudhishthira o justo, como o chefe dos celestiais matando os Asuras. Minha esperança de vitória está em ti. Já perfurados pelo filho de Drona com flechas, todos os seus membros estão muito mutilados. Mate os filhos de Kunti, ó tio, como Kartikeya matando os Asuras.' Assim endereçado por teu filho, Sakuni procedeu rapidamente para destruir os Pandavas, enchendo o coração do teu filho, ó rei, de alegria.'"

"Enquanto isso, ó rei, a batalha que ocorreu entre os Rakshasas e o filho de Drona naquela noite foi extremamente terrível como aquela entre Sakra e Prahlada (nos tempos passados). Ghatotkacha, cheio de raiva, atingiu o filho de Drona no peito com dez flechas poderosas ardentes como veneno ou fogo. Profundamente perfurado com aquelas flechas pelo filho de Bhimasena, Aswatthaman tremeu no terraço de seu carro como uma árvore alta sacudida pela tempestade. Mais uma vez Ghatotkacha, com uma flecha de cabeça larga, cortou rapidamente o arco brilhante que estava nas mãos do filho de Drona. O último, então, pegando outro arco capaz de suportar uma grande tensão, despejou flechas afiadas (sobre seu inimigo) como uma nuvem derramando torrentes de chuva. Então o filho da filha de Saradwat, ó Bharata, disparou muitas flechas percorredoras do céu e matadoras de inimigos, aladas com ouro, em direção ao Rakshasa percorredor do céu. Afligido por aquelas flechas de Aswatthaman, aquele vasto exército de Rakshasas de peitos amplos parecia com uma manada de elefantes enfurecidos afligida por leões. Consumindo com suas flechas aqueles Rakshasas com seus corcéis, motoristas, e elefantes, ele brilhava como o adorável Agni quando destruindo criaturas no fim do Yuga. Tendo queimado com suas flechas um Akshauhini inteiro de tropas Rakshasa, Aswatthaman brilhava

resplandecente como o divino Maheswara no céu depois do incêndio da cidade tripla. (Tripura, pertencente a um Asura do mesmo nome.) Aquele mais notável dos vencedores, o filho de Drona, tendo queimado teus inimigos, resplandecia brilhantemente como o ardente fogo Yuga depois de ter queimado todas criaturas no fim do Yuga. Então Ghatotkacha, cheio de raiva, instigou aquele vasto exército Rakshasa adiante, dizendo, 'Matem o filho de Drona!' Aquela ordem de Ghatotkacha foi obedecida por aqueles Rakshasas terríveis de dentes brilhantes, rostos largos, aspectos apavorantes, bocas muito abertas, línguas compridas e olhos ardentes com cólera. Fazendo a terra ser cheia com seus altos rugidos leoninos, e armados com diversas espécies de armas, eles avançaram contra o filho de Drona para matá-lo. Dotados de bravura feroz, aqueles Rakshasas, com olhos vermelhos de raiva, arremessaram destemidamente na cabeça de Aswatthaman centenas e milhares de dardos, e Sataghnis, e maças com ferrões, e Asanis e lanças longas, e machados, e cimitarras, e maças, e flechas curtas e clavas pesadas, e machados de batalha, e lanças, e espadas, e arpões, e Kampanas e Kunapas polidos, e Hulas, e foguetes, e pedras, e recipientes de melado (quente), e thunas feitos de ferro preto, e malhos, todos de formas terríveis e capazes de destruir inimigos. Contemplando aquela chuva grossa de armas caindo sobre a cabeça do filho de Drona, teus guerreiros ficaram muito aflitos. O filho de Drona, no entanto, destruiu destemidamente com suas flechas afiadas dotadas da força do trovão aquela chuva terrível de armas parecendo com uma nuvem erguida. Então o filho de grande alma de Drona, com outras armas, equipadas com asas douradas e insufladas com mantras matou rapidamente muitos Rakshasas. Afligido por aquelas flechas, aquele vasto exército de Rakshasas de peito largo parecia com uma manada de elefantes enfurecidos afligida por leões. Então aqueles Rakshasas poderosos, atormentados dessa maneira pelo filho de Drona, ficaram cheios de fúria e avançaram contra o último. A destreza que o filho de Drona então mostrou foi muito extraordinária, pois a façanha que ele realizou é incapaz de ser realizada por algum outro ser entre as criaturas vivas, já que, sozinho e desamparado, aquele guerreiro conhecedor de armas superiores e poderosas queimou aquele exército Rakshasa com suas flechas ardentes na própria visão daquele príncipe dos Rakshasas. Enquanto destruindo aquele exército Rakshasa, o filho de Drona naquela batalha brilhava resplandecente como o fogo Samvartaka, quando queimando todas as criaturas no fim do Yuga. De fato, entre aqueles milhares de reis e aqueles Pandavas, ó Bharata, não havia ninguém, exceto aquele príncipe poderoso dos Rakshasas, o heróico Ghatotkacha, capaz mesmo de olhar para o filho de Drona naquela batalha, que estava assim empenhado em consumir suas tropas com suas flechas, parecendo cobras de veneno virulento. O Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, com olhos rolando de fúria, batendo suas palmas, e mordendo seu lábio inferior, dirigiu-se ao seu próprio motorista, dizendo, 'Leve-me em direção ao filho de Drona.' Sobre aquele carro formidável provido de pendões triunfais, aquele matador de inimigos procedeu novamente contra o filho de Drona, desejoso de um duelo com o último. Dotado de bravura terrível, o Rakshasa, proferindo um rugido leonino alto, arremessou naquele combate no filho de Drona, tendo-o girado (previamente), um Asani terrível de feitura celeste, e equipado com oito sinos. (Asani literalmente significa o trovão. Provavelmente, algum tipo de maça de

ferro.) O filho de Drona, no entanto, saltando de seu carro, tendo deixado seu arco nele, agarrou-o e arremessou-o de volta no próprio Ghatotkacha. Ghatotkacha, enquanto isso, tinha descido rapidamente de seu carro. Aquele Asani formidável, de refulgência deslumbrante, tendo reduzido a cinzas o veículo do Rakshasa com corcéis e motorista e estandarte, entrou na terra, tendo-a atravessado. Vendo aquele feito do filho de Drona, isto é, ele ter saltado e agarrado aquele Asani terrível de feitura celeste, todas as criaturas o aplaudiram. Procedendo então, ó rei, para o carro de Dhrishtadyumna, o filho de Bhimasena, pegando um arco terrível que parecia o arco grande do próprio Indra, mais uma vez disparou muitas flechas afiadas no filho ilustre de Drona. Dhrishtadyumna também disparou destemidamente no peito de Aswatthaman muitas principais das flechas, equipadas com asas de ouro e parecendo cobras de veneno virulento. Então o filho de Drona disparou flechas e setas compridas às milhares. Aqueles dois heróis, no entanto, Ghatotkacha e Dhrishtadyumna, atingiram e frustraram as flechas de Aswatthaman por meio de suas próprias flechas cujo toque parecia aquele do fogo. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois leões entre homens (Ghatotkacha em um lado) e o filho de Drona (no outro) tornou-se violento ao extremo e alegrou todos os combatentes, ó touro da raça Bharata! Então, acompanhado por mil carros, trezentos elefantes, e seis mil cavalos, Bhimasena chegou àquele local. O filho virtuoso de Drona, no entanto, dotado como ele era de bravura que não conhecia fadiga, continuou a lutar com o filho heróico de Bhima e com Dhrishtadyumna apoiado por seus seguidores. A destreza então que o filho de Drona mostrou naquela ocasião foi muito extraordinária, visto que, ó Bharata, ninguém mais entre todas as criaturas é capaz de realizar tais façanhas. Em um piscar de olhos, ele destruiu, por meio de suas flechas afiadas, um Akshauhini inteiro de tropas Rakshasa com cavalos, motoristas, carros, e elefantes, na própria vista de Bhimasena e do filho de Hidimva e do filho de Prishata e dos gêmeos e do filho de Dharma e Vijaya e Achyuta. (Achyuta, quando usado como um nome próprio, se refere a Krishna. Significa ‘de glória imorredoura’ e 'o imortal.') Profundamente atingidos pelas flechas de curso reto (de Aswatthaman), elefantes caíam sobre elefantes no chão como montanhas sem topos. Completamente coberta com as trombas cortadas de elefantes, que ainda se moviam em convulsões, a terra parecia como se coberta com cobras moventes. E a terra parecia resplandecente com mastros dourados e guarda-sóis reais, como o céu no fim do Yuga, coberto com planetas e estrelas e muitas luas e sóis. E o filho de Drona fez um rio sangrento de correnteza impetuosa fluir lá. O sangue de elefantes e cavalos e combatentes formava sua água; altos estandartes suas rãs; baterias formavam suas tartarugas grandes; guarda-sóis, suas fileiras de cisnes, rabos de iaque em profusão, Kankas e urubus, seus crocodilos; armas seus peixes; elefantes grandes as pedras e rochas em suas margens; elefantes e corcéis, seus tubarões; carros, suas margens instáveis e largas; e pendões, suas belas fileiras de árvores. Tendo flechas como seus peixes (menores), aquele rio pavoroso tinha lanças e dardos e espadas como cobras; medula e carne como seu lodo, e corpos sem tronco flutuando nele como suas balsas. E ele estava obstruído com o cabelo (de homens e animais) como seu musgo. E ele inspirava os tímidos com desânimo e medo. E ondas sangrentas eram vistas em sua superfície. Tornado horrendo por meio dos soldados de infantaria com os quais ele

abundava, a residência de Yama era o oceano em direção ao qual ele fluía. Tendo matado os Rakshasas, o filho de Drona então começou a afligir o filho de Hidimva com flechas. Novamente cheio de raiva, o pujante filho de Drona tendo perfurado aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Parthas incluindo Vrikodara e os filhos de Prishata, matou Suratha, um dos filhos de Drupada. Então ele matou naquela batalha o irmão mais novo de Suratha chamado Satrunjaya. E então ele matou Valanika e Jayanika, e Jaya. E uma vez mais, com uma flecha afiada, o filho de Drona proferindo um rugido leonino, matou Prishdhra, e então o orgulhoso Chandrasena. E então ele matou com dez flechas os dez filhos de Kuntibhoja. Então, ó rei, o filho de Drona despachou Srutayus para a residência de Yama. Com três outras flechas afiadas, equipadas com asas belas e olhos vermelhos, ele despachou o poderoso Satrunjaya para a região de Sakra. Então Aswatthaman, cheio de raiva, fixou na corda de seu arco uma flecha ardente e reta. Puxando a corda do arco até sua orelha, ele rapidamente disparou aquela flecha ardente e excelente parecendo a vara da própria Morte, visando Ghatotkacha. Aquela flecha poderosa, equipada com belas asas, passando através do peito daquele Rakshasa, ó senhor da terra, entrou na terra, penetrando-a, e Ghatotkacha caiu imediatamente sobre o carro. Vendo ele caído e acreditando que ele estava morto, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna levou-o para longe da presença do filho de Drona e o fez ser colocado sobre outro carro. Assim, ó rei, aquela tropa de carros de Yudhishthira se desviou da batalha. O filho heróico de Drona tendo derrotado seus inimigos proferiu um rugido alto. E ele foi adorado por todos os homens e todos os teus filhos, ó majestade. O solo, coberto por toda parte com os corpos caídos de Rakshasas mortos, perfurados e mutilados com centenas de flechas, ficou com um aspecto aterrador e intransitável, como se coberto com topos de montanha. Os Siddhas e Gandharvas e Pisachas, e Nagas, e aves, e Pitris e corvos e grandes números de canibais e fantasmas, e Apsaras e celestiais, todos se uniram em elogiar muito o filho de Drona.'"

156

"Sanjaya disse, 'Vendo os filhos de Drupada, como também aqueles de Kuntibhoja, e Rakshasas também aos milhares, mortos pelo filho de Drona, Yudhishthira e Bhimasena, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Yuyudhana, juntos, colocaram seus corações firmemente na batalha. Então Somadatta, novamente cheio de raiva ao ver Satyaki naquela batalha, cobriu o último, ó Bharata, com uma chuva densa de setas. Então ocorreu uma batalha violenta e muito admirável de se contemplar, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, ambos os partidos estando desejosos de vitória. Lutando em nome de Satyaki, Bhima perfurou o herói Kaurava com dez flechas. Somadatta, no entanto, em retorno, perfurou aquele herói com cem flechas. Então Satwata, cheio de raiva, perfurou com dez flechas afiadas, dotadas da força do trovão, aquele guerreiro idoso afligido com tristeza por conta da morte de seu filho, e que era, além disso, dotado de todas as virtudes apreciáveis como Yayati, o filho de Nahusha. Tendo perfurado ele com grande força, ele o atingiu novamente com sete flechas. Então, lutando por Satyaki, Bhimasena arremessou na cabeça de Somadatta um Parigha

novo, sólido e terrível. Satyaki também cheio de raiva, disparou no peito de Somadatta, naquela batalha, uma flecha excelente, grande e equipada com asas vistosas e parecendo o próprio fogo em esplendor. O Parigha e a flecha, ambos terríveis, caíram simultaneamente sobre o corpo do heróico Somadatta. Aquele poderoso guerreiro em carro, nisso, caiu. Vendo seu filho (Somadatta) assim caído desmaiado, Valhika avançou em Satyaki espalhando chuvas de flechas como uma nuvem na estação (das chuvas). Então Bhima, por Satyaki, afligiu o ilustre Valhika com nove flechas e perfurou-o com elas na vanguarda da batalha. Então o filho poderosamente armado de Pratipa, Valhika, cheio de grande fúria, arremessou um dardo no peito de Bhima, como o próprio Purandara arremessando o trovão. Atingido com isso, Bhima tremeu (em seu carro) e desmaiou. O guerreiro poderoso então, recuperando seus sentidos, arremessou uma maça em seu oponente. Arremessada pelo filho de Pandu, aquela maça arrancou a cabeça de Valhika, que, imediatamente, caiu sem vida no chão, como uma árvore derrubada por um relâmpago. Após a morte daquele touro entre homens, isto é, o heróico Valhika, dez dos teus filhos, cada um dos quais era igual a Rama, o filho de Dasaratha, em coragem, começaram a afligir Bhima. Eles eram Nagadatta, e Dridharatha, e Viravahu, e Ayobhuja, e Dridha, e Suhasta, e Viragas e Pramatha, e Ugrayayin. Vendo-os Bhimasena ficou cheio de raiva. Ele então pegou várias flechas, cada uma capaz de suportar uma grande tensão. Visando em cada um deles um após outro, ele disparou aquelas flechas neles, atingindo cada um em sua parte vital. Perfurados dessa maneira, eles caíram de seus carros, privados de energia e vida, como árvores altas de despenhadeiros de montanha quebradas por uma tempestade. Tendo com aquelas dez flechas matado aqueles dez filhos teus, Bhima cobriu o filho favorito de Karna com chuvas de flechas. Então o célebre Vrikaratha, irmão de Karna, perfurou Bhima com muitas flechas. O poderoso Pandava, no entanto, logo se descartou dele eficazmente. Matando em seguida, ó Bharata, sete guerreiros em carros entre teus cunhados, com suas flechas, o heróico Bhima prensou Satachandra no chão. Incapazes de tolerar a morte do poderoso guerreiro em carro Satachandra, os irmãos de Sakuni, os heróicos Gavaksha e Sarabha e Bibhu, e Subhaga, e Bhanudatta, aqueles cinco poderosos guerreiros em carros, avançando em direção a Bhimasena, o atacaram com suas flechas afiadas. Atacado dessa maneira com aquelas flechas, como uma montanha com torrentes de chuva, Bhima matou aqueles cinco reis poderosos com cinco flechas dele. Vendo aqueles heróis mortos muitos grandes reis começaram a vacilar.'"

"Então Yudhishthira, cheio de ira, começou a destruir tuas tropas, na visão, ó impecável, do nascido no pote (Drona) e de teus filhos. De fato, com suas flechas, Yudhishthira começou a despachar para as regiões de Yama os Amvashthas, os Malavas, os bravos Trigartas e os Sivis. E liquidando os Abhishahas, os Surasenas, os Valhikas, e os Vasatis, ele fez a terra ficar lodosa com carne e sangue. E ele também despachou num instante, por meio de muitas flechas, para os domínios de Yama, os Yaudheyas, os Malavas, e grandes números, ó rei, dos Madrakas. Então um tumulto alto ergueu-se na vizinhança do carro de Yudhishthira, em meio ao qual era ouvido, 'Matem', Agarrem', 'Prendam', 'Furem', 'Cortem em pedaços!' Vendo ele matando e derrotando tuas tropas dessa

maneira, Drona, incitado por teu filho, cobriu Yudhishthira com chuvas de flechas. Drona cheio de grande ira atacou Yudhishthira com a arma Vayavya. O filho de Pandu, no entanto, frustrou aquela arma celeste com uma arma similar dele. Vendo sua arma frustrada, o filho de Bharadwaja, cheio de grande ira e desejoso de matar o filho de Pandu, disparou em Yudhishthira diversas armas celestes tais como a Varuna, a Yamya, a Agneya, a Tvashtra, e a Savitra. O poderosamente armado Pandava, no entanto, familiarizado com moralidade, frustrou destemidamente todas aquelas armas do Nascido no Pote que eram arremessadas ou no decurso de serem arremessadas nele. Então o Nascido no Pote, se esforçando para realizar seu voto e desejoso também do bem do teu filho, para matar o filho de Dharma, chamou à existência, ó Bharata, as armas Aindra e Prajapatya. Então aquele principal da família de Kuru, Yudhishthira, do modo de andar do elefante ou do leão, de peito largo e olhos grandes e vermelhos, e dotado de energia mal inferior (àquela de Drona) chamou à existência a arma Mahendra. Com ela ele frustrou a arma de Drona. Vendo todas as suas armas frustradas, Drona, cheio de ira e desejoso de executar a destruição de Yudhishthira, chamou à existência a arma Brahma. Envolvidos como nós estávamos então por uma densa escuridão, nós não pudemos observar o que se passou. Todas as criaturas também, ó monarca, estavam cheias de grande pavor. Vendo a arma Brahma erguida, o filho de Kunti, Yudhishthira, ó rei, frustrou-a com uma arma Brahma dele. Então, todos os principais guerreiros aplaudiram aqueles dois touros entre homens, Drona e Yudhishthira, aqueles grandes arqueiros conhecedores de todos os modos de guerra. Abandonando Yudhishthira, Drona então, com olhos vermelhos como cobre de raiva, começou a destruir a divisão de Drupada com a arma Vayavya. Oprimidos por Drona, os Panchalas fugiram de medo, na própria vista de Bhimasena e do ilustre Partha. Então o ornado com diadema (Arjuna) e Bhimasena, reprimindo aquela fuga de suas tropas, enfrentaram de repente aquela força hostil com duas grandes multidões de carros. Vibhatsu atacando a direita e Vrikodara a esquerda, o filho de Bharadwaja foi combatido com duas imensas chuvas de flechas. Então os Kaikeyas, os Srinjayas, e os Panchalas de grande energia seguiram os dois irmãos, ó rei, acompanhados pelos Matsyas e os Satwatas. Então a hoste Bharata, massacrada pelo ornado com diadema (Arjuna) e dominada pelo sono e escuridão, começou a se dividir. Drona e teu próprio filho se esforçaram reagrupá-la. Os combatentes, no entanto, ó rei, eram incapazes de serem então detidos em sua fuga.'"

157

"Sanjaya disse, 'Contemplando aquela hoste vasta dos Pandavas cheia de raiva e considerando-a incapaz de ser resistida, teu filho Duryodhana, dirigindo-se a Karna, disse essas palavras, 'Ó tu que és dedicado aos amigos, agora chegou aquela hora em relação a teus amigos (quando tua ajuda é mais necessária). Ó Karna, salve em batalha todos os meus guerreiros. Nossos combatentes estão agora cercados por todos os lados pelos Panchalas, os Kaikeyas, os Matsyas, e os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, todos cheios de raiva e

parecendo cobras silvando. Lá os Pandavas, desejosos de vitória, estão rugindo em alegria. O vasto exército de carros dos Panchalas é possuidor da bravura do próprio Sakra.'"

"Karna respondeu, 'Se o próprio Purandara viesse para cá para salvar Partha, vencendo rapidamente até ele, eu mataria aquele filho ou Pandu. Eu te falo verdadeiramente. Anime-te, ó Bharata! Eu matarei o filho de Pandu e todos os Panchalas reunidos, eu te darei vitória, como o filho de Pavaka dando vitória para Vasava. Eu farei o que é agradável para ti nessa batalha que começou. Entre todos os Parthas, Phalguna é o mais forte. Nele eu arremessarei o dardo fatal de obra de Sakra. Após a morte daquele grande arqueiro, seus irmãos, ó concessor de honras, irão ou se render a ti ou se retirar novamente para a floresta. Quando eu estou vivo, ó Kaurava, nunca te entregue a qualquer angústia. Eu derrotarei em batalha todos os Pandavas juntos e todos os Panchalas, os Kaikeyas, e os Vrishnis reunidos. Fazendo porcos-espinhos deles por meio de minhas chuvas de flechas, eu te darei a terra.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto Karna estava proferindo aquelas palavras, Kripa, o filho poderosamente armado de Saradwat, sorrindo, dirigiu-se ao filho de Suta nessas palavras, 'Teu discurso é belo, ó Karna! Se somente palavras pudessem levar ao êxito, então contigo, ó filho de Radha, como seu protetor, esse touro entre os Kurus seria considerado como tendo a mais ampla medida de proteção. Tu te gabas muito, ó Karna, na presença do chefe Kuru, mas teu valor é raramente testemunhado, nem, de fato, qualquer resultado (das tuas palavras jactanciosas). Muitas vezes nós temos te visto enfrentar os filhos de Pandu em batalha. Em todas aquelas ocasiões, ó filho de Suta, tu foste derrotado pelos Pandavas. Enquanto o filho de Dhritarashtra estava sendo levado (como um cativo) pelos Gandharvas, todas as tropas lutaram naquela ocasião exceto somente tu, que foste o primeiro a fugir. Na cidade de Virata também, todos os Kauravas, reunidos, inclusive tu mesmo e teu irmão mais novo foram subjugados por Partha em batalha. Tu não és páreo nem para um dos filhos de Pandu, isto é, Phalguna, no campo de batalha. Como então tu podes ousar reprimir todos os filhos de Pandu com Krishna em sua chefia? Tu te gabas demais, ó filho de Suta! Engaje-te na batalha sem dizer qualquer coisa. Aplicar sua destreza sem se entregar à jactância é o dever de bons homens. Sempre rugindo alto, ó filho de Suta, como as nuvens secas de outono, tu te mostras, ó Karna, como sendo sem substância. O rei, no entanto, não compreende isso. Tu ruges, ó filho de Radha, enquanto tu não vês o filho de Pritha. Esses teus rugidos desaparecem quando tu vês Partha perto. De fato, tu ruges contanto que tu estejas fora do alcance das flechas de Phalguna. Aqueles teus rugidos desaparecem quando tu és perfurado pelas flechas de Partha. Kshatriyas evidenciam sua eminência por meio de suas armas; Brahmanas, por meio de discurso; Arjuna evidencia a dele por meio do arco; mas Karna, pelos castelos que ele constrói no ar. Quem resistirá àquele Partha que satisfez o próprio Rudra (em batalha)?' Assim insultado pelo filho de Saradwat, Karna, aquele principal dos batedores, respondeu a Kripa da seguinte maneira, 'Heróis sempre rugem como nuvens na estação das chuvas, e como sementes colocadas no solo, produzem frutos rapidamente. Eu não vejo qualquer falha em

heróis que tomam grandes cargas sobre seus ombros, se entregando a discursos vaidosos no campo de batalha. Quando uma pessoa mentalmente resolve suportar uma carga, o próprio Destino a ajuda na realização. Desejando em meu coração suportar uma grande carga, eu sempre convoco resolução suficiente. Se, matando os filhos de Pandu com Krishna e Satwatas em batalha, eu me entrego a tais rugidos, o que é isso para ti, ó Brahmana? Aqueles que são heróis nunca rugem inutilmente como nuvens outonais. Consciente de sua própria força, o sábio se entrega a rugidos! Em meu coração eu estou determinado a vencer hoje Krishna e Partha juntos e lutando com resolução! É por isso que eu rujo, ó filho de Gotama! Veja o fruto desses meus rugidos, ó Brahmana! Matando o filho de Pandu em batalha, com todos os seus seguidores, Krishna e Satwatas, eu entregarei a Duryodhana a terra inteira sem um tormento nela.'"

"Kripa disse, 'Eu considero desprezíveis, ó filho de Suta, essas tuas declarações delirantes revelando teus pensamentos, não atos. Tu sempre falas em depreciação dos dois Krishnas e do rei Yudhishthira o justo. Ó Karna, está certo de obter a vitória aquele que tem ao seu lado aqueles dois heróis hábeis em batalha. De fato, Krishna e Arjuna não podem ser derrotados pelos celestiais, os Gandharvas, os Yakshas, seres humanos, os Nagas, e as aves, todos vestidos em armadura. Yudhishthira, o filho de Dharma, é devotado aos Brahmanas. Ele é sincero em palavras e autocontrolado. Ele reverencia os Pitris e as divindades. Ele é dedicado à prática da verdade e justiça. Ele é, além disso, hábil com armas. Possuidor de grande inteligência, ele também é grato. Seus irmãos são todos dotados de grande poder e bem experientes em todas as armas. Eles são dedicados ao serviço de seus superiores. Possuidores de sabedoria e fama, eles são também virtuosos em suas práticas. Seus parentes e aparentados são todos dotados da destreza de Indra. Batedores eficazes, eles são todos muito dedicados aos Pandavas. Dhrishtadyumna, e Sikhandin e Janamejaya, o filho de Durmuksha e Chandrasen, e Madrasen, e Kritavarman, Dhruva, e Dhara e Vasuchandra, e Sutejana, os filhos de Drupada, e o próprio Drupada, conhecedor de armas superiores e poderosas, e o rei dos Matsyas também, com seus irmãos mais novos, todos resolutamente lutando por sua causa, e Gajanika, e Virabhadra, e Sudarsana, e Srutadhwaja, e Valanika, e Jayanika, e Jayaprya, e Vijaya e Labhalaksha, e Jayaswa, e Kamaratha, e os belos irmãos de Virata, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os (cinco) filhos de Draupadi, e o Rakshasa Ghatotkacha, todos estão lutando pelos Pandavas. Os filhos de Pandu, portanto, não encontrarão a destruição. Esses e muitas outras hostes (de heróis) são em prol dos filhos de Pandu. Sem dúvida, o universo inteiro, com os celestiais, Asuras, e seres humanos, com todas as tribos de Yakshas e Rakshas e com todos os elefantes e cobras e outras criaturas, pode ser aniquilado por Bhima e Phalguna pelo valor de suas armas. Em relação a Yudhishthira também, ele pode, com olhares zangados somente, consumir o mundo inteiro. Como, ó Karna, tu podes te arriscar a reprimir aqueles inimigos em batalha por quem Sauri de poder imensurável se vestiu em armadura? Isto, ó filho de Suta, é uma grande tolice da tua parte, já que tu sempre ousas lutar com o próprio Sauri em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado (por Kripa), Karna o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, sorrindo, disse essas palavras para o preceptor Kripa, o filho de Saradwat, 'As palavras que tu falaste sobre os Pandavas, ó Brahmana, são todas verdadeiras. Essas e muitas outras virtudes são vistas nos filhos de Pandu. É verdade também que os Parthas são incapazes de serem derrotados pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia, e os Daityas, os Yakshas, e os Rakshasas. Apesar de tudo isso eu derrotarei os Parthas com a ajuda do dardo dado a mim por Vasava. Tu sabes, ó Brahmana, que o dardo dado por Sakra não pode ser frustrado. Com ele eu matarei Savyasachin em batalha. Após a queda de Arjuna, Krishna e os irmãos de Arjuna nunca poderão desfrutar da (soberania da) terra sem Arjuna (para ajudá-los). Todos eles, portanto, perecerão. Essa terra então, com seus mares, permanecerá sujeita ao chefe dos Kurus, ó Gautama, sem lhe custar quaisquer esforços. Nesse mundo tudo, sem dúvida, vem a ser obtenível por política. Sabendo disso, eu me entrego a esses rugidos, ó Gautama! Em relação a ti mesmo, tu és velho, um Brahmana por nascimento, e inábil em batalha. Tu tens muito amor pelos Pandavas. É por isso que tu me insultas dessa maneira. Se, ó Brahmana, tu me falares novamente palavras tais como essas, eu irei, então, tirando minha cimitarra, cortar tua língua, ó patife! Tu desejas, ó Brahmana, elogiar os Pandavas para amedrontar todas as tropas e os Kauravas, ó tu me mente perversa! Com relação a isso também, ó Gautama, escute o que eu digo. Duryodhana, e Drona, e Sakuni, e Durmukha, e Jaya, e Duhsasana, e Vrishasena, e o soberano dos Madras, e tu mesmo também e o filho de Somadatta e o filho de Drona, e Vivinsati, todos estes heróis hábeis em batalha, estão aqui, vestidos em armadura. Que inimigo há, mesmo dotado da destreza de Sakra, que subjugaria estes em batalha? Todos aqueles que eu citei são heróis, hábeis com armas, dotados de grande força, desejosos de admissão no céu, familiarizados com moralidade, e hábeis em batalha. Eles matariam os próprios deuses em luta. Eles tomarão seus lugares no campo para matar os Pandavas, vestidos em armadura em nome de Duryodhana desejosos de vitória. Eu considero a vitória como sendo dependente do destino, até no caso dos mais notáveis dos homens poderosos. Quando o próprio Bhishma de braços fortes jaz perfurado por centenas de flechas, como também Vikarna, e Jayadratha, e Bhurisravas, e Jaya, e Jalasandha, e Sudakshina, e Sala; aquele principal dos guerreiros em carros, e Bhagadatta de energia formidável, eu digo, quando esses e muitos outros, que não podiam ser derrotados facilmente pelos próprios deuses, todos heróis e mais poderosos (do que os Pandavas), jazem no campo de batalha, mortos pelos Pandavas, o que tu achas, ó patife entre homens, exceto que tudo isso é o resultado do destino? Em relação a eles também, ou seja, os inimigos de Duryodhana, a quem tu adoras, ó Brahmana, bravos guerreiros deles, às centenas e milhares, estão mortos. Os exércitos dos Kurus e dos Pandavas estão ambos diminuindo em números; eu não vejo, nisto, a destreza dos Pandavas! Com eles, ó mais vil dos homens, a quem tu sempre consideras como sendo tão poderosos, eu me esforçarei, até a máxima extensão do meu poder, para lutar em batalha, para o bem de Duryodhana. Com relação à vitória, ela depende do destino.'"

158

"Sanjaya disse, 'Vendo seu tio assim endereçado em palavras rudes e insultantes pelo filho de Suta, Aswatthaman, erguendo sua cimitarra, avançou furiosamente em direção ao último. Cheio de fúria, o filho de Drona avançou em direção a Karna, na própria vista do rei Kuru, como um leão em um elefante enfurecido.'"

"E Aswatthaman disse, 'Ó mais vil dos homens, Kripa estava falando das virtudes realmente possuídas por Arjuna. De mente má como tu és, tu repreendeste, no entanto, meu bravo tio por malícia. Possuidor de orgulho e insolência, tu te gabaste hoje da tua coragem, não respeitando qualquer dos arqueiros do mundo em batalha! Onde estava tua coragem e onde estavam tuas armas quando te subjugando em batalha o manejador do Gandiva matou Jayadratha diante dos teus olhos? Vaidosamente, ó miserável de um Suta, tu te entregas em tua mente à esperança de derrotar aquele que antigamente lutou em batalha com o próprio Mahadeva. Os próprios deuses com os Asuras reunidos e com Indra em sua chefia fracassaram em vencer Arjuna, aquele principal de todos os manejadores de armas, tendo Krishna somente como seu aliado. Como então, ó Suta, tu esperas, ajudado por estes reis, derrotar aquele mais notável dos heróis no mundo, o invicto Arjuna, em batalha? Veja, ó Karna de alma perversa, (o que eu te faço) hoje! Ó mais vil dos homens, ó tu de mente má, eu logo separarei tua cabeça do teu tronco.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim dizendo, Aswatthaman fez um avanço furioso em Karna. O próprio rei, de grande energia, e Kripa, aquele principal dos homens, o seguraram firmemente. Então Karna disse, 'De má compreensão, esse miserável de um Brahmana se acha corajoso e conta vantagem da sua destreza em batalha. Liberte-o, ó chefe dos Kurus. Deixe ele entrar em contato com minha força.'"

"Aswatthaman disse, 'Ó filho de um Suta, ó tu de mente má, esse (teu erro) é perdoado por nós. Phalguna, no entanto, suprimirá esse teu orgulho.'"

"Duryodhana disse, 'Ó Aswatthaman, abrande tua ira. Cabe a ti, ó concessor de honras, perdoar. Tu não deves, ó impecável, ficar zangado com o filho de Suta. Sobre ti e Karna e Kripa e Drona e o soberano dos Madras e o filho de Suvala se apóia uma grande carga. Suprima tua cólera, ó melhor dos Brahmanas! Lá, todas as tropas Pandava estão se aproximando pelo desejo de lutar com o filho de Radha. De fato, ó Brahmana, lá vem eles, desafiando todos nós.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim acalmado pelo rei, o filho de grande alma de Drona, ó monarca, cuja ira tinha sido excitada, suprimiu sua cólera e perdoou (Karna). Então o preceptor Kripa, de coração nobre, que é de uma disposição pacífica, ó monarca, e temperamento suave, portanto, retornou logo a ele, e disse estas palavras.'"

"Kripa disse, 'Ó filho de Suta de coração pecaminoso, esse (teu erro) está perdoado por nós. Phalguna, no entanto, suprimirá esse teu grande orgulho.'"

"Sanjaya continuou, 'Então os Pandavas, ó rei, e os Panchalas, célebres por sua bravura, se unindo aproximaram-se aos milhares, proferindo gritos altos; Karna também, aquele principal dos guerreiros em carros, dotado de grande energia, cercado por muitos principais entre os guerreiros Kuru e parecendo Sakra no meio dos celestiais, esperou, esticando seu arco e confiando no poder de suas próprias armas. Então começou uma batalha entre Karna e os Pandavas, ó rei, que foi formidável e caracterizada por altos rugidos leoninos. Então os Pandavas, ó monarca, e os Panchalas, célebres por sua coragem, vendo o poderosamente armado Karna, gritaram ruidosamente, dizendo, 'Lá está Karna!' 'Onde está Karna nessa batalha violenta?' 'Ó tu de mente má, ó mais vil dos homens, lute conosco!' Outros, vendo o filho de Radha disseram, com olhos arregalados em fúria, 'Que este patife arrogante de pouca compreensão, esse filho de um Suta, seja morto pelos reis aliados. Ele não precisa viver. Esse homem pecaminoso é sempre muito hostil aos Parthas. Obediente aos conselhos de Duryodhana, ele é a causa destes males. Matem ele.' Proferindo tais palavras, grandes guerreiros em carros Kshatriya, incitados pelo filho de Pandu, avançaram em direção a ele, cobrindo-o com uma densa chuva de flechas, para matá-lo. Vendo todos aqueles Pandavas poderosos (avançando), o filho de Suta não tremeu, nem sentiu qualquer temor. De fato, vendo aquele extraordinário mar de tropas, parecendo a própria Morte, aquele benfeitor dos teus filhos, isto é, o poderoso e ágil Karna, nunca vencido em batalha, ó touro da raça Bharata, começou, com nuvens de flechas, a resistir àquele exército de todos os lados. Os Pandavas também lutaram com o inimigo, disparando chuvas de flechas. Vibrando suas centenas e milhares de arcos eles lutaram com o filho de Radha, como os Daityas dos tempos antigos lutando com Sakra. O poderoso Karna, no entanto, com uma chuva densa de suas próprias flechas dissipou aquela torrente de flechas causada por aqueles senhores de terra em todos os lados. A batalha que ocorreu entre eles, e na qual cada partido neutralizava os feitos do outro, parecia o combate entre Sakra e os Danavas na grande batalha lutada antigamente entre os deuses e os Asuras. A agilidade de braço que nós então vimos do filho de Suta foi admirável ao extremo, visto que todos os seus inimigos, combatendo resolutamente, não podiam atingi-lo naquela batalha. Detendo as nuvens de flechas disparadas pelos reis (hostis), aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Radha, disparou flechas terríveis marcadas com seu próprio nome nas cangas, nos varais, nos guarda-sóis, nos carros, e nos corcéis (de seus inimigos). Então aqueles reis, afligidos por Karna e perdendo sua frieza, começaram a vagar sobre o campo como um rebanho de gado atormentado pelo frio. Atacados por Karna, grande número de cavalos e elefantes e guerreiros em carros eram vistos caírem privados de vida. O campo inteiro, ó rei, ficou coberto com as cabeças caídas e armas de heróis que não recuavam. Com os mortos, os moribundos, e os guerreiros lamentando, o campo de batalha, ó monarca, assumiu o aspecto do domínio de Yama. Então Duryodhana, ó rei, testemunhando a destreza de Karna, foi até Aswatthaman, e dirigindo-se a ele disse, 'Veja, Karna, vestido em armadura, está envolvido em combate com todos os reis (hostis). Veja, o exército hostil, afligido pelas flechas de Karna, está sendo desbaratado como o exército Asura oprimido pela energia de Kartikeya. Vendo seu exército reprimido em batalha por aquele inteligente Karna, lá vem Vibhatsu pelo desejo de matar o filho de Suta. Que sejam tomadas

medidas, portanto, que possam impedir o filho de Pandu de matar aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Suta, na própria vista de nós todos.' (Assim endereçado), o filho de Drona, e Kripa, e Salya, e aquele formidável guerreiro em carro, isto é, o filho de Hridika, vendo o filho de Kunti indo (em direção a eles) como o próprio Sakra em direção à hoste Daitya, todos avançaram contra Partha para resgatar o filho de Suta. Enquanto isso, Vibhatsu, ó monarca, circundado pelos Panchalas avançou contra Karna como Purandara avançando contra o Asura Vritra.'"

"Dhritarashtra disse, 'Vendo Phalguna excitado com fúria e parecendo com o próprio Destruidor, como ele aparece no fim do Yuga, o que, ó Suta, o filho de Vikartana Karna fez em seguida? De fato, o poderoso guerreiro em carro Karna, o filho de Vikartana, sempre desafiava Partha. De fato, ele sempre disse que ele era competente para vencer o terrível Vibhatsu. O que então, ó Suta, aquele guerreiro fez quando ele encontrou repentinamente seu inimigo sempre mortal?'"

"Sanjaya continuou, 'Vendo o filho de Pandu avançando em direção a ele como um elefante em direção a um elefante rival, Karna procedeu destemidamente contra Dhananjaya. Partha, no entanto, logo cobriu Karna que estava assim avançando com grande impetuosidade, com chuvas de flechas retas, equipadas com asas de ouro. Karna também cobriu Vijaya com suas flechas. O filho de Pandu então mais uma vez encobriu Karna com nuvens de setas. Então Karna, cheio de raiva, perfurou Arjuna com três flechas. O poderoso guerreiro em carro, Arjuna, vendo a agilidade de mão de Karna, não pode tolerar isso. Aquele opressor de inimigos disparou no filho de Suta trinta flechas retas, afiadas em pedra e equipadas com pontas ardentes. Dotado de grande força e energia, ele também o perfurou, em fúria, com outra flecha longa no pulso de seu braço esquerdo, sorrindo. O arco de Karna então caiu daquele braço dele, o qual tinha sido perfurado com grande força. Então o poderoso Karna, pegando aquele arco num piscar de olhos, novamente cobriu Phalguna com nuvens de flechas, mostrando grande agilidade de mão. Dhananjaya então, ó Bharata, sorrindo, desviou com suas próprias flechas aquela chuva de flechas disparada pelo filho de Suta. Aproximando-se um do outro, aqueles dois arqueiros formidáveis, desejosos de neutralizar os feitos um do outro, continuaram a cobrir um ao outro com chuvas de flechas. A batalha que ocorreu entre eles, isto é, Karna e o filho de Pandu, tornou-se estupenda, como aquela entre dois elefantes selvagens por causa de uma elefanta no cio. Então o poderoso arqueiro Partha, vendo a destreza de Karna, rapidamente cortou o arco do último no cabo. E ele também despachou os quatro corcéis do filho de Suta para a residência de Yama com diversas flechas de cabeça larga. E aquele opressor de inimigos também cortou do tronco a cabeça do motorista de Karna. Então, o filho de Pandu e Pritha perfurou Karna que estava sem arco, sem cavalos, e sem motorista com quatro flechas. Então aquele touro entre homens, Karna, afligido por aquelas flechas, saltando rapidamente daquele carro sem cavalos, subiu naquele de Kripa. Vendo o filho de Radha derrotado, teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, fugiram em todas as direções. Vendo eles fugirem, o próprio rei Duryodhana os deteve e lhes disse essas palavras, 'Ó heróis, não fujam. Ó touros entre os Kshatriyas, permaneçam em batalha. Eu

mesmo irei agora avançar para matar Partha em batalha. Eu mesmo matarei Partha com os Panchalas reunidos. Enquanto eu lutar com o manejador do Gandiva hoje, Partha verá minha destreza parecer com aquela do próprio Destruidor no fim do Yuga. Hoje os Parthas verão minhas flechas disparadas às milhares parecerem bandos de gafanhotos. Os combatentes me verão hoje disparando, arco na mão, densas chuvas de flechas, como torrentes de chuva despejadas pelas nuvens no fim do verão. Eu hoje subjugarei Partha com minhas flechas retas. Fiquem, ó heróis, em batalha, e removam seu medo de Phalguna. Enfrentando minha bravura, Phalguna nunca poderá suportá-la, como o oceano, a residência de makaras, incapaz de superar os continentes.' Assim dizendo, o rei procedeu em fúria, seus olhos vermelhos de raiva, cercado por uma grande hoste, em direção a Phalguna. Vendo o poderosamente armado Duryodhana assim procedendo, o filho de Saradwat, se aproximando de Aswatthaman, disse essas palavras, 'Lá, Duryodhana de braços fortes, privado de sua razão pela ira, deseja lutar com Phalguna, como um inseto desejando avançar em um fogo ardente. Antes que esse principal dos reis sacrifique sua vida, na nossa própria vista, nessa batalha com Partha, impeça-o (de avançar para o combate). O bravo rei Kuru pode permanecer vivo em batalha somente enquanto ele não se colocar dentro do alcance das flechas de Partha. Que o rei seja parado antes que ele seja reduzido a cinzas pelas flechas terríveis de Partha, que parecem cobras recém libertadas de suas peles. Quando nós estamos aqui, ó dador de honras, parece ser muito impróprio que o rei deva ele mesmo ir para a batalha para lutar, como se ele não tivesse ninguém para lutar por ele. A vida deste descendente de Kuru estará em grande perigo se ele se engajar em batalha com o ornado com diadema (Arjuna), como aquela de um elefante lutando com um tigre.' Assim endereçado por seu tio materno, o filho de Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, foi rapidamente até Duryodhana e dirigindo-se a ele disse essas palavras, 'Quando eu estou vivo, ó filho de Gandhari, não cabe a ti te envolver tu mesmo em batalha, desconsiderando a mim, ó descendente de Kuru, que sempre desejo o teu bem. Tu não precisas ficar ansioso em absoluto acerca de derrotar Partha. Eu deterei Partha! Permaneça aqui, ó Suyodhana.'"

"Duryodhana disse, 'O preceptor (Drona) sempre protege os filhos de Pandu, como se eles fossem seus próprios filhos. Tu também nunca interferiste com aqueles meus inimigos. Ou, pode ser devido ao meu azar que tua bravura nunca se torna feroz em batalha. Isso pode ser também devido à tua afeição por Yudhishthira ou Draupadi. Eu mesmo sou ignorante da verdadeira razão. Que vergonha para minha pessoa cobiçosa, por cuja causa todos os amigos, desejosos de me fazer feliz, são eles mesmos subjugados e mergulhados na aflição. Exceto tu, ó filho da filha de Gotama, qual principal de todos os manejadores de armas há, qual guerreiro, de fato, igual ao próprio Mahadeva em batalha, que, embora competente, não destruiria o inimigo? Ó Aswatthaman; fique satisfeito comigo e destrua meus inimigos. Nem os deuses nem os Danavas são capazes de ficar dentro do alcance das tuas armas, ó filho de Drona, mate os Panchalas e os Somakas com todos os seus seguidores. Com relação ao resto, nós os mataremos, protegidos por ti. Lá, ó Brahmana, os Somakas e os Panchalas, possuidores de grande fama, estão se movendo rapidamente em meio

as minhas tropas como uma conflagração florestal. Ó poderosamente armado, reprima eles como também os Kailkeyas, ó melhor dos homens, do contrário, protegidos pelo ornado com diadema (Arjuna), eles irão aniquilar nós todos. Ó Aswatthaman, ó castigador de inimigos, vá para lá com velocidade. Tu realize isto agora ou depois, este feito, ó senhor, deve ser realizado por ti. Tu nasceste, ó poderosamente armado, para a destruição dos Panchalas. Empregando tua bravura tu farás o mundo desprovido de Panchalas. Assim mesmo os veneráveis coroados com êxito (ascético), disseram. Isto será como eles disseram. Portanto, ó tigre entre homens, mate os Panchalas com todos os seus seguidores. Os próprios deuses com Vasava em sua chefia são incapazes de permanecer dentro do alcance das tuas armas, o que precisa ser dito então dos Parthas e dos Panchalas? Essas minhas palavras são verdadeiras. Eu te digo realmente, ó herói, que os Pandavas unidos com os Somakas não são páreo para ti em batalha! Vá, ó poderosamente armado! Que não haja demora. Veja, nosso exército, atormentado pelas flechas de Partha, está se dividindo e fugindo. Tu és competente, ó de braços poderosos, ajudado por tua própria energia celeste, para afligir, ó concessor de honras, os Pandavas e os Panchalas.'"

159

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Duryodhana, o filho de Drona, aquele guerreiro difícil de ser derrotado em batalha, colocou seu coração em destruir o inimigo, como Indra concentrado em destruir os Daityas. O poderosamente armado Aswatthaman respondeu para teu filho, dizendo, 'É assim mesmo como tu disseste, ó descendente de Kuru! Os Pandavas são sempre caros para mim e meu pai. Assim também, nós dois somos caros para eles. Não é assim, no entanto, em batalha. Nós iremos, de acordo com a medida de nosso poder, lutar destemidamente em batalha, indiferentes às nossas vidas. Eu mesmo, Karna, Salya, Kripa, e o filho de Hridika poderíamos, ó melhor dos reis, destruir a hoste Pandava num piscar de olhos. Os Pandavas também, ó melhor dos Kurus, poderiam num piscar de olhos destruir a hoste Kaurava, se, ó poderosamente armado, nós não estivéssemos presentes em batalha. Nós estamos lutando com os Pandavas com todas as nossas forças, e eles também estão lutando conosco com o máximo de seu poder. Energia, enfrentando energia, está sendo neutralizada, ó Bharata! O exército Pandava não pode ser vencido enquanto os filhos de Pandu estiverem vivos. Isso que eu te digo é verdade. Os filhos de Pandu são dotados de grande poder. Eles estão, além disso, lutando por eles mesmos. Por que não eles deveriam, ó Bharata, ser capazes de matar tuas tropas? Tu, no entanto, ó rei, és muito cobiçoso. Tu, ó Kaurava, és enganador. Tu és vanglorioso e desconfiado de tudo. Por isso, tu suspeitas até de nós. Eu acho, ó rei, que tu és perverso, de alma pecaminosa, e uma encarnação do pecado. Vil e de pensamentos pecaminosos, tu duvidas de nós e outros. Com relação a mim mesmo, lutando com resolução por tua causa, eu estou preparado para sacrificar minha vida. Eu logo irei para a batalha por tua causa, ó chefe dos Kurus. Eu lutarei com o inimigo e matarei um grande número do inimigo. Eu lutarei com os

Panchalas, os Somakas, os Kaikeyas, e os Pandavas também, em batalha, para fazer o que é agradável para ti, ó castigador de inimigos. Oprimidos por minhas flechas hoje, os Chedis, os Panchalas, e os Somakas fugirão para todos os lados como um rebanho de gado afligido por um leão. Hoje, o filho nobre de Dharma com todos os Somakas, vendo minha destreza, considerarão o mundo inteiro como estando cheio de Aswatthamans. O filho de Dharma, Yudhishthira, ficará muito desanimado, vendo os Panchalas e Somakas mortos (por mim) em batalha. Eu irei, ó Bharata, matar todos aqueles que se aproximarem de mim em batalha. Atormentado pelo poder de minhas armas, nenhum deles, ó herói, escapará de mim hoje com vida.' Tendo dito isso para teu filho Duryodhana, o poderosamente armado (Aswatthaman) procedeu para a batalha, e afligiu todos os arqueiros. Aquele principal de todos os seres vivos assim procurou realizar o que era agradável para teus filhos. O filho da filha de Gotama, então se dirigindo aos Panchalas e aos Kaikeyas, disse para eles, 'Ó poderosos guerreiros em carros, disparem vocês todos em meu corpo. Mostrando sua habilidade uso de armas, lutem comigo friamente.' Assim endereçados por ele, todos aqueles combatentes, ó rei, despejaram chuvas de armas sobre o filho de Drona como nuvens derramando torrentes de chuva. Desviando aquelas chuvas, o filho de Drona naquela batalha matou dez bravos guerreiros entre eles, na própria vista, ó senhor, de Dhrishtadyumna e dos filhos de Pandu. Os Panchalas e os Somakas então, assim tratados em batalha, abandonaram o filho de Drona e fugiram em todas as direções. Vendo aqueles bravos guerreiros, os Panchalas e os Somakas, fugindo, Dhrishtadyumna, ó rei, avançou contra o filho de Drona naquela batalha. Cercado então por cem guerreiros em carros bravos e que não recuavam sobre carros ornados com ouro, e o estrépito de cujas rodas parecia o ribombo de nuvens carregadas de chuva, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, o filho do rei Panchala, vendo seus guerreiros mortos, dirigiu-se ao filho de Drona e disse essas palavras, 'Ó tolo filho do preceptor, qual é a utilidade de matar combatentes vulgares? Se tu és um herói, lute então comigo em batalha. Eu te matarei. Espere por um momento sem fugir.' Dizendo isso, Dhrishtadyumna de grande destreza atacou o filho de preceptor com muitas flechas afiadas e terríveis capazes de perfurar os próprios órgãos vitais. Aquelas flechas de curso rápido, providas de asas douradas e pontas afiadas, e capazes de perfurar o corpo de todo inimigo procedendo em uma linha contínua, penetraram no corpo de Aswatthaman, como abelhas vagando livremente à procura de mel entrando em uma árvore florescente. Profundamente perfurado e cheio de raiva, como uma cobra pisada, o orgulhoso e destemido filho de Drona, flecha na mão, dirigiu-se ao seu inimigo, dizendo, 'Ó Dhrishtadyumna, espere um momento, sem deixar minha presença. Logo eu te despacharei para a residência de Yama com minhas flechas afiadas.' Dizendo essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o filho de Drona, mostrando grande agilidade de mãos, cobriu o filho de Prishata de todos os lados com nuvens de setas. Assim coberto naquele combate (com flechas) pelo filho de Drona, o príncipe Panchala, difícil de ser derrotado em batalha, disse: 'Tu não sabes da minha origem, ó Brahmana, ou do meu voto. Ó tu de má compreensão, eu matarei primeiro o próprio Drona, eu não irei, portanto, te matar hoje quando o próprio Drona ainda está vivo. Ó tu de mente perversa, depois que esta noite passar e trouxer a bela alvorada, eu primeiro matarei teu pai em batalha

e então te despacharei também para a região dos Espíritos. Esse mesmo é o desejo nutrido por mim. Permanecendo diante de mim, mostre, portanto, até então, o ódio que tu tens pelos Parthas, e a devoção que tu nutres pelos Kurus. Tu não escaparás de mim com vida. Aquele Brahmana que, abandonando as práticas de um Brahmana, se dedica às práticas de um Kshatriya, pode ser morto por todos os Kshatriyas assim como tu, ó mais vil dos homens.' Assim endereçado pelo filho de Prishata em linguagem tão rude e insultante aquele melhor dos Brahmanas Aswatthaman reuniu toda sua raiva e respondeu, dizendo, 'Espere, Espere!' E ele encarou o filho de Prishata aparentemente queimando-o com seus olhos. Suspirando (furioso) como uma cobra, o filho do preceptor, então cobriu Dhrishtadyumna naquela batalha (com uma chuva de flechas). O filho poderosamente armado de Prishata, no entanto, aquele melhor dos guerreiros em carros, circundado por todas as tropas Panchala, embora assim atacado com flechas naquele combate pelo filho de Drona, não tremeu, confiando como ele confiava em sua própria energia. Em retorno, ele disparou muitas flechas em Aswatthaman. Ambos engajados em um jogo no qual a aposta era a própria vida, aqueles heróis, incapazes de suportar um ao outro, resistiram um ao outro e detiveram as chuvas de flechas um do outro. E aqueles arqueiros formidáveis dispararam densas chuvas de flechas por toda parte. Observando aquela batalha violenta, inspirando terror, entre o filho de Drona e o filho de Prishata, os Siddhas e Charanas e outros seres percorredores do céu os aplaudiram muito. Enchendo o céu e todos os pontos do horizonte com nuvens de flechas, e criando uma escuridão densa com isso, aqueles dois guerreiros continuaram a lutar um com o outro, não vistos (por algum de nós). Como se dançando naquela batalha, com seus arcos esticados a círculos, resolutamente aspirando matar um ao outro, aqueles guerreiros de braços fortes, inspirando medo em todos os corações, lutaram admiravelmente e com notável energia e habilidade. Aplaudidos por milhares de guerreiros principais naquela batalha, e tão resolutamente engajados na luta como dois elefantes selvagens na floresta, ambos os exércitos, contemplando eles, ficaram cheios de deleite. E gritos leoninos foram ouvidos lá, e todos os combatentes sopraram suas conchas. E centenas e milhares de instrumentos musicais começaram a ser tocados. Aquela luta feroz, aumentando o terror dos tímidos, pareceu somente por um tempo curto ser travada igualmente. Então o filho de Drona, ó rei, fazendo um avanço, cortou o arco, e estandarte, e guarda-sol, e os dois motoristas Parshni, e o motorista principal, e os quatro corcéis do filho de grande alma de Prishata. E aquele guerreiro de alma incomensurável então fez os Panchalas fugirem às centenas e milhares, por meio de suas flechas retas. Vendo aquelas façanhas do filho de Drona, parecendo aquelas do próprio Vasava em batalha, a hoste Pandava, ó touro da raça Bharata, começou a tremer de medo. Matando cem Panchalas com cem flechas, e três principais dos homens com três flechas afiadas, diante dos olhos do filho de Drupada e de Phalguna, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, matou um número muito grande de Panchalas que ficaram diante dele. Os Panchalas então, como também os Srinjayas, assim desconcertados em batalha, fugiram deixando o filho de Drona, com seus estandartes despedaçados. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, tendo vencido seus inimigos em batalha, proferiu um rugido alto como aquele de uma massa de nuvens no fim

do verão. Tendo matado um grande número de inimigos, Aswatthaman parecia resplandecente como o fogo ardente no fim do Yuga, depois de ter consumido todas as criaturas. Aplaudido por todos os Kauravas depois de ter derrotado milhares de inimigos em batalha, o valente filho de Drona brilhava em beleza, como o próprio chefe dos celestiais depois de derrotar seus inimigos."

160

"Sanjaya disse, 'Então o rei Yudhishthira, e Bhimasena, o filho de Pandu, ó monarca, cercaram o filho de Drona por todos os lados. Vendo isso, o rei Duryodhana, ajudado pelo filho de Bharadwaja, avançou contra os Pandavas naquele combate. Então começou uma batalha que foi violenta e terrível, aumentando os temores dos medrosos. Yudhishthira em fúria começou a despachar vastos números de Amvashthas, Malavas, Vangas, Sivis, e Trigartas, para o domínio dos mortos. Bhima também, mutilando os Abhishahas, os Surasenas, e outros Kshatriyas difíceis de serem derrotados em batalha, fez a terra lodosa com sangue. O enfeitado com diadema (Arjuna) de corcéis brancos despachou, ó rei, os Yaudheyas, os Montanheses, os Madrakas, e os Malavas também, para as regiões dos mortos. Atingidos violentamente por flechas de curso rápido, elefantes começaram a cair no chão como colinas de topo duplo. Coberta com as trombas cortadas de elefantes que ainda se moviam em convulsões, a terra parecia como se coberta com cobras moventes. Coberto com os guarda-sóis caídos de reis que eram adornados com ouro, o campo de batalha parecia resplandecente como o céu no fim do Yuga coberto com sóis, luas e estrelas. Nesse momento um grande tumulto surgiu perto do carro de Drona, no meio do qual podiam ser ouvidas as palavras, 'Mate', 'Ataque sem medo', 'Perfure', 'Corte em pedaços'. Drona, no entanto, cheio de raiva, começou a destruir por meio da arma Vayavya os inimigos em volta dele, como uma tempestade poderosa destruindo massas de nuvens reunidas. Assim tratados por Drona, os Panchalas fugiram, de medo, na própria vista de Bhimasena e de Partha de grande alma. Então o ornado com diadema (Arjuna) e Bhimasena logo detiveram a fuga de suas tropas e acompanhados por um grande exército de carros atacaram o vasto exército de Drona. Vibhatsu atacando a direita e Vrikodara a esquerda, ambos despejaram sobre o filho de Bharadwaja duas chuvas densas de flechas. Os poderosos guerreiros em carros entre os Srinjayas e os Panchalas, com os Matsyas e os Somakas, ó rei, seguiram os dois irmãos assim engajados (naquele combate com Drona). Similarmente, muitos principais dos guerreiros em carros, hábeis em atacar, pertencentes ao teu filho, acompanhados por uma grande tropa, foram em direção ao carro de Drona (para proteger o último). Então a hoste Bharata, massacrada pelo ornado com diadema (Arjuna) e dominada e afligida pela escuridão, começou a se dividir. Teu próprio filho e Drona, ambos se esforçaram para reagrupá-la. Tuas tropas, no entanto, ó rei, não podiam ser controladas em sua fuga. De fato, aquela hoste vasta, massacrada pelas flechas do filho de Pandu, começou a fugir em todas as direções naquela hora quando o mundo estava envolvido pela escuridão. Muitos reis, abandonando os animais e

veículos que eles usavam, fugiram para todos os lados, ó monarca, dominados pelo medo.'"

161

"Sanjaya disse: 'Vendo Somadatta vibrando seu arco grande, Satyaki, dirigindo-se a seu motorista, disse, 'Leve-me em direção a Somadatta. Eu te digo verdadeiramente, ó Suta, que eu não voltarei da batalha hoje sem ter matado aquele inimigo, isto é, aquele pior dos Kurus, o filho de Valhika.' Assim endereçado, o quadrigário então incitou para a batalha aqueles cavalos velozes da raça Sindhu, brancos como conchas e capazes de suportar todas as armas. Aqueles corcéis dotados da velocidade do vento ou da mente levaram Yuyudhana para a batalha como os corcéis de Indra, ó rei, levando o último nos tempos antigos quando ele procedeu para subjugar os Danavas. Vendo o herói Satwata assim avançando rapidamente em batalha Somadatta, ó rei, virou destemidamente em direção a ele. Espalhando chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva, ele cobriu o neto de Sini como as nuvens cobrindo o sol. Satyaki também, ó touro da raça Bharata, naquele combate cobriu destemidamente aquele touro entre os Kurus com chuvas de flechas. Então Somadatta perfurou aquele herói da linhagem de Madhu com sessenta flechas no peito. Satyaki, por sua vez, ó rei, perfurou Somadatta com muitas flechas afiadas. Mutilados um pelo outro com as flechas um do outro, aqueles dois guerreiros pareciam resplandecentes como um par de Kinsukas florescentes na primavera. Completamente manchados com sangue, aqueles guerreiros ilustres das tribos Kuru e Vrishni olhavam um para outro com seus golpes de vista. Sobre seus carros que se movimentavam em círculos, aqueles opressores de inimigos, de expressões terríveis, pareciam duas nuvens despejando torrentes de chuva. Seus corpos mutilados e totalmente perfurados com flechas, eles pareciam, ó rei, com dois porcos-espinhos. Perfurados por inúmeras flechas, equipadas com asas de ouro, os dois guerreiros pareciam radiantes, ó monarca, como um par de árvores altas cobertas com pirilampos. Seus corpos parecendo brilhantes com as flechas resplandecentes fincadas neles, aqueles dois poderosos guerreiros em carros pareciam naquela batalha com dois elefantes enfurecidos enfeitados com tochas ardentes. Então, ó monarca, o poderoso guerreiro em carro, Somadatta, naquela batalha, cortou com uma flecha em forma de meia-lua o arco grande de Madhava. Com grande velocidade também, em um momento quando velocidade era da maior importância, o herói Kuru então perfurou Satyaki com vinte e cinco flechas, e novamente com dez. Então Satyaki, pegando um arco mais resistente, rapidamente perfurou Somadatta com cinco flechas. Com outra flecha de cabeça larga, Satyaki também, ó rei, sorrindo, cortou o estandarte dourado do filho de Valhika. Somadatta, no entanto, vendo seu estandarte derrubado, perfurou destemidamente o neto de Sini com vinte e cinco flechas. Satwata também, excitado com raiva, cortou com uma flecha de face de navalha o arco de Somadatta, naquele combate. E ele também perfurou Somadatta que então parecia uma cobra sem presas, com cem flechas retas, equipadas com asas de ouro. O poderoso guerreiro em carro Somadatta, então, que era dotado de grande

força, pegando outro arco, começou a cobrir Satyaki (com chuvas de flechas). Satyaki também, cheio de ira, perfurou Somadatta com muitas flechas. Somadatta, em retorno, afligiu Satyaki com suas chuvas de flechas. Então Bhima vindo para o combate, e lutando em nome de Satyaki, atingiu o filho de Valhika com dez flechas. Somadatta, no entanto, destemidamente atacou Bhimasena com muitas flechas afiadas. Então Satyaki, excitado com raiva, visando o peito de Somadatta, disparou um Parigha novo e terrível equipado com uma vara dourada e firme como o trovão. O guerreiro Kuru, no entanto, sorrindo, cortou aquele Parigha terrível avançando com velocidade contra ele em duas partes. Aquele formidável Parigha de ferro, então, assim cortado em dois fragmentos, caiu como dois topos de uma montanha partidos pelo raio. Então Satyaki, ó rei, com uma flecha de cabeça larga, cortou naquele combate o arco de Somadatta, e então com cinco flechas, a proteção de couro que envolvia seus dedos. Então, ó Bharata, com quatro outras flechas ele rapidamente despachou os quatro corcéis excelentes do guerreiro Kuru para a presença de Yama. E então aquele tigre entre os guerreiros em carros com outra flecha reta, sorrindo, cortou de seu tronco a cabeça do motorista de Somadatta. Então ele disparou no próprio Somadatta uma flecha terrível de refulgência ardente, afiada em pedra, embebida em óleo, e equipada com asas de ouro. Aquela flecha excelente e ameaçadora, disparada pelo neto poderoso de Sini, caiu rapidamente como um falcão, ó senhor, sobre o peito de Somadatta. Profundamente perfurado pelo poderoso Satwata, o grande guerreiro em carro Somadatta, ó monarca, caiu (de seu carro) e morreu. Vendo o grande guerreiro em carro Somadatta morto lá, teus guerreiros com uma grande multidão de carros avançaram contra Yuyudhana. Enquanto isso, os Pandavas também, ó rei, com todos os Prabhadrakas e acompanhados por uma grande tropa, avançaram contra o exército de Drona. Então Yudhishthira, excitado com fúria, começou, com suas flechas, a atacar e desbaratar as tropas do filho de Bharadwaja diante dos olhos do último. Vendo Yudhishthira agitando suas tropas dessa maneira, Drona, com olhos vermelhos de raiva, avançou furiosamente contra ele. O preceptor então perfurou o filho de Pritha com sete flechas afiadas. Yudhishthira, em retorno, excitado com cólera, perfurou o preceptor com cinco flechas. Profundamente perfurado pelo filho de Pandu, o arqueiro poderoso (Drona), lambendo os cantos de sua boca por um momento, cortou o estandarte e o arco de Yudhishthira. Com grande velocidade, em um momento quando velocidade era da maior importância, aquele melhor dos reis, cujo arco tinha sido cortado, pegou outro arco que era suficientemente flexível e firme. O filho de Pandu então perfurou Drona com seus corcéis, motorista, estandarte, e carro, com mil flechas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Atormentado pelos golpes daquelas flechas e sentindo grande dor, Drona, aquele touro entre os Brahmanas, sentou-se por um instante no terraço de seu carro. Recuperando seus sentidos, suspirando como uma cobra, e cheio de grande ira, o preceptor chamou à existência a arma Vayavya. O valente filho de Pritha, arco na mão, frustrou destemidamente aquela arma com uma arma similar dele naquele combate. E o filho de Pandu também cortou em dois fragmentos o grande arco do Brahmana. Então Drona, aquele opressor de Kshatriyas, pegou outro arco. Aquele touro da raça Kuru, Yudhishthira, cortou aquele arco também, com muitas flechas afiadas. Então Vasudeva, dirigindo-se a Yudhishthira, o filho de Kunti, disse, 'Ouça, ó

poderosamente armado Yudhishthira, o que eu digo. Pare, ó melhor dos Bharatas, de lutar com Drona. Drona sempre se esforça para te capturar em batalha. Eu não acho conveniente que tu lutes com ele. Aquele que foi criado para a destruição de Drona irá, sem dúvida, matá-lo. Deixando o preceptor, vá para onde o rei Suyodhana está. Reis devem lutar com reis, eles não devem desejar lutar com tais que não são reis. Cercado, portanto, por elefantes e corcéis e carros, dirija-te para lá, ó filho de Kunti, onde Dhananjaya comigo mesmo, ajudados por um pequeno exército, e Bhima também, aquele tigre entre homens, estamos lutando com os Kurus.' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, o rei Yudhishthira o justo, refletindo por um momento, foi para aquela parte do campo onde aquele matador de inimigos, Bhima, envolvido em batalha violenta, estava massacrando tuas tropas como o próprio Destruidor com boca escancarada. Fazendo a terra ressoar com o estrépito alto de seu carro, o qual parecia o ribombar das nuvens no fim do verão, o rei Yudhishthira o justo, o filho (mais velho) de Pandu, tomou o flanco de Bhima, empenhado na matança do inimigo. Drona também naquela noite começou a destruir seus inimigos, os Panchalas.'"

162

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível, quando o mundo estava envolvido pela escuridão e poeira, ó rei, os combatentes, enquanto eles permaneciam no campo, não podiam ver uns aos outros. Aqueles principais dos Kshatriyas lutaram uns com os outros guiados por conjeturas e os nomes pessoais e outros (que eles proferiam). E durante a continuação, ó senhor, daquela carnificina terrível de guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, aqueles heróis, isto é, Drona e Karna e Kripa, e Bhima e o filho de Prishata e Satwata, afligiram uns aos outros e as tropas de ambos os partidos, ó touro da raça Bharata. Os combatentes de ambos os exércitos, oprimidos por toda parte por aqueles principais dos guerreiros em carros, durante a hora de escuridão, fugiram para todos os lados. De fato, os guerreiros se dividiram e fugiram em todas as direções com corações completamente desconsolados. E quando eles fugiram em todas as direções, eles sofreram uma grande carnificina. Milhares de principais dos guerreiros em carros também, ó rei, massacraram uns aos outros naquela batalha. Incapazes de ver qualquer coisa no escuro, os combatentes ficaram privados de sua razão. Tudo isso foi o resultado dos maus conselhos do teu filho. De fato, naquela hora quando o mundo estava envolvido em escuridão, todas as criaturas, ó Bharata, incluindo até os principais dos guerreiros, dominados pelo pânico, ficaram privados de seu juízo naquela batalha.'"

"Dhritarashtra disse, 'Qual se tornou o estado de sua mente então quando, atormentados por aquela escuridão, vocês todos foram privados de sua energia e furiosamente agitados pelos Pandavas? Como também, ó Sanjaya, quando tudo estava envolvido em escuridão, as tropas Pandava como também as minhas se tornaram visíveis novamente?'"

"Sanjaya continuou, 'Então o restante do exército (dos Kauravas), sob as ordens de seus líderes, foi mais uma vez disposto em formação de combate (compacta). Drona colocou-se na dianteira, e Salya na traseira. E o filho de Drona e Sakuni, o filho de Suvala se colocaram nos flancos direito e esquerdo. E o próprio rei Duryodhana, ó monarca, naquela noite, ocupou-se em proteger todas as tropas. Animando todos os soldados de infantaria, ó rei, Duryodhana disse a eles, 'Colocando de lado suas grandes armas, peguem vocês todos lâmpadas ardentes em suas mãos.' Assim mandados por aquele melhor dos reis, os soldados de infantaria alegremente pegaram lâmpadas ardentes. Os deuses e Rishis, Gandharvas e Rishis celestes, e as diversas tribos de Vidyadharas e Apsaras, e Nagas e Yakshas e Uragas e Kinnaras, posicionados no céu também pegaram alegremente lâmpadas fulgurantes. Muitas lâmpadas, cheias com óleo de perfume agradável foram vistas descerem sobre a terra, dos Regentes dos pontos cardeais e secundários do horizonte. Por causa de Duryodhana, muitas dessas eram vistas virem de Narada e Parvata em especial, iluminando aquela escuridão. O exército (Kaurava) então, disposto em ordem de batalha compacta, parecia resplandecente naquela noite com a luz daquelas lâmpadas, os caros ornamentos (nos corpos de combatentes), e as brilhantes armas celestes quando elas eram disparadas ou arremessadas por eles. Em cada carro foram colocadas cinco lâmpadas, e em cada elefante enfurecido três. E sobre cada cavalo foi colocada uma lâmpada grande. Assim aquela hoste foi iluminada pelos guerreiros Kuru. Colocadas em seus lugares dentro de um tempo curto, aquelas lâmpadas iluminaram rapidamente o teu exército. De fato, todas as tropas, assim feitas radiantes pelos soldados de infantaria com lâmpadas alimentadas com óleo em suas mãos, pareciam belas como nuvens no céu noturno iluminadas por lampejos de relâmpago. Quando a hoste Kuru tinha sido iluminada dessa maneira, Drona, dotado da refulgência do fogo, chamuscando tudo em volta, parecia brilhante, ó rei, em sua armadura dourada, como o sol do meio-dia de raios ardentes. A luz daquelas lâmpadas começou a ser refletida dos ornamentos dourados, dos arcos e couraças brilhantes, e das armas bem temperadas dos combatentes. E maças enroladas com cordões, e Parighas luminosos, e carros e flechas e dardos, enquanto eles corriam para diante, repetidamente criavam, ó Ajamidha, por seu reflexo miríades de lâmpadas. E guarda-sóis e rabos de iaque e cimitarras e tições ardentes, ó rei, e colares de ouro, conforme eles eram girados ou movidos, refletindo aquela luz, pareciam extremamente belos. Iluminada pela luz daquelas lâmpadas e radiante pelo reflexo de armas e ornamentos, aquela hoste, ó rei, brilhava com esplendor. Armas belas e bem temperadas, vermelhas com sangue, e giradas por heróis, criavam uma refulgência brilhante lá, como lampejos de relâmpago no céu no fim do verão. Os rostos de guerreiros, impetuosamente perseguindo inimigos para derrubá-los e eles mesmos tremendo no ardor da investida, pareciam belos como massas de nuvens impelidas adiante pelo vento. Como o esplendor do sol se torna violento na ocasião do incêndio de uma floresta cheia de árvores, assim mesmo naquela noite terrível tornou-se o esplendor daquela hoste feroz e iluminada. Contemplando aquela nossa hoste iluminada, os Parthas também, com grande rapidez, incitando os soldados de infantaria por todo o seu exército, agiram como nós. Em cada elefante eles colocaram sete lâmpadas; em cada carro, dez; e nas costas de cada cavalo eles colocaram duas

lâmpadas; e nos flancos e na traseira (de seus carros) e em seus estandartes também, eles colocaram muitas lâmpadas. E nos flancos de sua hoste, e na retaguarda e na vanguarda, e em volta e dentro, muitas outras lâmpadas foram acesas. Os Kurus tendo feito o mesmo, ambos os exércitos foram assim iluminados. Por toda a hoste, os soldados de infantaria ficaram misturados com elefantes e carros e cavalaria. E o exército do filho de Pandu também foi iluminado por outros (além dos soldados de infantaria) permanecendo com tochas ardentes em suas mãos. Com aquelas lâmpadas aquela hoste ficou muito refulgente, como um fogo ardente tornado duplamente brilhante pelos raios deslumbrantes do criador do dia. O esplendor de ambos os exércitos, se espalhando pela terra, o céu, e todos os pontos do horizonte, parecia aumentar. Com aquela luz, teu exército como também o deles ficou claramente visível. Despertados por aquela luz que alcançava os céus, os deuses, os Gandharvas, os Yakshas, os Rishis e outros coroados com êxito (ascético), e as Apsaras, todos foram lá. Apinhado então com deuses e Gandharvas, e Yakshas, e Rishis coroados com sucesso (ascético), e Apsaras, e os espíritos de guerreiros mortos prestes a entrarem nas regiões celestes, o campo de batalha parecia um segundo céu. Cheio de carros e corcéis e elefantes, brilhantemente iluminado com lâmpadas, com combatentes furiosos e cavalos mortos ou vagando de modo selvagem, aquele vasto exército de guerreiros em formação de combate e cavalos e elefantes parecia com as formações de combate dos celestiais e dos Asuras nos tempos passados. O ímpeto de dardos formava os ventos violentos; grandes carros, as nuvens; o relincho e grunhido de corcéis e elefantes, os ribombos; flechas, as chuvas; e o sangue de guerreiros e animais, a enchente, daquele combate noturno semelhante a tempestade entre aqueles homens semelhantes a deuses. No meio daquela batalha, aquele principal dos Brahmanas, Aswatthaman de grande alma, chamuscando os Pandavas, ó soberano de homens, parecia o sol do meio-dia no fim da estação das chuvas, chamuscando tudo com seus raios ferozes.'"

163

"Sanjaya disse, 'Quando o campo de batalha que tinha estado antes envolvido em escuridão e poeira tinha ficado assim iluminado, guerreiros heróicos enfrentaram uns aos outros, desejosos de tirar as vidas uns dos outros. Combatendo uns aos outros em batalha, ó rei, aqueles combatentes, armados com lanças e espadas e outras armas, se encaravam sob a influência da raiva. Com milhares de lâmpadas brilhando por toda parte e com as lâmpadas mais brilhantes dos deuses e dos Gandharvas, colocadas sobre suportes dourados enfeitados com jóias, e alimentadas com óleo fragrante, o campo de batalha, ó Bharata, parecia brilhante como o céu coberto com estrelas. Com centenas sobre centenas de tições ardentes, a terra parecia extremamente bela. De fato, a terra parecia estar em uma conflagração, como aquela que acontece na destruição universal. Todos os pontos do horizonte resplandeciam com aquelas lâmpadas por toda parte e pareciam com árvores cobertas por pirilampos em uma noite na estação das chuvas. Combatentes heróicos, então, ó rei, se envolveram em

combate com rivais heróicos. Elefantes se envolveram em combate com elefantes, e cavaleiros com cavaleiros, e guerreiros em carros com guerreiros em carros, cheios de alegria, naquela noite aterradora por ordem de teu filho. O choque dos dois exércitos ambos consistindo em quatro tipos de tropas tornou-se terrível. Então Arjuna, ó monarca, começou, com grande velocidade, a destruir as tropas Kaurava, enfraquecendo todos os reis.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando o invencível Arjuna, excitado com cólera e incapaz de tolerar (os feitos dos Kurus), penetrou no exército do meu filho, qual veio a ser o estado de suas mentes? De fato, quando aquele opressor de inimigos entrou no seu meio, o que os soldados pensaram? Que medidas também Duryodhana achou boas para serem adotadas então? Quem foram aqueles castigadores de inimigos que procederam naquela batalha contra aquele herói? De fato, quando Arjuna, de corcéis brancos, entrou (no nosso exército), quem foram aqueles que protegeram Drona? Quem protegeu a roda direita e quem protegeu a roda esquerda do carro de Drona? Quem foram aqueles heróis que protegeram a retaguarda daquele herói lutando? De fato, quando o filho de Bharadwaja prosseguiu, matando o inimigo (ao longo de sua rota), quem foram aqueles que procederam em sua dianteira? Aquele arqueiro poderoso e invencível que penetrou no meio dos Panchalas, aquele tigre entre homens dotado de grande coragem, que prosseguiu, como se dançando, pelo caminho de seu carro, e consumiu grandes multidões de carros Panchala por meio de suas flechas como uma conflagração intensa; ai, como aquele Drona encontrou sua morte? Tu sempre falas de meus inimigos como calmos e invictos e alegres e cheios de força em batalha. Tu, no entanto, não falas dos meus em tais palavras. Por outro lado, tu os descreves como mortos, pálidos, e derrotados, e tu falas dos meus guerreiros em carros como sempre privados de seus carros em todas as batalhas que eles lutaram!'"

"Sanjaya continuou, 'Compreendendo os desejos de Drona que estava empenhado na batalha, Duryodhana, naquela noite, ó rei, dirigindo-se a seus irmãos obedientes, isto é, Vikarna e Chitrasena e Suparsva e Durdharsha e Dirghavahu, e todos aqueles que os seguiam, disse essas palavras, 'Ó heróis de grande bravura, lutando com resolução, todos vocês protejam Drona a partir da retaguarda. O filho de Hridika protegerá sua direita e Sala sua esquerda.' Dizendo isso, teu filho então incitou adiante colocando eles na vanguarda, o restante dos bravos e poderosos guerreiros em carros Trigarta, dizendo, 'O preceptor é piedoso. Os Pandavas estão lutando com grande resolução. Enquanto empenhado em massacrar o inimigo em batalha, o protejam bem, se reunindo. Drona é poderoso em batalha; é dotado de grande agilidade de mão e grande coragem. Ele pode vencer os próprios deuses em batalha, o que dizer então dos Pandavas e dos Somakas? Todos vocês, no entanto, unidos e lutando com grande determinação nessa batalha terrível, protejam o invencível Drona daquele poderoso guerreiro em carro, Dhrishtadyumna. Exceto Dhrishtadyumna, eu não vejo o homem entre todos os guerreiros dos Pandavas que possa vencer Drona em batalha. Eu, portanto, penso que nós devemos, com toda nossa alma, proteger o filho de Bharadwaja. Protegido (por nós), ele indubitavelmente matará os

Somakas e os Srinjayas, um após outro. Após a morte de todos os Srinjayas na dianteira do exército (Pandava), o filho de Drona sem dúvida matará Dhrishtadyumna em batalha. Similarmente, o poderoso guerreiro em carro Karna derrotará Arjuna em batalha. Em relação a Bhimasena e outros vestidos em armadura, eu subjugarei eles todos em combate. O restante dos Pandavas privados de energia será facilmente derrotado pelos guerreiros. É evidente que meu êxito então durará para sempre. Por essas razões, protejam o poderoso guerreiro em carro Drona em batalha.' Tendo dito essas palavras, ó chefe do Bharatas, teu filho Duryodhana incitou suas tropas naquela noite de escuridão terrível. Então começou uma batalha, ó chefe dos Bharatas, entre as duas hostes. Ó monarca, ambas estimuladas pelo desejo de vitória. Arjuna começou a afligir os Kauravas, e os Kauravas começaram a afligir Arjuna, com diversos tipos de armas. O filho de Drona cobriu o soberano dos Panchalas, e o próprio Drona cobriu o Srinjaya, com chuvas de flechas retas naquela batalha. E quando as tropas Pandava e Panchala (de um lado) e as tropas Kaurava (no outro), ó Bharata, estavam empenhadas em massacrar umas às outras, ergueu-se lá um tumulto furioso no campo. A batalha que ocorreu naquela noite foi tão terrível e feroz que sua igual nunca tinha sido anteriormente testemunhada por nós ou aqueles que viveram antes de nós.'"

164

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquele terrível combate noturno, ó rei, o qual foi repleto de uma carnificina indiscriminada, o filho de Dharma, Yudhishthira, se dirigiu aos Pandavas, Panchalas, e aos Somakas. De fato, ó rei, para a destruição de homens, carros, e elefantes, o rei Yudhishthira ordenou suas próprias tropas, dizendo, 'Procedam contra Drona somente, para matá-lo!' Por ordem do rei, ó monarca, os Panchalas e os Somakas avançaram só contra Drona, proferindo gritos terríveis. Nós mesmos, excitados com raiva, e rugindo ruidosamente em retorno, avançamos contra eles, com toda nossa bravura, coragem, e poder, em batalha. Kritavarman, o filho de Hridika, avançou contra Yudhishthira, quando o último estava avançando contra Drona, como um elefante enfurecido contra um rival enfurecido. Contra o neto de Sini que avançava espalhando chuvas de flechas por toda parte, avançou, ó rei, o guerreiro Kuru Bhuri, aquele opressor (de inimigos) em batalha. Karna, o filho de Vikartana, ó rei, resistiu àquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Pandu, Sahadeva, quando o último avançou para alcançar Drona. O rei Duryodhana, naquela batalha, avançou ele mesmo contra aquele principal dos guerreiros em carros, Bhimasena, avançando em seu carro como o Destruidor. Sakuni, o filho de Suvala, ó rei, procedendo rapidamente, resistiu àquele principal dos guerreiros, Nakula, que era familiarizado com todos os tipos de combate. Kripa, o filho de Saradwat, ó rei, resistiu a Sikhandin naquela batalha, aquele principal dos guerreiro em carros, quando o último avançou em seu carro. Duhsasana, ó rei, lutando vigorosamente, resistiu a Prativindhya quando o último avançou com resolução (em seu carro) puxado por corcéis parecendo com pavões. Aswatthaman, ó monarca, resistiu ao filho de Bhimasena, o Rakshasa

(Ghatotkacha) conhecedor de centenas de tipos de ilusão, quando o último avançou. Vrishasena naquela batalha resistiu ao poderoso Drupada com suas tropas e seguidores quando o último avançou para atacar Drona. O soberano dos Madras, ó rei, excitado com cólera resistiu a Virata, ó Bharata, quando o último avançou rapidamente para matar Drona; Chitrasena, naquela batalha, resistiu, com grande força e disparando muitas flechas, ao filho de Nakula, Satanika, quando o último avançou para matar Drona. O príncipe dos Rakshasas, Alambhusha, ó rei, resistiu a Arjuna, aquele principal dos guerreiros em carros, quando o último avançou. Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, resistiu alegremente ao grande arqueiro Drona quando o último estava empenhado em massacrar o inimigo. Em relação aos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, que avançaram (contra Drona), outros guerreiros em carros do teu exército, ó rei, resistiram a eles com grande força. Condutores de elefantes rapidamente enfrentando condutores de elefantes naquela batalha terrível, começaram a lutar uns com os outros e oprimir uns aos outros aos milhares. Nas altas horas da noite, ó monarca, quando os corcéis avançavam uns contra os outros com impetuosidade, eles pareciam com colinas aladas. Cavaleiros, ó monarca, combateram cavaleiros, armados com lanças e dardos e espadas, e proferindo gritos altos. Grande número de homens massacraram uns aos outros em pilhas, com maças e clavas curtas e diversas outras armas. Kritavarman, o filho de Hridika, cheio de ira, resistiu ao filho de Dharma, Yudhishthira, como continentes resistindo ao mar cheio. Yudhishthira, no entanto, perfurando o filho de Hridika com cinco flechas, perfurou-o novamente com vinte, e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere.' Então Kritavarman, ó majestade, cheio de raiva, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do rei Yudhishthira o justo e perfurou o último com sete flechas. Pegando outro arco, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Dharma, perfurou o filho de Hridika nos braços e peito com dez flechas. Então aquele guerreiro da linhagem de Madhu, assim perfurado, ó majestade, pelo filho de Dharma naquela batalha, tremeu com raiva e afligiu Yudhishthira com sete flechas. Então o filho de Pritha cortando o arco de seu inimigo como também a proteção de couro que envolvia suas mãos, disparou nele cinco flechas penetrantes afiadas em pedra. Aquelas flechas ardentes, atravessando a armadura cara do último, ornada com ouro, entraram na terra como cobras em um formigueiro. Num piscar de olhos, Kritavarman, pegando outro arco, perfurou o filho de Pandu com sessenta flechas e mais uma vez com dez. De alma incomensurável, o filho de Pandu, então colocando seu arco grande em seu carro, disparou em Kritavarman um dardo parecendo uma cobra. Aquele dardo enfeitado com ouro, disparado pelo filho de Pandu, atravessando o braço direito de Kritavarman, entrou na terra. Enquanto isso, o filho de Pritha, pegando seu arco formidável, encobriu o filho de Hridika com chuvas de flechas retas. Então o bravo Kritavarman, aquele grande guerreiro em carro entre os Vrishnis, em menos do que um piscar de olhos, fez Yudhishthira ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. Nisso, o filho mais velho de Pandu pegou uma espada e um escudo. Então ele, da linhagem de Madhu, cortou ambas aquelas armas naquela batalha. Yudhishthira então, pegando uma lança brilhante, equipada com uma vara enfeitada com ouro, jogou-a rapidamente, naquela batalha, no filho ilustre de Hridika. O filho de Hridika, no entanto, sorrindo, e mostrando grande agilidade de

mão, cortou em dois fragmentos aquela lança arremessada dos braços de Yudhishthira, quando ela corria impetuosamente em direção a ele. Ele então cobriu o filho de Dharma com centenas de flechas naquele combate. Cheio de ira, ele então cortou a cota de malha do último com chuvas de flechas. A armadura de Yudhishthira, ornada com ouro, cortada pelo filho de Hridika com suas flechas, caiu de seu corpo, ó rei, como um grupo de estrelas caindo do céu. Sua armadura cortada, ele mesmo privado de carro e afligido pelas flechas de Kritavarman, o filho de Dharma, Yudhishthira, retirou-se rapidamente da batalha. O poderoso guerreiro em carro Kritavarman, então, tendo derrotado Yudhishthira, o filho de Dharma, começou novamente a proteger a roda do carro de Drona.'"

165

"Sanjaya disse, 'Bhuri, ó rei, naquela batalha, resistiu àquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, que avançou como um elefante em direção a um lago cheio de água. Satyaki, excitado com cólera, perfurou seu inimigo no peito com cinco flechas afiadas. Nisso, o sangue do último começou a fluir. O guerreiro Kuru naquele combate similarmente perfurou com grande rapidez o neto de Sini, aquele herói difícil de ser derrotado em batalha, com dez flechas no peito. Aqueles guerreiros, esticando seus arcos à sua mais completa extensão, e com olhos vermelhos de raiva, começaram, ó rei, a mutilar um ao outro naquele combate. As chuvas de flechas daqueles dois guerreiros, ambos excitados com raiva e parecendo a própria Morte ou o sol espalhando seus raios, eram muito terríveis. Cobrindo um ao outro com flechas, um ficou diante do outro naquela batalha. Por um tempo curto aquela continuou igualmente. Então, ó rei, o neto de Sini, cheio de ira e sorrindo, cortou o arco do ilustre guerreiro Kuru naquela batalha. Tendo cortado seu arco, Satyaki perfurou-o rapidamente no peito com nove flechas afiadas e se dirigindo a ele, disse, 'Espere! Espere!' Aquele opressor de inimigos perfurado profundamente por seu inimigo poderoso, pegou rapidamente outro arco e perfurou o guerreiro Satwata em retorno. Tendo perfurado o herói Satwata com três flechas, ó monarca, Bhuri, então, sorrindo, cortou o arco de seu inimigo com uma flecha afiada e de cabeça larga. Seu arco estando cortado, Satyaki, ó rei, enlouquecido com raiva, arremessou um dardo impetuoso no peito largo de Bhuri. Perfurado por aquele dardo, Bhuri caiu de seu carro excelente, coberto com sangue, como o sol caindo do firmamento. Vendo ele morto dessa maneira, o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, ó Bharata, avançou impetuosamente contra o neto de Sini. Tendo se dirigido a Satyaki, ó rei, dizendo, 'Espere, Espere,' ele o encobriu com chuvas de flechas, como as nuvens despejando torrentes de chuva sobre o topo de Meru. Vendo ele avançando em direção ao carro do neto de Sini, o poderoso guerreiro em carro Ghatotkacha, ó rei, proferindo um rugido alto, dirigiu-se a ele dizendo, 'Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida. Eu logo te matarei como o de seis rostos (Karttikeya) matando (o Asura) Mahisha. Eu irei hoje, no campo, purgar teu coração de todo desejo de batalha.' Tendo dito essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o Rakshasa (Ghatotkacha), com olhos vermelhos como cobre de

raiva, avançou furiosamente contra o filho de Drona, como um leão avançando contra um príncipe dos elefantes. E Ghatotkacha disparou em seu inimigo flechas da medida do Aksha de um carro, e cobriu aquele touro entre os guerreiros em carros com isso, como nuvens derramando torrentes de chuva. Com suas próprias flechas parecendo cobras de veneno virulento, o filho de Drona, no entanto, naquela batalha, dissipou rapidamente aquela chuva de flechas antes que ela pudesse alcançá-lo. Ele então perfurou aquele castigador de inimigos, isto é, Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, com centenas de flechas afiadas e de curso rápido, todas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Assim perfurado com aquelas flechas por Aswatthaman, aquele Rakshasa, no campo de batalha, parecia belo, ó monarca, como um porco-espinho com espinhos eretos em seu corpo. Então o filho valente de Bhimasena, cheio de raiva, mutilou o filho de Drona com muitas flechas ardentes, zunindo pelo ar com o rugido do trovão. E ele despejou sobre Aswatthaman uma perfeita chuva de flechas de diversos tipos; algumas equipadas com cabeças como navalhas; algumas moldadas como a meia-lua; algumas, somente pontudas; algumas, de face de rã; algumas com cabeças parecendo a orelha do javali; algumas, farpadas; e algumas de outros tipos. Como o vento dispersando massas imensas de nuvens, o filho de Drona, ó rei, sem seus sentidos estarem agitados, destruiu com suas próprias flechas terríveis, inspiradas por mantras com a força de armas celestes, aquela chuva de armas insuportável e inigualável, cujo som parecia o ribombo do trovão, e que caía incessantemente sobre ele. Parecia então que outro combate estava tendo lugar no céu entre armas (como os combatentes), o qual era terrível, e que, ó rei, encheu os guerreiros de terror. Com as faíscas por toda parte, geradas pelo choque das armas disparadas por aqueles dois guerreiros, o céu parecia belo como iluminado por miríades de pirilampos à noite. O filho de Drona então, enchendo todos os pontos do horizonte com suas flechas, cobriu o próprio Rakshasa, para fazer o que era agradável para teus filhos. Então começou mais uma vez uma batalha entre o filho de Drona e o Rakshasa naquela noite de densa escuridão, a qual parecia o combate entre Sakra e Prahlada. Então Ghatotkacha, cheio de raiva, atingiu o filho de Drona, naquela batalha, no peito com dez flechas, cada uma parecendo o fogo Yuga. Profundamente perfurado pelo Rakshasa, o poderoso filho de Drona começou a tremer naquela batalha como uma árvore alta sacudida pelo vento. Se sustentando por segurar o mastro de bandeira, ele desmaiou. Então todas as tuas tropas, ó rei, proferiram gritos de 'Oh' e 'Ai'. De fato, ó monarca, todos os teus guerreiros então consideraram o filho de Drona como morto. Vendo Aswatthaman naquela situação, os Panchalas e os Srinjayas naquela batalha proferiram rugidos leoninos. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, recuperando seus sentidos, pegando violentamente o arco com sua mão esquerda, esticando a corda do arco até sua orelha, disparou rapidamente uma flecha terrível parecendo a vara do próprio Yama, mirando em Ghatotkacha. Aquela flecha excelente, ardente e provida de asas douradas, atravessando o peito do Rakshasa, entrou na terra, ó rei. Profundamente perfurado, ó monarca, pelo filho de Drona que era orgulhoso de sua destreza em batalha, aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de grande força, sentou-se no terraço de seu carro. Vendo o filho de Hidimva privado de seus sentidos, seu quadrigário, inspirado com medo, removeu-o depressa do campo,

levando-o para longe da presença do filho de Drona. Tendo perfurado dessa maneira aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Ghatotkacha, naquele combate, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, proferiu um rugido alto. Reverenciado por teus filhos como também por todos os teus guerreiros, ó Bharata, o corpo de Aswatthaman brilhava como o sol do meio-dia.'"

"Com relação a Bhimasena, que estava lutando na frente do carro de Drona, o próprio rei Duryodhana perfurou-o com muitas flechas afiadas. Bhimasena, no entanto, ó Bharata, perfurou-o em retorno com nove flechas. Duryodhana, então, perfurou Bhimasena com vinte flechas. Cobertos pelas flechas um do outro no campo de batalha, aqueles dois guerreiros pareciam com o sol e a lua cobertos com nuvens no firmamento. Então o rei Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, perfurou Bhima com cinco flechas aladas e disse, 'Espere! Espere!' Bhima então, cortando seu arco como também seu estandarte com flechas afiadas, perfurou o próprio rei Kuru com noventa flechas retas. Então Duryodhana, cheio de raiva, pegando um arco mais formidável, ó chefe dos Bharatas, afligiu Bhimasena, na vanguarda da batalha, com muitas flechas afiadas, na própria vista de todos os arqueiros. Desviando aquelas flechas disparadas do arco de Duryodhana, Bhima perfurou o rei Kuru com vinte e cinco flechas curtas. Duryodhana então, ó majestade, cheio de cólera, cortou o arco de Bhimasena com uma flecha de face de navalha e perfurou o próprio Bhima com dez flechas em retorno. Então o poderoso Bhimasena, pegando outro arco, rapidamente perfurou o rei com sete flechas afiadas. Mostrando grande agilidade de mão, Duryodhana cortou até aquele arco de Bhima. O segundo, o terceiro, o quarto, e o quinto arco que Bhima pegou foram cortados da mesma maneira. De fato, ó rei, teu filho, orgulhoso de sua destreza e desejoso de vitória, cortava os arcos de Bhima logo que o último pegava um. Vendo seus arcos repetidamente cortados, Bhima então arremessou, naquela batalha, um dardo feito totalmente de ferro e rígido como o trovão. Aquele dardo brilhante como uma chama de fogo parecia a irmã da Morte. O rei Kuru, no entanto, na própria vista de todos os guerreiros e diante dos olhos do próprio Bhima, cortou em três fragmentos aquele dardo, o qual corria em direção a ele pelo céu com o esplendor do fogo e dividindo-o, como se fosse por uma linha reta tal como é visível na cabeça de uma mulher partindo seu cabelo. Então Bhima, ó rei, girando sua maça pesada e brilhante, arremessou-a com grande força no carro de Duryodhana. Aquela maça pesada despedaçou rapidamente os corcéis, o motorista, e o carro também, do teu filho naquele combate. Teu filho, então, ó monarca, com medo de Bhima e recuando dentro do limite mais estreito, subiu em outro carro, isto é, aquele do ilustre Nandaka. Então Bhima, considerando Suyodhana como tendo sido morto em meio à escuridão daquela noite, proferiu um rugido leonino alto desafiando os Kauravas. Teus guerreiros consideraram o rei como morto. Todos eles proferiram gritos altos de 'Oh' e 'Ai'. Ouvindo os lamentos dos guerreiros apavorados e os rugidos de Bhima de grande alma, ó rei, o rei Yudhishthira também considerou Suyodhana como morto. E o filho mais velho de Pandu, nisso, avançou rapidamente para o local onde Vrikodara, o filho de Pritha, estava. E os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas, os Kaikeyas, e os Chedis, avançaram depressa, com toda sua força contra Drona pelo desejo de matá-lo. Lá também ocorreu uma batalha terrível entre Drona e o inimigo. E os

combatentes de ambos os lados foram envolvidos em densa escuridão e golpearam e mataram uns aos outros.'"

166

'Sanjaya disse, 'Karna, o filho de Vikartana, ó rei, resistiu ao poderoso guerreiro em carro Sahadeva naquela batalha, que avançou pelo desejo de atacar Drona. Perfurando o filho de Radha com nove flechas, Sahadeva perfurou novamente aquele guerreiro com nove flechas retas. Karna então perfurou Sahadeva em retorno com cem flechas retas, e mostrando grande agilidade de mão, cortou o arco encordoado do último. Então o filho valente de Madri, pegando outro arco, perfurou Karna com vinte flechas. Esse feito dele pareceu muito extraordinário. Então Karna, matando os cavalos de Sahadeva com muitas flechas retas, despachou rapidamente o motorista do último com uma flecha de cabeça larga, para a residência de Yama. Sahadeva sem carro então pegou uma espada e um escudo. Até aquelas armas foram cortadas por Karna sorrindo. Então o poderoso Sahadeva, naquele combate, arremessou em direção ao carro do filho de Vikartana uma maça pesada e terrível ornada com ouro. Karna, então com suas flechas, rapidamente cortou aquela maça que, arremessada por Sahadeva, corria impetuosamente em direção a ele, e a fez cair no chão. Vendo sua maça cortada, Sahadeva lançou rapidamente um dardo em Karna. Aquele dardo também foi cortado por Karna. O filho de Madri, então, saltando de seu carro excelente, e resplandecente com fúria ao ver Karna posicionado à frente dele, pegou uma roda de carro e jogou-a no filho de Adhiratha. O filho de Suta, no entanto, com muitos milhares de flechas, cortou aquela roda correndo em direção a ele como a roda erguida da Morte. Quando aquela roda foi cortada, Sahadeva, ó majestade, mirando em Karna, arremessou nele os varais de seu carro, os tirantes de seus corcéis, as cangas de seus carros, os membros de elefantes e corcéis e corpos humanos mortos. Karna cortou todos esses com suas flechas. Vendo-se privado de todas as armas, o filho de Madri, Sahadeva, atacado por Karna com muitas flechas, deixou a batalha. Perseguindo-o por um tempo, o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, dirigiu-se sorridente a Sahadeva e disse essas palavras cruéis, 'Ó herói, não lute em batalha com aqueles que são superiores a ti. Lute com teus iguais, ó filho de Madri! Não suspeite de minhas palavras.' Então tocando-o com o corno de seu arco, ele mais uma vez disse, 'Lá, Arjuna está lutando resolutamente com os Kurus em batalha. Vá lá, ó filho de Madri, ou volte para casa se tu quiseres.' Tendo dito essas palavras, Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, sorridente seguiu em frente em seu carro contra as tropas do rei dos Panchalas. Ó matador de inimigos, aquele poderoso guerreiro em carro, devotado à verdade, não matou o filho de Madri embora ele tivesse tido a oportunidade, se lembrando das palavras de Kunti. Sahadeva, então, sem entusiasmo e atormentado por flechas, e perfurado pelos dardos verbais de Karna, não mais nutriu qualquer amor pela vida. Aquele poderoso guerreiro em carro então subiu rapidamente no carro de Janamejaya, o ilustre príncipe dos Panchalas.'"

167

"Sanjaya disse, 'O soberano dos Madras encobriu por todos os lados, com nuvens de flechas, Virata com suas tropas, que estava procedendo rapidamente para chegar a Drona. A batalha que ocorreu entre aqueles dois grandes arqueiros pareceu, ó rei, aquela entre Vala e Vasava nos tempos passados. O soberano dos Madras, ó monarca, com grande energia, atacou Virata, aquele comandante de uma grande divisão, com cem flechas retas. O rei Virata, em retorno, perfurou o soberano dos Madras com nove flechas afiadas, e mais uma vez com setenta e três, e novamente com cem. O soberano dos Madras, então, matando os quatro corcéis unidos ao carro de Virata, cortou com um par de flechas o guarda-sol e estandarte do último. Saltando rapidamente daquele carro sem cavalos, o rei continuou puxando seu arco e disparando suas flechas. Vendo seu irmão privado de seus cavalos, Satanika rapidamente se aproximou dele em seu carro na própria vista de todas as tropas. O soberano dos Madras, no entanto, perfurando Satanika que avançava com muitas flechas, despachou-o para a residência de Yama. Após a queda do heróico Satanika, Virata, aquele comandante de uma grande divisão, subiu no carro do herói caído, ornado com estandarte e guirlandas. Arregalando seus olhos, e com destreza duplicada pela fúria, Virata cobriu rapidamente o carro do soberano dos Madras com flechas aladas. O soberano dos Madras então, excitado com raiva, perfurou profundamente Virata, aquele comandante de uma grande divisão, no peito, com cem flechas retas. Profundamente perfurado pelo soberano poderoso dos Madras, aquele grande guerreiro em carro, Virata, sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Seu motorista, então, vendo-o mutilado com flechas naquele combate, levou-o para longe. Então aquele vasto exército, ó Bharata, fugiu naquela noite, oprimido por centenas de flechas de Salya, aquele ornamento de batalha. Vendo as tropas fugindo, Vasudeva e Dhananjaya avançaram rapidamente para aquele local, ó monarca, onde Salya estava posicionado. Então aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, ó rei, em um carro principal, arreado com oito corcéis, tendo Pisachas de aparência terrível de rostos equinos unido a ele, provido com pendões vermelho vivo, decorado com coroas florais feitas ferro preto, coberto com peles de urso, e possuindo um estandarte alto sobre o qual pousava um urubu terrível, de aparência feroz, e gritando incessantemente, de asas com pintas e olhos arregalados, procedeu contra aqueles heróis que avançavam. Aquele Rakshasa, ó rei, parecia belo como uma pilha solta de antimônio, e ele resistiu a Arjuna que avançava, como Meru resistindo a uma tempestade, espalhando chuvas de flechas, ó monarca, sobre a cabeça de Arjuna. A batalha então que começou entre o Rakshasa e aquele guerreiro humano foi muito violenta. E ela encheu todos os espectadores lá, ó Bharata, de admiração. E ela contribuiu para a alegria também de urubus e corvos, de gralhas e corujas e Kanakas e chacais. Arjuna atingiu Alamvusha com seis flechas e então cortou seu estandarte com dez flechas afiadas. Com poucas outras flechas, ele cortou seu motorista, e com algumas outras seu Trivenu, e com mais uma, seu arco, e com quatro outras seus quatro corcéis. Alamvusha encordoou outro arco, mas aquele também Arjuna cortou em dois fragmentos. Então, ó touro da raça Bharata, Partha perfurou aquele príncipe dos Rakshasas

com quatro flechas afiadas. Assim perfurados, os Rakshasas fugiram com medo. Tendo-o subjugado, Arjuna foi para o local onde Drona estava, disparando muitas flechas enquanto prosseguia, ó rei, em homens, elefantes, e corcéis. Massacrados, ó monarca, pelo filho ilustre de Pandu, os combatentes caíam no chão, como árvores derrubadas por uma tempestade. Assim tratados pelo filho ilustre de Pandu, todos eles fugiram como um bando de veados assustados.'"

168

"Sanjaya disse, 'Teu filho Chitrasena, ó Bharata, resistiu (ao filho de Nakula) Satanika que estava empenhado em chamuscar tua hoste com suas flechas afiadas. O filho de Nakula perfurou Chitrasena com cinco flechas. O último então perfurou o primeiro em retorno com dez flechas afiadas. E mais uma vez Chitrasena, ó monarca, naquela batalha, perfurou Satanika no peito com nove flechas afiadas. Então o filho de Nakula com muitas flechas retas cortou a armadura de Chitrasena de seu corpo. Esse feito dele pareceu muito admirável. Privado de sua armadura, teu filho, ó rei, parecia muito belo, como uma cobra, ó monarca, tendo rejeitado sua pele na época apropriada. Então o filho de Nakula, com muitas flechas afiadas, cortou o estandarte de Chitrasena que se esforçava, e então seu arco, ó monarca, naquela batalha. Com seu arco cortado naquele combate, e privado também de sua armadura, aquele poderoso guerreiro em carro, então, ó rei, pegou outro arco capaz de perfurar todo inimigo. Então Chitrasena, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Bharatas, rapidamente perfurou o filho de Nakula com muitas flechas retas. Então o poderoso Satanika, excitado com raiva, ó Bharata, matou os quatro corcéis de Chitrasena e então seu motorista. O ilustre Chitrasena, dotado de grande força, saltando daquele carro, afligiu o filho de Nakula com vinte e cinco flechas. Então o filho de Nakula com uma flecha em forma de meia-lua, cortou naquele combate o arco ornado com ouro de Chitrasena enquanto o último estava empenhado em atacá-lo dessa maneira. Sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, Chitrasena então subiu rapidamente no carro do ilustre filho de Hridika.'"

"Vrishasena, ó rei, avançou com grande rapidez, espalhando flechas às centenas, contra o poderoso guerreiro em carro Drupada, avançando na dianteira de suas tropas contra Drona. Yajnasena, naquele combate perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, ou seja, o filho de Karna nos braços e no peito, ó senhor, com sessenta flechas. Vrishasena, então, excitado com raiva, rapidamente perfurou Yajnasena, permanecendo em seu carro, com muitas flechas no centro do peito. Aqueles dois guerreiros mutilados por flechas, e com flechas fincadas em seus corpos, pareciam belos como um par de porcos-espinhos com seus espinhos eretos. Banhados em sangue por causa dos ferimentos causados por aquelas flechas retas de pontas afiadas e asas douradas, eles pareciam muito belos naquele combate terrível. De fato, o espetáculo que eles apresentavam era aquele de um par de belas e radiantes árvores Kalpa ou de um par de Kinsukas magníficas com suas cargas floridas. Então Vrishasena, ó rei, tendo perfurado Drupada com nove flechas, perfurou-o novamente com setenta, e

então novamente com três outras flechas. Então disparando milhares de flechas, o filho de Karna, ó monarca, parecia belo naquela batalha, como uma nuvem despejando torrentes de chuva. Então Drupada, cheio de ira, cortou o arco de Vrishasena em dois fragmentos, com uma flecha de cabeça larga, afiada e bem temperada. Pegando então outro arco ornado com ouro que era novo e forte, e tirando de sua aljava uma flecha forte, grande, bem temperada, afiada e de cabeça larga, e fixando-a em sua corda, e mirando-a cuidadosamente em Drupada, ele disparou-a com grande força, inspirando todos os Somakas com medo. Aquela flecha, atravessando o peito de Drupada, caiu na superfície da terra. O rei (dos Panchalas), então, assim atravessado pela flecha de Vrishasena, desmaiou. Seu motorista, então, lembrando de seu próprio dever, levou-o para longe do campo. Depois da retirada, ó monarca, daquele poderoso guerreiro em carro dos Panchalas, o exército (Kaurava), naquela noite terrível, avançou furiosamente contra as tropas de Drupada cujas cotas de malha tinham sido cortadas por meio das flechas do inimigo. Por causa das lâmpadas brilhantes derrubadas pelos combatentes por toda parte, a terra, ó rei, parecia bela como o firmamento sem nuvens coberto com planetas e estrelas. Com os Angadas caídos dos combatentes, a terra parecia resplandecente, ó rei, como uma massa de nuvens na estação chuvosa com lampejos de relâmpago. Afligidos com medo do filho de Karna, os Panchalas fugiram para todos os lados, como os Danavas por medo de Indra na grande batalha de antigamente entre os deuses e os Asuras. Assim afligidos em batalha por Vrishasena, os Panchalas e os Somakas, ó monarca, iluminados por lâmpadas, pareciam muito belos. Tendo vencido eles em batalha, o filho de Karna parecia belo como o sol, ó Bharata, quando ele alcança o meridiano. Entre todos aqueles milhares de reis do teu lado e do deles o valente Vrishasena então parecia ser o único corpo luminoso brilhante. Tendo derrotado em batalha muitos heróis e todos os poderosos guerreiros em carros entre os Somakas, ele foi rapidamente, ó rei, para o local onde o rei Yudhishthira estava posicionado.'"

"Teu filho Duhsasana procedeu contra aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Prativindhya, que estava avançando (contra Drona), chamuscando seus inimigos em batalha. O combate que ocorreu entre eles, ó rei, pareceu belo, como aquele de Mercúrio e Vênus no firmamento sem nuvens. Duhsasana perfurou Prativindhya, que estava realizando feitos violentos em batalha, com três flechas na testa. Profundamente perfurado por aquele arqueiro poderoso, teu filho, Prativindhya, ó monarca, parecia belo como uma colina cristada. O poderoso guerreiro em carro Prativindhya, então, perfurando Duhsasana com três flechas, perfurou-o novamente com sete. Teu filho, então, ó Bharata, realizou lá uma façanha extremamente difícil, pois ele derrubou os cavalos de Prativindhya com muitas flechas. Com outra flecha de cabeça larga ele também derrubou o motorista do último, e então seu estandarte. E então ele cortou, ó rei, em mil fragmentos o carro de Prativindhya, armado com o arco. Excitado com raiva, ó senhor, teu filho também cortou, com suas flechas retas, em inúmeros fragmentos o pendão, as aljavas, as cordas, e os tirantes (do carro de seu antagonista). Privado de seu carro, o virtuoso Prativindhya permaneceu com arco na mão e lutou com teu filho espalhando inúmeras flechas. Então Duhsasana, mostrando

grande agilidade de mão, cortou o arco de Prativindhya. E então ele afligiu seu adversário sem arco com dez flechas. Vendo seu irmão, (Prativindhya) naquela situação, seus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, avançaram impetuosamente para aquele local com uma grande tropa. Ele então subiu (no carro) resplandecente de Sutasoma. Pegando outro arco, ele continuou, ó rei, a perfurar teu filho. Então muitos guerreiros do teu lado, acompanhados por uma grande tropa, avançaram impetuosamente e cercaram teu filho (para resgatá-lo). Então começou uma batalha violenta entre tuas tropas e as deles, ó Bharata, naquela hora terrível da meia-noite, aumentando a população do reino de Yama.'"

169

"Sanjaya disse, 'Contra Nakula que estava empenhado em atacar tuas tropas, o filho de Suvala (Sakuni) avançou furioso com grande impetuosidade e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere! Espere!' Um enfurecido com o outro e desejoso de matar o outro, aqueles dois heróis atacaram um ao outro com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. O filho de Suvala naquele combate expôs a mesma medida de habilidade que Nakula mostrou, ó rei, em disparar chuvas de flechas. Ambos perfurados com flechas, ó rei, naquela batalha, eles pareciam belos como um par de porcos-espinhos com espinhos eretos em seus corpos. A armadura de cada um cortada por meio de flechas com pontas retas e asas douradas, e ambos banhados em sangue, aqueles dois guerreiros pareciam resplandecentes naquela batalha terrível como duas belas e brilhantes árvores Kalpa, ou como duas Kinsukas florescentes no campo de batalha. De fato, ó rei, aqueles dois heróis naquele combate, ambos perfurados por setas, pareciam belos como um par de árvores Salmali com espinhos nelas. Lançando olhares oblíquos um no outro, com olhos arregalados de raiva, cujos cantos tinham ficado vermelhos, eles pareciam chamuscar um ao outro por meio daqueles olhares. Então teu cunhado, excitado com cólera, e sorrindo, perfurou o filho de Madri no peito com uma flecha farpada de ponta afiada. Profundamente perfurado por aquele arqueiro formidável, isto é, teu cunhado, Nakula sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Vendo seu inimigo orgulhoso, aquele seu inimigo mortal naquela situação, Sakuni proferiu um rugido alto como aquele das nuvens no fim do verão. Recuperando a consciência, Nakula, o filho de Pandu, avançou mais uma vez contra o filho de Suvala, como o próprio Destruidor de boca escancarada. Inflamado com raiva, ó touro da raça Bharata, ele perfurou Sakuni com sessenta flechas, e com mais cem flechas longas no centro de seu peito. Ele então cortou o arco de Sakuni com flecha fixada nele, em dois fragmentos, no cabo. E então cortando em um instante o estandarte de Sakuni, ele o fez cair no chão. Perfurando em seguida a coxa de Sakuni com flechas grandes, afiadas e bem temperadas, Nakula, o filho de Pandu, o fez cair no terraço de seu carro, abraçando seu mastro de bandeira, como um homem amoroso abraçando sua amante. Vendo aquele teu cunhado derrubado e privado de consciência, ó impecável, seu motorista rapidamente o levou para longe da vanguarda da batalha. Os Parthas, então, e todos os seus seguidores, proferiram um rugido alto.

Tendo vencido seus inimigos, Nakula, aquele opressor de inimigos, dirigindo-se a seu motorista, disse, 'Leve-me para a hoste comandada por Drona.' Ouvindo essas palavras do filho de Madri, seu motorista procedeu para o local, ó rei, onde Drona estava posicionado. Contra o poderoso Sikhandin procedendo em direção a Drona, Kripa avançou resolutamente com grande impetuosidade. Aquele castigador de inimigos, Sikhandin, então, sorrindo, perfurou com nove flechas o filho de Gotama assim avançando contra ele perto da vizinhança de Drona. Então o preceptor, Kripa, aquele benfeitor dos teus filhos, perfurando Sikhandin primeiro com cinco flechas, perfurou-o novamente com vinte. O combate que ocorreu, ó monarca, entre eles, foi formidável, como aquele entre Samvara e o chefe dos celestiais na batalha entre os deuses e os Asuras. Aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros, ambos invencíveis em batalha, cobriram o céu com suas flechas, como nuvens cobrindo o firmamento no término do verão. Terrível por si mesma, aquela noite, ó chefe dos Bharatas, tornou-se mais terrível ainda para os heróicos combatentes engajados em batalha. De fato, de aspectos terríveis e inspirando todos os tipos de temor, aquela noite se tornou, por assim dizer, a noite da morte (de todas as criaturas). Então Sikhandin, ó rei, cortou, com uma flecha em forma de meia-lua, o arco grande do filho de Gotama e disparou no último muitas flechas afiadas. Inflamado com cólera, ó monarca, Kripa então disparou em seu adversário um dardo brilhante, equipado com uma vara dourada e ponta afiada, e polido pelas mãos do ferreiro. Sikhandin, no entanto, cortou-o com dez flechas enquanto ele corria em direção a ele. Aquele dardo, então, decorado com ouro (assim cortado), caiu no chão. Então Gautama, aquele mais notável dos homens, pegando outro arco, ó rei, cobriu Sikhandin com um grande número de flechas afiadas. Assim coberto naquela batalha pelo filho ilustre de Gotama, Sikhandin, aquele principal dos guerreiros em carros caiu no terraço de seu carro. Vendo ele assim enfraquecido, Kripa naquele combate o atacou com muitas flechas, pelo desejo de matá-lo, ó Bharata! (Sikhandin então foi levado para longe por seu motorista). Vendo aquele poderoso guerreiro em carro, ou seja, o filho de Yajnasena se retirando da batalha, os Panchalas e os Somakas o cercaram por todos os lados (para resgatá-lo). Da mesma maneira, teus filhos também cercaram aquele principal dos Brahmans, Kripa, com uma grande tropa. Então começou mais uma vez uma batalha entre guerreiros em carros, ó rei, que atacavam uns aos outros. O tumulto que se ergueu tornou-se alto como o ribombo de nuvens, ó Bharata, causado por cavaleiros e elefantes avançando, ó monarca, derrubando uns aos outros. Então, ó rei, o campo de batalha parecia muito aterrador. Com o passo da infantaria avançando a terra começou a tremer, ó monarca, como uma dama tremendo com medo. Guerreiros em carros, subindo em seus carros, avançaram impetuosamente, atacando rivais aos milhares, ó rei, como corvos apanhando insetos alados (no ar). Similarmente, imensos elefantes com exsudação vinho descendo por seus corpos, perseguindo elefantes parecidos, os enfrentavam, ó Bharata, furiosamente. Assim também, cavaleiros atacaram cavaleiros, e soldados de infantaria enfrentaram furiosamente uns aos outros naquela batalha. Nas altas horas da noite, o som de tropas recuando e avançando e daquelas vindo novamente para o combate tornou-se ensurdecedor. As lâmpadas ardentes também, colocadas em carros e elefantes e corcéis, pareciam, ó rei, meteoros grandes caindo do céu. Aquela noite, ó chefe dos Bharatas,

iluminada por aquelas lâmpadas parecia dia, ó rei, no campo de batalha. Como o sol, enfrentando a densa escuridão, a destrói completamente, assim mesmo a densa escuridão da batalha foi destruída por aquelas lâmpadas brilhantes. De fato, o céu, a terra, os pontos cardeais e secundários do horizonte, envolvidos por poeira e escuridão, ficaram novamente iluminados por aquela luz. O esplendor de armas e cotas de malha, e das jóias de heróis ilustres, foi eclipsado pela luz daquelas lâmpadas brilhantes. Durante a continuação daquela batalha violenta à noite, nenhum dos combatentes, ó Bharata, podia reconhecer os guerreiros do seu próprio lado. Pai, ó chefe dos Bharatas, matou filho, e filho, por ignorância, matou pai, e amigo matou amigo. E parentes mataram parentes, e tios maternos mataram filhos das irmãs, e guerreiros mataram guerreiros de seu próprio lado, e inimigos mataram seus próprios homens, naquela batalha, ó Bharata. Naquele terrível combate noturno, ó rei, todos lutaram furiosamente, parando de ter qualquer consideração uns pelos outros.'"

170

"Sanjaya disse, 'Naquela batalha violenta e terrível, Dhrishtadyumna, ó rei, procedeu contra Drona. Pegando seu arco formidável e repetidamente esticando sua corda, o príncipe Panchala avançou contra o carro de Drona ornado com ouro. E quando Dhrishtadyumna procedeu para executar a destruição de Drona, os Panchalas e os Pandavas, ó rei, o cercaram. Vendo Drona, aquele principal dos preceptores, assim atacado, teu filho, lutando resolutamente em batalha, protegeu Drona por todos os lados. Então aqueles dois oceanos de tropas enfrentaram um ao outro naquela noite, e pareciam dois oceanos terríveis agitados à fúria pela tempestade, com todas as criaturas vivas dentro deles muito agitadas. Então o príncipe dos Panchalas, ó rei, rapidamente perfurou Drona no peito com cinco flechas e proferiu um rugido leonino. Drona, no entanto, ó Bharata, perfurando seu inimigo em retorno com vinte e cinco flechas naquela batalha, cortou, com outra flecha de cabeça larga, seu arco brilhante. Violentamente perfurado por Drona, ó touro da raça Bharata, Dhrishtadyumna, jogando de lado seu arco, mordeu seu lábio (inferior) de raiva. De fato, ó monarca, o valente Dhrishtadyumna, excitado com cólera, pegou outro arco formidável para realizar a destruição de Drona. Aquele matador de heróis hostis, aquele guerreiro dotado de grande beleza, esticando aquele arco formidável até sua orelha, disparou uma flecha terrível capaz de tirar a vida de Drona. Aquela flecha, assim disparada pelo príncipe poderoso naquela batalha violenta e terrível, iluminou o exército inteiro como o sol nascente. Contemplando aquela flecha terrível, os deuses, os Gandharvas, e os Danavas disseram essas palavras, ó rei, isto é, 'Prosperidade para Drona!' Karna, no entanto, ó rei, mostrando grande agilidade de mão cortou em uma dúzia de fragmentos aquela flecha enquanto ela corria em direção ao carro do preceptor. Assim cortada em muitos fragmentos, ó rei, aquela flecha de Dhrishtadyumna, ó majestade, caiu rapidamente no chão como uma cobra sem veneno. Tendo cortado com suas próprias flechas retas aquelas de Dhrishtadyumna naquela batalha, Karna então perfurou o próprio Dhrishtadyumna com muitas flechas afiadas. E o filho de Drona o perfurou com cinco, e o próprio Drona com cinco, e

Salya o perfurou com nove, e Duhsasana com três. E Duryodhana perfurou-o com vinte flechas e Sakuni com cinco. De fato, todos aqueles poderosos guerreiros em carros rapidamente perfuraram o príncipe dos Panchalas. Assim ele foi perfurado por esses sete heróis naquela batalha se esforçando para o resgate de Drona. O príncipe dos Panchalas, no entanto, perfurou cada um daqueles heróis com três flechas. De fato, ó rei, Dhrishtadyumna, naquela batalha terrível, perfurou rapidamente o próprio Drona, e Karna, e o filho de Drona, e teu filho. Assim perfurados por aquele arqueiro, aqueles guerreiros, lutando juntos, perfuraram Dhrishtadyumna novamente naquele combate, enquanto proferiam rugidos altos. Então Drumasena, cheio de cólera, ó rei, perfurou o príncipe Panchala com uma flecha alada, e novamente com três outras flechas. E dirigindo-se ao príncipe, ele disse, 'Espere! Espere!' Dhrishtadyumna então perfurou Drumasena em retorno com três flechas retas, no combate, as quais eram providas de asas de ouro, embebidas em óleo, e capazes de tirar a vida daquele em quem elas fossem disparadas. Com outra flecha de cabeça larga, o príncipe dos Panchalas então, naquela batalha, cortou do tronco de Drumasena a cabeça do último enfeitada com brincos brilhantes de ouro. Aquela cabeça, com o lábio (inferior) mordido (de raiva), caiu no chão como uma fruta madura de palmeira separada do caule pela ação de um vento forte. Novamente, perfurando todos aqueles guerreiros com flechas afiadas, aquele herói, com algumas flechas de cabeça larga, cortou o arco do filho de Radha, aquele guerreiro conhecedor de todos os modos de guerra. Karna não pode tolerar aquele corte de seu arco, como um leão feroz incapaz de suportar o corte de seu rabo. Pegando outro arco, Karna, com olhos vermelhos de raiva, e respirando fortemente, cobriu o poderoso Dhrishtadyumna com nuvens de flechas. Vendo Karna cheio de raiva, aqueles heróis, isto é, aqueles seis touros entre os guerreiros em carros, cercaram rapidamente o príncipe dos Panchalas pelo desejo de matá-lo. Vendo o último em frente àqueles seis guerreiros principais do teu lado, todas as tuas tropas, ó senhor, o consideraram como já estando dentro das mandíbulas do Destruidor. Enquanto isso, Satyaki, da linhagem Dasarha, espalhando suas flechas enquanto procedia, alcançou o local onde o valente Dhrishtadyumna estava lutando. Vendo aquele guerreiro invencível da tribo Satwata avançando, o filho de Radha perfurou-o naquela batalha com dez flechas. Satyaki, então, ó rei, perfurou Karna com dez flechas na própria vista de todos aqueles heróis, e dirigindo-se a ele, disse, 'Não fuja mas fique diante de mim.' O combate então, que teve lugar entre o poderoso Satyaki e o diligente Karna pareceu, ó rei, aquele entre Vali e Vasava (nos tempos passados). Aquele touro entre os Kshatriyas, isto é, Satyaki, apavorando todos os Kshatriyas com o estrépito de seu carro, perfurou Karna de olhos de lótus em retorno (com muitas flechas). Fazendo a terra tremer com a vibração de seu arco, o filho poderoso do Suta, ó monarca, lutou com Satyaki. De fato, Karna perfurou o neto de Sini em retorno com centenas de flechas longas, e farpadas, e pontudas, e de dentes grandes, e de cabeça de navalha e diversas outras flechas. Similarmente, aquele principal da linhagem de Vrishni, Yuyudhana, naquela batalha, encobriu Karna com muitas flechas. Por um tempo aquela luta prosseguiu igualmente. Então teus filhos, ó monarca, colocando Karna em sua dianteira, todos perfuraram Satyaki de todos os lados com flechas afiadas. Resistindo com suas próprias armas àquelas deles todos e de Karna também, ó senhor, Satyaki rapidamente perfurou

Vrishasena no centro do peito. Perfurado por aquela flecha, o valente Vrishasena, de grande esplendor, caiu em seu carro, jogando de lado seu arco. Então Karna, acreditando que aquele poderoso guerreiro em carro, Vrishasena, estava morto, ficou tomado pela aflição por conta da morte de seu filho e começou a afligir Satyaki com grande força. Assim afligido por Karna, o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, com grande velocidade, repetidamente perfurou Karna com muitas flechas. Mais uma vez perfurando Karna com dez flechas, e Vrishasena com cinco, o herói Satwata cortou as proteções de couro e os arcos de ambos, pai e filho. Então aqueles dois guerreiros, encordoando dois outros arcos, capazes de inspirar inimigos com terror, começaram a perfurar Yuyudhana de todos os lados com flechas afiadas. Durante a continuação daquele combate violento que era tão destrutivo de heróis o som alto do Gandiva, ó rei, era ouvido acima de todos os outros sons. Ouvindo então o estrépito do carro de Arjuna como também aquela vibração do Gandiva, o filho de Suta, ó rei, disse essas palavras para Duryodhana, 'Massacrando nosso exército inteiro e os principais dos guerreiros heróicos e muitos arqueiros poderosos entre os Kauravas, Arjuna está vibrando seu arco ruidosamente. O estrépito também de seu carro é ouvido, parecendo o ribombo do trovão. É evidente que o filho de Pandu está realizando feitos dignos de si mesmo. Este filho de Pritha, ó monarca, irá oprimir nossa grande hoste. Muitas das nossas tropas já estão se dividindo. Ninguém permanece em batalha. De fato, nosso exército está sendo disperso como uma massa de nuvens dispersada pelo vento. Enfrentando Arjuna, nossa hoste se rompe como um barco no oceano. Os lamentos altos, ó rei, dos principais dos guerreiros, ó monarca, fugindo do campo, ou caindo por causa das flechas disparadas do Gandiva, estão sendo ouvidos. Ouça, ó tigre entre os guerreiros em carros, o som de baterias e pratos perto do carro de Arjuna nas altas horas da noite, parecendo o ribombo profundo do trovão no céu. Ouça também os lamentos altos (de combatentes aflitos) e os tremendos gritos leoninos, e diversos outros barulhos na vizinhança do carro de Arjuna. Aqui, no entanto, este Satyaki, este principal da tribo Satwata, permanece em meio a nós. Se este objeto de nossa pontaria puder ser derrubado, nós poderemos então subjugar todos os nossos inimigos. Similarmente, o filho do rei Panchala está envolvido em combate com Drona. Ele está cercado por todos os lados por muitos heróicos e principais dos guerreiros em carros. Se nós pudermos matar Satyaki e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, sem dúvida, ó rei, a vitória será nossa. Cercando estes dois heróis, estes dois poderosos guerreiros em carros, como nós fizemos com o filho de Subhadra nós nos esforçaremos, ó rei, para matá-los, isto é, este filho da linhagem de Vrishni e este filho de Prishata. Savyasachin, ó Bharata, está à nossa frente, vindo em direção a essa divisão de Drona, sabendo que Satyaki está envolvido em combate aqui com muitos chefes entre os Kurus. Que um grande número de nossos principais guerreiros em carros proceda para lá, para que Partha não possa vir para salvar Satyaki, agora cercado por muitos. Que esses grandes heróis disparem rapidamente nuvens de flechas com grande força, para que Satyaki da linhagem de Madhu possa ser despachado rapidamente para a residência de Yama.' Averiguando que essa era a opinião de Karna, teu filho, dirigindo-se ao filho de Suvala na batalha, como o ilustre Indra dirigindo-se a Vishnu, disse essas palavras, 'Cercado por dez mil elefantes que não recuam e dez mil carros também, proceda contra Dhananjaya! Duhsasana e

Durvishaha e Suvahu e Dushpradharshana, esses te seguirão, cercados por um grande número de soldados de infantaria. Ó tio, mate aqueles grandes arqueiros, isto é, os dois Krishnas, e Yudhishthira, e Nakula, e Sahadeva, e Bhima, o filho de Pandu. Minha esperança de vitória se apóia em ti, como aquela dos deuses em seu chefe Indra. Ó tio, mate o filho de Kunti, como (Kartikeya) matando os Asuras.' Assim endereçado e incitado por teu filho, Sakuni, vestido em armadura, procedeu contra os Parthas, acompanhado por um grande exército como também por teus filhos, para destruir os filhos de Pandu. Então começou uma grande batalha entre os guerreiros do teu exército e o inimigo. Quando o filho de Suvala, ó rei, procedeu (dessa maneira) contra os Pandavas, o filho de Suta, acompanhado por uma grande tropa, avançou rapidamente contra Satyaki, disparando muitas centenas de flechas. De fato, teus guerreiros, se reunindo, cercaram Satyaki. Então o filho de Bharadwaja, procedendo contra o carro de Dhrishtadyumna, lutou uma batalha violenta e extraordinária nas altas horas da noite, ó touro da raça Bharata, com o bravo Dhrishtadyumna e os Panchalas.'"

171

"Sanjaya disse, 'Então todos aqueles reis do teu exército, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, procederam furiosamente contra o carro de Yuyudhana, incapazes de tolerar (suas façanhas). Subindo em seus carros bem equipados, ó rei, que eram decorados com ouro e jóias, e acompanhados também por cavalaria e elefantes, eles cercaram o herói Satwata. Cercando-o por todos os lados aqueles poderosos guerreiros em carros, desafiando aquele herói, proferiram altos rugidos leoninos. Aqueles grandes heróis, desejosos de matar ele da linhagem de Madhu, despejaram suas flechas afiadas em Satyaki de bravura invencível. Vendo eles assim avançando com velocidade em direção a ele, aquele matador de hostes hostis, o neto poderosamente armado de Sini, pegou e disparou muitas flechas. O formidável e heróico arqueiro Satyaki, invencível em batalha, cortou muitas cabeças com suas flechas ardentes e retas. E ele da raça de Madhu também cortou as trombas de muitos elefantes, os pescoços de muitos cavalos, e braços enfeitados com Angadas de muitos guerreiros, por meio de flechas de face de navalha. Com os rabos de iaque caídos e guarda-sóis brancos, ó Bharata, o campo de batalha ficou quase cheio, e parecia o céu, ó senhor, com estrelas. Os lamentos da hoste assim massacrada em batalha, ó Bharata, por Yuyudhana, se tornaram tão como altos quanto aqueles de fantasmas gritando (no inferno). Com aquele tumulto alto a terra ficou cheia, e a noite ficou mais aterradora e mais terrível. Vendo sua hoste, afligida pelas flechas de Yuyudhana se dividindo, e ouvindo aquele tremendo tumulto nas altas horas da noite de arrepiar os cabelos, teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, dirigindo-se a seu motorista, disse repetidamente, 'Incite os cavalos para aquele local de onde vem esse tumulto!' Então o rei Duryodhana, aquele arqueiro firme, acima de todos os modos de guerra, avançou contra Yuyudhana. Madhava perfurou Duryodhana com uma dúzia de flechas bebedoras de sangue, disparadas de seu arco esticado até sua total extensão. Assim afligido com flechas por Yuyudhana primeiro, Duryodhana, excitado com raiva, perfurou o neto de Sini em retorno com dez

flechas. Enquanto isso, a batalha que estava sendo travada entre os Panchalas e todas as tuas tropas apresentava uma visão muito extraordinária. Então o neto de Sini, excitado com raiva naquela batalha, perfurou teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, com oitenta flechas, no peito. Ele então, com outras flechas, despachou os cavalos de Duryodhana para a residência de Yama. E aquele matador de inimigos então rapidamente derrubou o motorista de seu adversário do carro. Teu filho, ó monarca, ficando naquele carro sem corcéis, disparou muitas flechas afiadas em direção ao carro de Satyaki. O neto de Sini, no entanto, mostrando grande agilidade de mão, ó rei, cortou aquelas cinquenta flechas disparadas naquela batalha por teu filho. Então Madhava, com algumas flechas de cabeça larga repentinamente cortou naquele combate o arco formidável de teu filho no cabo. Privado de seu carro e arco, aquele pujante soberano de homens então subiu rapidamente no carro brilhante de Kritavarman. Após a retirada de Duryodhana, o neto de Sini, ó monarca, afligiu e desbaratou teu exército nas altas horas da noite.'"

"Sakuni, enquanto isso, ó rei, cercando Arjuna por todos os lados com muitos milhares de carros e vários milhares de elefantes, e muitos milhares de corcéis, começou a lutar desesperadamente. Muitos deles lançaram em direção a Arjuna armas celestes de grande poder. De fato, aqueles Kshatriyas lutaram com Arjuna, incorrendo na certeza de morte. Arjuna, no entanto, excitado com raiva, deteve aqueles milhares de carros e elefantes e corcéis, e no final fez aqueles inimigos recuarem. Então o filho de Suvala, com olhos vermelhos como cobre com raiva, perfurou profundamente Arjuna, aquele matador de inimigos, com vinte flechas. E novamente disparando cem flechas, ele impediu o progresso do grande carro de Partha. Então Arjuna, ó Bharata, perfurou Sakuni com vinte flechas naquela batalha. E ele perfurou cada um dos grandes arqueiros com três flechas. Reprimindo todos eles com suas flechas, ó rei, Dhananjaya matou aqueles guerreiros do teu exército com flechas excelentes, dotadas da força do trovão. Coberta com flechas cortadas, ó monarca, e corpos (mortos) aos milhares, a terra parecia como se coberta com flores. De fato, coberta com as cabeças de Kshatriyas, cabeças que eram enfeitadas com diademas e narizes bonitos e belos brincos e lábios (inferiores) mordidos de raiva e olhos arregalados, cabeças que eram ornadas com colares e coroadas também com pedras preciosas, e as quais, enquanto a vida estava nelas, falavam palavras agradáveis, a terra parecia resplandecente como se coberta com morros pequenos cobertos com flores Champaka. Tendo realizado aquela façanha violenta, e perfurado Sakuni mais uma vez, ele atingiu Uluka com uma flecha naquela batalha. Perfurando Uluka dessa maneira na vista de seu pai, isto é, o filho de Suvala, Arjuna proferiu um rugido alto, enchendo a terra com isso. Então o filho de Indra cortou o arco de Sakuni. E então ele despachou seus quatro corcéis para a residência de Yama. Então o filho de Suvala, ó touro da raça Bharata, saltando de seu carro, subiu no carro de Uluka. Então aqueles dois poderosos guerreiros em carros, pai e filho, ambos no mesmo carro, despejaram suas flechas sobre Partha como duas nuvens despejando torrentes de chuva em uma montanha. O filho de Pandu então perfurando ambos aqueles guerreiros com flechas afiadas, afligiu e fez tuas tropas fugirem às centenas e milhares. Como uma massa imensa de nuvens dispersada

para todos os lados pelo vento, aquele teu exército, ó monarca, foi disperso para todos os lados. De fato, aquela hoste, ó chefe dos Bharatas, assim massacrada à noite, fugiu em todas as direções, afligida com medo e na própria vista (de seus líderes). Muitos abandonando os animais que eles montavam, outros incitando seus animais à sua maior velocidade, recuavam da batalha, inspirados com medo, durante aquela hora terrível de escuridão. Tendo subjugado teus guerreiros dessa maneira, ó touro da raça Bharata, Vasudeva e Dhananjaya sopraram suas conchas alegremente.'"

"Dhrishtadyumna, ó monarca, perfurando Drona com três flechas, cortou rapidamente a corda do arco do último com uma seta afiada. Jogando aquele arco no chão, o heróico Drona, aquele opressor de Kshatriyas, pegou outro que era muito resistente e forte. Perfurando Dhrishtadyumna então com cinco flechas, Drona perfurou seu motorista também, ó touro da raça Bharata, com cinco flechas. Reprimindo Drona com suas flechas, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna começou a destruir a hoste Kaurava, como Maghavat destruindo o exército Asura. Durante o massacre do exército do teu filho, ó majestade, um rio terrível, tendo sangue como sua corrente, começou a fluir. E ele corria entre as duas hostes, carregando homens e corcéis e elefantes ao longo de sua correnteza. E ele parecia, ó rei, o Vaitarani que flui, ó senhor, para os domínios de Yama. Agitando e desbaratando teu exército, o valente Dhrishtadyumna, dotado de grande energia, resplandecia como Sakra no meio dos celestiais. Então Dhrishtadyumna e Sikhandin sopraram suas conchas grandes, como também os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Vrikodara, o filho de Pandu. Assim aqueles guerreiros ferozes derrotaram milhares de reis do teu lado que eram dotados de grande energia, diante dos olhos de teu filho e de Karna e do heróico Drona e do filho de Drona, ó monarca!'"

172

"Sanjaya disse, 'Contemplando seu próprio exército desbaratado enquanto era massacrado por aqueles heróis ilustres, teu filho, bem familiarizado com palavras, ó monarca, dirigindo-se rapidamente até Karna e Drona, aqueles principais de todos os vencedores em batalha, disse essas palavras colericamente, 'Essa batalha foi iniciada por vocês dois por raiva, tendo visto o soberano dos Sindhus morto por Savyasachin. Vocês estão contemplando com indiferença o massacre de meu exército pelas forças armadas dos Pandavas, embora vocês dois sejam totalmente competentes para derrotar aquelas forças. Se vocês dois me abandonam agora, vocês deveriam ter, no início, me falado a respeito disso. 'Nós dois venceremos os filhos de Pandu em batalha', essas mesmas foram as palavras, ó concessores de honras, que vocês então disseram para mim. Ouvindo essas palavras de vocês, eu sancionei esses procedimentos. Eu nunca teria provocado essas hostilidades com os Parthas, hostilidades que são tão destrutivas de combatentes heróicos (se vocês tivessem me falado de outra maneira). Se eu não mereço ser abandonado por vocês dois, ó touros entre homens, então lutem de acordo com a verdadeira medida de sua destreza, ó heróis dotados de grande

destreza.' Assim perfurados pelo aguilhão das palavras do teu filho, aqueles dois heróis se engajaram novamente na batalha, como duas cobras irritadas com bastões. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, aqueles dois arqueiros acima de todos os arqueiros no mundo, avançaram com velocidade contra os Parthas encabeçados pelo neto de Sini e por outros. Da mesma maneira, os Parthas se reunindo, e acompanhados por todas as suas tropas, avançaram contra aqueles dois heróis, que estavam rugindo repetidamente. Então o grande arqueiro, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, excitado com raiva, rapidamente perfurou (Satyaki), aquele touro entre os Sinis, com dez flechas. E Karna o perfurou com dez flechas, e teu filho com sete, e Vrishasena perfurou-o com dez, e o filho de Suvala com sete. Naquele muro impenetrável de Kauravas em volta do neto de Sini, eles também se posicionaram, cercando-o. Vendo Drona massacrando o exército Pandava naquela batalha, os Somakas rapidamente o perfuraram de todos os lados com chuvas de flechas. Então Drona começou a tirar as vidas de Kshatriyas, ó monarca, como o sol destruindo a escuridão em redor dele por meio de seus raios. Nós então ouvimos, ó monarca, um tumulto alto entre os Panchalas, que chamavam uns aos outros, enquanto eles estavam sendo massacrados por Drona. Alguns abandonando os filhos, alguns pais, alguns irmãos, alguns tios, alguns sobrinhos, alguns seus parentes e amigos, fugiram com velocidade, para salvar suas próprias vidas. Alguns, além disso, privados de sua razão, correram contra o próprio Drona. De fato, muitos foram os combatentes do exército Pandava que foram então despachados para o outro mundo. Assim atormentada por aquele herói ilustre, a hoste Pandava, aquela noite, ó rei, fugiu, jogando ao chão suas tochas ardentes por toda parte, na própria vista de Bhimasena e Arjuna e Krishna e dos gêmeos e Yudhishthira e do filho de Prishata. O mundo estando envolvido em escuridão, nada podia ser visto. Por causa da luz que havia entre as tropas Kaurava, a fuga do inimigo podia ser averiguada. Aqueles poderosos guerreiros em carros, Drona e Karna, ó rei, perseguiram a hoste que fugia, espalhando flechas numerosas. Vendo os Panchalas massacrados e derrotados, Janardana ficando desanimado disse essas palavras para Phalguna, 'Dhrishtadyumna e Satyaki, acompanhados pelos Panchalas, procederam contra aqueles grandes arqueiros, isto é, Drona e Karna, disparando muitas flechas. Essa nossa grande hoste tem sido dividida e desbaratada (por eles) com chuvas de flechas. Embora se procure deter sua fuga, eles ainda não podem ser reagrupados, ó filho de Kunti! Vendo a hoste fugir, por medo, ó guerreiros Pandava, abandonem seus temores! Acompanhados por todas as tropas e organizando-as então, em boa ordem, nós dois, com armas erguidas, estamos agora mesmo procedendo contra Drona e o filho de Suta para resistir a eles.' Então Janardana vendo Vrikodara avançando, dirigiu-se novamente a Arjuna, o filho de Pandu, como se para alegrá-lo, nessas palavras, 'Lá Bhima, que se deleita em batalha, cercado pelos Somakas e os Pandavas, está indo contra aqueles poderosos guerreiros em carros, Drona e Karna. Auxiliado por ele, como também pelos muitos poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, lute agora, ó filho de Pandu, para assegurar todas as tuas tropas.' Então aqueles dois tigres entre homens, isto é, o filho de Pandu e ele da linhagem de Madhu, se aproximando de Drona e Karna, tomaram sua posição na vanguarda da batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Então aquele vasto exército de Yudhishthira mais uma vez voltou para a batalha, procedendo para o lugar onde Drona e Karna estavam oprimindo seus inimigos em batalha. Nas altas horas da noite, um combate violento ocorreu, parecendo aquele de dois oceanos cheios no nascer da lua. Então os guerreiros do teu exército, jogando longe de suas mãos as lâmpadas ardentes seguradas por eles, lutaram com os Pandavas destemidamente e loucamente. Naquela noite terrível quando o mundo estava envolvido em escuridão e poeira, os combatentes lutaram uns com os outros, guiados somente pelos nomes que eles proferiam. Os nomes proferidos pelos reis lutando em batalha eram ouvidos, ó monarca, lá, como o que acontece, ó rei, em um Swayamvara ou auto-escolha (de marido). Subitamente, um silêncio cobriu o campo de batalha, e durou por um momento. Então, novamente, um tumulto alto foi ouvido feito pelos combatentes enfurecidos, vencedores e vencidos. Para lá onde lâmpadas brilhantes eram vistas, ó touro da raça Kuru, para lá avançavam aqueles heróis como insetos (em direção a um fogo ardente). E enquanto os Pandavas, ó rei, e os Kauravas, lutavam uns com os outros em batalha, a escuridão da noite se intensificou em volta deles.'"

173

"Sanjaya disse, 'Então Karna, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Prishata em batalha, atingiu-o no peito com dez flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Dhrishtadyumna rapidamente perfurou Karna em retorno naquela grande batalha, com cinco flechas, e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere! Espere!' Cobrindo um ao outro naquele combate terrível com chuvas de flechas, ó rei, eles mais uma vez perfuraram um ao outro com flechas afiadas, disparadas de arcos esticados até sua total extensão. Então Karna, naquela batalha, despachou para a residência de Yama o motorista e os quatro corcéis de Dhrishtadyumna, aquele guerreiro principal entre os Panchalas. Ele então cortou o arco principal de seu inimigo com flechas afiadas, e derrubou, com uma flecha de cabeça larga o motorista do último de seu nicho no carro. Então o valente Dhrishtadyumna, privado de carro, corcéis, e motorista, saltou rapidamente de seu carro e pegou uma maça. Embora atingido todo o tempo com flechas retas por Karna, o príncipe Panchala, se aproximando de Karna, matou os quatro corcéis do último. Retrocedendo com grande rapidez, aquele matador de hostes, isto é, o filho de Prishata, subiu no carro de Dhananjaya. Subindo naquele carro, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna desejou proceder em direção a Karna. O filho de Dharma (Yudhishthira), no entanto, mandou-o desistir. Então Karna dotado de grande energia, misturando seus gritos leoninos com isso vibrou seu arco ruidosamente e soprou sua concha com grande força. Vendo o filho de Prishata vencido em batalha, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Panchalas e os Somakas, excitados com raiva, e pegando todos os tipos de armas, procederam, fazendo da própria morte sua meta, em direção a Karna, pelo desejo de massacrá-lo. Enquanto isso, o motorista de Karna tinha unido outros cavalos ao carro de seu mestre, que eram brancos como conchas, dotados de grande velocidade, da raça Sindhu, e bem domados. Então Karna de pontaria certeira,

lutando com vigor, afligiu aqueles poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas com suas flechas como uma nuvem despejando torrentes de chuva sobre uma montanha. A hoste Panchala, assim afligida por Karna, fugiu com medo, como uma corça assustada por um leão. Cavaleiros eram vistos caindo de seus cavalos, e condutores de elefantes de seus elefantes, ó monarca, e guerreiros em carros de carros, por toda parte. Naquela batalha terrível, Karna cortava com flechas de face de navalha os braços e cabeças enfeitadas com brincos dos combatentes que fugiam. E ele cortava, ó rei, as coxas de outros que estavam sobre elefantes ou nas costas de cavalos, ou sobre o chão, ó majestade! Muitos poderosos guerreiros em carros, enquanto eles fugiam, não sentiam sua perda de membros ou os ferimentos em seus animais, naquela batalha. Massacrados por flechas terríveis, os Panchalas e os Srinjayas tomavam o movimento até de uma palha como Karna (tão grande era seu pavor). Privados de seu juízo, os guerreiros tomavam seus amigos que fugiam como Karna e fugiam deles com medo. Karna perseguiu a hoste dividida e que se retirava, ó Bharata, disparando suas flechas para todos os lados. De fato, naquela batalha, os guerreiros que se retiravam, privados de sua razão, foram massacrados com armas poderosas por aquele herói ilustre, Karna. Outros, somente olhados por Drona, fugiam para todos os lados. Então o rei Yudhishthira, vendo seu exército fugindo, e considerando a retirada como sendo aconselhável, dirigiu-se a Phalguna e disse, 'Veja aquele arqueiro poderoso, Karna, posicionado lá como o próprio Rudra armado com seu arco. Veja-o chamuscando tudo em volta como o próprio sol ardente, nessa hora ameaçadora, tarde da noite. Esses lamentos estão sendo incessantemente ouvidos, ó Partha, de teus amigos desamparados que os estão proferindo, mutilados pelas flechas de Karna. A maneira na qual Karna está mirando e disparando suas flechas é tal que nenhum intervalo pode ser notado entre as duas ações. Ele irá, ó Partha, aniquilar todos os nossos amigos. Faça aquilo agora, Dhananjaya, a respeito da morte de Karna, o qual, segundo teu julgamento, deve ser feito em seguida e o momento para o qual pode ter chegado.' Assim endereçado (por Yudhishthira), Partha disse para Krishna, 'O filho nobre de Dharma está hoje assustado pela bravura de Karna. Quando a divisão de Karna está agindo assim (em direção a nós) repetidamente, adote rapidamente aquele curso o qual deve agora ser adotado. Nosso exército está fugindo, ó matador de Madhu, nossas tropas, divididas e mutiladas pelas flechas de Drona e assustadas por Karna, são incapazes de oferecer resistência. Eu vejo Karna correndo a toda velocidade destemidamente. Nossos principais guerreiros em carros estão indo embora. Karna está espalhando suas flechas afiadas. Eu, como uma cobra incapaz de tolerar a pisada de um ser humano sobre seu corpo, não posso tolerar vê-lo assim se movimentando rapidamente na frente de batalha, diante dos meus olhos, ó tigre da raça Vrishni. Proceda, portanto, para aquele local onde o poderoso guerreiro em carro Karna está. Eu irei ou matá-lo, ó matador de Madhu, ou deixá-lo me matar.'"

"Vasudeva disse, 'Eu vejo Karna, ó filho de Kunti, aquele tigre entre homens, aquele guerreiro de destreza sobre-humana, correndo a toda velocidade em batalha como o próprio chefe dos celestiais. Ó Dhananjaya, não há ninguém mais capaz de avançar contra ele em batalha, exceto tu, ó tigre entre homens, e o

Rakshasa Ghatotkacha. Eu, no entanto, ó impecável, não acho que chegou a hora, ó poderosamente armado, para ti enfrentares o filho de Suta em batalha. O dardo brilhante, parecendo um meteoro poderoso, dado a ele por Vasava ainda está com ele, ó tu de armas poderosas, mantido para ti com cuidado, pelo filho de Suta. Ele mantém aquele dardo perto dele, e agora assumiu uma forma terrível. Em relação a Ghatotkacha, ele é sempre dedicado a vocês e desejoso do seu bem. Deixe o poderoso Ghatotkacha proceder contra o filho de Radha. Dotado da destreza de um celestial, ele foi gerado pelo poderoso Bhima. Com ele estão armas celestes como também aquelas usadas por Rakshasas.' O último logo chegou diante dele, vestido em armadura, e armado, ó rei, com espada, flechas, e arco. Saudando Krishna e também Dhananjaya, o filho de Pandu, ele disse orgulhosamente, 'Aqui estou eu, comande-me.' Então ele da linhagem de Dasarha, dirigindo-se ao filho de Hidimva, aquele Rakshasa de boca ardente e olhos flamejantes e corpo da cor de nuvens, e disse essas palavras, 'Ouça, ó Ghatotkacha, atentamente o que eu digo. Chegou a hora para a exposição da tua bravura, e não de alguém mais. Seja tu a balsa nessa batalha para os Pandavas afundando. Tu tens diversas armas, e muitas espécies de ilusão Rakshasa. Veja, ó filho de Hidimva, o exército dos Pandavas está sendo açoitado por Karna no campo de batalha, como um rebanho de gado pelo vaqueiro. Lá, o poderoso arqueiro Karna, dotado de grande inteligência e bravura imperturbável, está chamuscando os principais dos Kshatriyas entre as divisões da hoste Pandava. Afligidos por suas flechas ardentes, os guerreiros Pandava são incapazes de permanecer na frente daquele arqueiro firme que está disparando chuvas de flechas poderosas. Afligidos tarde da noite pelo filho de Suta com suas chuvas de flechas, os Panchalas estão fugindo como um bando de veados afligido por um leão. Exceto tu, ó tu de destreza formidável, não há ninguém mais que possa resistir ao filho de Suta que está assim engajado em batalha. Ajudado por tua energia e poder, ó poderosamente armado, realize aquilo que é digno da tua própria pessoa, da tua linhagem materna, e de teus antepassados. É por isso mesmo, ó filho de Hidimva, que homens desejam filhos, isto é, para serem salvos de dificuldades. Resgate agora teus parentes. Ó Ghatotkacha, pais desejam filhos para realizar seus próprios objetivos. Espera-se que os filhos, aquelas fontes de prosperidade, salvem seus pais nesse e no outro mundo. Tu és ilustre, e teu poder em batalha é terrível e inigualável, enquanto lutando em batalha, não há ninguém igual a ti. Ó opressor de inimigos, seja tu os meios pelos quais os Pandavas que estão sendo derrotados por Karna com suas flechas esta noite, e que estão agora afundando no oceano Dhartarashtra, possam alcançar a costa com segurança. À noite, Rakshasas, além disso, tornam-se dotados de destreza ilimitada, grande poder, e grande coragem. Eles se tornam (em tal hora) guerreiros de grande bravura e incapazes de serem derrotados. Mate Karna em batalha, nessas altas horas da noite, ajudado por tuas ilusões. Os Parthas, com Dhrishtadyumna, lutarão com Drona.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Kesava, Vibhatsu também, ó Kaurava, disse essas palavras para aquele castigador de inimigos, o Rakshasa Ghatotkacha, 'Ó Ghatotkacha, tu mesmo, Satyaki de braços longos, e Bhimasena, o filho de Pandu, esses três, na minha opinião, são os mais notáveis entre todos

os nossos guerreiros. Vá e enfrente Karna em duelo essa noite. O poderoso guerreiro em carro Satyaki protegerá tua retaguarda. Ajudado pelo herói Satwata, mate o bravo Karna em batalha, como Indra nos tempos antigos matou (o Asura) Taraka, ajudado (pelo generalíssimo celestial) Skanda.'"

"Ghatotkacha disse, 'Eu sou páreo para Karna, como também para Drona, ó Bharata, ou para qualquer Kshatriya ilustre talentoso com armas. Essa noite eu lutarei tal batalha com o filho de Suta que formará o assunto de conversa enquanto o mundo durar. Essa noite, eu não pouparei nem os bravos nem os tímidos nem aqueles que, com mãos unidas, suplicarem por abrigo. Seguindo o costume Rakshasa, eu matarei todos.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o filho de Hidimva, avançou contra Karna naquela batalha terrível amedrontando tuas tropas. O filho de Suta, aquele tigre entre homens, recebeu sorridente aquele guerreiro zangado de boca ardente e cabelos resplandecentes. A batalha então que ocorreu entre Karna e aquele Rakshasa, ambos rugindo um contra o outro, ó tigre entre reis, parecia aquela entre Indra e Prahlada (nos tempos passados).'"

174

"Sanjaya disse, 'Vendo Ghatotkacha de braços fortes, ó rei, procedendo em direção ao carro do filho de Suta Karna, para massacrá-lo em batalha, teu filho Duryodhana dirigindo-se a Duhsasana disse essas palavras, 'O Rakshasa, vendo a destreza de Karna em batalha, está avançando depressa contra ele. Resista àquele poderoso guerreiro em carro. Cercado por um exército poderoso vá para aquele local onde o poderoso Karna, o filho de Vikartana, está lutando com o Rakshasa em batalha. Ó concessor de honras, cercado por tropas e te esforçando vigorosamente, proteja Karna em batalha. Não deixe o terrível Rakshasa matar Karna por causa de nosso descuido.' Enquanto isso, ó rei, o poderoso filho de Jatasura, aquele principal dos batedores, aproximando-se de Duryodhana, disse para ele, 'Ó Duryodhana, mandado por ti, eu desejo matar, com seus seguidores, teus inimigos de celebridade, isto é, os Pandavas, aqueles guerreiros incapazes de serem facilmente derrotados em batalha. Meu pai era o poderoso Jatasura, aquele principal dos Rakshasas. Antigamente, tendo realizado alguns encantamentos de morte Rakshasa, os desprezíveis filhos de Pritha o mataram. Eu desejo cultuar meu pai morto por oferecer a ele o sangue de seus inimigos, e sua carne, ó monarca! Cabe a ti me conceder permissão.' O rei, assim endereçado, ficou muito encantado e disse a ele repetidamente, 'Ajudado por Drona e Karna e outros, eu sou bastante competente para vencer meus inimigos. Mandado, no entanto, por mim, ó Rakshasa, vá para a batalha e mate Ghatotkacha na luta, aquele Rakshasa de feitos violentos, nascido de homem, sempre dedicado ao bem-estar dos Pandavas, e sempre matando nossos elefantes e corcéis e guerreiros em carros em batalha, ele mesmo todo o tempo permanecendo no céu, ó, despache-o para a residência de Yama.' Dizendo, 'Assim seja' e convocando Ghatotkacha para o combate, o filho de Jatasura

encobriu o filho de Bhimasena com diversos tipos de armas. O filho de Hidimva, no entanto, sozinho e não protegido começou a oprimir Alamvusha e Karna e a vasta hoste Kuru, como a tempestade subjugando uma massa de nuvens. Vendo então o poder da ilusão (de Ghatotkacha), o Rakshasa Alamvusha cobriu Ghatotkacha com chuvas de diversos tipos de flechas. Tendo perfurado o filho de Bhimasena com muitas flechas, Alamvusha, sem qualquer perda de tempo, começou a afligir a hoste Pandava com suas flechas. Assim atormentadas por ele, ó Bharata, as tropas Pandava, nas altas horas da noite, se dividiram e fugiram como nuvens dispersas por uma tempestade. Similarmente, tua hoste também, mutilada pelas flechas de Ghatotkacha, fugiu nas altas horas da noite, ó rei, aos milhares, jogando no chão suas tochas. Alamvusha então, excitado com grande fúria, atingiu o filho de Bhimasena naquela batalha terrível com muitas flechas, como um condutor atingindo um elefante. Então Ghatotkacha cortou em fragmentos diminutos o carro, o motorista, e todas as armas de seu inimigo e gargalhou terrivelmente. Então, como as nuvens despejando torrentes de chuva nas montanhas de Meru, Ghatotkacha despejou chuvas de flechas em Karna, Alamvusha e todos os Kurus. Afligida pelo Rakshasa, a hoste Kuru ficou extremamente agitada. As quatro espécies de tropas, nas quais teu exército consistia, começaram a pressionar e oprimir umas às outras. Então o filho de Jatasura, sem carro e sem motorista, colericamente golpeou Ghatotkacha, naquela batalha, com seus punhos. Assim atingido, Ghatotkacha tremeu como uma montanha com suas árvores e trepadeiras e grama na hora de um terremoto. Então o filho de Bhimasena, louco com raiva, erguendo seu próprio braço matador de inimigos que parecia uma maça com ferrões, deu um golpe severo no filho de Jatasura. Subjugando-o então com raiva, o filho de Hidimva jogou-o rapidamente no chão, e agarrando-o com seus dois braços ele começou a pressioná-lo com grande força sobre o solo. Então o filho de Jatasura se libertando de Ghatotkacha, levantou-se e atacou Ghatotkacha com grande impetuosidade. Alamvusha também, arrastando e jogando no chão o Rakshasa Ghatotkacha, naquela batalha, começou a prensá-lo com raiva na superfície da terra. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois guerreiros gigantescos e rugindo, Ghatotkacha e Alamvusha, tornou-se extremamente feroz e de arrepiar os cabelos. Se esforçando para levar a melhor um sobre o outro por meio de seus poderes de ilusão, aqueles dois guerreiros orgulhosos, dotados de grande energia, lutaram entre si como Indra e o filho de Virochana. Tornando-se fogo e oceano, e, mais uma vez, Garuda e Takshaka, e novamente, uma nuvem e uma tempestade, e então trovão e uma montanha grande, e novamente, um elefante e então Rahu e o sol, eles expuseram dessa maneira cem diferentes tipos de ilusão, desejosos de destruir um ao outro. De fato, Alamvusha e Ghatotkacha lutaram esplendidamente, batendo um no outro com clavas com pontas e maças e lanças e malhos e machados e clavas curtas e rochedos de montanha. A cavalo ou em elefantes, a pé ou em carro, aqueles principais dos Rakshasas, ambos dotados de grandes poderes de ilusão, lutaram um com o outro em batalha. Então Ghatotkacha, ó rei, desejando matar Alamvusha, rugiu no alto com raiva e então desceu com rapidez extraordinária como um falcão. Agarrando então aquele príncipe gigantesco dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, que lutava com ele dessa maneira, ele prensou-o no chão, como Vishnu matando (o Asura) Maya em batalha. Pegando uma

cimitarra de aparência extraordinária Ghatotkacha, de bravura incomensurável, então cortou de seu tronco, ó rei, a cabeça feroz e terrível de seu inimigo que ainda estava proferindo rugidos medonhos. Agarrando aquela cabeça manchada de sangue pelo cabelo, Ghatotkacha foi rapidamente em direção ao carro de Duryodhana. Aproximando-se (do rei Kuru), o Rakshasa de braços fortes, sorrindo, jogou sobre o carro de Duryodhana aquela cabeça com rosto e cabelo horrendos. Proferindo então um rugido feroz, profundo como aquele das nuvens na estação das chuvas, ele se dirigiu a Duryodhana, ó rei, e disse, 'Esse teu aliado agora está morto, ele cuja bravura tu contemplaste! Tu verás a morte de Karna também, e então a tua própria. Alguém que é observador destes três, isto é, moralidade, lucro e prazer, nunca deve ver com mãos vazias um rei, um Brahmana, ou uma mulher. (É por isso que eu te vejo com esta cabeça como um tributo.) Viva alegremente até o momento quando eu matar Karna.' Tendo dito essas palavras, ele então, ó rei, procedeu em direção a Karna, disparando centenas de flechas afiadas sobre a cabeça de Karna. A batalha então que ocorreu entre aquele guerreiro humano e aquele Rakshasa foi violenta e terrível, ó rei, e muito extraordinária.'"

175

"Dhritarashtra disse, 'Como, de fato, ocorreu aquela batalha quando nas altas horas da noite o filho de Vikartana, Karna, e o Rakshasa Ghatotkacha enfrentaram um ao outro? Que aspecto aquele Rakshasa feroz então apresentou? Que tipo de carro ele usou, e qual era a natureza de seus cavalos e qual de suas armas? Qual era o tamanho de seus corcéis, do estandarte de seu carro, e de seu arco? Qual era o tipo de armadura que ele usava, e qual proteção para a cabeça ele colocou? Perguntado por mim, descreva tudo isso, pois tu és hábil em narração, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'De olhos vermelho vivo, Ghatotkacha era de forma gigantesca. Seu rosto era da cor de cobre. Sua barriga era baixa e afundada. As cerdas em seu corpo todas apontavam para cima. Sua cabeça era verde. Suas orelhas eram semelhantes a flechas. Seus ossos molares eram altos. Sua boca era larga, se estendendo de orelha à orelha. Seus dentes eram afiados, e quatro deles eram altos e pontudos. Sua língua e lábios eram muito longos e de uma cor de cobre. Suas sobrancelhas eram compridas. Seu nariz era grosso. Seu corpo era azul, e pescoço vermelho. Alto como uma colina, ele era terrível de se olhar. De corpo gigantesco, braços gigantescos, e cabeça gigantesca, ele era dotado de grande poder. Feio e de membros firmes, o cabelo em sua cabeça estava amarrado para cima em uma forma assustadora. Seus quadris eram largos e seu umbigo era profundo. De constituição física gigantesca, a circunferência de seu corpo, no entanto, não era grande. Os ornamentos em seus braços eram proporcionais. Possuidor de poderes formidáveis de ilusão, ele estava ornado também com Angadas. Ele vestia uma couraça em seu peito como um círculo de fogo no peito de uma montanha. Em sua cabeça havia um diadema brilhante e belo feito de ouro, com todas as partes proporcionais e belas, e parecendo com um arco. Seus

brincos eram brilhantes como o sol da manhã, e suas guirlandas eram feitas de ouro e muito resplandecentes. Ele tinha em seu corpo uma armadura gigantesca de cobre de grande refulgência. Seu carro estava decorado com cem sinos tilintando, e em seu estandarte ondulavam numerosos pendões vermelho sangue. De proporções prodigiosas, e da medida de um nalwa, aquele carro estava coberto com peles de urso. Equipado com todas as espécies de armas poderosas, ele possuía um estandarte alto e estava enfeitado com guirlandas, tendo oito rodas, e seu estrépito parecia o ribombo das nuvens. Seus corcéis eram semelhantes a elefantes enfurecidos, e possuidores de olhos vermelhos; de aspecto terrível, eles eram de cor matizada, e dotados de grande velocidade e força. Acima de toda fadiga, e adornados com crinas compridas e relinchando repetidamente, eles levaram aquele herói para a batalha. Um Rakshasa de olhos terríveis, boca ígnea, e brincos brilhantes, agia como seu motorista, segurando as rédeas, brilhantes como os raios do sol, de seus corcéis em batalha. Com aquele motorista ele foi para a batalha como Surya com seu motorista Aruna. Parecendo com uma montanha alta cercada por uma nuvem imensa, um estandarte muito alto, que tocava os céus, estava erguido sobre seu carro. Um urubu carnívoro e horrível de corpo vermelho vivo pousava sobre ele. Ele chegou, esticando violentamente seu arco cuja vibração parecia o trovão de Indra, e cuja corda era muito rígida, e que media uma dúzia de cúbitos de comprimento e um cúbito de largura. (Um arani é um cúbito medindo do cotovelo até o fim do dedo mínimo.) Enchendo todos os pontos do horizonte com flechas da medida do Aksha de um carro, o Rakshasa avançou contra Karna naquela noite que estava sendo tão destrutiva de heróis. Permanecendo orgulhosamente sobre seu carro, enquanto ele esticava seu arco, o som que era ouvido parecia aquele som do trovão ribombando. Assustadas por ele, ó Bharata, todas as tuas tropas tremeram como as ondas agitadas do oceano. Vendo aquele Rakshasa terrível de olhos horríveis avançando contra ele, o filho de Radha, como se sorrindo, resistiu a ele rapidamente. E Karna procedeu contra o Rakshasa sorridente, atingindo-o em retorno de um ponto próximo, como um elefante contra um elefante ou o líder de um rebanho bovino contra o líder de outro rebanho. O conflito que ocorreu entre eles, isto é, Karna e o Rakshasa, ó rei, tornou-se terrível e pareceu aquele entre Indra e Samvara. Cada um pegando um arco formidável de vibração alta atingiu e cobriu o outro com flechas poderosas. Com flechas retas disparadas de arcos esticados até sua mais completa extensão, eles mutilaram um ao outro, perfurando suas cotas de malha feitas de cobre. Com dardos da medida de Akshas, e flechas também eles continuaram a mutilar um ao outro, como um par de tigres ou de elefantes poderosos com seus dentes ou presas. Cada um perfurando o corpo do outro, mirando flechas um no outro, chamuscando um ao outro com nuvens de flechas, eles se tornaram incapazes de serem olhados. Com membros perfurados e mutilados por flechas, e banhados em correntes de sangue, eles pareciam com duas colinas de greda com regatos correndo por seus leitos. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros, ambos lutando vigorosamente, ambos com membros perfurados com flechas de pontas afiadas, e um mutilando o outro, fracassaram, no entanto, em fazer um ao outro tremer. Por um longo tempo, aquele combate noturno entre Karna e o Rakshasa no qual ambos pareciam se divertir, fazendo da própria vida a aposta, continuou

igualmente. Mirando flechas afiadas e disparando-as com a máxima medida de sua força, a vibração do arco de Ghatotkacha inspirava amigos e inimigos com temor. Naquela hora, ó rei, Karna não pode levar a melhor sobre Ghatotkacha. Vendo isso, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas chamou à existência armas celestes. Vendo uma arma celeste apontada para ele por Karna, Ghatotkacha, aquele principal dos Rakshasas chamou à existência sua ilusão Rakshasa. Ele foi visto cercado por um grande exército de Rakshasas de aparência terrível, armados com lanças, rochas grandes e colinas e clavas. Vendo Ghatotkacha avançando com uma arma poderosa erguida (em suas mãos) como o próprio Destruidor de todas as criaturas armado com sua clava aterradora e fatal, todos os reis lá foram tomados pelo medo. Apavorados pelos rugidos leoninos proferidos por Ghatotkacha, os elefantes expeliram urina e todos os combatentes tremeram de medo. Então lá caiu por todos os lados uma chuva grossa de rochas e pedras despejadas incessantemente pelos Rakshasas, que tinham, por causa da meia-noite, ficado inspirados com maior força. (Acreditava-se que Rakshasas em certas horas eram inspirados com maior força). Rodas de ferro e Bhusundis, e dardos, e lanças e arpões e Sataghnis e machados também começaram a cair incessantemente. Contemplando aquela batalha violenta e terrível, todos os reis, como também teus filhos e os combatentes, fugiram com medo. Somente um entre eles, isto é, Karna, orgulhoso do poder de suas armas, e sentindo um nobre orgulho, não tremeu. De fato, com suas flechas ele destruiu aquela ilusão chamada à existência por Ghatotkacha. Vendo sua ilusão dissipada, Ghatotkacha, cheio de raiva começou a disparar flechas mortais pelo desejo de matar o filho de Suta. Aquelas flechas, banhadas em sangue, atravessando o corpo de Karna naquela batalha terrível, entraram na terra como cobras enfurecidas. Então o filho valente do Suta, cheio de raiva e possuidor de grande agilidade de mãos, levando a melhor sobre Ghatotkacha, perfurou o último com dez flechas. Então Ghatotkacha, assim perfurado pelo filho de Suta em suas partes vitais e sentindo grande dor, pegou uma roda celeste tendo mil raios. A beira daquela roda era afiada como uma navalha. Possuidor do esplendor do sol da manhã, e enfeitado com jóias e pedras preciosas, o filho de Bhimasena arremessou aquela roda no filho de Adhiratha, desejoso de dar um fim no último. Aquela roda, no entanto, de grande poder e arremessada também com grande força, foi cortada em pedaços por Karna com suas flechas, e caiu, frustrada em seu objetivo, como as esperanças e propósitos de um homem desafortunado. Cheio de fúria ao ver sua roda frustrada, Ghatotkacha cobriu Karna com chuvas de flechas, como Rahu cobrindo o sol. O filho de Suta, no entanto, dotado da destreza de Rudra ou do irmão mais novo de Indra ou de Indra, cobriu destemidamente o carro de Ghatotkacha em um momento com flechas aladas. Então Ghatotkacha, girando uma maça decorada com ouro, arremessou-a em Karna. Karna, no entanto, com suas flechas, cortando-a, a fez cair. Então subindo ao céu e rugindo profundamente como uma massa de nuvens, o Rakshasa gigantesco despejou do céu uma perfeita chuva de árvores. Então Karna perfurou com suas flechas o filho de Bhima no céu, aquele Rakshasa conhecedor de ilusões, como o sol perfurando com seus raios uma massa de nuvens. Matando então todos os corcéis de Ghatotkacha, e cortando também seu carro em cem pedaços, Karna começou a despejar sobre ele suas flechas como uma nuvem

despejando torrentes de chuva. No corpo de Ghatotkacha não havia nem a largura de dois dedos de espaço que não estivesse perfurada pelas flechas de Karna. Logo o Rakshasa parecia ser como um porco-espinho com espinhos eretos em seu corpo. Ele foi tão completamente coberto com flechas que nós não podíamos naquela batalha ver mais ou os corcéis ou o carro ou o estandarte de Ghatotkacha ou o próprio Ghatotkacha. Destruindo então por meio de sua própria arma a arma celeste de Karna, Ghatotkacha, dotado do poder de ilusão, começou a lutar com o filho de Suta, ajudado por seus poderes de ilusão. De fato, ele começou a lutar com Karna, ajudado por sua ilusão e mostrando a maior energia. Chuvas de flechas caíam de uma fonte invisível do firmamento. Então o filho de Bhimasena, dotado de grande destreza de ilusão, ó principal dos Kurus, assumiu uma forma feroz, ajudado por aqueles poderes, e começou a entorpecer os Kauravas, ó Bharata! O valente Rakshasa, assumindo muitas cabeças selvagens e lúgubres, começou a devorar as armas celestes do filho de Suta. Logo, novamente, o Rakshasa gigantesco, com cem ferimentos em seu corpo pareceu jazer tristemente, como se morto, no campo. Os touros Kaurava então, considerando Ghatotkacha morto, proferiram gritos altos (de alegria). Logo, no entanto, ele foi visto por todos os lados, correndo a toda velocidade em novas formas. Mais uma vez, ele foi visto assumir uma forma prodigiosa, com cem cabeças e cem estômagos, e parecendo com a montanha Mainaka. (Mainaka o filho de Himavat, tinha cem cabeças.) Repetidamente, tornando-se pequeno mais ou menos da medida do polegar, ele se movia transversalmente ou se elevava como as ondas cheias do mar. Correndo através da terra e subindo à superfície, ele imergia novamente nas águas. Uma vez visto aqui, ele era visto em seguida em um lugar diferente. Descendo então do céu, ele era visto de pé, vestido em armadura, em um carro ornado com ouro, tendo vagado por terra e céu e todos os pontos do horizonte, ajudado por seus poderes de ilusão. Aproximando-se então da vizinhança do carro de Karna, Ghatotkacha, com seus brincos balançando, dirigiu-se destemidamente ao filho de Suta, ó monarca, e disse, 'Espere um pouco, ó filho de Suta. Para onde tu vais com vida, me evitando? Eu irei hoje, no campo de batalha, suprimir teu desejo de luta.' Tendo dito essas palavras, aquele Rakshasa, de destreza cruel e olhos vermelhos como cobre de fúria, se elevou ao céu e gargalhou alto. Como um leão atingindo um príncipe de elefantes, ele começou a atacar Karna, despejando sobre ele uma chuva de flechas, cada uma da medida do Aksha de um carro. De fato, ele despejou aquela chuva de flechas sobre Karna, aquele touro entre os guerreiros em carros, como uma nuvem despejando torrentes de chuva em uma montanha, Karna destruiu aquela chuva de flechas de uma distância. Vendo sua ilusão destruída por Karna, ó touro da raça Bharata, Ghatotkacha mais uma vez criou uma ilusão e se fez invisível. Ele se tornou uma montanha alta com muitos topos e cheia de árvores altas. E daquela montanha saíam incessantemente torrentes de lanças e arpões e espadas e clavas. Vendo aquela montanha, a qual parecia uma massa imensa de antimônio, com suas torrentes de armas violentas, no céu, Karna não estava agitado em absoluto. Sorrindo, Karna chamou à existência uma arma celeste. Cortada com aquela arma, aquela montanha enorme foi destruída. Então o feroz Ghatotkacha, se tornado uma nuvem azul com um arco-íris, no céu, começou a despejar sobre o filho de Suta uma chuva de pedras. O filho de Vikartana, Karna, que era chamado

também de Vrisha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, mirando uma arma Vayavya, destruiu aquela nuvem dardo. Então cobrindo todos os pontos do horizonte com inúmeras flechas, ele destruiu uma arma que tinha sido apontada para ele por Ghatotkacha. O filho poderoso de Bhimasena então gargalhando ruidosamente naquela batalha, chamou novamente à existência uma ilusão todo-poderosa contra o poderoso guerreiro em carro Karna. Mais uma vez, vendo aquele principal dos guerreiros, isto é, Ghatotkacha, se aproximando dele destemidamente, cercado por um grande número de Rakshasas que pareciam leões e tigres e elefantes enfurecidos em bravura, alguns sobre elefantes, alguns em carros, e alguns a cavalo, todos armados com diversas armas e vestidos em diversos tipos de armaduras e diversas espécies de ornamentos; realmente, vendo Ghatotkacha cercado por aqueles Rakshasas ferozes como Vasava pelos Maruts, o poderoso arqueiro Karna começou a lutar ferozmente com ele. Então Ghatotkacha perfurando Karna com cinco flechas proferiu um rugido terrível, amedrontando todos os reis. Disparando novamente uma arma Anjalika, Ghatotkacha rapidamente cortou o arco da mão de Karna junto com a chuva de flechas que o último tinha disparado. Karna então pegando outro arco que era forte e capaz de aguentar uma grande tensão e que era tão grande quanto o arco de Indra, estirou-o com grande força. Então Karna disparou algumas flechas matadoras de inimigo de asas douradas naqueles Rakshasas percorredores do céu. Afligidos por aquelas flechas, os inimigos grandes de peito largo, aqueles Rakshasas, pareciam agitados como uma manada de elefantes selvagens afligida por um leão. Destruindo com suas flechas aqueles Rakshasas junto com seus corcéis e diversos elefantes, o pujante Karna parecia com o divino Agni consumindo todas as criaturas na hora da dissolução universal. Tendo destruído aquela hoste Rakshasa, o filho de Suta parecia resplandecente como o deus Maheswara no céu depois de ter destruído a cidade tripla (dos Asuras). Entre aqueles milhares de reis no lado Pandava, ó majestade, não havia um único, ó monarca, que pudesse até olhar para Karna então, exceto o poderoso Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, que era dotado de energia e força terríveis, e que, inflamado com raiva, então parecia com o próprio Yama. De seus olhos, como ele estava excitado com cólera, chamas de fogo pareciam sair, como gotas ardentes de óleo de um par de tições queimando. Batendo sua palma contra palma e mordendo seu lábio inferior, o Rakshasa foi mais uma vez visto em um carro que tinha sido criado por sua ilusão, e ao qual estavam unidos diversos jumentos, parecendo com elefantes e tendo os rostos de Pisachas. Excitado com cólera, ele se dirigiu ao seu motorista, dizendo, 'Leve-me em direção ao filho de Suta.' Então aquele principal dos guerreiros em carros procedeu naquele seu carro de aparência terrível, para mais uma vez lutar um duelo com o filho de Suta, ó rei! O Rakshasa, cheio de raiva, arremessou no filho de Suta um Asani de obra de Rudra, terrível e equipado com oito rodas. Karna, colocando seu arco em seu carro, saltou no solo e agarrando aquele Asani arremessou-o de volta em Ghatotkacha. O último, no entanto, tinha rapidamente descido de seu carro (antes que a arma pudesse alcançá-lo). O Asani, enquanto isso, de grande refulgência, tendo reduzido o carro do Rakshasa a cinzas, com seus cavalos, motorista, e estandarte, perfurando a terra, desapareceu dentro de suas entranhas, no que os deuses ficaram muito admirados. Então as criaturas aplaudiram Karna, que, tendo

saltado de seu carro, tinha agarrado aquele Asani. Tendo realizado aquela façanha, Karna subiu novamente em seu carro. O filho de Suta, aquele opressor de inimigos, então começou a disparar suas flechas. De fato, ó concessor de honras, não há ninguém mais entre todas as criaturas vivas que pode realizar o que Karna realizou naquela batalha terrível. Atingido por Karna com flechas como uma montanha com torrentes de chuva, Ghatotkacha desapareceu de novo do campo de batalha como as formas de vapor que se dissolvem no céu. Lutando dessa maneira, o Rakshasa gigantesco, aquele matador de inimigos, destruiu as armas celestes de Karna por meio de sua atividade como também de seu poder de ilusão. Vendo suas armas destruídas pelo Rakshasa, ajudado por seus poderes de ilusão, Karna, sem ser inspirado com medo, continuou a lutar com o canibal. Então, ó monarca, o poderoso filho de Bhimasena excitado com fúria dividiu a si mesmo em muitas partes, apavorando todos os poderosos guerreiros em carros (do exército Kuru). Então lá surgiram no campo de batalha leões, e tigres, e hienas, e cobras com línguas ígneas, e aves com bicos de ferro. Em relação ao próprio Ghatotkacha, atingido pelas flechas afiadas que eram disparadas do arco de Karna, aquele enorme Rakshasa, parecendo com (Himavat) o príncipe das montanhas, desapareceu. Então muitos Rakshasas e Pisachas e Yatudhanas, e grande número de lobos e leopardos, de faces terríveis avançaram em direção a Karna para devorá-lo. Estes se aproximaram do filho de Suta, proferindo uivos ferozes para assustá-lo. Karna perfurou cada um daqueles monstros com muitas flechas rápidas aladas e terríveis que beberam seu sangue. Finalmente, usando uma arma celeste, ele destruiu aquela ilusão do Rakshasa. Ele então, com algumas flechas retas e ardentes, atingiu os corcéis de Ghatotkacha. Esses, com membros quebrados e mutilados, e suas costas cortadas por aquelas flechas, caíram no chão, na própria vista de Ghatotkacha. O filho de Hidimva, vendo sua ilusão dissipada, mais uma vez se fez invisível, dizendo para Karna, o filho de Vikartana, 'Eu logo realizarei tua destruição.'"

176

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquele combate entre Karna e o Rakshasa, o valente Alayudha, aquele príncipe Rakshasa, apareceu (no campo). Acompanhado por um grande exército, ele se aproximou de Duryodhana. De fato, cercado por muitos milhares de Rakshasas pavorosos de diversas formas e dotados de grande heroísmo, ele apareceu (no campo) lembrando-se de sua velha rixa (com os Pandavas). Seus parentes, aquele bravo Vaka, que comia Brahmanas, como também Kirmira de grande energia, e seu amigo Hidimva, tinham sido mortos (por Bhima). Ele tinha esperado por um longo tempo, meditando sobre sua velha rixa. Sabendo agora que uma batalha noturna estava sendo travada, ele surgiu, impelido pelo desejo de matar Bhima em combate, como um elefante enfurecido ou uma cobra zangada. Desejoso de lutar, ele se dirigiu a Duryodhana e disse, 'É sabido por ti como meus parentes, os Rakshasas Vaka e Kirmira e Hidimva foram mortos por Bhima. O que eu direi mais? A virgem Hidimva foi antigamente deflorada por ele, desrespeitando a nós e aos outros

Rakshasas. Eu estou aqui, ó rei, para matar aquele Bhima com todos os seguidores, corcéis, carros, e elefantes, como também aquele filho de Hidimva com amigos. Matando hoje todos os filhos de Kunti, Vasudeva e outros que andam à frente deles, eu os devorarei com todos os seus seguidores. Mande todas as tuas tropas desistirem da batalha. Nós lutaremos com os Pandavas.'"

"Ouvindo essas palavras dele, Duryodhana ficou muito contente. Cercado por seus irmãos, o rei, aceitando as palavras do Rakshasa, disse, 'Colocando a ti com os teus na vanguarda, nós lutaremos com o inimigo. Minhas tropas não permanecerão como espectadores indiferentes uma vez que sua inimizade não esfriou.' Aquele touro entre os Rakshasas, dizendo, 'Que assim seja' para o rei, procedeu rapidamente contra Bhima, acompanhado por seu exército canibal. Dotado de uma forma resplandecente, Alayudha estava sobre um carro brilhante como o sol. De fato, ó monarca, aquele carro dele era similar ao carro de Ghatotkacha. O estrépito também do carro de Alayudha era tão profundo quanto aquele de Ghatotkacha, e ele estava enfeitado com muitos arcos. Aquele carro grande estava coberto com peles de urso, e sua medida era um nalwa. Seus corcéis, como aqueles de Ghatotkacha, eram dotados de grande velocidade, pareciam elefantes em forma, e tinham a voz de jumentos. Subsistindo de carne e sangue e gigantescos em tamanho, cem deles estavam unidos ao seu veículo. De fato, o estrépito de seu carro, como aquele de seu rival, era alto e forte, e sua corda de arco era igualmente resistente. Suas flechas também, aladas com ouro e afiadas em pedra, eram tão grandes quanto as de Ghatotkacha, sendo da medida de Akshas. O heróico Alayudha estava tão poderosamente armado como Ghatotkacha, e sobre o estandarte de seu carro, dotado do esplendor do sol ou do fogo, como no de Ghatotkacha, pousavam urubus e corvos. Em forma, ele era mais bonito do que Ghatotkacha, e sua face, agitada (com fúria) parecia fulgurante. Com Angadas brilhantes e diadema brilhante e guirlandas, enfeitado com coroas florais e proteção para a cabeça e espada, armado com maça e Bhushundis e clavas curtas e arados e arcos e flechas, e com pele negra e firme como aquela do elefante, sobre aquele carro possuidor do esplendor do fogo, ele parecia, enquanto empenhado em afligir e derrotar a hoste Pandava, como uma nuvem errante no céu, decorada com lampejos de relâmpago. (Quando Alayudha chegou para a batalha), os principais reis do exército Pandava dotados de grande poder, e armados com (espada e) escudo, e vestidos em armadura, se engajaram na luta, ó rei, com corações alegres.'"

177

"Sanjaya disse, 'Vendo Alayudha de feitos terríveis vir para a batalha, todos os Kauravas ficaram cheios de alegria. Similarmente, teus filhos tendo Duryodhana como seu chefe, (estavam cheios de alegria) como homens sem balsa desejosos de cruzar o oceano quando eles encontram uma balsa. De fato, os reis no exército Kuru então se consideraram como pessoas renascidas depois da morte. (Isto é, eles pensaram que eles tinham obtido uma vida nova.) Eles todos ofereceram uma recepção respeitosa para Alayudha. Durante o progresso daquela batalha terrível

e sobre-humana entre Karna e o Rakshasa à noite, uma batalha a qual embora violenta ainda era encantadora de se ver, os Panchalas, com todos os outros Kshatriyas, assistiram sorridentes como espectadores. Enquanto isso, teus soldados, ó rei, embora protegidos (por seus líderes) por todo o campo e Drona e o filho de Drona e Kripa e outros, proferiram lamentos altos, dizendo, 'Tudo está perdido!' De fato, vendo aquelas façanhas do filho de Hidimva no campo de batalha, todos os teus guerreiros estavam agitados com medo, e proferindo gritos de angústia ficaram quase privados de seus sentidos. Tuas tropas, ó rei, ficaram sem esperança da vida de Karna. Então Duryodhana, vendo Karna caído em grande angústia, convocou Alayudha e disse para ele, 'Lá o filho de Vikartana, Karna, está envolvido em combate com o filho de Hidimva, e está realizando tais façanhas em batalha como são dignas de seu poder e destreza. Veja aqueles bravos reis mortos pelo filho de Bhimasena, atingidos por diversos tipos de armas (e jazendo sobre o campo) como árvores quebradas por um elefante. Entre todos os meus guerreiros reais, que essa seja tua parte em batalha, atribuída por mim, com tua permissão, ó herói, mostrando tua destreza, mate este Rakshasa. Ó subjugador de inimigos, cuide para que este canalha, Ghatotkacha, não possa, confiando em seus poderes de ilusão, matar Karna, o filho de Vikarana, antes de tu acabares com ele.' Assim endereçado pelo rei, aquele Rakshasa de bravura feroz e armas poderosas, dizendo, 'Assim seja,' avançou contra Ghatotkacha. Então o filho de Bhimasena, ó senhor, abandonando Karna, começou a oprimir com flechas seu inimigo que avançava. A batalha que ocorreu então entre aqueles príncipes Rakshasa furiosos, parecia aquela entre dois elefantes enfurecidos na floresta, lutando por causa da mesma elefanta no cio. Livre então do Rakshasa, Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, avançou contra Bhimasena, em seu carro de refulgência solar. Vendo Ghatotkacha envolvido em combate com Alayudha em batalha e afligido como o líder de um rebanho bovino quando envolvido em combate com um leão, Bhima, aquele principal dos batedores, desconsiderando Karna que avançava, avançou em direção a Alayudha, em seu carro de refulgência solar e espalhando nuvens de flechas. Vendo Bhima avançar, Alayudha, ó senhor, abandonando Ghatotkacha, procedeu contra o próprio Bhima. Então Bhima, aquele exterminador de Rakshasas, impetuosamente se precipitou em direção a ele, ó senhor, e cobriu aquele príncipe dos Rakshasas com flechas. Similarmente, Alayudha, aquele castigador de inimigos, repetidamente cobriu o filho de Kunti com flechas retas afiadas em pedra. Todos os outros Rakshasas também, de formas terríveis e armados com diversas armas desejando a vitória dos teus filhos, avançaram contra Bhimasena. O poderoso Bhimasena, assim atacado por eles, perfurou cada um deles com cinco flechas afiadas. Então aqueles Rakshasas de mente perversa, assim recebidos por Bhimasena, proferiram lamentos altos e fugiram para todos os lados. O Rakshasa poderoso, vendo seus seguidores assustados por Bhima, avançou impetuosamente contra Bhima e cobriu-o com flechas. Então Bhimasena, naquela batalha, enfraqueceu seu inimigo por meio de muitas flechas de pontas afiadas. Entre aquelas flechas disparadas nele por Bhima, Alayudha rapidamente cortou algumas e agarrou outras naquela batalha. Então Bhima de destreza terrível, olhando firmemente para aquele príncipe dos Rakshasas, arremessou nele com grande força uma maça dotada da impetuosidade do trovão. Aquela maça correu em direção a ele

como uma chama de fogo, e o canibal a atingiu com uma maça própria, ao que a última (frustrando a primeira) procedeu em direção a Bhima. Então, o filho de Kunti cobriu aquele príncipe dos Rakshasas com chuvas de flechas. O Rakshasa, com suas próprias flechas afiadas, desviou todas aquelas flechas de Bhima. Então todos aqueles guerreiros Rakshasa, de formas terríveis, se reagrupando e voltando para a batalha, por ordem de seu líder, começaram a matar os elefantes (da tropa de Bhima). Os Panchalas e os Srinjayas, os corcéis e elefantes enormes (do exército de Bhima), muito afligidos pelos Rakshasas, ficaram muito agitados. Observando aquela batalha terrível (lutada entre Bhima e o Rakshasa), Vasudeva, aquele principal dos homens se dirigindo a Dhananjaya, disse essas palavras, 'Veja, Bhima de braços fortes está sucumbindo àquele príncipe dos Rakshasas. Vá rapidamente ao encalço de Bhima, sem pensar em qualquer coisa mais, ó filho de Pandu. Enquanto isso, que Dhrishtadyumna e Sikhandin, e Yudhamanyu e Uttamaujas, esses poderosos guerreiros em carros, se unindo com o filho de Draupadi, procedam contra Karna. Que Nakula e Sahadeva e o valente Yuyudhana, ó filho de Pandu, por tua ordem, matem os outros Rakshasas! Com relação a ti mesmo, ó poderosamente armado, resista a essa divisão tendo Drona em sua dianteira. Ó tu de armas poderosas, grande é o perigo que nos ameaça agora.' Depois que Krishna tinha falado assim, aquele principal dos guerreiros em carros, como ordenado, procedeu contra Karna, o filho de Vikartana, e contra os outros Rakshasas (que lutavam pelos Kurus). Então com algumas flechas parecendo cobras de veneno virulento e disparadas de seu arco esticado à sua mais completa extensão, o valente príncipe dos Rakshasas cortou o arco de Bhima. O canibal poderoso em seguida, na própria vista de Bhima, ó Bharata, matou os corcéis e o motorista do último com algumas flechas afiadas. Sem cavalos e sem motorista, Bhima, descendo do terraço de seu carro, proferiu um rugido alto e arremessou uma maça pesada em seu inimigo. Aquela maça pesada, enquanto ela corria impetuosamente em direção a ele com um som terrível, o canibal poderoso desviou com uma maça dele. O último então proferiu um rugido alto. Vendo aquele feito poderoso e terrível daquele príncipe dos Rakshasas, Bhimasena cheio de alegria agarrou outra maça ameaçadora. A batalha então que ocorreu entre aquele guerreiro humano e aquele Rakshasa tornou-se formidável. Com o estrépito de suas maças descendo, a terra tremia violentamente. Lançando de lado suas maças, eles mais uma vez enfrentaram um ao outro. Eles bateram um no outro com seus punhos cerrados, caindo com o som de trovão. Excitados com raiva, eles combateram um ao outro com rodas de carro, e cangas, e Akshas e Adhishthanas, e Upaskaras, realmente, com qualquer coisa que entrava em seu caminho. Enfrentando um ao outro dessa maneira e ambos cobertos com sangue, eles pareciam com um par de elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco. Então, Hrishikesa, sempre dedicado ao bem dos Pandavas, vendo aquele combate, despachou o filho de Hidimva para proteger Bhimasena.'"

178

"Sanjaya disse, 'Vendo Bhima naquela batalha atacado pelo canibal, Vasudeva, se aproximando de Ghatotkacha, disse para ele essas palavras, 'Veja, ó poderosamente armado, Bhima está sendo violentamente atacado pelo Rakshasa em batalha, na própria vista de todas as tropas e de ti mesmo, ó tu de grande esplendor! Abandonando Karna por enquanto, mate Alayudha rapidamente, ó de braços fortes! Tu podes matar Karna depois.' Ouvindo essas palavras dele da linhagem de Vrishni, o valente Ghatotkacha, abandonando Karna, enfrentou Alayudha, aquele príncipe dos canibais e irmão de Vaka. A batalha então que ocorreu à noite entre aqueles dois canibais, isto é, Alayudha e o filho de Hidimva tornou-se violento e terrível, ó Bharata. Enquanto isso, os poderosos guerreiros em carros Yuyudhana, e Nakula, e Sahadeva, perfuraram com flechas afiadas os guerreiros de Alayudha, aqueles Rakshasas heróicos e de aparência terrível, armados com arcos. Vibhatsu enfeitado com diadema, ó rei, naquela batalha, disparando suas flechas para todos os lados, começou a derrubar muitos principais dos Kshatriyas. Enquanto isso, Karna, ó rei, naquela batalha agitou muitos reis e muitos poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna e Sikhandin e outros. Vendo eles massacrados (por Karna), Bhima, de bravura terrível, avançou depressa em direção a Karna, disparando suas flechas naquela batalha. Então aqueles guerreiros também, isto é, Nakula e Sahadeva e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, tendo matado os Rakshasas, procederam para aquele lugar onde o filho de Suta estava. Todos eles, então, começaram a lutar com Karna, enquanto os Panchalas enfrentaram Drona. Então Alayudha, excitado com raiva, atingiu Ghatotkacha, aquele castigador de inimigos, na cabeça, com um Parigha gigantesco. Com o golpe daquele Parigha, o filho poderoso de Bhimasena, dotado de grande destreza, pareceu estar em um estado de desmaio parcial e sentou-se imóvel. Recuperando a consciência, o último, então, naquele combate, arremessou em seu inimigo uma maça ornada com ouro adornada com cem sinos e parecendo um fogo ardente. Arremessada violentamente por aquele realizador de façanhas violentas, aquela maça esmagou em pedaços os corcéis, o motorista, e o carro de alto estrépito de Alayudha. Tendo recorrido à ilusão, o último, então, saltou daquele carro dele, cujos corcéis e rodas e Akshas e estandartes e Kuvara tinham sido todos despedaçados. Confiando em sua ilusão, ele despejou uma chuva copiosa de sangue. O céu então pareceu estar coberto com uma massa de nuvens pretas adornadas com lampejos de relâmpago. Um temporal com relâmpagos e trovões foi então ouvido, acompanhado por estampidos altos e altos ribombos de nuvens. Sons altos também de conversas foram ouvidos naquela batalha terrível. Observando aquela ilusão criada pelo Rakshasa Alayudha, o Rakshasa Ghatotkacha, subindo às alturas, a destruiu por meio de sua própria ilusão. Alayudha, vendo sua própria ilusão destruída por aquela de seu inimigo, começou a despejar uma chuva pesada de pedras em Ghatotkacha. Aquela terrível chuva de pedras, o bravo Ghatotkacha dissipou por meio de uma chuva de flechas. Eles então despejaram diversas armas um sobre o outro, tais como Parighas de ferro e lanças e maças e clavas curtas e malhos, e Pinakas e espadas e arpões e lanças

compridas e Kampanas, e flechas afiadas, longas e de cabeça larga, e setas e discos e machados de batalha, e Ayogudas e setas curtas, e armas com cabeças como aquelas da vaca, e Ulukhalas. E eles atacaram um ao outro, arrancando muitas espécies de árvores de ramos grandes tais como Sami e Pilu e Karira e Champaka, ó Bharata, e Inguidi e Vadari e Kovidara florescentes e Arimeda e Plaksha e banian e peepul, e também com diversos topos de montanhas e diversos tipos de metais. O estrépito daquelas árvores e topos de montanhas se tornou muito alto como o ribombo potente do trovão. De fato, a batalha que teve lugar entre o filho de Bhima e Alayudha, foi, ó rei, terrível ao extremo, como aquela nos tempos antigos, ó monarca, entre Vali e Sugriva, aqueles dois príncipes entre os macacos. Eles atingiram um ao outro com flechas e diversos outros tipos de armas ardentes, como também com cimitarras afiadas. Então os Rakshasas poderosos, avançando um contra o outro, agarraram um ao outro pelo cabelo. E, ó rei, aqueles dois guerreiros gigantescos, com muitos ferimentos em seus corpos e sangue e suor pingando, pareciam com duas massas imensas de nuvens derramando chuva. Então avançando com velocidade e girando o Rakshasa no alto e lançando-o com força no chão, o filho de Hidimva cortou sua cabeça grande. Então pegando aquela cabeça enfeitada com um par de brincos, o poderoso Ghatotkacha proferiu um rugido alto. Vendo o irmão gigantesco de Vaka, aquele castigador de inimigos, morto dessa maneira, os Panchalas e os Pandavas começaram a proferir gritos leoninos. Então, após a queda do Rakshasa, os Pandavas bateram e sopraram milhares de baterias e dezenas de milhares de conchas. Aquela noite então indicava claramente a vitória dos Pandavas. Iluminada com tochas por toda parte, e ressoando com o barulho de instrumentos musicais, a noite parecia muito resplandecente. Então o filho poderoso de Bhimasena jogou no chão a cabeça de Alayudha morto na frente de Duryodhana. Duryodhana, vendo o heróico Alayudha morto, ficou, ó Bharata, cheio de ansiedade, por todas as suas tropas. Alayudha, tendo ido até Duryodhana por iniciativa própria, lembrando-se de sua antiga desavença, tinha dito para ele que mataria Bhima em batalha. O rei Kuru tinha considerado a morte de Bhima como certa, e tinha acreditado que seus irmãos todos teriam vida longa. Vendo aquele Alayudha morto pelo filho de Bhimasena, o rei considerou o voto de Bhima (acerca da morte dele mesmo e seus irmãos) como já cumprido.'"

179

"Sanjaya disse, 'Tendo matado Alayudha, o Rakshasa Ghatotkacha ficou cheio de alegria. Permanecendo na dianteira do exército ele começou a proferir diversos tipos de gritos. Ouvindo aqueles rugidos altos dele que faziam elefantes tremerem, um grande medo, ó monarca, entrou nos corações dos teus guerreiros. Contemplando o filho poderoso de Bhimasena envolvido em combate com Alayudha, o poderoso guerreiro em carro Karna avançou contra os Panchalas. Ele perfurou Dhrishtadyumna e Sikhandin, cada um com dez flechas fortes e retas disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Com várias outras flechas poderosas, o filho de Suta então fez Yudhamanyu e Uttamaujas, e o

grande guerreiro em carro Satyaki tremerem. O arcos daqueles guerreiros também, ó rei, enquanto eles estavam empenhados em atacar Karna de todos os lados, eram vistos estarem esticados a círculos. Naquela noite, o som das cordas de seus arcos e o estrépito das rodas de seus carros (se misturando), tornou-se alto e profundo como o rugido das nuvens no fim do verão. A batalha noturna, ó monarca, parecia uma massa de nuvens reunidas. A vibração das cordas de arco e o estrépito de rodas de carro constituíam seu ribombo. Os arcos (dos guerreiros) constituíam seus lampejos de relâmpago; e chuvas de flechas formavam sua torrente de chuva. Permanecendo imóvel como uma colina e possuidor da força de um príncipe das montanhas, aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Vikartana, Karna, ó rei, destruiu aquela chuva extraordinária de flechas disparada nele. Dedicado ao bem dos teus filhos, Vaikartana de grande alma, na batalha, começou a derrubar seus inimigos com lanças dotadas da força do trovão, e com flechas afiadas, providas de belas asas de ouro. Logo os estandartes de alguns foram quebrados e derrubados por Karna, e os corpos de outros perfurados e mutilados por ele com flechas afiadas; e logo alguns foram privados de motoristas, e alguns de seus cavalos. Extremamente atormentados pelo filho de Suta naquela batalha, muitos deles entraram no exército de Yudhishthira. Vendo eles divididos e obrigados a recuar, Ghatotkacha ficou louco de raiva. Sobre aquele carro excelente dele que era enfeitado com ouro e jóias, ele proferiu um rugido leonino e se aproximando do filho de Vikartana, Karna, perfurou-o com flechas dotadas da força do trovão. Ambos deles começaram a cobrir o céu com flechas farpadas, e flechas da medida de uma jarda (91,4 cm), e flechas de face de rã, e Nalikas e Dandas e Asanis e flechas tendo cabeças como o dente do bezerro ou a orelha do javali, e flechas de cabeça larga, e flechas de pontas como chifres, e outras tendo cabeças como navalhas. O céu, coberto com aquela chuva de flechas, parecia, por causa daquelas flechas aladas com ouro de esplendor ardente correndo horizontalmente através dele, como se (enfeitado) com guirlandas de flores belas penduradas. Cada um dotado de destreza igual àquela do outro, eles atacaram um ao outro igualmente com armas poderosas. Ninguém podia, naquela batalha, encontrar qualquer sinal de superioridade em um ou outro daqueles heróis excelentes. De fato, aquela luta entre o filho de Surya e o filho de Bhima, caracterizada por uma chuva densa e pesada de armas, parecia muito bela e apresentava quase uma vista incomparável como o combate feroz entre Rahu e Surya no firmamento.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando Ghatotkacha, ó rei, aquele principal de todos os conhecedores de armas, descobriu que ele não podia prevalecer sobre Karna, ele chamou à existência uma arma violenta e poderosa. Com aquela arma, o Rakshasa primeiro matou os corcéis de Karna e então o motorista do último. Tendo realizado aquela façanha, o filho de Hidimva rapidamente se fez invisível.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando o Rakshasa lutando por meios enganadores desapareceu dessa maneira, diga-me, ó Sanjaya, o que os guerreiros do meu exército pensaram.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o Rakshasa desaparecer, todos os Kauravas disseram ruidosamente, 'Aparecendo em seguida, o Rakshasa, lutando enganadoramente,

certamente matará Karna.' Então Karna, dotado de agilidade extraordinária no uso de armas, cobriu todos os lados com chuvas de flechas. O céu estando coberto com a escuridão causada por aquela chuva grossa de flechas, todas as criaturas ficaram invisíveis. Tão grande era a agilidade de mão mostrada pelo filho de Suta, que ninguém podia notar quando ele tocava suas aljavas com seus dedos, quando ele fixava suas flechas na corda do arco, e quando ele as mirava e disparava. O céu inteiro parecia estar coberto com suas flechas. Então uma ilusão ameaçadora e terrível foi invocada à existência pelo Rakshasa no céu. Nós contemplamos no céu o que parecia para nós ser uma massa de nuvens vermelhas parecendo a chama resplandecente de um fogo ardente. Daquela nuvem saíam lampejos de relâmpago, e muitos tições ardentes, ó rei Kuru! E tremendos rugidos também saíam dela, como o barulho de milhares de baterias batidas ao mesmo tempo. E dela caíam muitas flechas aladas com ouro, e dardos, lanças e clavas pesadas, e outras armas similares, e machados de batalha, e cimitarras lavadas com óleo, e machados de fios brilhantes, e arpões, e maças com ferrões emitindo raios brilhantes, e maças belas de ferro, e dardos compridos de pontas afiadas, e maças pesadas ornadas com ouro e enroladas com cordas, e Sataghnis, por toda parte. E rochas grandes caíam dela, e milhares de raios com ribombo alto, e muitas centenas de rodas e navalhas do esplendor do fogo. Karna disparando chuvas de flechas, fracassou em destruir aquela torrente densa e ardente de dardos e lanças e clavas. Alto tornou-se o ruído então de corcéis caindo mortos por aquelas flechas, e imensos elefantes atingidos pelo trovão, e grandes guerreiros em carros privados de vida por outras armas. Afligida por Ghatotkacha com aquela chuva terrível de flechas por toda parte, aquela hoste de Duryodhana era vista vagar em grande aflição sobre o campo. Com gritos de 'Oh' e 'Ai', e muito desanimada, aquela hoste errante parecia prestes a ser aniquilada. Os líderes, no entanto, por causa da nobreza de seus corações, não fugiram com rostos virados do campo. Vendo aquela chuva extremamente assustadora e terrível de armas poderosas, causada pela ilusão do Rakshasa, caindo sobre o campo, e vendo seu exército vasto incessantemente massacrado, teus filhos ficaram inspirados com grande temor. Centenas de chacais com línguas ardentes como fogo e gritos terríveis começaram a gritar. E, ó rei, os guerreiros (Kaurava) vendo os Rakshasas gritando, ficaram muito atormentados. Aqueles terríveis Rakshasas com línguas ardentes e bocas ardentes e dentes afiados, e com formas enormes como colinas, posicionados no céu, com dardos em punho pareciam com nuvens despejando torrentes de chuva. Atingidas e oprimidas por aquelas flechas ardentes e dardos e lanças e maças e clavas com pontas de esplendor ardente; e raios e Pinakas e Asanis e discos e Sataghnis, as tropas (Kaurava) começaram a cair. Os Rakshasas começaram a despejar sobre os guerreiros do teu filho dardos compridos, e melado e Sataghnis, e Sthunas feitos de ferro preto e enrolados com cordas de juta. Então todos os combatentes ficaram aturdidos. Bravos guerreiros, com armas quebradas ou soltas de seus punhos, ou privados de cabeças, ou com membros fraturados começaram a cair no campo. E por causa das rochas caindo, corcéis e elefantes e carros começaram a ser esmagados. Aqueles Yatudhanas de formas terríveis, criados por Ghatotkacha com a ajuda de seu poder de ilusão, despejando aquela chuva grossa de armas poderosas não pouparam nem aqueles que estavam apavorados nem aqueles que imploravam por abrigo. Durante aquela

carnificina cruel de heróis Kuru, ocasionada pela própria Morte, durante aquele extermínio de Kshatriyas os guerreiros se dividiram e fugiram de repente com velocidade, gritando alto, 'Fujam, ó Kauravas! Tudo está perdido! Os deuses com Indra em sua dianteira estão nos matando por causa dos Pandavas!' Naquela hora não havia ninguém que pudesse resgatar as tropas Bharata afundando. Durante aquele tumulto violento e derrota e extermínio dos Kauravas, os acampamentos perdendo suas características distintivas, os partidos não podiam ser distinguidos um do outro. De fato, durante aquela terrível fuga desordenada na qual os soldados não mostraram consideração um pelo outro, todos os lados do campo, quando olhados, pareciam estar vazios. Só Karna, ó rei, podia ser visto lá, afogado naquela chuva de armas. Então Karna cobriu o céu com suas flechas, lutando com aquela ilusão celeste do Rakshasa. O filho de Suta, dotado de modéstia e realizando os feitos mais difíceis e nobres, não perdeu seus sentidos naquela batalha. Então, ó rei, todos os Saindhavas e Valhikas olharam amedrontados para Karna que mantinha seus sentidos naquele combate. E eles todos o reverenciaram, enquanto eles olhavam para o triunfo do Rakshasa. Então um Sataghni equipado com rodas, arremessado por Ghatotkacha, matou os quatro corcéis de Karna simultaneamente. Eles caíram no chão, sobre seus joelhos, privados de vida, dentes, olhos, e línguas. Então saltando de seu carro sem cavalos e vendo os Kauravas fugindo, e vendo sua própria arma celeste frustrada pela ilusão Rakshasa, Karna, sem perder sua razão, dirigiu sua mente para dentro e começou a refletir sobre o que ele devia fazer em seguida. Naquele momento todos os Kauravas, vendo Karna e aquela ilusão terrível (do Rakshasa) gritaram dizendo, 'Ó Karna, mate o Rakshasa logo com teu dardo. Esses Kauravas e os Dhartarashtras estão prestes a serem aniquilados. O que Bhima e Arjuna farão para nós? Mate este Rakshasa perverso nas altas horas da noite, que está destruindo todos nós. Aqueles que escaparem desse combate terrível lutarão com os Parthas em batalha. Portanto, mate este Rakshasa terrível agora com aquele dardo dado a ti por Vasava. Ó Karna, não deixe estes grandes guerreiros, os Kauravas, estes príncipes que parecem o próprio Indra, serem todos destruídos nessa batalha noturna.' Então Karna, vendo o Rakshasa vivo tarde da noite, e o exército Kuru tomado pelo medo, e ouvindo também os lamentos altos dos últimos colocou seu coração em arremessar seu dardo. Inflamado com raiva como um leão colérico e incapaz de tolerar os assaltos do Rakshasa, Karna pegou aquele principal dos dardos concessor de vitória e invencível, desejoso de executar a destruição de Ghatotkacha. De fato, aquele dardo, ó rei, o qual ele tinha mantido e adorado por anos para (executar) a morte do filho de Pandu em batalha, aquele principal dos dardos que o próprio Sakra tinha dado para o filho de Suta em troca dos brincos do último, aquele míssil ardente e terrível enrolado com cordas e que parecia sedento de sangue, aquela arma ameaçadora que parecia com a própria língua do Destruidor ou a irmã da própria Morte, aquele dardo terrível e refulgente, Naikartana, foi imediatamente arremessado no Rakshasa. Vendo aquela arma excelente e resplandecente capaz de perfurar o corpo de todo inimigo, nas mãos do filho de Suta, o Rakshasa começou a fugir de medo assumindo um corpo gigantesco como a base das montanhas Vindhya. De fato, vendo aquele dardo na mão de Karna, todas as criaturas no céu, ó rei, proferiram gritos altos. Ventos violentos começaram a soprar, e trovões com ribombo alto começaram a cair na

terra. Destruindo aquela ilusão ardente de Ghatotkacha e atravessando direto seu peito aquele dardo resplandecente se elevou alto na noite e entrou em uma constelação estrelada no firmamento. Tendo lutado, usando diversas armas belas, com muitos Rakshasas heróicos e guerreiros humanos, Ghatotkacha, então proferindo diversos rugidos terríveis, caiu, privado de vida por aquele dardo de Sakra. Este também foi outro feito muito extraordinário que o Rakshasa realizou para a destruição de seus inimigos, que na hora quando seu coração foi perfurado por aquele dardo, ele brilhou resplandecente, ó rei, como uma montanha imensa ou uma massa de nuvens. De fato, tendo assumido aquela forma terrível e impressionante, o filho de Bhimasena de feitos terríveis caiu. Quando morrendo, ó rei, ele caiu sobre uma parte do teu exército e prensou aquelas tropas pelo peso de seu próprio corpo. Caindo rapidamente, o Rakshasa com seu corpo gigantesco e ainda aumentando, desejoso de beneficiar os Pandavas, matou um Akshauhini inteiro de tuas tropas enquanto ele mesmo dava seu último suspiro. Então um tumulto alto ergueu-se lá composto de gritos leoninos e clangor de conchas e a batida de baterias e pratos. Os Kauravas de fato, vendo a ilusão do Rakshasa destruída e o próprio Rakshasa morto proferiram gritos altos de alegria. Então Karna, reverenciado pelos Kurus como Sakra tinha sido pelos Maruts após a morte de Vritra, subiu atrás do carro do teu filho, e se tornando o observado de todos, entrou na hoste Kuru.'"

180

"Sanjaya disse, 'Vendo o filho de Hidimva morto e jazendo como uma montanha partida, todos os Pandavas ficaram cheios de tristeza e começaram a derramar lágrimas copiosas. Só Vasudeva cheio de êxtases de alegria começou a proferir gritos leoninos, afligindo os Pandavas. De fato, proferindo gritos altos ele abraçou Arjuna. Amarrando os cavalos e proferindo rugidos altos, ele começou a dançar em um êxtase de alegria, como uma árvore sacudida por uma tempestade. Então abraçando Arjuna mais uma vez, e repetidamente batendo em seus próprios braços, Achyuta dotado de grande inteligência começou a gritar novamente, permanecendo no terraço do carro. Observando aqueles sinais de regozijo que Kesava manifestou, Dhananjaya, ó rei, com o coração em aflição, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó matador de Madhu, tu demonstras grande alegria em um momento mal adequado para isto, de fato em uma ocasião para tristeza causada pela morte do filho de Hidimva. Nossas tropas estão fugindo, vendo Ghatotkacha morto. Nós também estamos cheios de ansiedade por causa da queda do filho de Hidimva. Ó Janardana, a causa deve ser muito séria quando em tal momento tu sentes tal alegria. Portanto, ó principal dos homens sinceros, perguntado por mim, diga-me realmente (qual é esse motivo). De fato, se não for um segredo, cabe a ti, ó castigador de inimigos, dizê-lo para mim. Ó matador de Madhu, conte-me o que removeu tua gravidade hoje. Esse teu ato, ó Janardana, essa leveza de coração, me parece como a secagem completa do oceano ou a locomoção de Meru.'"

"Vasudeva disse, 'Grande é a alegria que eu sinto. Ouça-me, Dhananjaya! Isso que eu te direi dissipará imediatamente tua tristeza e infundirá alegria no teu

coração. Ó tu de esplendor grandioso, saiba, ó Dhananjaya, que Karna, seu dardo sendo frustrado por meio de Ghatotkacha, já está morto em batalha. Não existe nesse mundo o homem que poderia ficar diante de Karna armado com aquele dardo e parecendo com Kartikeya em batalha. Por boa sorte, sua armadura (natural) foi tirada. Por boa sorte, seus brincos também foram tirados. Por boa sorte, seu dardo infalível também foi frustrado agora, por Ghatotkacha. Vestido em cota de malha (natural) e enfeitado com seus brincos (naturais), Karna, que tinha seus sentidos sob controle, podia subjugar sozinho os três mundos com os próprios deuses. Nem Vasava, nem Varuna o senhor das águas, nem Yama, podiam se arriscar a se aproximar dele. De fato, se aquele touro entre homens tivesse sua armadura e brincos, nem tu mesmo, curvando o Gandiva, nem eu mesmo, erguendo meu disco, chamado Sudarsana, poderíamos derrotá-lo em batalha. Para o teu bem, Karna foi privado de seus brincos por Sakra com a ajuda de uma ilusão. Similarmente aquele subjugador de cidades hostis foi privado de sua armadura (natural). De fato, porque Karna, cortando sua armadura (natural) e seus brincos brilhantes, os deu para Sakra, é por isso que ele veio a ser chamado de Vaikartana. Karna agora me parece ser como uma cobra enfurecida de veneno virulento entorpecida por poder de encantamento, ou como um fogo de chamas suaves. Desde aquele momento, ó poderosamente armado, quando Sakra de grande alma deu aquele dardo para Karna em troca dos brincos do último, e armadura celeste, aquele dardo, isto é, o qual matou Ghatotkacha, desde aquela época, Vrisha, tendo-o obtido, sempre tinha te considerado como morto em batalha! Mas embora privado daquele dardo, ó impecável, eu juro para ti que aquele herói ainda não pode ser morto por ninguém mais exceto tu. Devotado aos Brahmanas, sincero em palavras, dedicado a penitências, cumpridor de votos, bondoso até para inimigos, por essas razões Karna é chamado de Vrisha. Heróico em batalha, possuidor de braços fortes e com arco sempre erguido, como o leão na floresta privando líderes de manadas de elefantes de seu orgulho, Karna sempre priva os maiores guerreiros em carros de seu orgulho no campo de batalha, e parece o sol do meio dia para o qual ninguém pode olhar. Lutando com todos os ilustres e principais dos guerreiros do teu exército, ó tigre entre homens, Karna, enquanto disparando suas chuvas de flechas, parece com o sol outonal com seus mil raios. De fato, disparando incessantemente chuvas de flechas como as nuvens despejando torrentes de chuva no fim do verão, Karna é como uma nuvem torrencial carregada com armas celestes. Ele não pode ser vencido em batalha pelos deuses, ele os mutilaria de tal maneira que sua carne e sangue cairiam copiosamente no campo. Privado, no entanto, de sua armadura como também de seus brincos, ó filho de Pandu, e privado também do dardo dado a ele por Vasava, Karna é agora como um homem (e não mais como um deus). Haverá uma oportunidade para matá-lo. Quando as rodas do carro dele afundarem no solo, te aproveitando daquela oportunidade, tu deves matá-lo naquela situação aflitiva. Eu te farei um sinal antes. Avisado por isto, tu deves agir. O próprio subjugador de Vala, aquele principal dos heróis, manejando seu trovão, é incapaz de matar o invencível Karna enquanto o último permanece com arma na mão. De fato, ó Arjuna, para o teu bem, com a ajuda de diversos artifícios eu matei, um após outro, Jarasandha e o soberano ilustre dos Chedis e o poderosamente armado Nishada do nome de Ekalavya. Outros grandes Rakshasas tendo Hidimva

e Kirmira e Vaka como seus principais, como também Alayudha, aquele opressor de tropas hostis, e Ghatotkacha, aquele subjugador de inimigos e guerreiro de atos violentos, todos foram mortos.'"

181

"Arjuna disse, 'Como, ó Janardana, para o nosso bem, e por quais meios, aqueles senhores da terra, isto é, Jarasandha e os outros, foram mortos?'"

"Vasudeva disse, 'Se Jarasandha, e o soberano dos Chedis, e o poderoso filho do rei Nishada não tivessem sido mortos, eles teriam se tornado terríveis. Sem dúvida, Duryodhana teria escolhido aqueles principais dos guerreiros (para abraçar seu lado). Eles sempre foram hostis a nós, e, consequentemente, eles todos teriam adotado o lado dos Kauravas. Todos eles eram heróis e poderosos arqueiros educados em armas e firmes em batalha. Como os celestiais (em destreza), eles teriam protegido os filhos de Dhritarashtra. De fato, o filho de Suta, e Jarasandha, e o soberano dos Chedis, e o filho do Nishada adotando o filho de Suyodhana, teriam conseguido conquistar a terra inteira. Ouça, ó Dhananjaya, por quais meios eles foram mortos. De fato, sem o emprego de recursos, os próprios deuses não poderiam ter conquistado eles em batalha. Cada um deles, ó Partha, podia lutar em batalha com toda a hoste celeste protegida pelos Regentes do mundo. (Em uma ocasião), atacado por Valadeva, Jarasandha, excitado com cólera, arremessou para nossa destruição uma maça capaz de matar todas as criaturas. Dotada do esplendor do fogo, aquela maça correu em direção a nós dividindo o céu como a linha na cabeça que separa os cabelos de uma mulher, e com a impetuosidade do trovão arremessado por Sakra. Vendo aquela maça assim correndo em direção a nós o filho de Rohini lançou a arma chamada Sthunakarna para frustrá-la. Sua força destruída pela energia da arma de Valadeva, aquela maça caiu na terra, rachando-a (com seu poder) e fazendo as próprias montanhas tremerem. Havia uma Rakshasi terrível de nome Jara, dotada de grande destreza. Ela, ó príncipe, tinha unido aquele matador de inimigos, e, portanto, o último foi chamado Jarasandha. Jarasandha era composto de duas metades de uma criança. E porque foi Jara que uniu aquelas duas metades, foi por isso que ele veio a ser chamado de Jarasandha (que literalmente significa "unido por Jara.") Aquela mulher Rakshasa, ó Partha, que vivia lá dentro da terra, foi morta com seus filhos e parentes por meio daquela maça e a arma de Sthunakarna. Privado de sua maça naquela grande batalha, Jarasandha foi morto depois por Bhimasena na tua presença, ó Dhananjaya. Se o valente Jarasandha tivesse permanecido armado com sua maça, os próprios deuses com Indra em sua dianteira não poderiam tê-lo matado em batalha, ó melhor dos homens! Para o teu bem, o filho de Nishada também, de bravura incapaz de ser frustrada, foi, por um ato de astúcia, privado de seu polegar por Drona, assumindo a posição de seu preceptor. Orgulhoso e dotado de destreza constante, o filho de Nishada, com dedos envolvidos em luvas de couro, parecia resplandecente como um segundo Rama. Não privado do polegar, Ekalavya, ó Partha, não podia ser vencido em batalha pelos deuses, os Danavas, os Rakshasas, e os Uragas (juntos). De aperto

firme, educado em armas, e capaz de disparar incessantemente dia e noite, ele não podia ser olhado por meros homens. Para o teu bem, ele foi morto por mim no campo de batalha. Dotado de grande bravura, o soberano dos Chedis foi morto por mim diante dos teus olhos. Ele também era incapaz de ser vencido em batalha pelos deuses e os Asuras juntos. Eu nasci para matá-lo como também os outros inimigos dos deuses, com tua ajuda, ó tigre entre homens, pelo desejo de beneficiar o mundo. Hidimva e Vaka e Kirmira foram todos mortos por Bhimasena. Todos aqueles Rakshasas eram dotados de poder igual àquele de Ravana e todos eles eram destruidores de Brahmanas e sacrifícios. Similarmente, Alayudha, possuidor de grandes poderes de ilusão, foi morto pelo filho de Hidimva. O filho de Hidimva também, eu matei pelo emprego de meios, isto é, através de Karna com seu dardo. Se Karna não o tivesse matado com seu dardo em grande batalha, eu mesmo teria tido que matar o filho de Bhima Ghatotkacha. Pelo desejo de beneficiar você, eu não o matei antes. Aquele Rakshasa era hostil a Brahmanas e sacrifícios. Porque ele era um destruidor de sacrifícios e de uma alma pecaminosa, portanto ele foi morto dessa maneira. Ó impecável, por aquele ato como o meio, o dardo dado por Sakra também foi tornado inútil. Ó filho de Pandu, aqueles que são destruidores da retidão estão todos sujeitos a serem mortos por mim. Esse mesmo é o voto feito por mim, para estabelecer a justiça. Onde os Vedas e verdade e autodomínio e pureza e justiça e modéstia e prosperidade e sabedoria e perdão são sempre encontrados, lá eu mesmo sempre permaneço. Tu não precisas ficar ansioso em absoluto a respeito da morte de Karna. Eu te direi os meios pelos quais tu o matarás. Vrikodara também conseguirá matar Suyodhana. Eu te direi, ó filho de Pandu, os meios pelos quais isso terá que ser empreendido. Enquanto isso, o tumulto feito pelo exército hostil está aumentando. Tuas tropas também estão fugindo para todos os lados. Tendo alcançado seus objetivos, os Kauravas estão destruindo tua hoste. De fato, Drona, aquele principal de todos os batedores, está nos chamuscando em batalha.'"

182

"Dhritarashtra disse, 'Quando o filho de Suta tinha tal dardo que era certo de matar uma pessoa, por que ele não o arremessou em Partha, à exclusão de todos os outros? Após a morte de Partha por meio daquele dardo, todos os Srinjayas e os Pandavas teriam sido mortos. De fato, após a morte de Phalguna, por que a vitória não seria nossa? Arjuna fez um voto no sentido de que convocado para a batalha ele nunca se recusaria a aceitar o desafio. O filho de Suta deveria ter, portanto, convocado Phalguna para a batalha. Diga-me, ó Sanjaya, por que Vrisha então não se envolvendo em duelo com Phalguna matou o último com aquele dardo dado a ele por Sakra? Sem dúvida, meu filho é desprovido de inteligência e conselheiros! Aquele infeliz pecaminoso é constantemente frustrado pelo inimigo. Como ele então conseguirá derrotar seus inimigos? De fato, aquele dardo o qual era tal arma poderosa e da qual dependia sua vitória, ai, aquele dardo, por meio de Vasudeva, foi tornado inútil por Ghatotkacha. De fato, ele foi arrebatado de Karna, como uma fruta da mão de um aleijado, com um braço deformado, por uma

pessoa forte. Assim mesmo aquele dardo fatal foi tornado inútil por Ghatotkacha. Como em uma briga entre um javali e um cachorro, após a morte de um dos dois, o caçador é o partido beneficiado, eu penso, ó erudito, que assim mesmo Vasudeva foi o partido a lucrar com a batalha entre Karna e o filho de Hidimva. Se Ghatotkacha tivesse matado Karna em batalha, isso teria sido uma grande vantagem para os Pandavas. Se, por outro lado, Karna tivesse matado Ghatotkacha, isso também teria sido uma grande vantagem para eles por consequência da perda do dardo de Karna. Dotado de grande sabedoria, aquele leão entre homens, isto é, Vasudeva, refletindo dessa maneira, e para fazer o que era agradável e para o bem para os Pandavas, fez Ghatotkacha ser morto por Karna em batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Sabendo do feito que Karna desejava realizar, o matador de Madhu, Janardana de braços fortes, ó rei, mandou o príncipe dos Rakshasas, Ghatotkacha de energia poderosa, se envolver em duelo com Karna para tornar, ó monarca, inútil o dardo fatal do último. Tudo isso, ó rei, é o resultado da tua má política! Nós certamente teríamos obtido êxito, ó perpetuador da linhagem de Kuru, se Krishna não tivesse salvado (dessa maneira) o poderoso guerreiro em carro Partha das mãos de Karna. De fato, Partha teria sido destruído com seus corcéis, estandarte, e carro, em batalha, oh Dhritarashtra, se aquele mestre, aquele senhor de Yogins, isto é, Janardana não o tivesse salvado. Protegido por diversos meios, ó rei, e bem auxiliado por Krishna, Partha se aproximando de seus inimigos derrotou aquele dardo fatal, de outra maneira aquela arma teria destruído rapidamente o filho de Kunti como o relâmpago destruindo uma árvore.'"

"Dhritarashtra disse, 'Meu filho gosta de disputa. Seus conselheiros são tolos. Ele é vaidoso de sua sabedoria. É por isso que esse meio certo da morte Arjuna foi frustrado. Por que, ó Suta, Duryodhana, ou aquele principal de todos os manejadores, isto é, Karna, possuidor de grande inteligência, não arremessou aquele dardo fatal em Dhananjaya? Por que, ó filho de Gavalgana, tu também esqueceste este grande objetivo, possuidor como tu és de grande sabedoria, ou por que tu não lembraste Karna disto?'"

"Sanjaya disse, 'De fato, ó rei, toda noite isso formava o assunto de deliberação com Duryodhana e Sakuni e eu mesmo e Duhsasana. E nós dizíamos para Karna, 'Excluindo todos os outros guerreiros, ó Karna, mate Dhananjaya. Nós então dominaremos os Pandus e os Panchalas como se eles fossem nossos escravos. Ou, se após a queda de Partha, ele da linhagem de Vrishni nomear outro entre os filhos de Pandu (nesse lugar para continuar a luta), que o próprio Krishna seja morto. Krishna é a raiz dos Pandavas, e Partha é como seu tronco elevado. Os outros filhos de Pritha são como seus ramos, enquanto os Panchalas podem ser chamados de suas folhas. Os Pandavas tem Krishna como seu refúgio, Krishna como seu poder, Krishna como seu líder. De fato, Krishna é seu suporte central assim como a lua é das constelações. Portanto, ó filho de Suta, evitando as folhas e ramos e tronco, mate aquele Krishna que é em todos os lugares e sempre a raiz dos Pandavas.' De fato, se Karna tivesse matado ele da linhagem de Dasarha, isto é, aquele alegrador dos Yadavas, a terra inteira, ó rei, sem dúvida, teria caído sob teu controle. Realmente, ó monarca, se aquele ilustre, aquele encantador de

ambos os Yadavas e os Pandavas, pudesse ser feito jazer na terra, privado de vida, então indubitavelmente, ó monarca, a terra inteira com as montanhas e florestas teria possuído tua supremacia. Nós nos levantávamos todas as manhãs, tendo tomado tal decisão em relação àquele Senhor dos próprios deuses, isto é, Hrishikesa de energia incomensurável. Na hora da batalha, no entanto, nós esquecíamos nossa resolução. Kesava sempre protegia Arjuna, o filho de Kunti. Ele nunca colocava Arjuna diante do filho de Suta em batalha. De fato, Achyuta sempre colocava outros principais dos guerreiros em carros diante de Karna, pensando como aquele nosso dardo fatal poderia ser feito inútil por nós mesmos, ó senhor! Quando, além disso, Krishna de grande alma protegia Partha dessa maneira de Karna, por que, ó monarca, aquele principal dos seres não protegeria a si mesmo? Refletindo bem, eu vejo que não há pessoa nos três mundos que seja hábil para derrotar aquele castigador de inimigos, isto é, Janardana, aquele herói portando o disco na mão.'"

"Sanjaya continuou, 'Aquele tigre entre os guerreiros em carros, isto é, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada, perguntou a Krishna de braços fortes sobre o grande guerreiro em carro Karna, dizendo, 'Ó Janardana, essa era a firme decisão de Karna, isto é, que ele lançaria aquele dardo de energia imensurável em Phalguna. Por que, no entanto, o filho de Suta realmente não o arremessou então nele?'"

"Vasudeva disse, 'Duhsasana e Karna e Sakuni e o soberano dos Sindhus, com Duryodhana em sua chefia, tinham debatido frequentemente sobre esse assunto. Dirigindo-se a Karna, eles costumavam dizer, 'Ó Karna, ó grande arqueiro, ó tu de destreza incomensurável em batalha, ó principal de todos os vencedores, esse dardo não deve ser lançado em ninguém mais do que aquele grande guerreiro em carro, isto é, o filho de Kunti, Partha ou Dhananjaya. Ele é o mais célebre entre eles, como Vasava entre os deuses. Ele sendo morto, todos os outros Pandavas com os Srinjayas ficarão sem entusiasmo como celestiais sem fogo!' (Fogo sendo a boca dos celestiais, sem fogo, os celestiais ficariam sem boca.) Karna tendo concordado com isso, dizendo 'Assim seja' (o desejo de) massacrar o manejador do Gandiva, ó touro entre os Sinis, estava sempre presente no coração de Karna. Eu, no entanto, ó principal dos guerreiros, sempre costumava entorpecer o filho de Radha. Foi por isso que ele não arremessou o dardo no filho de Pandu, possuindo corcéis brancos. Enquanto eu não pude frustrar aquele meio da morte de Phalguna, eu não tinha nem sono, nem alegria em meu coração, ó principal dos guerreiros! Vendo aquele dardo, portanto, tornado inútil por Ghatotkacha, ó touro entre os Sinis, eu considerei Dhananjaya hoje como tenho sido resgatado de dentro das mandíbulas da Morte. Eu não considero meu pai, minha mãe, vós mesmos, meus irmãos, sim, minha própria vida, tão dignos de proteção quanto Vibhatsu em batalha. Se houvesse qualquer coisa mais preciosa do que a soberania dos três mundos, eu, ó Satwata, não desejaria (desfrutar) dela sem o filho de Pritha, Dhananjaya (para dividi-la comigo). Vendo Dhananjaya, portanto, como alguém que voltou dos mortos, esses êxtases de alegria, ó Yuyudhana, tem sido meus. Foi por isso que eu despachei o Rakshasa até Karna para lutar. Ninguém mais era capaz de resistir, durante a noite, a Karna em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim mesmo o filho de Devaki que está sempre dedicado ao bem de Dhananjaya e ao que é agradável para ele, falou para Satyaki naquela ocasião.'"

183

"Dhritarashtra disse, 'Eu vejo, ó senhor, que esse ato de Karna e Duryodhana e do filho de Suvala, Sakuni, e de ti mesmo, em especial, foi muito contra os ditames de política. De fato, quando vocês sabiam que aquele dardo podia sempre matar uma pessoa em batalha, e que ele não podia ser resistido ou frustrado pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia, por que então, ó Sanjaya, ele não foi lançado por Karna no filho de Devaki, ou Phalguna, enquanto ele estava envolvido em combate com ele em batalha antes?'"

"Sanjaya disse, 'Voltando da batalha todo dia, ó monarca, todos nós, ó principal da linhagem de Kuru, costumávamos debater durante a noite e dizer para Karna: 'Amanhã de manhã, ó Karna, este dardo deve ser arremessado ou em Kesava ou em Arjuna.' Quando, no entanto, a manhã vinha, ó rei, por causa do destino, Karna e os outros guerreiros esqueciam essa resolução. Eu penso que o destino é supremo, já que Karna, com aquele dardo em suas mãos, não matou em batalha Partha ou o filho de Devaki, Krishna. De fato, porque sua compreensão foi afligida pelo próprio destino, é por isso que ele, entorpecido pela ilusão dos deuses, não lançou aquele dardo fatal de Vasava, embora ele o tivesse em sua mão, no filho de Devaki, Krishna, para sua destruição ou em Partha dotado de destreza semelhante à de Indra, ó senhor!'"

"Dhritarashtra disse, 'Vocês são destruídos pelo destino, por sua própria compreensão, e por Kesava. O dardo de Vasava está perdido, tendo efetuado a morte de Ghatotkacha que era tão insignificante como palha. Karna, e meus filhos, como todos os outros reis, por causa do seu ato muito imprudente, já entraram na residência de Yama. Conte-me agora como a batalha foi mais uma vez travada entre os Kurus e os Pandavas depois da queda do filho de Hidimva. Como aqueles que avançaram contra Drona, organizados em formação de combate e bem hábeis em atacar, isto é, os Srinjayas e os Panchalas, lutaram? Como, de fato, os Pandus e Srinjayas resistiram ao castigador Drona, quando o último procedendo contra eles penetrou em sua hoste, excitado com cólera pela morte de Bhurisravas e Jayadratha, indiferente à sua própria vida, e parecendo um tigre bocejante ou o próprio Destruidor com boca escancarada? O que também eles fizeram em batalha, ó majestade, isto é, o filho de Drona e Karna e Kripa e outros encabeçados por Duryodhana que protegiam o preceptor? Diga-me, ó Sanjaya, como meus guerreiros naquela batalha cobriram com suas flechas Dhananjaya e Vrikodara que estavam desejosos de matar o filho de Bharadwaja. Como, de fato, estes excitados com cólera pela morte do soberano dos Sindhus, e aqueles pela morte de Ghatotkacha, cada lado incapaz de tolerar sua perda, lutaram aquela batalha noturna?'"

"Sanjaya disse, 'Após a morte, naquela noite, ó rei, do Rakshasa Ghatotkacha, por Karna, tuas tropas, cheias de alegria, proferiram gritos altos. Naquela hora escura da noite, eles se lançaram impetuosamente sobre as tropas Pandava e começaram a massacrá-las. Vendo tudo isso, o rei Yudhishthira ficou muito desanimado, ó castigador de inimigos. O filho poderosamente armado de Pandu então dirigiu-se a Bhimasena e disse, 'Ó tu de braços fortes, resista à hoste Dhritarashtra. Por causa da morte do filho de Hidimva, um grande estupor me domina.' Tendo ordenado Bhimasena dessa maneira, ele sentou-se em seu carro. Com rosto lacrimoso e suspirando repetidamente, o rei ficou extremamente triste à visão da destreza de Karna. Vendo ele assim afligido, Krishna disse essas palavras, 'Ó filho de Kunti, que tal aflição não seja tua. Semelhante desânimo não fica bem em ti, ó chefe dos Bharatas, como em uma pessoa comum. Levante, ó rei, e lute. Carregue a carga pesada, ó senhor! Se o desânimo toma conta de ti, nossa vitória se torna incerta.' Ouvindo essas palavras de Krishna, o filho de Dharma, Yudhishthira, enxugando seus olhos com suas mãos, respondeu para Krishna, dizendo, 'Ó tu de braços fortes, o caminho excelente do dever não é desconhecido para mim. As terríveis consequências de matar um Brahmana são daquele que esquece os serviços que ele recebe das mãos de outro. Enquanto nós estávamos vivendo nas florestas o filho de grande alma de Hidimva, embora então um mero menino fez muitos serviços para nós, ó Janardana! Sabendo que Partha, tendo corcéis brancos, tinha partido para a aquisição de armas, aquele arqueiro formidável (Ghatotkacha), ó Krishna, foi até mim em Kamyaka. Ele morou conosco até a reaparição de Dhananjaya. Enquanto passando por muitas fortalezas inacessíveis, ele mesmo carregou em suas costas a cansada princesa de Panchala. As façanhas que ele realizou, ó senhor, mostram que ele era hábil em todos os modos de guerra. De fato, aquele de grande alma realizou muitos atos difíceis para meu benefício. Minha afeição por Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas é o dobro daquela, ó Janardana, que eu tenho naturalmente por Sahadeva. Aquele poderosamente armado era devotado a mim. Eu era caro para ele e ele era caro para mim. É por isso que, chamuscado pela dor, ó tu da linhagem de Vrishni, eu fiquei tão triste. Veja, ó tu da linhagem de Vrishni, nossas tropas afligidas e derrotadas pelos Kauravas. Veja, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Drona e Karna, estão lutando seriamente em batalha. Veja a hoste Pandava oprimida altas horas da noite, como um bosque extenso de urzes por um par de elefantes enfurecidos. Desconsiderando o poder do filho de Bhimasena, como também a variedade de armas que Partha tem, os Kauravas estão aplicando sua destreza. Lá, Drona e Karna e o rei Suyodhana, tendo matado o Rakshasa em batalha, estão proferindo rugidos altos. Como, ó Janardana, quando nós estamos vivos e tu mesmo também, pode o filho de Hidimva ser morto enquanto envolvido em combate com o filho de Suta? Tendo causado um grande massacre entre nós, e na própria visão de Savyasachin, Karna, ó Krishna, matou o filho de Bhimasena de grande força, o Rakshasa Ghatotkacha. Quando Abhimanyu foi morto pelos Dhartarashtras perversos, o poderoso guerreiro em carro Savyasachin, ó Krishna, não estava presente naquela batalha. Nós também fomos todos impedidos pelo soberano ilustre dos Sindhus. Drona, com seu filho (Aswatthaman), tornou-se a causa daquele ato. O próprio preceptor disse para Karna os meios de matar Abhimanyu. Enquanto Abhimanyu estava lutando com a

espada foi o próprio preceptor que cortou aquela arma. E quando caído em tal angústia, Kritavarman muito cruelmente matou os cavalos e os dois motoristas Parshni (do menino). Outros grandes arqueiros então mataram o filho de Subhadra. Por uma pequena ofensa, ó Krishna, o soberano dos Sindhus foi morto pelo manejador do Gandiva. Ó principal entre os Yadavas, aquele ato não me deu grande alegria. Se a morte de inimigos é justa e deve ser realizada pelos Pandavas, então Drona e Karna deveriam ter sido mortos antes disto. Isso é o que eu penso. Ó touro entre homens, aqueles dois são a causa de nossas aflições. Obtendo aqueles dois (como seus aliados) em batalha, Suyodhana ficou confiante. De fato, quando era Drona que deveria ter sido morto ou o filho de Suta com seus seguidores, o poderosamente armado Dhananjaya matou o rei Sindhu cuja ligação com o caso era muito remota. A punição do filho de Suta deve sem dúvida ser empreendida por mim. Eu irei, portanto, ó herói, agora lutar para matar o filho de Suta. Bhimasena de braços fortes está agora envolvido em combate com a divisão de Drona.' Tendo dito essas palavras, Yudhishthira procedeu rapidamente contra Karna, segurando seu arco formidável e soprando sua concha ferozmente. Então, cercado por um exército Panchala e Prabhadraka de mil carros, trezentos elefantes e cinco mil cavalos, Sikhandin seguiu depressa na esteira do rei. Então os Panchalas e os Pandavas vestidos em armadura encabeçados por Yudhishthira bateram suas baterias e sopraram suas conchas. Nesse momento Vasudeva de braços poderosos, dirigindo-se a Dhananjaya disse, 'Cheio de ira, lá procede o rei Yudhishthira com grande velocidade pelo desejo de matar o filho de Suta. Não é apropriado que tu contes com ele nisto.' Dizendo essas palavras, Hrishikesa rapidamente incitou os corcéis. De fato, Janardana seguiu na esteira do rei que estava agora a uma distância. Naquele momento, vendo o filho de Dharma, Yudhishthira, cuja mente estava afligida pela dor e que parecia estar chamuscado como se por fogo, avançar rapidamente pelo desejo de matar o filho de Suta, Vyasa se aproximou dele e disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Por boa sorte, Phalguna ainda vive embora ele tenha enfrentado Karna em batalha. De fato, Karna tinha mantido seu dardo, desejoso de matar Savyasachin. Ó touro da raça Bharata, por boa sorte Jishnu não se envolveu em duelo com Karna. Cada um deles naquele caso desafiando o outro, teriam disparado suas armas celestes para todos os lados. As armas do filho de Suta teriam sido destruídas por Arjuna. O primeiro então afligido pelo último, certamente teria lançado o dardo de Indra naquela batalha. Ó Yudhishthira! Ó principal da linhagem de Bharata, (se isso tivesse acontecido), então grande teria sido tua dor. Ó concessor de honras, por boa sorte o Rakshasa foi morto em batalha pelo filho de Suta. De fato, Ghatotkacha foi morto pela própria morte fazendo o dardo de Vasava um instrumento somente. Para o teu bem é, ó majestade, que o Rakshasa foi morto em batalha. Não te entregue à raiva, ó principal da família de Bharata, e não coloque teu coração na aflição. Ó Yudhishthira, esse é o fim de todas as criaturas neste mundo. Unindo-te com teus irmãos e todos os reis ilustres (da hoste), lute com os Kauravas em batalha, ó Bharata! No quinto dia a partir deste, a terra será tua. Ó tigre entre homens, sempre pense na virtude. Com o coração alegre, ó filho de Pandu, pratique bondade (para todas as criaturas), penitências, caridade, perdão, e veracidade. A

vitória está onde a justiça está.' Tendo dito essas palavras para o filho de Pandu, Vyasa se fez invisível."

184

(Drona vadha Parva)

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Vyasa, o heróico rei Yudhishthira o justo se absteve, ó touro da raça Bharata, de ele mesmo procurar matar Karna. Por causa, no entanto, da morte de Ghatotkacha pelo filho de Suta aquela noite, o rei ficou cheio de dor e raiva. Vendo tua hoste vasta reprimida por Bhima, Yudhishthira, dirigindo-se a Dhrishtadyumna, disse, 'Resista ao nascido no pote! Ó opressor de inimigos, tu, vestido em armadura, e armado com arco e flechas e cimitarra, surgiste do fogo, para a destruição de Drona! Avance alegremente para a batalha, tu não precisas temer. Que também Janamejaya e Sikhandin e o filho de Durmukha e Yasodhara avancem em fúria contra o nascido no pote de todos os lados. Que Nakula e Sahadeva e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Drupada e Virata com seus filhos e irmãos, e Satyaki e os Kaikeyas e os Pandavas e Dhananjaya, avancem com velocidade contra o filho de Bharadwaja, pelo desejo de matá-lo. Que também todos os nossos guerreiros em carros e todos os elefantes e cavalos que nós temos, e todos os nossos soldados de infantaria, derrubem o poderoso guerreiro em carro Drona em batalha.' Assim ordenados pelo filho ilustre de Pandu, todos eles avançaram impetuosamente contra o nascido no pote pelo desejo de massacrá-lo. Drona, no entanto, aquele principal de todos os manejadores de armas, recebeu em batalha todos aqueles guerreiros Pandava que avançaram repentinamente em direção a ele com grande força e perseverança. O rei Duryodhana, desejando proteger a vida de Drona, avançou, cheio de cólera, contra os Pandavas, com grande força e perseverança. Então começou a batalha entre os Kurus e os Pandavas que rugiam uns para os outros. Os animais de ambas as hostes como também os guerreiros estavam todos cansados. Os grandes guerreiros em carros também, ó rei, com olhos se fechando de sono e exaustos com esforço em batalha, não sabiam o que fazer. Aquela noite de nove horas (Triyama), tão terrível e medonha e tão destrutiva de criaturas, pareceu para eles ser tudo; (literalmente, de mil Yamas, um Yama sendo um período de três horas. A primeira hora e meia da noite e a última hora e meia sendo consideradas como crepúsculo, a noite, realmente como tal, para os antigos Hindus consistia em somente nove horas.) Enquanto eles estavam sendo assim mortos e mutilados uns pelos outros, e enquanto o sono pesava em seus olhos, veio a ser meia-noite. Todos os Kshatriyas ficaram desanimados. Tuas tropas, como também aquelas do inimigo, não tinham mais armas e flechas. Passando o tempo dessa maneira (a maioria) dos guerreiros dotados de modéstia e energia e cumpridores dos deveres de sua classe, não abandonaram suas divisões. Outros, cegos com sono, abandonando suas armas, se deitaram. Alguns se deitaram nas costas de elefantes, alguns sobre carros, e alguns nas costas de cavalos, ó Bharata! Cegos com sono, eles ficaram completamente imóveis, ó rei. Outros guerreiros (que ainda estavam despertos) naquela batalha, despacharam esses

para a residência de Yama. Outros, privados de seus sentidos, e sonhando no sono, mataram a si mesmos, isto é, seus próprios companheiros, como também inimigos. De fato, esses lutaram naquela terrível batalha, proferindo várias exclamações. Muitos guerreiros, ó monarca, do nosso exército, desejosos de continuar a luta com o inimigo, ficaram de pé com olhos sonolentos. Alguns bravos guerreiros, durante aquela terrível hora de escuridão, embora cegos com sono, ainda deslizando pelo campo, mataram uns aos outros naquela batalha. Muitos entre o inimigo, totalmente entorpecidos pelo sono, eram mortos sem estarem conscientes (dos golpes que os lançavam na eternidade). Observando essa condição dos soldados, ó touro entre homens, Vibhatsu em uma voz muito alta, disse essas palavras: 'Todos vocês, com seus animais, estão desgastados pelo esforço e cegos com sono. Ó guerreiros, vocês estão envolvidos em escuridão e com poeira. Portanto, se vocês quiserem, vocês podem descansar. De fato, aqui, no campo de batalha, fechem seus olhos por um tempo. Então quando a lua subir, ó Kurus e Pandavas, vocês podem novamente, tendo dormido e descansado, enfrentar um ao outro pelo céu.' Ouvindo essas palavras do virtuoso Arjuna, os guerreiros virtuosos (do exército Kuru) concordaram com a sugestão, e dirigindo-se uns aos outros, disseram ruidosamente, 'Ó Karna, ó Karna, ó rei Duryodhana, se abstenham da luta. A hoste Pandava parou de nos atacar.' Então àquelas palavras de Phalguna, proferidas ruidosamente por ele, o exército Pandava como também o teu, ó Bharata, se absteve da batalha. De fato, essas palavras nobres de Partha foram muito aplaudidas pelos deuses, os Rishis de grande alma, e todos os soldados alegres. Aplaudindo aquelas palavras gentis, ó Bharata, todas as tropas, ó rei, esgotadas pelo esforço, se deitaram para dormir, ó touro da raça Bharata. Então aquele exército teu, ó Bharata, feliz pela probabilidade de descanso e sono, sinceramente abençoou Arjuna dizendo, 'Em ti estão os Vedas como também todas as armas! Em ti há inteligência e destreza! Em ti, ó poderosamente armado, há justiça e compaixão por todas as criaturas, ó impecável! E já que nós fomos confortados por ti, nós desejamos teu bem, ó Partha! Prosperidade para ti! Alcance logo, ó herói, aqueles objetos que são caros para o teu coração!' Abençoando-o dessa maneira, ó tigre entre homens, aqueles grandes guerreiros em carros, dominados pelo sono, ficaram silenciosos, ó monarca! Alguns se deitaram nas costas de cavalos, alguns nas cabinas de carros, alguns nos pescoços de elefantes, e alguns na terra nua. Muitos homens, com suas armas e maças e espadas e machados de batalha e lanças e com suas armaduras colocadas, se deitaram para dormir, ao lado uns dos outros. Elefantes, pesados com sono, faziam a terra esfriar com a respiração de suas narinas, que passava por suas trombas semelhantes a cobras manchadas com poeira. De fato, os elefantes, quando eles respiravam no chão, pareciam belos como colinas espalhadas (no campo de batalha) sobre cujos peitos silvavam cobras gigantescas. Corcéis, em arreios de ouro e com crinas misturadas com suas cangas, batendo seus cascos faziam até terrenos irregulares. Assim cada um, ó rei, dormiu lá com o animal que ele montava. Assim corcéis e elefantes e guerreiros, ó touro da raça Bharata, muito cansados pelo esforço, dormiram, se abstendo da batalha. Aquela hoste adormecida, privada de senso e mergulhada no sono, então parecia com uma pintura maravilhosa retratada em tela por artistas habilidosos. Aqueles Kshatriyas, enfeitados com brincos e dotados de juventude,

com membros mutilados por flechas, e imersos em sono, tendo se deitado nos globos coronais de elefantes, pareciam como se eles estivessem deitados no peito profundo de belas damas. Então a lua, aquele encantador de olhos e senhor dos lírios, de cor branca como as bochechas de uma bela dama, se elevou, adornando a direção presidida por Indra. (A lua é chamada de senhor dos lírios porque o nenúfar é visto florescer no nascer da lua, assim como o sol é chamado de senhor dos lotos porque o lótus flori no nascer do sol. A direção presidida por Indra é o Leste.) De fato, como um leão das colinas Udaya, com raios constituindo sua juba de amarelo brilhante, ele (a lua) saiu de sua caverna no leste, rasgando em pedaços a densa escuridão da noite parecendo uma manada extensa de elefantes. Aquele amante de todos os grupos de lírios (no mundo), brilhante como o corpo do touro excelente de Mahadeva, totalmente arqueado e radiante como o arco de Karna, e deleitável e encantador como o sorriso nos lábios de uma noiva tímida, floresceu no firmamento. Logo, no entanto, aquele senhor divino tendo a lebre como seu símbolo mostrou-se derramando raios mais brilhantes por toda parte. De fato, a lua, depois disso pareceu gradualmente emitir uma auréola brilhante de luz de longo alcance que parecia o esplendor do ouro. Então os raios daquele corpo luminoso, dissipando a escuridão por seu esplendor, se espalharam lentamente por todos os quadrantes, o céu, e a terra. Logo, portanto, o mundo ficou iluminado. A escuridão indizível que tinha ocultado tudo fugiu rapidamente. Quando o mundo foi assim iluminado até quase a luz do dia pela lua, entre as criaturas que vagam à noite, algumas continuaram a perambular e algumas se abstiveram. Aquela hoste, ó rei, foi despertada pelos raios do sol. De fato, aquele mar de tropas foi despertado pelos raios da lua desabrochados (para a vida) como um grupo de lotos desabrochados pelos raios do sol. De fato, aquele mar de tropas foi despertado pela lua subindo como o oceano se elevando em ondas agitadas ao nascer daquele corpo luminoso. Então, ó rei, a batalha começou novamente sobre a terra, para a destruição da população da terra, entre homens que desejavam alcançar o céu.'"

185

"Sanjaya disse, 'Nesse momento Duryodhana, sob a influência da ira, se aproximou de Drona e dirigindo-se a ele disse essas palavras, para inspirá-lo com alegria e provocar sua raiva.'"

"Duryodhana disse, 'Nenhuma piedade deveria ter sido mostrada para nossos inimigos enquanto eles estavam sem entusiasmo e esgotados pelo esforço e descansando, especialmente quando eles são todos de pontaria certeira. Desejosos de fazer o que é agradável para ti, nós mostramos bondade a eles por então deixá-los em paz. Os Pandavas cansados, no entanto (tendo descansado), tornaram-se mais fortes. Em relação a nós, nós estamos, em todos os aspectos, perdendo em energia e força. Os Pandavas, protegidos por ti, estão constantemente ganhando prosperidade. Todas as armas que são celestes e todas aquelas que concernem a Brahma existem em ti. Eu te digo realmente, que nem os Pandavas, nem nós, nem qualquer outro arqueiro no mundo, pode ser um

páreo para ti enquanto tu estás engajado na batalha. Ó principal dos regenerados, tu conheces todas as armas. Sem dúvida, por meio de tuas armas celestes tu és capaz de destruir os (três) mundos com os deuses, os Asuras, e os Gandharvas. Os Pandavas estão todos com medo de ti. Tu, no entanto, os perdoaste, lembrando de que eles foram teus pupilos, ou, talvez, devido à minha má sorte.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim repreendido e enfurecido por teu filho, Drona, ó rei, dirigiu-se colericamente a Duryodhana e disse essas palavras: 'Embora eu seja assim velho, ó Duryodhana, eu ainda estou me esforçando em batalha até a máxima extensão de poder. Todos esses homens não são familiarizados com armas. Eu sou, no entanto, bem versado nelas. Se, pelo desejo de vitória, eu matar esses homens, não poderia haver ação mais ignóbil para eu fazer. Aquilo, no entanto, que está em tua mente, seja bom ou mau, eu irei realizar, ó Kaurava, por tua ordem. Isto não será de outra maneira. Aplicando minha destreza em batalha e matando todos os Panchalas, eu tirarei minha armadura, ó rei! Eu te juro isso realmente. Tu pensas que Arjuna, o filho de Kunti, está esgotado em batalha, ó Kaurava de braços fortes! Escute o que eu falo verdadeiramente com relação à sua destreza. Se a fúria de Savyasachin for excitada, nem Gandharvas, nem Yakshas nem Rakshasas podem se arriscar a resisti-lo. Em Khandava, ele enfrentou o próprio chefe dos celestiais. O ilustre Arjuna, com suas flechas frustrou a chuva de Indra. Yakshas, e Nagas, e Daityas, e todos os outros orgulhosos de seu poder foram mortos por aquele mais notável dos homens. Isso também é sabido por ti. Na ocasião da contagem do gado, os Gandharvas encabeçados por Chitrasena e outros foram subjugados por ele. Aquele arqueiro firme resgatou você, enquanto você estava sendo levado por aqueles Gandharvas. Nivatakavachas também, aqueles inimigos dos celestiais, que não podiam ser mortos em batalha pelos próprios celestiais, foram vencidos por aquele herói. Milhares de Danavas morando em Hiranyapura aquele tigre entre homens derrotou. Como seres humanos podem então resistir a ele? Ó monarca, tu tens visto com teus próprios olhos como essa tua hoste, embora se esforçando tão heroicamente, tem sido destruída pelo filho de Pandu.'"

"Sanjaya continuou, 'Para Drona que estava elogiando Arjuna dessa maneira, teu filho, ó rei, enfurecido por causa disso, mais uma vez disse essas palavras: 'Eu mesmo e Duhsasana, e Karna, e meu tio materno, Sakuni, dividindo essa hoste Bharata em duas divisões (e levando uma conosco), iremos matar Arjuna hoje em batalha.' Ouvindo essas palavras dele, o filho de Bharadwaja, gargalhando, aprovou aquelas palavras do rei e disse, 'Bênçãos para ti! Que Kshatriya mataria aquele touro entre os Kshatriyas, aquele que não pode ser morto, isto é, o manejador do Gandiva, aquele herói resplandecente com energia? Nem o Senhor dos tesouros, nem Indra, nem Yama, nem os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas podem matar Arjuna armado com armas. Somente aqueles que são tolos dizem tais palavras como essas que tu disseste, ó Bharata! Quem é que voltaria para casa em segurança, tendo enfrentado Arjuna em batalha? Em relação a ti mesmo, tu és pecaminoso e cruel e suspeitoso de todos. Até aqueles que estão empenhados no teu bem-estar tu estás disposto a repreender dessa maneira. Vá contra o filho de Kunti, para resistir a ele por tua própria causa. Tu és um Kshatriya

bem nascido. Tu procuraste a batalha. Por que tu fazes todos esses Kshatriyas inocentes serem mortos? Tu és a raiz desta hostilidade. Portanto, vá tu contra Arjuna. Esse teu tio materno é possuidor de sabedoria e cumpridor dos deveres Kshatriya. Ó filho de Gandhari, que este viciado em jogo proceda contra Arjuna em batalha. Ele, hábil nos dados, dedicado à fraude, viciado em jogo, versado em astúcia e impostura, este jogador familiarizado com os modos de enganar, irá derrotar os Pandavas em batalha! Com Karna em tua companhia, tu tinhas te gabado alegremente muitas vezes, por insensatez e falta de compreensão, na audição de Dhritarashtra, dizendo, 'Ó pai, eu mesmo, e Karna, e meu irmão Duhsasana, nós três, juntos, iremos matar os filhos de Pandu em batalha.' Essa tua jactância era ouvida em todas as reuniões da corte. Cumpra teu voto, seja verdadeiro em palavras, com eles. Lá teu inimigo mortal, o filho de Pandu, está permanecendo diante de ti. Cumpra os deveres de um Kshatriya. Tua morte nas mãos de Jaya seria digna de todo louvor. Tu tens praticado caridade. Tu tens comido (tudo já desejado por ti). Tu obtiveste riqueza à medida do teu desejo. Tu não tens dívidas. Tu tens feito tudo o que alguém deve fazer. Não tema. Lute agora com o filho de Pandu.' Essas palavras ditas, a batalha começou.'"

186

"Sanjaya disse, 'Quando três quartos daquela noite tinham passado, a batalha, ó rei, começou novamente entre os Kurus e os Pandavas. Ambos os lados estavam jubilosos com alegria. Logo depois, Aruna, o quadrigário de Surya, enfraquecendo o esplendor da lua, apareceu, fazendo o céu assumir uma cor acobreada. O leste logo estava avermelhado com os raios vermelhos do sol que parecia um prato circular de ouro. Então todos os guerreiros das hostes Kuru e Pandava, descendo de carros e corcéis e veículos carregados por homens, ficaram de pé, com mãos unidas, encarando o sol, e proferindo as orações do crepúsculo da alvorada. O exército Kuru tendo sido dividido em dois grupos, Drona, com Duryodhana diante dele, procedeu (com uma daquelas divisões) contra os Somakas, os Pandavas, e os Panchalas. Vendo a hoste Kuru dividida em dois grupos, Madhava dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Mantendo teus inimigos à tua esquerda, coloque esta divisão (comandada por Drona) à tua direita.' Obediente aos conselhos de Madhava em relação aos Kurus, Dhananjaya se movimentou para a esquerda daqueles dois arqueiros poderosos, isto é, Drona, e Karna. Compreendendo as intenções de Krishna, aquele subjugador de cidades hostis, Bhimasena, dirigindo-se a Partha que estava então permanecendo na vanguarda da batalha, disse essas palavras.'"

"Bhimasena disse, 'Ó Arjuna, ó Vibhatsu, escute essas minhas palavras. A hora para aquele objetivo para o qual senhoras Kshatriya geram filhos agora chegou. Se em tal hora tu não te esforçares para ganhar prosperidade, tu então agirás torpemente como um verdadeiro patife. Empregando tua destreza, pague a dívida que tu tens para com a Verdade, Prosperidade, Virtude, e Fama! Ó principal dos guerreiros, atravesse essa divisão, e mantenha esses à tua direita.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim incitado por Bhima e Kesava, Savyasachin prevalecendo sobre Drona e Karna, começou a resistir ao inimigo em volta. Muitos principais dos Kshatriyas (entre os Kurus), aplicando toda sua destreza, fracassaram em resistir a Arjuna que avançava na própria dianteira de suas tropas, e que, como uma conflagração intensa, estava consumindo os principais entre seus inimigos. Então Duryodhana e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, cobriram o filho de Kunti, Dhananjaya, com chuvas de flechas. Frustrando as armas de todos aqueles guerreiros, aquela principal de todas as pessoas bem hábeis com armas, ó monarca, cobriu eles (em retorno) com suas flechas. Mirando em suas armas com as dele (e assim frustrando elas todas), Arjuna, dotado de grande agilidade de mão e possuindo um controle perfeito sobre seus sentidos, perfurou cada um daqueles guerreiros com dez flechas de pontas afiadas. O céu estava então coberto com poeira. Chuvas grossas de flechas caíam. Ficou escuro, e um tumulto alto e terrível surgiu. Quando tal era o estado de coisas, nem o céu, nem a terra, nem os pontos do horizonte podiam mais ser vistos. Estupefatas pela poeira, todas as tropas ficaram cegas. Nem o inimigo, ó rei, nem nós, podíamos distinguir uns aos outros. Por essa razão, os reis começaram a lutar, guiados por conjeturas e os nomes que eles proferiam. Privados de seus carros, guerreiros em carros, ó rei, enfrentando uns aos outros, perderam toda ordem e se tornaram uma massa desordenada. Seus corcéis mortos e motoristas mortos, muitos deles, ficando inativos, preservavam suas vidas e pareciam muito apavorados. Cavalos mortos com cavaleiros privados de vida eram vistos jazendo sobre elefantes mortos como se esticados em leitos de montanha. Então Drona, se afastando daquela batalha em direção ao norte tomou sua posição lá, e parecia se assemelhar a um fogo sem fumaça. Vendo ele se afastar da batalha em direção ao norte, as tropas Pandava, ó rei, começaram a tremer. De fato, vendo Drona resplandecente e vistoso e brilhando com energia, o inimigo, inspirado com medo ficou pálido e vacilou no campo, ó Bharata! Enquanto convocando o exército hostil para a batalha, e parecendo com um elefante no cio, o inimigo ficou completamente sem esperanças de derrotá-lo, como os Danavas sem esperança de derrotar Vasava. Alguns entre eles ficaram totalmente desanimados, e alguns, dotados de energia, ficaram inspirados com cólera. E alguns ficaram muito surpresos, e alguns foram incapazes de tolerar (o desafio). E alguns dos reis apertaram suas mãos, e alguns privados de sua razão pela raiva, morderam seus lábios. E alguns giraram suas armas, e alguns esfregaram seus braços; e alguns, possuidores de grande energia e almas sob completo controle, avançaram contra Drona. Os Panchalas particularmente, afligidos pelas flechas de Drona, ó monarca, embora sofrendo grande dor, continuaram a lutar em batalha. Então Drupada e Virata procederam, naquela batalha, contra Drona, aquele guerreiro invencível, que estava assim se movendo rapidamente no campo. Então, ó rei, os três netos de Drupada, e aqueles arqueiros poderosos, isto é, os Chedis, também procederam contra Drona naquele confronto. Drona, com três flechas afiadas, tirou as vidas dos três netos de Drupada. Privados de vida, os príncipes caíram ao chão. Drona em seguida derrotou naquela batalha os Chedis, os Kaikeyas, e os Srinjayas. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, então subjugou todos os Matsyas. Então Drupada, cheio de fúria, e Virata, naquela batalha, dispararam chuvas de flechas, ó rei, em Drona. Desviando aquela chuva

de flechas, Drona, aquele opressor de Kshatriyas, cobriu ambos Drupada e Virata com suas flechas. Cobertos por Drona, ambos aqueles guerreiros, com raiva, começaram a perfurá-lo no campo de batalha com suas flechas. Então Drona, ó monarca, cheio de cólera e desejo de vingança, cortou, com um par de flechas de cabeça larga, os arcos de ambos os seus antagonistas. Então Virata, cheio de ira, disparou naquele combate dez lanças e dez flechas em Drona pelo desejo de matá-lo. E Drupada, com raiva, arremessou no carro de Drona um dardo terrível feito de ferro e enfeitado com ouro e parecendo uma grande cobra. Drona cortou, com diversas flechas afiadas e de cabeça larga, aquelas dez lanças (de Virata), e com outras flechas certas aquele dardo (de Drupada) ornado com ouro e pedras de lápis lazúli. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Bharadwaja, com um par flechas bem temperadas e de cabeça larga, despachou ambos Drupada e Virata para a residência de Yama. Após a queda de Virata e Drupada, e o massacre dos Kshatriyas, os Chedis, os Matsyas, e os Panchalas, e após a queda daqueles três heróis, os três netos de Drupada, Dhrishtadyumna de grande alma, vendo aquelas façanhas de Drona, ficou cheio de raiva e aflição, e jurou no meio de todos os guerreiros em carros, dizendo, 'Que eu perca méritos de todos os meus atos religiosos como também minha energia Kshatriya e Brahma, se Drona escapar de mim hoje com vida, ou se ele conseguir me derrotar!' Tendo feito aquele juramento no meio de todos os arqueiros, aquele matador de heróis hostis, o príncipe dos Panchalas, protegido por sua própria divisão, avançou contra Drona. Os Panchalas então começaram a atacar Drona de um lado, e Arjuna de outro. Duryodhana, e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e os irmãos uterinos de Duryodhana (posicionados), de acordo com sua precedência, começaram a proteger Drona em batalha. Drona sendo assim protegido em batalha por aqueles guerreiros ilustres, os Panchalas embora lutando vigorosamente nem podiam olhar para ele. Então Bhimasena, ó majestade, ficou muito zangado com Dhrishtadyumna e, ó touro entre homens, aquele filho de Pandu perfurou Dhrishtadyumna com essas palavras furiosas:

"Bhimasena disse, 'Que homem há que sendo considerado como um Kshatriya e que tomando seu nascimento na família de Drupada e que sendo a principal de todas as pessoas que possuem conhecimento de armas, só olharia dessa maneira para seu inimigo posicionado à frente dele? Que homem tendo visto seu pai e filho mortos, e especialmente, tendo feito tal juramento no meio dos reis, ficaria assim indiferente a seu inimigo? Lá está Drona como um fogo se enchendo com sua própria energia. De fato, com arco e flechas constituindo seu combustível, ele está consumindo com sua energia todos os Kshatriyas. Logo ele aniquilará o exército Pandava. Permaneçam vocês (como espectadores) e contemplem meu feito. Contra o próprio Drona eu irei proceder.' Tendo dito essas palavras, Vrikodara, cheio de raiva, penetrou na ordem de batalha de Drona, e começou a afligir e desbaratar aquela hoste. Então o príncipe Panchala Dhrishtadyumna, também, penetrando naquela grande hoste, se envolveu ele mesmo em combate com Drona em batalha. A batalha se tornou furiosa. Tal combate violento nós nunca tínhamos visto ou ouvido a respeito antes, ó rei, como aquele que agora acontecia ao nascer do sol daquele dia. Os carros, ó majestade, eram vistos estarem emaranhados uns com os outros. Os corpos de criaturas incorporadas privados de

vida estavam espalhados por todo o campo. Alguns, enquanto procedendo para outra parte do campo, eram, no caminho, atacados por outros. Alguns, enquanto fugindo, eram atingidos em suas costas, e outros em seus lados. Aquele combate geral continuou a ser travado ferozmente. Logo, no entanto, o sol da manhã se ergueu.'"

187

"Sanjaya continuou, 'Os guerreiros, ó rei, vestidos em armadura no campo de batalha, adoraram o Aditya de mil raios quando ele nasceu na manhã. Quando o corpo luminoso de mil raios, de esplendor brilhante, como ouro ardente, se elevou, e o mundo ficou iluminado, a batalha começou novamente. Os mesmos soldados que estavam envolvidos em combate uns com os outros antes do nascer do sol lutaram novamente entre si, ó Bharata, depois do nascer do sol. Cavaleiros se envolveram em combate com guerreiros em carros, e elefantes com cavaleiros, e soldados de infantaria com elefantes e cavaleiros com cavaleiros, ó touro da raça Bharata. Às vezes conjuntamente e às vezes separadamente, os guerreiros se lançaram uns sobre os outros em batalha. Tendo lutado vigorosamente durante a noite, muitos, cansados com o esforço, e fracos com fome e sede ficaram privados de seus sentidos. O tumulto feito do clangor de conchas, a batida de baterias, o rugido de elefantes, e a vibração de arcos esticados puxados com força tocava os próprios céus, ó rei! O barulho feito também pela infantaria avançando e armas caindo, e corcéis relinchando e carros rodando, e guerreiros gritando e rugindo, tornou-se tremendo. Aquele barulho alto aumentando a cada minuto alcançava os céus. Os gemidos e lamentos de dor, dos soldados de infantaria e guerreiros em carros e elefantes caindo e caídos, tornaram-se extremamente altos e lastimáveis quando esses eram ouvidos no campo. Quando o combate se tornou geral, ambos os lados mataram os homens e animais um do outro. Arremessadas das mãos de heróis sobre guerreiros e elefantes, pilhas de espadas eram vistas no campo, parecendo pilhas de roupas na área de lavagem. O som, além disso, de espadas erguidas e descendo em braços heróicos parecia aquele de roupas batidas para lavagem. Aquele combate geral então, no qual os guerreiros enfrentaram uns aos outros com espadas e cimitarras e lanças e machados de batalha, tornou-se extremamente terrível. Os combatentes heróicos causaram um rio lá, que corria para as regiões dos mortos. O sangue de elefantes e corcéis e seres humanos formava sua correnteza. Armas formavam seus peixes em profusão. Ele era lodoso com sangue e carne. Lamentos de angústia e dor formavam seu bramido. Estandartes e tecidos formavam sua espuma. Afligidos com flechas e dardos, cansados com o esforço, esgotados pelo trabalho árduo da noite (anterior), e extremamente enfraquecidos, elefantes e corcéis, com membros completamente imóveis, permaneciam no campo. Com seus braços (em belas posições) e com suas belas cotas de malha, e cabeças enfeitadas com belos brincos, os guerreiros, adornados com instrumentos de batalha, pareciam muito resplandecentes. Naquela hora, por causa dos animais carnívoros e dos mortos e moribundos, não havia caminho para os carros por todo o campo. Atormentados por flechas corcéis da raça mais nobre e grande vigor, parecendo elefantes (em

tamanho e força), esgotados pelo esforço, eram vistos tremerem com grande empenho, enquanto eles puxavam veículos cujas rodas tinham afundado na terra. Aquela hoste inteira, ó Bharata, parecendo o oceano por vastidão, então ficou agitada, e afligida, inspirada com terror, com a exceção somente de Drona e Arjuna. Aqueles dois se tornaram o refúgio, eles dois se tornaram os salvadores, dos guerreiros de seus respectivos lados. Outros, enfrentando esses dois procediam para a residência de Yama. Então a vasta hoste dos Kurus ficou muito agitada, e os Panchalas, amontoados juntos, tornaram-se não mais distinguíveis. Durante aquela grande carnificina dos Kshatriyas na terra, naquele campo de batalha, ressaltando os terrores dos tímidos e parecendo com um crematório nem Karna, nem Drona, nem Arjuna, nem Yudhishthira, nem Bhimasena, nem os gêmeos, nem o príncipe Panchala, nem Satyaki, nem Duhsasana, nem o filho de Drona, nem Duryodhana nem o filho de Suvala, nem Kripa, nem o soberano dos Madras, nem Kritavarman, nem outros, nem eu mesmo, nem a terra, nem os pontos do horizonte, podiam ser vistos, ó rei, pois todos eles, misturados com as tropas, foram cobertos por nuvens de poeira. Durante a continuação daquela batalha feroz e terrível, quando aquela nuvem empoeirada se ergueu, todos pensaram que a noite tinha mais uma vez vindo sobre a cena. Nem os Kauravas, nem os Panchalas, nem os Pandavas podiam ser distinguidos, nem os pontos do horizonte, nem o céu, nem a terra, nem terra plana nem terra irregular. Os guerreiros, desejosos de vitória, matavam inimigos e amigos, realmente, todos a quem eles podiam perceber pelo toque de suas mãos. O pó de terra que tinha se erguido foi logo dissipado pelos ventos que sopraram, e encharcado pelo sangue que foi derramado. Elefantes e corcéis e guerreiros em carros e soldados de infantaria, banhados em sangue, pareciam belos como a floresta (celeste) de Parijata. Então Duryodhana, Karna, Drona e Duhsasana, estes quatro guerreiros (Kauravas) se envolveram em combate com quatro dos guerreiros Pandava. Duryodhana e seus irmãos enfrentaram os gêmeos (Nakula e Sahadeva). E o filho de Radha se envolveu em combate com Vrikodara, e Arjuna com o filho de Bharadwaja, todas as tropas, de todos os lados, observaram aquele combate terrível. Os guerreiros em carros (de ambos os exércitos quietamente) contemplaram aquela batalha bela e sobre-humana entre aqueles ferozes e principais dos guerreiros em carros conhecedores de todos os modos de guerra, sobre seus próprios carros belos que realizavam diversas evoluções encantadoras. Dotados de grande destreza, lutando vigorosamente, e cada um desejoso de subjugar o outro, eles cobriram uns aos outros com chuvas de flechas, como as nuvens no fim do verão (despejando torrentes de chuva). Aqueles touros entre homens, em seus carros de refulgência solar, pareciam belos como massas de nuvens reunidas no céu outonal. Então aqueles guerreiros, ó monarca, cheios de ira e desejo de vingança, todos arqueiros poderosos, desafiando, avançaram uns nos outros com grande vigor como líderes enfurecidos de manadas de elefantes. Na verdade, ó rei, a morte não ocorre até que chegue sua hora, já que todos aqueles guerreiros não pereceram simultaneamente naquela batalha. Coberto com braços e pernas cortados, e cabeças enfeitadas com belos brincos, e arcos e flechas e lanças e cimitarras e machados de batalha e (outros tipos de) machados, e Nalihas e flechas de cabeça de navalha e flechas da medida de uma jarda e dardos e diversos tipos de armaduras belas, e carros

belos quebrados em pedaços, e elefantes mortos e carros sem estandartes destruídos como cidades, e veículos arrastados para lá e para cá com a velocidade do vento por corcéis sem motorista muito assustados, e um grande número de guerreiros em enfeitados de coragem formidável, e leques caídos e cotas de malha e estandartes, e ornamentos e mantos e guirlandas fragrantes, e correntes de ouro e diademas e coroas e proteções para a cabeça e fileiras de sinos, e jóias usadas no peito, e couraças e colares e pedras preciosas que adornam proteções para a cabeça, o campo de batalha parecia belo como o céu coberto com estrelas.'"

"'Então lá ocorreu um combate entre Duryodhana, cheio de ira e desejo de vingança, e Nakula cheio dos mesmos sentimentos. O filho de Madri disparando alegremente centenas de flechas, colocou teu filho à sua direita. Nisso gritos altos de aprovação foram dados a ele. Colocado à direita por seu primo-irmão em cólera, teu filho o rei Duryodhana, cheio de raiva, começou, em batalha, a neutralizar admiravelmente Nakula daquele mesmo lado. Nisso, Nakula, dotado de grande energia e conhecedor das diversas direções (nas quais um carro pode ser conduzido), começou a resistir ao teu filho que estava empenhado em neutralizá-lo da sua direita. Duryodhana, no entanto, afligindo Nakula com chuvas de flechas e resistindo a ele de todos os lados, o fez retroceder. Todas as tropas aplaudiram aquela façanha (do teu filho). Então Nakula, dirigindo-se a teu filho, disse, 'Espere, Espere', se lembrando de todas as suas aflições causadas por teus maus conselhos.'"

188

"Sanjaya disse, 'Então Duhsasana, cheio de fúria, avançou contra Sahadeva, fazendo a terra tremer com a velocidade aterradora de seu carro. O filho de Madri, no entanto, aquele subjugador de inimigos, com uma flecha de cabeça larga, rapidamente cortou a cabeça, ornada com a proteção para cabeça, do motorista de seu adversário que avançava. Por causa da celeridade com a qual aquela ação foi executada por Sahadeva, nem Duhsasana nem qualquer das tropas soube que a cabeça do motorista tinha sido cortada. As rédeas não sendo mais seguradas por ninguém, os corcéis correram à vontade. Foi então que Duhsasana soube que seu motorista tinha sido morto. Familiarizado com a condução de corcéis, aquele principal dos guerreiros em carros, ele mesmo reprimindo seus corcéis naquela batalha lutou belamente e com grande energia e habilidade. Aquela façanha dele foi aplaudida por amigos e inimigos, já que sobre aquele carro sem motorista, ele se movia rapidamente destemidamente naquela batalha. Então Sahadeva perfurou aqueles corcéis com flechas afiadas. Afligidos por aquelas flechas, eles fugiram rapidamente, correndo a toda velocidade para lá e para cá. Para segurar as rédeas, ele uma vez punha de lado seu arco, e então ele pegava seu arco para usá-lo, deixando de lado as rédeas. Durante aquelas oportunidades o filho de Madri o cobria com flechas. Então Karna, desejoso de resgatar teu filho, avançou para aquele local. Nisso, Vrikodara, com grande cuidado, perfurou Karna no peito e braços com três flechas de cabeça larga disparadas de seu arco esticado até

sua mais completa extensão. Atingido por aquelas flechas como uma cobra com um pau, Karna parou e começou a resistir a Bhimasena, disparando flechas afiadas. Nisso, uma batalha violenta ocorreu entre Bhima e o filho de Radha. Ambos deles rugiram como touros, e os olhos de ambos estavam arregalados (de raiva). Excitados com cólera, e avançando em direção um ao outro com grande velocidade, eles rugiram um para o outro. Aqueles dois encantadores em batalha estavam então muito perto um do outro. Tão próximos eles estavam que eles não podiam disparar facilmente suas flechas um no outro. Por isso, um combate com maças aconteceu. Bhimasena rapidamente quebrou com sua maça o Kuvara do carro de Karna. Aquela façanha dele, ó rei, pareceu muito extraordinária. Então o filho valente de Radha, pegando uma maça, arremessou-a no carro de Bhima. Bhima, no entanto, quebrou-a com sua própria maça. Então pegando uma maça pesada, mais uma vez, Bhima arremessou-a no filho de Adhiratha. Karna atingiu aquela maça com numerosas flechas de belas asas, disparadas com grande força, e novamente com outras flechas. Assim atingida pelas flechas de Karna, a maça voltou em direção a Bhima, como uma cobra afligida com encantamentos. Com o rebote daquela maça, o enorme estandarte de Bhima quebrou e caiu. Atingido por aquela mesma maça, o motorista de Bhima também ficou privado de seus sentidos. Então Bhima, louco de raiva, disparou oito flechas em Karna, em seu estandarte e arco, e proteção de couro, ó Bharata. O poderoso Bhimasena, aquele matador de heróis hostis, com o maior cuidado, ó Bharata, cortou, com aquelas flechas afiadas, o estandarte, o arco, e a proteção de couro de Karna. O último então, isto é, o filho de Radha, pegando outro arco invencível e ornado com ouro, disparou diversas flechas, e matou rapidamente os corcéis de Bhima da cor de ursos, e então seus dois motoristas. Quando seu carro estava assim danificado, Bhima, aquele castigador de inimigos, pulou rápido para o carro de Nakula como um leão saltando sobre um topo de montanha.'"

"Enquanto isso, Drona e Arjuna, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, preceptor e pupilo, ambos hábeis com armas, ó monarca, lutaram entre si em batalha, pasmando os olhos e mentes de homens com sua agilidade no uso de armas e a certeza de sua pontaria, e com os movimentos de seus carros. Contemplando aquela batalha, igual à qual nunca tinha sido testemunhada antes, entre preceptor e pupilo, os outros guerreiros se abstiveram de lutar uns com os outros e tremeram. Cada um daqueles heróis, mostrando belas revoluções de seu carro, desejava colocar o outro à sua direita. Os guerreiros presentes lá observaram sua destreza e ficaram cheios de admiração. De fato, aquela grande batalha entre Drona e o filho de Pandu parecia aquela, ó monarca, entre um par de falcões no céu por causa de um pedaço de carne. Quaisquer feitos que Drona realizava para derrotar o filho de Kunti, eram todas neutralizados por Arjuna realizando feitos similares. Quando Drona fracassou em ganhar ascendência sobre o filho de Pandu, o filho de Bharadwaja, aquele guerreiro conhecedor da direção de todas as armas, chamou à existência as armas Aindra, Pasupata, Tvashtra, Vayavya, e Yamya. Logo que aquelas armas saíram do arco de Drona, Dhananjaya as destruiu rapidamente. Quando suas armas foram assim devidamente destruídas por Arjuna com suas próprias armas, Drona cobriu o filho de Pandu com as mais poderosas das armas celestes. Cada arma, no entanto,

que Drona disparava em Partha pelo desejo de subjugar o último, era disparada por Partha em retorno para frustrá-la. Vendo todas as suas armas, até as celestes, frustradas devidamente por Arjuna, Drona aplaudiu o último em seu coração. Aquele castigador de inimigos, ó Bharata, se considerava superior a todas as pessoas no mundo conhecedoras de armas, por Arjuna ter sido seu pupilo. Assim resistido por Partha no meio de todos aqueles guerreiros ilustres, Drona, lutando com vigor, resistiu alegremente a Arjuna (em retorno), se admirando todo o tempo. Então os celestiais e Gandharvas aos milhares, e Rishis e grupos de Siddhas, foram vistos por todos os lados no céu. Cheio (com aqueles como também com) Apsaras e Yakshas e Rakshasas, parecia novamente que o céu estava escurecido por nuvens reunidas. Uma voz invisível, repleta com os louvores de Drona e de Partha de grande alma, foi ouvida percorrer repetidamente o firmamento. Quando por causa das armas disparadas por Drona e Partha todos os lados pareciam em chamas, os Siddhas e os Rishis que estavam presentes disseram: 'Essa não é uma batalha humana, nem Asura, nem Rakshasa, nem celeste, nem Gandharva. Sem dúvida esse é um grande combate Brahma. Essa batalha é extremamente bela e muito extraordinária. Nós nunca vimos ou ouvimos a respeito de sua semelhante. Agora, o preceptor prevalece sobre o filho de Pandu, e então o filho de Pandu prevalece sobre Drona. Ninguém pode achar qualquer diferença entre eles. Se Rudra, dividindo a si mesmo em duas partes, lutasse, ele mesmo com ele mesmo, então um caso poderia ser tido para se equiparar a esse. Em nenhum outro lugar um caso pode ser encontrado para se igualar a esse. Ciência, reunida em um lugar, existe no preceptor; ciência e meios se encontram no filho de Pandu. Heroísmo, em um lugar, está em Drona; heroísmo e poder estão no filho de Pandu. Nenhum desses guerreiros pode ser resistido por inimigos em batalha. Se eles desejarem, ambos podem destruir o universo com os deuses.' Contemplando aqueles dois touros entre homens, todas as criaturas invisíveis e visíveis disseram essas palavras. Drona de grande alma então, naquela batalha, chamou à existência a arma Brahma, afligindo Partha e todos os seres invisíveis. Nisso, a terra com as montanhas e rios e árvores tremeu. Ventos violentos começaram a soprar. Os mares se elevaram em agitação. Os combatentes dos exércitos Kurus e Pandava, como também todas as outras criaturas, ficaram inspiradas com medo, quando aquele guerreiro ilustre ergueu aquela arma. Partha, ó monarca, frustrou destemidamente aquela arma por meio de uma arma Brahma dele, pelo que toda aquela agitação na natureza foi rapidamente acalmada. Finalmente, quando nenhum deles podia derrotar seu adversário em combate, um combate geral teve lugar entre as hostes, causando uma grande confusão sobre o campo. Durante a continuação daquela batalha terrível entre Drona e o filho de Pandu (como também daquele combate geral), mais uma vez, ó rei, nada podia ser distinguido. O céu ficou coberto com densas chuvas de flechas, como se com massas de nuvens, e as criaturas percorrendo o ar não puderam mais achar uma passagem por seu elemento."

190

"Sanjaya disse, 'Durante aquela carnificina medonha de homens e corcéis e elefantes, Duhsasana, ó rei, enfrentou Dhrishtadyumna. Sobre seu carro dourado e muito afligido pelas flechas de Duhsasana, o príncipe Panchala colericamente despejou suas flechas sobre os cavalos do teu filho. Coberto com as flechas do filho de Prishata, ó rei, o carro de Duhsasana, com estandarte e motorista, logo ficou invisível. Atormentado por aquelas chuvas de flechas, Duhsasana, ó monarca, não pode ficar diante do príncipe ilustre dos Panchalas. Forçando, por meio de suas flechas, Duhsasana a retroceder, o filho de Pritha, espalhando suas flechas, procedeu contra Drona naquela batalha. Naquele momento o filho de Hridika, Kritavarman, com três de seus irmãos, apareceu em cena e tentou se opor a Dhrishtadyumna. Aqueles touros entre homens, no entanto, isto é, os gêmeos, Nakula e Sahadeva seguindo na esteira de Dhrishtadyumna que estava assim procedendo como um fogo ardente em direção a Drona, começaram a protegê-lo. Então, todos aqueles grandes guerreiros em carros, dotados de força e excitados com raiva, começaram a atacar uns aos outros, fazendo da morte sua meta. De almas puras e conduta pura, ó rei, e mantendo o céu em vista, eles lutaram segundo métodos justos, desejosos de subjugar um ao outro. De linhagem imaculada e ações imaculadas, e dotados de grande inteligência, aqueles soberanos de homens, mantendo o céu em vista, lutaram combates justos com outros. Não havia nada injusto naquela batalha e nenhuma arma foi usada que fosse considerada como injusta. Nem flechas farpadas, nem aquelas chamadas nalikas, nem aquelas que são envenenadas, nem aquelas com cabeças feitas de chifres, nem aquelas equipadas com muitas cabeças pontudas, nem aquelas feitas dos ossos de touros e elefantes, nem aquelas tendo duas cabeças, nem aquelas tendo cabeças enferrujadas, nem aquelas que não são de curso reto, foram usadas por algum deles. (Todas essas flechas infligiam ferimentos pungentes e não podiam ser facilmente extraídas. Flechas de cursos tortuosos eram condenadas porque os combatentes não podiam desviá-las facilmente, não sabendo em quem elas cairiam.) Todos eles usavam armas simples e justas e desejavam alcançar fama e região de grande bem aventurança por lutarem justamente. Entre aqueles quatro guerreiros do teu exército e aqueles três do lado Pandava, a batalha que ocorreu foi extremamente violenta mas desprovida de tudo (o que fosse) injusto. Então Dhrishtadyumna, muito rápido no uso de armas, vendo aqueles bravos e poderosos guerreiros em carros do teu exército detidos pelos gêmeos (Nakula e Sahadeva), procedeu em direção a Drona. Reprimidos por aqueles dois leões entre homens, aqueles quatro guerreiros heróicos enfrentaram os primeiros como o vento atacando um par de montanhas (localizadas em seu caminho). Cada um dos gêmeos, aqueles formidáveis guerreiros em carros, estava envolvido em combate com um par de guerreiros. Vendo o príncipe invencível dos Panchalas procedendo contra Drona, e aqueles quatro heróis (do seu próprio exército) envolvidos em combate com os gêmeos, Duryodhana, ó monarca, avançou para aquele local, espalhando chuvas de flechas bebedoras de sangue. Vendo isso, Satyaki se aproximou rapidamente do rei Kuru. Aqueles dois tigres entre homens, isto é, os dois descendentes de Kuru e

Madhu, se aproximando um do outro, ficaram desejosos de atingir um ao outro em batalha. Recordando em sua mente seu comportamento em direção um ao outro na infância e refletindo com prazer sobre o mesmo, eles se encararam e sorriram repetidamente. Então o rei Duryodhana (mentalmente), repreendendo sua própria conduta, dirigiu-se ao seu sempre querido amigo Satyaki, e disse, 'Que vergonha para a ira, ó amigo, e que vergonha para a disposição para a vingança! Que vergonha para o costume Kshatriya, e que vergonha para o poder e destreza, já que tu apontas tuas armas para mim, e eu também estou mirando em ti, ó touro da raça Sini! Naqueles dias tu eras mais caro para mim do que a própria vida, e eu também era de assim para ti! Ai, todos aqueles atos de infância que eu me lembro, os teus e os meus, se tornaram completamente insignificantes no campo de batalha! Ai, movidos por ira e cobiça, nós estamos aqui hoje para lutar um contra o outro, ó tu da tribo Satwata!' Para ele que disse aquelas palavras, ó rei, Satyaki, familiarizado com grandes armas, pegando algumas flechas afiadas, respondeu sorridente, 'Isto não é assembléia, ó príncipe, nem a residência de nosso preceptor, onde nos tempos passados nós nos divertíamos juntos.' Duryodhana respondeu, 'Onde foram aqueles esportes da nossa infância, ó touro da raça Sini, e, ai, como essa batalha agora caiu sobre nós? Parece que a influência do Tempo é irresistível. (Embora nós sejamos estimulados) por desejo de riqueza, que necessidade, no entanto, nós temos de riqueza que, reunidos, nós estamos agora engajados em batalha, movidos pela cobiça de riqueza?'"

"Sanjaya disse, 'Para o rei Duryodhana que falou dessa maneira, Satyaki respondeu, ‘Sempre tem sido o costume dos Kshatriyas que eles tem que lutar até contra seus preceptores. Se eu sou caro para ti, ó rei, então mate-me sem qualquer demora. Através de ti, ó touro da raça Bharata, eu irei então entrar na região dos justos. Mostre, sem demora, todo teu poder e destreza. Eu não desejo testemunhar esta grande calamidade de amigos.' Tendo respondido e argumentado dessa maneira, Satyaki, ó monarca, destemidamente e em total desconsideração pela vida, avançou rapidamente contra Duryodhana. Vendo ele avançar, teu filho o recebeu; de fato, ó rei, teu filho despejou nele da linhagem de Sini uma perfeita chuva de flechas. Então começou uma batalha terrível entre aqueles leões das raças de Kuru e Madhu, parecendo um combate entre um elefante e um leão. Então Duryodhana, cheio de cólera, perfurou o invencível Satyaki com muitas flechas afiadas, disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Satyaki rapidamente perfurou o príncipe Kuru em retorno com cinquenta flechas afiadas naquela batalha e mais uma vez com vinte, e novamente com dez flechas. Então, naquele combate, ó rei, teu filho, sorrindo, perfurou Satyaki em retorno com trinta flechas disparadas da corda de seu arco puxada até sua orelha. Disparando então uma flecha de cabeça de navalha, ele cortou em dois o arco, com flecha fixada nele, de Satyaki. Dotado de grande agilidade de mão, o último então, pegando um arco mais resistente, disparou chuvas de flechas no teu filho. Quando aquelas linhas de setas avançaram para executar a morte de Duryodhana, o último, ó rei, cortou-as em pedaços, no que as tropas gritaram ruidosamente. Com grande rapidez, o rei Kuru afligiu Satyaki com setenta e três flechas, equipadas com asas de ouro e mergulhadas em óleo e disparadas de seu arco estirado até sua mais completa extensão. Todas aquelas

flechas de Duryodhana, como também seu arco, com flecha fixada nele, Satyaki cortou rapidamente. O herói Satwata então despejou chuvas de flechas em seu antagonista. Profundamente perfurado por Satyaki e sentindo grande dor, Duryodhana, ó rei, em grande angústia, procurou abrigo em outro carro. Tendo descansado um tempo e se revigorado, teu filho mais uma vez avançou contra Satyaki, disparando chuvas de flechas no carro do último. Sorridente, ó rei, Satyaki disparou incessantemente multidões de flechas no carro de Duryodhana. As flechas de ambos se misturaram no céu. Por causa daquelas flechas assim disparadas por ambos, caindo rápido por todo lado, sons altos, como aqueles de um fogo intenso consumindo uma floresta imensa, ergueram-se lá. Com milhares de flechas disparadas por ambos, a terra foi densamente coberta. O céu também ficou cheio com elas.Vendo então aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, aquele herói da linhagem de Madhu, ser mais poderoso do que Duryodhana, Karna se apressou em direção àquele local, desejoso de resgatar teu filho. O poderoso Bhimasena, no entanto, não pode tolerar aquela tentativa de Karna. Ele, portanto, procedeu rapidamente contra Karna, disparando inúmeras flechas. Cortando todas aquelas flechas de Bhima com a maior facilidade, Karna cortou o arco de Bhima, flechas e motorista também, com suas próprias flechas. Então, o filho de Pandu, Bhima, cheio de raiva, pegou uma maça e despedaçou o arco, estandarte, e motorista de seu adversário naquele combate. O poderoso Bhima também quebrou uma das rodas do carro de Karna. Karna, no entanto, permaneceu naquele carro dele, o qual tinha uma de suas rodas quebrada, imóvel como (Meru), o rei das montanhas. Aquele belo carro dele o qual tinha agora somente uma roda, foi levado por seus corcéis, como o carro de única roda de Surya, puxado pelos sete corcéis celestes. Incapaz de tolerar as façanhas de Bhimasena, Karna continuou a lutar com o último, usando diversas espécies de flechas em profusão e diversos tipos de outras armas naquele combate. Bhimasena também cheio de cólera continuou a lutar com o filho de Suta. Quando o combate se tornou geral e confuso, (Yudhishthira) o filho de Dharma, dirigindo-se a todos os principais guerreiros entre os Panchalas e os Matsyas, disse, 'Eles que são nossa vida, eles que são nossas cabeças, eles entre nós que são dotados de grande força, aqueles touros entre homens estão todos envolvidos em combate com os Dhartarashtras. Por que vocês então permanecem assim, como se estupefatos e privados de seus sentidos? Procedam para lá onde aqueles guerreiros em carros do meu exército estão lutando. Expulsando seus medos e mantendo em vista os deveres de Kshatriyas (se engajem na luta), pois então conquistando ou mortos vocês alcançarão metas desejáveis. Se vocês vierem a ser vencedores, você poderão realizar diversos sacrifícios com presentes abundantes para Brahmanas. Se, por outro lado, vocês forem mortos, tornando-se então iguais aos celestiais, vocês alcançarão muitas regiões de bem aventurança.' Assim estimulados pelo rei, aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros se engajaram na batalha, cumpridores dos deveres Kshatriya, e procederam rapidamente contra Drona. Os Panchalas então, de um lado, atacaram Drona com inúmeras flechas, enquanto outros encabeçados por Bhimasena começaram a resistir a ele do outro lado. Os Pandavas tinham três poderosos guerreiros em carros de mente desonesta entre eles. Eles eram Bhimasena e os gêmeos (Nakula e Sahadeva). Eles se dirigiram a Dhananjaya ruidosamente e disseram,

'Avance, ó Arjuna, com velocidade e expulse os Kurus da vizinhança de Drona. Se o preceptor puder ser privado de seus protetores, os Panchalas então poderão matá-lo facilmente.' Assim endereçado, Partha avançou repentinamente contra os Kauravas, enquanto Drona avançava contra os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna. De fato, naquele quinto dia (do comando de Drona) aqueles combatentes heróicos, ó Bharata, foram oprimidos e subjugados com grande celeridade (pelo filho de Bharadwaja)."

191

"Sanjaya disse, 'Então Drona causou uma grande carnificina entre os Panchalas, como o massacre causado pelo próprio Sakra em fúria entre os Danavas nos tempos antigos. Os grandes guerreiros em carros do exército Pandava, dotados de poder e energia, embora massacrados, ó rei, pelas armas de Drona, contudo não ficaram com medo de Drona naquela batalha. De fato, ó monarca, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Panchalas e os Srinjayas, avançaram todos contra o próprio Drona, para lutar com ele. Altos e ferozes foram os gritos que eles proferiram quando eles avançaram em direção a Drona para cercá-lo por todos os lados e foram massacrados por ele com flechas e dardos. Contemplando o massacre dos Panchalas naquela batalha pelo ilustre Drona, e vendo suas armas subjugarem todos os lados, o medo entrou nos corações dos Pandavas. Contemplando aquela carnificina terrível de corcéis e seres humanos naquela batalha, os Pandavas, ó monarca, ficaram sem esperança de vitória. (Eles começaram a dizer uns aos outros) 'Não é evidente que Drona, aquele guerreiro conhecedor das mais poderosas das armas, consumirá nós todos como um incêndio intenso consumindo uma pilha de palha na estação da primavera? Não há ninguém competente nem para olhar para ele em batalha. Conhecedor dos costumes de moralidade, Arjuna (o único que é um páreo para ele) não lutará com ele.' Vendo os filhos de Kunti afligidos pelas flechas de Drona e inspirados com medo, Kesava, dotado de grande inteligência e dedicado ao seu bem-estar, dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Este principal de todos os arqueiros é incapaz de ser derrotado alguma vez pela força em batalha, pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Quando, no entanto, ele põe de lado suas armas, ele se torna capaz de ser morto no campo até por seres humanos. Deixando a virtude de lado, ó filhos de Pandu, adotem agora algum artifício para ganhar a vitória, para que Drona de carro dourado não possa matar nós todos em batalha. Após a queda de (seu filho) Aswatthaman ele cessará de lutar, eu penso. Que algum homem, portanto, diga a ele que Aswatthaman foi morto em batalha.' Esse conselho, no entanto, ó rei, não foi aprovado pelo filho de Kunti, Dhananjaya. Outros o aprovaram. Mas Yudhishthira o aceitou com grande dificuldade. Então Bhima de braços fortes, ó rei, matou com uma maça esmagadora de inimigos, um elefante terrível e enorme chamado Aswatthaman, do seu próprio exército, pertencente a Indravarman, o chefe dos Malavas. Aproximando-se de Drona então naquela batalha com algum acanhamento Bhimasena começou a exclamar em voz alta, 'Aswatthaman foi morto!' Aquele elefante chamado Aswatthaman tendo sido morto dessa maneira, Bhima falou da morte de Aswatthaman. Mantendo o

fato verdadeiro dentro de sua mente, ele disse o que era incorreto. Ouvindo aquelas palavras muito desagradáveis de Bhima e refletindo sobre elas, os membros de Drona pareceram se dissolver como areia em água. Lembrando-se no entanto, da bravura de seu filho, ele logo veio a considerar aquela informação como falsa. Ouvindo, portanto, a respeito de sua morte, Drona não ficou emasculado. De fato, logo recuperando sua razão, ele ficou confortado, lembrando-se de que seu filho era incapaz de ser resistido por inimigos. Se apressando em direção ao filho de Prishata e desejoso de matar aquele herói que tinha sido ordenado como seu matador, ele o cobriu com mil flechas afiadas, providas de penas kanka. Então vinte mil guerreiros em carros Panchala de grande energia o cobriram, enquanto ele estava assim se movendo rapidamente em batalha, com suas flechas. Completamente coberto com aquelas flechas, nós não podíamos mais ver aquele grande guerreiro em carro que então parecia, ó monarca, o sol coberto com nuvens na estação das chuvas. Cheio de ira e desejoso de realizar a destruição daqueles bravos Panchalas, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele opressor de inimigos, Drona, dissipando todas aquelas flechas dos Panchalas, então chamou à existência a arma Brahma. Naquele momento, Drona parecia resplandecente como um fogo ardente sem fumaça. Novamente de raiva o valente filho de Bharadwaja massacrando todos os Somakas, parecia estar coberto com grande esplendor. Naquela batalha terrível, ele derrubou as cabeças dos Panchalas e cortou seus braços massivos, parecendo com maças com ferrões e enfeitados com ornamentos dourados. De fato, aqueles Kshatriyas, massacrados em batalha pelo filho de Bharadwaja caíam sobre o solo e jaziam espalhados como árvores arrancadas pela tempestade. Por causa de elefantes e corcéis caídos, ó Bharata, a terra, lodosa com carne e sangue, ficou intransitável. Tendo matado vinte mil guerreiros em carros Panchala, Drona, naquela batalha, brilhava resplandecente como um fogo ardente sem fumaça. Novamente cheio de fúria, o filho valente de Bharadwaja cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça de Vasudana de seu tronco. Novamente matando quinhentos Matsyas, e seis mil elefantes, ele matou dez mil corcéis. Vendo Drona posicionado sobre o campo para o extermínio da linhagem Kshatriya, os Rishis Viswamitra, e Jamadagni, e Bharadwaja, e Gautama, e Vasishtha, e Kasyapa, e Atri, e os Srikatas, os Prisnis, Garga, os Valkhilyas, os Marichis, os descendentes de Bhrigu e Angiras, e diversos outros sábios de formas sutis foram para lá rapidamente, com o Transportador de oblações sacrificais em sua dianteira, e, desejosos de levar Drona para a região de Brahman, dirigiram-se a Drona, aquele ornamento de batalha, e disseram, 'Tu estás lutando injustamente. A hora da tua morte é chegada. Colocando de lado tuas armas em batalha, ó Drona, nos contemple posicionados aqui. Depois disso, não cabe a ti perpetrar tais atos extremamente cruéis. Tu és versado nos Vedas e seus ramos. Tu és dedicado aos deveres ordenados pela verdade, especialmente, tu és um Brahmana. Tais atos não ficam bem em ti. Ponha de lado tuas armas. Afaste o véu de erro que te cobre. Adira agora ao caminho eterno. O período pelo qual tu deves morar no mundo dos homens está completo agora. Tu, com a arma Brahma, queimaste homens na terra que não estão familiarizados com armas. Este ato que tu cometeste, ó regenerado, não é justo. Ponha de lado tuas armas em batalha sem demora, ó Drona, não demore mais sobre a terra. Ó regenerado,

não cometa tal ação pecaminosa.' Ouvindo essas palavras deles como também aquelas faladas por Bhimasena, e vendo Dhrishtadyumna à frente dele, Drona ficou muito desanimado em batalha. Queimando com tristeza e muito aflito, ele questionou o filho de Kunti Yudhishthira quanto a se seu filho (Aswatthaman) tinha sido morto ou não. Drona acreditava firmemente que Yudhishthira nunca falaria uma mentira nem por causa da soberania dos três mundos. Por essa razão, aquele touro entre os Brahmanas questionou Yudhishthira e não alguém mais. Ele esperava pela verdade de Yudhishthira desde a infância do último."

"Enquanto isso, ó monarca, Govinda, sabendo que Drona, aquele principal dos guerreiros, era capaz de varrer todos os Pandavas da face da terra, ficou muito angustiado. Dirigindo-se a Yudhishthira ele disse, 'Se Drona lutar, cheio de raiva, mesmo por metade de um dia, eu te digo realmente, teu exército então será aniquilado. Salve-nos, então, de Drona, sob tais circunstâncias, mentira é melhor do que verdade. Por dizer uma mentira para salvar uma vida, uma pessoa não é tocada pelo pecado. Não há pecado em mentira falada para mulheres, ou em casamentos, ou para salvar o rei, ou para resgatar um Brahmana.' Enquanto Govinda e Yudhishthira estavam assim falando um com o outro, Bhimasena (dirigindo-se ao rei) disse, 'Logo, ó monarca, que eu soube dos meios pelos quais Drona de grande alma poderia ser morto, aplicando minha destreza em batalha, eu imediatamente matei um elefante poderoso, como o elefante do próprio Sakra, pertencente a Indravarman, o chefe dos Malavas, que estava colocado dentro do teu exército. Eu então fui até Drona e disse a ele, 'Aswatthaman está morto, ó Brahmana! Pare, então, de lutar.' Na verdade, ó touro entre homens, o preceptor não acreditou na veracidade daquelas palavras. Desejoso de vitória como tu estás, aceite o conselho de Govinda. Diga a Drona, ó rei, que o filho da filha de Saradwat não existe mais. Informado por ti, aquele touro entre os Brahmanas nunca irá lutar. Tu, ó soberano de homens, és reputado como verdadeiro nos três mundos.' Ouvindo aquelas palavras de Bhima e induzido pelos conselhos de Krishna, e devido também à inevitabilidade do destino, ó monarca, Yudhishthira decidiu dizer o que ele desejava. Temendo proferir uma inverdade, mas sinceramente desejoso de vitória, Yudhishthira disse claramente que Aswatthaman estava morto, somando indistintamente a palavra elefante (depois do nome). Antes disso, o carro de Yudhishthira ficava a uma altura de quatro dedos de largura da superfície da terra; depois, no entanto, que ele disse aquela mentira, seu (veículo e) animais tocaram o chão. Ouvindo aquelas palavras de Yudhishthira, o poderoso guerreiro em carro Drona, afligido pela dor pela (suposta) morte de seu filho, entregou-se à influência do desespero. Pelas palavras, além disso, dos Rishis, ele se considerou um grande ofensor contra os Pandavas de grande alma. Ouvindo agora a respeito da morte de seu filho, ele ficou completamente desanimado e cheio de ansiedade; ao ver Dhrishtadyumna, ó rei, aquele castigador de inimigos não pode mais lutar como antes.'"

192

"Sanjaya disse, 'Vendo Drona cheio de grande ansiedade e quase privado de seus sentidos pela dor, Dhrishtadyumna, o filho do rei Panchala, avançou nele. Aquele herói tinha, para a destruição de Drona, sido obtido por Drupada, aquele soberano de homens, em um grande sacrifício, do Transportador de libações sacrificais. Desejoso de matar Drona, ele agora pegou um arco concessor de vitória e formidável cuja vibração parecia o ribombo das nuvens, cuja corda era possuidora de grande força, e que era irrefragável e celeste. E ele fixou nele uma flecha ardente, parecendo uma cobra de veneno virulento e possuidora do esplendor do fogo. Aquela flecha, parecendo um fogo de chama feroz, enquanto dentro do círculo de seu arco, parecia com o sol outonal de esplendor grandioso dentro de um círculo radiante. Vendo aquele arco resplandecente curvado com força pelo filho de Prishata, as tropas consideraram aquela como sendo a última hora (do mundo). Vendo aquela flecha mirada nele, o valente filho de Bharadwaja pensou que a última hora de seu corpo tinha chegado. O preceptor preparou-se com cuidado para frustrar aquela flecha. As armas, no entanto, daquele de grande alma, ó monarca, não mais apareceram ao seu comando. (As armas celestes eram todas agentes vivos que apareciam ao comando daquele que sabia invocá-los. Elas abandonavam, no entanto, a pessoa cuja morte era iminente, embora invocadas com as fórmulas usuais.) Suas armas não tinham se esgotado embora ele as tivesse disparado incessantemente por quatro dias e uma noite. No término, no entanto, da terceira parte daquele quinto dia, suas flechas se esgotaram. Vendo o esgotamento de suas flechas e angustiado pelo pesar por conta de morte de seu filho, e por causa também da relutância de armas celestes de aparecerem ao seu comando, ele desejou por de lado suas armas, como requisitado pelas palavras dos Rishis também. Embora cheio de grande energia, ele não podia, no entanto, lutar como antes. Então pegando outro arco celeste que Angiras tinha lhe dado, e certas flechas que pareciam a maldição de um Brahmana, ele continuou a lutar com Dhrishtadyumna. Ele cobriu o príncipe Panchala com uma grossa chuva de flechas e cheio de raiva, mutilou seu adversário furioso. Com suas próprias flechas afiadas ele cortou em cem fragmentos aquelas do príncipe como também o arco e estandarte do último. Ele então matou o motorista de seu oponente. Então Dhrishtadyumna, sorrindo, pegou outro arco, e perfurou Drona com uma flecha afiada no centro do peito. Profundamente perfurado com isso e perdendo sua presença de espírito naquele combate, aquele arqueiro poderoso, então, com uma flecha afiada e de cabeça larga, mais uma vez cortou o arco de Dhrishtadyumna. De fato, o invencível Drona então cortou todas as armas, ó rei, e todos os arcos que seu adversário tinha, com a exceção somente de sua maça e espada. Cheio de raiva, ele então perfurou o furioso Dhrishtadyumna, ó castigador de inimigos, com nove flechas afiadas, capazes de tirar a vida de todo inimigo. Então o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, de alma incomensurável, chamando à existência a arma Brahma, fez os corcéis de seu próprio carro se misturarem com aqueles de seu inimigo. Dotados da velocidade do vento, aqueles corcéis que eram vermelhos e da cor de pombos, ó touro da raça Bharata, assim misturados, pareciam muito belos. De fato, ó rei, aqueles corcéis assim misturados

no campo de batalha pareciam belos como nuvens rugindo na estação das chuvas, carregadas com relâmpago. Então aquele duas vezes nascido de alma incomensurável cortou as juntas dos varais, as juntas das rodas, e (outras) juntas do carro de Dhrishtadyumna. Privado de seu arco, e feito sem carro e sem cavalos e sem motorista, o heróico Dhrishtadyumna, caído em grande angústia, agarrou uma maça. Cheio de raiva, o poderoso guerreiro em carro, Drona, de destreza imbatível, por meio de diversas flechas afiadas, cortou aquela maça, quando ela estava a ponto de ser arremessada nele. Vendo sua maça cortada por Drona com flechas, aquele tigre entre homens, (o príncipe Panchala), pegou uma espada imaculada e um escudo brilhante ornado com cem luas. Sem dúvida, sob aquelas circunstâncias, o príncipe Panchala resolveu dar um fim naquele principal dos preceptores, aquele guerreiro de grande alma. Às vezes se protegendo na cabina de seu carro e às vezes andando nos varais de seu carro, o príncipe se movimentou, erguendo sua espada e girando seu escudo brilhante. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, desejoso de realizar, por loucura, um feito difícil, esperava perfurar o peito do filho de Bharadwaja naquela batalha. Às vezes ele ficava sobre a canga, e às vezes sob as ancas dos cavalos vermelhos de Drona. Esses movimentos dele eram muito aplaudidos por todas as tropas. De fato, enquanto ele ficava em meio aos arreios da canga ou atrás daqueles corcéis vermelhos, Drona não encontrava oportunidade para atingi-lo. Tudo isso parecia muito extraordinário. Os movimentos de ambos, Drona e o filho de Prishata, naquela batalha pareciam a luta de falcões se movendo rapidamente pelo céu por um pedaço de carne. Então Drona, por meio de um dardo perfurou os corcéis brancos de seu antagonista, um depois do outro, não atingindo, no entanto, os vermelhos entre eles (que pertenciam a ele mesmo). Privados de vida, aqueles corcéis de Dhrishtadyumna caíram sobre o solo. Nisso, os corcéis vermelhos do próprio Drona, ó rei, foram libertados dos emaranhados do carro de Dhrishtadyumna. Vendo seus cavalos mortos por aquele principal dos Brahmanas, o filho de Prishata, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele mais notável dos lutadores, não pode tolerar isso. Embora privado de seu carro, ainda aquele principal de todos os espadachins, armado com sua espada, pulou em direção a Drona, ó monarca, como o filho de Vinata (Garuda) fazendo um ataque em uma cobra. A forma, ó rei, de Dhrishtadyumna naquele momento, quando ele procurava matar o filho de Bharadwaja, parecia a forma do próprio Vishnu nos tempos antigos quando prestes a matar Hiranyakasipu. Ele realizou diversas evoluções, de fato. Ó Kaurava, o filho de Prishata, movendo-se rapidamente naquela batalha, mostrou os bem conhecidos vinte e um diferentes tipos de movimento. Armado com a espada, e escudo na mão, o filho de Prishata se movia em círculos e girava sua espada no alto, e fazia ataques de lado, e se precipitava para a frente e corria de lado, e saltava alto, e atacava os flancos de seus adversários e recuava para trás, e entrava em luta corporal com seus inimigos, e os oprimia duramente. Tendo praticado elas bem, ele também mostrou as evoluções chamadas Bharata, Kausika Satwata, enquanto ele se movia rapidamente naquela batalha para realizar a destruição de Drona. Observando aquelas belas evoluções de Dhrishtadyumna, quando ele se movia rapidamente no campo, espada e escudo na mão, todos os guerreiros, como também os celestiais reunidos lá, ficaram cheios de admiração. O regenerado Drona então, disparando mil flechas no meio

da luta, cortou a espada de Dhrishtadyumna como também seu escuto, decorado com cem luas. Aquelas flechas que Drona disparou, enquanto lutando de tal ponto próximo, eram do comprimento de um palmo. Tais flechas são usadas somente em luta de perto. Ninguém mais tem flechas daquele tipo exceto Kripa, e Partha, e Aswatthaman e Karna, Pradyumna e Yuyudhana; Abhimanyu também tinha tais flechas. Então o preceptor, desejoso de matar seu discípulo que era para ele assim como seu próprio filho, fixou na corda de seu arco uma flecha dotada de grande impetuosidade. Aquela flecha, no entanto, Satyaki cortou por meio de dez flechas, na própria vista do teu filho como também de Karna de grande alma, e dessa maneira salvou Dhrishtadyumna que estava a ponto de sucumbir a Drona. Então Kesava e Dhananjaya viram Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada, que, ó Bharata, estava se movendo rapidamente no rastro dos carros (dos guerreiros Kuru) e dentro do alcance das flechas de Drona e Karna e Kripa. Dizendo 'Excelente, Excelente!' ambos aplaudiram ruidosamente Satyaki de glória imorredoura, que estava assim destruindo as armas celestes de todos aqueles guerreiros. Então Kesava e Dhananjaya avançaram em direção aos Kurus. Dirigindo-se a Krishna, Dhananjaya disse, 'Veja, ó Kesava, aquele perpetuador da linhagem de Madhu, isto é, Satyaki de coragem verdadeira, se divertindo diante do preceptor e daqueles poderosos guerreiros e alegrando a mim e aos gêmeos e Bhima e ao rei Yudhishthira. Com habilidade adquirida por prática e sem insolência, veja aquele aumentador da fama dos Vrishnis, Satyaki, correndo a toda velocidade em batalha, enquanto se divertindo com aqueles poderosos guerreiros em carros. Todas essas tropas, como também os Siddhas (no céu), vendo-o invencível em batalha, estão cheios de admiração, e o aplaudindo, dizendo, 'Excelente, Excelente!' De fato, ó rei, os guerreiros de ambos os exércitos todos aplaudiram o herói Satwata, por suas façanhas.'"

193

"Sanjaya disse, 'Observando aquelas façanhas do herói Satwata, Duryodhana e outros, cheios de raiva, cercaram rapidamente o neto de Sini por todos os lados. Kripa e Karna, e também teus filhos, ó majestade, naquela batalha, se aproximando rapidamente do neto de Sini, começaram a atacá-lo com flechas afiadas. Então o rei Yudhishthira, e os dois outros Pandavas, isto é, os dois filhos de Madri e Bhimasena de grande poder circundaram Satyaki (para protegê-lo). Karna, e o poderoso guerreiro em carro Kripa, e Duryodhana e outros, todos resistiram a Satyaki, despejando chuvas de flechas sobre ele. O neto de Sini, no entanto, lutando com todos aqueles guerreiros em carros, frustrou, ó monarca, aquela chuva terrível de flechas, tão repentinamente criada por seus inimigos. De fato, naquela batalha terrível, Satyaki, por meio de suas próprias armas celestes, resistiu devidamente a todas aquelas armas celestes apontadas para ele por aqueles guerreiros ilustres. O campo de batalha ficou cheio de muitas visões cruéis após aquele combate daqueles combatentes nobres, parecendo aquela cena de antigamente quando Rudra, cheio de ira, tinha destruído todas as criaturas. Braços humanos e cabeças e arcos, ó Bharata, e guarda-sóis

deslocados (de carros), e rabos de iaque, eram vistos espalhados em pilhas no campo de batalha. A terra ficou rapidamente coberta com rodas e carros quebrados, e braços massivos cortados de troncos, e bravos cavaleiros privados de vida. E, ó principal entre os Kurus, grande número de guerreiros, mutilados por flechas caindo, eram vistos naquela grande batalha rolarem e se contorcerem no chão na agonia dos últimos espasmos da morte. Durante a continuação daquela batalha terrível, parecendo o combate nos tempos passados entre os celestiais e os Asuras, o rei Yudhishthira o justo, dirigindo-se a seus guerreiros, disse, 'Aplicando todo seu vigor, avancem, ó grandes guerreiros em carros, contra o Nascido no Pote! Lá o filho heróico de Prishata está envolvido em combate com Drona! Ele está se esforçando ao máximo de sua força para matar o filho de Bharadwaja. A julgar pelo aspecto eu ele está apresentando nessa grande batalha, é evidente que cheio de raiva, ele hoje irá derrubar Drona. Se unindo, todos vocês lutem com o Nascido no Pote.' Assim ordenados por Yudhishthira, os poderosos guerreiros em carros dos Srinjayas avançaram todos com grande vigor para matar o filho de Bharadwaja. Aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Bharadwaja, avançou rapidamente contra aqueles guerreiros que avançavam, sabendo com certeza que ele iria morrer. Quando Drona, de pontaria certeira, assim procedeu, a terra tremeu violentamente. Ventos impetuosos começaram a soprar, inspirando as tropas (hostis) com medo. Meteoros grandes caíram, aparentemente emergindo do sol, ardendo ferozmente quando eles caíam e pressagiando grandes terrores. As armas de Drona, ó majestade, pareciam resplandecer. Carros pareciam produzir estrépitos altos, e corcéis derramaram lágrimas. O poderoso guerreiro em carro, Drona, parecia estar privado de sua energia. Seu olho esquerdo e mão esquerda começaram a estremecer. Vendo o filho de Prishata, novamente, à frente dele, e tendo em mente as palavras dos Rishis acerca de sua partida do mundo para o céu, ele ficou triste. Ele então desejou abandonar a vida por lutar justamente. Cercado por todos os todos lados pelas tropas do filho de Drupada, Drona começou a se mover rapidamente em batalha, consumindo grande número de Kshatriyas. Aquele opressor de inimigos, tendo matado vinte e quatro mil Kshatriyas, então despachou para a residência de Yama dez vezes dez mil, por meio de suas flechas de pontas afiadas. Esforçando-se com cuidado, ele parecia permanecer naquela batalha como um fogo sem fumaça. Para o extermínio da classe Kshatriya, ele então recorreu à arma Brahma. Então o poderoso Bhima, vendo o ilustre e irresistível príncipe dos Panchalas sem carro e sem armas, foi rapidamente em direção a ele. Vendo ele atingindo Drona de um ponto próximo, aquele opressor de inimigos recebeu Dhrishtadyumna em seu próprio carro e disse a ele, 'Exceto tu não há outro homem que possa ousar lutar com o preceptor. Seja rápido para matá-lo. A responsabilidade de matá-lo é tua.' Assim endereçado por Bhima, Dhrishtadyumna de braços fortes pegou rapidamente um arco forte, novo e excelente capaz de aguentar uma grande tensão. Cheio de raiva, e disparando suas flechas naquela batalha no irresistível Drona, Dhrishtadyumna cobriu o preceptor, desejoso de resistir a ele. Aqueles dois ornamentos de batalha então, ambos principais dos lutadores e ambos cheios de raiva, chamaram à existência a arma Brahma e diversas outras armas celestes. De fato, ó rei, Dhrishtadyumna cobriu Drona com muitas armas poderosas naquele combate. Destruindo todas as armas do filho de Bharadwaja, o príncipe Panchala,

aquele guerreiro de glória imorredoura, começou a matar os Vasatis, os Sivis, os Valhikas e os Kurus, isto é, aqueles que protegiam Drona naquela batalha. De fato, ó rei, disparando chuvas de flechas para todos os lados, Dhrishtadyumna naquele momento parecia resplandecente como o próprio sol derramando seus milhares de raios. Drona, no entanto, cortou novamente o arco do príncipe e perfurou os membros vitais do próprio príncipe com muitas flechas. Assim perfurado, o príncipe sentiu grande dor. Então Bhima, de grande cólera, detendo o carro de Drona, ó monarca, disse lentamente essas palavras para ele: 'Se patifes entre os Brahmanas, descontentes com as ocupações regulares da sua própria classe, mas bem versados em armas, não lutassem, a classe Kshatriya então não teria sido assim exterminada. Abstenção de injúria para todas as criaturas é citada como a maior de todas as virtudes. O Brahmana é a raiz daquela virtude. Em relação a ti mesmo, além disso, tu és a principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma. Matando todos aqueles Mlecchas e outros guerreiros, que, no entanto, estão todos engajados nas ocupações regulares próprias de sua classe, movido a isso por ignorância e loucura, ó Brahmana, e pelo desejo de riqueza para beneficiar filhos e esposas; de fato, por causa de um único filho, por que tu não te sentes envergonhado? Ele por quem tu tens utilizado armas, e por quem tu vives, ele, privado de vida, jaz hoje no campo de batalha, ignorado por ti e atrás das tuas costas. O rei Yudhishthira o justo te disse isso. Não cabe a ti duvidar desse fato.' Assim endereçado por Bhima, Drona pôs de lado seu arco. Desejoso de por de lado todas as suas armas também, o filho de Bharadwaja de alma virtuosa disse em voz alta, 'Ó Karna, Karna, ó grande arqueiro, ó Kripa, ó Duryodhana, eu digo a vocês repetidamente, se esforcem cuidadosamente em batalha. Não deixem nenhum prejuízo acontecer a vocês dos Pandavas. Em relação a mim mesmo, eu ponho de lado minhas armas.' Dizendo essas palavras, ele começou ruidosamente a dizer o nome de Aswatthaman. Colocando de lado suas armas então naquela batalha, e se sentando no terraço de seu carro, ele dedicou-se ao Yoga e inspirou confiança em todas as criaturas, dissipando seus temores. Vendo aquela oportunidade, Dhrishtadyumna reuniu toda sua energia. Colocando no carro seu arco formidável, com flecha fixada na corda, ele pegou uma espada, e pulando de seu veículo, avançou rapidamente contra Drona. Todas as criaturas, seres humanos e outros, proferiram exclamações de angústia, vendo Drona assim caído sob o poder de Dhrishtadyumna. Altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' foram proferidos, como também aquele de 'Oh!' e 'Que vergonha!' Com relação ao próprio Drona, abandonando suas armas, ele estava então em um estado supremamente tranquilo. Tendo dito aquelas palavras ele tinha se dedicado ao Yoga. Dotado de grande refulgência e possuidor de grande mérito ascético, ele tinha fixado seu coração naquele Ser Supremo e Antigo, isto é, Vishnu. Inclinando seu rosto ligeiramente para baixo, e erguendo seu peito para a frente, e fechando seus olhos, e repousando na qualidade de bondade, e dirigindo seu coração à contemplação, e pensando no monossílabo Om, representando Brahma, e se lembrando do Deus pujante, supremo, e indestrutível dos deuses, o radiante Drona de grande mérito ascético, o preceptor (dos Kurus e dos Pandavas) se dirigiu para o céu que é tão difícil de ser alcançado até pelos pios. De fato, quando Drona procedeu assim para o céu parecia para nós que então havia dois sóis no firmamento. O céu inteiro estava em chamas e parecia ser uma extensão vasta de

luz uniforme quando Bharadwaja semelhante ao sol, de refulgência solar, desapareceu. Sons confusos de alegria foram ouvidos, proferidos pelos celestiais encantados. Quando Drona dirigiu-se dessa maneira para a região de Brahman, Dhrishtadyumna estava, inconsciente disso tudo, ao lado dele. Somente nós cinco entre os homens vimos Drona de grande alma absorto em Yoga proceder para a mais sublime região de bem aventurança. Esses cinco eram eu mesmo, Dhananjaya, o filho de Pritha, e o filho de Drona, Aswatthaman, e Vasudeva da linhagem de Vrishni, e o rei Yudhishthira o justo, o filho de Pandu. Ninguém mais, ó rei, pode ver aquela glória do sábio Drona, dedicado ao Yoga, enquanto partindo do mundo. Realmente, todos os seres humanos estavam inconscientes do fato de que o preceptor alcançou a região suprema de Brahman, uma região misteriosa para os próprios deuses, e que é a mais elevada de todas. De fato, nenhum deles pode ver o preceptor, aquele castigador de inimigos, proceder para a região de Brahman, dedicado ao Yoga na companhia dos principais dos Rishis, seu corpo mutilado por flechas e banhado em sangue, depois que ele tinha posto de lado suas armas. Em relação ao filho de Prishata, embora todos gritassem 'Que vergonha!' para ele, ainda lançando seus olhos na cabeça sem vida de Drona, ele começou a puxá-la à força. Com sua espada, então, ele cortou do tronco de seu inimigo aquela cabeça, enquanto seu inimigo permanecia sem fala. Tendo matado o filho de Bharadwaja, Dhrishtadyumna estava cheio de grande alegria, e proferiu gritos leoninos, girando sua espada. De uma cor escura, com seus cabelos brancos descendo até suas orelhas, aquele homem idoso de oitenta e cinco anos de idade costumava, por tua causa somente, se mover rapidamente no campo de batalha com a energia de um jovem de dezesseis. O poderosamente armado Dhananjaya, o filho de Kunti, (antes que a cabeça de Drona fosse cortada) tinha dito, 'Ó filho de Drupada, traga o preceptor vivo, não o mate. Ele não deve ser morto.' Assim mesmo todas as tropas também tinham gritado. Arjuna, em particular, movido por compaixão, tinha gritado repetidamente. Desconsiderando, no entanto, os gritos de Arjuna como também aqueles de todos os reis, Dhrishtadyumna matou Drona, aquele touro entre homens, no terraço de seu carro. Coberto com o sangue de Drona, Dhrishtadyumna então saltou do carro sobre o solo. Parecendo vermelho como o sol, ele então parecia ser extremamente feroz. Tuas tropas viram Drona morto exatamente dessa maneira naquela batalha. Então Dhrishtadyumna, aquele grande arqueiro, ó rei, jogou no chão aquela cabeça grande do filho de Bharadwaja diante dos guerreiros do teu exército. Teus soldados, ó monarca, vendo a cabeça do filho de Bharadwaja, colocaram seus corações na fuga e fugiram em todas as direções. Enquanto isso Drona, ascendendo aos céus, entrou no caminho estelar. Pela graça do Rishi Krishna (Dwaipayana), o filho de Satyavati, eu testemunhei, ó rei, (as verdadeiras circunstâncias a respeito da) morte de Drona. Eu contemplei aquele ilustre procedendo, depois que ele tinha ascendido ao céu, como um tição sem fumaça de esplendor ardente. Após a queda de Drona, os Kurus, os Pandavas e os Srinjayas, todos ficaram tristes e fugiram com grande velocidade. O exército então se dividiu. Muitos tinham sido mortos, e muitos feridos por meio de flechas afiadas. Teus guerreiros (em particular), após a queda de Drona, pareciam estar privados de vida. Tendo sofrido uma derrota, e estando inspirados com medo acerca do futuro, os Kurus se consideraram privados de ambos os mundos. (Isto é, tendo

sofrido uma derrota, eles perderam esse mundo, e fugindo do campo, eles cometeram um pecado e perderam o mundo seguinte.) De fato, eles perderam todo o autocontrole. Procurando pelo corpo do filho de Bharadwaja, ó monarca, no campo coberto com milhares de troncos sem cabeça, os reis não puderam encontrá-lo. Os Pandavas, tendo obtido a vitória e grandes perspectivas de renome no futuro, começaram a fazer sons altos com suas flechas e conchas e proferiram altos rugidos leoninos. Então Bhimasena, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, foram vistos no meio da hoste (Pandava) abraçar um ao outro. Dirigindo-se ao filho de Prishata, aquele opressor de inimigos, isto é, Bhima disse, 'Eu te abraçarei novamente, ó filho de Prishata, como alguém coroado com vitória, quando aquele desgraçado do filho de um Suta for morto em batalha, como também aquele outro canalha, isto é, Duryodhana.' Dizendo essas palavras, Bhimasena, o filho de Pandu, cheio de êxtases de alegria, fez a terra tremer com golpes em seu peito. Terrificadas por aquele som, tuas tropas fugiram da batalha, esquecendo os deveres dos Kshatriyas e colocando seus corações na fuga. Os Pandavas, tendo se tornado vencedores, ficaram muito contentes, ó monarca, e eles sentiram grande felicidade derivada da destruição de seus inimigos em batalha.'"

194

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Drona, ó rei, os Kurus, afligidos por armas, privados de seu líder, divididos e derrotados, ficaram cheios com o esforço, e carentes de energia pela aflição. Proferindo lamentos altos, vendo seus inimigos (os Pandavas) prevalecendo sobre eles, eles tremiam repetidamente. Seus olhos cheios de lágrimas, e corações inspirados com medo, eles ficaram, ó rei, melancólicos e tristes, e desprovidos de (energia) se reuniram em volta do teu filho. Cobertos com poeira, tremendo (com medo), lançando olhares vazios para todos os lados, e com suas vozes sufocadas pelo medo, eles pareciam os Daityas depois da queda de Hiranyaksha nos tempos passados. Cercado por eles todos, como se por pequenos animais tomados pelo medo, teu filho, incapaz de ficar em seu meio, se afastou. Atormentados por fome e sede, e chamuscados pelo sol, teus guerreiros, então, ó Bharata, ficaram extremamente desanimados. Contemplando a queda do filho de Bharadwaja, a qual era como a queda do sol sobre a terra, ou a secagem do oceano, ou a transplantação de Meru, ou a derrota de Vasava, vendo aquele ato, incapaz de ser tranquilamente testemunhado, os Kauravas, ó rei, fugiram com medo, o terror lhes emprestando maior velocidade. O soberano dos Gandharas Sakuni, vendo Drona de carro dourado morto, fugiu com os guerreiros em carros de sua divisão, com velocidade que era muito maior. Até o filho de Suta fugiu com medo, levando com ele sua própria divisão vasta, que estava se retirando com grande velocidade com todos os seus estandartes. O soberano dos Madras, isto é, Salya, também, lançando olhares vagos em volta, fugiu com medo, levando consigo sua divisão, abundando em carros e elefantes e corcéis. O filho de Saradwat, Kripa, também, fugiu, dizendo, 'Ai. Ai,' levando com ele sua divisão de elefantes e soldados de infantaria, a maior parte dela tendo sido morta. Kritavarman, ó rei, também fugiu, levado por seus corcéis velozes, e

cercado pelo resto das suas tropas Bhoja, Kalinga, Aratta, e Valhika. Uluka, ó rei, vendo Drona morto, fugiu com velocidade, afligido com medo e acompanhado por um grande grupo de soldados de infantaria. Bonito e dotado de juventude, e reputado por sua bravura, Duhsasana, também, em grande ansiedade, fugiu circundado por sua divisão de elefantes. Levando com ele dez mil carros e três mil elefantes, Vrishasena também fugiu com velocidade à visão da queda de Drona. Acompanhado por seus elefantes e cavalos e carros, e cercado também por soldados de infantaria, teu filho, o poderoso guerreiro em carro Duryodhana, também fugiu, ó rei, levando com ele o restante dos Samsaptakas a quem Arjuna ainda não tinha massacrado. Susarman, ó rei, fugiu, vendo Drona morto. Em elefantes e carros e corcéis, todos os guerreiros do exército Kaurava fugiram do campo, vendo Drona, de carro dourado, morto. Alguns instigando seus pais adiante, alguns seus irmãos, alguns seus tios maternos, alguns seus filhos, alguns seus amigos, os Kauravas fugiram. Outros incitando seus irmãos em armas ou, os filhos de suas irmãs, seus parentes, fugiram para todos os lados. Com cabelo despenteado, e equipamentos soltos, todos fugiram de tal maneira que nem mesmo duas pessoas podiam ser vistas correndo juntas. O exército Kuru está totalmente destruído, essa mesma era a opinião de todos. Outros entre tuas tropas fugiram, ó rei, livrando-se de suas cotas de malha. Os soldados chamavam uns aos outros ruidosamente, ó touro da raça Bharata, dizendo, 'Esperem! Esperem, não fujam,' mas nenhum deles que falou assim permaneceu ele mesmo no campo. Abandonando seus veículos e carros enfeitados com ornamentos, os guerreiros, em cavalos ou usando suas pernas, fugiram com grande velocidade."

"Enquanto as tropas, desprovidas de energia, estavam fugindo dessa maneira com velocidade, o único filho de Drona, Aswatthaman, como um jacaré enorme avançando contra a correnteza de um rio, se precipitou contra seus inimigos. Uma batalha violenta ocorreu entre ele e muitos guerreiros encabeçados por Sikhandin e os Prabhadrakas, os Panchalas, os Chedis, e os Kaikeyas. Matando muitos guerreiros do exército Pandava que eram incapazes de serem derrotados com facilidade, e escapando com dificuldade da pressão da batalha, aquele herói, possuidor do andar de um elefante enfurecido, vendo a hoste (Kaurava) fugindo, resolveu fugir. Procedendo em direção a Duryodhana, o filho de Drona, aproximando-se do rei Kuru, disse, 'Por que, ó Bharata, as tropas estão fugindo como se apavoradas? Embora fugindo dessa maneira, ó monarca, por que tu ainda não as reagrupa em batalha? Tu mesmo, também, ó rei, não pareces estar no teu estado de espírito usual. Após a morte daquele leão entre os guerreiros em carros, ó monarca, teu exército caiu nesta situação difícil. Ó Kaurava, ó rei, todos aqueles que são encabeçados (até) por Karna, não permanecem no campo. Em nenhuma batalha lutada antes o exército fugiu assim. Algum mal aconteceu às tuas tropas, ó Bharata?' Ouvindo essas palavras do filho de Drona naquela ocasião, Duryodhana, aquele touro entre os reis, sentiu-se incapaz de lhe dar a notícia dolorosa. De fato, teu filho pareceu afundar em um oceano de aflição, como um barco naufragado. Vendo o filho de Drona em seu carro, o rei ficou banhado em lágrimas. Cheio de vergonha, ó monarca, o rei então se dirigiu ao filho de Saradwat, dizendo, 'Abençoado sejas, diga tu, antes de outros, por que o exército está fugindo dessa maneira.' Então o filho de Saradwat, ó rei,

repetidamente sentindo grande angústia, disse para o filho de Drona como seu pai tinha sido morto.'"

"Kripa disse, 'Colocando Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, em nossa dianteira, nós começamos a lutar somente com os Panchalas. Quando a batalha começou, os Kurus e os Somakas, misturados juntos, rugiram uns para os outros e começaram a derrubar uns aos outros com suas armas. Durante a continuação daquela batalha os Dhartarashtras começaram a ser diminuídos. Vendo isso, teu pai, cheio de raiva, chamou à existência uma arma celeste. De fato, Drona, aquele touro entre homens, tendo invocado a arma Brahma, matou seus inimigos com flechas de cabeça larga, às centenas e milhares. (Armas celestes eram invocadas com mantras. Elas eram forças as quais criavam todos os tipos de armas tangíveis que o invocador desejava. Aqui a arma Brahma tomou a forma de flechas de cabeça larga.) Incitados pelo destino, os Pandavas, os Kaikeyas, os Matsyas, e os Panchalas, ó principal dos regenerados, se aproximando do carro de Drona, começaram a perecer. Com sua arma Brahma, Drona despachou para a residência de Yama mil bravos guerreiros e dois mil elefantes. De uma cor escura, com seus cabelos grisalhos descendo até suas orelhas, e com oitenta e cinco anos completos de idade, o idoso Drona costumava se movimentar rapidamente em batalha como um jovem de dezesseis. Quando as tropas do inimigo estavam assim afligidas e os reis estavam sendo mortos, os Panchalas, embora cheios de desejo de vingança, recuaram da batalha. Quando o inimigo, voltando atrás, parcialmente perdeu sua ordem, aquele subjugador de inimigos (Drona), chamando armas celestes à existência, brilhava resplandecente como o sol nascente. De fato, teu pai valente, chegando no meio dos Pandavas, e tendo flechas como os raios que emanavam dele, parecia o sol do meio-dia para o qual ninguém podia olhar. Chamuscados por Drona, como se pelo sol brilhante, eles ficaram desanimados e privados de sua energia e sentidos. Vendo eles assim afligidos por Drona com suas flechas, o matador de Madhu, desejoso de vitória para o filho de Pandu disse essas palavras: 'Realmente, este principal de todos os manejadores de armas, este líder dos líderes é incapaz de ser vencido em batalha pelo próprio matador de Vritra. Ó filhos de Pandu, pondo de lado a retidão, cuidem da vitória, para que Drona de carro dourado não possa matar todos vocês em batalha. Eu penso que ele não lutará depois da queda de Aswatthaman. Que algum homem diga falsamente a ele que Aswatthaman foi morto em batalha.' Ouvindo essas palavras o filho de Kunti, Dhananjaya, não as aprovou. O conselho, no entanto, encontrou a aprovação de todos os outros, e até de Yudhishthira com alguma dificuldade. Então Bhimasena, com uma aparência de acanhamento, disse para teu pai, 'Aswatthaman foi morto!' Teu pai, no entanto, não acreditou nele. Suspeitando de que a notícia era falsa, teu pai, tão afetuoso em direção a ti, questionou Yudhishthira quanto a se tu estavas realmente morto ou não. Afligido pelo medo de uma mentira, desejoso ao mesmo tempo de vitória, Yudhishthira, vendo um elefante poderoso, enorme como uma colina e chamado Aswatthaman, pertencente ao chefe Malava, Indravarman, morto no campo por Bhima, se aproximou de Drona e respondeu a ele, dizendo, 'Ele por quem tu manejaste armas, ele, considerando a quem tu vives, aquele teu filho sempre querido, isto é, Aswatthaman, foi morto. Privado de vida ele jaz na terra nua como um leão jovem.'

Totalmente consciente das más consequências da mentira, o rei falou aquelas palavras para aquele melhor dos Brahmanas, indistintamente adicionando elefante (depois de Aswatthaman). Sabendo da queda de seu filho, ele começou a lamentar alto, afligido pela angústia. Reprimindo (a força de) suas armas celestes, ele não lutou como antes. Vendo ele cheio de ansiedade, e quase privado de seus sentidos pela dor, o filho do rei Panchala, de feitos cruéis, avançou em direção a ele. Vendo o príncipe que tinha sido ordenado como seu matador, Drona, versado em todas as verdades acerca de homens e coisas, abandonou todas as suas armas celestes e sentou-se em Praya no campo de batalha. Então o filho de Prishata, agarrando a cabeça de Drona com sua mão esquerda e desconsiderando as altas admoestações de todos os heróis, cortou aquela cabeça. 'Drona não deve ser morto,' essas mesmas foram as palavras proferidas de todos os lados. Similarmente, Arjuna também, saltando de seu carro, correu rapidamente em direção ao filho de Prishata, com braços erguidos e dizendo repetidamente, 'Ó tu que és familiarizado com os costumes de moralidade, não mate o preceptor mas traga-o vivo.' Embora assim proibido pelos Kauravas como também por Arjuna, Dhrishtadyumna matou teu pai. Por isso, afligidas com medo, as tropas estão todas fugindo. Nós mesmos também, pela mesma razão, em grande tristeza, ó impecável, estamos fazendo o mesmo.'"

"Sanjaya continuou, 'Sabendo da morte de seu pai em batalha, o filho de Drona, como uma cobra atingida com o pé, ficou cheio de ira feroz. E cheio de raiva, ó majestade, Aswatthaman brilhou naquela batalha como um fogo alimentado com uma grande quantidade de combustível. Quando ele apertou suas mãos e rangeu seus dentes, e respirou como uma cobra, seus olhos ficaram vermelhos como sangue.'"

195

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da morte, por meios injustos, de seu pai idoso, por Dhrishtadyumna, o que o valente Aswatthaman disse, ele, isto é, em quem armas humanas e Varuna e Agneya e Brahma e Aindra e Narayana estão sempre presentes? De fato, sabendo que o preceptor, aquele principal dos homens virtuosos, tinha sido morto injustamente por Dhrishtadyumna em batalha, o que Aswatthaman disse? Drona de grande alma, tendo obtido a ciência de armas de Rama comunicou (o conhecimento de) todas as armas celestes para seu filho desejoso de ver o último adornado com todas as habilidades (de um guerreiro). Há só uma pessoa nesse mundo, isto é, o filho, e ninguém mais, a quem os homens desejam que se tornem superiores a eles mesmos. Todos os preceptores de grande alma tem essa característica, isto é, que eles comunicam todos os mistérios de sua ciência ou para filhos ou discípulos dedicados. Tornando-se pupilo de seu pai, ó Sanjaya, e obtendo todos aqueles mistérios com todos os detalhes, o filho da filha de Saradwat tornou-se um segundo Drona, e um herói formidável. Aswatthaman é igual a Karna em conhecimento de armas, a Purandara em batalha, a Kartavirya em energia, e Vrihaspati em sabedoria. Em fortaleza, aquele jovem é igual a uma montanha, e em energia ao fogo. Em

gravidade, ele é igual a um oceano, e em cólera, ao veneno da cobra. Ele é o mais notável de todos os guerreiros em carros em batalha, um arqueiro firme, e acima de toda fadiga. Em velocidade ele é igual ao próprio vento e ele se move rapidamente no centro da luta como Yama em fúria. Enquanto ele está empenhado em disparar flechas em batalha, a própria terra vem a ser afligida. De bravura incapaz de ser frustrada, aquele herói nunca fica fatigado por esforços. Purificado pelos Vedas e por votos, ele é um mestre completo da ciência de armas, como Rama, o filho de Dasharatha. Ele é como o oceano, incapaz de ser agitado. Sabendo que o preceptor, aquela principal das pessoas justas, tinha sido morto injustamente em batalha por Dhrishtadyumna, o que, de fato, Aswatthaman disse? Aswatthaman foi ordenado para ser o matador de Dhrishtadyumna, assim como o filho de Yajnasena, o príncipe dos Panchalas, foi ordenado para ser o matador de Drona. O que, oh, Aswatthaman disse, sabendo que seu pai, o preceptor, tinha sido morto pelo cruel, pecaminoso, e vil Dhrishtadyumna de pouca previdência?'"

196

"Sanjaya disse, 'Sabendo da morte de seu pai por Dhrishtadyumna de atos pecaminosos, o filho de Drona estava cheio de dor e raiva, ó touro entre homens. Furioso, ó rei, seu corpo parecia resplandecer como aquele do Destruidor enquanto empenhado em massacrar as criaturas no fim do Yuga. Repetidamente enxugando seus olhos lacrimosos, e suspirando ansiosamente com raiva, ele disse para Duryodhana, 'Eu agora soube como meu pai foi morto por aqueles desgraçados vis depois que ele tinha posto de lado suas armas, e como também um ato pecaminoso foi perpetrado por Yudhishthira disfarçado no traje de virtude! (Dharmadhwajin literalmente significa uma pessoa que leva a bandeira da virtude, consequentemente, hipócrita, somente falando com modos de santarrão de virtude e moralidade mas agindo de modo diferente.) Eu agora soube daquele ato injusto e extremamente cruel do filho de Dharma. De fato, para aqueles engajados em batalha, uma das duas coisas deve acontecer, isto é, vitória ou derrota. Morte em batalha é sempre para ser louvada. Aquela morte, em batalha, de uma pessoa envolvida na luta, a qual ocorre sob circunstâncias de justiça, não é digna de tristeza, como tem sido observado pelos sábios. Sem dúvida, meu pai foi para a região dos heróis. Ele tendo encontrado tal morte, eu não devo me afligir por ele. A humilhação, no entanto, de seus cabelos terem sido agarrados, que ele sofreu na própria vista de todas as tropas, enquanto ele estava justamente engajado em batalha, está dilacerando o próprio centro do meu coração. Eu mesmo vivo, os cabelos de meu pai foram agarrados, por que pessoas sem filhos deveriam então nutrir um desejo de progênie? Pessoas cometem ações injustas ou humilham outras, movidas por luxúria ou ira ou loucura ou ódio ou leviandade. O filho cruel e de alma perversa de Prishata cometeu essa ação extremamente pecaminosa em total desconsideração por mim, Dhrishtadyumna, portanto, indubitavelmente sofrerá a consequência terrível daquela ação, como também o filho mentiroso de Pandu, que agiu tão injustamente. Hoje, a terra sem dúvida beberá o sangue daquele rei Yudhishthira o justo, que fez o preceptor, por um ato de falsidade, por

de lado suas armas. Eu juro pela verdade, ó Kaurava, como também por meus atos religiosos, que eu nunca aguentarei o peso da vida se eu fracassar em exterminar os Panchalas. Por todos os meios eu lutarei com os Panchalas em combate terrível. Eu sem dúvida matarei em batalha Dhrishtadyumna, aquele perpetrador de atos injustos. Por meios suaves ou violentos, eu efetuarei a destruição de todos os Panchalas antes que a paz se torne minha, ó Kaurava! Ó tigre entre homens, as pessoas desejam filhos para que os obtendo elas possam ser resgatadas de grandes terrores nesse e no outro mundo. Meu pai, no entanto, caiu naquela situação difícil, como uma criatura desamparada, embora eu mesmo esteja vivo, seu discípulo e filho, parecendo uma montanha (em poder). Que vergonha para minhas armas celestes! Que vergonha para meus braços. Que vergonha para minha destreza. Já que Drona, embora ele tivesse um filho em mim, teve seus cabelos agarrados! Eu irei, portanto, ó chefe dos Bharatas, agora realizar aquilo pelo qual eu possa ser libertado da dívida que eu tenho para com meu pai, que agora foi para outro mundo. Aquele que é bom nunca se entrega ao auto-elogio. Incapaz, no entanto, de suportar a morte de meu pai, eu falo da minha bravura. Que os Pandavas, com Janardana entre eles, vejam minha energia hoje, enquanto eu oprimo todas as suas tropas, realizando o que é feito (pelo próprio Destruidor) no fim do Yuga. Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas, nem todos os principais dos homens serão capazes de me subjugar hoje em meu carro em batalha. Não há ninguém no mundo igual a mim ou Arjuna em conhecimento de armas. Entrando no meio das tropas, como o próprio sol no meio de seus raios ardentes, eu hoje usarei minhas armas celestes. Hoje, com inúmeras flechas, utilizadas por mim, disparadas de meu arco em batalha terrível, mostrando sua terrível energia, eu subjugarei os Pandavas. Hoje, todos os pontos do horizonte, ó rei, serão vistos pelos guerreiros do nosso exército cobertos com minhas flechas aladas de pontas afiadas, como se com torrentes de chuva. Espalhando chuvas de flechas por todos os lados com um barulho alto, eu derrubarei meus inimigos, como uma tempestade derrubando árvores. Nem Vibhatsu, nem Janardana, nem Bhimasena, nem Nakula, nem Sahadeva, nem o rei Yudhishthira, nem o filho de alma perversa de Prishata (Dhrishtadyumna), nem Sikhandin, nem Satyaki, ó Kaurava, conhecem aquela arma que eu tenho, junto com os mantras para lançá-la e retirá-la. Antigamente em uma ocasião, Narayana, assumindo a forma de Brahmana, foi até meu pai. Curvando-se a ele, meu pai apresentou suas oferendas para ele na forma devida. Pegando-as ele mesmo, o Senhor divino se ofereceu para lhe dar um benefício. Meu pai então solicitou aquela arma suprema chamada Narayana. O Senhor divino, o principal de todos os deuses, se dirigindo a meu pai, disse, 'Nenhum homem alguma vez se tornará teu igual em batalha. Esta arma, no entanto, ó Brahmana, nunca deve ser usada apressadamente. Ela nunca volta sem efetuar a destruição do inimigo. Eu não conheço ninguém a quem ela não possa matar, ó senhor! De fato, ela mataria até os que não podem ser mortos. Portanto, ela não deve ser usada (sem a maior deliberação). Esta arma poderosa, ó opressor de inimigos, nunca deve ser lançada sobre pessoas que abandonam seus carros ou armas em batalha, ou sobre aquelas que procuram por abrigo ou aquelas que se entregam. Aquele que procura afligir em batalha os que não podem ser mortos com ela, é ele mesmo muito afligido por ela!' Meu pai assim recebeu aquela arma. Então o Senhor

Narayana, dirigindo-se a mim mesmo também, disse, 'Com a ajuda desta arma, tu também despejarás diversas chuvas de armas celestes em batalha e brilharás com energia por causa dela.' Tendo dito essas palavras, o Senhor divino ascendeu ao céu. Essa é a história da arma Narayana que foi obtida por meu pai. Com ela eu derrotarei e matarei os Pandavas, os Panchalas, os Matsyas, e os Kaikeyas, em batalha, como o marido de Sachi derrotando e matando os Asuras. Minhas flechas, ó Bharata, cairão sobre os inimigos lutando, naquelas formas específicas as quais eu desejar que elas assumam. Permanecendo em batalha, eu despejarei chuvas de armas como eu desejo. Eu derrotarei e matarei todos os principais dos guerreiros em carros com flechas percorredoras do céu de pontas de ferro. Sem dúvida, eu despejarei inúmeros machados de batalha sobre o inimigo. Com a poderosa arma Narayana, um opressor de inimigos que eu sou, eu destruirei os Pandavas, causando uma carnificina imensa entre eles. Aquele canalha entre os Panchalas, (Dhrishtadyumna), que é um ofensor de amigos e Brahmanas e de seu próprio preceptor, que é um patife enganador do comportamento mais repreensível, nunca escapará de mim hoje com vida.' Ouvindo essas palavras do filho de Drona, o exército (Kuru) se reagrupou. Então muitos principais dos homens sopraram suas conchas gigantescas. E cheios de alegria, eles bateram em suas baterias e dindimas aos milhares. A terra ressoou com barulhos altos, afligida pelos cascos de cavalos e as rodas de carros. Aquele tumulto alto fez a terra e o firmamento também ecoarem com ele. Ouvindo aquele tumulto, profundo como o ribombo das nuvens, os Pandavas, aqueles principais dos guerreiros em carros, se reunindo, se aconselharam uns com os outros. Enquanto isso, o filho de Drona, tendo dito aquelas palavras, ó Bharata, tocou a água e invocou a arma celeste chamada Narayana.'"

197

"Sanjaya disse, 'Quando a arma chamada Narayana foi invocada, ventos violentos começar a soprar com torrentes de chuva, e ribombos de trovão foram ouvidos embora o céu estivesse sem nuvens. A terra tremeu, e os mares se elevaram em agitação. Os rios começaram a correr em uma direção contrária. Os topos de montanhas, ó Bharata, começaram a se partir. Diversos animais começaram a passar pelo lado esquerdo dos Pandavas (literalmente, 'os animais mantiveram os Pandavas à sua direita.') A escuridão se manifestou, o sol ficou oculto. Diversas espécies de criaturas carnívoras começaram a descer sobre o campo em alegria. Os deuses, os Danavas, e os Gandharvas, ó monarca, todos ficaram inspirados com medo. Observando aquela tremenda agitação (na natureza), todos começaram a perguntar uns aos outros ruidosamente acerca de sua causa. De fato, vendo aquela arma ameaçadora e terrível invocada pelo filho de Drona, todos os reis, inspirados com medo, sentiram grande aflição.'"

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, que plano foi adotado pelos Pandavas para a proteção de Dhrishtadyumna quando eles viram os Kauravas avançarem mais uma vez para a batalha, reagrupados pelo filho de Drona que estava chamuscado pela dor e incapaz de suportar a morte de seu pai?'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo visto antes os Dhartarashtras fugirem, Yudhishthira, vendo-os novamente preparados para batalha furiosa, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Depois que o preceptor Drona foi morto em batalha por Dhrishtadyumna, como o Asura poderoso, Vritra, pelo manejador do raio, (os Kurus), ó Dhananjaya, ficando desanimados, abandonaram todas as esperanças de vitória. Desejosos de se salvar, todos eles fugiram da batalha. Alguns reis fugiram em carros conduzidos ao longo de rumo irregular sem motoristas Parshni, e privados de bandeiras e pendões e guarda-sóis, e com seus Kuvaras e cabinas quebrados, e todos os seus equipamentos fora de lugar. Outros, em pânico e privados de seu juízo, eles mesmos golpeando os corcéis de seus carros com seus pés, fugiram precipitadamente. Outros, em carros com cangas e rodas e Akshas quebrados, fugiram afligidos com medo. Outros a cavalo foram levados para longe, metade de seus corpos fora de suas selas. Outros, desalojados de seus assentos, e presos por flechas aos pescoços de elefantes, eram rapidamente carregados para longe por aqueles animais. Outros eram pisoteados até a morte por todos os lados por elefantes, afligidos e mutilados por flechas. Outros, privados de armas e desprovidos de armadura, caíram de seus veículos e animais sobre o chão. Outros eram cortados por rodas de carros, ou esmagados por corcéis e elefantes. Outros chamando ruidosamente por seus pais e filhos fugiram com medo, sem reconhecerem uns aos outros, privados de toda energia pela dor. Alguns, colocando seus filhos e pais e amigos e irmãos (em veículos) e tirando suas armaduras, eram vistos lavando-os com água. Depois da morte de Drona, o exército (Kuru), caído em tal situação, fugiu precipitadamente. Por quem então ele foi reagrupado? Diga-me, se tu sabes. O som de cavalos relinchando e elefantes barrindo, misturado com o estrépito de rodas de carro, é ouvido alto. Estes sons, tão ameaçadores, ocorrendo no oceano Kuru, estão aumentando repetidamente e fazendo minhas tropas tremerem. Este barulho terrificante, de arrepiar os cabelos, que é agora ouvido, irá, parece, engolfar os três mundos com Indra em sua chefia. Eu penso que este tumulto terrível é proferido pelo próprio manejador do raio. É evidente que após a queda de Drona, o próprio Vasava está se aproximando (contra nós) por causa dos Kauravas. Nossos cabelos se eriçaram, nossos principais guerreiros em carros estão todos aflitos com ansiedade. Ó Dhananjaya, ouvindo esse barulho alto e terrível, eu te pergunto quem é aquele poderoso guerreiro em carro, como o próprio senhor dos celestiais, que reagrupando esta hoste terrível e formidável, está fazendo ela retornar?'"

"Arjuna disse, 'Ele, confiando em cuja energia os Kauravas, tendo se dirigido para a realização de atos violentos, estão soprando suas conchas e permanecendo com paciência, ele sobre quem tu tens tuas dúvidas, ó rei, quanto a quem possa ser que está rugindo tão alto, tendo reagrupado os Dhartarashtras depois da queda do preceptor desarmado, ele, que é dotado de modéstia, possuidor de armas poderosas, tem o andar de um elefante enfurecido, possui um rosto como aquele de um tigre, sempre realiza feitos impetuosos, e dissipa os temores dos Kurus, ele em cujo nascimento Drona doou mil vacas para Brahmanas de mérito alto, ele, ó rei, que está rugindo tão alto, é Aswatthaman. Logo que ele nasceu, aquele herói relinchou como o corcel de Indra e fez os três

mundos tremerem àquele som. Ouvindo aquele som, um ser invisível, ó senhor, (falando audivelmente) concedeu a ele o nome de Aswatthaman (o de voz de cavalo). Aquele herói, ó filho de Pandu, está rugindo hoje. O filho de Prishata, por um ato extremamente cruel, atacou Drona e tirou sua vida como se o último não tivesse um protetor. Lá está o protetor daquele Drona. Já que o príncipe dos Panchalas agarrou meu preceptor pelo cabelo, Aswatthaman, confiante em sua própria destreza, nunca irá perdoá-lo. Tu, ó monarca, disseste ao teu preceptor uma mentira por causa do reino! Embora tu estejas familiarizado com os ditames da retidão, tu ainda cometeste um ato muito pecaminoso. Tua má fama, por consequência da morte de Drona, será eterna nos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis, como a de Rama por causa da morte de Bali! (O filho de Dasaratha, Rama, durante seu exílio, matou o chefe macaco Bali, o irmão de Sugriva, enquanto Bali estava envolvido com Sugriva em batalha. Bali não fez nenhuma injúria para Rama. Aquele ato tem sido sempre considerado como uma mácula em Rama.) Sobre ti mesmo, Drona tinha pensado, 'O filho de Pandu é possuidor de toda virtude; ele é, além disso, meu discípulo. Ele nunca falará uma mentira para mim.' Pensando assim, ele deu crédito ao que tu disseste. Embora ao falar da morte de Aswatthaman tu tivesses adicionado a palavra elefante, ainda assim tua resposta ao preceptor foi, afinal, uma mentira no traje de verdade. Assim dito por ti, o pujante Drona pôs de lado suas armas e, como tu viste, ficou indiferente (a tudo), extremamente agitado, e quase privado de seus sentidos. Foi mesmo um discípulo que, abandonando toda moralidade, matou dessa maneira seu próprio preceptor, cheio de afeição por seu filho, enquanto, de fato, aquele preceptor estava cheio de tristeza e relutante em lutar. Tendo feito ele, que tinha colocado de lado suas armas, ser morto injustamente, proteja o filho de Prishata se tu puderes, com todos os teus conselheiros. Todos nós, juntos, não seremos capazes de proteger o filho de Prishata hoje, que será atacado pelo filho do preceptor em fúria e aflição. Aquele ser sobre-humano que tem aquele hábito de mostrar sua amizade por todas as criaturas, aquele herói, sabendo que os cabelos de seu pai foram agarrados, certamente destruirá todos nós em batalha hoje. Embora eu gritasse repetidamente com toda a força da minha voz para salvar a vida do preceptor, ainda, desconsiderando meus gritos e abandonando a moralidade, um discípulo tirou a vida daquele preceptor. Todos nós (já) passamos a maior parte de nossas vidas. Os dias que restam para nós são limitados. Esse ato extremamente injusto que nós cometemos maculou aquele resto. Por causa da afeição que ele tinha por nós, ele foi um pai para nós. Segundo os ditames das escrituras também, ele era um pai para nós. Porém ele, aquele nosso preceptor, foi morto por nós por causa da soberania de vida curta. Dhritarashtra, ó rei, tinha dado para Bhishma e Drona a terra inteira, e o que era ainda mais valioso, todos os seus filhos. Embora honrado por nosso inimigo dessa maneira, e embora ele tivesse obtido tal riqueza dele, o preceptor ainda nos amava como seus próprios filhos. De energia e destreza imorredouras, o preceptor foi morto, somente porque, induzido por tuas palavras ele pôs de lado suas armas. Enquanto engajado na luta ele era incapaz de ser morto pelo próprio Indra. O preceptor era venerável em idade e sempre dedicado ao nosso bem-estar. Mas injustos como nós somos, e manchados por uma leviandade de comportamento, nós não tivemos escrúpulos em feri-lo. Ai, extremamente cruel e muito hediondo foi o pecado que nós

cometemos, pois, movidos pelo desejo de desfrutar dos prazeres da soberania, nós matamos aquele Drona. Meu preceptor estava todo o tempo sob a impressão de que por causa do meu amor por ele eu podia, (por sua causa) abandonar todos, pai, irmão, filhos, mulher e a própria vida. E ainda movido pelo desejo de soberania eu não interferi quando ele estava prestes a ser morto. Por essa falha, ó rei, eu, ó senhor, já caí no inferno, tomado pela vergonha. Tendo, por causa do reino, causado a morte de alguém que era um Brahmana, que era venerável em idade, que era meu preceptor, que tinha deposto suas armas, e que estava então dedicado, como um grande asceta, ao Yoga, a morte se tornou preferível para mim do que a vida!'"

198

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Arjuna, os poderosos guerreiros em carros presentes lá não disseram uma única palavra, ó monarca, agradável ou desagradável, para Dhananjaya. Então Bhimasena de braços fortes, cheio de ira, ó touro da raça Bharata, repreendendo o filho de Kunti, Arjuna, disse essas palavras, 'Tu pregas verdades de moralidade como um anacoreta vivendo nas florestas ou um Brahmana de votos rígidos e sentidos sob completo controle. Um homem é chamado de Kshatriya porque ele salva outros de ferimentos e injúrias. Sendo assim, ele deve salvar a si mesmo de ferimentos e injúrias. Mostrando clemência para os três que são bons (isto é, os deuses, os Brahmanas, e preceptor), um Kshatriya, por fazer seus deveres, logo ganha a terra como também piedade e fama e prosperidade. Tu, ó perpetuador da tua linhagem, és dotado de todos os atributos de um Kshatriya. Portanto, não parece bem para ti falar como um indivíduo ignorante. Ó filho de Kunti, tua destreza é semelhante àquela do próprio Sakra, o marido de Sachi. Tu não ultrapassas os limites da moralidade como o oceano que nunca ultrapassa seus continentes. Quem é que não te veneraria, vendo que tu procuras virtude, tendo abandonado a ira nutrida por ti por treze anos? Por boa sorte, ó senhor, teu coração hoje segue na esteira da virtude. Ó tu de glória imorredoura, por boa sorte, tua mente te inclina em direção à compaixão. Embora, no entanto, tu estejas inclinado a adotar o caminho da virtude, teu reino foi tirado de ti da maneira mais injusta. Arrastando a esposa Draupadi para a assembléia, teus inimigos a insultaram. Vestidos em cascas de árvores e peles de animais, todos nós fomos exilados para as florestas, e embora nós não fôssemos merecedores daquela situação, nossos inimigos todavia nos obrigaram a aguentá-la por treze anos. Ó impecável, tu perdoaste todas estas circunstâncias, cada uma das quais exige a demonstração de cólera. Dedicado como tu és aos deveres de um Kshatriya, tu tranquilamente suportaste estas. Lembrando de todas aquelas ações de injustiça, eu vim aqui contigo para me vingar deles. (Quando, no entanto, eu vejo que tu estás tão indiferente, por que), eu mesmo matarei aqueles canalhas vis que nos despojaram do nosso reino? Tu tinhas antigamente dito essas palavras, isto é, ‘Indo para a batalha, nós nos esforçarem até a máxima extensão de nossas habilidades.’ Hoje, no entanto, tu nos repreendes. Tu agora procuras virtude. Aquelas palavras, portanto, que tu disseste antigamente eram falsas. Nós já estamos afligidos pelo medo. Tu

cortaste, no entanto, o próprio âmago dos nossos corações com essas tuas palavras, ó subjugador de inimigos, como alguém derramando ácido sobre as feridas de homens feridos. Afligido por teus dardos verbais, meu coração está se partindo. Tu és virtuoso, mas tu não sabes em que a virtude realmente consiste, já que tu não elogiaste nem a ti mesmo nem a nós, embora todos nós sejamos dignos de elogios. Quando o próprio Kesava está aqui, tu louvas o filho de Drona, um guerreiro que não alcança nem uma décima sexta parte de ti mesmo. Ó Dhananjaya, confessando tuas próprias falhas, por que tu não sentes vergonha? Eu posso rachar essa terra com raiva, ou partir as próprias montanhas ao girar aquela minha maça terrível e pesada, enfeitada com ouro. Como a tempestade, eu posso derrubar árvores gigantescas parecidas com colinas. Eu posso, com minhas flechas, derrotar os celestiais unidos com Indra em sua dianteira, junto com todos os Rakshasas, ó Partha, e os Asuras, os Uragas e seres humanos. Sabendo que eu, teu irmão, sou assim, ó touro entre homens, não cabe a ti, ó tu de destreza incomensurável, nutrir qualquer receio em relação ao filho de Drona. Ou, ó Vibhatsu, permaneça aqui, com todos estes touros entre homens. Sozinho e não protegido, eu irei, armado com minha maça, derrotá-lo em grande batalha.' Depois que Bhima tinha terminado, o filho do rei Panchala, dirigindo-se a Partha, disse essas palavras, como Hiranyakasipu (o líder dos Daityas) para o enfurecido e rugindo Vishnu, 'Ó Vibhatsu, os sábios tem ordenado esses como sendo os deveres de Brahmanas, isto é, ajuda em sacrifícios, ensino, doação, realização de sacrifícios, recepção de doações, e estudo como o sexto. A qual desses seis era dedicado aquele Drona que foi morto por mim? Decaído dos deveres da sua própria classe e praticando aqueles da classe Kshatriya, aquele realizador de feitos perversos costumava nos obstar por meio de armas sobre-humanas. Declarando-se um Brahmana, ele tinha o hábito de usar ilusão irresistível. Por uma própria ilusão ele foi morto hoje. Ó Partha, o que há de impróprio nisto? Drona tendo sido assim punido por mim, se seu filho, de raiva, profere rugidos altos, o que você perde por isso? Eu não acho surpreendente em absoluto que o filho de Drona, incitando os Kauravas para a batalha, faça eles serem mortos, ele mesmo incapaz de protegê-los. Tu és familiarizado com moralidade. Por que então tu dizes que eu sou um assassino de meu preceptor? Foi para isso que eu nasci como um filho para o rei dos Panchalas, tendo surgido do fogo (sacrifical). Como, ó Dhananjaya, você chama de Brahmana ou Kshatriya aquele para quem, enquanto engajado em batalha, todos os atos, próprios e impróprios, eram o mesmo? Ó principal dos homens, por que não deveria ser morto, por quaisquer meios em nosso poder, ele que, privado de sua razão em fúria, costumava matar com as armas Brahma até aqueles que não eram familiarizados com armas? Aquele que é injusto é citado por aqueles que são justos como igual a veneno. Sabendo disso, ó tu que és bem versado nas verdades de moralidade, por que tu, ó Arjuna, me repreendes? Aquele guerreiro em carro cruel foi agarrado e morto por mim. Eu não fiz nada que seja digno de repreensão. Por que então, ó Vibhatsu, tu não me felicitas? Ó Partha, eu cortei aquela cabeça terrível, como o sol ardente ou veneno virulento ou o todo-destrutivo fogo Yuga, de Drona. Por que então tu não elogias um ato que é digno de louvor? Ele matou em batalha somente meus parentes e não aqueles de alguém mais. Eu digo que tendo somente cortado sua cabeça, a febre do meu coração não diminuiu. O próprio

âmago do meu coração está sendo perfurado por eu não ter jogado aquela cabeça dentro do domínio dos Nishadas, como aquela de Jayadratha! (Os Nishadas eram e são até hoje a casta mais baixa na Índia.) É ouvido, ó Arjuna, que uma pessoa incorre em pecado por não matar seus inimigos. Esse mesmo é o dever de um Kshatriya, ou seja, matar ou ser morto. Drona era meu inimigo. Ele foi justamente morto por mim em batalha, ó filho de Pandu, assim como tu mataste o bravo Bhagadatta, teu amigo. Tendo matado teu avô em batalha, tu consideraste aquele ato como justo. Por que então tu deves considerar isso injusto em mim por eu ter matado meu inimigo infame? Por causa do nosso relacionamento, ó Partha, eu não posso erguer minha cabeça na tua presença e sou como um elefante prostrado com uma escada de mão contra seu corpo (para ajudar criaturas débeis a subir em suas costas). Portanto, não cabe a ti me repreender. Eu perdôo todas as falhas das tuas palavras, ó Arjuna, por causa de Draupadi e dos filhos de Draupadi e não por qualquer outra razão. É bem sabido que minha hostilidade com o preceptor passou de pai para filho. Todas as pessoas nesse mundo sabem disso. Ó filhos de Pandu, vocês não sabiam disso? O filho mais velho de Pandu não foi insincero em palavras. Eu mesmo, ó Arjuna, não sou pecaminoso. O desprezível Drona odiava seus discípulos. Lute agora. A vitória será tua.'"

199

"Dhritarashtra disse, 'Aquela pessoa ilustre que tinha estudado devidamente os Vedas com todos os seus ramos, ele, em quem a ciência de armas inteira e modéstia tinham habitado, ele por cuja graça muitos principais dos homens ainda são capazes de realizar façanhas sobre-humanas que os próprios deuses não podem realizar com esmero, ai, quando ele, isto é, aquele Drona, aquele filho de um grande Rishi foi insultado diante de todos pelo baixo, perverso, de mente vil e pecaminoso Dhrishtadyumna, aquele assassino de seu próprio preceptor, não houve lá nenhum Kshatriya que se sentiu chamado a mostrar sua ira? Que vergonha para a classe Kshatriya, e que vergonha para a própria ira! Diga-me, ó Sanjaya, o que os filhos de Pritha, como também todos os outros arqueiros nobres no mundo, sabendo da morte de Drona, disseram ao príncipe de Panchala.'"

"Sanjaya disse, 'Ouvindo aquelas palavras do filho de Drupada, de feitos desonestos, todas as pessoas presentes lá, ó monarca, permaneceram perfeitamente silenciosas. Arjuna, no entanto, lançando olhares enviesados sobre o filho de Prishata, parecia, com lágrimas e suspiros, o repreender, dizendo, 'Que vergonha, que vergonha.' Yudhishthira e Bhima e os gêmeos e Krishna e os outros ficaram parados timidamente. Satyaki, no entanto, ó rei, disse essas palavras, 'Não há nenhum homem aqui que irá, sem demora, matar esse indivíduo pecaminoso, esse mais vil dos homens, que está proferindo tais palavras más? Os Pandavas estão todos te condenando por esse teu ato pecaminoso, como Brahmanas condenando uma pessoa da classe Chandala. Tendo cometido tal ato hediondo, tendo atraído sobre ti as críticas de todos os homens honestos, tu não estás envergonhado de abrir teus lábios no meio de tal assembléia respeitável? Ó canalha desprezível, por que tua língua e cabeça não se partiram em cem

fragmentos quando tu estavas prestes a matar teu próprio preceptor? Por que tu não foste derrubado por aquele ato de pecado? Já que, tendo cometido tal ação pecaminosa, além disso elogiando a ti mesmo no meio de seres humanos, tu incorres nas críticas dos Parthas e de todos os Andhakas e os Vrishnis. Tendo perpetrado tal ato atroz, tu estás também mostrando semelhante ódio pelo preceptor. Por isso tu mereces a morte em nossas mãos. Não há utilidade em te manter vivo nem por um único momento. Quem, exceto tu, ó canalha, causaria a morte do preceptor virtuoso, agarrando-o por seus cabelos? Tendo te obtido, ó patife, teus antepassados, por sete gerações e teus descendentes também por sete gerações, privados de fama, caíram no inferno. Tu tens acusado Partha, aquele touro entre homens, pela morte de Bhishma. O último, no entanto, isto é, aquele personagem ilustre, executou ele mesmo sua própria morte. Realmente falando, teu irmão, (isto é, Sikhandin), aquele principal de todos os pecadores, foi a causa da morte de Bhishma. Não há ninguém no mundo que seja mais pecaminoso do que os filhos do rei Panchala. Teu pai criou Sikhandin para a destruição de Bhishma. Em relação a Arjuna, ele somente protegeu Sikhandin enquanto Sikhandin se tornava a causa da morte do ilustre Bhishma. Tendo obtido a ti que és condenado por todos os homens justos, e teu irmão, entre eles, os Panchalas decaíram da virtude, e manchados pela baixeza, tornaram-se odiadores de amigos e preceptores. Se tu falares novamente palavras semelhantes na minha presença, eu então te quebrarei com minha maça que é tão forte quanto o raio. Vendo a ti que és o matador de um Brahmana, já que tu és culpado de nada menos do que da morte de um Brahmana, as pessoas tem que olhar o sol para se purificarem. Tu desgraçado de um Panchala, ó tu de conduta perversa, falando mal do meu preceptor primeiro e então do preceptor do meu preceptor, tu não estás envergonhado? (Arjuna era preceptor de Satyaki, Drona, portanto, era o preceptor do preceptor do último.) Espere, espere! Aguente somente um golpe dessa minha maça! Eu mesmo aguentarei muitos golpes da tua.' Assim repreendido pelo herói Satwata, o filho de Prishata, cheio de raiva, dirigiu-se sorridente ao furioso Satyaki nessas palavras duras.'"

"Dhrishtadyumna disse, 'Eu ouvi tuas palavras, ó tu da linhagem de Madhu, mas eu te perdôo. Sendo tu mesmo injusto e pecaminoso, tu desejas repreender aqueles que são justos e honestos? A clemência é louvada no mundo. O pecado, no entanto, não merece perdão. Aquele que é de alma pecaminosa considera a pessoa clemente impotente. Tu és um patife em teu comportamento. Tu és de alma pecaminosa. Tu és dedicado à injustiça. Tu és censurável em todos os aspectos, da ponta do teu dedo do pé ao fim do teu cabelo. Tu ainda desejas falar mal de outros? O que pode ser mais pecaminoso do que aquele teu ato, isto é, tu teres matado Bhurisravas sem braços enquanto sentado em Praya, embora tu tivesses a ajuda de armas celestes? Ele tinha posto de lado suas armas e eu o matei. Ó tu de coração desonesto, o que há de impróprio naquele ato? Como pode ele, ó Satyaki, censurar tal ato o qual ele mesmo fez (com alguém sentado em) Praya como um asceta, e cujos braços tinham sido cortados por outro? Aquele teu inimigo valente tinha mostrado sua bravura tendo te atingido com seu pé e te jogado no chão. Por que tu não o mataste então, mostrando tua virilidade? Quando Partha, no entanto, já o tinha derrotado, foi então que tu, agindo do modo

mais injusto, mataste o bravo e valente filho de Somadatta. Quando Drona tinha procurado derrotar as forças armadas dos Pandavas, então eu procedi, disparando milhares de flechas. Tendo tu mesmo agido de tal maneira, como um Chandala, e tendo tu mesmo te tornado digno de repreensão, tu desejas me repreender em tais palavras desagradáveis? Tu és um perpetrador de maus atos, e não eu, ó canalha da tribo Vrishni! Tu és a residência de todos os atos pecaminosos. Não me critique novamente. Fique silencioso. Não cabe a ti me dizer qualquer coisa depois disso. Essa é a resposta que eu te dou com meus lábios. Não diga qualquer coisa mais. Se, por tolice, tu repetires tais palavras duras, eu irei então, em batalha, te despachar, com minhas flechas, para a residência de Yama. Somente pela retidão, ó tolo, uma pessoa não pode derrotar seus inimigos. Ouça agora as ações injustas dos Kurus também. O filho de Pandu, Yudhishthira foi algum tempo atrás injustamente enganado por eles. Ó Satyaki, Draupadi também foi perseguida por eles injustamente. Os Pandavas, com Krishna em sua companhia, foram também exilados e eles foram roubados de tudo o que tinham, ó tolo, da maneira mais injusta. Por uma ação injusta, além disso, o soberano dos Madras foi afastado de nós pelo inimigo. Por um ato de injustiça também o filho de Subhadra foi morto. Nesse lado, foi por uma ação de injustiça que Bhishma, o avô Kuru, foi morto. Bhurisravas, também, foi, por um ato de injustiça, morto por ti que és tão familiarizado com a justiça. Assim mesmo o inimigo, como também os Pandavas, agiram nessa batalha. Possuidores de coragem e conhecedores da moralidade, todos eles, ó Satwata, tem agido assim, para ganhar vitória. Moralidade superior é difícil de ser apurada. Similarmente, imoralidade também pode ser compreendida com dificuldade. Lute agora com os Kauravas, sem voltar para a casa de teus pais.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras duras e cruéis (dos lábios de Dhrishtadyumna), o abençoado Satyaki começou a tremer da cabeça aos pés. Com raiva seus olhos assumiram a cor do cobre. Deixando seu arco então sobre seu carro, ele agarrou sua maça, suspirando como uma cobra. Avançando, então, em direção ao príncipe dos Panchalas, ele disse em grande cólera, 'Eu não falarei rudemente para ti, mas eu te matarei, merecedor como tu és da morte.' Vendo o poderoso Satyaki avançando, por ira e desejo de vingança, no príncipe Panchala, como Yama contra alguém como ele mesmo, o poderoso Bhima, incitado por Vasudeva, saltou rapidamente de seu carro e agarrou-o com seus braços. Dotado de grande força, Satyaki, que estava avançando em grande fúria, prosseguiu por uns poucos passos, arrastando violentamente atrás dele o poderoso filho de Pandu que estava se esforçando para detê-lo. Então Bhima plantando firmemente seus pés parou no sexto passo aquele principal dos homens fortes, isto é, aquele touro da raça Sini. Então Sahadeva, ó rei, pulando de seu próprio carro, dirigiu-se a Satyaki, assim segurado firmemente pelos braços fortes de Bhima, nessas palavras, 'Ó tigre entre homens, ó tu da linhagem de Madhu, nós não temos amigos mais queridos para nós do que os Andhakas, os Vrishnis e os Panchalas. Assim também os Andhakas e os Vrishnis, particularmente Krishna, não podem ter quaisquer amigos mais queridos do que nós. Os Panchalas, também, ó tu da tribo de Vrishni, mesmo se eles procurarem pelo mundo inteiro até os confins do oceano, não tem amigos mais queridos para eles do que os Pandavas e os

Vrishnis. Tu és mesmo tal amigo para esse príncipe; e ele também é um amigo similar para ti. Vocês todos são para nós assim como nós somos para vocês. Conhecedor como tu és de todos os deveres, lembrando agora dos deveres que tu tens para com teus amigos, reprima essa tua raiva, que tem o príncipe dos Panchalas como seu objeto. Fique calmo, ó principal da família de Sini! Perdoe o filho de Prishata, e que o filho de Prishata também te perdoe. Nós também praticaremos o perdão. O que há melhor do que o perdão?'"

"Enquanto o descendente de Sini, ó majestade, estava sendo assim acalmado por Sahadeva, o filho do rei Panchala, sorrindo, disse essas palavras, 'Liberte o neto de Sini, ó Bhima, que é tão orgulhoso de sua bravura em batalha. Deixe ele vir a mim como o vento atacando as montanhas, até que, com minhas flechas afiadas, ó filho de Kunti, eu suprima sua raiva e desejo por batalha e tire sua vida. Lá vem os Kauravas. Eu irei (depois de matar Satyaki) realizar essa grande tarefa dos Pandavas que se apresentou. Ou que Phalguna resista a todos os inimigos em batalha. Em relação a mim mesmo, eu derrubarei a cabeça deste com minhas flechas. Ele me toma por Bhurisravas sem braços em batalha. Liberte-o. Ou eu o matarei ou ele me matará.' Ouvindo essas palavras do príncipe Panchala, o poderoso Satyaki segurado firmemente no abraço de Bhima, suspirando como uma cobra, começou a tremer. Os dois, dotados de grande força e possuidores de braços poderosos, começaram a rugir como um par de touros. Então Vasudeva, ó senhor, e o rei Yudhishthira o justo, com grande esforço, conseguiram acalmar aqueles heróis. Tendo acalmado aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois heróis, cujos olhos tinham se tornado vermelho vivo de raiva, todos os Kshatriyas do exército (Pandava) procederam contra os guerreiros do exército hostil para lutar.'"

200

"Sanjaya disse, 'Então o filho de Drona começou a causar uma grande carnificina entre seus inimigos naquela batalha, como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Matando seus inimigos por meio de suas flechas de cabeça larga, Aswatthaman logo empilhou lá uma montanha de mortos. As bandeiras de carros formavam suas árvores; e armas seus topos pontudos; os elefantes sem vida formavam suas rochas grandes; os corcéis, seus Kimpurushas (criaturas lendárias, metade homens e metade cavalos; toda montanha tinha seus Kimpurushas, de acordo com a crença Hindu); e arcos, suas trepadeiras e plantas. E ela ressoava com os gritos de todas as criaturas carnívoras, que constituíam sua população emplumada. E os espíritos que andavam lá formavam seus Yakshas (um tipo de seres sobre-humanos que habitavam mansões e montanhas inacessíveis). Então rugindo alto, ó touro da raça Bharata, Aswatthaman mais uma vez repetiu seu voto na audição de teu filho, dessa maneira, 'Já que o filho de Kunti, Yudhishthira, assumindo somente o traje externo de virtude, fez o preceptor que estava (justamente) engajado em batalha por de lado suas armas, eu irei, na própria visão dele, derrotar e destruir seu exército. Tendo mutilado todas as suas tropas, eu irei, então, matar o pecaminoso príncipe dos Panchalas. De fato, eu

matarei todos eles, se eles lutarem comigo em batalha. Eu te digo realmente, portanto, reagrupe tuas tropas.' Ouvindo essas palavras de Aswatthaman, teu filho reuniu as tropas, tendo dissipado seus temores com um rugido leonino alto. O combate, então, ó rei, que ocorreu novamente entre os exércitos Kuru e Pandava tornou-se tão terrível quanto aquele de dois oceanos na maré cheia. Os Kauravas apavorados tiveram seus medos dissipados pelo filho de Drona. Os Pandus e os Panchalas se tornaram ferozes em consequência da morte de Drona. Grande foi a violência daquela colisão, no campo de batalha, entre aqueles guerreiros, todos os quais estavam alegres e cheios de fúria e inspirados com esperanças certas de vitória. Como uma montanha, batendo contra uma montanha, ou um oceano contra um oceano, ó monarca, foi aquele choque entre os Kurus e os Pandavas. Cheios de alegria, os guerreiros Kuru e Pandava tocaram milhares de baterias. O barulho alto e atordoante que se ergueu dentre aquelas tropas parecia aquele do próprio oceano quando batido (antigamente pelos deuses e os Danavas). Então o filho de Drona, apontando para a hoste dos Pandavas e os Panchalas, invocou a arma chamada Narayana. Então milhares de flechas com bocas ardentes apareceram no céu, parecendo cobras de bocas flamejantes, que continuaram a agitar os Pandavas. Naquela batalha terrível, aquelas flechas, ó rei, como os próprios raios do sol cobriram em um instante todos os pontos do horizonte, o céu, e as tropas. Inúmeras bolas de ferro também, ó rei, então apareceram, como resplandecentes corpos luminosos no firmamento sem nuvens. Sataghnis, alguns equipados com quatro e alguns com duas rodas, e inúmeras maças, e discos, com extremidades afiadas como navalha e resplandecentes como o sol, também apareceram lá. Vendo o céu densamente encoberto por aquelas armas, ó touro da raça Bharata, os Pandavas, os Panchalas, e os Srinjayas ficaram extremamente agitados. Em todos aqueles locais, ó soberano de homens, onde os grandes guerreiros em carros dos Pandavas lutavam em batalha, aquela arma tornou-se extremamente poderosa. Massacradas pela arma Narayana, como se consumidas por uma conflagração, as tropas Pandava estavam muito afligidas por todo o campo naquela batalha. De fato, ó senhor, como o fogo consome uma pilha de grama seca no verão, assim mesmo aquela arma consumiu o exército dos Pandus. Vendo aquela arma enchendo todos os lados, vendo suas próprias tropas destruídas em grandes números, o rei Yudhishthira o justo, ó senhor, ficou inspirado com grande pavor. Vendo seu exército fugindo e privado de seus sentidos, e vendo Partha permanecendo indiferente, o filho de Dharma disse essas palavras, 'Ó Dhrishtadyumna, fuja com suas tropas Panchala. Ó Satyaki, você também vá para longe, cercado pelos Vrishnis e os Andhakas. De alma virtuosa, o próprio Vasudeva procurará os meios de sua própria segurança. Ele é competente para oferecer conselho para o mundo inteiro. Que necessidade há de dizer a ele o que ele deve fazer? Nós não devemos lutar mais. Eu digo isso para todas as tropas. Em relação a mim mesmo, eu irei, com todos os meus irmãos subir em uma pilha mortuária. Tendo cruzado os oceanos Bhishma e Drona nessa batalha, que eram incapazes de serem cruzados pelos medrosos, eu afundarei com todos os meus seguidores no vestígio, representado pelo filho de Drona, do casco de uma vaca? Que os desejos do rei Duryodhana sejam coroados com êxito hoje, pois eu hoje matei em batalha o preceptor, que sempre nutriu sentimentos amistosos por nós, aquele preceptor que, sem proteger, fez aquele menino não

familiarizado com batalha, isto é, o filho de Subhadra, ser morto por uma multidão de guerreiros perversos, aquele preceptor, que com seu filho, permaneceu indiferentemente, sem responder, quando Krishna em tal angústia, arrastada à assembléia e da qual procuravam fazer uma escrava, pediu a ele para dizer a verdade, aquele preceptor que, quando todos os outros guerreiros estavam fatigados, envolveu Duryodhana em armadura invulnerável quando o último desejou matar Phalguna e que, tendo-o equipado dessa maneira, designou-o para proteger Jayadratha, que, conhecendo a arma Brahma, não teve escrúpulos em exterminar os Panchalas, encabeçados por Satyajit, que se esforçavam pela minha vitória, aquele preceptor, que, quando nós estávamos sendo injustamente exilados do nosso reino, livremente nos disse para irmos para as florestas embora ele tivesse sido solicitado por nossos amigos para reter sua permissão. Ai, aquele grande amigo nosso foi morto! Por causa dele, eu irei, com meus amigos, sacrificar minha vida.' Depois que o filho de Kunti, Yudhishthira, tinha dito isso, ele da linhagem de Dasarha, (Kesava) proibindo rapidamente as tropas, pelo movimento de seus braços, de fugirem disse essas palavras, 'Ponham depressa suas armas no chão, todos vocês, e desçam de seus veículos. Esse mesmo é o meio ordenado pelo ilustre, (isto é, o próprio Narayana) para frustrar essa arma. Desçam no chão, todos vocês, de seus elefantes e cavalos e carros. Se vocês permanecerem sem armas no solo, essa arma não matará vocês. Naqueles locais onde vocês lutarem para subjugar a força dessa arma os Kauravas se tornarão mais poderosos do que vocês. Aqueles homens, no entanto, que jogarem no chão suas armas e descerem de seus veículos, não irão, nessa batalha, ser mortos por essa arma. Aqueles, no entanto, que lutarem, mesmo em imaginação, contra essa arma, serão todos mortos mesmo se eles procurarem refúgio profundamente abaixo da terra'. Os guerreiros do exército Pandava, ouvindo, ó Bharata, essas palavras de Vasudeva, jogaram suas armas e afastaram de seus corações todo desejo de batalha. Então Bhimasena, o filho de Pandu, vendo os guerreiros prestes a abandonarem suas armas, disse essas palavras, ó rei, alegrando eles todos: 'Ninguém deve depor suas armas aqui. Eu irei, com minhas flechas, me opor a essa arma do filho de Drona. Com essa minha maça pesada, que é ornada com ouro, eu me moverei rapidamente nessa batalha como o próprio Destruidor, subjugando essa arma do filho de Drona. Não há homem aqui que seja igual a mim em bravura, assim como não há corpo luminoso no firmamento que seja igual ao sol. Vejam esses meus dois braços fortes semelhantes a trombas de um par de elefantes poderosos, capazes de demolir a montanha de Himavat. Eu sou a única pessoa aqui que possui a força de mil elefantes. Eu sou inigualável, assim como Sakra é conhecido no céu entre os celestiais. Que as pessoas testemunhem hoje a destreza desses dois braços da minha pessoa de peito largo, enquanto empenhado em frustrar a arma brilhante e ardente do filho de Drona. Se não há ninguém (mais) capaz de lutar contra a arma Narayana, eu mesmo lutarei contra ela hoje na própria vista de todos os Kurus e dos Pandavas. Ó Arjuna, ó Vibhatsu, tu não deves largar o Gandiva. Uma mancha então se vinculará a ti como aquela da lua.' Assim endereçado por Bhima, Arjuna disse, 'Ó Bhima, esse mesmo é meu grande voto, isto é, que meu Gandiva não será usado contra a arma Narayana, vacas, e Brahmanas.' Assim respondido por Arjuna, Bhima, aquele castigador de inimigos, em seu carro de refulgência solar, cujo estrépito, além disso, parecia o

ribombo das nuvens, avançou contra o filho de Drona. Dotado de grande energia e destreza, o filho de Kunti, por causa de sua extrema agilidade de mão, num piscar de olhos cobriu Aswatthaman com uma chuva de armas. Então o filho de Drona, sorrindo para Bhima que avançava e dirigindo-se a ele (em palavras apropriadas) cobriu-o com flechas, inspiradas com mantras e equipadas com pontas ardentes. Encoberto por aquelas flechas que vomitavam fogo e pareciam cobras de bocas flamejantes, como se coberto com faíscas de ouro, a forma, ó rei, de Bhimasena naquela batalha parecia com aquela de uma montanha à noite quando coberta com fogo. Aquela arma do filho de Drona, dirigida contra Bhimasena aumentou em energia e poder, ó rei, como uma conflagração ajudada pelo vento. Vendo aquela arma de energia terrível aumentando dessa maneira em poder, um pânico entrou nos corações de todos os combatentes do exército Pandava com a exceção de Bhima. Então todos eles, jogando suas armas no chão, desceram de seus carros e cavalos. Depois que eles tinham jogado suas armas e descido de seus veículos, aquela arma de energia excelente caiu sobre a cabeça de Bhima. Todas as criaturas, especialmente os Pandavas, proferiram gritos de 'Oh!' e 'Ai!', vendo Bhimasena submerso pela energia daquela arma.'"

201

"Sanjaya disse, "Vendo Bhimasena subjugado por aquela arma, Dhananjaya, para frustrar a energia dela, cobriu-o com a arma Varuna. Por causa da agilidade dos braços de Arjuna, e devido também à força flamejante que encobria Bhima, ninguém podia ver que o último tinha sido coberto com a arma Varuna. Encoberto pela arma do filho de Drona, Bhima, seus corcéis, motorista, e carro, não podiam ser olhados, como um fogo de chama ardente no meio de outro fogo. Como no fim da noite, ó rei, todos os corpos luminosos correm em direção à colina Asta, assim mesmo as flechas ígneas (de Aswatthaman) começaram todas a proceder em direção ao carro de Bhimasena. De fato, o próprio Bhima, seu carro, corcéis, e motorista, ó majestade, assim cobertos pelo filho de Drona pareciam estar no meio de um incêndio. Como o fogo (Yuga) consumindo o universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis quando chega a hora da dissolução finalmente entra na boca do Criador, assim mesmo a arma do filho de Drona começou a entrar no corpo de Bhimasena. Como uma pessoa não pode perceber um fogo se ele penetra no sol ou o sol se ele entra em um fogo, assim mesmo ninguém podia perceber aquela energia a qual penetrava no corpo de Bhima. Vendo aquela arma envolvendo Bhima completamente, e vendo o filho de Drona se enchendo de energia e poder, o último estando então sem um oponente, e observando também que todos os guerreiros do exército Pandava tinham deposto suas armas e que todos os poderosos guerreiros em carros daquela hoste encabeçada por Yudhishthira tinham desviado seus rostos do inimigo, aqueles dois heróis, isto é, Arjuna e Vasudeva, ambos dotados de grande esplendor, descendo rapidamente de seu carro, correram em direção a Bhima. Aqueles dois homens poderosos, mergulhando naquela energia nascida do poder da arma de Aswatthaman, tinham recorrido ao poder de ilusão. O fogo daquela arma não os consumiu, por eles terem posto de lado suas armas, como também por causa da força da arma

Varuna, e devido também à energia possuída por eles mesmos. Então Nara e Narayana, para a pacificação da arma de Narayana, começaram a arrastar à força Bhima e todas as suas armas. Assim arrastado por eles, o filho de Kunti, aquele poderoso guerreiro em carro, começou a rugir alto. Nisso, aquela arma terrível e invencível do filho de Drona começou a aumentar (em poder e energia). Então Vasudeva, dirigindo-se a Bhima, disse, 'Como é, ó filho de Pandu, que embora proibido por nós, tu, ó filho de Kunti, ainda não te abanténs da batalha? Se os Kurus pudessem agora ser vencidos em batalha, então nós, como também todos esses principais dos homens, sem dúvida teríamos continuado a lutar. Veja, todos os guerreiros da tua hoste desceram de seus carros. Por essa razão, ó filho de Kunti, tu também desça do teu carro.' Tendo dito essas palavras, Krishna trouxe Bhima para baixo de seu carro. O último, com olhos vermelhos como sangue de raiva, estava suspirando como uma cobra. Quando, no entanto, ele foi arrastado de seu carro e feito depor suas armas, a arma Narayana, aquela opressora de inimigos, foi aplacada.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando, por esses meios, a energia insuportável daquela arma foi pacificada, todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ficaram claros. Brisas agradáveis começaram a soprar e aves e animais ficaram todos quietos. Os corcéis e elefantes ficaram alegres, como também os guerreiros, ó soberano de homens! De fato, quando a terrível energia daquela arma, ó Bharata, foi acalmada, Bhima, de grande inteligência, brilhou resplandecente como o sol da manhã. O resto da hoste Pandava, vendo a pacificação da arma Narayana, ficou novamente preparado no campo para executar a destruição de teus filhos. Quando, depois que aquela arma tinha sido frustrada, a hoste Pandava ficou em formação de combate, Duryodhana, ó rei, dirigindo-se ao filho de Drona, disse, 'Ó Aswatthaman, use mais uma vez aquela arma depressa já que os Panchalas estão novamente em formação de combate, desejosos de vitória.' Então endereçado por teu filho, ó majestade, Aswatthaman, suspirando tristemente, respondeu para o rei nessas palavras, 'Aquela arma, ó rei, não pode ser trazida de volta. Ela não pode ser usada duas vezes. Se trazida de volta, ela irá sem dúvida matar a pessoa que chamá-la de volta. Vasudeva, por aqueles meios que tu viste, fez ela ser frustrada. Por isso, ó soberano de homens, a destruição do inimigo não pode ser executada em batalha. Derrota e morte, no entanto, são o mesmo. Certamente, a derrota é pior do que a morte. Veja, o inimigo, subjugado e obrigado a depor suas armas, parece como se privado de vida'. Duryodhana então disse, 'Ó filho do preceptor, se é assim, se essa arma não pode ser usada duas vezes, que aqueles assassinos de seu preceptor sejam mortos com outras armas então, ó principal de todas as pessoas conhecedoras de armas! Em ti estão todas (as armas) celestes assim como no de três olhos (Siva) de energia incomensurável. Se tu não desejares isso, nem Purandara em fúria pode escapar de ti.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Drona tinha sido morto com a ajuda de fraude, e a arma Narayana frustrada, o que, de fato, o filho de Drona, assim incitado por Duryodhana então fez, vendo os Parthas indo novamente para a batalha livres da arma Narayana, e se movendo rapidamente na dianteira de suas divisões?'"

"Sanjaya disse, 'Lembrando-se da morte de seu pai, o filho de Drona, possuindo o emblema do rabo do leão em seu estandarte, cheio de raiva e rejeitando todos os temores, avançou contra o filho de Prishata. Avançando nele, ó touro entre homens, aquele principal dos guerreiros, com grande impetuosidade, perfurou o príncipe Panchala com vinte e cinco flechas pequenas. Então Dhrishtadyumna, ó rei, perfurou o filho de Drona que parecia um fogo ardente, com sessenta e quatro flechas. E ele perfurou o motorista de Aswatthaman também com vinte flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro, e então seus quatro corcéis com quatro setas afiadas. Repetidamente perfurando o filho de Drona, e fazendo a terra tremer com seus rugidos leoninos, Dhrishtadyumna então parecia estar empenhado em tirar as vidas de criaturas no mundo em batalha terrível. Fazendo da própria morte sua meta, o filho poderoso de Prishata, ó rei, habilidoso com armas e dotado de certeza de pontaria, então avançou contra o filho de Drona sozinho. De alma incomensurável, aquele principal dos guerreiros em carros, o príncipe de Panchala, despejou sobre a cabeça de Aswatthaman uma chuva de flechas. Então o filho de Drona, naquela batalha, cobriu o príncipe furioso com flechas aladas. E mais uma vez ele perfurou o último com dez flechas, lembrando-se da morte de seu pai. Então cortando a bandeira e arco do príncipe Panchala com um par de flechas bem disparadas, equipadas com cabeças como navalhas, o filho de Drona começou a oprimir seu inimigo com outras flechas. Naquela batalha terrível, Aswatthaman fez seu antagonista ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro, e cobriu seus seguidores também com chuvas grossas de flechas. Nisso, as tropas Panchala, ó rei, mutiladas por meio daquelas chuvas de flechas fugiram com medo e grande aflição. Vendo as tropas se desviando da batalha e Dhrishtadyumna extremamente afligido, o neto de Sini incitou rapidamente seu carro contra aquele do filho de Drona. Ele então afligiu Aswatthaman com oito flechas afiadas. E atingindo novamente aquele guerreiro zangado com vinte flechas de diversos tipos, ele perfurou o motorista de Aswatthaman, e então seus quatro corcéis com quatro flechas. Com grande cautela e mostrando uma extraordinária agilidade de mão, ele cortou o arco e estandarte de Aswatthaman. Satyaki então cortou em fragmentos o carro enfeitado com ouro daquele inimigo junto com seus cavalos. E então ele perfurou Aswatthaman profundamente no peito com trinta flechas naquela batalha. Assim atormentado, ó rei, (por Satyaki), e coberto com flechas, o poderoso Aswatthaman não sabia o que fazer. Quando o filho do preceptor tinha caído naquela situação difícil, teu filho, aquele guerreiro em carro, acompanhado por Kripa e Karna e outros começou a cobrir o herói Satwata com flechas. Todos eles começaram rapidamente a perfurar Satyaki de todos os lados com flechas afiadas, Duryodhana o perfurou com vinte, o filho de Saradwat, Kripa, com três. E Kritavarman perfurou-o com dez, e Karna com cinquenta. E Duhsasana o perfurou com cem flechas, e Vrishasena com sete. Satyaki, no entanto, ó rei, logo fez todos aqueles grandes guerreiros em carros fugirem do campo, privados de seus carros. Enquanto isso, Aswatthaman, ó touro da raça Bharata, recuperando a consciência, e suspirando repetidamente em tristeza, começou a pensar no que ele devia fazer. Então sendo levado em outro carro, aquele opressor de inimigos, o filho de Drona, começou a resistir a Satyaki, disparando centenas de flechas. Vendo Aswatthaman mais uma vez se aproximando dele em batalha, o poderoso

guerreiro em carro Satyaki fez ele ficar sem carro novamente e o fez retroceder. Então os Pandavas, ó rei, observando a destreza de Satyaki, sopraram suas conchas com grande força e proferiram rugidos leoninos altos. Tendo privado Aswatthaman de seu carro dessa maneira, Satyaki, de destreza imbatível, então matou três mil poderosos guerreiros em carros da divisão de Vrishasena. E então ele matou quinze mil elefantes do exército de Kripa e cinquenta mil cavalos de Sakuni. Então, o filho valente de Drona, ó monarca, sobre outro carro, e muito enfurecido com Satyaki, procedeu contra o último, desejoso de matá-lo. Vendo ele se aproximar novamente, o neto de Sini, aquele castigador de inimigos, mais uma vez perfurou-o e mutilou-o com flechas afiadas, mais ferozes do que aquelas que ele tinha usado antes. Profundamente perfurado por aquelas flechas de diversas formas por Yuyudhana, aquele grande arqueiro, isto é, o zangado filho de Drona, dirigiu-se sorridente a seu inimigo e disse, 'Ó neto de Sini, eu conheço tua parcialidade por Dhrishtadyumna, aquele assassino de seu preceptor, mas tu não serás capaz de salvar a ele ou a ti mesmo quando atacado por mim. Eu juro para ti, ó neto de Sini, pela verdade e por minhas austeridades ascéticas, que eu não conhecerei paz até eu matar todos os Panchalas. Você pode unir as forças armadas dos Pandavas e aquelas dos Vrishnis juntas, mas eu ainda matarei os Somakas.' Dizendo isso, o filho de Drona disparou em Satyaki uma flecha excelente e reta possuidora da refulgência do sol, assim como Sakra tinha lançado nos tempos passados seu trovão no Asura Vritra. Assim disparada por Aswatthaman, aquela flecha, atravessando a armadura de Satyaki, e passando através de seu corpo, entrou na terra como uma cobra silvando entrando em seu buraco. Sua armadura atravessada, o heróico Satyaki, como um elefante profundamente atingido pelo gancho, ficou banhado em sangue que fluía de seu ferimento. Seu arco, com flecha fixada nele, então solto de suas mãos, ele sentou-se no terraço de seu carro sem forças e completamente coberto com sangue. Vendo isso seu motorista levou-o depressa para longe do filho de Drona. Com outra flecha, perfeitamente reta e equipada com asas vistosas aquele opressor de inimigos, Aswatthaman, atingiu Dhrishtadyumna entre suas sobrancelhas. O príncipe Panchala tinha sido antes disso muito perfurado; portanto, profundamente ferido por aquela flecha, ele ficou extremamente fraco e se sustentou por agarrar seu mastro de bandeira. Vendo Dhrishtadyumna assim afligido por Aswatthaman, como um elefante enfurecido por um leão, cinco heróicos guerreiros em carros do exército Pandava, isto é, Kiritin, Bhimasena, Vrihatkshatra da linhagem de Puru, o jovem príncipe dos Chedis, e Sudarsana, o chefe dos Malavas, avançaram rapidamente contra Aswatthaman. Armados com arcos, todos esses avançaram com gritos 'Oh' e 'Ai'. E aqueles heróis cercaram o filho de Drona por todos os lados. Avançando vinte passos, todos eles, com grande cuidado, atacaram simultaneamente o filho enfurecido do preceptor com vinte e cinco flechas. O filho de Drona, no entanto, com vinte e cinco flechas, parecendo cobras de veneno virulento, cortou, quase ao mesmo tempo, aquelas vinte e cinco flechas disparadas nele. Então Aswatthaman afligiu o príncipe Paurava com sete flechas afiadas. E ele afligiu o chefe dos Malavas com três, Partha com uma, e Vrikodara com seis flechas. Então todos aqueles grandes guerreiros em carros, ó rei, perfuraram o filho de Drona unidamente e separadamente com muitas flechas, afiadas em pedra equipadas com asas de ouro. O jovem príncipe dos Chedis

perfurou o filho de Drona com vinte e Partha perfurou-o com três. Então o filho de Drona atingiu Arjuna com seis flechas, e Vasudeva com seis, e Bhima com cinco, e cada um dos outros dois, isto é, o Malava e o Paurava, com duas flechas. Perfurando em seguida o motorista do carro de Bhima com seis setas, Aswatthaman cortou o arco e bandeira de Bhimasena com um par de setas. Então perfurando Partha mais uma vez com uma chuva de setas, o filho de Drona proferiu um rugido leonino. Com as flechas afiadas, bem temperadas, e terríveis atiradas pelo filho de Drona, a terra, o céu, o firmamento, e os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ficaram todos completamente cobertos em sua frente e retaguarda. Dotado de energia feroz e igual ao próprio Indra em destreza, Aswatthaman com três flechas cortou quase simultaneamente os dois braços, semelhantes a postes de Indra, e a cabeça de Sudarsana, quando último estava sentado em seu carro. Então perfurando Paurava com um dardo e cortando seu carro em fragmentos miúdos por meio de suas setas, Aswatthaman cortou os dois braços de seu adversário cobertos com pasta de sândalo e então sua cabeça de seu tronco com uma flecha de cabeça larga. Possuidor de grande energia, ele então perfurou com muitas flechas parecendo chamas ardentes de fogo em energia, o príncipe jovem e poderoso dos Chedis que era da cor do lótus escuro, e despachou-o para a residência de Yama com seu motorista e cavalos. Vendo o chefe dos Malavas, o descendente de Puru, e o jovem soberano dos Chedis mortos diante de seus olhos pelo filho de Drona, Bhimasena, o filho de braços fortes de Pandu, ficou cheio de raiva. Aquele opressor de inimigos então cobriu o filho de Drona naquela batalha com centenas de flechas afiadas parecendo cobras zangadas de veneno virulento. Dotado de energia imensa, o enfurecido filho de Drona então destruindo aquela chuva de flechas perfurou Bhimasena com flechas afiadas. O poderosamente armado Bhima então, possuidor de grande força, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Drona e então perfurou o próprio filho de Drona com uma flecha poderosa. Jogando fora aquele arco quebrado, o filho de grande alma de Drona pegou outro e perfurou Bhima com suas flechas aladas. Então aqueles dois, isto é, o filho de Drona e Bhima, ambos possuidores de grande destreza e poder, começaram a despejar suas torrentes de flechas como duas massas de nuvens carregadas de chuva. Flechas com asas de ouro, afiadas em pedra e gravadas com o nome de Bhima cobriram o filho de Drona, como massas de nuvens reunidas encobrindo o sol. Similarmente, Bhima foi logo coberto por centenas e milhares de flechas fortes disparadas pelo filho de Drona. Embora encoberto naquela batalha pelo filho de Drona, aquele guerreiro de habilidade formidável, Bhima ainda não sentiu dor, ó monarca, o que parecia muito surpreendente. Então Bhima de braços fortes disparou dez flechas ornadas com ouro, muito afiadas e parecendo os dardos do próprio Yama, em seu inimigo. Aquelas flechas, ó majestade, caindo sobre os ombros do filho de Drona, perfuraram rapidamente seu corpo, como cobras entrando em um formigueiro. Profundamente perfurado pelo filho de grande alma de Pandu, Aswatthaman, fechando seus olhos, se apoiou por agarrar seu mastro de bandeira. Recuperando seus sentidos dentro de um momento, ó rei, o filho de Drona banhado em sangue reuniu toda sua ira. Violentamente atingido pelo filho de grande alma de Pandu, Aswatthaman, dotado de braços poderosos, avançou com grande velocidade em direção ao carro de Bhimasena. E então, ó Bharata, ele disparou em Bhimasena,

de seu arco esticado à sua total extensão, cem flechas de energia feroz, todas parecendo com cobras de veneno virulento. O filho de Pandu Bhima também, orgulhoso de sua destreza em batalha, desconsiderando a energia de Aswatthaman, rapidamente despejou sobre ele uma densa torrente de flechas. Então o filho de Drona, ó rei, cortou o arco de Bhima por meio de suas flechas, e cheio de raiva, atingiu o Pandava no peito com muitas flechas afiadas. Incapaz de suportar aquela façanha, Bhimasena pegou outro arco e perfurou o filho de Drona naquela batalha com cinco flechas afiadas. De fato, despejando um sobre o outro suas chuvas de flechas como duas massas de nuvens no fim do verão, aqueles dois guerreiros, com olhos vermelhos como cobre de raiva, cobriram um ao outro completamente naquela batalha com suas flechas. Amedrontando um ao outro com os sons terríveis que eles faziam com suas palmas, eles continuaram a lutar um com o outro, um neutralizando os feitos do outro. Então curvando seu arco formidável adornado com ouro, o filho de Drona começou a olhar firmemente para Bhima que estava assim disparando suas flechas nele. Naquele momento, Aswatthaman parecia com o sol meridiano de raios brilhantes em um dia outonal. Tão rapidamente então ele disparava suas flechas que as pessoas não podiam ver quando ele as tirava de sua aljava, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele puxava a corda e quando ele as disparava. De fato, quando empenhado em disparar suas flechas, seu arco, ó monarca, parecia estar incessantemente esticado a um círculo flamejante. Flechas às centenas e milhares, disparadas de seu arco, pareciam correr pelo céu como um bando de gafanhotos. De fato, aquelas flechas terríveis enfeitadas com ouro, disparadas do arco do filho de Drona, corriam incessantemente em direção ao carro de Bhima. A destreza, ó Bharata, que nós então vimos de Bhimasena, e seu poder, energia, e espírito, eram muito extraordinários, pois, considerando aquela chuva terrível de flechas grossa como uma massa de nuvens reunidas, caindo em volta dele como nada mais do que um aguaceiro de chuva no fim do verão, Bhima de destreza terrível, desejoso de matar o filho de Drona, em retorno despejou suas flechas sobre o último como uma nuvem na estação das chuvas. O arco grande e formidável de Bhima de verso dourado, incessantemente esticado naquela batalha, parecia resplandecente como um segundo arco de Indra. Flechas às centenas e milhares, saindo dele, encobriram o filho de Drona, aquele ornamento de batalha naquele combate. Aquelas chuvas de flechas, disparadas pelos dois eram tão densas, ó majestade, que o próprio vento, ó rei, não podia achar espaço para correr através delas. Então o filho de Drona, ó rei, desejoso de matar Bhima, disparou nele muitas flechas enfeitadas com ouro de pontas afiadas embebidas em óleo. Mostrando sua superioridade para o filho de Drona Bhimasena cortou cada uma daquelas flechas em três fragmentos antes que elas pudessem chegar nele. O filho de Pandu então disse, 'Espere! Espere!' E mais uma vez, o filho poderoso de Pandu cheio de raiva, e desejoso de matar o filho de Drona, disparou nele uma chuva terrível de flechas ardentes. Então o filho de Drona, aquele guerreiro conhecedor das maiores armas, destruindo rapidamente aquela chuva de flechas pela ilusão de suas próprias armas, cortou o arco de Bhima naquele combate. Cheio de raiva, ele então perfurou o próprio Bhima com inúmeras flechas naquela batalha. Dotado de grande força, Bhima então, depois que seu arco tinha sido cortado, lançou um dardo no carro de Aswatthaman, tendo girado

ele anteriormente com grande impetuosidade. O filho de Drona, mostrando a agilidade de suas mãos aquele combate, cortou rapidamente, por meio de flechas afiadas, aquele dardo enquanto ele corria em direção a ele com o esplendor de um tição ardente. Enquanto isso, o terrível Vrikodara, pegando um arco muito forte, e sorrindo, começou a perfurar o filho de Drona com muitas flechas. Então o filho de Drona, ó monarca, com uma flecha reta, perfurou a testa do motorista de Bhima. O último, profundamente perfurado pelo filho poderoso de Drona, caiu desmaiado, ó rei, abandonando as rédeas dos corcéis. O motorista do carro de Bhima tendo caído desmaiado, os corcéis, ó rei, começaram a fugir com grande velocidade, na própria vista de todos os arqueiros. Vendo Bhima levado para longe do campo de batalha por aqueles cavalos correndo, o invicto Aswatthaman soprou alegremente sua enorme concha. Vendo Bhimasena levado para longe do campo, todos os Panchalas, inspirados com medo, abandonando o carro de Dhrishtadyumna, fugiram para todo lado. Então o filho de Drona, atirando suas flechas ferozmente, perseguiu aquelas tropas divididas, causando uma grande carnificina entre elas. Assim massacrados em batalha pelo filho de Drona, aqueles Kshatriyas fugiram em todas direções por medo daquele guerreiro."

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele exército dividido, o filho de Kunti, Dhananjaya, de alma incomensurável, procedeu contra Aswatthaman pelo desejo de matá-lo. Aquelas tropas então, ó rei, reagrupadas com esforço por Govinda e Arjuna, permaneceram no campo de batalha. Só Vibhatsu, apoiado pelos Somakas e os Matsyas, disparou suas flechas nos Kauravas e reprimiu seu ataque. Aproximando-se rapidamente de Aswatthaman, aquele grande arqueiro tendo o símbolo do rabo do leão em sua bandeira, Arjuna dirigiu-se a ele, dizendo, 'Mostre-me agora o poder que tu tens, a energia, o conhecimento, e a coragem, que estão em ti, como também tua afeição pelos Dhartarashtras e teu ódio por nós, e o grande vigor do qual tu és capaz. Certamente o filho de Prishata, aquele matador de Drona, abrandará teu orgulho hoje. Venha agora e enfrente o príncipe Panchala, aquele herói parecendo o fogo Yuga e como o próprio Destruidor com Govinda. Tu tens mostrado teu orgulho em batalha, mas eu suprimirei esse teu orgulho.'"

"Dhritarashtra disse, 'O filho do preceptor, ó Sanjaya, é possuidor de poder e digno de respeito. Ele tem grande amor por Dhananjaya e Dhananjaya de grande alma também o ama em retorno. Vibhatsu nunca tinha se dirigido ao filho Drona antes dessa maneira. Por que então o filho de Kunti dirigiu-se a seu amigo em tais palavras?'"

"Sanjaya disse, 'Após a queda do jovem príncipe dos Chedis, de Vrihatkshatra da linhagem de Puru, e de Sudarsana, o chefe dos Malavas, que era bem aperfeiçoado na ciência de armas, e após a derrota de Dhrishtadyumna e Satyaki e Bhima, e sentindo grande dor e ferido até a medula por aquelas palavras de Yudhishthira, e se lembrando de suas antigas aflições, ó senhor, Vibhatsu, por causa de sua angústia, sentiu tal fúria surgir dentro dele semelhante à qual ele nunca tinha experimentado antes. Foi por isso que como uma pessoa vulgar ele se dirigiu ao filho do preceptor que era digno de todo respeito em tal linguagem indigna, indecente, amarga, e ríspida. Endereçado, por raiva, em tais palavras

duras e cruéis por Partha, ó rei, o filho de Drona, aquele principal de todos os arqueiros poderosos, ficou muito irado com Partha e especialmente com Krishna. O valente Aswatthaman, então, ficando resolutamente em seu carro, tocou água e invocou a arma Agneya incapaz de ser resistida pelos próprios deuses. Mirando em todos os seus inimigos visíveis e invisíveis, o filho do preceptor, aquele matador de heróis hostis, inspirou com mantras uma flecha ardente possuidora da refulgência de um fogo sem fumaça, e disparou-a para todos os lados, cheio de raiva. Densas chuvas de setas então emanaram dela no céu. Dotadas de chamas ardentes, aquelas setas cercaram Partha por todos os lados. Meteoros lampejaram descendo do firmamento. Uma densa escuridão cobriu repentinamente a hoste (Pandava). Todos os pontos do horizonte também foram envolvidos por aquela escuridão. Rakshasas e Pisachas, afluindo em multidão, proferiram gritos ferozes. Ventos inauspiciosos começaram a soprar. O próprio sol não dava mais qualquer calor. Corvos crocitavam ferozmente por todos os lados. Nuvens ribombavam no céu, derramando sangue. Aves e animais e vacas, e Munis de votos elevados e almas sob completo controle, ficaram extremamente inquietos. Os próprios elementos pareciam estar perturbados. O sol pareceu mudar de direção. O universo, chamuscado pelo calor, parecia estar em febre. Os elefantes e outras criaturas da terra, chamuscados pela energia daquela arma, correram apavorados, respirando pesadamente e desejosos de proteção contra aquela força terrível. As próprias águas se aqueceram, e as criaturas que residem naquele elemento, ó Bharata, ficaram muito alarmadas e pareciam queimar. De todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, do firmamento e da própria terra, chuvas de flechas afiadas e ardentes caíam e emergiam com a impetuosidade de Garuda ou do vento. Atingidos e queimados por aquelas flechas de Aswatthaman que eram todas dotadas da impetuosidade do trovão, os guerreiros hostis caíam como árvores incendiadas por um fogo intenso. Elefantes enormes, queimados por aquela arma, caíam no chão por toda parte, proferindo gritos selvagens altos como os ribombos das nuvens. Outros elefantes enormes, chamuscados por aquele fogo, corriam para lá e para cá e rugiam alto aterrorizados, como se no meio de uma conflagração na floresta. Os cavalos, ó rei, e os carros também, queimados pela energia daquela arma, pareciam, ó majestade, com os topos de árvores queimadas em um incêndio florestal. Milhares de carros caíam por todos os lados. De fato, ó Bharata, parecia que o divino senhor Agni queimava a hoste (Pandava) naquela batalha, como o fogo Samvarta consumindo tudo no fim do Yuga."

"'Vendo o exército Pandava queimando dessa maneira naquela batalha terrível, teus soldados, ó rei, cheios de alegria, proferiram gritos leoninos. De fato, os combatentes, desejosos de vitória e cheios de alegria, sopraram rapidamente milhares de trombetas, ó Bharata, de diversos tipos. A escuridão tendo envolvido o mundo durante aquela batalha feroz, o exército Pandava inteiro, com Savyasachin, o filho de Pandu, não podia ser visto. Nós nunca antes, ó rei, tínhamos ouvido a respeito ou visto uma arma semelhante àquela a qual o filho de Drona criou em fúria naquela ocasião. Então Arjuna, ó rei, chamou à existência a arma Brahma, capaz de frustrar todas as outras armas, como ordenado pelo próprio Nascido no Lótus (Brahma). Dentro de um momento aquela escuridão foi

dissipada, ventos frios começaram a soprar, e todos os pontos do horizonte ficaram claros e iluminados. Nós então contemplamos uma vista estupenda, isto é, um Akshauhini inteiro (das tropas Pandava) destruído. Queimados pela energia da arma de Aswatthaman, as formas dos mortos não podiam ser vistas. Então aqueles dois arqueiros heróicos e poderosos, Kesava e Arjuna, livres daquela escuridão, foram vistos juntos, como o sol e a lua no firmamento. De fato, o manejador do Gandiva e Kesava estavam ambos ilesos. Equipado com suas bandeiras e estandartes e corcéis, com o Anukarsa desunido; e com todas as armas poderosas armazenadas nele permanecendo incólumes, aquele carro, tão terrível para teus guerreiros, livre daquela escuridão, brilhava resplandecente sobre o campo. E logo lá surgiram diversos sons de vida misturados com o clangor de conchas e a batida de baterias, dentre as tropas Pandava cheias de alegria. Ambas as hostes pensaram que Kesava e Arjuna tinham perecido. Vendo Kesava e Arjuna, portanto (livres da escuridão e da energia daquela arma) e vendo eles reaparecerem tão rapidamente, os Pandavas estavam cheios de alegria, e os Kauravas de admiração. Ilesos e cheios de alegria, aqueles dois heróis sopraram suas conchas excelentes. De fato, vendo Partha cheio de alegria, teus soldados ficaram muito melancólicos. Vendo aqueles dois de grande alma (isto é, Kesava e Arjuna), livres (da energia de sua arma) o filho de Drona ficou muito desanimado. Por um momento ele refletiu, ó majestade, sobre o que tinha acontecido. E tendo refletido, ó rei, ele ficou cheio de ansiedade e dor. Dando respirações longas e difíceis, ele ficou extremamente triste. Colocando de lado seu arco, então, o filho de Drona desceu depressa de seu carro, e dizendo, 'Ó que vergonha, que vergonha! Tudo é falso,' ele fugiu da luta. Em seu caminho ele encontrou Vyasa, a residência de Saraswati, o compilador dos Vedas, a habitação daquelas escrituras, não maculado pelo pecado, e da cor de nuvens carregadas de chuva. Vendo ele, aquele perpetuador da família de Kuru, colocado em seu caminho, o filho de Drona com voz sufocada em aflição, e como uma pessoa extremamente desanimada, saudou-o e disse, 'Ó senhor, ó senhor, isso é uma ilusão, ou é um capricho (da parte da arma)? Eu não sei o que isso é. Por que, de fato, minha arma se tornou inútil? Que brecha (houve no método de invocação)? Ou, isso é alguma coisa anormal, ou, isso é uma vitória sobre a Natureza (alcançada pelos dois Krishnas) já que eles ainda estão vivos? Parece que o Tempo é irresistível. Nem Asuras, nem Gandharvas, nem Pisachas, nem Rakshasas, nem Uragas, Yakshas, nem aves, nem seres humanos podem se arriscar a frustrar esta arma disparada por mim. Esta arma flamejante, no entanto, tendo matado somente um Akshauhini de tropas, foi pacificada. Esta arma extremamente ardente disparada por mim é capaz de matar todas as criaturas. Por qual razão então ela não pode matar Kesava e Arjuna, ambos os quais são dotados dos atributos de humanidade? Perguntado por mim, ó santo, responda-me verdadeiramente. Ó grande Muni, eu desejo saber tudo isso em detalhes.'"

"Vyasa disse, 'Ó, é muito significativa essa pergunta que tu me fazes de surpresa. Eu te direi tudo; escute atentamente. Aquele que é chamado Narayana é mais velho do que os mais velhos. Para realizar algum propósito, aquele criador do universo tomou seu nascimento como o filho de Dharma. Na montanha de Himavat ele praticou as austeridades ascéticas mais severas. Dotado de energia

imensa, e parecendo o fogo ou o sol (em esplendor), ele permaneceu lá com os braços erguidos. Possuidor de olhos como pétalas de lótus, ele se emaciou lá por sessenta e seis mil anos, subsistindo todo o tempo só do ar. Praticando novamente austeridades rígidas de outro tipo por duas vezes aquele período, ele encheu o espaço entre a terra e o céu com sua energia. Quando por meio daquelas austeridades, ó senhor, ele se tornou como Brahma (não relacionado com o mundo, erguendo-se acima de tudo conectado com o mundo) ele então contemplou o Mestre, Origem, e Guardião do Universo, o Senhor de todos os deuses, a Divindade Suprema, que é extremamente difícil de ser fitada, que é menor do que o menor e maior do que o maior, que é chamado de Rudra (O Terrível), que é o senhor de todos os superiores, que é chamado de Hara e Sambhu, que tem cabelos emaranhados em sua cabeça, que é o aquele que infunde vida em todas as formas, que é a Primeira causa de todas as coisas imóveis e móveis, que é irresistível e de aspecto terrível, que é de ira feroz e grande Alma, que é o destruidor de tudo, e de coração grande; que porta o arco celeste e um par de aljavas, que está equipado em armadura dourada, e cuja energia é infinita, que possui Pinaka, que está armado com raio, um tridente resplandecente, machado de batalha, maça, e uma espada grande; cujas sobrancelhas são formosas, cujas madeixas são emaranhadas, que maneja a clava curta pesada, que tem a lua em sua testa, que está vestido em peles de tigre, e que está armado com a maça; que está enfeitado com belos angadas, que tem cobras como seu fio sagrado, e que está cercado por diversas criaturas do universo e por numerosos fantasmas e espíritos, que é o Único, que é a residência de austeridades ascéticas, e que é muito adorado por pessoas de idade venerável; que é Água, Céu, Firmamento, Terra, Sol, Lua, Vento e Fogo, e que é a medida da duração do universo. Pessoas de mau comportamento nunca podem obter uma visão daquele não nascido, daquele matador de todos os odiadores de Brahmanas, daquele dador de emancipação. Só Brahmanas de conduta correta, quando purificados de seus pecados e livres do controle da tristeza o contemplam com a visão de sua mente. Em consequência de suas austeridades ascéticas, Narayana obteve uma visão daquele ser imperecível, aquela encarnação da justiça, aquele adorável, aquele Ser tendo o universo como sua forma. Contemplando aquela Residência suprema de todas espécies de esplendor, aquele Deus com uma guirlanda de Akshas em volta de seu pescoço, Vasudeva, com alma gratificada, ficou cheio de deleite o qual ele procurou expressar por palavras, coração, mente, e corpo. Então Narayana adorou aquele Senhor Divino, aquela Primeira causa do universo, aquele concessor de bênçãos, aquele pujante que se diverte com Parvati de membros formosos, aquele Ser de grande alma cercado por grandes grupos de fantasmas, espíritos, aquele Não Nascido, aquele Senhor Supremo, aquela Personificação do imanifesto, aquela Essência de todas as causas, aquele Único de poder imperecível. Tendo saudado Rudra, aquele destruidor do Asura Andhaka, Narayana de olhos de lótus, com emoção enchendo seu coração, começou a louvar Ele de três olhos (nessas palavras), 'Ó adorável, ó primeiro de todos os deuses, os criadores de todas as coisas (isto é, os Prajapatis) que são os regentes do mundo, e que tendo entrado na terra, teu primeiro trabalho, tinham, ó senhor, protegido ela antes, todos surgiram de ti. Deuses, Asuras, Nagas, Rakshasas, Pisachas, seres humanos, aves, Gandharvas,

Yakshas e outras criaturas, com o universo inteiro, nós sabemos, todos surgiram de ti. Tudo o que é feito para propiciar Indra, e Yama, e Varuna, e Kuvera e Pitris e Tvashtri, e Soma, é realmente oferecido para ti. Forma e luz, som e céu, vento e toque, gosto e água, odor e terra (isto é, os cinco atributos perceptíveis pelos cinco sentidos, com os cinco objetos da Natureza com os quais eles estão diretamente conectados ou nos quais eles se manifestam), tempo, o próprio Brahma, os Vedas, os Brahmanas e todos estes objetos móveis, surgiram de ti. Vapores se erguendo de diversos receptáculos de água tornam-se gotas de chuva, as quais, caindo sobre a terra, são separadas umas das outras. Quando chega a hora da dissolução Universal aquelas gotas individuais, separadas umas das outras, são mais uma vez unidas e fazem da terra uma vasta extensão de água. Aquele que é erudito, assim observando a origem e a destruição de todas coisas, compreende tua unidade. Duas aves (Iswara e Jiva), quatro Aswatthas com seus ramos verbais (os Vedas), os sete guardiões (as cinco essências ou elementos e o coração e a compreensão), e os dez outros que mantêm esta cidade (isto é, os dez sentidos que constituem o corpo), tem sido todos criados por ti, mas tu és separado e independente deles. O Passado, o Futuro, e o Presente, sobre cada um dos quais ninguém pode ter qualquer domínio, são de ti, como também os sete mundos e esse universo. Eu sou teu devotado adorador, seja gracioso para mim. Não me prejudique, por fazer maus pensamentos penetrarem no meu coração. Tu és a Alma das almas, incapaz de ser conhecido. Aquele que te conhece como a Semente Universal alcança Brahma. Desejando te apresentar meus cumprimentos, eu estou te louvando, me esforçando para averiguar tua real natureza, ó tu que és incapaz de ser compreendido pelos próprios deuses. Adorado por mim, me conceda os benefícios que eu desejo mas que são de aquisição difícil. Não te escondas em tua ilusão.'"

"Vyasa continuou, 'O Deus de garganta azul, de alma inconcebível, aquele manejador do Pinaka, aquele Senhor divino sempre louvado pelos Rishis, então deu benefícios para Vasudeva que merecia eles todos. O grande Deus disse, 'Ó Narayana, pela minha graça, entre os homens, deuses, e Gandharvas, tu serás de poder e alma incomensuráveis. Nem deuses, nem Asuras, nem grandes Uragas, nem Pisachas, nem Gandharvas, nem homens, nem Rakshasas, nem aves, nem Nagas, nem quaisquer criaturas no Universo alguma vez serão capazes de suportar tua bravura. Ninguém mesmo entre os celestiais poderá te derrotar em batalha. Pela minha graça, ninguém alguma vez será capaz de te causar dor pela arma de raio ou com qualquer objeto que seja molhado ou seco, ou com qualquer coisa móvel ou imóvel. Tu serás superior a mim mesmo se tu alguma vez fores lutar contra mim.' Assim essas bênçãos foram obtidas por Sauri nos tempos passados. Aquele mesmo Deus agora caminha na terra (como Vasudeva), iludindo o universo com sua ilusão. Do ascetismo de Narayana nasceu um grande Muni de nome Nara, igual ao próprio Narayana. Saiba que Arjuna é ninguém mais do que aquele Nara. Aqueles dois Rishis, citados como mais antigos do que os deuses mais antigos, tomam seus nascimentos em todo Yuga para servir aos propósitos do mundo. Tu mesmo também, ó tu de grande coração, nasceste como uma porção de Rudra, em virtude de todos os teus atos religiosos e como uma consequência de elevadas austeridades ascéticas dotado de grande energia e

cólera. Tu foste (em uma vida passada) dotado de grande sabedoria e igual a um deus. Considerando o universo como consistindo somente de Mahadeva, tu emaciaste a ti mesmo por meio de diversos votos pelo desejo de gratificar aquele Deus. Assumindo a forma de uma pessoa muito superior, que resplandece com esplendor, tu, ó concessor de honras, adoraste o grande deus com mantras, com homa, e com oferendas. Assim adorado por ti em tua vida anterior, o grande deus ficou satisfeito contigo, e te concedeu numerosos benefícios, ó erudito, que tu nutrias em teu coração. Como o de Kesava e de Arjuna teu nascimento procede, e (tuas) ascéticas austeridades são também superiores. Como eles, em teu culto, tu tens, em todo Yuga, adorado o grande Deus em sua forma Fálica. Kesava é aquele devoto dedicado de Rudra que surgiu do próprio Rudra. Kesava sempre adora o Senhor Siva, considerando seu emblema Fálico como sendo a origem do universo. Em Kesava está sempre presente aquele conhecimento, por causa do qual ele vê a identidade de Brahman com o universo e aquele outro conhecimento pelo qual o Passado, o Presente e o Futuro, o perto e o remoto, são todos vistos, como se o todo estivesse diante de seus olhos. Os deuses, os Siddhas e os grandes Rishis adoram Kesava para alcançar aquele objeto mais sublime no universo, isto é, Mahadeva. Kesava é o criador de tudo. O Eterno Krishna deve ser adorado com sacrifícios. O Senhor Kesava sempre reverencia Siva no emblema Fálico como a origem de todas as criaturas. O Deus tendo o touro como sua marca nutre maior respeito por Kesava.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Vyasa, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, reverenciou Rudra e considerou Kesava como digno das mais elevadas considerações. Tendo sua alma sob completo controle, ele ficou cheio de deleite, e os sinais disso apareceram em seu corpo. Reverenciando o grande Rishi, Aswatthaman então, lançando seus olhos no exército (Kuru), o fez ser retirado (para descanso noturno). De fato, quando, depois da queda de Drona, os Kurus desanimados se retiraram do campo, os Pandavas também, ó monarca, fizeram seu exército ser retirado. Tendo lutado por cinco dias e causado uma carnificina imensa, aquele Brahmana bem versado nos Vedas, isto é, Drona, se dirigiu, ó rei, para a região de Brahma!'"

202

"Dhritarashtra disse, 'Após a morte do Atiratha, isto é, Drona, pelo filho de Prishata, o que meus filhos e os Pandavas fizeram em seguida?'"

"Sanjaya disse, 'Depois da derrota do exército Kuru, após a morte daquele Atiratha, Drona, pelo filho de Prishata, Dhananjaya, o filho de Kunti vendo um fenômeno extraordinário com relação à sua própria vitória, questionou Vyasa, ó touro da raça Bharata, que chegou lá no decurso de suas viagens, dizendo, 'Ó grande Rishi, enquanto eu estava empenhado em matar o inimigo em batalha com chuvas de flechas brilhantes, eu continuamente via diante de mim, procedendo na frente do meu carro, uma pessoa de cor resplandecente, como se dotada da refulgência do fogo. Para onde quer que ele procedesse com sua lança erguida,

todos os guerreiros hostis eram vistos se separar diante dele. Divididos em realidade por ele, as pessoas consideraram o inimigo como sendo separado por mim. Seguindo em sua esteira, eu somente destruía aqueles já destruídos por ele. Ó santo, diga-me quem era aquela principal das pessoas, armado com lança, parecendo o próprio sol em energia, que foi visto dessa maneira por mim? Ele não tocava o solo com seus pés, nem ele arremessou sua lança mesmo uma vez. Por causa de sua energia, milhares de lanças saíam daquela única lança segurada por ele.'"

"Vyasa disse, 'Tu, ó Arjuna, viste Sankara, aquela Primeira causa da qual surgiram os Prajapatis, aquele Ser pujante dotado de grande energia, ele que é a encarnação do céu, terra e firmamento, o Senhor Divino, o protetor do universo, o grande Mestre, o concessor de bênçãos, chamado também de Isana. Ó, procure a proteção daquela Divindade dadora de benefícios, aquele senhor do universo. Ele é chamado de Mahadeva (a divindade Suprema), de Alma Suprema, o único Senhor, com cabelos emaranhados (na cabeça), a residência da auspiciosidade. De três olhos e braços poderosos, ele é chamado Rudra, com seus cabelos amarrados na forma de uma coroa, e seu corpo vestido em peles. Aquele senhor do universo concessor de bênçãos, aquela Divindade Suprema, é também chamada de Hara e Sthanu. Ele é o principal de todos os seres no universo, ele é incapaz de ser derrotado, ele é o encantador do universo e seu soberano supremo. A primeira causa, a luz e refúgio do universo, ele é sempre vitorioso. A Alma e o criador do universo, e tendo o universo como sua forma, ele é possuidor de grande fama. O Senhor do universo, e seu grande Soberano, aquele pujante é também o mestre de todas as ações. Chamado também Sambhu, ele é nascido por si mesmo, ele é o senhor de todas as criaturas, e a origem do Passado, do Futuro, e do Presente. Ele é Yoga e o senhor do Yoga; ele é chamado Sarva, e é o Senhor de todos os mundos. Ele é superior a tudo. O mais notável de tudo no universo, e o maior de todos, ele é chamado também de Parumesthin. O Ordenador dos três mundos, ele é o único refúgio dos três mundos. Incapaz de ser subjugado, ele é o protetor do universo, e além (da necessidade de) nascimento, decadência, e morte. A Alma do conhecimento, incapaz de ser entendido pelo conhecimento, e o mais alto de todo conhecimento ele é incompreensível. Por benevolência, ele dá para seus devotos os benefícios que eles desejam. Aquele Senhor tem como seus companheiros seres celestes de diversas formas, alguns dos quais são anões, alguns tendo madeixas emaranhadas, alguns com cabeças calvas, alguns com pescoços curtos, alguns com estômagos grandes, alguns com corpos enormes, alguns possuidores de grande força e alguns de longas orelhas. Todos eles, ó Partha, tem rostos e bocas e pernas deformados e trajes estranhos. Aquela Divindade Suprema, chamada Mahadeva, é venerada por seguidores que são exatamente assim. Aquele mesmo Siva, ó filho, dotado de tal energia, procede por bondade, na tua frente. Naquela batalha violenta, ó Partha, de arrepiar os cabelos, quem mais, ó Arjuna, além do divino Maheswara, aquele principal de todos os arqueiros, aquela Divindade de forma divina, poderia até em imaginação ousar reprimir aquele exército que era protegido por aqueles grandes batedores e arqueiros, isto é, Aswatthaman e Karna e Kripa? Ninguém pode se arriscar a ficar diante do guerreiro que tem Maheswara andando diante dele. Não há ser nos três

mundos que seja igual a ele. E ao próprio aroma do enfurecido Mahadeva, inimigos em batalha tremem e ficam inconscientes e caem em grandes números. Por isso, os deuses no céu adoram e se curvam a ele. Aqueles homens nesse mundo e aqueles outros homens de conduta virtuosa, que devotamente veneram Rudra dador de benefícios, divino, e auspicioso, obtêm felicidade aqui e alcançam o estado mais elevado após a morte. Ó filho de Kunti, reverencie ele que é paz, ele chamado Rudra de garganta azul, extremamente sutil, e de grande refulgência, ele chamado Kapardin, ele que é terrível, ele de olhos fulvos, ele que é concessor de bênçãos; aquele grande ordenador, de cabelos vermelhos e conduta justa; ele que sempre faz atos auspiciosos; ele que é um objeto de desejo; ele que tem olhos fulvos; ele que é chamado Sthanu; ele que é chamado Purusha; ele que tem cabelo fulvo; ele que é audacioso, ele que é extremamente sutil e de grande refulgência; ele que é o dador de luz; ele que é a corporificação de todas as águas sagradas; ele que é o Deus dos deuses; e ele que é dotado de grande impetuosidade; ele que é de forma manifesta; ele que é chamado Sarva; ele que é de traje agradável; ele que tem uma excelente proteção para a cabeça, ele que é de rosto bonito; ele que tem as montanhas como sua habitação; ele que é paz; ele que é o protetor; ele que tem cascas de árvores como seu traje; ele cujos braços são enfeitados com ornamentos de ouro, ele que é feroz, ele que é o senhor de todos os pontos do horizonte; ele que é o senhor das nuvens e de todos os seres criados; ele que é o senhor de todas as árvores e de todas as vacas; ele que tem seu corpo coberto com árvores; ele que é o generalíssimo celeste; ele que inspira todo pensamento; ele que tem a concha sacrifical em sua mão; ele que é resplandecente; ele que maneja o arco; ele que é a pessoa de Rama, ele que tem diversas formas; ele que é o senhor do universo; ele que tinha a grama munja como seu traje; ele que tem mil cabeças, mil olhos, mil braços, e mil pernas. Ó filho de Kunti, procure a proteção daquele Senhor concessor de benefícios do universo, o marido de Uma, aquele Deus de três olhos, aquele destruidor do sacrifício de Daksha; aquele guardião de todas as coisas criadas, aquele ser que está sempre alegre, aquele protetor de todos os seres, aquele Deus de glória imperecível; aquele com madeixas emaranhadas; aquele movedor de todos os seres superiores, aquele cujo umbigo é semelhante àquele de um touro e que tem o touro como seu símbolo; aquele que é orgulhoso como o touro, que é o senhor dos touros; que é representado pelos chifres do touro; e que é o touro dos touros; aquele que tem a imagem do touro em sua bandeira; que é generoso para todas as pessoas justas; que pode ser aproximado somente por Yoga; e cujos olhos são como aqueles de um touro; que possui armas muito superiores, que tem o próprio Vishnu como sua flecha; que é a encarnação da justiça; e que é chamado Maheswara; que tem vasto estômago e vasto corpo; que tem uma pele de leopardo como seu assento; que é o senhor dos mundos; que é devotado a Brahma e que ama Brahmanas; que está armado com tridente; que é dador de bênçãos; que maneja a espada e o escudo, e que é altamente auspicioso, que maneja o arco chamado Pinaka, que está desprovido do machado de batalha (tendo dado ele para Rama, seu discípulo), e que é o protetor e senhor do universo. Eu me coloco nas mãos daquele Senhor divino, aquele concessor de proteção, aquele Deus vestido em peles de veado. Saudações àquele Senhor dos celestiais que tem Vaisravana como seu amigo. Saudações sempre a ele de votos

excelentes; a ele que tem excelentes arqueiros como seus companheiros; a ele que maneja o arco ele mesmo; àquele Deus para quem o arco é uma arma predileta; que é ele mesmo a flecha impulsionada pelo arco; que é a corda do arco e o arco; e o preceptor ensinando o uso do arco. Saudações ao Deus cujas armas são violentas; e que é o principal de todos os deuses. Saudações a ele de diversas formas; a ele que tem muitos arqueiros em volta dele. Saudações sempre para ele que é chamado Sthanu e que tem um grande número de excelentes arqueiros como seus companheiros. Saudações a ele que destruiu a cidade tripla. Saudações a ele que matou (o Asura) Bhaga. Saudações a ele que é o senhor das árvores e dos homens. Saudações a ele que é o senhor das Mães (celestiais), e daquelas tribos de espíritos conhecidos pelo nome de Ganas. Saudações sempre a ele que é o senhor das vacas e de sacrifícios. Saudações a ele que é o senhor das águas e o senhor dos deuses, que é o destruidor dos dentes de Surya, que é de três olhos, que é o concessor de benefícios; que é chamado Hara, que é de garganta azul, e que é de madeixas douradas. Eu agora te direi, segundo meu conhecimento e como eu tenho ouvido a respeito deles, todos os feitos divinos de Mahadeva de sabedoria Suprema. Se Mahadeva fica zangado, nem deuses, nem Asuras, Gandharvas, nem Rakshasas, mesmo que eles se escondam em oceanos profundos, podem ter paz. Nos tempos passados, Daksha, para realizar um sacrifício, tinha juntado os artigos necessários. Mahadeva destruiu aquele sacrifício em cólera. De fato, Ele se tornou muito severo naquela ocasião. Disparando uma flecha de seu arco, ele proferiu rugidos terríveis. Os celestiais então ficaram cheios de ansiedade e pavor. De fato, quando Mahadeva ficou zangado e o Sacrifício (em sua forma incorporada) fugiu, os deuses ficaram muito assustados pela vibração do arco de Mahadeva e o som de suas palmas. Os deuses e Asuras todos caíram e se submeteram à Mahadeva. Todas as águas se elevaram em agitação e a terra tremeu. As montanhas se partiram, e todos os pontos do horizonte e os Nagas ficaram estupefatos. O universo, envolvido em uma densa escuridão, não podia mais ser visto. O esplendor de todos os corpos luminosos com o sol foi destruído. Os Rishis, cheios de medo, ficaram agitados, e desejosos de seu próprio bem como também de todas as criaturas, realizaram ritos propiciatórios. Surya estava então comendo a oblação principal. Sorridente Sankara se aproximou dele e arrancou seus dentes. Os deuses então, se humilhando a ele, fugiram, tremendo. Mais uma vez, Mahadeva mirou nos deuses uma chuva de flechas ardentes e afiadas parecendo chamas de fogo misturadas com fumaça, ou nuvens com relâmpagos. Vendo aquela chuva de flechas, todos os deuses se curvando a Maheswara, designaram para Rudra uma parte substancial em sacrifícios. Apavorados, os deuses, ó príncipe, procuraram sua proteção. Sua cólera estando dissipada, o grande Deus então restaurou o sacrifício. Os deuses que tinham fugido voltaram. De fato, eles até hoje temem Maheswara. Antigamente, os valentes Asuras tinham, no céu, três cidades. Cada uma daquelas cidades era excelente e grande. Uma era feita de ferro, outra de prata, e a terceira de ouro. A cidade dourada pertencia a Kamalaksha, a cidade de prata a Tarakaksha, e a terceira, feita de ferro, tinha Vidyunmalin como seu senhor. Com todas as suas armas, Maghavat (Indra) era incapaz de fazer qualquer impressão naquelas cidades. Afligidos (pelos Asuras), todos os deuses procuraram a proteção de Rudra. Aproximando-se dele, todos os deuses com

Vasava em sua dianteira, disseram, 'Aqueles terríveis habitantes da cidade tripla receberam bênçãos de Brahma. Cheios de orgulho por causa daquelas bênçãos, eles estão afligindo muito o universo, ó Senhor dos deuses, ninguém, exceto tu, é competente para matá-los. Portanto, ó Mahadeva, mate aqueles inimigos dos deuses. Ó Rudra, criaturas mortas em todo sacrifício então serão tuas.' Assim endereçado pelos deuses, Mahadeva aceitou seu pedido, movido pelo desejo de beneficiá-los, e disse, 'Eu derrubarei aqueles Asuras.' E Hara fez das duas montanhas, isto é, Gandhamadana e Vindhya, os dois postes de seu carro. E Sankara fez da terra com seus oceanos e florestas seu carro de batalha. E a divindade de três olhos fez daquele príncipe das cobras, Sesha, o Aksha daquele carro. E aquele Deus dos deuses, o manejador do Pinaka, fez a lua e o sol as duas rodas daquele veículo. E o Senhor de três olhos fez de Elapatra e Pushpadanta, os dois pinos da canga. E o valente Mahadeva fez das montanhas Malaia a canga, e do grande Takshaka a corda para amarrar a canga aos postes, e as criaturas em volta dele os tirantes dos corcéis. E Maheswara fez dos quatro Vedas seus quatro corcéis. E aquele senhor dos três mundos fez dos Vedas suplementares os freios. E Mahadeva fez Gayatri e Savitri as rédeas, a sílaba Om o chicote, e Brahma o motorista. E fazendo das montanhas Mandara o arco, Vasuki a corda do arco, Vishnu sua flecha excelente, Agni a cabeça da flecha, e Vayu as duas asas daquelas flechas, Yama as penas em sua parte traseira, relâmpago a pedra de amolar, e Meru o estandarte, Siva, sobre aquele carro excelente que era composto de todas as forças celestes, procedeu para a destruição da cidade tripla. De fato, Sthanu, aquele principal dos batedores, aquele Destruidor de Asuras, aquele belo guerreiro de destreza incomensurável, adorado pelos celestiais, ó Partha, e por Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, fez uma excelente e inigualável formação de combate que recebeu seu próprio nome, e ficou imóvel por mil anos. Quando, no entanto, as três cidades ficaram juntas no firmamento, o senhor Mahadeva perfurou-as com aquela flecha terrível dele, consistindo em três nós. Os Danavas foram incapazes de olhar para aquela flecha inspirada com fogo Yuga e composta de Vishnu e Soma. Quando a cidade tripla começou a queimar, a deusa Parvati dirigiu-se para lá para contemplar a visão. Ela tinha então em seu colo uma criança tendo uma cabeça calva com cinco tufos de cabelo sobre ela. A deusa questionou as divindades quanto a quem aquela criança era. Sakra, por animosidade se esforçou para atingir aquela criança com seu raio. O divino senhor Mahadeva (pois a criança era nenhum outro), sorrindo, rapidamente paralisou o braço do enfurecido Sakra. Então o deus Sakra, com seu braço paralisado acompanhado por todos os celestiais, dirigiu-se depressa ao senhor Brahma de glória imperecível. Reverenciando ele com suas cabeças, eles se dirigiram a Brahma com mãos unidas e disseram, 'Uma criatura extraordinária, ó Brahma, deitada no colo de Parvati, na forma de uma criança, foi vista por nós mas não saudada. Nós fomos todos subjugados por ele. Nós, portanto, desejamos te perguntar quem é ele. De fato, aquele menino, sem lutar, com a maior facilidade derrotou todos nós com Purandara em nossa dianteira.' Ouvindo essas palavras deles, Brahma, aquela principal de todas as pessoas, familiarizado com Brahma, refletiu por um momento e compreendeu que aquele menino de energia imensurável era ninguém mais do que o divino Sambhu. Dirigindo-se então àqueles principais dos celestiais com

Sakra em sua chefia, Brahma disse, 'Aquela criança é o divino Hara, o Senhor de todo o universo móvel e imóvel. Não há nada superior a Maheswara. Aquele Ser de esplendor incomensurável que foi visto por vocês todos com Uma, aquele senhor divino, assumiu a forma de uma criança por causa de Uma. Vamos todos nós até ele. Aquele divino e ilustre é o Senhor Supremo do mundo. Ó deuses, vocês não puderam reconhecer aquele mestre do universo.' Então todos os deuses com o Avô se dirigiram àquela criança, dotada da refulgência do sol da manhã. Contemplando Maheswara, e sabendo que ele era o Ser Supremo, o Avô Brahma o adorou dessa maneira: 'Tu és Sacrifício, ó senhor, tu és o esteio e refúgio do universo. Tu és Bhava, tu és Mahadeva, tu és a residência (de todas as coisas), e tu és o maior refúgio. Este universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis é permeado por ti. Ó santo, ó senhor do passado e do futuro, ó senhor do mundo, ó protetor do universo, que Sakra, afligido por tua ira, tenha tua graça.'"

"Vyasa continuou, 'Ouvindo essas palavras do nascido no lótus Brahma, Maheswara ficou satisfeito. Desejoso de estender sua graça, ele deu uma risada alta. Os celestiais então gratificaram (com louvor) ambos, Uma e Rudra. O braço do manejador do trovão Sakra recuperou seu estado natural. Aquele principal de todos os deuses, aquele destruidor do sacrifício de Daksha, aquele senhor divino tendo o touro como seu símbolo, ficou satisfeito com os deuses. Ele é Rudra, ele é Siva, ele é Agni, ele é tudo, e ele tem conhecimento de tudo. Ele é Indra, ele é o Vento, ele é os gêmeos Aswins, e ele é a iluminação. Ele é Bhava, ele é Parjanya, ele é Mahadeva, ele é impecável. Ele é a Lua, ele é Isana, ele é Surya, ele é Varuna. Ele é Kala, ele é Antaka, ele é Mrityu, ele é Yama (todos esses termos implicam Morte ou o Destruidor). Ele é o dia, e ele é a noite. Ele é a quinzena, ele é o mês, ele é as estações. Ele é os crepúsculos da manhã e da noite, ele é o ano. Ele é Dhatri, ele é Vidhatri, ele é a Alma do universo, e ele é o fazedor de todas as ações no universo. Embora ele mesmo sem corpo, é ele que é o divino incorporado. Dotado de grande esplendor ele é adorado e louvado por todos os deuses. Ele é Um, ele é Muitos, ele é cem e mil. Brahmanas versados nos Vedas dizem que ele tem duas formas. Estas são a terrível e a auspiciosa. Estas duas formas, além disso, são multifárias. Suas formas auspiciosas são água, luz, e a lua. Tudo o que é muito misterioso nos vários ramos dos Vedas, nos Upanishads, nos Puranas, e naquelas ciências que tratam da alma, é aquele Deus, isto é, Maheswara, Mahadeva é exatamente assim. Aquele Deus é, além disso, sem nascimento. Todos os atributos daquele Deus não poderiam ser enumerados por mim mesmo que, ó filho de Pandu, eu fosse recitá-los continuamente por mil anos. Mesmo para aqueles que são afligidos por todos os planetas maus, mesmo para aqueles que são maculados por todos os pecados, aquele grande protetor, se eles o procuram, fica satisfeito com eles e concede salvação. Ele dá, e tira vida e saúde e prosperidade e riqueza e diversos tipos de objetos de desejo. A prosperidade que é vista em Indra e outros deuses é dele. Ele está sempre engajado no bem e mal de homens nesse mundo. Por sua supremacia, ele pode sempre obter quaisquer objetos que ele deseje. Ele é chamado de Maheswara e é o senhor até dos supremos. Em muitas formas de muitas espécies ele permeia o universo. A boca a qual aquele Deus tem está no oceano. É bem sabido que aquela boca, assumindo a forma da cabeça de uma égua, bebe a libação sacrifical

na forma de água. Este deus sempre mora em crematórios. Homens cultuam aquele senhor Supremo naquele local onde ninguém exceto os corajosos podem ir. Muitas são as formas resplandecentes e terríveis deste Deus das quais os homens falam e cultuam no mundo. Muitos também são os nomes, de verdadeira importância, desta Divindade em todos os mundos. Aqueles nomes estão fundados em sua supremacia, sua onipotência, e seus atos. Nos Vedas o hino excelente chamado Sata Rudriya é cantado em honra daquele grande Deus chamado o infinito Rudra. Aquele Deus é o senhor de todos os desejos que são humanos e celestes. Ele é onipotente, e ele é o mestre supremo. De fato, aquele Deus permeia o vasto universo. Os Brahmanas e os Munis o descrevem como a Primogênita de todas as criaturas. Ele é o Primeiro de todos os deuses; de sua boca nasceu Vayu (o vento). E já que ele sempre protege as criaturas (do universo) e se diverte com elas, e já também que ele é o senhor de todas as criaturas, portanto é ele chamado de Pasupati. E já que seu emblema Fálico é sempre suposto como estando na observância do voto de Brahmacharya, e já que ele sempre alegra o mundo, portanto ele é chamado de Maheswara. Os Rishis, os deuses, os Gandharvas, e Apsaras sempre cultuam seu emblema Fálico o qual se imagina que permaneça ereto. Esse culto faz Maheswara contente. De fato, Sankara (em tal culto) fica feliz, satisfeito, e muito contente. E já que com respeito ao passado, ao futuro, e ao presente, aquele Deus tem muitas formas, ele é, por conta disso, chamado de Vahurupa (de muitas formas). Possuidor de um olho ele brilha em refulgência, ou ele pode ser considerado como tendo muitos olhos por todo o seu corpo. E já que ele possui os mundos, ele é por essa razão chamado de Sarva. E já que sua forma é como aquela da fumaça, ele é por essa razão chamado de Dhurjjati. E já que aquelas divindades, isto é, os Viswedevas, estão nele, ele é por essa razão chamado de Viswarupa. E já que três deusas adoram e recorrem àquele Senhor do universo, isto é, Firmamento, Água e Terra, ele é por essa razão chamado de Tryamvaka. E já que ele sempre aumenta todas as espécies de riqueza e deseja o bem da humanidade em todas as suas ações, ele é por essa razão chamado de Siva. Ele possui mil olhos, ou dez mil olhos, e os tem por todos os lados. E já que ele protege esse vasto universo, ele é por essa razão chamado de Mahadeva. E já que ele é grandioso e antigo e é a fonte de vida e de sua continuação, e já que seu emblema Fálico é eterno, ele é por essa razão chamado de Sthanu. E já que os raios solares e lunares de luz que aparecem no mundo são citados como o cabelo nele de três olhos, ele é por essa razão chamado de Vyomakesa. E já que, afligindo Brahma e Indra e Varuna e Yama e Kuvera, ele os destrói no final, ele é por essa razão chamado de Hara. E já que ele é o Passado, o Futuro, e o Presente, e, realmente, tudo no universo, e já que ele é a origem do passado, do futuro, e do presente, ele é por essa razão chamado de Bhava. É dito que a palavra Kapi significa supremo, e Vrisha é citado como significando justiça. O ilustre Deus dos deuses, portanto, é chamado de Vrishakapi. E já que Maheswara por meio de seus dois olhos fechados (em meditação), criou por pura força de vontade um terceiro olho em sua testa, ele é por essa razão chamado de o de três olhos. Toda enfermidade que há nos corpos de criaturas vivas, e toda saúde que há neles, representam aquele Deus. Ele é o vento, os ares vitais chamados Prana, Apana (e os outros) nos corpos de todas as criaturas, incluindo até aquelas que são doentes. Aquele que adora qualquer

imagem do emblema Fálico daquele Deus de grande alma sempre obtém grande prosperidade por aquele ato. Para baixo ígneo, e metade do corpo que é auspiciosidade é a lua. Sua auspiciosidade é a lua. Assim também metade de sua alma é fogo e metade a lua. Sua forma auspiciosa, cheia de energia, é mais resplandecente do que as formas dos deuses. Entre os homens, sua forma ardente e terrível é chamada fogo. Com aquela forma propícia ele pratica Brahmacharya. Com aquela outra forma terrível ele como Senhor Supremo devora tudo. E já que ele queima, já que ele é feroz, já que ele é dotado de grande bravura, e já que ele devora carne e sangue e medula, ele é por isso chamado de Rudra. Assim mesmo é a divindade chamada Mahadeva, armado com Pinaka, que, ó Partha, foi visto por ti empenhado em matar teus inimigos na frente do teu carro. Depois que tu juraste matar o soberano dos Sindhus, ó impecável, Krishna te mostrou este Deus, no teu sonho, sentado no topo daquela principal das montanhas. Este Deus ilustre procede na tua frente em batalha. Foi ele quem te deu aquelas armas com as quais tu mataste os Danavas. O hino autorizado dos Vedas, e chamado Sata-Rudriya, em honra daquele Deus dos deuses, aquele hino excelente, famoso, que aumenta a vida, e sagrado, agora, ó Partha, foi explicado para ti. Este hino de quatro divisões, capaz de realizar todos os objetivos, é sagrado, destrutivo de todos os pecados, e competente para expulsar todas as máculas e matar todas as tristezas e todos os temores. O homem que sempre o escuta consegue vencer todos os seus inimigos e é muito respeitado na região de Rudra. A pessoa que sempre lê ou escuta atentamente a recitação desse relato excelente e auspicioso, concernente à batalha, da Divindade ilustre, e aquele que adora com devoção aquele Senhor ilustre do universo obtem todos os objetos de desejo, pelo Deus de três olhos estar satisfeito com ele. Vá e lute, ó filho de Kunti, derrota não é para ti que tens Janardana do teu lado como teu conselheiro e protetor.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo se dirigido a Arjuna nessas palavras, o filho de Parasara, ó chefe dos Bharatas, partiu para o lugar de onde ele tinha vindo, ó castigador de inimigos.'"

203

"Sanjaya disse, 'Tendo lutado ferozmente por cinco dias, ó rei, o Brahmana (Drona) dotado de grande força, caiu e se dirigiu para a região de Brahma. Os frutos que resultam de um estudo dos Vedas resultam de um estudo desse Parva também. As realizações grandiosas de bravos Kshatriyas estão descritas aqui. Aquele que lê ou ouve a recitação desse Parva todo dia é libertado de pecados hediondos e das ações mais atrozes de sua vida. Brahmanas podem sempre obter disso os frutos de sacrifícios. Disso, Kshatriyas podem obter vitória em batalha violenta. As outras classes (Vaisyas e Sudras) podem obter filhos e netos desejáveis e todos os objetos de desejo!'"

Fim do Drona Parva.